

HARRY POTTER

e os

TALISMÃS *da*
MORTE



7

J.K. ROWLING

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

HARRY POTTER

e os

TALISMÃS *da*
MORTE



7

J.K. ROWLING

HARRY POTTER

e os
TALISMÃS *da*
MORTE

J.K. ROWLING

Pottermore[™]
from J.K. Rowling

Pottermore™

from J.K. Rowling

A
dedicatória
deste livro
tem
sete destinatários:
o Neil,
a Jessica,
o David,
a Kenzie,
a Di,
a Anne,
e vocês,
leitores,
caso tenham
permanecido
fiéis
ao Harry
até
ao fim.

Ó castigos ingénitos, sangrento e inominável golpe
do infortúnio! Ai, lamentáveis e terríveis lutos!
Ai a dor irrefreável!

É no interior do Palácio, e não fora dele, vindo não
de estranhos, mas de quem o habita, que está o bálsamo
para estas feridas, através de uma luta funesta e sangrenta.
É para os deuses subterrâneos, este Hino!

Ouvi então esta súplica, ó abençoados deuses da terra,
e de boa vontade enviai a estas crianças o auxílio
que lhes garanta a vitória!

Ésquilo, *Os Portadores da Libação*

A morte é apenas uma travessia do mundo, como os amigos atravessam os mares. Continuam a viver uns nos outros, pois não podem deixar de estar presentes, para que amem e vivam no que é onnipresente. Neste espelho divino, vêem-se face a face e a sua conversa é livre, para além de pura. É este o consolo dos amigos: embora sejam mortais, a sua amizade e companhia estão todavia, no melhor dos sentidos, sempre presentes, porque imortais.

William Penn, *More Fruits of Solitude*

ÍNDICE

- I A Ascensão do Senhor das Trevas
- II Em Memória de Dumbledore
- III A Partida dos Dursley
- IV Os Sete Potters
- V A Queda do Guerreiro
- VI O Vampiro de Pijama
- VII O Testamento de Albus Dumbledore
- VIII O Casamento
- IX Um Esconderijo
- X A História de Kreacher
- XI O Suborno
- XII Magia é Poder
- XIII A Comissão de Registo dos Feiticeiros de Origem Muggle
- XIV O Ladrão
- XV A Vingança do Goblin
- XVI Godric's Hollow
- XVII O Segredo de Bathilda
- XVIII A Vida e as Mentiras de Albus Dumbledore
- XIX A Corça Prateada
- XX Xenophilius Lovegood
- XXI O Conto dos Três Irmãos
- XXII Os Talismãs da Morte
- XXIII A Mansão dos Malfoy
- XXIV O Fabricante de Varinhas
- XXV A Casa das Conchas
- XXVI Gringotts
- XXVII O Esconderijo Final

XXVIII O Espelho Desaparecido
XXIX O Diadema Perdido
XXX A Fuga de Severus Snape
XXXI A Batalha de Hogwarts
XXXII A Varinha de Sabugueiro
XXXIII A História do Príncipe
XXXIV Outra Vez a Floresta
XXXV King's Cross
XXXVI A Falha no Plano
Dezanove Anos Depois

I

A ASCENSÃO DO SENHOR DAS TREVAS

Os dois homens apareceram vindos do nada, a escassos metros de distância na vereda estreita e iluminada pelo luar. Por breves instantes, deixaram-se ficar imóveis, as varinhas apontadas ao peito um do outro; depois, quando se reconheceram, guardaram-nas por baixo dos respectivos mantos e encaminharam-se rapidamente na mesma direcção.

— Trazes novidades? — perguntou o mais alto dos dois.

— Melhores não podiam ser — respondeu Severus Snape.

A vereda era ladeada à esquerda por silvas rasteiras e, à direita, por uma sebe alta e muito bem cuidada. Os mantos compridos dos homens flutuavam-lhes em volta dos tornozelos à medida que avançavam.

— Tive receio de chegar atrasado — disse Yaxley, as suas feições grosseiras aparecendo e desaparecendo à medida que os galhos sobranceiros das árvores escondiam o luar. — Foi um pouco mais difícil do que eu estava à espera, mas espero que ele fique satisfeito. Estás confiante de que vamos ser bem recebidos?

Snape assentiu com a cabeça, mas não se alongou. Viraram à direita, para um amplo acesso que ia desembocar na vereda. A curva da sebe alta acompanhou-os, estendendo-se para lá do imponente portão de ferro forjado que impedia a passagem dos homens. Nenhum deles interrompeu a marcha: em silêncio, elevaram o braço esquerdo à laia de saudação, e atravessaram-no de imediato como se o metal negro não passasse de fumo.

As sebes de teixo abafavam o ruído dos passos dos homens. Ouviram restolhar algures à sua direita: Yaxley empunhou novamente a varinha, apontando-a por cima da cabeça do companheiro; contudo, a origem do barulho revelou ser apenas um pavão de um branco imaculado, que se exhibia majestosamente pelo alto da sebe.

— O Lucius sempre se tratou bem. *Pavões...* — Yaxley tornou a guardar a varinha debaixo do manto com uma exclamação de desdém.

Uma bela casa senhorial surgiu da escuridão no final do acesso em linha recta, as luzes reluzindo nas vidraças em forma de losango do rés-do-chão.

Alguém no jardim envolto na escuridão por detrás da sebe, ouvia-se uma fonte a murmurar. A gravilha estalejava debaixo dos seus pés à medida que Snape e Yaxley se apressavam para a porta da frente, que se abriu completamente à sua aproximação, embora não se visse ninguém que a pudesse ter aberto.

O *hall* de entrada era amplo, mal iluminado e decorado com sumptuosidade, com um magnífico tapete que cobria grande parte do pavimento de pedra. Os olhos dos rostos pálidos dos retratos pendurados nas paredes seguiram Snape e Yaxley à sua passagem. Ambos se detiveram perante uma pesada porta de madeira que conduzia à sala contígua, hesitaram por um breve instante, e então Snape fez girar a maçaneta de bronze.

A sala de estar estava repleta de gente silenciosa, sentada a uma mesa comprida e adornada. O mobiliário habitual da sala havia sido descuidadamente encostado às paredes. A iluminação provinha do lume vivo duma bela lareira de mármore coroadada por um espelho dourado. Snape e Yaxley deixaram-se ficar um momento à soleira. À medida que os seus olhos se habituavam à penumbra, foram atraídos para o alto, para o aspecto mais estranho do cenário: um vulto humano, aparentemente inconsciente, pendurado de cabeça para baixo por cima da mesa, girando lentamente como se estivesse suspenso de uma corda invisível, e que se reflectia no espelho e na superfície despida e polida da mesa. Nenhuma das pessoas sentadas por baixo desta estranha cena olhava para ele, à excepção de um jovem pálido que se encontrava praticamente por baixo. De quando em vez, parecia não resistir a deitar uma olhadela para cima.

— Yaxley, Snape — alertou uma voz alta e límpida à cabeceira da mesa. — Por pouco não chegavam atrasados.

O interlocutor achava-se sentado mesmo de frente para a lareira, de modo que, a princípio, os recém-chegados apenas lhe conseguiram distinguir a silhueta. Quando se aproximaram, porém, o seu rosto iluminou-se na penumbra, calvo, semelhante a uma serpente, com fendas no lugar das narinas e olhos vermelhos refulgentes com pupilas verticais. Era tão pálido que dava a impressão de emitir uma aura perlada.

— Severus, chega aqui — ordenou Voldemort, indicando uma cadeira imediatamente à sua direita. — Yaxley... ao lado do Dolohov.

Os dois homens ocuparam os respectivos lugares. A maior parte dos olhares em redor da mesa concentraram-se em Snape, e foi a ele que Voldemort começou por se dirigir.

— E então?

— Meu Senhor, a Ordem da Fénix pretende retirar o Harry Potter do seu presente esconderijo no próximo sábado, ao anoitecer.

O interesse em volta da mesa acicatou-se de forma palpável: alguns reteresaram-se, outros remexeram-se nos assentos, todos de olhos fixos em Snape e Voldemort.

— Sábado... ao anoitecer — reiterou Voldemort. Os seus olhos vermelhos cravaram-se nos olhos negros de Snape com uma intensidade tal que alguns

dos presentes viraram a cabeça, aparentemente receosos de que eles próprios fossem chamuscados pela ferocidade daquele olhar. Snape, porém, fitou calmamente o rosto de Voldemort e, ao fim de uns instantes, a boca desprovida de lábios de Voldemort curvou-se numa amostra de sorriso.

— Ótimo. Ótimo. E essa informação veio...

— Das fontes de que falámos — esclareceu Snape.

— Meu Senhor.

Yaxley debruçara-se para olhar para Voldemort e Snape, ao fundo da comprida mesa. Todos os rostos se voltaram para ele.

— Meu Senhor, a mim chegou-me outra informação.

Yaxley aguardou, mas Voldemort não disse nada e, assim, ele prosseguiu: — O Dawlish, o Auror, deixou escapar que o Potter só vai ser transferido na noite do dia trinta, na véspera de completar dezassete anos.

Snape sorria.

— A minha fonte afiançou-me que existem planos para lançar uma pista falsa; deve ser esse o caso. O Dawlish deve ter sido seguramente vítima de um Encantamento Confundus. Não seria a primeira vez, ele tem fama de ser susceptível.

— Garanto-lhe, meu Senhor, que o Dawlish se mostrou bastante convicto — insistiu Yaxley.

— Se foi Confundido, outra coisa não seria de esperar — retorquiu Snape.

— Garanto-te a *ti*, Yaxley, que o Departamento dos Aurors não desempenhará qualquer papel adicional na protecção do Harry Potter. A Ordem está convencida de que nos infiltrámos no Ministério.

— Pelo menos nisso acertaram, não foi? — comentou um homem atarracado sentado a curta distância de Yaxley, soltando uma gargalhada ofegante que foi secundada aqui e ali ao longo da mesa.

Voldemort não se riu. O seu olhar desviara-se para o alto, para o corpo que girava lentamente por cima da sua cabeça, e parecia perdido em pensamentos.

— Meu Senhor — continuou Yaxley —, o Dawlish acredita que uma equipa inteira de Aurors vai ser utilizada na transferência do rapaz...

Voldemort ergueu uma mão grande e lívida, e Yaxley calou-se de imediato, ficando a ver, melindrado, a atenção de Voldemort a concentrar-se novamente em Snape.

— E onde é que eles vão esconder o rapaz depois?

— Em casa de um dos membros da Ordem — afirmou Snape. — O local, de acordo com a fonte, foi protegido de todas as formas possíveis ao alcance da Ordem e do Ministério. Julgo que, depois de ele lá estar, nos será praticamente impossível atingi-lo, meu Senhor, a menos que, é claro, o Ministério caia até sábado, o que talvez nos desse oportunidade de desfazer encantamentos suficientes para conseguirmos ultrapassar os restantes.

— E então, Yaxley? — Voldemort chamou-o da cabeceira da mesa, a luz da lareira cintilando estranhamente nos seus olhos vermelhos. — Será que no próximo sábado o Ministério já terá caído?

Mais uma vez, todas as cabeças se viraram. Yaxley endireitou os ombros.

— Meu Senhor, tenho boas notícias a esse respeito. Eu... com dificuldade e grande esforço... consegui lançar a Maldição Imperius sobre o Pius Thicknesse.

Muitos dos que se achavam sentados em redor de Yaxley se mostraram impressionados; o seu vizinho, Dolohov, um homem com um rosto comprido e contorcido, assestou-lhe uma palmada nas costas.

— Já é um começo — reconheceu Voldemort. — Mas o Thicknesse é apenas um homem. Antes de eu agir, o Scrimgeour tem de estar rodeado de gente nossa. Um atentado frustrado contra a vida do Ministro obrigar-me-ia a um grande retrocesso.

— Sim... meu Senhor, isso é verdade... mas sabe, enquanto Chefe do Departamento de Execução da Lei Mágica, o Thicknesse tem contactos regulares não apenas com o próprio Ministro, como também com os chefes de todos os outros departamentos do Ministério. Estou convencido de que, agora que temos um funcionário de alta patente sob o nosso poder, nos será fácil subjugar-mos outros, e depois eles podem unir-se para derrubar o Scrimgeour.

— Desde que o nosso amigo Thicknesse não seja desmascarado antes de convertermos os restantes — acrescentou Voldemort. — Seja como for, é pouco provável que o Ministério seja meu antes do próximo sábado. Se não conseguirmos atingir o rapaz no seu destino, então teremos de fazê-lo durante o trajecto.

— Aí, estamos em vantagem, meu Senhor — disse Yaxley, que parecia determinado a receber aprovação, por pouca que fosse. — Neste momento, temos várias pessoas colocadas no Departamento de Transporte Mágico. Se o Potter Aparecer ou usar a Rede de Pó de Floo, seremos de imediato informados.

— Ele não fará nada disso — observou Snape. — A Ordem vai evitar qualquer forma de transporte que seja controlada ou regulada pelo Ministério; eles desconfiam de tudo o que tenha que ver com esse sítio.

— Tanto melhor — disse Voldemort. — Ele vai ter de sair às claras. Será de longe mais fácil de apanhar.

Mais uma vez, Voldemort ergueu o olhar para o corpo que girava lentamente, enquanto prosseguia: — Eu encarregar-me-ei pessoalmente do rapaz. Têm ocorrido demasiados erros no que ao Harry Potter diz respeito. Alguns, tenho de reconhecer que foram cometidos por mim próprio. O facto de o Potter ainda estar vivo deve-se mais aos meus erros que às suas vitórias.

O grupo reunido à mesa observou Voldemort com expressões apreensivas, todos eles receosos de lhes poderem ser assacadas culpas pela existência prolongada de Harry Potter. Voldemort, porém, parecia estar a falar mais para si próprio que com qualquer deles, continuando a dirigir-se ao corpo inconsciente pendurado acima dele.

— Dada a minha negligência, tenho sido contrariado pela sorte e pela fortuna, que só não arruinam os planos mais bem concebidos. Mas agora sei

mais do que sabia antes. Compreendo coisas que antes não compreendia. Cabe-me a mim matar o Harry Potter, e assim será.

Perante estas palavras, aparentemente em sinal de resposta, ouviu-se um súbito lamento, um grito prolongado de angústia e sofrimento. Muitos dos que estavam à mesa baixaram os olhos, assustados, pois o gemido parecia provir de debaixo dos seus pés.

— Wormtail — disse Voldemort, sem a mais pequena alteração ao seu tom de voz calmo e pensativo e sem desviar os olhos do corpo que girava pendurado do tecto —, não te avisei para manteres o nosso prisioneiro sossegado?

— Sim, m-meu Senhor — arquejou um homem de baixa estatura a meio comprimento da mesa, que estivera tão enfiado na cadeira que, à primeira vista, esta parecia desocupada. Agora levantava-se atabalhoadamente e saía disparado da sala, deixando atrás de si apenas um curioso brilho prateado.

— Tal como eu estava a dizer — continuou Voldemort, deitando novo olhar às expressões tensas dos seus sequazes —, agora compreendo melhor. Por exemplo, antes de ir matar o Potter, vou precisar de pedir uma varinha emprestada a um de vocês.

Os rostos à sua volta limitaram-se a revelar choque; até parecia que ele anunciara que lhes queria pedir um braço emprestado.

— Não há voluntários? — inquiriu Voldemort. — Vejamos... Lucius, não vejo motivo para que continues a ter varinha.

Lucius Malfoy ergueu o olhar. À luz da lareira, a sua pele tinha um aspecto ceráceo e amarelado, e os olhos achavam-se encovados e olheirentos. Quando falou, foi com voz rouca.

— Meu Senhor?

— A tua varinha, Lucius. Exijo-te que me entregues a tua varinha.

— Eu...

Malfoy deitou uma olhadela de viés à mulher. Esta olhava fixamente em frente, quase tão pálida como o marido, com o cabelo louro comprido a cair-lhe pelas costas; contudo, por baixo da mesa, os seus dedos esguios apertaram-lhe momentaneamente o pulso. Ao sentir o toque dela, Malfoy enfiou a mão dentro do manto, retirou a varinha e passou-a a Voldemort, que a empunhou diante dos seus olhos vermelhos e a examinou atentamente.

— De que madeira é feita?

— De ulmeiro, meu Senhor — respondeu Malfoy num sussurro abafado.

— E o núcleo?

— De dragão... tendão de coração de dragão.

— Óptimo — congratulou-se Voldemort. Puxou da sua própria varinha e comparou o comprimento de ambas.

Lucius Malfoy fez um movimento involuntário; por uma fracção de segundo, deu a impressão de estar à espera de receber a varinha de Voldemort em troca da sua. O gesto não passou despercebido ao amo, cujos olhos se arregalaram maliciosamente.

— Dar-te a minha varinha, Lucius? A minha própria varinha?

Entre os presentes, ouviram-se alguns risos abafados.

— Eu concedi-te a liberdade, Lucius, será que isso não é suficiente? Mas tenho reparado que ultimamente tu e a tua família não andam nada satisfeitos... O que é que na minha presença em tua casa te desagrada, Lucius?

— Nada... nada, meu Senhor!

— Mentiras para quê, Lucius?

A voz baixa parecia continuar a sibilar mesmo depois de os lábios cruéis terem deixado de se mexer. Um ou outro dos feitiçeiros reprimiu a custo um arrepio à medida que o silvo aumentava de intensidade; alguma coisa pesada vinha a deslizar pelo chão por baixo da mesa.

A enorme serpente surgiu e rastejou lentamente para a cadeira de Voldemort. Ergueu-se, aparentemente sem fim, e instalou-se sobre os ombros do dono; o pescoço era da grossura da coxa de um homem; os olhos, com fissuras verticais a fazer de pupilas, mantinham-se imóveis. Voldemort acariciou a criatura abstraidamente com os dedos compridos e finos, sem desviar o olhar de Lucius Malfoy.

— Por que razão os Malfoy se mostram tão descontentes com a sua sina? Não será o meu regresso, a minha ascensão ao poder, precisamente o desejo que manifestaram durante tantos anos?

— Com certeza, meu Senhor — asseverou Lucius Malfoy. A mão tremeu-lhe ao limpar a transpiração do lábio inferior. — Foi de facto esse o nosso desejo... e continua a ser.

À esquerda de Malfoy, a mulher esboçou um assentimento de cabeça estranho e rígido, sem olhar para Voldemort e para a serpente. À sua direita, Draco, o filho, que estivera a fitar o corpo inerte por cima da sua cabeça, deitou uma olhadela a Voldemort, mas de imediato afastou o olhar, receoso do contacto visual.

— Meu Senhor — interveio uma mulher morena sentada a meio comprimento da mesa, a voz embargada de emoção —, é uma honra tê-lo aqui, em casa da nossa família. Não poderia ser-nos concedido maior prazer.

Estava sentada ao lado da irmã, tão diferente dela em aparência, com o seu cabelo escuro e pálpebras pesadas, como era em atitude e porte; enquanto Narcissa se achava sentada com ar rígido e impávido, Bellatrix debruçava-se na direcção de Voldemort, pois meras palavras eram insuficientes para demonstrar a sua ânsia de proximidade.

— Não poderia ser-nos concedido maior prazer — ecoou Voldemort, com a cabeça ligeiramente inclinada para um dos lados enquanto observava Bellatrix. — Isso significa muito, vindo de ti, Bellatrix.

O rubor subiu-lhe ao rosto e os seus olhos inundaram-se com lágrimas de alegria.

— O meu Senhor sabe que eu me limito a dizer a verdade!

— Não poderia ser-nos concedido maior prazer... mesmo se comparado com o feliz acontecimento que, segundo me chegou aos ouvidos, ocorreu na

vossa família este fim-de-semana?

Ela ficou a olhar para ele, os lábios entreabertos, obviamente perplexa.

— Não sei ao que se refere, meu Senhor.

— Estou a falar da tua sobrinha, Bellatrix. E da vossa, Lucius e Narcissa.

Ela acabou de se casar com aquele lobisomem, o Remus Lupin. Devem estar orgulhosíssimos.

Em volta da mesa, deu-se uma explosão de gargalhadas de troça. Muitos inclinaram-se para a frente para trocarem olhares de satisfação; outros bateram na mesa com os punhos fechados. A grande serpente, descontente com a algazarra, abriu muito a boca e silvou, zangada, mas os Devoradores da Morte não a ouviram, tal era o seu regozijo perante a humilhação dos Malfoy. O rosto de Bellatrix, que havia ainda pouco se achava ruborizado de alegria, cobriu-se de feias manchas vermelhas.

— Ela não é nossa sobrinha, meu Senhor — gritou acima da erupção de hilaridade. — Nós... eu e a Narcissa... nunca mais pusemos a vista em cima da nossa irmã desde que ela se casou com o Sangue de Lama. Essa fedelha não tem nada que ver com nenhuma de nós, e muito menos aquela criatura com quem ela se foi casar.

— Então e tu, Draco? — interrogou-o Voldemort, e, embora a sua voz fosse baixa, sobrepunha-se nitidamente aos apupos e à chacota. — Já te ofereceste para tomar conta das crias?

As gargalhadas subiram de tom; Draco Malfoy lançou um olhar aterrorizado ao pai, que estava de olhos fixos no colo, e em seguida dirigiu a sua atenção para a mãe. Esta abanou a cabeça de forma quase imperceptível, mas logo tornou a fixar o olhar impávido na parede diante de si.

— Já chega — declarou Voldemort, afagando a serpente zangada. — Basta.

E as gargalhadas foram de imediato silenciadas.

— É frequente algumas das árvores genealógicas mais antigas degenerarem um pouco com o tempo — afirmou, e Bellatrix fitou-o, de respiração suspensa e ar suplicante. — De quando em vez, temos de podá-las, não é verdade? Cortar os galhos que ameaçam a saúde dos restantes.

— Sem dúvida, meu Senhor — assentiu Bellatrix num murmúrio, e os seus olhos banharam-se novamente de lágrimas de gratidão. — Logo que surja a oportunidade!

— Que surgirá, seguramente — declarou Voldemort. — Tanto na tua família, como no mundo... Haveremos de extirpar os fungos que nos infectam até que apenas restem aqueles que possuem sangue genuinamente puro...

Voldemort empunhou a varinha de Lucius Malfoy, apontou-a directamente ao corpo que girava lentamente suspenso por cima da mesa e agitou-a ligeiramente. Este recuperou a consciência com um gemido e começou a debater-se contra cordas invisíveis.

— Estás a reconhecer a nossa convidada, Severus? — perguntou-lhe Voldemort.

Snape ergueu os olhos para o rosto virado ao contrário. Agora todos os

Devoradores da Morte estavam de olhos postos na prisioneira, como se lhes tivesse sido dada autorização para revelarem curiosidade. No momento em que se virava de frente para a lareira, a mulher disse, em voz entrecortada de terror: — Severus! Ajude-me!

— Ah, é claro — anuiu Snape, enquanto a prisioneira continuava a girar lentamente.

— E tu, Draco? — indagou Voldemort, acariciando o focinho da serpente com a mão que tinha livre. Draco sacudiu a cabeça abruptamente. Agora que a mulher viera a si, parecia faltar-lhe a coragem para continuar a olhar para ela.

— Mas tu não terias aulas com ela — disse Voldemort. — Para aqueles de entre vocês que não sabem, contamos esta noite com a presença de Charity Burbage, que, até recentemente, deu aulas na Escola de Magia e Feitçaria de Hogwarts.

Ouviram-se leves murmúrios de compreensão em volta da mesa. Uma mulher avantajada, bastante curvada e de dentes aguçados soltou uma casquinada.

— É verdade... a Professora Burbage ensinou aos filhos dos feiticeiros tudo a respeito dos Muggles... que eles não são assim tão diferentes de nós quanto se possa pensar...

Um dos Devoradores da Morte cuspiu para o chão. Charity Burbage tornou a ficar virada de frente para Snape.

— Severus... por favor... por favor...

— Silêncio — ordenou Voldemort dando outro safanão com a varinha de Malfoy, e Charity calou-se como se a tivessem amordaçado. — Não contente com corromper e poluir as mentes das crianças feiticeiras, na semana passada a Professora Burbage escreveu uma apologia apaixonada dos Sangues de Lama n' *O Profeta Diário*. Os feiticeiros, advoga ela, devem aceitar estes ladrões dos seus conhecimentos e magia. A degeneração dos puros-sangues, é, na opinião da Professora Burbage, uma circunstância altamente desejável... Por vontade dela, todos nós acasalaríamos com Muggles... ou, sem dúvida, com lobisomens...

Desta feita, ninguém se riu: a indignação e o desprezo na voz de Voldemort eram indisfarçáveis. Pela terceira vez, Charity Burbage ficou voltada para Snape. As lágrimas caíam-lhe em abundância e molhavam-lhe o cabelo. Snape devolveu-lhe o olhar, perfeitamente impassível, enquanto ela se tornava a afastar lentamente dele.

— *Avada Kedavra*.

O raio de luz verde iluminou por completo a sala. Com um estrondo retumbante, Charity tombou sobre a mesa, que estremeceu e rangeu. Vários Devoradores da Morte deram um pulo nas cadeiras. Draco caiu da sua e estatelou-se no chão.

— Hora do jantar, *Nagini* — disse Voldemort em voz melíflua, e a grande serpente deslizou dos seus ombros para o tampo de madeira polida.

II

EM MEMÓRIA DE DUMBLEDORE

Harry estava a sangrar. Com a mão esquerda agarrada à direita e praguejando entre dentes, abriu a porta do quarto com a ajuda dum ombro. Ouviu-se um ruído de porcelana a ser esmigalhada debaixo dos seus pés: acabara de pisar uma chávena de chá frio que estava no chão à porta do quarto.

— Mas que...?

Olhou em seu redor; o patamar do número quatro de Privet Drive achava-se deserto. Talvez a chávena de chá fosse a ideia que Dudley tinha de como se pregava uma partida a um tolo. Com a mão a sangrar ao alto, Harry juntou os cacos da chávena com a outra mão e atirou-os para o caixote já atafalhado de lixo do seu quarto que se entrevia da porta. Em seguida dirigiu-se à casa de banho para pôr o dedo debaixo de água corrente.

Era estúpido, inútil e incredivelmente irritante que ainda tivesse pela frente quatro dias sem ter autorização para fazer magia. Contudo, viu-se forçado a admitir que esta de nada serviria contra aquele golpe profundo. Nunca lhe tinham ensinado a curar feridas e, agora que pensava nisso — sobretudo à luz dos seus planos mais imediatos —, pareceu-lhe tratar-se duma séria lacuna na sua educação mágica. Tomando mentalmente nota para perguntar a Hermione como se fazia, serviu-se dum grande chumaço de papel higiénico para absorver o chá o melhor que pôde, antes de regressar ao quarto e bater com a porta.

Passara toda a manhã a esvaziar o seu malão da escola pela primeira vez desde que o enchera, já lá iam seis anos. Nos anos de permeio, limitara-se a retirar os três quartos de cima do conteúdo e a substituí-los ou a actualizá-los, deixando uma camada de tralha de natureza variada no fundo — penas velhas, olhos dessecados de escaravelhos e meias desirmanadas que já não lhe serviam. Havia uns minutos, Harry mergulhara uma mão naquele esterco, sentindo uma dor acutilante no anelar da mão direita e, quando a retirou, viu que sangrava abundantemente.

Procedia agora com mais cautela. Ajoelhando-se uma vez mais diante do malão, começou às apalpadelas ao fundo e encontrou um velho crachá que

tremeluzia tenuemente entre *Apoiem CEDRIC DIGGORY* e *O POTTER METE NOJO*, um Avisoscópio rachado e muito gasto, e um medalhão de ouro dentro do qual alguém escondera um bilhete assinado com as iniciais R.A.B. Descobriu por fim a aresta aguçada onde se magoara. Reconheceu-a de imediato. Era um fragmento com cinco centímetros de comprimento do espelho encantado que o seu falecido padrinho, Sirius, lhe oferecera. Harry pô-lo de lado e tateou cuidadosamente no fundo do malão à procura do resto, mas tudo o que sobrava do último presente do padrinho era vidro em pó, que estava agarrado à camada mais funda da tralha como areia brilhante.

Harry endireitou-se e examinou o estilhaço aguçado onde se cortara, não vendo nada para além do reflexo de um dos seus próprios olhos verdes. Em seguida pousou o fragmento em cima d' *O Profeta Diário* dessa manhã, que se encontrava em cima da cama ainda por ler, e esforçou-se por conter uma súbita onda de recordações amargas, pontadas de mágoa e saudade causadas pela descoberta do espelho partido, atirando-se ao resto da tralha dentro do malão.

Demorou mais uma hora até o esvaziar por completo, deitar fora o que já não prestava e separar os restantes objectos em pilhas, consoante fosse ou não precisar deles daí em diante. O seu uniforme da escola e o de Quidditch, o caldeirão, os pergaminhos, as penas e a maior parte dos livros de estudo foram amontoados a um canto, para serem arrumados. Interrogou-se que fim lhes iriam dar os tios; queimá-los a altas horas da noite, provavelmente, como se constituíssem provas dalgum crime hediondo. As suas roupas de Muggle, o Manto da Invisibilidade, o *kit* de fazer poções, certos livros, o álbum de fotografias que Hagrid em tempos lhe oferecera, um molho de cartas e a sua varinha foram guardados dentro duma velha mochila. Num dos bolsos da parte da frente, arrumou o Mapa do Salteador e o medalhão com o bilhete assinado R.A.B. O medalhão teve direito a esse lugar de honra não porque fosse valioso — era inútil fosse de que perspectiva fosse —, mas pelo alto custo da sua obtenção.

Restava-lhe uma pilha de jornais em cima da secretária ao lado da sua coruja-das-neves, *Hedwig*: cada um correspondente a um dia que Harry passara em Privet Drive nesse Verão.

Levantou-se do chão, espreguiçou-se e dirigiu-se à secretária. *Hedwig* permaneceu imóvel enquanto ele fazia uma escolha aos jornais, atirando-os um a um para o monte do lixo: a coruja ou estava a dormir, ou então fingia que dormia; estava zangada com Harry por causa do tempo limitado que este presentemente lhe permitia sair da gaiola.

Quando chegava ao fim da pilha de jornais, abrandou, à procura de um determinado exemplar que sabia ter sido publicado pouco depois da sua vinda para Privet Drive, para aí passar o Verão; recordava-se de ter visto uma breve referência na primeira página relativamente à demissão de Charity Burbage, a professora de Estudos Sobre Muggles em Hogwarts. Por fim, lá o encontrou. Foi para a página dez e sentou-se à secretária a reler o artigo de que andara à

EM MEMÓRIA DE ALBUS DUMBLEDORE

por Elphias Doge

Conheci o Albus Dumbledore aos onze anos de idade, no nosso primeiro dia em Hogwarts. A atracção mútua que se criou entre nós deveu-se indubitavelmente ao facto de ambos nos sentirmos como estranhos. Eu contraíra draguíola pouco tempo antes de chegar à escola e, apesar de já não oferecer perigo de contágio, o meu rosto com marcas de bexigas e a minha tonalidade esverdeada não encorajavam os outros a aproximarem-se de mim. Pela parte que lhe tocava, o Albus chegara a Hogwarts sob o fardo da fama indesejada. Ainda mal fizera um ano, o pai, Percival, fora condenado devido a um brutal e amplamente noticiado ataque contra três jovens Muggles.

O Albus nunca procurou negar que o pai (que acabaria por morrer em Azkaban) cometera semelhante crime; muito pelo contrário, quando consegui reunir coragem para lhe perguntar, assegurou-me de que estava convencido da culpa do pai. Para além disso, e não obstante muitos insistirem com ele para que o fizesse, o Dumbledore recusou-se a alongar-se sobre o triste acontecimento. Havia mesmo, aliás, quem estivesse disposto a elogiar a acção do pai, partindo do princípio de que também ele, Dumbledore, era inimigo dos Muggles. Não poderiam ter estado mais enganados: como qualquer pessoa que conhecesse o Dumbledore poderia testemunhar, ele nunca revelou a mais remota tendência anti-Muggle. Aliás, o seu apoio determinado a favor dos direitos dos Muggles haveria de lhe conquistar muitos inimigos nos anos subsequentes.

Numa questão de meses, contudo, seria a própria fama do Albus a eclipsar a do pai. No final do terceiro ano, deixaria para sempre de ser conhecido como o filho do inimigo dos Muggles, para passar a ser considerado, nada mais, nada menos, o aluno mais brilhante que algum dia frequentara aquela escola. Aqueles de entre nós que tiveram o privilégio de contar com a sua amizade tiraram proveito do seu exemplo, para não mencionar a sua ajuda e o seu encorajamento, que ele dispensava sempre com generosidade. Numa fase posterior da sua vida, haveria de me confessar que já nessa altura sabia que nada lhe dava mais prazer que o ensino.

Não apenas conquistou todos os prémios dignos de nota que a escola proporcionava, como não tardou a trocar correspondência regular com os nomes mais notáveis do mundo mágico da época, incluindo Nicolas Flamel, o célebre alquimista, Bathilda Bagshot, a historiadora de renome, e Adalbert Waffling, o teórico da magia. Alguns dos seus ensaios foram publicados em periódicos como Transfiguração Hoje, Desafios da Magia e O Guia Prático das Poções. A futura carreira do Dumbledore prometia ser meteórica e a única dúvida que restava era quando seria nomeado Ministro da Magia. Embora nos anos sucessivos fossem várias as previsões de que estaria prestes

a assumir o cargo, ele nunca alimentou ambições ministeriais.

Três anos depois de termos chegado a Hogwarts, o irmão do Albus, Aberforth, ingressou na escola. Não eram parecidos: o Aberforth nunca foi dado aos estudos e, ao contrário do Albus, preferia resolver as discussões através de duelos ao invés de argumentação racional. Todavia, será ir longe de mais sugerir, como já aconteceu, que os dois irmãos não eram amigos. Davam-se tão bem como dois rapazes tão diferentes se poderiam dar. Justiça seja feita ao Aberforth, não podemos deixar de reconhecer que viver à sombra do Albus não deve ter sido de todo uma experiência fácil. Ser continuamente ultrapassado em excelência era o risco que advinha de ser seu amigo e, para o irmão, a experiência não deve ter sido muito agradável.

Quando o Albus e eu abandonámos Hogwarts, tencionávamos fazer a viagem pelo mundo que na época era tradição, visitando e observando feiticeiros estrangeiros antes de cada um dar início à respectiva carreira. Todavia, a tragédia interpôs-se aos nossos planos. Na própria véspera da nossa partida, a mãe do Albus, Kendra, faleceu, deixando-o como chefe, e único ganha-pão, da família. Eu adiei a minha partida o tempo suficiente para poder comparecer no funeral e prestar a minha última homenagem à Kendra, partindo em seguida para o que seria então uma viagem solitária. Com um irmão mais novo e uma irmã a seu cargo, e pouco ouro disponível, estava fora de questão que o Albus pudesse acompanhar-me.

Foi esse o período das nossas vidas durante o qual mantivemos menor contacto. Escrevi ao Albus, descrevendo-lhe, talvez com alguma falta de sensibilidade da minha parte, as maravilhas da minha viagem, desde fugas por um triz a Quimeras na Grécia, até às experiências dos alquimistas egípcios. As suas cartas pouco me davam a conhecer da sua vida quotidiana, que eu imaginava de uma frustração enfadonha para um feiticeiro da sua craveira. Embrenhado nas minhas próprias experiências, foi com horror que ouvi, já perto do fim do meu ano de viagem, que nova tragédia havia atingido os Dumbledores: a morte da irmã, Ariana.

Embora a saúde da Ariana já se encontrasse debilitada havia muito tempo, o golpe, decorrido tão pouco tempo sobre a perda da mãe, teve um profundo efeito em ambos os irmãos. Todas as pessoas mais chegadas ao Albus — e eu incluo-me entre o afortunado número — são unânimes em considerar que a morte da Ariana e a responsabilidade que o Albus sentia caber-lhe no sucedido (apesar de, obviamente, ele estar isento de qualquer culpa) lhe deixariam uma marca para toda a vida.

Regressei a casa e deparei-me com um jovem que vivenciara o sofrimento próprio duma pessoa muito mais velha. Encontrei o Albus mais reservado que antes e muito menos des preocupado. A contribuir para o seu desgosto, a morte da Ariana não conduziu a uma proximidade renovada entre o Albus e o Aberforth, mas antes se traduzira num distanciamento. (Que, com o tempo, haveria de ser sanado — posteriormente, eles reataram, se não uma amizade chegada, pelos menos sem dúvida uma relação cordial.) Contudo, daí em

diante, ele raramente se referia aos pais ou à Ariana, e os amigos aprenderam a não os mencionar.

Caberá a outras penas descrever os êxitos dos anos subsequentes. As inúmeras contribuições do Dumbledore para o manancial dos conhecimentos relativos à feitiçaria, incluindo a descoberta das doze utilizações do sangue de dragão, irão beneficiar as gerações vindouras, bem como muitas das decisões que tomou enquanto Feiticeiro Chefe do Wizengamot. Diz-se, ainda hoje, que nenhum duelo de feitiçaria se compara ao que foi travado entre o Dumbledore e o Grindelwald em 1945. Aqueles que o testemunharam têm escrito acerca do terror e da admiração que sentiram enquanto assistiam à luta entre estes dois feiticeiros extraordinários. A vitória do Dumbledore e as respectivas consequências para o mundo da feitiçaria são consideradas um ponto de viragem na história da magia, comparável à introdução do Estatuto Internacional de Secretismo ou à queda de Aquele Cujo Nome Não Deve Ser Pronunciado.

Albus Dumbledore nunca pecou por orgulho ou vaidade; encontrava sempre algo a valorizar em toda a gente, por muito insignificante ou lamentável que aparentasse ser, e estou convencido de que os desgostos que sofreu na juventude o dotaram de grande humanidade e empatia. Não tenho palavras para exprimir a falta que a sua amizade me irá fazer, porém, a minha perda em nada se compara à que o mundo dos feiticeiros sofreu. Que ele era a maior fonte de inspiração e o mais querido de todos os directores de Hogwarts é inquestionável. Morreu como viveu: sempre a trabalhar para o bem geral e, até à sua derradeira hora, tão disposto a estender a mão a um rapazinho com draguíola como no dia em que o conheci.

Harry terminou a leitura, mas continuou de olhar fixo na fotografia que acompanhava o obituário. Dumbledore ostentava o seu familiar sorriso bondoso; todavia, mesmo no papel de jornal, os seus olhos semicerrados por cima dos óculos em meia-lua davam a impressão de perscrutar Harry, cuja tristeza se confundia agora com uma sensação de humilhação.

Julgara que conhecia bastante bem Dumbledore; no entanto, depois de ler aquele obituário, via-se forçado a admitir o contrário. Nem por uma única vez imaginara sequer como havia sido a infância e a juventude de Dumbledore; era como se ele sempre tivesse sido tal como Harry o conhecera, venerável, de cabelo cor de prata e avançado em anos. A ideia de um Dumbledore adolescente era estranhíssima, comparável a tentar imaginar uma Hermione desprovida de inteligência ou um explojento cauda-de-fogo amigável.

Nunca lhe passara pela cabeça perguntar a Dumbledore sobre o seu passado. Teria sido sem dúvida uma atitude estranha, impertinente até, mas, afinal de contas, era do conhecimento geral que Dumbledore tomara parte no duelo lendário contra Grindelwald, e Harry nunca se lembrara de o questionar acerca disso, nem tão-pouco acerca de qualquer outra das suas proezas. Não, as suas conversas haviam girado sempre em volta do passado de Harry, do

futuro de Harry, dos planos de Harry... e este tinha agora a sensação de que, não obstante os perigos e a incerteza que pairavam sobre o seu futuro, perdera oportunidades irrecuperáveis por não querer saber mais a propósito de Dumbledore, isto apesar de a única pergunta pessoal que alguma dia fizera ao Director ter sido também a única a que, suspeitava, aquele não lhe dera uma resposta sincera:

— O que vê quando olha para o Espelho dos Invisíveis?

— Eu? Oh, eu vejo-me a segurar um par de meias grossas de lã.

Ao fim de alguns minutos de reflexão, Harry rasgou o obituário d'*O Profeta*, dobrou-o com todo o cuidado e guardou-o dentro do primeiro volume de *Magia Defensiva Prática e como Usá-la Contra a Magia Negra*. Em seguida, atirou o resto do jornal para o monte do lixo e virou-se para observar o quarto. Estava muito mais arrumado. As únicas coisas que permaneciam fora do lugar eram *O Profeta Diário* desse dia, que continuava sobre a cama, com o fragmento de espelho partido por cima.

Harry atravessou o quarto, fez deslizar o pedaço de espelho de cima d'*O Profeta* e abriu-o. Mal tivera tempo de deitar uma olhadela ao título de primeira página quando recebera o jornal enrolado num canudo que a coruja que fazia a distribuição lhe viera entregar nessa manhã, tendo-o posto imediatamente de parte depois de verificar que não trazia nada a respeito de Voldemort. Harry tinha a certeza de que o Ministério estava a pressionar *O Profeta* para que este não publicasse qualquer notícia sobre Voldemort. E, por conseguinte, foi só nessa altura que deu pelo que escapara à sua atenção.

A toda a largura da metade inferior da primeira página, via-se um título mais reduzido colocado sobre uma fotografia de Dumbledore a andar a passadas largas com ar atormentado:

DUMBLEDORE... FINALMENTE A VERDADE?

Na próxima semana, publicamos a história escandalosa de um génio falhado considerado por muitos o maior feiticeiro da sua geração. Desfazendo a imagem popular de sagesa tranquila e provecta, Rita Skeeter revela a infância conturbada, a juventude indisciplinada, as perpétuas contendas e os segredos culpados que Dumbledore levou para o túmulo. POR QUE MOTIVO o homem apontado por todos para ascender a Ministro da Magia se contentou em não passar de um mero director de escola? QUAL era o verdadeiro objectivo da organização secreta conhecida por Ordem da Fénix? COMO foi que Dumbledore de facto morreu?

As respostas a estas e muitas outras perguntas são apresentadas na nova biografia bombástica A Vida e as Mentiras de Albus Dumbledore, da autoria de Rita Skeeter, em entrevista exclusiva concedida a Betty Braithwaite, na página 13.

Harry apressou-se a abrir o jornal e encontrou a página 13. A coroar o

artigo vinha uma fotografia doutro rosto familiar: uma mulher com óculos adornados com jóias e cabelo louro primorosamente encaracolado, os dentes à mostra no que pretendia passar por um sorriso vitorioso, agitando os dedos na direcção dele. Esforçando-se o melhor que podia por ignorar aquela imagem repugnante, Harry continuou a ler:

Em pessoa, Rita Skeeter revela-se muito mais calorosa e amável do que as fotografias célebres pela sua ferocidade que aparecem na imprensa poderiam sugerir. Depois de me receber no hall de entrada da sua acolhedora casa, conduz-me de imediato à cozinha, onde me oferece uma chávena de chá, uma fatia de bolo inglês e, escusado será dizer, um caldeirão fumegante das mais frescas coscuvilhices.

«É claro que o Dumbledore é o sonho de qualquer biógrafo», afirma Skeeter. «Uma vida tão longa e preenchida. Estou certa de que o meu livro será o primeiro de uma longa, longa série.»

Skeeter não perdeu seguramente tempo a reagir. O seu livro de novecentas páginas ficou concluído escassas quatro semanas após a misteriosa morte de Dumbledore, em Junho. Pergunto-lhe como conseguiu esta proeza ultra-rápida.

«Oh, para quem, como eu, conta atrás de si com uma longa carreira de jornalista, trabalhar a contra-relógio torna-se um hábito. Eu sabia que o mundo da feitiçaria estava a clamar pela biografia completa e quis ser a primeira a dar resposta a essa necessidade.»

Menciono os comentários recentes e amplamente divulgados de Elphias Doge, o Consultor Especial do Wizengamot e amigo de longa data de Albus Dumbledore, de acordo com os quais «o livro de Skeeter contém menos factos que um Cromo dos Sapos de Chocolate».

Skeeter atira a cabeça para trás e ri-se.

«Pobre Dodgy! Recordo-me de uma entrevista que lhe fiz há uns anos a respeito dos direitos das criaturas subaquáticas, louvado seja! Completamente gagá, dava a impressão de pensar que estávamos no fundo do Lago Windermere, não parava de me avisar para ter cuidado com as trutas.»

E, no entanto, as acusações de Elphias Doge sobre imprecisões receberam eco de inúmeros quadrantes. Estará Skeeter realmente convencida de que quatro escassas semanas foram suficientes para obter um retrato completo da longa e extraordinária vida de Dumbledore?

«Ó minha cara», diz-me Skeeter com um sorriso radiante enquanto me dá pancadinhas afectuosas nos nós dos dedos, «sabe tão bem quanto eu a quantidade de informações que um saco bem gordo de Galeões, a recusa em ouvir um “não” e uma Pena de Citações Rápidas bem afiada são capazes de arrancar! Aliás, as pessoas fizeram fila para despejarem o lixo que sabiam acerca do Dumbledore. Sabe, nem toda a gente nutria por ele uma admiração incondicional... Ele pisou os calos a uma quantidade considerável de gente importante. Mas o Doge Trapaceiro bem pode descer do alto do seu

Hipogrifo, porque eu tive acesso a uma fonte pela qual muitos jornalistas estariam dispostos a trocar as varinhas, uma fonte que nunca veio a público e que acompanhou de perto a fase mais turbulenta e perturbadora da juventude do Dumbledore.»

A publicidade que antecedeu a saída da biografia de Skeeter sugere sem dúvida que haverá grandes surpresas à espera daqueles que acreditavam que Dumbledore levou uma vida isenta de mácula. E quais foram as maiores surpresas que ela descobriu, pergunto-lhe.

«Então, Betty, deixe-se disso, não me vou pôr para aqui a desvendar os momentos altos do livro antes de as pessoas o comprarem!», exclama Skeeter com uma gargalhada. «Mas posso desde já avisar aqueles que pensavam que o Dumbledore era tão imaculado como a sua barba que se vão preparando para uma amarga decepção! Limitemo-nos a dizer que nunca passaria pela cabeça de quem o ouvisse a vociferar contra o Quem-Nós-Sabemos que, na sua juventude, ele próprio esteve envolvido na Magia Negra! E, para um feiticeiro que passou os últimos anos da sua vida a clamar por tolerância, quando era mais novo não era propriamente tolerante! É verdade, o Dumbledore teve um passado extremamente obscuro, isto para não mencionar aquela família muito duvidosa, que ele tanto se esforçou por abafar.»

Pergunto a Skeeter se se refere ao irmão de Dumbledore, Aberforth, cuja condenação por uso impróprio da magia pelo Wizengamot causou um certo escândalo vai para quinze anos.

«Oh, o Aberforth é apenas a ponta do monte de esterco», graceja Skeeter. «Não, não, estou a falar de algo muito mais grave que um irmão com uma queda para se meter com cabras, mais grave até que as mutilações de Muggles do pai... Seja como for, o Dumbledore não conseguiu manter nenhum deles em segredo e, aliás, ambos foram condenados pelo Wizengamot. Não, a mãe e a irmã é que me deixaram intrigada, e algumas indagações trouxeram à superfície um verdadeiro ninho de víboras... Mas, tal como já disse, vão ter de esperar pelos capítulos nove a doze para terem acesso a todos os pormenores. Tudo o que posso adiantar por agora é que não admira por que razão o Dumbledore nunca contou como foi que partiu o nariz.»

Roupa suja à parte, estará Skeeter disposta a negar a inteligência que possibilitou as inúmeras descobertas mágicas de Dumbledore?

«Ele era de facto um crânio», reconhece ela, «embora muitos agora se questionem se o mérito de todos os seus pretensos feitos deverá ser-lhe integralmente atribuído. Tal como revelo no capítulo dezasseis, o Ivor Dillonsby alega que já descobrira oito utilizações do sangue de dragão quando o Dumbledore lhe levou os seus papéis “emprestados”.»

Todavia, a importância de alguns dos seus feitos é indesmentível, ousa eu dizer. Então e a sua famosa vitória sobre Grindelwald?

«Oh, ainda bem que menciona o Grindelwald», afirma Skeeter com um

sorriso cativante. «Receio que aquelas pessoas que ficam de lágrima no olho de cada vez que se fala na espectacular vitória do Dumbledore terão de se preparar para uma surpresa chocante... ou talvez uma surpresa repugnante. O caso é verdadeiramente sórdido. Tudo o que posso de momento adiantar é: não estejam tão certos de que esse duelo espectacular e lendário se tenha, de facto, realizado. Depois de lerem o meu livro, as pessoas serão forçadas a concluir que o Grindelwald se limitou a invocar um lenço branco na ponta da varinha e a sair airosamente!»

Skeeter recusa-se a adiantar mais seja o que for a respeito deste assunto intrigante, e, assim, viramo-nos para a relação que, mais que qualquer outra, seguramente irá fascinar os leitores.

«Oh, claro», diz Skeeter, assentindo animadamente com a cabeça. «Eu dedico um capítulo inteiro à relação entre o Potter e o Dumbledore. Tem sido descrita como pouco saudável, sinistra, até. Repito, os leitores terão de comprar o livro para ficarem a par de toda a história, mas é inquestionável que o Dumbledore desenvolveu um estranho interesse pelo Potter desde o primeiro momento. Se isso trouxe algum proveito ao rapaz... Bom, veremos. O que não é segredo para ninguém é que o Potter teve uma adolescência conturbada.»

Pergunto a Skeeter se ainda mantém contacto com Harry Potter, a quem, no ano passado, fez uma entrevista que ficou célebre: um trabalho pioneiro em que Potter lhe revelou em exclusivo a sua convicção a respeito do regresso do Quem-Nós-Sabemos.

«Oh, sim, entre nós criou-se um forte laço», assevera Skeeter. «O pobre Potter tem muito poucos amigos verdadeiros, e nós conhecemo-nos num dos momentos mais exigentes da sua vida: o Torneio dos Três Feiticeiros. Sou provavelmente uma das poucas pessoas vivas que podem arrogar-se a dizer que conhecem o verdadeiro Harry Potter.»

O que nos proporciona o pretexto perfeito para abordarmos os inúmeros rumores que ainda circundam as derradeiras horas de Dumbledore. Estará Skeeter convencida de que Potter presenciou o momento da morte de Dumbledore?

«Bom, não pretendo adiantar demasiado... está tudo no livro... porém, testemunhas oculares no interior do castelo de Hogwarts viram o Potter a fugir do local instantes depois de o Dumbledore ter caído, saltado ou ter sido empurrado. Posteriormente, o Potter testemunhou contra o Severus Snape, um indivíduo contra quem guarda manifesto ressentimento. Será a realidade o que aparenta? Caberá à comunidade de feiticeiros decidir... depois de terem lido o meu livro.»

E, sob este tom misterioso, despeço-me. Não restam dúvidas de que Skeeter escreveu um bestseller garantido. Entretanto, a legião de admiradores de Dumbledore bem pode tremer na expectativa do que poderá estar prestes a descobrir acerca do seu herói.

Harry chegou ao fim do artigo, mas continuou de olhos cravados na página, atônito. A indignação e fúria vieram-lhe à boca como um vômito; amarfanhou o jornal numa bola e, com toda a força, atirou-o à parede, onde foi fazer companhia ao resto do monte de lixo que transbordava do caixote.

Começou a passarinhar pelo quarto, abrindo gavetas vazias e pegando em livros para logo os tornar a colocar na pilha de onde acabara de os tirar, quase sem dar pelo que estava a fazer, enquanto frases do artigo de Rita lhe vinham aleatoriamente à cabeça: *dedico um capítulo inteiro à relação entre o Potter e o Dumbledore... tem sido descrita como pouco saudável, sinistra até... na sua juventude, ele próprio esteve envolvido na Magia Negra... Tive acesso a uma fonte pela qual muitos jornalistas estariam dispostos a trocar as varinhas...*

— Mentiras! — vociferou Harry e, pela janela, avistou o vizinho do lado, que parara para tornar a ligar o cortador de relva, levantar os olhos, assustado.

Harry sentou-se pesadamente em cima da cama. O pedaço partido de espelho voou para longe; Harry pegou nele e revirou-o entre os dedos, a pensar, a pensar em Dumbledore e nas mentiras com que Rita Skeeter o estava a difamar...

Um raio do mais brilhante azul! Harry ficou paralisado e o dedo ferido tornou a tocar na ponta aguçada do espelho. Devia ter sido imaginação sua, seguramente. Relanceou por cima do ombro, mas a parede continuava da mesma tonalidade enjoativa de pêssego escolhida pela tia Petunia: não havia ali nada azul que pudesse ter sido reflectido pelo espelho. Deitou nova olhadela ao fragmento de espelho e viu apenas o reflexo do seu olho verde vivo a fitá-lo.

Fora imaginação sua, não havia outra explicação; imaginara aquilo, porque estava a pensar no falecido Director. Se havia alguma coisa certa era que os olhos azuis brilhantes de Albus Dumbledore nunca mais haveriam de o perscrutar.

III

A PARTIDA DOS DURSLEY

O barulho da porta da rua a bater ecoou escada acima e uma voz chamou-o: — Eh! Tu, rapaz!

Dezasseis anos a ser cumprimentado daquela maneira não deixaram a Harry lugar para dúvidas sobre quem o tio estava a chamar; não obstante, não lhe respondeu de imediato. Continuava de olhar fixo no pedaço de espelho no qual, durante uma fracção de segundo, julgara ter visto um olho de Dumbledore. Foi só quando o tio vociferou: «RAPAZ!» que Harry se levantou devagar e se encaminhou para a porta do quarto, detendo-se para guardar o fragmento do espelho na mochila cheia com os pertences que levaria consigo.

— Estava a ver que não te despachavas! — berrou-lhe Vernon Dursley quando o viu aparecer no patamar das escadas. — Anda cá abaixo que eu preciso de falar contigo!

Harry desceu pausadamente as escadas, as mãos enterradas nos bolsos das calças de ganga. Quando chegou à sala de estar, deparou-se com os três Dursley. Estavam trajados para viajar: o tio Vernon com um blusão castanho-claro apertado à frente com um fecho de correr, a tia Petunia com um elegante casaco cor de salmão e Dudley, o primo avantajado, louro e musculado, de Harry, com um blusão de cabedal.

— O que foi? — indagou Harry.

— Senta-te! — ordenou-lhe o tio Vernon. Harry arqueou as sobrancelhas. — Se fazes favor! — acrescentou o tio, retraindo-se ligeiramente como se aquela expressão lhe causasse uma impressão na garganta.

Harry sentou-se. Julgava que já sabia o que ali vinha. O tio começou a calcorrear a sala para trás e para diante, a tia Petunia e Dudley a acompanharem os seus movimentos com expressões ansiosas. Por fim, com a cara rubicunda e enrugada do esforço de concentração, o tio Vernon deteve-se em frente de Harry e declarou:

— Mudei de ideias.

— Mas que surpresa — comentou Harry.

— Não me venhas com esse tom... — interveio a tia Petunia em voz estridente; contudo, Vernon Dursley acenou-lhe para que se calasse.

— Tudo não passa de conversa oca — disse o tio Vernon, fixando ferozmente em Harry os seus olhos de porquinho. — Não estou disposto a acreditar numa só palavra sequer. Ficamos onde estamos, não vamos a lado nenhum.

Harry ergueu o olhar para o tio e foi dominado por um misto de exasperação e divertimento. Nas últimas quatro semanas, Vernon Dursley mudara de ideias a cada vinte e quatro horas, fazendo e desfazendo as malas e arrumando-as e tirando-as do carro de todas as vezes. O momento predilecto de Harry ocorrera quando o tio Vernon, alheio ao facto de Dudley ter acrescentado os halteres às malas desde a última vez em que as desfizera, tentara içá-las mais uma vez para o porta-bagagens e se deixara abater por entre gemidos de dor e imprecações.

— Na tua opinião — afirmou Vernon Dudley nesse momento, recomeçando a calcorrear a sala —, nós... a Petunia, o Dudley e eu próprio... corremos perigo. Por culpa... por culpa...

— Por culpa da «minha gente», pois — completou Harry.

— Pois bem, eu não acredito nisso — insistiu o tio Vernon, detendo-se novamente diante de Harry. — Passei metade da noite acordado a remoer mais uma vez o assunto, e estou convencido de que não passa duma tramóia para nos ficarem com a casa.

— A casa? — admirou-se Harry. — Mas que casa?

— *Esta* casa! — guinchou o tio Vernon, com a veia da testa a começar a pulsar. — A *nossa* casa! Os preços das casas nesta zona dispararam! O que tu queres é afastar-nos daqui para te poderes pôr com os teus truques mágicos e, não tarda, a escritura vai parar ao teu nome e...

— O tio está maluco? — indignou-se Harry. — Uma tramóia para ficar com a casa? Será mesmo tão idiota quanto aparenta?

— Tu não te atrevas...! — guinchou a tia Petunia, mas, mais uma vez, Vernon acenou-lhe para a calar: ao que tudo indicava, as afrontas à sua sanidade não eram nada quando comparadas com o perigo que ele acabara de identificar.

— Só para o caso de já se ter esquecido — disse Harry —, eu já tenho uma casa! A que o meu padrinho me deixou. Então para que é que haveria de querer esta? Pelas felizes recordações?

Fez-se silêncio. Harry ficou quase com a certeza de que este seu argumento fora suficiente para convencer o tio.

— Tu supões — disse o tio Vernon, começando novamente a passarinhar — que esse Lord Não-Sei-Das-Quantas...

— Voldemort — corrigiu-o Harry com impaciência —, e já deve ser a centésima vez que falamos disto. Não é uma suposição, é uma certeza, o Dumbledore avisou-o no ano passado, e o Kingsley e Mr. Weasley...

Vernon Dursley encurvou os ombros, agastado, e Harry suspeitou de que o

tio estava a esforçar-se por afastar a recordação da visita imprevista, escassos dias depois de Harry ter começado as férias de Verão, de dois feitiçeiros adultos. A chegada de Kingsley Shacklebolt e Arthur Weasley à porta dos Dursley causara-lhes uma surpresa extremamente desagradável. Harry viu-se, contudo, forçado a admitir que, uma vez que Mr. Weasley tinha em tempos destruído metade da sala de estar, não se poderia esperar que uma nova visita da sua parte fosse deixar o tio Vernon encantado.

— ...o Kingsley e Mr. Weasley também lhe explicaram tudo — insistiu Harry sem dó nem piedade. — Logo que eu fizer dezassete anos, o feitiço protector que me mantém a salvo vai desfazer-se, e isso deixa-vos tão expostos quanto a mim. A Ordem tem a certeza de que o Voldemort vos irá escolher como alvo, quer seja para vos torturar para tentar descobrir o meu paradeiro, quer porque se convenceu de que, se vos fizesse reféns, eu tentaria resgatar-vos.

Os olhares do tio Vernon e os de Harry encontraram-se. Harry teve a certeza de que nesse momento eram assaltados pela mesma dúvida. Então o tio Vernon retomou a marcha e Harry prosseguiu: — Têm de ir para um esconderijo e a Ordem pretende ajudar-vos. Está a ser-vos oferecida uma grande protecção, a melhor que pode haver.

O tio Vernon não lhe respondeu, continuando ao invés a passarinhar para trás e para diante. Lá fora, o sol pairava baixo sobre as sebes de alfena. O cortador de relva do vizinho do lado tornou a engasgar-se.

— Eu estava convencido de que havia um Ministério da Magia! — exclamou abruptamente Vernon Dursley.

— E há — confirmou Harry, surpreso.

— Bom, então por que é que eles não nos protegem? Parece-me a mim que, enquanto vítimas inocentes, culpados de nada excepto de darmos guarida a um homem marcado, devíamos ter direito a protecção do governo!

Harry riu-se; foi incapaz de se conter. Era tão típico do tio colocar as suas esperanças no sistema governativo, mesmo naquele mundo pelo qual nutria desprezo e desconfiança.

— O tio ouviu o que Mr. Weasley e o Kingsley lhe disseram — retorquiu Harry. — Nós achamos que alguém se infiltrou no Ministério.

O tio Vernon dirigiu-se à lareira em passos largos e voltou, com a respiração tão pesada que o seu enorme bigode preto se encrespou, a cara ainda rubicunda do esforço de concentração.

— Está bem — admitiu, tornando a deter-se em frente de Harry. — Está bem, digamos, por uma questão de abertura, que aceitamos essa protecção. Continuo sem perceber por que é que não podemos ficar com aquele fulano, o Kingsley.

Harry conseguiu não revirar os olhos, mas foi a muito custo. Aquela pergunta também já lhe fora feita uma dúzia de vezes.

— Tal como já lhe expliquei — respondeu-lhe entre dentes —, o Kingsley anda a proteger o Mug... quer dizer, o vosso Primeiro-Ministro.

— Precisamente... ele é o melhor! — exclamou o tio Vernon, apontando para o ecrã do televisor apagado. Os Dursley tinham visto Kingsley no noticiário, a caminhar discretamente atrás do Primeiro-Ministro Muggle quando este visitara um hospital. Isto, a acrescentar ao facto de Kingsley ter conseguido dominar a arte de se vestir como um Muggle, já para não falar do tom bastante tranquilizador da sua voz pausada e profunda, levava os Dursley a simpatizar com ele de uma forma que não acontecera com qualquer outro feiticeiro, embora, em abono da verdade, se deva dizer que eles nunca o tinham visto de brinco posto.

— Bom, ele já está ocupado — afirmou Harry. — Mas a Hestia Jones e o Dedalus Diggle encontram-se perfeitamente à altura da situação...

— Se ao menos nos tivessem facultado alguns currículos... — começou o tio Vernon, mas Harry perdeu a paciência. Pôs-se de pé, avançou para o tio e apontou ele próprio para o televisor.

— Estes acidentes são tudo menos acidentes... os choques, as explosões, os descarrilamentos e tudo o mais que tenha acontecido desde a última vez que assistimos ao noticiário. Há pessoas a desaparecer e a morrer, e é ele quem está por detrás de tudo... o Voldemort. Já vos disse isto vezes sem conta: para ele, matar Muggles é uma forma de divertimento. Até mesmo os nevoeiros... são obra dos Dementors, e se já não se lembram do que se trata, perguntem ao vosso filho!

Dudley levou as mãos repentinamente à boca. Com os olhos dos pais e de Harry cravados nele, tornou a baixá-las lentamente e perguntou: — Há mais... mais como eles?

— Mais? — riu-se Harry. — Mais que os dois que nos atacaram, é isso que queres dizer? É claro que há, há-os às centenas, talvez por esta altura já os haja aos milhares, a ver pela maneira como se alimentam do medo e do desespero...

— Pronto, pronto — vociferou Vernon Dursley. — Conseguieste levar a tua avante...

— Espero bem que sim — afirmou Harry —, porque, mal eu fizer dezassete anos, todos eles... os Devoradores da Morte, os Dementors, talvez até os Inferi, que são cadáveres enfeitizados por um feiticeiro Negro... vão poder encontrar-vos e não deixarão certamente de vos atacar. E se se lembrarem da última vez em que tentaram escapar a feiticeiros, acho que vão concordar que precisam de ajuda.

Fez-se um breve silêncio durante o qual o eco distante de Hagrid a deitar abaixo uma porta da frente parecia repercutir-se através dos anos. A tia Petunia estava de olhos postos no tio Vernon; os de Dudley fitavam Harry. Por fim, o tio Vernon disse atabalhoadamente: — Então é o meu trabalho? Então é a escola do Dudley? Calculo que estas coisas não tenham importância nenhuma para um bando de feiticeiros preguiçosos...

— Será possível que continue sem compreender? — gritou-lhe Harry. — *Eles vão torturar-vos e matar-vos como fizeram aos meus pais!*

— Pai — disse Dudley baixinho —, pai... eu cá vou com esta gente da Ordem.

— Dudley — afirmou Harry —, pela primeira vez na tua vida, estás a dizer qualquer coisa que se aproveita.

Soube que a batalha estava ganha. Se Dudley estava suficientemente amedrontado para aceitar o auxílio da Ordem, os pais acompanhá-lo-iam: separarem-se do seu Dudleyzinho estava fora de questão. Harry deitou uma olhadela ao relógio de viagem postado em cima da cornija da lareira.

— Eles vão chegar daqui a cerca de cinco minutos — disse e, quando viu que nenhum dos Dursley lhe respondia, abandonou a sala. A perspectiva de se separar (provavelmente para sempre) dos tios e do primo causava-lhe uma certa satisfação, mas não deixava por isso de haver um certo constrangimento no ambiente. O que se deveria dizer ao fim de dezasseis anos de constante aversão?

De regresso ao seu quarto, Harry remexeu a eito dentro da mochila, acabando por retirar um punhado de nozes de coruja que enfiou através das grades da gaiola de *Hedwig*. Foram cair com uma pancada surda no fundo, e ela ignorou-as.

— Não tarda nada, vamo-nos embora daqui — recordou-lhe Harry. — E nessa altura, vais poder voltar a voar.

Ouviu tocar a campainha da porta. Hesitou, depois tornou a sair do quarto e desceu as escadas: seria de mais esperar que Hestia e Dedalus sozinhos dessem conta dos Dursley.

— Harry Potter! — guinchou uma voz entusiasmada, mal este abriu a porta e se deparou com um indivíduo baixo com uma cartola cor de malva, que lhe fazia uma profunda vénia. — Uma honra, como sempre!

— Obrigado, Dedalus — respondeu-lhe Harry, dirigindo um leve sorriso de embaraço a Hestia, que tinha o cabelo preto. — É muito amável da vossa parte prestarem-se a isto... Eles estão aqui, os meus tios e o meu primo...

— Bom dia a todos, familiares do Harry Potter! — exclamou Dedalus em tom jovial, entrando a passos largos na sala de estar. Os Dursley não se mostraram nada satisfeitos por serem cumprimentados daquela forma; Harry não se admiraria por aí além se os visse mudar novamente de ideias. Ao ver a feiticeira e o feiticeiro, Dudley encolheu-se junto da mãe.

— Vejo que já fizeram as malas e estão prontos. Excelente! O plano, tal como o Harry já vos informou, é muito simples — afirmou Dedalus, tirando um enorme relógio de bolso do colete e examinando-o. — Nós vamos partir antes do Harry. Devido ao perigo de ser usada magia na vossa casa... sendo ainda menor de idade, o Ministério poderia aproveitar o pretexto para o prender... vamos percorrer, digamos, uns quinze quilómetros de carro antes de Desaparecermos para um local seguro que escolhemos para vos esconder. O senhor sabe conduzir, presumo? — perguntou ele educadamente ao tio Vernon.

— Se sei conduzir...? Está claro que sei conduzir! — balbuciou o tio

Vernon.

— Mas que talentoso que o senhor é, muito mesmo. Eu, pessoalmente, ficaria completamente atônito perante aqueles botões e maçanetas — afirmou Dedalus. Era óbvio que julgava estar a lisonjear Vernon Dursley, que perdia notoriamente confiança no plano a cada palavra que Dedalus proferia.

— Nem sequer conduzir sabe — resmungou baixinho, com o bigode a encrespar-se-lhe de indignação, mas felizmente Dedalus e Hestia não deram sinal de o ouvir.

— Tu, Harry — prosseguiu Dedalus —, vais ficar aqui à espera da tua guarda. Houve uma ligeira alteração de planos...

— Que espécie de alteração? — inquiriu Harry sem demora. — Pensei que o Olho-Louco me viesse buscar para me levar através de uma Aparição Acompanhada.

— Não pode ser — respondeu-lhe Hestia em tom conciso. — Depois o Olho-Louco explica-te melhor.

Os Dursley, que ouviram tudo isto com expressões da mais completa perplexidade, sobressaltaram-se quando uma voz sonora berrou: — *Despachem-se!* — Harry olhou em seu redor antes de se aperceber que a voz provinha do relógio de bolso de Dedalus.

— Tens toda a razão, estamos constrangidos a um horário muito apertado — admitiu Dedalus, assentindo com a cabeça ao relógio e tornando a guardá-lo dentro do bolso do colete. — Estamos a tentar fazer coincidir a tua saída de casa com a Desaparição da tua família, Harry; assim, o feitiço quebra-se no momento em que todos estiverem a dirigir-se para local seguro. — Virou-se para os Dursley. — Bom, já estão prontos para partir?

Nenhum deles lhe respondeu: o tio Vernon continuava a fitar, estarecido, o chumaço no bolso do colete de Dedalus.

— Talvez fosse melhor esperarmos no *hall* de entrada, Dedalus — murmurou-lhe Hestia; era óbvio que considerava uma descortesia da parte de ambos ficarem na sala enquanto Harry e os Dursley se despediam com afecto e, possivelmente, lágrimas.

— Não é preciso — murmurou Harry, mas o tio Vernon tornou qualquer outra explicação desnecessária dizendo em voz alta: — Bom, rapaz, então adeus.

Estendeu o braço direito em frente para apertar a mão a Harry, contudo, no derradeiro instante, pareceu incapaz de enfrentá-lo e limitou-se a cerrar o punho e a oscilar o braço para trás e para diante como um metrónomo.

— Estás pronto, Diddy? — inquiriu a tia Petunia, verificando se tinha a mala fechada com grande espalhafato para evitar olhar para Harry.

Dudley não lhe respondeu, mas ficou onde estava com a boca ligeiramente entreaberta, fazendo lembrar vagamente a Harry o gigante, Grawp.

— Então, vamos embora — decidiu o tio Vernon.

Já estavam na porta da sala de estar quando Dudley balbuciou: — Mas há uma coisa que eu não compreendo.

— O que é que tu não compreendes, meu querido? — quis saber a tia Petunia, olhando para ele.

Dudley ergueu uma mão do tamanho dum presunto e apontou para Harry.

— Por que é que ele não vem connosco?

O tio Vernon e a tia Petunia ficaram petrificados no lugar, fitando Dudley atónitos como se este tivesse acabado de exprimir o desejo de vir a ser bailarina.

— O quê? — indagou o tio Vernon em voz alta.

— Por que é que ele não vem também? — insistiu Dudley.

— Bom, porque ele... porque não quer — balbuciou o tio Vernon virando-se para deitar um olhar feroz a Harry e acrescentar: — Tu não queres vir, pois não?

— Nem por sombras — afiançou Harry.

— Aí tens — disse o tio Vernon ao filho. — Agora anda, vamos embora.

Saiu da sala; ouviram a porta da rua a abrir-se, mas Dudley não se mexeu e, depois de dar alguns passos hesitantes, a tia Petunia acabou por parar também.

— O que é que foi agora? — vociferou o tio Vernon, voltando para trás.

Dava a ideia de que Dudley se estava a debater com conceitos demasiado complexos para poderem ser transmitidos por palavras. Após alguns instantes duma luta interior aparentemente dolorosa, lá perguntou: — Mas para onde é que ele vai?

A tia Petunia e o tio Vernon ficaram a olhar um para o outro, embaçados. Era óbvio que Dudley estava a assustá-los. Foi Hestia Jones a romper o silêncio.

— Mas... sabem com certeza para onde é que o vosso sobrinho vai, não sabem? — inquiriu ela com ar perplexo.

— Claro que sabemos — afiançou-lhe Vernon Dursley. — Ele vai ser levado por uns quantos do vosso bando, não é? Pronto, Dudley, vamos para o carro, ouviste o que o homem disse, estamos com pressa.

Mais uma vez, o tio Vernon encaminhou-se para a porta da rua; Dudley, porém, não foi atrás dele.

— Vai ser levado por uns quantos do *nosso* bando?

Hestia estava nas raiais da indignação. Harry já anteriormente se confrontara com este tipo de atitude: os feiticeiros ficavam estupefactos por os seus parentes mais chegados manifestarem tão pouco interesse pelo famoso Harry Potter.

— Não faz mal — garantiu-lhe Harry. — Não tem importância, a sério.

— Não tem importância? — retorquiu Hestia, com a voz a elevar-se em tom ameaçador. — Será possível que estas pessoas não tenham noção de tudo por quanto tens passado? Do perigo que corres? Do lugar inigualável que ocupas no coração dos que integram o movimento anti-Voldemort?

— Hã... não, não têm — respondeu-lhe Harry. — Para falar com franqueza, eles acham que sou um estorvo, mas eu já estou habituado...

— Eu não acho que tu sejas um estorvo...

Se Harry não tivesse visto os lábios de Dudley a movimentarem-se, talvez não tivesse acreditado. Assim, ficou de olhar fixo nele durante alguns instantes antes de admitir que aquelas palavras deveriam ter partido do primo; para começar, Dudley ruborizara. O próprio Harry estava pasmado e constrangido.

— Bom... hã... obrigado, Dudley.

Mais uma vez, Dudley pareceu debater-se com ideias demasiado difíceis de conceber para as conseguir expressar, antes de murmurar: — Tu salvaste-me a vida.

— Nem por isso — disse Harry. — O que o Dementor queria levar era a tua alma...

Lançou um olhar curioso ao primo. Não tinham tido qualquer espécie de contacto durante aquele Verão nem no último, visto que Harry passara tão pouco tempo em Privet Drive e se mantivera quase sempre confinado ao seu quarto. Todavia, nesse momento Harry apercebeu-se de que a chávena de chá frio que tinha esmigalhado nessa manhã poderia não ter sido uma partida. Embora não deixasse de ficar ligeiramente comovido, foi para ele um alívio verificar que Dudley esgotara a capacidade de exprimir os seus sentimentos. Depois de abrir a boca mais uma ou duas vezes, ficou reduzido a um silêncio ruborizado.

A tia Petunia rebentou num pranto. Hestia Jones dirigiu-lhe um olhar de aprovação que se transformou em afronta quando ela se precipitou a abraçar Dudley ao invés de Harry.

— Q-que querido, Dudders... — soluçou ela para o peito maciço —, que r-rapaz t-tão amoroso... a a-agradecer...

— Mas ele não agradeceu nada! — retorquiu Hestia indignada. — Ele só disse que não considerava o Harry um estorvo!

— Pois, mas vindo do Dudley, isso é o mesmo que dizer «gosto muito de ti» — explicou-lhe Harry, dividido entre o tédio e a vontade de se rir da tia Petunia, abraçada ao filho como se este tivesse acabado de salvar Harry de um prédio em chamas.

— Mas afinal vamos ou não vamos? — vociferou o tio Vernon, aparecendo pela enésima vez à porta da sala de estar. — Pensei que estávamos em cima da hora!

— Estamos... é claro que estamos — confirmou Dedalus Diggle, que estivera a observar a cena com um ar aturdido e que agora parecia recompor-se. — Temos mesmo de ir andando. Harry...

Avançou aos tropeções e agarrou uma mão de Harry com ambas as suas.

— ...boa sorte. Espero tornar a ver-te. As esperanças do mundo da feitiçaria estão todas voltadas para ti.

— Oh — disse Harry —, pois. Obrigado.

— Adeus, Harry — despediu-se Hestia, apertando-lhe também a mão. — Vais estar sempre nos nossos pensamentos.

— Espero que corra tudo bem — disse Harry, olhando de relance para a tia

Petunia e para Dudley.

— Oh, tenho a certeza de que nos vamos entender às mil maravilhas — declarou Diggle em tom entusiástico, acenando com o chapéu à medida que saía da sala. Hestia foi atrás dele.

Dudley libertou-se delicadamente das garras da mãe e dirigiu-se a Harry, que teve de conter um impulso para não o ameaçar com um feitiço. Em seguida, Dudley estendeu-lhe a sua manápula cor-de-rosa.

— Caramba, Dudley — comentou Harry, acima de novo acesso de soluços da tia Petunia —, será possível que os Dementors te tenham imbuído de uma nova personalidade?

— Sei lá — murmurou Dudley. — A gente vê-se, Harry.

— Pois... — disse Harry, dando um aperto de mão ao primo. — Talvez. Toma cuidado contigo, Grande D.

Dudley esboçou uma amostra de sorriso, em seguida abandonou a sala a arrastar os pés. Harry ouviu os seus passos pesados no acesso de gravilha e depois a porta do carro a bater com força.

A tia Petunia, que estivera com o rosto enterrado num lenço, olhou em seu redor ao ouvir aquele barulho. Não estivera à espera de ficar a sós com Harry. Apressou-se a guardar o lenço molhado dentro do bolso e disse: — Bom... adeus — e encaminhou-se para a porta sem se dignar sequer a olhar para ele.

— Adeus — respondeu-lhe Harry.

Ela deteve-se e olhou para trás. Harry teve a sensação momentânea de que a tia lhe pretendia dizer alguma coisa: deitou-lhe um olhar estranho e trémulo e pareceu hesitar em abrir a boca; contudo, depois, com uma leve sacudidela da cabeça, precipitou-se para fora da sala atrás do marido e do filho.

IV

OS SETE POTTERS

Harry correu escada acima até ao seu quarto, chegando à janela mesmo a tempo de ver o carro dos Dursley a serpentear pelo acesso e a meter-se à estrada. Avistou a cartola de Dedalus no banco traseiro, entre a tia Petunia e Dudley. O carro virou à direita ao fundo de Privet Drive, as janelas a reflectirem momentaneamente o vermelho ardente do ocaso, e depois perdeu-o de vista.

Pegou na gaiola de *Hedwig*, na sua *Flecha de Fogo* e na mochila, percorreu o quarto invulgarmente arrumado com um derradeiro olhar e tornou a descer as escadas em passo desajeitado até ao *hall* de entrada, onde pousou a gaiola, a vassoura e a mochila ao fundo das escadas. O crepúsculo descia agora rapidamente, inundando o *hall* de sombras à luz do entardecer. Era uma sensação bastante estranha estar ali, em silêncio, ciente de que iria abandonar aquela casa para sempre. Havia muito tempo, quando os Dursley o deixavam sozinho e saíam para se divertir, as horas de solidão constituíam para ele um prazer raro: fazendo uma pausa apenas para ir surripiar qualquer guloseima ao frigorífico, de imediato corria escada acima para jogar no computador de Dudley, ou para acender a televisão e saltar entre os seus canais preferidos. A recordação desses tempos provocava-lhe uma estranha sensação de vazio; era como recordar um irmão mais novo que perdera.

— Queres ir dar uma última volta pela casa? — sugeriu ele a *Hedwig*, que continuava amuada com a cabeça escondida debaixo da asa. — Nunca mais aqui voltamos. Não queres recordar os bons velhos tempos? Por exemplo, olha para este tapete. Que recordações... O Dudley vomitou-lhe em cima depois de eu o ter salvado dos Dementors... Mas olha que, no fim, até me ficou agradecido, acreditas?... E, no Verão passado, o Dumbledore entrou por aquela porta...

Harry perdeu momentaneamente o fio à meada, e *Hedwig* não fez nada para o ajudar a encontrá-lo, continuando com a cabeça escondida debaixo da asa. Harry voltou-se de costas para a porta da rua.

— E aqui debaixo, *Hedwig*... — Harry abriu a porta sob as escadas — ...era

onde eu costumava dormir! Nessa altura, tu ainda não me conhecias...

Caramba, já me tinha esquecido de como é acanhado...

Harry olhou em seu redor para os sapatos e os guarda-chuvas empilhados, lembrando-se de costumar acordar todas as manhãs e olhar para a parte de baixo da escada, que, as mais das vezes, estava adornada com uma ou outra aranha. Isso fora no tempo em que ele ainda não sabia nada a respeito da sua verdadeira identidade; antes de saber como os pais tinham morrido e por que motivo havia coisas esquisitas constantemente a acontecer à sua volta. Mas Harry ainda se lembrava dos estranhos sonhos que o atormentavam, já naquele tempo: sonhos confusos que envolviam raios de luz verde e, numa ocasião (o tio Vernon por pouco não batera com o carro quando Harry lhe contara), uma mota voadora...

Subitamente, ouviu um estrondo ensurdecedor vindo das proximidades. Endireitou-se com um solavanco e deu uma cabeçada com o cocuruto na ombreira baixa da porta. Interrompendo-se apenas para debitar algumas das imprecações da preferência do tio Vernon, foi a cambalear até à cozinha, agarrado à cabeça, e olhou pela janela para o jardim das traseiras.

A escuridão parecia estar a ondular, o próprio ar a estremecer. Depois, um a um e repentinamente, à medida que os Feitiços de Camuflar eram desfeitos, começaram a surgir vultos. A dominar a cena encontrava-se Hagrid, de capacete e óculos de aviador, montado numa enorme mota com um *sidecar* acoplado. A todo o seu redor, viam-se mais pessoas a desmontar de vassouras e, em dois casos, de cavalos alados pretos e esqueléticos.

Harry abriu a porta das traseiras de rompante e precipitou-se para o meio deles. Ouviu-se um grito geral de boas-vindas, enquanto Hermione lhe atirava os braços em volta do pescoço, Ron lhe dava palmadinhas nas costas e Hagrid dizia: — Tudo bem, Harry? Pronto pra zarpar?

— Sem dúvida — afiançou-lhe este, dirigindo um sorriso radiante à sua volta. — Mas eu não estava à espera de que viessem tantos!

— Mudança de planos — resmungou Olho-Louco, que segurava dois sacos enormes e atafalhados e cujo olho mágico oscilava entre o céu do crepúsculo, a casa e o jardim a uma velocidade estonteante. — Antes de te pormos a par do que se passa, é melhor disfarçarmo-nos.

Harry levou-os a todos para a cozinha, onde, a rir e a tagarelar, se instalaram nas cadeiras, se sentaram em cima das bancadas reluzentes da tia Petunia ou se encostaram aos seus electrodomésticos imaculados: Ron, alto e desengonçado; Hermione, com o cabelo farto preso atrás numa longa trança; Fred e George, com idênticos sorrisos arreganhados; Bill, cheio de cicatrizes e com o cabelo comprido; Mr. Weasley, com o seu rosto bondoso, a ficar calvo, os óculos ligeiramente enviesados; Olho-Louco, temperado em muitas batalhas, pernetas, o seu olho azul-vivo mágico a vibrar na órbita; Tonks, com o cabelo curto da sua tonalidade predilecta de rosa-choque; Lupin, com o cabelo mais grisalho, o rosto mais enrugado; Fleur, bonita e elegante, com o seu longo cabelo louro-prateado; Kingsley, careca, negro, de ombros largos;

Hagrid, com o seu cabelo e barba desgrenhados, de costas curvadas para evitar bater com a cabeça no tecto; e Mundungus Fletcher, a quem tentara estrangular da última vez que se tinham encontrado.

— Kingsley, pensei que estavas a tomar conta do Primeiro-Ministro Muggle — dirigiu-se-lhe Harry do lado oposto da cozinha.

— Ele bem pode passar uma noite sem mim — disse Kingsley. — Tu és mais importante.

— Harry, adivinha lá — chamou-o Tonks, empoleirada em cima da máquina de lavar roupa e sacudindo a mão esquerda para ele ver o seu anel cintilante.

— Não me digas que te casaste — disse Harry, desviando o olhar dela para Lupin.

— Tenho pena que não pudesses estar presente, Harry, foi uma cerimónia muito discreta.

— Que maravilha, parab...

— Pronto, pronto, depois podemos pôr a conversa em dia! — vociferou Moody acima da algazarra, e a cozinha ficou-se em silêncio. Moody deixou cair os sacos aos pés e virou-se para Harry. — Tal como imagino que o Dedalus te tenha avisado, fomos obrigados a abandonar o Plano A. O Pious Thicknesse passou-se para o inimigo, o que nos deixa perante um grande problema. Ele decretou que ligar esta casa à Rede de Floo, colocar aqui um Botão de Transporte, ou Aparecer e Desaparecer daqui passa a ser punível com pena de prisão. Tudo isto a pretexto da tua protecção, para evitar que o Quem-Nós-Sabemos te consiga apanhar. Completamente despropositado, uma vez que o feitiço da tua mãe já se destina a isso mesmo. O objectivo dele é impedir-te de saíres daqui em segurança.

«Segundo problema: tu és menor, o que significa que ainda tens o Detector.

— Eu não...

— O Detector, o Detector! — exclamou Olho-Louco em tom de impaciência. — O feitiço que detecta actividade mágica em redor de menores de dezassete anos, a maneira como o Ministério descobre se os menores andam a praticar feitiçaria! Se tu, ou alguém próximo de ti, te lançar um feitiço para te tirar daqui, o Thicknesse vai descobrir, bem como os Devoradores da Morte.

«Não podemos ficar à espera de que o Detector desapareça, porque, mal completes dezassete anos, perdes toda a protecção que a tua mãe te concedeu. Resumindo: o Pious Thicknesse está convencido de que te tem bem encurralado.

Apesar de não o conhecer, Harry não pôde deixar de concordar com Thicknesse.

— Então e o que havemos nós de fazer?

— Vamos usar os únicos meios de transporte à nossa disposição, os únicos que o Detector não consegue identificar, porque não precisamos de lançar feitiços para os usar: vassouras, Thestrals e a mota do Hagrid.

Harry apercebeu-se de que havia falhas no plano; porém, manteve-se calado para dar a Olho-Louco a oportunidade de as enunciar.

— Agora, o encantamento da tua mãe só se vai desfazer sob duas condições: quando fores maior de idade, ou — Moody abarcou com um gesto a cozinha imaculada — quando esta casa deixar de ser o teu lar. Tu e os teus tios vão seguir caminhos separados esta noite, perfeitamente cientes de que nunca mais irão morar juntos, não é verdade?

Harry assentiu com a cabeça.

— Por isso, desta feita, quando te fores embora, será para não mais voltares, e o encantamento será quebrado logo que saíres do seu raio de acção. Nós optámos por desfazê-lo o mais cedo possível, porque a alternativa seria ficar à espera do Quem-Nós-Sabemos, que ia aproveitar o momento em que faças dezassete anos.

«A única vantagem que tens do teu lado é o facto de o Quem-Nós-Sabemos desconhecer que te viemos buscar esta noite. Deixámos escapar uma pista falsa no Ministério: eles estão convencidos de que só saímos daqui no dia trinta. No entanto, tendo em conta que é com o Quem-Nós-Sabemos que estamos a lidar, não podemos limitar-nos a dar-lhe a data errada; ele terá seguramente uns quantos Devoradores da Morte a patrulhar os céus desta zona, por via das dúvidas. E, assim, colocámos uma dúzia de casas diferentes sob toda a protecção que nos foi possível. Qualquer uma delas poderia ser o sítio onde planeamos esconder-te, todas elas se encontram de alguma maneira ligadas à Ordem; a minha casa, a do Kingsley, a da tia da Molly, a Muriel... Estás a ficar com uma ideia.

— Pois — anuiu Harry, não inteiramente convencido, porque ainda estava a ver uma grande falha no plano.

— Tu vais para casa dos pais da Tonks. Logo que entres dentro do raio de acção dos feitiços protectores que lançámos sobre a casa deles, vamos poder usar um Botão de Transporte para A Toca. Alguma pergunta?

— Hã... sim — disse Harry. — Talvez eles não saibam para qual das doze casas seguras é que eu vou em primeiro lugar, mas isso não ficará bastante óbvio quando — fez uma conta rápida de cabeça — nós os catorze sairmos daqui a voar para casa dos pais da Tonks?

— Ah — disse Moody —, esqueci-me de mencionar um ponto fundamental. Nós não iremos os catorze a voar para casa dos pais da Tonks. Esta noite, haverá sete Harry Potters a atravessar os ares, cada um deles com um companheiro, e cada par se irá dirigir para uma casa segura diferente.

Do interior do seu manto, Moody tirou, então, um frasco contendo o que parecia ser lama. Não foi preciso acrescentar mais nada; Harry compreendeu de imediato o resto do plano.

— Não! — protestou ele alto e bom som, a sua voz a ecoar por toda a cozinha. — Nem pensar!

— Eu bem os avisei de que tu não ias aceitar isso de bom grado — observou Hermione com um laivo de complacência.

— Se pensas que vou deixar que seis pessoas arrisquem a vida...!
— ...até parece que seria a primeira vez — ripostou Ron.
— Isto é diferente, fazerem-se passar por mim...
— Bom, não se pode dizer que isso agrade a qualquer um de nós — disse Fred com franqueza. — Imagina que alguma coisa corre mal e ficamos condenados a ser uns tipos magricelas e de óculos para o resto da vida.

Harry não sorriu.

— Se eu me recusar a cooperar, não podem fazer nada; precisam que eu vos dê um bocado de cabelo.

— Bom, nesse caso o plano vai por água abaixo — ironizou George. — É óbvio que, se te recusares a cooperar, todos juntos não vamos conseguir arrancar-te o cabelo.

— Pois, treze de nós contra um fulano que nem sequer magia pode utilizar; é claro que não temos hipótese — comentou Fred.

— Que piada — retorquiu Harry. — Vocês são mesmo engraçados.

— Se tivermos de recorrer à força, assim será — resmungou Moody, com o seu olho mágico a tremer ligeiramente na órbita enquanto se fixava com ar feroz em Harry. — Todas as pessoas que aqui estão são maiores de idade, Potter, e estão dispostas a arriscar.

Mundungus encolheu os ombros e fez uma careta; o olho mágico de Moody deu uma guinada para o lado, deitando-lhe um olhar ameaçador.

— Vamos deixar-nos de discussões. O tempo está a esgotar-se. Preciso duns cabelos teus, rapaz, e é já.

— Mas isto é uma loucura, não há necessidade...

— Não há necessidade! — rosnou Moody. — Com o Quem-Nós-Sabemos à solta e metade do Ministério do lado dele? Potter, se andarmos com sorte, ele terá engolido a pista falsa e estará a preparar-se para te montar uma emboscada no dia trinta, mas seria uma imprudência da parte dele não ter um Devorador da Morte ou mais de olho em ti, que é o que eu faria no seu lugar. Talvez eles não te possam deitar a mão enquanto o encantamento da tua mãe se mantiver, mas está prestes a desfazer-se e eles conhecem a localização aproximada desta casa. A única possibilidade que nos resta é usarmos chamarizes. Nem mesmo o Quem-Nós-Sabemos se pode dividir em sete.

Harry apanhou Hermione a olhar para ele e de imediato desviou o olhar.

— Então, Potter... passa para cá uns quantos cabelos, se fazes favor.

Harry lançou um olhar ameaçador a Ron, que lhe fez uma careta como a mandá-lo despachar-se.

— Já! — vociferou Moody.

Com todos os olhos cravados nele, Harry levou a mão ao alto da cabeça, agarrou numa madeixa de cabelo e puxou.

— Assim é que é — disse Moody, aproximando-se dele a coxear, enquanto destapava o frasco de Poção. — Deita-os para aqui, se não te importas.

Harry deixou cair os cabelos no líquido semelhante a lama. Logo que entraram em contacto com a superfície, a Poção começou a fazer espuma e a

deitar fumo; depois, subitamente, ficou de um dourado límpido e brilhante.

— Ooh, tu tens um ar muito mais saboroso que o Crabbe e o Goyle, Harry — comentou Hermione antes de reparar nas sobrancelhas arqueadas de Ron, corar ligeiramente e se emendar: — Oh, percebes o que eu quero dizer... a Poção do Goyle parecia um pântano.

— Muito bem, os falsos Potters alinham deste lado, por favor — ordenou Moody.

Ron, Hermione, Fred, George e Fleur dispuseram-se diante do lava-loiças reluzente da tia Petunia.

— Falta-nos um — constatou Lupin.

— Está aqui — indicou Hagrid com brusquidão, enquanto agarrava em Mundungus pelo cachaco e o deixava cair ao lado de Fleur, que franziu o nariz peremptoriamente e se foi colocar entre Fred e George.

— Eu avisei que era melhor ser protector — disse Mundungus.

— Cala-te — admoestou-o Moody. — Tal como já te disse, verme invertebrado, quaisquer Devoradores da Morte com que nos depararmos hoje terão como objectivo capturar o Potter, não matá-lo. O Dumbledore sempre disse que o Quem-Nós-Sabemos quer que o Potter acabe às suas próprias mãos. Serão os protectores quem terá mais a recear, porque os Devoradores da Morte irão tentar matá-los.

Mundungus não se mostrou particularmente tranquilizado, mas Moody já estava a tirar meia dúzia de copos do tamanho de recipientes para ovos do interior do manto, e, depois de os encher com um pouco de Poção Polissuco, estendeu um a cada um.

— Todos juntos, agora...

Ron, Hermione, Fred, George, Fleur e Mundungus beberam a poção. Todos eles arquejaram e fizeram caretas quando esta lhes desceu à garganta: de imediato as suas feições começaram a borbulhar e a distorcer-se como cera quente. Hermione e Mundungus cresciam em direcção ao tecto; Ron, Fred e George estavam a encolher; o cabelo de todos começava a escurecer, e o de Hermione e de Fleur parecia projectar-se rapidamente para o interior do crânio.

Moody, com um ar muito despreocupado, estava agora a desapertar os nós dos sacos que trouxera consigo: quando tornou a endireitar-se, havia seis Harry Potters a arquejar e ofegar diante dele.

Fred e George viraram-se um para o outro e exclamaram em uníssono: — Uau... Estamos tal e qual!

— Não sei, não, olha que acho que sou mais bonito — comentou Fred examinando o seu reflexo numa chaleira.

— *Bah* — disse Fleur, vendo-se na porta do microondas. — Bill, não olhes parra mim... Eztou de meterr medo ao sustô.

— Para aqueles a quem as roupas ficarem um pouco avantajadas, tenho aqui tamanhos mais pequenos — anunciou Moody, indicando o primeiro saco — e vice-versa. Não se esqueçam dos óculos, há seis pares no bolso lateral. E

quando estiverem vestidos, no outro saco têm a bagagem.

O verdadeiro Harry pensou que nunca na vida deveria ter visto nada tão estranho, e coisas estranhíssimas foram o que não lhe faltara. Ficou a ver os seus seis duplos a remexerem dentro dos sacos, a tirar peças de indumentária, a pôr óculos, a arrumar as suas roupas. Teve vontade de lhes pedir que mostrassem um pouco mais de respeito pela sua privacidade quando os viu começarem a despir-se com a mais perfeita impunidade, claramente muito mais à vontade em exibirem o seu corpo do que se não estivessem metamorfoseados.

— Eu sabia que a Ginny estava a mentir quando falou da tatuagem — disse Ron, olhando para o peito despido.

— Harry, tu és mesmo pitosga — comentou Hermione enquanto punha os óculos.

Logo que se vestiram, os falsos Harrys começaram a retirar as mochilas e as gaiolas das corujas, cada uma com uma coruja-das-neves empalhada, do segundo saco.

— Ótimo — disse Moody no momento em que sete Harrys vestidos, de óculos postos e com a respectiva bagagem se viraram de frente para ele. — Os pares serão os seguintes: o Mundungus vai comigo, de vassoura...

— Por qu' é qu'eu vou contigo? — resmungou o Harry mais próximo da porta das traseiras.

— Porque és aquele que precisa de ser mantido debaixo de olho — retorquiu Moody e, como já seria de esperar, o seu olho mágico não se desviou de Mundungus quando prosseguiu: — O Arthur e o Fred...

— Eu sou o George — disse o gémeo para o qual Moody apontava. — Nem sequer quando somos o Harry és capaz de nos distinguir?

— Desculpa, George...

— Estou só a entrar com a tua varinha. Sou mesmo o Fred...

— Já chega de disparates! — vociferou Moody. — O outro George ou Fred, ou quem quer que sejas... Tu vais com o Remus. Miss Delacour...

— Eu levo a Fleur num Thestral — declarou Bill. — Ela não é grande apreciadora de vassouras.

Fleur foi postar-se a seu lado, deitando-lhe um olhar piegas e submisso que Harry desejou do fundo do coração que nunca mais lhe assomasse ao rosto.

— Miss Granger vai com o Kingsley, também de Thestral...

Hermione retribuiu um sorriso tranquilo a Kingsley: Harry sabia que ela também não tinha grande confiança em vassouras.

— O que nos deixa a nós os dois, Ron! — exclamou Tonks com ar jovial, deitando abaixo um suporte para chávenas ao acenar-lhe.

Ron não aparentou ficar tão satisfeito quanto Hermione.

— E tu vais com'go, 'tá bem, Harry? — disse Hagrid, com uma certa ansiedade. — Vamos de mota, as vassouras e os Thestrals nã' aguentam co' meu peso, 'tás a ver. Mas, c'mo nã' vai haver mu'to espaço com'go no assento, tu vais no *sidecar*.

— Por mim, está ótimo — respondeu-lhe Harry, sem grande sinceridade.

— Nós pensamos que os Devoradores da Morte estão à espera de que vás numa vassoura — afirmou Moody, que parecia adivinhar as reticências de Harry. — O Snape teve tempo mais que suficiente para lhes contar tudo o que ainda não lhes contara a teu respeito, e, por conseguinte, se nos aparecer pela frente algum Devorador da Morte, apostamos que eles vão escolher um dos Potters que esteja à vontade numa vassoura. Muito bem, então — prosseguiu ele, apertando o saco com as roupas dos falsos Potters e liderando o caminho até à porta. — Devem faltar três minutos para a hora prevista para a nossa partida. Não vale a pena trancar a porta das traseiras, não será isso que impedirá a entrada dos Devoradores da Morte quando vierem à tua procura... Vamos embora...

Harry dirigiu-se apressadamente ao *hall* de entrada para ir buscar a mochila, a *Flecha de Fogo* e a gaiola de *Hedwig* antes de se reunir aos outros no jardim das traseiras. De todos os lados se viam vassouras a saltar para as mãos dos donos; com a ajuda de Kingsley, Hermione já subira para um grande Thestral preto e Bill ajudara Fleur a montar no outro. Hagrid estava à espera junto à mota, de óculos de aviator postos.

— É esta a mota do Sirius?

— Sem tirar nem pôr — confirmou Hagrid, presenteando Harry com um sorriso radiante. — E da última vez qu' andaste nela, Harry, cabias-me na palma da mão!

Harry não pôde deixar de se sentir levemente humilhado ao entrar no *sidecar*. Ficava mais baixo que todos os outros: Ron dirigiu-lhe um sorriso afectado ao vê-lo sentado como uma criança num carrinho de choque. Arrumou a mochila e a vassoura aos pés e prendeu a gaiola de *Hedwig* entre os joelhos. Era extremamente desconfortável.

— O Arthur fez-lhe umas alterações — revelou-lhe Hagrid, nitidamente alheio ao desconforto de Harry. Montou na mota, que rangeu ligeiramente e se enterrou alguns centímetros no solo. — Agora tem uns truques no guiador. 'Quele ali foi ideia minha.

Apontou com um dedo grosso para um botão roxo junto ao velocímetro.

— Por favor, Hagrid, vai com cuidado — advertiu-o Mr. Weasley, que se encontrava ao lado de ambos, a segurar na sua vassoura. — Ainda não estou certo de que tenha sido uma boa ideia e, seja como for, só deve ser usado em situações de emergência.

— Então, muito bem — declarou Moody. — Todos preparados, por favor; quero que partamos exactamente ao mesmo tempo, senão o objectivo da manobra de diversão perde-se por completo.

Todos montaram nas respectivas vassouras.

— Agora vê lá se te seguras bem, Ron — avisou-o Tonks, e Harry reparou que Ron deitou um furtivo olhar de culpa a Lupin antes de lhe colocar as mãos de cada lado da cintura. Hagrid deu ao *kick* e a mota rugiu como um dragão, enquanto o *sidecar* começava a vibrar.

— Boa sorte a todos — gritou-lhes Moody. — Encontramo-nos dentro de cerca duma hora n' A Toca. Vou contar até três: um... dois... TRÊS.

A mota fez um grande estrondo, e Harry sentiu o *sidecar* dar um forte solavanco: estava a elevar-se rapidamente pelos ares, os olhos ligeiramente lacrimejantes, o cabelo varrido para trás. Em seu redor, as vassouras ganhavam também altura; a cauda preta e comprida de um Thestral passou por ele de fuga. As suas pernas, atravancadas dentro do *sidecar* juntamente com a gaiola de *Hedwig* e a mochila, já estavam doridas, e começava a senti-las entorpecer. Tamanho era o seu desconforto que por pouco não se esquecia de deitar um derradeiro olhar ao número quatro de Privet Drive; quando olhou da beira do *sidecar*, já não sabia dizer qual das casas era. E foram-se elevando cada vez mais pelos ares...

E foi então que, súbita e inesperadamente, se viram rodeados. Vindos do nada, trinta vultos encapuzados, suspensos no ar, formaram um amplo círculo em volta da área ocupada pelos membros da Ordem, que não se haviam apercebido...

Gritos, explosões de luz verde de todos os lados: Hagrid soltou um berro e a mota deu uma reviravolta. Harry perdeu completamente a noção de onde estavam: via os candeeiros da rua por cima da sua cabeça, gritos por todos os lados, enquanto se agarrava ao *sidecar* com quanta força tinha. A gaiola de *Hedwig*, a *Flecha de Fogo* e a mochila escorregaram-lhe de debaixo dos joelhos...

— Não... *HEDWIG*!

A vassoura foi a rodopiar pelo ar, mas Harry conseguiu deitar a mão à alça da mochila e ao cimo da gaiola no momento em que a mota se tornou a endireitar. Um instante de alívio e logo de seguida outra explosão de luz verde. A coruja piou e caiu no chão da gaiola.

— Não... NÃO!

A mota precipitou-se para a frente; Harry vislumbrou Devoradores da Morte encapuzados a desviarem-se à medida que Hagrid rompia o seu círculo.

— *Hedwig... Hedwig...*

A coruja, porém, continuava pateticamente imóvel como um brinquedo no chão da gaiola. Harry não conseguia aceitar que uma coisa daquelas estivesse a acontecer e sentia um terrível receio pela vida dos outros. Relanceou por cima do ombro e viu um amontoado de gente em movimento, clarões de luz verde, dois pares montados em vassouras a elevar-se pelos ares à distância, mas não conseguia distinguir de quem se tratava...

— Hagrid, temos de voltar para trás, temos de voltar para trás! — gritou por cima do atoar ensurdecedor do motor, puxando da varinha e empurrando a gaiola de *Hedwig* para o chão, recusando-se a acreditar que ela estava morta. — Hagrid, VOLTA PARA TRÁS!

— O meu dever é levar-te ao teu destino em segurança, Harry! — berrou-lhe Hagrid, e enroloou o punho do acelerador.

— Pára... PÁRA! — gritou-lhe Harry. Contudo, quando olhou para trás,

dois jactos de luz verde rasaram-lhe a orelha esquerda: quatro Devoradores da Morte tinham-se destacado do círculo e vinham em perseguição de ambos, fazendo pontaria às costas largas de Hagrid. Este desviou-se, mas os Devoradores da Morte conseguiram acompanhar a mota; mais maldições passaram disparadas por eles, e Harry viu-se obrigado a baixar-se no *sidecar* para as evitar. Contorcendo o corpo para trás, gritou: — *Atordoar!* — e um raio de luz vermelha projectou-se da sua varinha, abrindo uma brecha entre os quatro Devoradores da Morte que vinham no seu encalço à medida que estes se desviavam para se esquivarem.

— Aguenta, Harry, isto vai chegar pra eles! — bradou Hagrid, e Harry ergueu o olhar mesmo a tempo de o ver carregar com um dedo gordo num botão verde junto ao indicador do nível de gasolina.

Um muro, um sólido muro de tijolo, irrompeu do tubo de escape. De pescoço esticado, Harry viu-o a expandir-se a todo o comprimento em pleno ar. Três Devoradores da Morte desviaram-se e conseguiram evitá-lo, o quarto, porém, não teve tanta sorte: desapareceu de vista e em seguida precipitou-se como uma pedra por detrás do muro, a vassoura desfeita em pedaços. Um dos companheiros foi atrás dele para o salvar, mas tanto eles como o muro nascido do ar foram engolidos pela escuridão, enquanto Hagrid se debruçava sobre o guiador e ganhava velocidade.

Mais Maldições de Morte passaram a voar pela cabeça de Harry vindas das varinhas dos dois Devoradores da Morte restantes; eram destinadas a Hagrid. Harry reagiu com novos Feitiços de Atordoar: raios verdes e vermelhos colidiram pelo ar numa chuva de faíscas multicolores que lhe trouxe à lembrança o fogo-de-artifício e os Muggles lá em baixo, que não fariam a mais pequena ideia do que estava a acontecer...

— Aqui vamos nós, Harry, agarra-te! — berrou-lhe Hagrid, carregando num segundo botão. Desta feita, uma enorme rede irrompeu do tubo de escape da mota, mas os Devoradores da Morte já estavam de prevenção. Não apenas se conseguiram desviar dela como, ainda por cima, o companheiro que abrandara para salvar o amigo inconsciente os conseguira alcançar. Surgiu repentinamente da escuridão, e agora vinham os três novamente em perseguição da mota, disparando maldições para a atingir.

— Isto vai chegar pra eles, Harry, segura-te bem! — gritou-lhe Hagrid, e Harry viu-o a dar uma violenta pancada com a mão no botão roxo ao lado do velocímetro.

Com um inconfundível rugido feroz, fogo de dragão branco e azul incandescente projectou-se do tubo de escape, e a mota saiu disparada como uma bala fazendo um ruído semelhante ao de metal a retorcer-se. Harry viu os Devoradores da Morte desviarem-se e perderem-se de vista para evitarem o rasto mortal das labaredas e, em simultâneo, sentiu o *sidecar* oscilar perigosamente. As junções de metal que o uniam à mota tinham dado de si com a força da aceleração.

— Não tenhas medo, Harry! — gritou-lhe Hagrid, agora completamente

deitado para trás graças ao aumento brusco de velocidade; não havia agora ninguém ao volante e o *sidecar* começava a oscilar perigosamente devido à corrente de ar produzida pela mota.

— Eu controlo a situação, Harry, nã’ tenhas medo! — gritou-lhe Hagrid, retirando o seu chapéu-de-chuva rosa-choque às flores de dentro do casaco.

— Hagrid! Não! Deixa-me ser eu!

— *REPARO!*

Ouviu-se um estrondo ensurdecedor, e o *sidecar* soltou-se definitivamente da mota: Harry continuou a avançar a toda a velocidade, propulsionado pelo impulso do voo da mota, depois começou a perder altura...

Em desespero, apontou a varinha ao *sidecar* e gritou: — *Wingardium Leviosa!*

O *sidecar* projectou-se no ar como se fosse uma rolha, ingovernável, mas pelo menos ainda capaz de voar: o seu alívio, porém, não durou mais que uma fracção de segundo, pois não tardou a que novas maldições passassem a rasar por ele: os três Devoradores da Morte aproximavam-se.

— Já vou, Harry! — gritou-lhe Hagrid da escuridão, mas Harry sentia o *sidecar* a perder novamente altitude: agachando-se o mais que podia, apontou para o meio dos vultos que o perseguiam e bramou: — *Impedimenta!*

O feitiço atingiu o Devorador da Morte no peito; por uns momentos, o homem ficou numa posição absurda, esparramado em pleno ar como uma águia de asas abertas que tivesse acabado de embater contra uma barreira invisível; um dos companheiros por pouco não colidiu com ele.

Foi então que o *sidecar* se começou a despenhar a sério, e o outro Devorador da Morte lançou uma maldição tão próxima de Harry que este se viu obrigado a baixar-se o mais depressa que podia por detrás do rebordo do carro, batendo com um dente na borda do assento.

— Já vou, Harry, já vou!

Uma mão enorme agarrou a parte de trás do manto de Harry e içou-o do *sidecar*, que mergulhava a pique; Harry puxou a mochila enquanto trepava para o assento da mota e deu por si de costas voltadas para as costas de Hagrid. À medida que se elevavam nos ares, para longe dos dois Devoradores da Morte que ainda os perseguiam, Harry cuspiu sangue da boca, apontou a varinha ao *sidecar* e gritou: — *Confringo!*

Quando o viu explodir, sentiu uma terrível pontada de angústia por *Hedwig* que lhe penetrou até às entranhas; o Devorador da Morte que se encontrava mais próximo dele foi projectado da sua vassoura e desapareceu de vista; o seu companheiro abrandou e desapareceu.

— Lamento, Harry, lamento sinceramente — lastimou-se Hagrid. — Eu nã’ me devia ter posto a arranjá-la sozinho... Nã’ temos espaço...

— Não tem importância, continua a voar! — gritou-lhe Harry em resposta, enquanto mais dois Devoradores da Morte surgiam da escuridão, cada vez mais próximos de ambos.

Hagrid desviava-se e ziguezagueava à medida que novas maldições eram

disparadas através do espaço que os separava: Harry sabia que Hagrid não se atrevia a carregar outra vez no botão que expelia fogo de dragão visto ele próprio se achar sentado num equilíbrio tão precário. Lançou Feitiços de Atordoar uns atrás dos outros aos seus perseguidores, mantendo-os a custo à distância. Atirou-lhes mais um feitiço para os bloquear: o Devorador da Morte que se encontrava mais perto deu uma guinada para o evitar, mas escorregou-lhe o capuz e, à luz vermelha do Feitiço de Atordoar seguinte, Harry descortinou o rosto estranhamente inexpressivo de Stanley Shunpike... Stan...

— *Expelliarmus!* — bradou Harry.

— É ele, é ele... o verdadeiro é ele!

O grito do Devorador da Morte encapuzado chegou até Harry apesar do ribombar do motor da mota: foi uma questão de um instante até os dois perseguidores desaparecerem de vista.

— Harry, o qu' é qu' aconteceu? — berrou-lhe Hagrid. — Pra onde é qu' eles foram?

— Sei lá!

Mas Harry estava com medo: o Devorador da Morte encapuzado gritara: «o verdadeiro é ele»; como teria ele descoberto? Contemplou a escuridão aparentemente vazia que o rodeava e sentiu a ameaça. Onde estariam eles?

Agarrou-se bem ao assento para se voltar para a frente e segurou-se à parte de trás do casaco de Hagrid.

— Hagrid, lança o fogo do dragão outra vez, vamos fugir daqui!

— 'Tão segura-te bem, Harry!

O estrépito agudo e ensurdecedor fez-se ouvir uma vez mais e o fogo branco-azulado foi expelido repentinamente do tubo de escape: Harry deu por ele a escorregar para trás no assento, onde já de si mal cabia, e Hagrid foi projectado para trás por cima dele, por pouco não se vendo obrigado a soltar o guiador.

— Acho qu' os deixámos pra trás, Harry, acho que conseguimos! — gritou-lhe Hagrid.

Harry, no entanto, não estava convencido: sentia o medo a envolvê-lo à medida que olhava para a esquerda e para a direita à procura de perseguidores, certo de que apareceriam a todo o momento... Por que teriam eles retrocedido? Um deles ainda empunhava uma varinha... *É ele, o verdadeiro é ele...* eles tinham dito aquilo logo a seguir a ele ter tentado Desarmar o Stan...

— 'Tamos quase a chegar, Harry, já falta pouco! — gritou-lhe Hagrid.

Harry sentiu a mota a descair ligeiramente, embora as luzes lá em baixo ainda lhe parecessem tão distantes como as estrelas.

Nesse momento, sentiu a cicatriz da testa arder-lhe como fogo; viu aparecer um Devorador da Morte de cada lado da mota, e por pouco não foi atingido por duas Maldições de Morte, lançadas de trás...

Foi então que Harry o viu. Voldemort voava como fumo ao vento, sem a ajuda de vassoura nem de Thestral, o seu rosto a fazer lembrar o de uma serpente a reluzir na escuridão, os seus dedos lívidos a empunharem

novamente a varinha...

Hagrid soltou um bramido de medo e lançou a mota num mergulho a pique. Agarrando-se à vida com quanta força tinha, Harry lançava Feitiços de Atordoar ao acaso para a noite que rodopiava à sua volta. Avistou um corpo que passou a rodopiar por ele e percebeu que atingira um deles, mas logo ouviu um estrondo e viu o motor a soltar faíscas: a mota precipitou-se em espiral pelo ar, completamente desgovernada...

Jactos de luz verde tornaram a rasar por eles a toda a velocidade. Harry não fazia ideia se estava virado para cima ou para baixo: ainda sentia a cicatriz a arder; contava deparar-se com a morte a todo o instante. Reparou num vulto encapuzado montado numa vassoura a curta distância, viu-o erguer o braço...

— NÃO!

Com um grito de fúria, Hagrid lançou-se da mota para cima do Devorador da Morte; para seu horror, Harry viu tanto Hagrid como o Devorador da Morte caírem até desaparecerem de vista, a vassoura incapaz de sustentar o peso de ambos.

Mal indo a tempo de apertar a mota que mergulhava no vazio entre os joelhos, Harry ouviu Voldemort bradar: — *É meu!*

Estava tudo perdido: não conseguia ver nem ouvir onde Voldemort se encontrava; vislumbrou outro Devorador da Morte a precipitar-se repentinamente e ouviu: — *Avada...*

Com a dor da cicatriz tão forte que o obrigou a fechar os olhos, a sua varinha agiu por sua própria iniciativa. Sentiu-a obrigar a sua mão a virar-se para trás como se fosse um grande íman, vislumbrou um jorro de fogo dourado por entre as pálpebras semicerradas, ouviu um estalido e um grito de fúria. O Devorador da Morte que restava soltou um berro; Voldemort bradou: «*Não!*» Sem saber como, Harry deu pelo seu nariz mesmo à frente do botão do fogo de dragão: carregou nele com a mão que tinha livre e a mota lançou mais labaredas pelo ar, despenhando-se direita ao solo.

— Hagrid! — gritou Harry, agarrando-se à mota como se a sua vida dependesse disso. — Hagrid... *accio Hagrid!*

A mota ganhou ainda mais velocidade, sugada na direcção do solo. Com a cara ao mesmo nível do guiador, Harry via apenas as luzes distantes a aproximarem-se cada vez mais: ia estatelar-se no chão e não havia nada que pudesse fazer para o evitar. Vindo de trás, chegou-lhe novo grito...

— *A tua varinha, Selwyn, dá-me a tua varinha!*

Sentiu Voldemort antes de o ver. Olhou para o lado, fitou os seus olhos vermelhos e teve a certeza de que seriam a última coisa que veria: Voldemort a preparar-se para o amaldiçoar uma vez mais...

E foi então que Voldemort desapareceu. Harry baixou os olhos e avistou Hagrid esparramado no solo: segurou-se com quanta força tinha ao guiador para evitar atingi-lo, tacteou à procura do travão; porém, com um choque de ensurdecer e fazer estremecer a terra, acabou por se despenhar num pequeno lago lamacento.

V

A QUEDA DO GUERREIRO

— Hagrid?

Harry levantou-se a custo dos destroços de metal e couro à sua volta; enquanto tentava pôr-se de pé, ficou com as mãos enfiadas até ao pulso em água lamacenta. Não era capaz de perceber como Voldemort desaparecera e contava a todo o momento vê-lo surgir repentinamente da escuridão. Sentiu algo quente e húmido escorrer-lhe da testa e pingar-lhe para o queixo. Rastejou para fora do lago e foi a cambalear até Hagrid, um enorme vulto escuro estendido no chão.

— Hagrid? Hagrid, fala comigo.

O vulto escuro, porém, não se mexeu.

— Quem está aí? É o Potter? És o Harry Potter?

Harry não reconheceu a voz masculina. Então, uma mulher gritou: — Eles despenharam-se, Ted! Despenharam-se no nosso jardim!

Harry sentia a cabeça atordoada.

— Hagrid — repetiu ele em vão, sentindo os joelhos a cederem.

Quando deu por si, estava deitado de costas em cima do que lhe pareciam ser almofadas, com uma sensação de ardor nas costelas e no braço direito. O dente que caíra tornara a crescer e a cicatriz da testa continuava a latejar.

— O Hagrid?

Abriu os olhos e viu que se achava estendido num sofá, numa sala de estar desconhecida, iluminada por um candeeiro. A sua mochila estava pousada no chão a uma curta distância, molhada e lamacenta. Um indivíduo de cabelo claro e uma grande barriga olhava para Harry com ar ansioso.

— O Hagrid está bem, meu filho — tranquilizou-o o homem —, a minha mulher está neste momento a tratar dele. Como te sentes? Tens mais alguma coisa partida? Eu consertei-te as costelas, o dente e o braço. A propósito, chamo-me Ted, Ted Tonks... Sou o pai da Dora.

Harry apressou-se a sentar-se: viu luzes irromperem à frente dos olhos e sentiu-se tonto e enjoado.

— O Voldemort...

— Tem calma, vá — sossegou-o Ted Tonks, pousando uma mão em cima do ombro de Harry e aconchegando-o contra as almofadas. — Acabaste de ter um grave acidente. O que é que aconteceu, afinal? A mota teve algum problema? O Arthur Weasley tornou a esticar-se demasiado, ele e as suas geringonças dos Muggles?

— Não — respondeu-lhe Harry, com a cicatriz a latejar como uma ferida aberta. — Foram os Devoradores da Morte, montes deles... lançaram-se no nosso encalço...

— Os Devoradores da Morte? — retorquiu Ted em tom abrupto. — O que queres tu dizer com isso? Eu pensei que eles não soubessem que tu ias ser transferido esta noite...

— Mas sabiam — disse Harry.

Ted Tonks ergueu os olhos para o tecto como se através dele pudesse ver o céu.

— Bom, pelo menos ficámos a saber que os nossos feitiços protectores funcionam, não é verdade? Em princípio, serão obrigados a manter-se a pelo menos cem metros de distância a todo o redor desta casa.

Harry percebia agora por que motivo Voldemort desaparecera: fora no ponto em que a mota atravessara a barreira dos feitiços lançados pela Ordem. Só esperava que continuassem a funcionar; imaginava Voldemort nesse momento cem metros acima das suas cabeças, à procura de um modo de penetrar no que Harry visualizava como uma enorme bolha transparente.

Atirou as pernas para fora do sofá; precisava de ver Hagrid com os seus próprios olhos para poder acreditar que estava vivo. Todavia, mal acabara de se levantar quando uma porta se abriu e Hagrid se espremeu para passar por ela, a cara toda mascarrada de lama e de sangue, coxeando ao de leve, mas milagrosamente vivo.

— Harry!

Deitando ao chão duas mesas delicadas e uma aspidistra, Hagrid percorreu a distância que os separava em duas passadas e puxou Harry para lhe dar um abraço tão apertado que por pouco não lhe partiu as costelas recém-consertadas. — Caramba, Harry, com' é que te safaste daquela? Pensei que fôssemos os dois bater a bota.

— Pois, também eu. Mal posso acreditar...

Harry interrompeu-se: acabara de reparar na mulher que entrara no quarto atrás de Hagrid.

— Você! — gritou-lhe e enfiou de seguida a mão no bolso, mas encontrou-o vazio.

— Tenho aqui a tua varinha, meu filho — disse-lhe Ted, dando pancadinhas com ela no braço de Harry. — Estava caída mesmo ao teu lado e eu apanhei-a. E a senhora com quem gritaste é a minha mulher.

— Oh, des... desculpe.

À medida que avançava pela sala, a semelhança de Mrs. Tonks com a irmã Bellatrix ia-se tornando muito menos pronunciada: o cabelo era de uma

tonalidade de castanho-claro suave e tinha uns olhos maiores e mais bondosos. Não obstante, mostrou-se um tanto ou quanto altiva perante a exclamação de Harry.

— O que é que aconteceu à nossa filha? — interrogou-o ela. — O Hagrid contou-me que caíram numa cilada; onde é que está a Nymphadora?

— Não faço ideia — disse Harry. — Não sabemos o que terá sucedido a nenhum dos outros.

Os olhares de Ted e da mulher cruzaram-se. Ao ver as expressões de ambos, Harry foi tomado por um misto de apreensão e culpa; se algum dos outros tivesse morrido, a culpa seria sua, única e exclusivamente sua. Fora ele quem acedera em levar o plano por diante, quem lhes dera uma madeixa do seu cabelo...

— O Botão de Transporte — disse ele, lembrando-se subitamente. — Temos de voltar para A Toca e descobrir... Nessa altura, já vos poderemos dar notícias, ou a... a Tonks, mal tenha...

— A Dora está bem com certeza, Dromeda — tranquilizou-a Ted. — Ela sabe o que faz, já se viu metida em muitos apertos com os Aurors. O Botão de Transporte é por aqui — acrescentou ele para Harry. — Se quiseres aproveitar a boleia, tem partida prevista para daqui a três minutos.

— Sim, quero — confirmou Harry. Pegou na mochila e atirou-a por cima do ombro. — Eu...

Deitou um olhar a Mrs. Tonks, com vontade de lhe pedir desculpas pelo medo que lhe causara e pelo qual se sentia terrivelmente responsável, mas não lhe ocorreu nada que dizer que não lhe soasse a oco e a falso.

— Eu digo à Tonks... à Dora... para vos mandar notícias, quando ela... Obrigado por nos porem novinhos em folha, obrigado por tudo. Eu...

Foi para ele um alívio abandonar a sala e seguir Ted Tonks através de um pequeno corredor que conduzia a um quarto de dormir. Hagrid seguiu-os, baixando-se para evitar dar uma cabeçada no lintel da porta.

— Vai lá então, meu filho. Tens ali o Botão de Transporte.

Mr. Tonks estava a apontar para uma pequena escova de cabelo de cabo prateado pousada em cima do toucador.

— Obrigado — disse-lhe Harry, estendendo um dedo para ela, a postos para partir.

— Espera um instante — interrompeu-o Hagrid, olhando em seu redor. — Harry, onde é que ‘tá a *Hedwig*?

— Ela... ela foi atingida — explicou-lhe Harry.

A constatação atingiu-o violentamente: sentiu as lágrimas arderem-lhe nos olhos e teve vergonha de si próprio. A coruja fora a sua companheira, o seu principal elo de ligação ao mundo da magia sempre que se vira obrigado a voltar para casa dos Dursley.

Hagrid estendeu-lhe uma grande manácula e, com pesar, deu-lhe palmadinhas no ombro.

— Deixa lá — disse ele desajeitadamente. — Deixa lá. Ela teve ‘ma vida

longa e cheia...

— Hagrid! — chamou-o Ted Tonks a avisá-lo, quando a escova de cabelo emitiu um halo de luz azul brilhante, e Hagrid por pouco não foi a tempo de lhe carregar com o indicador.

Sentindo uma guinada abaixo do umbigo como se um anzol e uma linha de pesca invisíveis o tivessem arrastado para a frente, Harry foi puxado para o vazio, rodopiando incontrolavelmente, com o dedo colado ao Botão de Transporte, enquanto ele e Hagrid se afastavam aos solavancos de Mr. Tonks; instantes decorridos, os pés de Harry embatiam violentamente no chão duro e ele caía apoiado nas mãos e nos joelhos no pátio d' A Toca. Ouviu gritos. Descartando-se da escova de cabelo que entretanto deixara de emitir luz, Harry pôs-se de pé, desequilibrando-se ligeiramente, e viu Mrs. Weasley e Ginny a correr pelos degraus da porta das traseiras abaixo, enquanto Hagrid, que também caía ao aterrar, se levantava a grande custo.

— Harry? És tu o verdadeiro Harry? O que foi que sucedeu? Onde é que estão os outros? — gritou-lhe Mrs. Weasley.

— Os outros como? Ainda não chegou ninguém? — indagou Harry, ofegante.

A resposta apresentava-se claramente gravada na expressão pálida de Mrs. Weasley.

— Os Devoradores da Morte estavam à nossa espera — explicou-lhe Harry. — Mal descolámos, demos por nós cercados por todos os lados... Eles sabiam que era esta noite... Não faço a mínima ideia do que aconteceu aos outros. Vieram quatro em nossa perseguição, foi a única maneira que tivemos de conseguir fugir, e depois fomos apanhados pelo Voldemort.

Ouvia claramente o tom de justificação na sua própria voz, a súplica para que ela compreendesse o motivo por que ele não sabia o que sucedera aos filhos, mas...

— Ainda bem que não te aconteceu nada de grave — declarou ela, dando-lhe um abraço que ele achava que não merecia.

— Por acaso não terás um conhaquezito, Molly? — perguntou-lhe Hagrid com a voz levemente trémula. — Pra fins medicinais?

Mrs. Weasley poderia tê-lo invocado por artes mágicas, todavia, ao vê-la tornar a entrar apressadamente na casa tortuosa, Harry percebeu que não queria que lhe vissem o rosto. Voltou-se para Ginny e esta de imediato satisfez a sua súplica silenciosa para que o informassem do que se passava.

— O Ron e a Tonks deveriam ter sido os primeiros a chegar, mas perderam o Botão de Transporte, que regressou sem eles — explicou-lhe ela, apontando para uma lata de óleo ferrujenta que se encontrava no chão ali perto. — E aquele ali — indicou um ténis velho — deveria ter trazido o meu pai e o Fred, que eram esperados logo a seguir. Tu e o Hagrid eram os terceiros e — consultou o relógio —, se o conseguiram apanhar, o George e o Lupin devem estar de volta dentro de cerca dum minuto.

Mrs. Weasley regressou com uma garrafa de conhaque, que estendeu a

Hagrid. Este tirou-lhe a rolha e bebeu directamente do gargalo.

— Mãe! — gritou Ginny, indicando um ponto a curta distância.

Uma luz azul surgiu na escuridão; foi-se tornado cada vez maior, e Lupin e George apareceram, rodopiando e depois caindo. Harry percebeu de imediato que algo corraera mal: Lupin vinha a segurar George, que estava inconsciente e tinha o rosto coberto de sangue.

Harry precipitou-se na direcção de ambos e pegou em George pelas pernas. Juntos, ele e Lupin levaram-no para dentro de casa, passando pela cozinha até à sala de estar, onde o instalaram no sofá. Quando a luz do candeeiro incidiu na cabeça de George, Ginny soltou um grito abafado e o estômago de Harry deu uma guinada: faltava-lhe uma das orelhas. A parte lateral da cabeça e do pescoço estava ensopada em sangue húmido de um escarlate medonho.

Logo que Mrs. Weasley se debruçou sobre o filho, Lupin agarrou em Harry por um braço e levou-o dali para fora, sem grande delicadeza, de volta à cozinha, onde Hagrid ainda tentava passar o seu corpo avantajado através da porta das traseiras.

— Eh! — gritou-lhe Hagrid, indignado. — Larga o Harry! Deixa-o em paz!

Lupin ignorou-o.

— Que criatura é que estava sentada a um canto da primeira vez que o Harry Potter visitou o meu gabinete em Hogwarts? — interrogou-o dando-lhe uma leve sacudidela. — Responde-me!

— U-um Grindylow dentro de um tanque, não era?

Lupin soltou Harry e encostou-se contra a porta de um armário da cozinha.

— Mas qu' é qu' isso é praqui chamado? — vociferou Hagrid.

— Desculpa, Harry, mas eu tinha de verificar — explicou-lhe Lupin com brusquidão. — Fomos traídos. O Voldemort sabia que ias ser transferido esta noite e as únicas pessoas que o poderiam ter informado tinham de estar directamente envolvidas no plano. Podias ser um impostor.

— Antão e por qu' é qu' a mim nã' me interrogas? — ofegou Hagrid, ainda a debater-se para caber na porta.

— Tu és um meio-gigante — esclareceu Lupin, olhando para ele. — A Poção Polissuco só pode ser usada em humanos.

— Ninguém da Ordem iria informar o Voldemort que íamos partir esta noite — afirmou Harry; a ideia causava-lhe arrepios, não acreditava que algum deles fosse capaz duma coisa daquelas. — O Voldemort já só me apanhou mais para o final, a princípio não sabia qual deles era eu. Se ele tivesse estado por dentro do plano, teria sabido desde logo que eu era o que ia com o Hagrid.

— O Voldemort apanhou-te? — perguntou-lhe Lupin abruptamente. — E o que é que aconteceu? Como é que lhe conseguiste escapar?

Harry explicou-lhe sucintamente como os Devoradores da Morte que tinham vindo no seu encalço tinham dado mostras de reconhecer nele o verdadeiro Harry, como tinham abandonado a perseguição, como tinham invocado Voldemort, que aparecera instantes antes de ele e Hagrid chegarem

ao refúgio da casa dos pais de Tonks.

— Eles reconheceram-te? Mas como? O que é que tu fizeste?

— Eu... — Harry fez um esforço por se recordar, mas toda a viagem lhe parecia uma névoa de pânico e confusão. — Eu vi o Stan Shunpike... Sabe, o fulano que era motorista do Autocarro Cavaleiro? Quando eu tentei Desarmá-lo ao invés de o... bom, ele não sabe o que faz, pois não? Tem de estar sujeito à Maldição Imperius!

Lupin ficou horrorizado.

— Harry, o tempo de Desarmar já lá vai! Esta gente anda a tentar capturar-te para te matar! Pelo menos Atordoa se não te sentes preparado para matar!

— Mas nós estávamos a centenas de metros de altitude! O Stan não está em si próprio, e se eu o tivesse Atordoadado e ele tivesse caído, teria morrido; seria o mesmo que usar a *Avada Kedrava*! Há dois anos o *Expelliarmus* salvou-me do Voldemort — acrescentou Harry em tom de desafio. Lupin fazia-lhe lembrar o sarcástico Hufflepuff Zacharias Smith, que troçara de Harry por este querer ensinar o Exército de Dumbledore a Desarmar.

— É verdade, Harry — afirmou Lupin, contendo-se a custo —, e muitos Devoradores da Morte assistiram ao que se passou! Vais desculpar-me, mas, estando tu naquela altura sob ameaça de morte iminente, tratou-se de uma decisão muito estranha da tua parte. Repeti-la esta noite diante de Devoradores da Morte que ou presenciaram, ou ouviram falar da ocasião anterior, foi praticamente um suicídio!

— Então acha que eu devia ter matado o Stan Shunpike? — retorquiu Harry, agastado.

— Está claro que não — disse Lupin —, mas os Devoradores da Morte... francamente, a maior parte das pessoas... esperariam que tu atacasses a matar! O *Expelliarmus* é um feitiço útil, Harry, mas os Devoradores da Morte parecem ser da opinião que é o teu gesto de marca, e tenho de insistir para que não permitas que isso aconteça!

Lupin estava a fazer Harry sentir-se um idiota, mas, apesar de tudo, ainda havia uma réstia de desafio no seu íntimo.

— Eu não faço explodir as pessoas que se atravessam no meu caminho só porque me apetece — ripostou ele. — Isso é para o Voldemort.

A resposta de Lupin perdeu-se: depois de conseguir finalmente espremer-se pela porta, Hagrid foi a cambalear até a uma cadeira e sentou-se; a cadeira desabou debaixo dele. Ignorando a sua mistura de imprecações e desculpas, Harry dirigiu-se uma vez mais a Lupin:

— O George vai ficar bom?

Toda a frustração de Lupin para com Harry pareceu desvanecer-se perante aquela pergunta.

— Creio que sim, embora não haja qualquer possibilidade de lhe substituir a orelha, uma vez que foi amaldiçoada...

Chegou-lhes um tumulto vindo do exterior. Lupin precipitou-se para a porta das traseiras; Harry saltou por cima das pernas de Hagrid e correu disparado

para o pátio.

Deparam-se com dois vultos e, à medida que Harry corria na sua direcção, apercebeu-se de que se tratava de Hermione, que agora regressava à sua aparência normal, e Kingsley, ambos agarrados a um cabide retorcido. Hermione lançou-se para os braços de Harry; Kingsley, porém, não revelou qualquer satisfação ao vê-los. Por cima do ombro de Hermione, Harry viu-o a levantar a varinha e a apontá-la ao peito de Lupin.

— As derradeiras palavras que o Dumbledore nos dirigiu?

— *O Harry é a nossa melhor esperança. Confiem nele.*

Kingsley dirigiu a varinha a Harry, contudo, Lupin disse-lhe:

— É ele, já verifiquei!

— Pronto, pronto! — disse Kingsley, tornando a guardar a varinha dentro do manto. — Mas alguém nos traiu! Eles sabiam, eles sabiam que era esta noite!

— Tudo indica que sim — assentiu Lupin —, no entanto, dá ideia de que não sabiam que lhes iriam aparecer sete Harrys.

— Que grande consolo! — ripostou Kingsley. — Quem é que já voltou?

— Só o Harry, o Hagrid, o George e eu.

Hermione abafou um gemido com a palma da mão.

— O que é que vos aconteceu? — perguntou Lupin a Kingsley.

— Fomos perseguidos por cinco, ferimos dois, talvez tenhamos matado um — desbobinou Kingsley —, e também vimos o Quem-Nós-Sabemos, que se juntou à perseguição quando esta ia a meio, mas que não tardou a desaparecer. Remus, ele sabe...

— Voar — completou Harry. — Eu também o vi, ele veio atrás de mim e do Hagrid.

— Então foi por isso que ele nos deixou em paz... para ir no teu encalço! — concluiu Kingsley. — Eu não estava a perceber a razão de ele ter desaparecido. Mas então o que é que o terá levado a mudar de alvo?

— O Harry decidiu revelar um certo excesso de amabilidade para com o Stan Shunpike — comentou Lupin.

— O Stan? — ecoou Hermione. — Mas eu pensei que ele estivesse em Azkaban.

Kingsley soltou uma gargalhada desconsolada.

— Hermione, é óbvio que ocorreu uma evasão em massa que foi abafada pelo Ministério. O capuz do Travers caiu quando eu o amaldiçoei, e ele também deveria estar preso. Mas o que é que te aconteceu, Remus? Onde está o George?

— Ficou sem uma orelha — informou Lupin.

— Ficou sem uma...? — reiterou Hermione em voz alta.

— Obra do Snape — acrescentou Lupin.

— *Do Snape?* — ecoou Harry. — Mas não disse...

— Ele perdeu o capuz durante a perseguição. O *Sectumsempra* foi desde sempre a especialidade do Snape. Quem me dera poder dizer que lhe paguei

na mesma moeda, mas o George começou a perder tanto sangue quando foi ferido que eu não pude fazer mais nada com medo de que ele caísse da vassoura.

O silêncio instalou-se entre os quatro, enquanto erguiam os olhos para contemplar o céu. Não havia sinais de movimento; as estrelas devolveram-lhes um olhar impávido e sereno, sem que nenhum dos amigos as obscurecesse à sua passagem. Onde estava Ron? Onde estavam Fred e Mr. Weasley? Onde estavam Bill, Fleur, Tonks, Olho-Louco e Mundungus?

— Harry, dá-me aqui uma ajuda! — chamou-o Hagrid em voz rouca da porta, na qual se achava novamente entalado. Satisfeito por ter alguma coisa que fazer, Harry correu a desentalá-lo; em seguida atravessou a cozinha vazia e voltou à sala de estar, onde Mrs. Weasley e Ginny ainda estavam ocupadas a tratar de George. Mrs. Weasley conseguira estancar a hemorragia e, à luz do candeeiro, Harry viu um buraco limpo onde em tempos estivera a orelha de George.

— Como é que ele está?

Mrs. Weasley virou a cabeça e disse: — Não posso fazer com que cresça novamente, porque foi arrancada por meio de Magia Negra. Mas podia ter sido muito pior... Pelo menos, está vivo.

— Pois — concordou Harry. — Felizmente.

— Será que ouvi qualquer coisa no pátio? — indagou Ginny.

— A Hermione e o Kingsley — respondeu-lhe Harry.

— Que bom! — sussurrou Ginny. Os olhares de ambos cruzaram-se; Harry sentia vontade de a abraçar, de se apoiar nela; nem se importava por aí além que Mrs. Weasley estivesse presente; contudo, antes de ter tempo de seguir o seu impulso, ouviu-se um enorme estrondo vindo da cozinha.

— Eu provo-te quem sou, Kingsley, depois de ter visto o meu filho. Agora desanda ou vais ver como elas te mordem!

Harry nunca ouvira Mr. Weasley gritar daquela maneira. Entrou de rompante na sala de estar, a careca a reluzir da transpiração, os óculos de banda, Fred mesmo atrás dele, ambos pálidos mas ilesos.

— Arthur! — soluçou Mrs. Weasley. — Oh, mas que grande alívio!

— Como é que ele está?

Mr. Weasley caiu de joelhos ao lado de George. Pela primeira vez desde que Harry o conhecia, Fred parecia estar sem palavras. Foi postar-se atrás do sofá, a olhar embasbacado para a ferida do irmão gémeo como se não acreditasse no que os seus olhos viam.

Talvez desperto pelo som da chegada de Fred e do pai, George agitou-se.

— Como é que te sentes, Georgie? — sussurrou-lhe Mrs. Weasley.

Os dedos de George começaram a tactear o lado da cabeça.

— Como um santo — murmurou ele em resposta.

— O que é que se passa com ele? — resmungou Fred com um ar aterrorizado. — O cérebro também ficou afectado?

— Como um santo — repetiu George, abrindo os olhos e olhando para o

irmão. — Sabes... sou divino. Estás a ver o meu buraco, Fred?!

Mrs. Wealsey soluçou mais que nunca e o rubor inundou o rosto pálido de Fred.

— Que ridículo — recriminou ele o irmão. — Mas que ridículo! Com todo um mundo de piadas relativas a orelhas, tu vais logo escolher «buraco»?

— Ah, bom — disse George, arreganhando os dentes à mãe, desfeita em lágrimas. — Agora, pelo menos, já vai ser capaz de nos distinguir, mãe.

Olhou em seu redor.

— Olá, Harry... És o Harry, não és?

— Sim, sou — assentiu o próprio, aproximando-se mais do sofá.

— Bom, ao menos conseguimos trazer-te são e salvo — afirmou George.

— Por que é que o Ron e o Bill não estão de volta de mim no meu leito de enfermo?

— Porque ainda não regressaram, George — explicou-lhe Mrs. Weasley. O sorriso arreganhado de George desvaneceu-se. Harry deitou uma olhadela a Ginny e fez-lhe sinal para que o acompanhasse lá fora. Quando iam a passar pela cozinha, Ginny comentou com ele em voz baixa: — A esta hora, o Ron e a Tonks já cá deviam estar. Não tinham um longo caminho pela frente; a casa da tia Muriel não fica tão longe quanto isso.

Harry ficou-se em silêncio. Desde que chegara à Toca que se esforçara por controlar o medo, agora, porém, sentia-o a envolvê-lo, a rastejar-lhe pela pele acima, a palpar-lhe no peito, a sufocar-lhe a garganta. Enquanto desciam os degraus das traseiras até ao pátio escuro, Ginny deu-lhe a mão.

Kingsley andava para trás e para diante em passos largos, deitando uma olhadela ao céu de cada vez que se virava. À memória de Harry veio a imagem do tio Vernon a passarinho pela sala de estar, havia um milhão de anos. Hagrid, Hermione e Lupin encontravam-se lado a lado, a contemplar o céu em silêncio. Nenhum deles se voltou quando Harry e Ginny se juntaram à sua vigília silenciosa.

Os minutos prolongaram-se até ao que lhes pareceu anos. O mais leve sopro de vento era suficiente para os sobressaltar e fazê-los virarem-se para o arbusto ou árvore sussurrante na esperança de que um dos membros da Ordem desaparecidos pudesse saltar são e salvo de entre as folhas...

E foi então que uma vassoura se materializou mesmo por cima das suas cabeças e desceu como um raio em direcção ao solo...

— São eles! — gritou Hermione.

Tonks aterrou numa longa derrapagem que atirou terra e pedras para todos os lados.

— Remus! — bradou Tonks, enquanto desmontava da vassoura e corria para os braços de Lupin. A expressão dele estava rígida e lívida: parecia incapaz de falar. Estonteado, Ron foi a tropeçar até junto de Harry e Hermione.

— Vocês estão bem — balbuciou ele, antes de Hermione se lançar a ele e lhe dar um abraço apertado.

— Pensei... pensei...

— ‘Tou bem — sossegou-a Ron, dando-lhe palmadinhas ao de leve nas costas. — ‘Tou ótimo.

— O Ron foi impecável — anunciou Tonks calorosamente, largando Lupin. — Verdadeiramente fantástico. Atordoou um dos Devoradores da Morte, mesmo na cabeça, e quando apontamos a um alvo em movimento montados numa vassoura a voar...

— A sério? — disse Hermione, contemplando Ron ainda com os braços em volta do seu pescoço.

— Sempre o mesmo tom de surpresa — retorquiu ele num tom amuado e soltando-se do abraço dela. — Fomos os últimos a chegar?

— Não — respondeu-lhe Ginny —, continuamos à espera do Bill e da Fleur, e do Olho-Louco e do Mundungus. Vou avisar a mãe e o pai de que estás bem, Ron.

Correu para dentro de casa.

— Então, por que é que se atrasaram? O que é que aconteceu? — Lupin parecia quase zangado com Tonks.

— A Bellatrix — esclareceu esta. — Ela quer deitar-me a mão quase tanto como ao Harry, Remus, fez tudo ao seu alcance para me matar. Quem me dera tê-la apanhado, estou a dever-lhe uma. Mas do que não há dúvida é que ferimos o Rodolphus... depois chegámos à casa da tia do Ron, a Muriel, e perdemos o nosso Botão de Transporte, e ela não parava de nos apapricar...

Via-se um músculo a palpar no maxilar de Lupin. Este assentiu com a cabeça, mas parecia incapaz de adiantar fosse o que fosse.

— Então e o que é que se passou convosco? — perguntou-lhes Tonks, virando a sua atenção para Harry, Hermione e Kingsley.

Estes contaram-lhe as peripécias das respectivas viagens, contudo, durante todo esse tempo, a ausência prolongada de Bill, Fleur, Olho-Louco e Mundungus parecia pairar sobre eles como uma camada de gelo, o seu frio cortante cada vez mais difícil de ignorar.

— Tenho de voltar para Downing Street. Já há uma hora que devia lá estar — disse Kingsley por fim, depois de varrer o céu com o olhar uma última vez. — Quando eles chegarem, avisem-me.

Lupin anuiu com a cabeça. Com um aceno de despedida aos outros, Kingsley afastou-se através da penumbra até ao portão. Harry teve a impressão de ouvir um leve estalo no momento em que Kingsley Desapareceu além dos limites d’ A Toca.

Mrs. e Mrs. Weasley desceram numa correria os degraus das traseiras, com Ginny logo atrás. Ambos se abraçaram a Ron antes de se virarem para Lupin e Tonks.

— Obrigada — disse Mrs. Weasley —, pelos nossos filhos.

— Não sejas tola, Molly — apressou-se Tonks a responder.

— Como é que está o George? — quis saber Lupin.

— O que é que se passa com ele? — interrompeu Ron de imediato.

— Ficou sem...

Todavia, o final da frase de Mrs. Wealsey foi abafado por um grito em uníssonos: um Thestral acabara de aparecer e aterrar a meia dúzia de metros deles. Bill e Fleur deslizaram do seu dorso, varridos pelo vento, mas incólumes.

— Bill! Mas que alívio, que alívio...

Mrs. Weasley correu na direcção dele, contudo o abraço que Bill lhe deu foi quase mecânico. Olhando directamente para o pai, anunciou: — O Olho-Louco morreu.

Ninguém disse palavra, ninguém se mexeu. Harry teve a sensação de que havia qualquer coisa dentro dele a cair, a cair para o âmago da terra, abandonando-o para sempre.

— Nós assistimos a tudo — explicou Bill; Fleur assentiu com a cabeça, os sulcos das lágrimas a brilharem-lhe nas faces à luz que chegava até eles da janela da cozinha. — Aconteceu logo a seguir a termos conseguido romper o círculo: o Olho-Louco e o Dung estavam perto de nós, seguiam também para norte. O Voldemort (ele é capaz de voar) foi direitinho a eles. O Dung entrou em pânico, eu bem o ouvi gritar, o Olho-Louco tentou calá-lo, mas ele Desapareceu. A maldição do Voldemort atingiu o Moody em cheio na cara, ele tombou para trás e caiu da vassoura e... Não havia nada que nós pudéssemos fazer, nada, já tínhamos meia dúzia deles na nossa peugada.

A voz de Bill fraquejou.

— Está claro que não podiam ter feito nada — tranquilizou-o Lupin.

Ficaram todos a olhar uns para os outros. Harry estava perplexo. O Olho-Louco morto; não podia ser... O Olho-Louco, tão duro, tão corajoso, o sobrevivente rematado...

Por fim, todos pareceram chegar à conclusão, embora ninguém o tenha dito explicitamente, de que não valia a pena continuarem à espera no pátio e, em silêncio, seguiram Mr. e Mrs. Weasley de volta à Toca, e para a sala de estar, onde foram dar com Fred e George numa grande risota.

— O que é que foi? — inquiriu Fred ao ver as suas caras de caso ao entrarem. — O que é que aconteceu? Quem...?

— O Olho-Louco — respondeu-lhe Mr. Weasley. — Morreu.

Os sorrisos arreganhados dos gémeos transformaram-se em esgares de choque. Toda a gente parecia desorientada. Tonks chorava baixinho agarrada a um lenço: Harry bem sabia que fora muito chegada a Olho-Louco, era a sua predilecta e protegida no Ministério da Magia. Hagrid, que se instalara a um canto no chão, onde tinha mais espaço, estava a secar os olhos a um lenço do tamanho duma toalha de mesa.

Bill dirigiu-se ao aparador e tirou de lá uma garrafa de Uísque de Fogo e uma dúzia de copos.

— Aqui está — disse ele e, com um aceno da varinha, fez doze copos cheios voarem pela sala até cada um deles, erguendo o décimo terceiro ao alto. — Ao Olho-Louco.

— Ao Olho-Louco — repetiram todos, bebendo de seguida.

— Ao Olho-Louco — ecoou Hagrid, um pouco atrasado, com um soluço.

Harry sentiu o Uísque de Fogo queimar-lhe a garganta: parecia que o calor lhe devolvia a capacidade de sentir, desfazendo a sensação de entorpecimento e de alheamento da realidade, gerando nele uma espécie de coragem.

— Então e o Mundungus levou sumiço? — indagou Lupin, que emborcara o seu uísque dum só gole.

A atmosfera sofreu uma alteração imediata: a tensão instalou-se em todos eles, de olhares cravados em Lupin, por um lado desejosos de que ele continuasse, pareceu a Harry, por outro, receosos do que pudessem ouvir.

— Sei o que estão a pensar — disse Bill —, e eu próprio já me fiz essa pergunta, quando vinha a caminho daqui, porque parecia que eles estavam à nossa espera, não foi? Mas o Mundungus não nos pode ter traído. Eles não sabiam que iria haver sete Harrys, porque ficaram confundidos quando se depararam connosco, e, para o caso de se terem esquecido, a sugestão desse pequeno truque partiu do Mundungus. Por que razão lhes iria ele omitir o aspecto fulcral? Eu acho que o Dung entrou em pânico, é tão simples quanto isso. Logo para começar, ele não queria ir, mas o Olho-Louco obrigou-o, e o Quem-Nós-Sabemos lançou-se logo na peugada deles: qualquer pessoa entraria em pânico.

— O Quem-Nós-Sabemos fez exactamente aquilo que o Olho-Louco esperava que fizesse — constatou Tonks com uma fungadela. — O Olho-Louco disse que ele estaria a contar com que o Harry fosse acompanhado pelo Auror mais forte e experiente. O Quem-Nós-Sabemos foi atrás do Olho-Louco e, quando o Mundungus os desmascarou, virou-se para o Kinglsey...

— Pois, isso eztá tudo muito cerrto — retorquiu Fleur —, mas continuamos sem saberr como é que ele descobrriu que nós íamos levarr o Arry esta noite, non é? Alguém se deve terr descuidadô. Alguém deixou escaparr a data em frrente de um estranho. É a única explicaçon parra eles saberrem a data, mas non o planô.

Lançou um olhor feroz em seu redor, o seu lindo rosto ainda marcado pelo rasto das lágrimas, desafiando-os em silêncio a contradizê-la. Ninguém se atreveu. O único ruído a interromper o silêncio foi o soluçar de Hagrid por detrás do lenço. Harry olhou de relance para ele, que acabara de arriscar a sua própria vida para o salvar — Hagrid, de quem ele tanto gostava, em quem tanto confiava, mas que em tempos se deixara ludibriar e entregara informações cruciais a Voldemort a troco de um ovo de dragão...

— Não — disse Harry em voz alta, e todos os olhares se viraram para ele, surpresos: o Uísque de Fogo parecia ter-lhe amplificado a voz. — Isto é... se alguém cometeu um erro — prosseguiu Harry — e deixou escapar alguma coisa, tenho a certeza de que não foi com má intenção. A culpa não foi dessa pessoa — repetiu, mais uma vez ligeiramente mais alto que o seu tom de voz habitual. — Temos de confiar uns nos outros. Estou convencido de que ninguém nesta sala seria capaz de me atraiçoar e entregar ao Voldemort.

As suas palavras foram acolhidas com novo silêncio. Estavam todos a olhar para ele. Harry tornou a sentir-se um tanto ou quanto afogueado e bebeu mais um gole de uísque para ter alguma coisa que fazer. Enquanto bebia, lembrou-se de Olho-Louco. Este sempre se mostrara muito crítico em relação à disponibilidade de Dumbledore para confiar nos outros.

— Bem dito, Harry — elogiou-o Fred inesperadamente.

— Isso, muito bem, apoiado, apoiado — acrescentou George, deitando uma olhadela de viés a Fred, cujos lábios tremeram de riso.²

Lupin encarou Harry com uma expressão admirada, quase de lástima.

— Acham que estou a ser ingénuo? — perguntou-lhes Harry.

— Não, acho que és como o James — respondeu-lhe Lupin —, que considerava o cúmulo da desonra desconfiar dos amigos.

Harry sabia onde Lupin queria chegar: que o pai fora traído por um amigo, Peter Pettigrew. Sentiu-se dominado por uma fúria irracional. Teve vontade de argumentar, mas Lupin já desviara a atenção dele, pousando o copo em cima de uma mesa de apoio e dirigindo-se a Bill: — Há trabalho à nossa espera. Posso pedir ao Kinglsey se...

— Não — interrompeu-o Bill de imediato. — Eu trato disso, eu vou.

— Aonde é que tu vais? — inquiriram Tonks e Fleur em uníssono.

— O corpo do Olho-Louco — esclareceu Lupin. — É preciso recuperá-lo.

— Isso não pode...? — começou Mrs. Weasley, deitando um olhar suplicante a Bill.

— Esperar? — retorquiu este. — Só se quisermos que sejam os Devoradores da Morte a ficar com ele.

Ninguém se pronunciou, e Lupin e Bill despediram-se e foram-se embora.

Os outros deixaram-se cair nas cadeiras, todos à excepção de Harry, que continuou de pé. A presença da morte, tão súbita e definitiva, fazia-se sentir entre eles.

— Também tenho de ir andando — anunciou Harry.

Dez pares de olhos concentraram-se nele.

— Não sejas tolo, Harry — repreendeu-o Mrs. Weasley. — De que é que estás para aí a falar?

— Não posso ficar aqui.

Esfregou a testa que estava novamente a atormentá-lo; havia mais de um ano que não lhe doía tanto.

— Enquanto eu aqui estiver, todos vocês correm perigo. Não quero...

— Mas que disparatado que tu me saíste! — insistiu Mrs. Weasley. — O principal objectivo desta noite foi fazer-te chegar aqui são e salvo e, felizmente, deu resultado. E a Fleur já aceitou casar-se aqui em lugar de em França, já tratámos de tudo de forma a podermos ficar juntos e cuidarmos de ti...

Ela não compreendia; estava a fazer com que ele se sentisse pior, e não o contrário.

— Se o Voldemort descobre que eu aqui estou...

— Mas por que é que ele haveria de descobrir? — ripostou Mrs. Weasley.

— Neste momento, podias estar em dúzias de sítios, Harry — interveio Mr. Weasley. — Ele não tem forma de saber em qual das casas protegidas tu te encontras.

— Mas não é comigo que eu estou preocupado! — exclamou Harry.

— Nós sabemos — afirmou Mr. Weasley em voz baixa —, mas, se te fores embora, todo o esforço que fizemos esta noite terá sido em vão.

— Tu nã' vais a lado nenhum — resmungou Hagrid. — Caramba, Harry, depois de tudo por que passámos pra te trazer pra 'qui?

— Pois, e a minha orelha? — disse George, recostando-se nas almofadas.

— Eu sei que...

— O Olho-Louco não gostaria que...

— EU SEI! — bradou Harry.

Sentia-se assediado e chantageado: seria possível que julgassem que ele não tinha noção do que haviam feito por ele, seria possível que não compreendessem que era precisamente por isso que desejava ir-se embora, antes que eles se vissem obrigados a sofrer mais por sua causa? Seguiu-se um longo silêncio de constrangimento durante o qual a cicatriz lhe continuou a arder e a latejar, e que Mrs. Weasley finalmente quebrou.

— Onde é que está a *Hedwig*, Harry? — perguntou-lhe ela em tom apaziguador. — Podemos instalá-la ao pé da *Pigwidgeon* e dar-lhe de comer.

Harry sentiu as entranhas apertarem-se-lhe como um punho cerrado. Não tinha coragem de lhe dizer a verdade. Bebeu o último gole de Uísque de Fogo para evitar ter de lhe responder.

— Vais ver quando descobrirem que tu voltaste a fazer o mesmo, Harry — disse Hagrid. — Fugiste-lhe, repeliste-o mesmo quand' ele 'tava em cima de ti!

— Não fui eu — justificou-se Harry categoricamente. — Foi a minha varinha. A minha varinha agiu por vontade própria.

Passados uns instantes, com toda a delicadeza, Hermione disse-lhe: — Mas isso é impossível, Harry. O que tu queres dizer é que fizeste magia sem queres; reagiste de forma instintiva.

— Não — insistiu Harry. — A mota estava a cair, eu não fazia a mais pequena ideia de onde o Voldemort se encontrava, mas a varinha girou na minha mão, apontou para ele e lançou-lhe um feitiço, um feitiço que eu nem sequer conhecia. Nunca tinha feito aparecer labaredas douradas.

— Acontece com frequência — explicou Mr. Weasley —, quando nos achamos sob pressão, fazemos magia com que nunca sonhámos. Acontece muito às crianças pequenas, antes de serem treinadas...

— Não se tratou disso — ripostou Harry entre dentes. Tinha a cicatriz a arder e estava zangado e frustrado; abominava pensar que eles achassem que o seu poder era comparável ao de Voldemort.

Ninguém se pronunciou. Sabia que não acreditavam nele. Contudo, agora que pensava nisso, nunca ouvira falar de nenhuma varinha que fizesse magia

por sua própria iniciativa.

A cicatriz ardia-lhe tanto que lhe doía; conteve a custo um gemido. Resmungando que precisava de apanhar ar fresco, pousou o copo e abandonou a sala.

À medida que atravessava o pátio envolto na escuridão, o grande Thestral esquelético levantou os olhos, roçou as suas enormes asas de morcego e em seguida tornou concentrar-se no pasto. Harry deteve-se junto ao portão que dava acesso ao jardim, varrendo com o olhar a vegetação crescida, enquanto esfregava a testa latejante e pensava em Dumbledore.

Dumbledore teria acreditado nele, disso tinha a certeza. Dumbledore teria sabido como e porquê a varinha de Harry agira por sua própria conta, porque Dumbledore tinha sempre resposta para tudo; fora um grande conhecedor de varinhas, explicara a Harry a estranha ligação entre a sua varinha e a de Voldemort... Dumbledore, porém, tal como Olho-Louco, tal como Sirius, tal como os seus pais, tal como a sua pobre coruja, tinha ido para um sítio onde Harry não poderia tornar a falar com eles. Sentiu uma queimadura na garganta que nada tinha que ver com o Uísque de Fogo...

E foi então que, sem avisar, a dor na cicatriz o atingiu com uma intensidade insuportável. À medida que se agarrava à testa e fechava os olhos, ouviu uma voz gritar dentro da sua cabeça:

— *Tu disseste-me que, se eu usasse outra varinha, o problema ficava resolvido!*

E na sua mente irrompeu a imagem de um velho emaciado coberto de andrajos, estendido em cima de um pavimento de pedra, aos gritos, gritos medonhos e prolongados, gritos de angústia intolerável...

— Não! Não! Por favor, por favor...

— Tu mentiste a Lord Voldemort, Ollivander!

— Não menti, não... Juro que não menti...

— Tu tentaste ajudar o Potter, ajudaste-o a fugir de mim!

— Juro que não ajudei... Eu pensava que outra varinha iria dar resultado...

— Então, explica-me o que se passou. A varinha do Lucius ficou destruída!

— Não compreendo... a ligação... só existe... entre as vossas duas varinhas...

— *Mentiras!*

— Por favor... suplico-lhe...

E Harry viu a mão lívida a empunhar a varinha e sentiu o acesso de cólera malévola de Voldemort, viu o velho frágil a contorcer-se no chão em agonia...

— Harry?

Tudo terminou tão depressa quanto começara: Harry ficou a tremer na escuridão, agarrado ao portão que dava para o jardim, o coração desalvorado, a cicatriz ainda a picar-lhe. Foi preciso algum tempo para se aperceber de que tinha Ron e Hermione a seu lado.

— Harry, volta para dentro de casa — sussurrou-lhe Hermione. — Já não estás a pensar em ir embora, pois não?

— Pois, tens de ficar aqui, meu — insistiu Ron, dando-lhe uma palmada nas costas.

— Sentes-te bem? — perguntou-lhe Hermione, suficientemente perto para lhe ver o rosto. — Estás com péssimo aspecto!

— Bom — disse Harry, trémulo —, devo estar melhor que o Ollivander...

Quando acabou de lhes contar o que vira, Ron tinha um ar apavorado, mas Hermione estava absolutamente aterrorizada.

— Mas isso já devia ter acabado! A tua cicatriz... já não devia fazer isso! Não podes permitir que a ligação torne a estabelecer-se... O Dumbledore queria que tu fechasses a tua mente!

Quando viu que Harry não lhe respondia, Hermione agarrou-se ao braço dele.

— Harry, ele está a apoderar-se do Ministério, da imprensa e de metade do mundo da feitiçaria! Não deixes que se apodere também da tua mente!

VI

O VAMPIRO DE PIJAMA

Ochoque do desaparecimento de Olho-Louco pairou sobre a casa nos dias que se seguiram; Harry estava sempre à espera de o ver entrar a manquejar pela porta das traseiras, como os outros membros da Ordem, que passavam por lá para lhes dar as últimas novidades. Harry sentia que apenas a acção seria capaz de apaziguar a sua consciência pesada e o seu desgosto, e que tinha de partir o mais depressa possível para a sua missão destinada a destruir os Horcruxes.

— Bom, não há nada que possas fazer a respeito dos... — Ron mimou com os lábios a palavra *Horcruxes* — até fazeres dezassete anos. Ainda não te livraste do Detector. E nós podemos planear tão bem aqui como em qualquer outro lugar, não é? Ou — baixou a voz para um sussurro — achas que já descobriste onde é que aquilo-que-sabemos está?

— Não — admitiu Harry.

— Julgo que a Hermione anda a fazer umas investigações — disse Ron. — Ela contou-me que estava a guardá-las para quando aqui chegasses.

Estavam sentados à mesa do pequeno-almoço; Mr. Weasley e Bill tinham acabado de sair para o emprego, Mrs. Weasley fora acordar Hermione e Ginny, enquanto Fleur os deixara para ir tomar banho.

— O Detector vai desaparecer no dia trinta e um — afirmou Harry. — Isso significa que só preciso de ficar aqui mais quatro dias. Depois, posso...

— Cinco dias — corrigiu-o Ron em tom firme. — Temos de ficar cá até ao casamento. Elas matam-nos se nos formos embora antes disso.

Harry percebeu que «elas» se referia a Fleur e a Mrs. Weasley.

— É só mais um dia — acrescentou Ron quando viu o ar de rebeldia de Harry.

— Será possível que elas não percebem a importância...?

— Está claro que não percebem — retorquiu Ron. — Nem lhes passa pela cabeça. E até vem a propósito, porque queria falar contigo sobre isso mesmo.

Ron espreitou pela porta para o corredor para se certificar de que Mrs. Weasley não vinha a chegar, em seguida inclinou-se para Harry.

— A minha mãe anda a tentar arrancar-nos informações, a mim e à Hermione, sobre o que tencionamos fazer. A seguir vais ser tu, portanto vai-te desde já preparando. O meu pai e o Lupin também vieram com umas perguntas, mas, quando lhes dissemos que o Dumbledore te avisou para não contares a ninguém à excepção de nós dois, eles desistiram. Mas a minha mãe é que não desiste. Está decidida a descobrir custe o que custar.

O prognóstico de Ron concretizou-se umas horas mais tarde, faltava pouco para o almoço. Mrs. Weasley afastou Harry dos outros sob o pretexto de que ele a ajudasse a identificar uma meia desirmanada que talvez tivesse caído da sua mochila. Mal o conseguiu encurralar na pequena copa junto à cozinha, desapareceu.

— O Ron e a Hermione parecem estar convencidos de que vocês três vão abandonar Hogwarts — começou ela num tom leve e despreocupado.

— Oh — disse Harry. — Bom, pois. Vamos, de facto.

A calandra começou a funcionar sozinha, espremendo cá para fora o que se assemelhava a uma camisola interior de Mr. Weasley.

— E eu por acaso posso saber qual o *motivo* que vos leva a desistir dos estudos? — indagou Mrs. Weasley.

— Bem, o Dumbledore deixou-me... coisas para fazer — balbuciou Harry.

— O Ron e a Hermione estão ao corrente e querem vir comigo.

— Que espécie de «coisas»?

— Desculpe, mas não posso...

— Bom, para falar com toda a franqueza, acho que eu e o Arthur temos o direito de saber, e tenho a certeza de que Mr. e Mrs. Granger seriam da mesma opinião! — declarou Mrs. Weasley. Harry receara o ataque dos «pais preocupados». Obrigou-se a olhá-la bem nos olhos, reparando nesse momento que eles eram exactamente da mesma tonalidade de castanho que os de Ginny, o que não o ajudou em nada.

— O Dumbledore não queria que mais ninguém soubesse, Mrs. Weasley. Lamento. O Ron e a Hermione não são obrigados a vir, a escolha é deles...

— E eu também não percebo por que é que *tu* tens de ir! — ripostou ela, deixando-se de lisuras. — Vocês mal atingiram a maioridade, qualquer dos três! É um perfeito disparate, se o Dumbledore precisava que lhe fizessem alguma coisa, tinha a Ordem toda à sua disposição! Harry, tu deves ter percebido mal. O mais certo é que ele te estivesse a dizer que queria que qualquer coisa fosse feita, e tu interpretaste como se ele quisesse que fosses *tu* a fazê-la...

— Eu não o interpretei mal — insistiu Harry em tom categórico. — Tenho de ser eu a fazê-lo.

Devolveu-lhe a meia desirmanada que supostamente deveria ter identificado e que ostentava um padrão de juncos dourados.

— E isso não é meu, não sou adepto dos Puddlemere United.

— Oh, pois está claro que não — disse Mrs. Weasley, com um regresso súbito e um pouco enervante ao seu tom de voz despreocupado. — Como é

que não dei logo por isso? Bom, Harry, já que estás aqui, não te importas de me dares uma ajuda nos preparativos para o casamento do Bill e da Fleur, pois não? Há tanto a fazer.

— Não... eu... é claro que não — balbuciou Harry, desconcertado perante aquela súbita mudança de assunto.

— És um amor — disse-lhe ela, e foi com um sorriso nos lábios que abandonou a copa.

Desse momento em diante, Mrs. Weasley manteve Harry, Ron e Hermione de tal maneira ocupados com os preparativos para o casamento que mal lhes sobrava tempo para pensar. A explicação mais inocente para esta atitude seria que Mrs. Weasley pretendia distrair a sua atenção da morte de Olho-Louco e dos horrores da provação que haviam sofrido recentemente. Todavia, após dois dias a fio a arear talheres, a fazer condizer as cores de presentes, fitas e flores, a exterminar os gnomos do jardim e a ajudar Mrs. Weasley a preparar fornadas descomunais de canapés, Harry começou a suspeitar de que a motivação dela talvez fosse outra. Todas as tarefas de que os encarregava pareciam destinadas a mantê-lo a ele, a Ron e a Hermione afastados uns dos outros; desde a primeira noite, quando lhes contara que Voldemort estava a torturar Ollivander, que não tivera ocasião de conversar com nenhum dos dois em privado.

— Julgo que a minha mãe está convencida de que, se conseguir impedir que os três se juntem para falar do plano, vai ser capaz de adiar a vossa partida — comentou Ginny com Harry em voz sumida, enquanto punham a mesa para o jantar na terceira noite da sua estada.

— E depois o que pensará ela que vai acontecer? — murmurou Harry. — Que outra pessoa vai avançar para matar o Voldemort, enquanto ela nos mantém aqui presos a fazer *vol-au-vents*?

Falara sem pensar e viu o rosto de Ginny empalidecer.

— Então, afinal sempre é verdade? — interpelou-o ela. — É isso que vocês estão a planear fazer?

— Eu... não... Eu estava a brincar — respondeu-lhe Harry em tom evasivo.

Ficaram a olhar fixamente um para o outro, e a expressão de Ginny deixou transparecer algo mais que choque. Subitamente, Harry apercebeu-se de que era a primeira vez que ficavam a sós desde as horas furtivas passadas em recantos escondidos de Hogwarts e teve a certeza de que também isso viera à memória dela. Ambos se sobressaltaram quando a porta se abriu, e Mr. Weasley, Kingsley e Bill entraram.

Agora era frequente receberem membros da Ordem para jantar, porque A Toca substituíra o número doze de Grimmauld Place enquanto Quartel-General. Mr. Weasley explicara-lhes que, depois da morte de Dumbledore, o Guardador Secreto, cada uma das pessoas a quem Dumbledore confiara a localização de Grimmauld Place se tornara por sua vez Guardador Secreto.

— E como somos cerca de vinte, isso diluiu muito o poder do Encantamento Fidelius. A oportunidade de os Devoradores da Morte nos

arrancarem o segredo vê-se assim vinte vezes acrescida. Não podemos contar que ele se mantenha por muito mais tempo.

— Mas com certeza a esta hora o Snape já revelou o endereço aos Devoradores da Morte? — inquiriu Harry.

— Bem, o Olho-Louco lançou umas quantas maldições contra o Snape para o caso de ele se lembrar de voltar a pôr lá os pés. Esperemos que sejam suficientemente fortes tanto para o manter à distância como para lhe atar a língua, se ele tentar mencionar o sítio, mas não podemos ter a certeza absoluta. Seria uma imprudência continuar a usar aquela casa como Quartel-General agora que a sua protecção está tão instável.

Nessa noite, a cozinha estava tão cheia de gente que era difícil manusear os garfos e as facas. Harry deu por si comprimido ao lado de Ginny; as palavras reprimidas que não tinham acabado por dizer um ao outro levaram-no a desejar que houvesse algumas pessoas a separá-los. Esforçava-se tanto por evitar que o seu braço roçasse no dela que mal conseguia cortar o frango.

— Nenhuma novidade a respeito do Olho-Louco? — perguntou Harry a Bill.

— Nada — respondeu este.

Ainda não lhes tinha sido possível realizar o funeral de Moody, porque Bill e Lupin não tinham conseguido recuperar o corpo. Era difícil descobrir onde poderia ter caído, dada a escuridão e o tumulto da batalha.

— *O Profeta Diário* não fez uma única referência à morte dele, nem ao facto de o corpo não ter sido encontrado — prosseguiu Bill. — Mas isso não nos adianta de muito. Ultimamente, eles têm-se fartado de omitir notícias.

— E eles ainda não exigiram que eu fosse a tribunal por ter usado magia vetada a menores para escapar aos Devoradores da Morte? — perguntou Harry a Mr. Weasley, do lado oposto da mesa, ao que este abanou a cabeça. — Porque acham que eu não tive outra alternativa ou porque não querem que eu anuncie ao mundo que o Voldemort me atacou?

— A última hipótese, creio eu. O Scrimgeour não quer admitir que o Quem-Nós-Sabemos é tão poderoso quanto de facto é, e muito menos que houve uma evasão em massa de Azkaban.

— Pois, para quê contar a verdade ao público? — retorquiu Harry, apertando a faca com tanta força que as cicatrizes desmaiadas das costas da sua mão direita se salientaram, lívidas, em contraste com a pele: *Não devo dizer mentiras.*

— Mas será possível que não haja ninguém no Ministério disposto a enfrentá-lo? — insurgiu-se Ron.

— É claro que sim, Ron, mas as pessoas andam aterrorizadas — justificou-se Mr. Weasley —, cheias de medo de que, para a próxima, lhes calhe a elas desaparecerem, ou que os seus filhos sejam os próximos a ser atacados! Andam a circular rumores atrozes; eu, logo para começar, não acredito que a professora de Estudos sobre Muggles se tenha demitido de Hogwarts. Há semanas que ninguém lhe põe a vista em cima. Entretanto, o Scrimgeour

passa o dia fechado no gabinete; só espero que esteja a trabalhar num plano qualquer.

Fez-se uma pausa durante a qual, por artes mágicas, Mrs. Weasley afastou os pratos vazios para o lado e serviu tarte de maçã.

— Temoz de decidirr de que é que te vais disfarçarr, Arry — disse Fleur, depois de a sobremesa ter sido servida a todos. — Parra o casamentô — acrescentou, ao ver o seu ar perplexo. — É clarrro que non convidámos nenhum Devorradorr da Morrrte, mas non podemos garrantirr que alguém non vá deixarr escaparr qualquerr coisa depoiz de terr bebido champanhe.

Perante isto, Harry concluiu que ela ainda suspeitava de Hagrid.

— Sim, parece-me uma boa ideia — concordou Mrs. Weasley da cabeceira da mesa, onde estava sentada, os óculos empoleirados na ponta do nariz, percorrendo uma imensa lista de tarefas que escrevinhara numa grande folha de pergaminho. — E tu, Ron, já arrumaste o teu quarto?

— *Para quê!?* — exclamou Ron, batendo com a colher com toda a força na mesa e dirigindo um olhar indignado à mãe. — Para que é que o meu quarto precisa de ser limpo? Eu e o Harry estamos óptimos assim como está!

— Daqui a uns dias, meu rapaz, vamos realizar aqui o casamento do teu irmão...

— E por acaso eles vão-se casar no meu quarto? — retorquiu Ron, furioso.

— Não! Então, pelas barbas de Merlin, por que é que...

— Não te admito que fales assim com a tua mãe — repreendeu-o Mr. Weasley com firmeza. — E vê lá se fazes o que te mandam.

Ron lançou um olhar mal-humorado ao pai e à mãe, em seguida pegou na colher e atacou o que restava da sua tarte de maçã.

— Eu posso ajudar-te, muita da desarrumação fui eu quem a fez — disse Harry a Ron, mas Mrs. Weasley interrompeu-o sem demora.

— Não, Harry, meu querido, preferia que ajudasses o Arthur a limpar o galinheiro, e tu, Hermione, ficar-te-ia imensamente grata se mudasses os lençóis da cama de Monsieur e Madame Delacour, que, como sabes, chegam amanhã de manhã às onze horas.

A verdade, porém, é que havia muito pouco que fazer quanto às galinhas.

— Não vale a pena, hã... ires contar à Molly — disse Mr. Weasley a Harry, bloqueando-lhe a entrada no galinheiro —, mas, hã... o Ted Tonks enviou-me quase tudo o que restou da mota do Sirius e, hã... eu escondi-a... quer dizer, guardei-a... aqui. Material de primeira: tem uma perna de escape, creio que é assim que se chama, uma bateria extraordinária, e vai ser uma grande oportunidade para descobrir como funcionam os travões. Vou tentar montá-la toda outra vez quando a Molly não... isto é, quando tiver tempo.

Quando voltaram para casa, não conseguiram encontrar Mrs. Weasley em parte alguma, e, assim, Harry esgueirou-se pela escada acima até ao sótão, onde ficava o quarto de Ron.

— Estou a arrumar, estou a arrumar...! Oh, és tu — disse Ron com ar de alívio, ao ver Harry entrar no quarto. Ron tornou a estender-se de barriga para

cima na cama, de onde, era óbvio, acabara de se levantar. O quarto continuava tão desleixado como estivera a semana toda; a única alteração era que Hermione estava agora sentada no canto mais afastado, com o seu gato felpudo arruivado, *Crookshanks*, aos pés, a fazer uma escolha aos livros, alguns dos quais Harry reconheceu como seus, e a dividi-los em duas enormes pilhas.

— Olá, Harry — cumprimentou-o, enquanto ele se sentava na sua cama desmontável.

— Como é que conseguiste fugir?

— Oh, a mãe do Ron esqueceu-se de que já nos tinha pedido, a mim e à Ginny, para mudar os lençóis ontem — explicou-lhe Hermione. Atirou *Numerologia e Gramática* para uma pilha e *Ascensão e Queda das Artes Mágicas* para outra.

— Estávamos mesmo agora a falar sobre o Olho-Louco — disse Ron a Harry. — Eu acho que ele talvez tenha sobrevivido.

— Mas o Bill viu-o ser atingido pela Maldição de Morte — contrapôs Harry.

— Pois é, mas o Bill também estava a ser atacado — salientou Ron. — Como é que pode estar assim tão certo do que viu?

— Mesmo que não tenha sido atingido pela Maldição de Morte, o Olho-Louco caiu de certeza de uma altura de mais de trezentos metros — opinou Hermione, que sopesava agora *As Equipas de Quidditch da Inglaterra e da Irlanda* numa das mãos.

— Pode ter usado o Feitiço do Escudo Invisível...

— A Fleur contou-me que viu a varinha explodir-lhe da mão — lembrou Harry.

— Pronto, está bem, já que querem tanto que ele tenha morrido — ripostou Ron mal-humorado, batendo na almofada para que esta adquirisse uma forma mais confortável.

— Está claro que não queremos que ele esteja morto! — indignou-se Hermione com ar chocado. — É horrível que ele tenha morrido! Estamos apenas a ser realistas.

Pela primeira vez, Harry imaginou o corpo de Olho-Louco, tão desfeito como o de Dumbledore, mas com o único olho ainda a vibrar na órbita. Sentiu uma pontada de repulsa misturada com uma estranha vontade de rir.

— O mais provável é os Devoradores da Morte terem limpad todos os vestígios da batalha, por isso é que ninguém encontrou o corpo dele — afirmou Ron sabiamente.

— Pois é — assentiu Harry. — Como o Barty Crouch, que foi transformado num osso e enterrado no jardim da frente do Hagrid. Devem ter Transfigurado o Moody e encafuado...

— Não! — guinchou Hermione. Sobressaltado, Harry olhou para ela mesmo a tempo de a ver desfazer-se num pranto para cima do seu exemplar do *Silabário de Spellman*.

— Oh, não! — exclamou Harry, levantando-se a custo da sua cama desmontável. — Hermione, eu não tive intenção de te magoar...

Todavia, com um grande rangido de molas ferrugentas, Ron saltou da cama e adiantou-se-lhe, chegando primeiro junto dela. Colocando um braço em redor de Hermione, vasculhou dentro do bolso das calças de ganga e tirou para fora um lenço de assoar com um aspecto repugnante, de que anteriormente se servira para limpar o forno. Puxou rapidamente da varinha, apontou-a para o lenço e disse: — *Tergeo*.

Como se fosse um sifão, a varinha extraiu a maior parte da gordura. Com um certo ar de satisfação para consigo próprio, Ron estendeu o lenço ligeiramente fumegante a Hermione.

— Oh... obrigada, Ron... Desculpa... — Assoou o nariz e soltou um soluço. — É hor-rível, não é? L-logo a seguir ao Dumbledore... E-eu n-nunca imaginei que o Olho-Louco pudesse morrer, parecia-me tão forte!

— Pois, eu percebo — disse Ron, dando-lhe um abraço. — Mas sabes o que nos diria ele se aqui estivesse?

— Vi-vigilância constante — respondeu Hermione, secando os olhos.

— Nem mais — disse Ron, assentindo com a cabeça. — Dir-nos-ia para aprendermos com o que lhe sucedeu. E o que eu aprendi foi a não confiar naquele cobardolas reles do Mundungus.

Hermione soltou uma gargalhada trémula e inclinou-se para a frente para pegar em mais dois livros. Passado um instante, Ron retirou-lhe o braço subitamente dos ombros; ela deixara-lhe cair *O Monstruoso Livro dos Monstros* em cima de um pé. O livro libertara-se da cinta que o envolvia e atirava-se com toda a fúria ao tornozelo de Ron.

— Desculpa, desculpa! — gritou Hermione, enquanto Harry arrancava o livro da perna de Ron e tentava fechá-lo.

— Mas afinal para que é que tu queres estes livros todos? — perguntou-lhe Ron, voltando a coxear para a cama.

— Estou só a tentar decidir quais é que havemos de levar connosco — esclareceu Hermione. — Quando formos à procura dos Horcruxes.

— É claro, é claro — disse Ron, batendo com uma mão na testa. — Esqueci-me de que íamos à caça do Voldemort instalados numa biblioteca móvel.

— Ah, ah — zombou Hermione, baixando os olhos para o *Silabário de Spellman*. — Deixa-me cá ver... será que vamos precisar de traduzir runas? É bem possível... Acho que é melhor levarmo-lo connosco, para o caso de nos fazer falta.

Deixou cair o silabário na mais alta das duas pilhas e pegou em *Hogwarts: Uma História*.

— Ouçam — disse Harry.

Estava sentado muito direito. Ron e Hermione olharam para ele com um misto de resignação e desafio.

— Eu sei que, depois do funeral do Dumbledore, vocês disseram que

queriam vir comigo — começou Harry.

— Lá vai ele — disse Ron a Hermione, revirando os olhos.

— Como já estávamos à espera — suspirou ela, tornando a concentrar a sua atenção nos livros. — Sabem, acho que *vou* levar *Hogwarts: Uma História*. Apesar de não irmos voltar para lá, não me sentiria bem se não a tivesse comigo...

— Ouçam! — insistiu Harry.

— Não, Harry, quem tem de ouvir és tu! — ripostou Hermione. — Nós vamos contigo. Há meses que isso ficou decidido... há anos, aliás.

— Mas...

— Cala-te — advertiu-o Ron.

— ... têm a certeza de que pesaram bem as consequências? — teimou Harry.

— Vejamos — afirmou Hermione, atirando *Viagens com os Trolls* para as pilha dos livros rejeitados com um olhar um tanto ou quanto ameaçador. — Há dias que ando a fazer as malas, para que possamos partir de um momento para o outro, o que, para tua informação, me obrigou a fazer alguns truques bem difíceis, já para não falar de ter de surripiar o fornecimento inteiro de Poção Polissuco do Olho-Louco debaixo do nariz da mãe do Ron.

«E, para além do mais, modifiquei as memórias dos meus pais para que eles se convençam de que os seus verdadeiros nomes são Wendell e Monica Wilkins e que a sua maior ambição é irem viver para a Austrália, o que, aliás, já fizeram. Isso foi para que o Voldemort não consiga localizá-los para os interrogar a meu respeito... ou teu, porque, infelizmente, eu já lhes contei muita coisa sobre ti.

«Partindo do princípio de que sobrevivo à caça aos Horcruxes, quando voltar, vou à procura dos meus pais e desfazo o feitiço. Não sei... Bom, acho que o feitiço que lancei sobre eles será suficiente para os manter sãos, salvos e satisfeitos. É que, estão a ver, o Wendell e a Monica Wilkins não sabem que têm uma filha.

Hermione tinha os olhos novamente inundados de lágrimas. Ron levantou-se novamente da cama, tornou a pôr um braço de volta dela e franziu o sobrolho a Harry como se o quisesse censurar pela sua falta de tacto. Harry não encontrou resposta, principalmente porque era estranhíssimo ver Ron a dar lições de tacto a quem quer que fosse.

— Eu... Hermione, desculpa... Eu não...

— Achas que eu e o Ron não sabemos perfeitamente o que é que nos pode suceder se formos contigo? Bom, o que é facto é que sabemos. Ron, mostra ao Harry o que tu fizeste.

— Ná, ele acabou de comer — disse Ron.

— Vá lá, ele precisa de saber!

— Oh, pronto, está bem. Harry, chega aqui.

Pela segunda vez, Ron retirou o braço dos ombros de Hermione e dirigiu-se pesadamente à porta.

— Anda daí.

— Porquê? — quis saber Harry, saindo do quarto atrás de Ron até ao minúsculo patamar.

— *Descendo* — murmurou Ron, apontando a varinha para o tecto baixo. Por cima das cabeças de ambos, abriu-se imediatamente um alçapão e uma escada desceu até aos seus pés. Um barulho horrível, meio inalação, meio gemido, chegou-lhes vindo da abertura quadrada, acompanhado por um cheiro nauseabundo que fazia lembrar esgotos.

— É o vosso vampiro, não é? — indagou Harry, que nunca chegara a ver a criatura que ocasionalmente interrompia o silêncio nocturno.

— Sim, é — confirmou Ron, começando a trepar pela escada. — Anda ver como ele é.

Harry subiu os escassos degraus que davam acesso ao sótão minúsculo. A sua cabeça e os ombros passaram pela abertura antes de reparar na criatura enroscada mesmo à sua frente, que dormia a sono solto na penumbra com a grande bocarra toda aberta.

— Mas... parece... Os vampiros costumam usar pijama?

— Não — assentiu Ron. — E também não costumam ter cabelo ruivo, nem tantas pústulas como ele tem.

Harry contemplou a criatura com uma certa repugnância. O seu tamanho e forma eram próprios dos humanos, e tinha vestido o que, agora que os olhos de Harry já se tinham habituado à escuridão, era claramente um velho pijama de Ron. Também tinha a certeza de que, em geral, os vampiros eram bastante pegajosos e calvos, e não cabeludos e cobertos de bolhas vermelhas inflamadas.

— Ele sou eu, percebes?

— Não — respondeu Harry. — Não percebo.

— Quando voltarmos para o meu quarto, eu explico-te, o cheiro está a deixar-me agoniado — disse-lhe Ron. Desceram a escada, que Ron tornou a empurrar para dentro do sótão, e regressaram para junto de Hermione, que continuava entretida a separar os livros.

— Quando nos formos embora, o vampiro vai passar a morar aqui no meu quarto — explicou-lhe Ron. — Acho que ele está desejoso que isso aconteça... Bom, é difícil de saber, porque ele pouco mais faz que babar-se e gemer... mas farta-se de assentir com a cabeça sempre que lhe falamos nisto. Bom, ele vai ser eu com espatergroite. Boa ideia, não achas?

Harry limitou-se a fazer um ar atónito.

— Mas é! — insistiu Ron, nitidamente frustrado por Harry não ter alcançado a excelência do plano. — Olha, quando virem que nós os três não aparecemos em Hogwarts, toda a gente vai pensar que eu e a Hermione estamos contigo, não é? O que significa que os Devoradores da Morte irão procurar de imediato as nossas famílias para ver se lhes arrancam informações acerca do nosso paradeiro.

— Espero que julguem que eu me fui embora com os meus pais; neste

momento, há imensos feiticeiros de origem Muggle a falar em entrar na clandestinidade — afirmou Hermione.

— Não podemos esconder a minha família inteira: isso iria levantar demasiadas suspeitas, e eles também não podem abandonar os empregos — prosseguiu Ron. — Assim, vamos divulgar a história de que eu estou muito doente com espatergroite, e que é por isso que não posso voltar para a escola. Se alguém vier cá investigar, os meus pais poderão mostrar-lhe o vampiro na minha cama, coberto de pústulas. Como a espatergroite é altamente contagiosa, eles não se vão querer aproximar dele. E também não faz mal que ele não consiga dizer praticamente nada, porque parece que é isso que acontece quando o fungo alastra até à úvula.

— E os teus pais já estão ao corrente do plano? — perguntou-lhe Harry.

— O meu pai está. Foi ele quem ajudou o Fred e o George a transformar o vampiro. A minha mãe... Bom, tu já viste como ela é. Só depois de nos termos ido embora é que ela vai aceitar a nossa partida.

O silêncio instalou-se no quarto, interrompido apenas por leves pancadas, enquanto Hermione continuava a atirar livros para uma pilha ou para a outra. Ron ficou sentado a vê-la, e Harry ia olhando de um para o outro, incapaz de dizer fosse o que fosse. Mais do que qualquer outra coisa, as medidas que os amigos haviam tomado para protecção das respectivas famílias obrigaram-no a consciencializar-se de que eles estavam, de facto, decididos a acompanhá-lo e de que sabiam perfeitamente o perigo a que iriam sujeitar-se. Sentiu-se tentado a dizer-lhes o quanto isso significava para ele, mas não foi simplesmente capaz de encontrar palavras à altura.

Naquele silêncio, chegavam-lhes os gritos abafados de Mrs. Weasley, quatro pisos mais abaixo.

— A Ginny deve ter-se esquecido de tirar um grão de pó de uma maldita argola de guardanapo — comentou Ron. — Não sei por que é que os Delacour tinham de vir dois dias antes do casamento.

— A irmã da Fleur vai ser dama de honor, tem de estar cá para os ensaios e ainda não tem idade para poder viajar sozinha — esclareceu Hermione enquanto examinava *Ruptura com Uma Banshee* sem se conseguir decidir.

— Bom, os convidados não vão contribuir em nada para fazer descer os níveis de *stress* da minha mãe — observou Ron.

— O que nós temos de decidir de uma vez por todas — declarou Hermione, atirando *Teoria Mágica Defensiva* para o caixote do lixo sem hesitar e pegando em *Uma Avaliação da Educação Mágica na Europa* — é para onde iremos quando sairmos daqui. Eu sei que disseste que querias começar por ir a Godric's Hollow, Harry, e percebo porquê, mas... bom... os Horcruxes não deviam ser a nossa prioridade?

— Se soubéssemos onde é que os Horcruxes estão, dar-te-ia toda a razão — respondeu-lhe Harry, que não estava minimamente convencido de que Hermione compreendesse, de facto, o seu desejo de regressar a Godric's Hollow. As sepulturas dos pais justificavam apenas em parte essa atracção:

Harry tinha uma forte sensação, ainda que inexplicável, de que aquele local continha respostas à sua espera. Talvez isso se devesse simplesmente ao facto de ter sido ali que sobrevivera à Maldição de Morte de Voldemort; agora que enfrentava o desafio de repetir a proeza, Harry sentia-se atraído para o local onde tudo acontecera, à procura de uma explicação.

— Achas que há alguma probabilidade de o Voldemort ter Godric's Hollow sob vigilância? — perguntou-lhe Hermione. — Ele pode estar à espera de que voltes à campá dos teus pais logo que sejas livre de ires para onde muito bem entenderes.

Harry não contara com aquela eventualidade. Enquanto se esforçava por encontrar um argumento em contrário, Ron interveio, seguindo nitidamente a sua própria linha de raciocínio.

— E o tal R.A.B. — disse ele. — Sabem, aquele que roubou o medalhão verdadeiro?

Hermione anuiu com a cabeça.

— No bilhete, ele disse que o ia destruir, não foi?

Harry puxou a mochila para junto de si e retirou o falso Horcrux dentro do qual continuava dobrado o bilhete assinado por R.A.B..

— «*Roubei o Horcrux verdadeiro e tenciono destruí-lo assim que puder*» — leu Harry em voz alta.

— Bom, então e se ele tiver *mesmo* acabado com ele? — questionou Ron.

— Ou ela — salientou Hermione.

— Seja lá quem for — disse Ron —, seria menos um para nós!

— É verdade, mas não é por isso que vamos deixar de ter de ir à procura do medalhão verdadeiro, não é? — lembrou Hermione. — Para descobrir se foi, de facto, destruído ou não.

— E quando lhe deitarmos a mão, *como* é que se destrói um Horcrux? — inquiriu Ron.

— Bom — afirmou Hermione. — Andei a investigar isso.

— Como? — admirou-se Harry. — Julguei que não havia nenhum livro acerca de Horcruxes na nossa biblioteca.

— E não havia, de facto — confirmou Hermione, que estava agora muito corada. — O Dumbledore retirou-os todos, mas... mas não os destruiu.

Ron sentou-se muito direito, de olhos arregalados.

— Pelas cuecas de Merlin! E como é que tu conseguiste deitar a mão a esses livros sobre Horcruxes?

— Não... não foi roubar! — apressou-se Hermione a dizer, olhando de Harry para Ron com um certo ar de desespero. — Mesmo depois de o Dumbledore os retirar das prateleiras, os livros continuavam a pertencer à biblioteca. Seja como for, se ele não quisesse mesmo que ninguém os consultasse, tenho a certeza de que teria feito com que fosse muito mais difícil...

— Vai directa ao assunto! — impacientou-se Ron.

— Bom... foi fácil — confessou Hermione em voz sumida. — Limitei-me a

lançar um Encantamento de Convocação. Sabem como é... *accio*. E eles saíram logo a voar pela janela do gabinete do Dumbledore até ao dormitório das raparigas.

— Mas então quando é que fizeste isso? — perguntou-lhe Harry, observando Hermione com um misto de admiração e incredulidade.

— Logo a seguir ao... funeral do Dumbledore — respondeu-lhe Hermione, com a voz ainda mais sumida. — Logo depois de termos decidido que íamos abandonar a escola e ir à procura dos Horcruxes. Quando fui lá acima para ir buscar as minhas coisas, ocorreu-me... bom, ocorreu-me que quanto mais soubéssemos a respeito deles, melhor para nós... e como estava lá sozinha... tentei... e deu resultado. Eles entraram imediatamente pela janela aberta e eu... meti-os dentro da mala.

Ela engoliu em seco e acrescentou em tom suplicante: — Não acredito que o Dumbledore se fosse zangar; afinal de contas, não vamos usar as informações para fazer um Horcrux, não é verdade?

— Ouviste algum de nós a queixar-se? — retorquiu Ron. — Mas então, afinal onde é que param esses livros?

Hermione vasculhou as pilhas e, passado um instante, retirou de uma delas um grande volume, encadernado a couro preto já gasto. Fez um ar levemente nauseado e segurou-o cuidadosamente como se fosse uma criatura que tivesse sido morta havia pouco tempo.

— Este é aquele que fornece instruções explícitas sobre como fazer um Horcrux. *Segredos da Mais Negra Magia...* é um livro horrível, mesmo medonho, cheio de feitiços maléficos. Pergunto-me quando é que o Dumbledore o terá retirado da biblioteca... Se isso aconteceu só depois de se tornar Director, aposto que foi aqui que o Voldemort veio buscar todas as informações de que necessitava.

— Se ele leu esse livro, então por que é que teve de perguntar ao Slughorn como se fazia um Horcrux? — contrapôs Ron.

— Ele só abordou o Slughorn para descobrir o que é que acontece quando dividimos a nossa alma em sete — esclareceu Harry. — O Dumbledore estava convencido de que o Riddle já sabia como é que se fazia um Horcrux quando foi falar com o Slughorn a respeito deles. Acho que tens razão, Hermione, pode ter sido perfeitamente aí que ele foi tirar informações.

— E quanto mais li acerca deles — prosseguiu Hermione —, mais horríveis me pareceram, e menos acredito que ele tenha, de facto, conseguido fazer seis. Neste livro avisam-nos sobre como a nossa alma fica instável quando a despedaçamos, e isso no caso de fazermos um único Horcrux!

Harry recordou-se do que Dumbledore lhe dissera a propósito de Voldemort ultrapassar a «maldade normal».

— E não há maneira de voltarmos a ficar íntegros? — inquiriu Ron.

— Há — confirmou Hermione, com um sorriso vazio —, mas seria insuportavelmente doloroso.

— Porquê? Como é que se consegue? — quis saber Harry.

— Através dos remorsos — respondeu Hermione. — Temos de sentir verdadeiro arrependimento pelas nossas acções. Há aqui uma nota de rodapé. Ao que consta, a dor é tão intensa que é capaz de nos destruir. Não estão a ver o Voldemort a tentar fazer isso, pois não?

— Não — assentiu Ron, antes que Harry tivesse tempo de responder. — Então e nesse livro também diz como é que podemos acabar com os Horcruxes?

— Diz — afirmou Hermione, que folheava agora as páginas frágeis como se estivesse a examinar vísceras podres —, porque avisa os feiticeiros Negros de que têm de lhes lançar feitiços extremamente poderosos. De tudo quanto li, o que o Harry fez ao diário do Riddle foi uma das poucas maneiras infalíveis de destruir um Horcrux.

— O quê, apunhalá-lo com um dente de Basilisco? — inquiriu Harry.

— Oh, bom, então ainda bem que temos uma provisão tão grande de dentes de Basilisco — comentou Ron. — Já me tinha perguntado que fim é que lhes haveríamos de dar.

— Não tem de ser obrigatoriamente um dente de Basilisco — explicou-lhe Hermione, cheia de paciência. — Tem de ser uma coisa tão destrutiva que o Horcrux não se consiga regenerar. Só há um antídoto para o veneno de Basilisco e é incredivelmente raro...

— ...lágrimas de fénix — disse Harry, assentindo com a cabeça.

— Precisamente — confirmou Hermione. — O nosso problema é que existem poucas substâncias tão destrutivas como o veneno de Basilisco, e é sempre perigoso andar com elas de um lado para o outro. É um problema que teremos de resolver, uma vez que rasgar, partir ou esmagar um Horcrux não resulta. Temos de o deixar num estado em que não possa ser regenerado por artes mágicas.

— Mas mesmo que dêmos cabo do objecto em que ele vive — contrapôs Ron —, por que é que o pedaço de alma lá dentro não se pode ir alojar noutro sítio?

— Porque um Horcrux é exactamente o oposto de um ser humano.

Ao ver que Harry e Ron estavam absolutamente perplexos, Hermione apressou-se a acrescentar: — Olha, Ron, se eu neste momento pegasse numa espada e te trespassasse com ela, não conseguiria atingir a tua alma.

— O que seria um enorme consolo para mim, disse não haja dúvida — ripostou Ron.

Harry riu-se.

— Mas olha que devia ser! O que eu quero dizer, no entanto, é que, o que quer que aconteça ao teu corpo, a tua alma irá sobreviver incólume — prosseguiu Hermione. — Com os Horcruxes, passa-se o contrário. O fragmento de alma depende do recipiente onde se encontra alojado, o corpo encantado, para a sua sobrevivência. Sem ele, não pode existir.

— Fiquei com a sensação de que o diário morreu quando eu o apunhalei — disse Harry, recordando-se de ver tinta a jorrar como sangue das páginas

perfuradas e dos gritos do fragmento da alma de Voldemort à medida que esta desaparecia.

— E logo que o diário ficou completamente destruído, o fragmento de alma aprisionado lá dentro deixou de poder existir. A Ginny tentou livrar-se do diário antes de ti, deitando-o pela sanita abaixo, mas, como é óbvio, ele voltou tal e qual como antes.

— Espera aí — disse Ron de sobrolho franzido. — O pedaço de alma guardado naquele diário estava a possuir a Ginny, não é verdade? Então e isso, como é que funciona?

— Enquanto o recipiente mágico continuar intacto, o fragmento de alma pode entrar e sair de alguém se essa pessoa se aproximar demasiado do objecto. Não me estou a referir a segurá-lo durante muito tempo, não tem nada que ver com tocar — acrescentou ela, sem dar tempo a que Ron falasse. — Estou a falar de proximidade emocional. A Ginny abriu o seu coração àquele diário e, assim, colocou-se numa posição extremamente vulnerável. Se nos afeiçoarmos ou apegarmos demasiado a um Horcrux, ficamos metidos num grande sarilho.

— Como será que o Dumbledore destruiu o anel? — interrogou-se Harry. — Mas por que é que eu nunca lhe perguntei? Nunca me lembrei...

A sua voz foi esmorecendo: estava a pensar em todas as perguntas que deveria ter feito a Dumbledore e na sensação que o apoquentava, desde que o Director falecera, de que perdera uma infinidade de oportunidades para ficar a saber mais a seu respeito... para saber tudo...

O silêncio foi subitamente quebrado quando a porta do quarto se abriu de rompante com um estrondo de fazer abanar as paredes. Hermione soltou um guincho e deixou cair *Segredos da Mais Negra Magia*; Crookshanks enfiou-se debaixo da cama, bufando de indignação; Ron deu um pulo na cama, escorregou no invólucro de um Sapo de Chocolate esquecido no chão e foi bater com a cabeça na parede em frente, e Harry pegou instintivamente na varinha, até que se apercebeu de que estava a olhar para Mrs. Weasley, que tinha o cabelo num perfeito desalinho e o rosto contorcido, tal era a sua fúria.

— Peço imensa desculpa por vir interromper a vossa amena cavaqueira — declarou ela com a voz trémula. — Estou certa de que todos estão a precisar de descansar... mas no meu quarto há pilhas de presentes que precisam de ser arrumados e eu tenho a impressão de que vocês se comprometeram a ajudar.

— Oh, claro — disse Hermione, pondo-se de pé com um ar aterrorizado, atirando com livros em todas as direcções —, e é o que vamos fazer... desculpe...

Deitando um olhar angustiado a Harry e Ron, Hermione apressou-se a sair do quarto atrás de Mrs. Weasley.

— Até parece que somos uns elfos domésticos — queixou-se Ron em voz baixa, ainda a massajar a cabeça, enquanto ele e Harry seguiam atrás de ambas. — Só que sem o prazer no trabalho, claro. Se vejo este casamento pelas costas, nem acredito.

— Pois — disse Harry —, nessa altura ficamos sem nada que fazer excepto ir à caça dos Horcruxes... Vai ser como estar de férias, não vai?

Ron começou a rir-se, contudo, quando viu a pilha descomunal de presentes de casamento à sua espera no quarto de Mrs. Weasley, calou-se logo.

Os Delacour chegaram às onze horas da manhã seguinte. Por esta altura já Harry, Ron, Hermione e Ginny partilhavam um certo ressentimento em relação à família de Fleur, e foi de má vontade que Ron tornou a marchar escada acima até ao quarto para calçar meias a condizer, e que Harry fez uma tentativa para alisar o cabelo. Logo que Mrs. Weasley considerou que estavam todos razoavelmente apresentáveis, saíram em fila para o pátio soalheiro das traseiras à espera dos convidados.

Harry nunca vira aquela casa tão asseada. Os caldeirões ferrugentos e as botas velhas de borracha que em geral atravancavam os degraus da porta das traseiras tinham desaparecido e sido substituídos por dois Arbustos Palpitantes, um de cada lado da porta, no respectivo vaso; apesar de não correr uma única brisa, as folhas adejavam preguiçosamente, provocando um atractivo efeito de ondulação. As galinhas tinham sido trancadas, o pátio fora varrido e o jardim fora podado e todo arranjado, embora Harry, que gostava mais dele no seu estado selvagem, achasse que estava com um aspecto um tanto ou quanto desolador, sem o seu contingente habitual de gnomos às cabriolas.

Já perdera a conta à quantidade de feitiços de protecção que tinham sido lançados sobre A Toca quer pela Ordem, quer pelo Ministério; tudo o que sabia era que ninguém conseguiria viajar por artes mágicas directamente para lá. Por conseguinte, Mr. Weasley fora encontrar-se com os Delacour no cimo de uma colina próxima, onde eram esperados por Botão de Transporte. O primeiro indício da sua chegada foi uma gargalhada invulgarmente estridente, que se veio a verificar ter sido obra de Mr. Weasley, que apareceu junto ao portão logo de seguida, carregado com malas e conduzindo uma linda mulher loura, com um comprido manto verde primaveril, e que só podia ser a mãe de Fleur.

— *Maman!* — gritou Fleur, acorrendo a abraçá-la. — *Papa!*

Monsieur Delacour estava longe de ser tão atraente quanto a mulher: era um bom pedaço mais baixo e muitíssimo anafado, com uma pequena barbicha preta pontiaguda. Contudo, parecia ser afável. Foi a bambolear-se nas suas botas de salto alto até Mrs. Weasley, a quem pregou dois beijos em cada bochecha, deixando-a afogueada.

— Mas parra que é que estiverron com tanta maçadá? — disse ele em voz cava. — A Fleurr contou-nos que têm tido uma trralheira imenza.

— Oh, não foi nada, não foi nada de especial! — exclamou Mrs. Weasley num trinado. — Não foi maçada nenhuma!

Ron desabafou o que lhe ia na alma, tentando acertar um pontapé num gnomo que estava a espreitar por detrás dum dos novos Arbustos Palpitantes.

— Minha carra senhorra! — disse Monsieur Delacour, ainda a segurar a

mão de Mrs. Weasley entre as suas duas mãos anafadas, com um sorriso radiante. — A união que se avizinha entre as nossas famílias constitui parra nós uma enorme honra! Permita-me que lhe apresente a minha mulher, Apolline.

Madame Delacour avançou em passo deslizante e deteve-se para beijar Mrs. Weasley.

— *Enchantée* — disse ela. — O seu marido tem-nos estado a contar umas histórias tão engraçadas!

Mr. Weasley soltou uma gargalhada irracional e Mrs. Weasley deitou-lhe um olhar, ao que ele se reduziu de imediato ao silêncio e assumiu uma expressão apropriada à cabeceira da cama de um amigo íntimo gravemente enfermo.

— E, clarrô está, já conhece a minha filha mais nova, a Gabrielle! — anunciou Monsieur Delacour. Gabrielle era uma Fleur em miniatura; onze anos de idade, com um cabelo do mais puro louro-platinado que lhe chegava à cintura, cumprimentou Mrs. Weasley com um sorriso deslumbrante e abraçou-a; em seguida pestanejou a Harry com um olhar sedutor. Ginny clareou a voz com ênfase.

— Bom, façam favor de entrar! — disse Mrs. Weasley em tom jovial, e conduziu os Delacour para dentro de casa, por entre inúmeros: «Não, faça favor!», e «A senhora primeiro!», e «Nem pensar!».

Não tardou a tornar-se evidente que os Delacour eram hóspedes simpáticos e prestáveis. Não se queixavam de nada e mostravam-se ansiosos por ajudar nos preparativos para o casamento. Monsieur Delacour considerava tudo, desde a distribuição dos lugares à mesa até aos sapatos da dama de honor, «*charmant!*», Madame Delacour era extremamente prendada em feitiços domésticos e foi num abrir e fechar de olhos que pôs o forno num brinquinho; Gabrielle seguia a irmã mais velha para todo o lado, esforçando-se por ajudar de todas as formas ao seu alcance e tagarelando sem parar num francês rápido.

Em contrapartida, A Toca não estava preparada para acomodar tanta gente. Mr. e Mrs. Weasley dormiam agora na sala de estar, depois de terem feito orelhas moucas aos protestos de Monsieur e Madame Delacour e insistido para que estes ficassem com o seu quarto. Gabrielle dormia com Fleur no antigo quarto de Percy, e Bill dividiria o quarto com Charlie, o seu padrinho, logo que este chegasse da Roménia. As oportunidades para fazerem planos em conjunto tornaram-se praticamente inexistentes, e foi em desespero que Harry, Ron e Hermione se ofereceram como voluntários para dar de comer às galinhas só para poderem fugir da casa a abarrotar de gente.

— Mas nem *assim* ela nos deixa em paz! — resmungou Ron, quando a sua segunda tentativa de fazerem uma reunião no pátio se viu frustrada pela aparição de Mrs. Weasley, carregada com um grande cesto de roupa acabada de lavar.

— Oh, que bom, já deram de comer às galinhas — comentou ela ao aproximar-se dos três. — É melhor trancarem-nas antes de os homens

chegarem amanhã... para montarem a tenda para o casamento — explicou-se, encostando-se ao galinheiro para descansar um pouco. Estava com um ar exausto. — Tendas Mágicas Millamant... São muito bons. O Bill encarregou-se de os escoltar... É melhor não saíres de casa enquanto eles por aqui andarem, Harry. Não posso deixar de reconhecer que estes feitiços de protecção todos em volta da casa complicam em demasia a organização do casamento.

— Lamento — respondeu Harry humildemente.

— Oh, não digas disparates, meu querido! — apressou-se Mrs. Weasley a emendar-se. — Eu não quis dizer... Bom, a tua segurança é muito mais importante! A propósito, Harry, tenho andado para te perguntar como é que queres comemorar o teu aniversário. Afinal de contas, os dezassete anos são uma data marcante...

— Não quero nada de especial — disse Harry sem demora, já a imaginar a cansaça adicional que isso representaria para todos. — A sério, Mrs. Weasley, um jantar como o de todos os dias serve perfeitamente... Calha na véspera do casamento...

— Oh, bom, já que é assim que queres, querido. Vou convidar o Remus e a Tonks, está bem? E que tal o Hagrid?

— Seria óptimo — acedeu Harry. — Mas, por favor, não lhe quero dar maça.

— Nem pensar, nem pensar... não é maça nenhuma.

Olhou para ele, um olhar demorado e inquisidor, depois esboçou um leve sorriso de tristeza, endireitou-se e foi-se embora. Harry ficou a vê-la agitar a varinha ao pé da corda e as roupas molhadas levantarem-se do cesto e pendurarem-se na corda, sentindo uma súbita pontada de remorsos por todos os incómodos e desgostos que lhe vinha a causar.

VII

O TESTAMENTO DE ALBUS DUMBLEDORE

Harry caminhava por uma estrada montanhosa à luz azul e tranquila da alvorada. Lá muito em baixo, por entre um manto de nevoeiro, vislumbravam-se os contornos de uma pequena aldeia. Estaria ali o homem que ele procurava? O homem de que precisava tanto que em pouco mais se permitia pensar, o homem que detinha a resposta, a resposta ao seu problema...

— Eh, acorda.

Abriu os olhos. Deu por si novamente deitado na cama desmontável, no quarto desarrumado de Ron. O sol ainda não se levantara, e o quarto continuava envolvido na penumbra. *Pigwidgeon* dormia com a cabeça escondida sob a sua asinha minúscula. Harry sentia a cicatriz na testa a latejar.

— Estavas a murmurar enquanto dormias.

— Ai sim?

— Estavas. «Gregorovitch». Estavas sempre a repetir «Gregorovitch».

Harry não tinha os óculos postos e a cara de Ron aparecia-lhe ligeiramente desfocada.

— Quem é o Gregorovitch?

— E eu é que hei-de saber? Tu é que estavas a dizer o nome dele.

Harry esfregou a testa, em reflexão. Tinha uma vaga ideia de já ter ouvido aquele nome, mas não se lembrava onde.

— Eu acho que o Voldemort anda à procura dele.

— Desgraçado do homem — disse Ron com fervor.

Harry sentou-se na beira da cama, ainda a esfregar a cicatriz, agora já bem desperto. Esforçou-se por se recordar exactamente do que fora que vira no sonho, mas tudo o que lhe vinha à memória era um horizonte montanhoso e a silhueta de uma pequena aldeia aninhada num vale profundo.

— Eu acho que ele está no estrangeiro.

— Quem, o Gregorovitch?

— Não, o Voldemort. Acho que ele deve estar algures no estrangeiro, à procura do Gregorovitch. Aquela aldeia não me pareceu ficar em Inglaterra.

— Achas que estavas outra vez a ler-lhe a mente?

Ron mostrava-se preocupado.

— Por favor, não digas nada à Hermione — pediu-lhe Harry. — Embora não faça a mais pequena ideia de como é que ela quer que eu consiga deixar de ver coisas enquanto durmo.

Fixou o olhar na pequena gaiola de *Pigwidgeon*, a pensar por que razão o nome «Gregorovitch» lhe pareceria familiar?

— Acho — afirmou pausadamente — que tem algo que ver com o Quidditch. Uma ligação há seguramente, mas não estou... não estou a ver qual seja.

— Com o Quidditch? — admirou-se Ron. — Tens a certeza de que não estás a fazer confusão com o Gorgovitch?

— Com quem?

— Com o Dragomir Gorgovitch, o *Chaser*, que há dois anos foi transferido para os Chuddley Cannons por uma quantia astronómica. O recordista do maior número de lançamentos de *Quaffle* numa época.

— Não — garantiu Harry. — Tenho a certeza de que não estou a pensar no Gorgovitch.

— Eu também evito pensar nele — disse Ron. — Bom, parabéns.

— Uau... é isso, já me ia esquecendo! Hoje faço dezassete anos.

Harry pegou na varinha que estava ao lado da cama desmontável, apontou-a à secretária atravancada de tralha onde deixara os óculos e disse: — *Accio óculos!* — Embora estes se encontrassem praticamente ao alcance da sua mão, foi com imensa satisfação que os viu flutuar ao seu encontro, pelo menos até lhe acertarem num olho.

— Em cheio — troçou Ron.

Deleitado com a retirada do Detector, Harry pôs os pertences de Ron a voar pelo quarto, acordando *Pigwidgeon* que, muito agitada, começou bater as asas dentro da gaiola. Harry tentou ainda apertar os atacadores dos ténis por artes mágicas (o nó resultante levou vários minutos a desapertar à mão) e, por pura diversão, transformou os mantos cor de laranja no cartaz dos Chudley Cannons de Ron em azul-vivo.

— Mas olha que, se eu fosse a ti fechava a braguilha à mão — advertiu-o Ron, rindo-se à socapa quando Harry se apressou a verificá-la. — Tens aqui o teu presente. Desembrulha-o aqui, que não é para os olhos da minha mãe.

— Um livro? — admirou-se Harry, ao receber o embrulho rectangular. — Foge um pouco ao que é costume, não é?

— Não é um livro qualquer — salientou Ron. — Trata-se dum verdadeiro tesouro: *Doze Truques Infalíveis para Seduzir Feiticeiras*. Explica-te tudo o que precisas de saber sobre as raparigas. Se eu já o tivesse descoberto no ano passado, teria sabido exactamente o que fazer para me livrar da Lavender e para atinar com... Bom, o Fred e o George ofereceram-me um exemplar, e tenho aprendido muito. Vais ficar surpreendido, não se trata apenas de uma questão de saber manusear a varinha.

Quando chegaram à cozinha, depararam-se com uma montanha de presentes em cima da mesa. Bill e Monsieur Delacour estavam a terminar o pequeno-almoço, enquanto Mrs. Weasley, atarefada diante duma frigideira, ia tagarelando com ambos.

— O Arthur pediu-me para te desejar um feliz aniversário, Harry — disse-lhe Mrs. Weasley, lançando-lhe um largo sorriso. — Teve de sair cedo para o trabalho, mas estará de volta à hora do jantar. O nosso presente é o que está por cima.

Harry sentou-se, pegou no pacote quadrado que ela lhe indicara e desembulhou-o. Lá dentro achava-se um relógio em tudo idêntico ao que Mr. e Mrs. Weasley haviam oferecido a Ron quando este completara dezassete anos; era de ouro, com estrelas em volta do mostrador no lugar dos ponteiros.

— É da tradição oferecer um relógio aos feiteiros quando atingem a maioridade — explicou-lhe Mrs. Weasley, olhando para ele ansiosamente do outro lado do fogão. — Infelizmente esse não é novo, como o do Ron; na verdade, pertenceu ao meu irmão Fabian, e ele não era lá muito cuidadoso com as suas coisas, está um bocadinho amolgado no reverso, mas...

O resto do discurso perdeu-se; Harry levantara-se para lhe dar um abraço. Esforçou-se por colocar muitas coisas omitidas naquele abraço e talvez ela as tivesse entendido, porque lhe deu umas quantas palmadinhas desajeitadas na bochecha quando ele se afastou, e em seguida agitou a varinha um pouco ao acaso, entornando meia embalagem de *bacon* da frigideira para o chão.

— Feliz aniversário, Harry! — exclamou Hermione, entrando de rompante na cozinha e acrescentando o seu presente à pilha. — Não é grande coisa, mas espero que te agrade. O que é que lhe compraste? — perguntou então a Ron, que fingiu não a ter ouvido.

— Vá lá, abre o da Hermione! — encorajou-o Ron.

Ela comprara-lhe um Avisoscópio novo. Os outros embrulhos continham uma lâmina de barbear mágica, oferta de Bill e Fleur («Ah, pois, vai darr-te o barrbearr mais maciô que algum dia tiveste», assegurou-lhe Monsieur Delacour, «mas tens de lhe dizerr clarramente o que é que queres... caso contrárrrio, és capaz de ficarr com menos cabelo que o que prretendias...»), bonbons dos Delacour e uma enorme caixa das mais recentes Magias Mirabolantes dos Weasley comercializadas por Fred e George.

Harry, Ron e Hermione não se demoraram à mesa, pois a chegada de Madame Delacour, de Fleur e de Gabrielle tornou a cozinha desconfortavelmente apinhada.

— Eu torno a embrulhar-tos — sugeriu Hermione, muito animada, pegando nos presentes que Harry levava ao colo enquanto os três subiam as escadas. — Estou quase despachada, estou só à espera de que o resto das tuas cuecas acabem de se lavar, Ron...

A atrapalhação de Ron foi interrompida pela abertura de uma porta no patamar do primeiro piso.

— Harry, importas-te de chegar aqui por um instante?

Era Ginny. Ron deteve-se abruptamente, mas Hermione agarrou-o por um ombro e empurrou-o escada acima. Muito nervoso, Harry seguiu Ginny até ao seu quarto.

Nunca lá estivera. Era pequeno, mas bem iluminado. Havia um grande cartaz da banda de feiticeiras Weird Sisters numa parede e uma fotografia de Gwenog Jones, capitã da equipa feminina de Quidditch Holyhead Harpies, na outra. Via-se uma secretária virada para a janela aberta, que dava para o pomar onde em tempos ele e Ginny tinham jogado Quidditch a pares, com Ron e Hermione, e que agora albergava uma grande tenda branco-pérola. A bandeira dourada no cimo encontrava-se ao nível da janela de Ginny.

Esta ergueu os olhos para o rosto de Harry, respirou bem fundo e disse-lhe: — Feliz aniversário!

— Pois... obrigado.

Ginny tinha os olhos cravados nele; Harry, contudo, sentia dificuldade em retribuir-lhe o olhar: era como fixar uma luz brilhante.

— Que bela vista — comentou ele sem grande jeito, apontando para lá da janela.

Ginny ignorou o comentário e Harry não a pôde culpar por isso.

— Não sabia que prenda te havia de dar — confessou-lhe.

— Não tinhas de me dar prenda nenhuma.

Mais uma vez, Ginny não fez caso das suas palavras.

— Queria que fosse alguma coisa com utilidade. Não demasiado grande, porque, assim, não a poderias levar contigo.

Harry arriscou olhá-la de relance. Não estava chorosa; era uma das muitas qualidades de Ginny, raramente chorava. Harry já por diversas vezes pensara que o facto de ter seis irmãos contribuíra para a endurecer.

Ela avançou um passo para junto dele.

— E foi então que pensei que talvez gostasses dalguma coisa que te fizesse lembrar de mim, sabes, para o caso de encontrares alguma Veela, quando andares a tratar dos assuntos que tens a tratar.

— Para ser sincero, acho que as oportunidades para namorar não vão ser muito abundantes.

— É esse o raio de esperança a que eu me agarro — sussurrou-lhe ela, e em seguida beijou-o como nunca antes o beijara, e Harry devolveu-lhe o beijo, e então instalou-se entre ambos um esquecimento abençoado, melhor que Uísque de Fogo; ela era a única coisa real no mundo, Ginny, a sensação de a ter junto de si, com uma mão a apoiar-lhe as costas e a outra no seu cabelo comprido e docemente perfumado...

A porta abriu-se de rompante atrás dele e de imediato se afastaram, sobressaltados.

— Oh — disse Ron em tom incisivo. — Desculpem.

— Ron! — Hermione encontrava-se mesmo atrás dele, ligeiramente ofegante. Seguiu-se um silêncio constrangido, depois Ginny exclamou numa vozinha insípida:

— Bom, feliz aniversário, de qualquer dos modos, Harry.

As orelhas de Ron estavam escarlates e Hermione parecia nervosa. Harry teve vontade de bater com a porta na cara de ambos, mas tinha a sensação de que uma corrente de ar fria acabara de varrer o quarto e que o seu momento dourado rebentara como uma bola de sabão. Todos os motivos para terminar o seu namoro com Ginny, para se manter o mais afastado possível dela, pareciam ter entrado furtivamente dentro do quarto com Ron, desvanecendo o feliz esquecimento.

Olhou para Ginny, procurando em vão alguma coisa que dizer, mas ela já lhe voltara costas. Receou que, por uma vez, ela fosse ceder às lágrimas. Não podia fazer nada para a consolar em frente de Ron.

— Depois falamos — disse-lhe e saiu do quarto atrás dos outros.

Ron marchou escada abaixo, atravessou a cozinha ainda cheia de gente e saiu para o pátio, e Harry seguiu-o, mantendo-se sempre ao seu ritmo, Hermione a trotar atrás de ambos com ar assustado.

Logo que se viram rodeados pelo isolamento do relvado acabado de cortar, Ron deu meia volta e encarou Harry.

— Tu acabaste com ela. O que é que queres agora, brincar com os seus sentimentos?

— Eu não ando a brincar com ela — retorquiu Harry, no momento em que Hermione os alcançou.

— Ron...

Mas este levantou uma mão a avisá-la para que se calasse.

— Ela ficou completamente de rastos quando tu acabaste com tudo...

— Também eu. Tu sabes por que é que fui obrigado a fazer isso; não foi por minha vontade.

— Pois, mas agora puseste-te a dar-lhe beijos, e ela vai ficar outra vez cheia de esperanças...

— Ela não é parva, sabe que isso não é possível, não vai estar à espera de que nós... de que nós nos casemos ou...

À medida que proferia estas palavras, formou-se na mente de Harry uma imagem nítida de Ginny de vestido branco, a casar-se com um estranho antipático, alto e sem rosto. Num instante, a verdade atingiu-o em cheio: o futuro dela estava livre e desimpedido, ao passo que ele... ele não via nada à sua frente senão Voldemort.

— Se continuas a agarrar-te a ela sempre que tiveres oportunidade...

— Não torna a acontecer — assegurou-lhe Harry em tom áspero. Não havia nuvens no céu, mas ele sentia-se como se o sol tivesse desaparecido. — Está bem assim?

Ron fez um ar meio ressentido, meio acanhado; balançou-se momentaneamente para trás e para diante, depois disse: — Pronto, então, bom... tudo bem.

Nesse dia, Ginny não tornou a procurar mais nenhum encontro a sós com Harry, nem por algum gesto ou olhar deu a entender que haviam partilhado

mais que uma conversa agradável no seu quarto. Apesar disso, a chegada de Charlie constituiu um enorme alívio para Harry. Proporcionou-lhe uma distração ver Mrs. Weasley a obrigar Charlie a sentar-se numa cadeira, erguer a varinha em sinal de ameaça e anunciar que lhe ia cortar o cabelo como devia ser.

Dado que o jantar de aniversário de Harry iria fazer a cozinha d' A Toca rebentar pelas costuras, mesmo sem contar com a chegada de Charlie, de Lupin, de Tonks e de Hagrid, decidiram colocar várias mesas lado a lado no jardim. Fred e George enfeitaram uma série de lanternas roxas, todas adornadas com um grande «17», e penduraram-nas no ar por cima dos convidados. Graças aos cuidados de Mrs. Weasley, a ferida de George estava limpa e com bom aspecto, mas Harry ainda não se conseguira habituar ao buraco negro na parte lateral da cabeça do amigo, não obstante as piadas constantes dos gémeos a esse propósito.

Hermione fez sair da sua varinha serpentina roxa e dourada e pendurou-as artisticamente à volta das árvores e dos arbustos.

— Está bem giro — comentou Ron enquanto, com um último floreado da varinha, Hermione cobria as folhas da macieira-brava de dourado. — Tens mesmo jeito para estas coisas.

— Obrigada, Ron! — agradeceu Hermione, com um ar a um tempo agradado e surpreendido. Harry afastou-se, sorrindo para consigo. Tinha uma vaga sensação de que iria encontrar um capítulo dedicado às formas de agradecimento quando lesse atentamente *Doze Truques Infalíveis para Seduzir Feiticeiras*; apanhou Ginny a olhar para ele e sorriu-lhe largamente, até que se lembrou da promessa que acabara de fazer a Ron e se apressou a entabular conversa com Monsieur Delacour.

— Saiam-me do caminho, saiam-me do caminho! — cantarolou Mrs. Weasley, passando pelo portão com o que parecia ser uma *Snitch* gigante, do tamanho de uma bola de praia, a flutuar à sua frente. Harry não tardou a perceber que se tratava do seu bolo de aniversário, que Mrs. Weasley trazia suspenso por artes mágicas, ao invés de se arriscar a transportá-lo à mão pelo piso irregular. Quando o bolo por fim aterrou em cima da mesa, Harry declarou: — Está um espectáculo, Mrs. Weasley.

— Oh, não é nada de especial, meu querido — disse ela em tom afectuoso. Por cima do ombro, Ron fez-lhe um gesto com o polegar para cima e mimou com os lábios: «Boa!»

Às sete da tarde, já todos os convidados haviam chegado e sido conduzidos para dentro de casa por Fred e George, que os tinham ido receber ao fim da vereda. Hagrid mostrou-se à altura da ocasião, vestindo o seu melhor, e mais medonho, fato castanho felpudo. Embora Lupin tenha sorrido ao apertar a mão a Harry, este achou-o um tanto ou quanto abatido. Era muito estranho; Tonks, a seu lado, estava simplesmente radiante.

— Feliz aniversário, Harry — desejou-lhe ela, dando-lhe um abraço apertado.

— Dezassete, eh! — disse Hagrid ao aceitar um copo de vinho do tamanho dum balde que Fred lhe estendia. — Já lá vão seis anos desde que nos conhecemos, Harry, ‘inda te lembras?

— Vagamente — respondeu-lhe este, com um amplo sorriso. — Não foste tu que deitaste a porta da rua abaixo, deste ao Dudley um rabo de porco e me anunciaste que eu era feiticeiro?

— Já m’ esqueci dos pormenores — disse Hagrid, rindo-se à socapa. — Tudo bem, Ron, Hermione?

— Estamos óptimos — assegurou-lhe Hermione. — E tu, como estás?

— Ah, vai-se andando. Tenho andado atarefado, nasceram-nos uns unicórnios, quando voltarem, eu mostro-vos... — Harry evitou os olhares de Ron e Hermione, enquanto Hagrid vasculhava dentro do bolso. — Aqui tens, Harry... nã’ sabia o qu’ é que t’ havia de dar, mas depois lembrei-me disto. — Tirou uma pequena bolsa ligeiramente felpuda, atada por um fio e com outro fio muito comprido, obviamente destinada a ser usada ao pescoço.

— Pele de Moke. Pode-se esconder o que se quiser lá dentro que só o dono é qu’ o consegue tirar. É uma dificuldade prás arranjar, estas bolsas.

— Obrigado, Hagrid!

— Nã’ tens de quê — respondeu-lhe Hagrid, acenando com uma mão do tamanho duma tampa de caixote do lixo. — E aqui temos o Charlie! Sempre gostei dele... Eh! Charlie!

Charlie aproximou-se deles, passando a mão com ar lastimoso pelo seu recente corte de cabelo drástico. Era mais baixo e entroncado que Ron e apresentava uma série de marcas de queimaduras e arranhões nos braços musculosos.

— Olá, Hagrid, como é que vai isso?

— Há séculos qu’ ando pra te escrever. Como é que vai o Norbert?

— O Norbert? — retorquiu Charlie com uma gargalhada. — O dragão norueguês? Agora tratamo-lo por Norberta.

— O quê... O Norbert é uma menina?

— Ah pois — confirmou Charlie.

— Como é que sabes? — interpelou-o Hermione.

— São muito mais perversas — afirmou Charlie. Deitou uma olhadela por cima do ombro e baixou a voz: — Quem me dera que o meu pai se despachasse a vir para casa. A minha mãe está a começar a ficar nervosa.

Dirigiram todos o olhar para Mrs. Weasley, que se esforçava por manter uma conversa com Madame Delacour por entre olhadelas constantes ao portão.

— Acho que talvez seja melhor começarmos sem o Arthur — declarou ela aos presentes no jardim passados uns instantes. — Deve ter tido algum impedimento no... Oh!

Todos o viram em simultâneo: um raio de luz que chegou a voar através do pátio e aterrou em cima da mesa, onde se transformou numa doninha prateada e brilhante, que se empertigou nas patas traseiras e falou com a voz de Mr.

Weasley.

— O Ministro da Magia vem comigo.

O Patronus dissolveu-se em nada, deixando a família de Fleur de olhos arregalados de espanto, cravados no sítio onde se desvanecera.

— Não devíamos estar aqui — apressou-se Lupin a dizer. — Harry... desculpa... depois explico-te...

Pegou em Tonks por um pulso e levou-a atrás de si; chegaram ao portão, treparam por ele e desapareceram. Mrs. Weasley tinha um ar desorientado.

— O Ministro... Mas porquê...? Não estou a entender...

Contudo, não havia tempo para se porem com explicações; um segundo mais tarde, surgido do nada, Mr. Weasley aparecia junto ao portão, acompanhado por Rufus Scrimgeour, cuja farta cabeleira grisalha o tornou de imediato identificável.

Os dois recém-chegados atravessaram o pátio a passos largos em direcção ao jardim e à mesa iluminada pelas lanternas, onde todos se achavam sentados em silêncio, a vê-los aproximarem-se. À medida que Scrimgeour ia ficando ao alcance da luz das lanternas, Harry reparou que estava com um ar muito mais envelhecido, descarnado e amargo que da última vez que se tinham encontrado.

— Desculpem a intromissão — disse Scrimgeour, chegando a coxear e detendo-se diante da mesa. — Sobretudo quando verifico que venho interromper uma festa.

Os seus olhos demoraram-se momentaneamente no bolo em forma de *Snitch* gigante.

— Que contes muitos, Harry.

— Obrigado — agradeceu o aniversariante.

— Preciso de ter uma conversa em privado contigo — prosseguiu Scrimgeour. — E também com Mr. Ronald Weasley e Miss Hermione Granger.

— Connosco? — indagou Ron, muito admirado. — Mas porquê?

— Explicar-vos-ei quando nos encontrarmos num local mais privado — afirmou Scrimgeour. — Será possível irmos para um sítio assim? — pediu ele a Mr. Weasley.

— Sim, com certeza — apressou-se este a dizer, com ar nervoso. — A hã... a sala de estar, por que é que não vão para lá?

— Podes indicar-nos o caminho — pediu Scrimgeour a Ron. — Não há necessidade de nos acompanhares, Arthur.

Harry reparou que Mr. Weasley trocou um olhar apreensivo com Mrs. Weasley quando ele, Ron e Hermione se levantaram. Enquanto conduziam Scrimgeour para dentro de casa em silêncio, Harry pressentiu que os amigos estavam a pensar no mesmo que ele: de alguma forma, o Ministro devia ter descoberto que os três estavam a planear abandonar Hogwarts.

Scrimgeour não abriu a boca até terem atravessado a cozinha desarrumada e chegado à sala de estar d' A Toca. Embora o jardim estivesse inundado por

uma luz suave e dourada, ali dentro já fazia escuro: quando entraram, Harry apontou a varinha aos candeieiros a óleo e estes alumiarão a sala desleixada, mas acolhedora. Scrimgeour sentou-se na poltrona desconjuntada que Mr. Weasley costumava ocupar, obrigando Harry, Ron e Hermione a espremerem-se lado a lado no sofá. Depois de todos se terem instalado, Scrimgeour falou.

— Tenho algumas perguntas a fazer aos três, e creio que será melhor fazê-las individualmente. Se vocês dois — apontou para Harry e Hermione — não se importarem de esperar lá em cima, eu começo pelo Ron.

— Nós não vamos a lado nenhum — disse Harry, enquanto Hermione assentia vigorosamente com a cabeça. — Ou fala com todos ao mesmo tempo, ou nada feito.

Scrimgeour deitou a Harry um olhar frio e avaliador e este teve a impressão de que o Ministro estava a ponderar se valia a pena abrir as hostilidades tão cedo.

— Muito bem, então, todos juntos — acedeu ele com um encolher de ombros. Clareou a voz. — A minha presença aqui, tal como estou certo que sabem, prende-se com o testamento de Albus Dumbledore.

Harry, Ron e Hermione trocaram olhares de espanto.

— Uma surpresa, ao que vejo! Então não sabiam que o Dumbledore vos tinha deixado alguma coisa?

— A... a todos? — inquiriu Ron. — A mim e à Hermione também?

— Sim, a todos...

Mas Harry de imediato o interrompeu.

— O Dumbledore morreu há mais de um mês. Por que é que demorou tanto a vir entregar-nos o que ele nos deixou?

— Não será por de mais óbvio? — retorquiu Hermione, antes de Scrimgeour ir a tempo de responder. — Queriam examinar o que quer que ele nos tenha deixado. Não tinha o direito de fazer isso! — indignou-se ela, com a voz ligeiramente trémula.

— Tinha todo o direito — ripostou Scrimgeour com desdém. — O Decreto da Confiscação Justificada confere ao Ministério o poder de apreender todo o conteúdo de um testamento...

— Essa lei foi criada para impedir que os feiticeiros transmitissem artefactos Negros — afirmou Hermione —, e, antes de os confiscar, o Ministério tem de estar de posse de provas concludentes de que os pertences do falecido são ilegais! Está a querer dizer-nos que julgava que o Dumbledore nos tentaria transmitir uma coisa amaldiçoada?

— Está a pensar seguir uma carreira ligada à Lei Mágica, Miss Granger? — interrogou-a Scrimgeour.

— Não, não estou! — redarguiu Hermione. — Tenho esperança de contribuir para o bem do mundo!

Ron riu-se. Os olhos de Scrimgeour tremeluziram na direcção dele e depois voltaram-se para Harry, quando este começou a falar.

— Então por que é que agora decidiu entregar-nos aquilo que é nosso por

direito? Não é capaz de arranjar um pretexto para não o fazer?

— Não, é porque os trinta e um dias estão a chegar ao fim — respondeu Hermione sem demora. — Eles não podem ficar com os objectos mais tempo a menos que provem que são perigosos. É verdade ou não é?

— Dirias que eras chegado ao Dumbledore, Ron? — perguntou-lhe Scrimgeour, ignorando Hermione. Ron mostrou-se surpreso.

— Eu? Não... nem por isso... Foi sempre o Harry quem...

Ron dirigiu o olhar para Harry e Hermione, a tempo de ver esta última a fazer-lhe uma expressão do género «vê lá se te calas!», mas os estragos estavam feitos: Scrimgeour fez um ar de quem ouviu exactamente aquilo de que estava à espera e desejava ouvir. Qual ave de rapina, lançou-se a pique sobre a resposta de Ron.

— Se não eras muito chegado ao Dumbledore, como é que justificas o facto de ele se ter lembrado de ti no testamento? Fez pouquíssimas doações pessoais. A grande maioria dos seus bens... a biblioteca particular, os instrumentos mágicos e outros objectos de uso pessoal... deixou-as a Hogwarts. Por que achas que foste escolhido?

— Sei... sei lá — disse Ron. — Eu... quando digo que não éramos chegados... quero dizer, acho que ele gostava de mim...

— Deixa-te de modéstias, Ron — interveio Hermione. — O Dumbledore gostava imenso de ti.

Isto era esticar a verdade para lá do aceitável; ao que Harry sabia, Ron e Dumbledore nunca tinham estado juntos a sós, e o contacto directo entre ambos fora praticamente inexistente. Scrimgeour, porém, não parecia estar a ouvi-los. Enfiou uma mão dentro do manto e tirou de lá uma bolsa atada com um fio muito maior que a que Hagrid oferecera a Harry. Retirou da bolsa um rolo de pergaminho, que abriu e leu em voz alta.

— *«Última Vontade e Testamento de Albus Percival Wulfric Brian Dumbledore»... Pronto, é aqui... «a Ronald Bilius Weasley deixo o meu Apagador, na esperança de que ele se lembre de mim quando o usar.»*

Scrimgeour retirou de um saco um objecto que Harry já anteriormente vira: assemelhava-se a um isqueiro prateado, mas tinha, sabia ele, o poder de sugar toda a luz de um determinado local, bem como de lha devolver, carregando num simples botão. Scrimgeour inclinou-se para a frente e entregou o Apagador a Ron, que o aceitou e o revirou entre os dedos, com ar atônito.

— Trata-se de um objecto valioso — afirmou Scrimgeour de olhos postos em Ron. — Talvez até seja único. Do que não há dúvida é que foi concebido pelo próprio Dumbledore. Por que motivo haveria ele de te deixar um objecto tão raro?

Ron abanou a cabeça, completamente desorientado.

— O Dumbledore deve ter tido milhares de alunos — insistiu Scrimgeour. — E, no entanto, os únicos de quem se lembrou no seu testamento são vocês. Qual será o motivo? Que uso pensaria ele que o *senhor* iria dar ao seu Apagador, Mr. Weasley?

— Para apagar as luzes, julgo eu — murmurou Ron. — Que outra coisa poderia eu fazer com ele?

Era evidente que Scrimgeour não tinha qualquer sugestão a adiantar. Depois de deitar uma olhadela de esguelha a Ron, tornou a concentrar a sua atenção no testamento de Dumbledore.

— «*A Miss Hermione Jean Granger, deixo o meu exemplar de Os Contos de Beedle, o Bardo, na esperança de que ela os ache divertidos e instrutivos.*»

Scrimgeour retirou então de dentro do saco um pequeno livro que parecia ser tão antigo quanto o exemplar de *Segredos da Mais Negra Magia* guardado no quarto de Ron. A encadernação estava manchada e a descascar-se nalgumas partes. Hermione aceitou-o das mãos de Scrimgeour sem dizer uma única palavra. Posou o livro em cima do colo e ficou a olhar para ele. Harry reparou que o título estava escrito em runas; ele nunca chegara a aprender a lê-las. E reparou ainda numa lágrima a salpicar os símbolos gravados em relevo.

— Qual lhe parece que tenha sido o motivo para o Dumbledore lhe deixar esse livro, Miss Granger? — perguntou-lhe Scrimgeour em tom irónico.

— Ele... ele sabia que eu gostava de livros — respondeu Hermione com a voz embargada, limpando os olhos à manga.

— Mas porquê este livro em particular?

— Não faço ideia. Talvez tenha pensado que me fosse agradar.

— Alguma vez o Dumbledore conversou consigo a respeito de códigos, ou de qualquer outra forma de transmitir mensagens secretas?

— Não, nunca — disse Hermione, ainda a limpar os olhos à manga. — E se, em trinta e um dias, o Ministério não foi capaz de descobrir nenhum código oculto neste livro, duvido de que eu consiga fazê-lo.

Sufocou um soluço. Estavam de tal maneira comprimidos uns contra os outros, que Ron teve dificuldade em libertar um braço para o colocar em redor dos ombros de Hermione. A atenção de Scrimgeour dirigiu-se uma vez mais ao testamento.

— «*A Harry James Potter*» — leu ele, e Harry sentiu as entranhas a contraírem-se-lhe de expectativa —, «*deixo a Snitch que ele apanhou no primeiro jogo de Quidditch que disputou em Hogwarts, como lembrança das recompensas da perseverança e da destreza.*»

Quando Scrimgeour retirou a minúscula bola dourada, do tamanho duma noz, as suas asas prateadas adejaram debilmente, e Harry não pôde conter uma manifesta sensação de anticlímax.

— Por que é que o Dumbledore se terá lembrado de te deixar a *Snitch*? — interrogou-o Scrimgeour.

— Não faço ideia — respondeu Harry. — Pelas razões que acabou de citar, calculo... para me lembrar do que somos capazes de alcançar se... formos perseverantes e tudo o mais.

— Achas então que se trata de uma mera recordação simbólica?

— Suponho que sim — confirmou Harry. — Que mais poderia ser?

— Aqui quem faz as perguntas sou eu — declarou Scrimgeour, aproximando a poltrona um pouco mais do sofá. Lá fora, a noite caía rapidamente; a tenda branca que se via das janelas erguia-se como um fantasma acima da sebe.

— Reparei que o teu bolo de aniversário tem a forma de uma *Snitch* — comentou Scrimgeour dirigindo-se a Harry. — Qual o motivo disso?

Hermione soltou uma gargalhada de escárnio.

— Oh, uma referência ao facto de o Harry ser um óptimo *Seeker* não é seguramente, isso seria demasiado óbvio — declarou ela. — Tem de haver uma mensagem secreta do Dumbledore escondida na cobertura!

— Eu não acho que haja mensagem nenhuma escondida na cobertura — retorquiu Scrimgeour —, mas uma *Snitch* é o local ideal para esconder um pequeno objecto. Estou certo de que sabem porquê!

Harry encolheu os ombros. Hermione, porém, respondeu em seu lugar; Harry considerava que responder correctamente às perguntas era um hábito de tal forma enraizado nela que não conseguia resistir ao impulso.

— Porque as *Snitches* têm uma memória carnal — afirmou ela.

— O quê? — indagaram Harry e Ron em uníssono; ambos estavam convencidos de que os conhecimentos de Hermione relativamente ao Quidditch eram praticamente nulos.

— Exactamente — disse Scrimgeour. — Uma *Snitch* nunca é tocada por pele despida antes de ser lançada pela primeira vez, nem sequer pelo fabricante, que usa luvas. Transporta um feitiço que lhe permite identificar o primeiro ser humano que lhe toca, para o caso de a sua posse ser disputada. A *Snitch* — segurou a minúscula bola dourada ao alto — recordar-se-á do teu toque, Potter. Ocorre-me pensar que o Dumbledore, a quem, por muitos defeitos que pudesse ter, não podemos deixar de reconhecer o talento mágico prodigioso, talvez tenha encantado esta *Snitch* para que ela se abra apenas para ti.

Harry sentia o coração um tanto ou quanto alvoroçado. Tinha a certeza de que Scrimgeour estava certo. Como poderia ele evitar tocar na *Snitch* com as próprias mãos diante do Ministro?

— Não precisas de dizer nada — asseverou-lhe Scrimgeour. — Talvez já saibas o que a *Snitch* contém?

— Não — respondeu Harry, ainda a perguntar-se como haveria de dar a impressão de tocar na *Snitch* sem que isso de facto acontecesse. Se ao menos ele soubesse Legilimancia como devia ser e conseguisse ler a mente a Hermione; quase sentia o cérebro da amiga a trabalhar a seu lado.

— Toma — disse-lhe Scrimgeour em voz baixa.

Harry encarou os olhos amarelados do Ministro e percebeu que não lhe restava alternativa senão obedecer. Estendeu a mão, e Scrimgeour tornou a inclinar-se para a frente e colocou a *Snitch*, lenta e deliberadamente, nas palmas das mãos de Harry.

Não aconteceu nada. À medida que os dedos de Harry se fechavam em

volta da *Snitch*, as suas asas fatigadas adejaram por uma última vez e pararam. Scrimgeour, Ron e Hermione continuaram avidamente de olhos cravados na bola agora em parte oculta, como se ainda tivessem esperança de que ela se fosse transformar.

— Foi dramático — observou Harry com frieza. Tanto Ron como Hermione se riram.

— Então está tudo, não está? — perguntou Hermione, preparando-se para se levantar do sofá.

— Ainda não — afirmou Scrimgeour, que parecia agora mal-humorado.

— O que é que falta? — quis saber Harry, sentindo o entusiasmo a reacender-se.

Desta feita, Scrimgeour não se deu ao trabalho de ler o testamento.

— A espada de Godric Gryffindor — anunciou.

Hermione e Ron retesaram-se ambos e Harry olhou em seu redor à procura de vestígios do punho cravejado de rubis; contudo, Scrimgeour não retirou a espada da sua bolsa de couro que, em qualquer dos casos, parecia pequena de mais para a conter.

— Então onde está ela? — inquiriu ele, desconfiado.

— Infelizmente — explicou Scrimgeour —, a espada não pertencia ao Dumbledore e, como tal, ele não a podia dar a ninguém. A espada de Godric Gryffindor é um importante artefacto histórico e, por conseguinte, pertence...

— Pertence ao Harry! — interrompeu Hermione de ânimo exaltado. — A espada escolheu-o a ele, foi ele quem a encontrou, saiu-lhe do Chapéu Seleccionador...

— De acordo com fontes históricas fidedignas, a espada pode revelar a sua presença a qualquer Gryffindor digno dela — justificou-se Scrimgeour. — Isso não a torna propriedade exclusiva de Mr. Potter, independentemente do que o Dumbledore possa ter decidido. — Coçou a face mal barbeada, deitando um olhar perscrutador a Harry. — Por que é que achas que...?

— O Dumbledore me deixou a espada? — precipitou-se Harry, esforçando-se por não perder a calma. — Talvez ele julgasse que ficava bem pendurada na parede do meu quarto.

— Não se trata de uma brincadeira, Mr. Potter! — resmungou Scrimgeour. — Seria por o Dumbledore estar convencido de que apenas a espada de Godric Gryffindor seria capaz de derrotar o Herdeiro de Slytherin? Teria ele desejado dar-te aquela espada, Potter, porque acreditava, à semelhança de muita gente, que estás destinado a destruir Aquele Cujo Nome Não Deve Ser Pronunciado?

— É uma teoria interessante, não há dúvida — observou Harry. — Já alguém tentou trespassar o Voldemort com uma espada? Talvez o Ministro devesse encarregar alguns funcionários dessa missão, ao invés de perderem tempo a desmontarem Apagadores ou a abafarem fugas de Azkaban. Então é isso que tem andado a fazer, trancado no seu gabinete, Ministro, a tentar abrir a minha *Snitch*? Há pessoas a morrer, eu próprio por pouco não fui uma delas,

o Voldemort perseguiu-me através de três condados, matou o Moody Olho-Louco, contudo, do Ministério, nem uma palavra a esse respeito, não é verdade? E ainda espera que colaboremos consigo!

— Estás a ir longe de mais! — gritou Scrimgeour pondo-se de pé; Harry levantou-se também de imediato. Scrimgeour aproximou-se de Harry a coxear e enterrou-lhe a ponta da varinha com toda a força no peito: esta abriu um buraco na *T-shirt* de Harry como se fosse uma beata acesa.

— Eh! — exclamou Ron, dando um pulo e empunhando a sua própria varinha, mas Harry disse-lhe:

— Não! Queres dar-lhe um pretexto para te prender?

— Lembraste-te de que não estás na escola, não é verdade? — afirmou Scrimgeour respirando com dificuldade para o rosto de Harry. — Lembraste-te de que eu não sou o Dumbledore, que te perdoava todas as insolências e insubordinações? Podes muito bem usar essa cicatriz como se fosse uma coroa, Potter, mas eu não admito que um rapaz de dezassete anos me venha dizer como devo fazer o meu trabalho! Já é altura de aprenderes a ter-me respeito!

— E já é altura de o senhor aprender a merecê-lo! — retorquiu Harry.

O chão estremeceu; ouviu-se o barulho de passos a correr, em seguida a porta da sala de estar abriu-se de rompante e Mr. e Mrs. Weasley entraram.

— Nós... nós julgámos ter ouvido... — começou Mr. Weasley, olhando perfeitamente alarmado para a imagem de Harry e do Ministro quase nariz com nariz.

— ...vozes exaltadas — ofegou Mrs. Weasley.

Scrimgeour recuou uns passos para longe de Harry, olhando de relance para o buraco que lhe fizera na *T-shirt*. Parecia arrependido de ter perdido a cabeça.

— Não... não foi nada — resmungou. — Eu... eu lamento a tua atitude — acrescentou, encarando novamente Harry. — Pareces pensar que o Ministério não deseja o mesmo que tu... o que o Dumbledore desejaria. Devíamos estar a trabalhar em conjunto.

— Eu não aprecio os seus métodos, Ministro — ripostou Harry. — Ou já se esqueceu?

Pela segunda vez, ergueu o punho direito e mostrou a Scrimgeour as cicatrizes brancas que ainda apresentava nas costas da mão e onde se via escrito: *Eu não devo dizer mentiras*. A expressão de Scrimgeour endureceu. Virou-lhe costas sem mais uma palavra e saiu a coxear da sala. Mrs. Weasley precipitou-se atrás dele. Harry ouviu-a deter-se na porta das traseiras. Decorridos uns instantes, gritou: — Já se foi embora!

— O que é que ele queria? — interrogou-o Mr. Weasley, olhando em seu redor para Harry, Ron e Hermione, enquanto Mrs. Weasley se apressava a regressar para junto deles.

— Entregar-nos o que o Dumbledore nos deixou — esclareceu Harry. — Só agora é que libertaram o conteúdo do testamento.

Lá fora, no jardim, em volta das mesas do jantar, os três objectos que Scrimgeour lhes trouxera foram passados de mão em mão. Ouviram-se muitas exclamações perante o Apagador e *Os Contos de Beedle, o Bardo*, e lamentos por Scrimgeour se ter recusado a entregar a espada, mas nenhum deles foi capaz de apresentar nenhuma sugestão para o facto de Dumbledore ter deixado a Harry uma *Snitch* velha. Quando Mr. Weasley estava a examinar o Apagador pela terceira ou quarta vez, Mrs. Weasley disse à cautela: — Harry, meu querido, está toda a gente cheia de fome, mas não queríamos começar sem ti... Já posso servir o jantar?

Comeram um tanto ou quanto a despachar e então, depois de um coro apressado de «Parabéns» e de engolirem o bolo, o convívio desfez-se. Hagrid, que estava convidado para o casamento do dia seguinte, mas que era avantajado de mais para dormir n' A Toca, já de si a rebentar pelas costuras, foi montar uma tenda para dormir num campo das redondezas.

— Encontramo-nos lá em cima — sussurrou Harry a Hermione, enquanto ajudavam Mrs. Weasley a devolver o jardim à sua aparência habitual. — Depois de toda a gente se ter ido deitar.

Já no quarto do sótão, Ron entreteve-se a examinar o Apagador, e Harry a encher a bolsa de pele de Moke de Hagrid, não com ouro, mas com os objectos que mais estimava, inúteis à primeira vista, embora alguns o fossem: o Mapa do Salteador, o fragmento do espelho encantado de Sirius e o medalhão de R.A.B. Apertou bem os fios e pendurou a bolsa ao pescoço, sentando-se em seguida com a velha *Snitch* nas mãos, a vê-la adejar debilmente as asas. Por fim, Hermione bateu ao de leve à porta e entrou no quarto em bicos de pés.

— *Muffliato* — murmurou ela, agitando a varinha na direcção das escadas.

— Pensei que não aprovasse esse feitiço — observou Ron.

— Os tempos são outros — justificou-se Hermione. — Agora mostra-nos cá esse Apagador.

Ron acedeu sem demora. Empunhando-o à sua frente, carregou no botão. A única luz que tinham acesa apagou-se de imediato.

— A verdade é que — sussurrou Hermione na escuridão — podíamos ter obtido o mesmo resultado com Escuridão Instantânea em Pó.

Ouviu-se um leve estalido, e o halo de luz do candeeiro voltou a incidir no tecto, tornando a iluminá-los.

— Mesmo assim, é fixe — disse Ron, um tanto ou quanto na defensiva. — E, segundo ouvi dizer, foi o próprio Dumbledore quem o inventou!

— Eu sei, mas ele com certeza não te iria escolher como herdeiro só para nos ajudar a apagar as luzes!

— Achas que ele sabia que o Ministério lhe confiscaria o testamento e examinar tudo quanto nos deixasse? — interpelou-a Harry.

— Sem sombra de dúvida — assentiu Hermione. — No testamento, ele não podia dizer por que é que decidi deixar-nos estes objectos, mas isso por si só não explica...

— ... por que é que não nos deu uma pista enquanto ainda estava vivo? — aventou Ron.

— Nem mais — confirmou Hermione, que folheava agora *Os Contos de Beedle, o Bardo*. — Se estes objectos são suficientemente importantes para passarem mesmo debaixo das barbas do Ministério, seríamos levados a pensar que ele nos teria dado a saber por que motivo... A menos que achasse que era óbvio?

— Mas nesse caso enganou-se, não foi? — disse Ron. — Eu sempre disse que ele não regulava bem. Um génio, e tudo o mais, mas chalado. Deixar ao Harry uma *Snitch* velha... a que propósito vem isso?

— Não faço ideia — admitiu Hermione. — Quando o Scrimgeour te obrigou a seguras nela, Harry, eu tinha a certeza de que alguma coisa ia acontecer!

— Pois, bem — disse Harry, com a pulsação a acelerar à medida que erguia a *Snitch* entre os dedos. — Eu não me ia pôr a esforçar-me para que isso acontecesse em frente do Scrimgeour, não acham?

— Esforçares-te como? — indagou Hermione.

— A *Snitch* que eu apanhei no primeiro jogo de Quidditch que disputei? — adiantou Harry. — Já não se lembram?

Hermione estava perfeitamente confusa. Ron, porém, ficou boquiaberto, apontando freneticamente de Harry para a *Snitch* e vice-versa, até conseguir recuperar a voz.

— Foi essa que tu por pouco não engoliste!

— Precisamente — assentiu Harry e, com o coração alvoroçado, levou a *Snitch* à boca.

Esta não se abriu. Sentiu a frustração e o desapontamento a dominá-lo: tornou a baixar a esfera dourada, mas Hermione lançou um grito.

— Palavras! Tem umas palavras escritas, olhem!

Harry ia deixando cair a *Snitch* tal foram a surpresa e o entusiasmo. Hermione estava coberta de razão. Gravadas na superfície lisa e dourada, onde instantes antes não houvera nada, encontravam-se agora quatro palavras na caligrafia fina e enviesada que Harry reconheceu como pertencendo a Dumbledore.

Eu abro-me no fim

Mal tivera tempo de as ler e já as palavras haviam desaparecido.

— «*Eu abro-me no fim...*» Mas que raio quererá isso dizer?

Hermione e Ron abanaram a cabeça, completamente desconcertados.

— Eu abro-me no fim... no *fim*... Eu abro-me no fim...

No entanto, por muito que repetissem as palavras, por muito que variassem a inflexão, não foram capazes de lhes arrancar qualquer outro significado.

— E a espada — disse Ron finalmente, depois de abandonadas todas as tentativas para adivinhar o significado da inscrição da *Snitch*. — Para que é que ele quis que o Harry ficasse com a espada?

— E por que é que não se limitou a dizer-me? — lamentou-se Harry em

voz baixa. — Ela estava lá, pendurada na parede do gabinete dele durante todas as conversas que tivemos no ano passado! Se ele queria que eu ficasse com ela, por que é que não ma deu logo?

Sentia-se como se estivesse num exame com uma pergunta para a qual tinha a obrigação de saber a resposta à sua frente, mas a sua mente recusava-se a reagir. Ter-lhe-ia alguma coisa passado despercebida no decorrer das longas conversas que travara com Dumbledore no ano anterior? Deveria ele saber o significado de tudo aquilo? Estaria Dumbledore à espera de que ele compreendesse?

— E quanto a este livro — afirmou Hermione —, *Os Contos de Beedle, o Bardo...* eu nem nunca tinha ouvido falar dele!

— Tu nunca tinhas ouvido falar d' *Os Contos de Beedle, o Bardo*? — retorquiu Ron com ar incrédulo. — Estás a brincar comigo, não estás?

— Não, a sério! — exclamou Hermione, surpreendida. — Porquê, tu já tinhas?

— É claro que sim!

Harry ficou a olhar para eles, divertido. A circunstância de Ron ter lido um livro de que Hermione nunca ouvira falar não tinha precedentes. Ron, todavia, não estava a ver motivo para tanta surpresa.

— Oh, vá lá! Todas as velhas histórias infantis foram supostamente escritas pelo Beedle, não é? *A Fonte do Justo Merecimento... O Feiticeiro e o Caldeirão Saltitante... A Coelha Babita e a sua Varinha Tagarela...*

— Como? — disse Hermione com uma gargalhadinha. — Como se chamava a última?

— Deixa-te de coisas! — atirou-lhe Ron, olhando, espantado, de Harry para Hermione. — Deves ter ouvido falar d' *A Coelha Babita...*

— Ron, tu sabes perfeitamente que eu e o Harry fomos educados por Muggles! — protestou Hermione. — Nós não ouvimos essas histórias quando éramos pequenos, ouvimos *A Branca de Neve e os Sete Anões* e *a Cinderela...*

— O que é isso, uma doença? — indagou Ron.

— Então este livro tem histórias para crianças? — concluiu Hermione, tornando a debruçar-se sobre as runas.

— Acho que sim — disse Ron hesitante. — Quer dizer, isso é o que se costuma dizer, percebes, que todas estas velhas histórias foram escritas pelo Beedle. Não sei como elas eram na versão original.

— Mas por que é que o Dumbledore achou que eu as devia ler?

Ouviram um rangido lá em baixo.

— Deve ser o Charlie, agora que a mãe já está a dormir, a escapulir-se para fazer o cabelo crescer à socapa — sugeriu Ron, nervoso.

— E também já está na hora de nós irmos para a cama — murmurou Hermione. — Amanhã não podemos dormir até tarde.

— Pois não — anuiu Ron. — Se à mãe do noivo lhe desse para cometer um triplo homicídio brutal, o casamento era capaz de ficar estragado. Eu apago as luzes.

E, dito isto, carregou uma vez mais no Apagador enquanto Hermione saía do quarto.

VIII

O CASAMENTO

Às três da tarde do dia seguinte encontraram Harry, Ron, Fred e George sentados à entrada da grande tenda branca armada no pomar, à espera de que os convidados chegassem. Harry ingerira uma dose grande de Poção Polissuco, e era agora o sócia de um rapaz Muggle e ruivo da aldeia local, Ottery St. Catchpole, a quem Fred roubara uma madeixa de cabelo, recorrendo ao Encantamento de Convocação. O plano previa apresentar Harry como sendo o «primo Barny» e esperar que ele passasse despercebido por entre o grande número de membros da família Weasley.

Todos eles tinham na mão mapas de distribuição dos lugares, de modo a poderem ajudar os convidados a encontrarem o que lhes fora destinado. Uma hora antes, chegara um exército de empregados com mantos brancos acompanhados por uma banda trajada com casacos dourados, e todos estes feiticeiros se achavam agora sentados a curta distância, à sombra de uma árvore; Harry via uma névoa azulada de fumo de cachimbo a elevar-se do local.

Por detrás de Harry, a entrada para a tenda deixava entrever filas e filas de cadeiras douradas de aspecto frágil dispostas ao longo de um tapete roxo muito comprido. Os postes de sustentação tinham flores brancas e douradas entrelaçadas à sua volta. Fred e George haviam prendido um enorme molho de balões dourados por cima do sítio exacto onde Bill e Fleur em breve se tornariam marido e mulher. Lá fora, as borboletas e as abelhas pairavam ociosamente acima do relvado e das sebes. Harry sentia um ligeiro desconforto. O rapaz Muggle cuja aparência ele assumira era bastante mais gordo que ele, e o manto fazia-lhe calor e tolhia-o ao sol abrasador dum dia estival.

— Quando eu me casar — declarou Fred, puxando pela gola do seu manto —, não vou querer saber destas tolices para nada. Podem vir como bem vos apetecer, e eu ponho a minha mãe sob o efeito de uma Ligadura Total do Corpo até o casamento chegar ao fim.

— Bem vistas as coisas, esta manhã ela até não foi tão má quanto isso —

adiantou George. — Derramou umas quantas lágrimas por o Percy não vir, mas quem é que precisa dele? Oh, caramba, preparem-se, rapazes... Olhem, ali vêm eles.

Vindos do nada, um a um, iam surgindo vultos de cores bem garridas na extremidade mais distante do pátio. Numa questão de minutos, formara-se uma procissão, que começou a serpentear através do jardim até à tenda. Flores exóticas e pássaros encantados esvoaçavam nos chapéus das feiticeiras, enquanto nas gravatas de muitos feiticeiros reluziam pedras preciosas; à medida que os convidados se iam aproximando da tenda, o burburinho de conversas excitadas foi aumentando cada vez mais de intensidade, abafando o zunido das abelhas.

— Excelente, acho que estou a ver algumas primas Veela — comentou George, empertigando o pescoço para poder ver melhor. — Elas vão precisar de ajuda para entender os nossos costumes ingleses... Eu cá me encarrego delas...

— Calminha aí, ó desorelhado — interveio Fred e, passando como uma seta pelo grupo de feiticeiras de meia-idade alvoroçadas que liderava a procissão, disse: — Pronto... *permettez-moi de ajudez vous* — a um par de francesinhas bonitas, que soltaram gargalhadas afectadas e permitiram que ele as escoltasse até ao interior da tenda. George teve de se contentar com as feiticeiras de meia-idade, e Ron encarregou-se de um antigo colega do Ministério de Mr. Weasley, Perkins, enquanto a Harry calhou em sorte um casal de idosos um tanto ou quanto surdos.

— Tudo bem? — cumprimentou-o uma voz familiar quando ele vinha a sair da tenda e se deparou com Tonks e Lupin no início da fila. Ela pusera-se loura para a ocasião. — O Arthur avisou-nos que serias o rapaz do cabelo encaracolado. Desculpa o que se passou ontem à noite — acrescentou ela num sussurro, enquanto Harry os conduzia pela coxia. — Ultimamente o Ministério anda muito antilobisomem, e nós pensámos que a nossa presença não te iria beneficiar em nada.

— Não tem importância, eu compreendo — assegurou-lhe Harry, dirigindo-se mais a Lupin que a Tonks. Lupin esboçou-lhe um sorriso pronto; no entanto, quando eles se iam a afastar, reparou que a expressão de Lupin adquiria novamente traços de desespero. Não entendia o que se passava, mas não havia tempo para se alongar naquele assunto: Hagrid estava a causar uma certa agitação. Tendo compreendido mal as indicações de Fred, fora sentar-se, não na cadeira aumentada e reforçada por artes mágicas e instalada propositadamente para ele na última fila, mas em cinco cadeiras que agora mais se assemelhavam a um grande amontoado de fósforos dourados.

Enquanto Mr. Weasley consertava os estragos e Hagrid gritava pedidos de desculpa para quem o quisesse ouvir, Harry apressou-se a regressar à entrada, onde se deparou com Ron diante de um feiticeiro de aspecto excêntrico. Ligeiramente estrábico, com cabelo branco a dar-lhe pelo ombro, usava um barrete cuja borla lhe baloiçava diante do nariz e um manto de uma tonalidade

de gema de ovo que feria a vista. Um estranho símbolo, semelhante a um olho triangular, brilhava duma corrente de ouro que trazia em volta do pescoço.

— Xenophilius Lovegood — apresentou-se ele, estendendo uma mão a Harry —, eu e a minha filha moramos mesmo do outro lado da colina; os Weasley, sempre tão amáveis, tiveram a generosidade nos convidar. Mas acho que já conhece a minha filha, não é verdade? — acrescentou para Ron.

— Sim — confirmou este. — Ela veio consigo?

— Ela demorou-se no vosso encanto de jardim para cumprimentar os gnomos; que magnífica infestação! É pena que tão poucos feiticeiros tenham consciência do muito que podemos aprender com os gnomos, pequenos, mas tão sábios... ou, para lhes dar o seu nome correcto, os *Gernumbli gardensi*.

— Por acaso, os nossos também conhecem uma grande variedade de palavras — comentou Ron —, mas acho que foram o Fred e o George que lhes ensinaram.

Estava a conduzir um grupo de feiticeiros para a tenda quando Luna apareceu de repente.

— Olá, Harry! — cumprimentou-o ela.

— Hã... eu chamo-me Barny — emendou-a Harry, desconcertado.

— Oh, também mudaste de nome? — perguntou ela em tom animado.

— Como é que descobriste...?

— Oh, bastou-me olhar para a tua expressão — explicou-lhe.

À semelhança do pai, Luna trajava uma indumentária amarelo-vivo, que complementara com um grande girassol no cabelo. Depois de nos habituarmos a tanta claridade, o efeito geral não deixava de ser agradável. Pelo menos não trazia rabanetes pendurados nas orelhas.

Xenophilius, que estava embrenhado em amena conversa com um conhecido seu, não reparara na troca de palavras entre Luna e Harry. Depois de se despedir do feiticeiro, virou-se para a filha, que esticou um dedo e lhe disse: — Olha, papá... um dos gnomos mordeu-me!

— Que maravilha! A saliva de gnomo tem inúmeras propriedades benéficas! — declarou Mr. Lovegood, segurando no dedo que Luna lhe estendia e examinando as marcas das dentadas, que sangravam. — Luna, meu amor, se por acaso hoje sentires algum talento desabrochar de dentro de ti... talvez cantar ópera ou declamar em sereiês... não o reprimas! Podes ter sido abençoada pelos *Gernumblies*!

Ron, que ia a passar por eles em sentido contrário, soltou uma sonora gargalhada de forma trocista.

— O Ron pode rir-se — disse Luna tranquilamente, enquanto Harry a conduzia a ela e a Xenophilius aos respectivos lugares —, mas o meu pai investigou a fundo a magia dos *Gernumbli*.

— A sério? — admirou-se Harry, que havia já muito tempo tomara a decisão de não contestar as opiniões peculiares quer de Luna, quer do pai. — Mas tens a certeza de que não queres pôr nada nessa dentada?

— Oh, não foi nada — respondeu Luna, sugando o dedo com ar sonhador e

olhando Harry de alto a baixo. — Estás todo elegante. Eu avisei o papá de que a maior parte dos convidados viria de mantos de cerimónia, mas ele está convencido de que se deve usar cores solares nos casamentos... Para dar sorte, percebes?

À medida que ela se afastava atrás do pai, Ron apareceu com uma feiticeira idosa agarrada ao seu braço. O nariz adunco, os olhos com contornos avermelhados e o chapéu de plumas cor-de-rosa davam-lhe um ar de flamingo maldisposto.

— ... e esse cabelo está comprido de mais, Ronald, por pouco não te confundi com a Ginevra. Pelas barbas de Merlin, mas o que é que o Xenophilius Lovegood traz vestido? Parece uma omeleta. E tu, quem és? — grasnou ela para Harry.

— Oh, pois, tia Muriel, este é o nosso primo Barny.

— Outro Weasley? Mas olha que vocês se reproduzem como gnomos. O Harry Potter não está cá? Estava com esperanças de o encontrar. Pensei que fosse teu amigo, Ronald, ou será que isso foi só mais uma gabarolice das tuas?

— Não... Ele não pôde vir...

— Hum. Deu uma desculpa, não foi? Afinal, não é tão parvo como aparenta pelas fotografias que saem nos jornais. Estive agora mesmo a ensinar a noiva como é que deve usar a minha tiara — gritou ela a Harry. — Foi feita por goblins, e há séculos que pertence à minha família. A rapariga até é jeitosa, mas, com franqueza... *francesa*. Bom, arranja-me um bom lugar, Ronald, que já tenho cento e sete anos em cima e não posso estar muito tempo de pé.

Ron deitou a Harry um olhar cheio de significado ao passar por ele e demorou-se algum tempo; quando se tornaram a encontrar à entrada, Harry conduziu mais uma dúzia de convidados aos respectivos lugares. A tenda estava agora praticamente cheia e, pela primeira vez, não havia fila lá fora.

— Um verdadeiro pesadelo, a tia Muriel — desabafou Ron, limpando a testa à manga. — Costumava visitar-nos todos os anos pelo Natal, mas depois, felizmente, ofendeu-se por o Fred e o George terem colocado uma Bomba de Estrume debaixo da cadeira dela durante o jantar. O meu pai nunca se cansa de dizer que ela os deve ter retirado do testamento... Como se eles se ralassem com isso... Pelo andar da carruagem, vão acabar por ser os mais ricos da família toda... Uau — acrescentou, pestanejando rapidamente à medida que Hermione vinha a correr para junto de ambos. — Estás um espanto!

— Sempre o mesmo tom de surpresa! — retorquiu Hermione, não obstante o sorriso. Trazia um vaporoso vestido lilás com sapatos de salto alto a condizer; o cabelo estava liso e brilhante. — A boa da tua tia Muriel não é da mesma opinião, acabei de me cruzar com ela lá em cima, quando ela foi dar a tiara à Fleur. Virou-se para mim e disse-me: «Oh, esta não é aquela de origem Muggle?» e depois fez um comentário à minha má postura e aos meus tornozelos escanzelados.

— Não leves isso a peito, ela é mal-educada para toda a gente — explicou-lhe Ron.

— Estão a falar da Muriel? — inquiriu George, tornando a sair da tenda com Fred. — Pois, ela acabou de me dizer que tenho as orelhas assimétricas. Aquele morcego velho... Quem me dera que o tio Bilius ainda estivesse entre nós; era um fartote de rir nos casamentos.

— Não foi ele que viu um Cruel e morreu passadas vinte e quatro horas? — perguntou-lhe Hermione.

— Bom, foi, para o fim ele ficou um bocado esquisito — admitiu George.

— Mas antes de ficar chalado, era a alma das festas — insistiu Fred. — Costumava emborcar uma garrafa inteira de Uísque de Fogo, depois ia a correr para a pista de dança, arregaçava o manto e começava a tirar ramos de flores das...

— Pois, devia ser um encanto de pessoa — retorquiu Hermione, enquanto Harry soltava uma sonora gargalhada.

— Nunca se casou, vá-se lá saber porquê — disse Ron.

— Tu nunca deixas de me surpreender — ripostou Hermione.

Estavam tão perdidos de riso que nem deram pela chegada de um retardatário, um jovem de cabelo escuro, com um grande nariz adunco e espessas sobrancelhas pretas, até que este estendeu um convite a Ron e, de olhos postos em Hermione, declarou:

— Estáz zimplezmente linda!

— Viktor! — guinchou ela, deixando cair uma malinha de missangas, que fez um estrondo bastante desproporcional ao seu tamanho. Muito corada, e enquanto se baixava apressadamente para a apanhar, foi dizendo: — Não sabia... Que bom ver-te... Como estás tu?

As orelhas de Ron tornaram a ficar escarlates. Depois de olhar de relance para o convite de Krum como se não acreditasse numa palavra do que lá dizia, perguntou-lhe, num tom despropositadamente alto: — O que é que estás aqui a fazer?

— A Fleurr convidou-me — esclareceu Krum, de sobrancelhas arqueadas.

Harry, que não tinha nada contra Viktor, apertou-lhe a mão; depois, pressentindo que seria prudente afastar Krum das proximidades de Ron, ofereceu-se para o conduzir ao seu lugar.

— O teu amigo non ficou nada zatizfeito porr me verr — observou Krum, enquanto entravam na tenda, agora à cunha de tantos convidados. — Ou serrá teu familiarr? — acrescentou, deitando uma olhadela ao cabelo ruivo e encaracolado de Harry.

— É meu primo — murmurou Harry, mas Krum já não lhe estava a prestar atenção. A sua aparência estava a causar um grande rebuliço, sobretudo entre as primas Veela: tratava-se, afinal de contas, de um famoso jogador de Quidditch. À medida que as pessoas empertigavam o pescoço para o verem melhor, Ron, Hermione, Fred e George vieram a correr pela coxia.

— É melhor sentarmo-nos — disse Fred a Harry —, se não quisermos ser atropelados pela noiva.

Harry, Ron e Hermione instalaram-se nos respectivos lugares na segunda

fila, atrás de Fred e de George. Hermione estava bastante corada, e Ron ainda tinha as orelhas escarlates. Passados uns instantes, ele resmungou para Harry: — Reparaste na barbicha ridícula que ele deixou crescer?

Harry soltou um grunhido descomprometido.

Uma atmosfera de expectativa ansiosa inundara a tenda quente, os murmúrios gerais interrompidos por arranques ocasionais de gargalhadas nervosas. Mr. e Mrs. Weasley percorreram o corredor central, sorrindo e acenando aos parentes; Mrs. Weasley trazia um conjunto cor de ametista novinho em folha, com um chapéu a condizer.

Passado um instante, Bill e Charlie levantaram-se na parte da frente da tenda, ambos trajados a rigor, com grandes rosas brancas na lapela; Fred lançou um assobio, e as primas Veela irromperam num acesso de risinhos afectados. Depois, à medida que a música se elevava, aparentemente dos balões dourados, os convidados foram ficando em silêncio.

— Ooooh! — exclamou Hermione, dando meia volta na cadeira para olhar para a entrada.

Um grande suspiro colectivo irrompeu das feiticeiras e dos feiticeiros presentes, enquanto Monsieur Delacour e Fleur percorriam a coxia central, Fleur a deslizar, Monsieur Delacour a saltitar, radiante. Fleur trazia um vestido branco muito simples e parecia emitir um halo intenso de luz prateada. Ao contrário do que era hábito, em que o seu resplendor eclipsava todos à sua volta, hoje contribuía para embelezar todos sobre os quais incidia. Ginny e Gabrielle, ambas de vestidos dourados, estavam ainda mais bonitas que nos outros dias e, quando Fleur chegou junto dele, parecia que Bill nunca tinha conhecido Fenrir Greyback.

— Minhas senhoras e meus senhores — declarou uma voz ligeiramente monótona, e foi com um certo choque que Harry viu o mesmo feiticeiro baixo e de cabelo aos tufos que presidira ao funeral de Dumbledore, agora diante de Bill e Fleur. — Encontramo-nos aqui hoje reunidos para celebrar a união de duas almas fiéis...

— Pois é, não há dúvida de que a minha tiara lhe dá outro ar — comentou a tia Muriel num murmúrio um tanto ou quanto sonoro. — Mas não posso deixar de reparar que o vestido da Ginevra é decotado de mais.

Ginny deitou uma olhadela à sua volta, com um sorriso rasgado, piscou o olho a Harry, depois apressou-se a olhar novamente em frente. Os pensamentos de Harry vaguearam para muito longe da tenda, de regresso às tardes passadas na companhia de Ginny em recantos sossegados do recinto da escola. Parecia que já lá ia tanto tempo; sempre achara aqueles momentos bons de mais para serem verdade, como se estivesse a roubar horas de felicidade à vida de uma pessoa normal, uma pessoa sem uma cicatriz em forma de raio na testa...

— William Arthur, aceitas Fleur Isabelle...?

Na fila dianteira, Mrs. Weasley e Madame Delacour soluçavam ambas baixinho para lenços de renda. Ruídos de trompeta da fila de trás denunciaram

a todos os presentes que Hagrid tirara do bolso um dos seus lenços de assoar do tamanho de uma toalha de mesa. Hermione virou-se para Harry e exibiu-lhe um sorriso radiante; também ela tinha os olhos banhados de lágrimas.

— ... e assim vos declaro unidos para sempre.

O feiticeiro de cabelo aos tufos ergueu a varinha mesmo por cima das cabeças de Bill e Fleur, e uma chuva de estrelas de prata caiu sobre eles, descendo em espiral em volta das suas silhuetas, agora entrelaçadas. Enquanto Fred e George abriam uma onda de aplausos, os balões dourados por cima dos noivos rebentaram: aves do paraíso e minúsculos sinos dourados saíram a voar de dentro deles, acrescentando as suas harmonias e acordes ao alarido.

— Minhas senhoras e meus senhores! — declarou o feiticeiro de cabelo aos tufos. — Por favor, levantem-se!

Todos assim fizeram, a tia Muriel a resmungar de forma audível; o feiticeiro agitou a varinha. As cadeiras onde tinham estado sentados elevaram-se graciosamente no ar à medida que as paredes de lona da tenda desapareciam, deixando-os debaixo de um dossel sustentado por postes dourados, com uma vista magnífica para o pomar banhado pelo sol e para os campos em redor. Em seguida, um fundo de ouro liquefeito espalhou-se a partir do centro da tenda, formando uma pista de dança resplandecente; as cadeiras flutuantes agruparam-se em redor de pequenas mesas revestidas com toalhas brancas, e tornaram a assentar graciosamente no chão, enquanto a banda de casacos dourados se encaminhava para o palanque.

— Lindo — comentou Ron em tom de aprovação, à medida que os empregados surgiam de todos os lados, alguns transportando travessas de prata com sumo de abóbora, Cerveja de Manteiga e Uísque de Fogo, outros carregados com pilhas de tartes e sanduíches.

— Devíamos ir cumprimentá-los! — sugeriu Hermione, pondo-se em bicos de pés para ver para onde Bill e Fleur tinham desaparecido por entre um ajuntamento de pessoas desejosas de lhes apresentar os seus votos de felicidades.

— Depois temos tempo — disse Ron com um encolher de ombros, surripiando três Cervejas de Manteiga de uma travessa que ia a passar e estendendo uma a Harry. — Hermione, anda daí, vamos arranjar uma mesa... aqui não! Em qualquer lugar menos perto da Muriel...

Ron liderou o trajecto através da pista de dança, lançando olhadelas à esquerda e à direita; Harry tinha a certeza de que ele estava a manter Krum debaixo de olho. Quando chegaram à outra extremidade da tenda, a maioria das mesas já se achava ocupada: a mais vazia era aquela em que Luna se encontrava sozinha.

— Não te importas de que nos sentemos ao pé de ti? — perguntou-lhe Ron.

— Oh, não, é claro — disse ela alegremente. — O papá foi entregar o nosso presente ao Bill e à Fleur.

— O que é, um abastecimento de Raízes de Gurdy para o resto da vida? — indagou Ron.

Hermione tentou dar-lhe um pontapé por debaixo da mesa, mas acertou em Harry. Com lágrimas de dor a virem-lhe aos olhos, Harry perdeu momentaneamente o fio à conversa.

A banda começou a tocar. Bill e Fleur foram os primeiros a ir para a pista de dança, por entre grandes aplausos; passado um momento, Mr. Weasley conduziu Madame Delacour para a pista, ao que se seguiram Mrs. Weasley e o pai de Fleur.

— Gosto tanto desta música — comentou Luna, balançando-se ao ritmo da valsa, e, logo a seguir, levantou-se e deslizou para a pista, onde se pôs a rodopiar sem sair do sítio, sozinha, de olhos fechados e ondulando os braços.

— Ela é óptima, não é? — disse Ron com voz de admiração. — Sempre bem-disposta.

No entanto, o sorriso não tardou a sumir-se-lhe do rosto; Viktor Krum deixou-se cair no assento vago de Luna. Hermione corou de satisfação, mas desta feita Krum não viera para a cumprimentar. Com ar mal-humorado, perguntou: — Quem é aquele indivíduo de amarelo?

— É o Xenophilius Lovegood, é pai de uma amiga nossa — respondeu Ron. O seu tom contundente indicava que não estava disposto a fazer troça de Xenophilius, por muito clara que a provocação fosse. — Vamos dançar — acrescentou abruptamente para Hermione.

Esta mostrou-se surpresa, mas também satisfeita, e levantou-se: desapareceram por entre a multidão que enchia cada vez mais a pista.

— Ah, eles agora zon namorradóz? — indagou Krum, momentaneamente distraído.

— Hã... mais ou menos — disse Harry.

— E tu, quem éz? — perguntou-lhe Krum.

— Barny Weasley.

Trocaram um aperto de mão.

— E tu, Barny... conhecezes bem ezze tal Lovegood?

— Não, só o conheci hoje. Porquê?

Krum arreganhou o cenho por cima da borda do copo, de olhos postos em Xenophilius, que estava a conversar com vários feiticeiros do lado oposto da pista de dança.

— Porrque — explicou ele — ze non fozz convidado da Fleurr, eu o dezaflava parra um duelo, aqui e agora, porr usarr aquele zímboło infecto ao peito.

— Símbolo? — admirou-se Harry, olhando por sua vez para Xenophilius. O estranho olho triangular brilhava-lhe no peito. — Porquê? Que mal tem?

— Grindelvald. É o zímboło do Grindelvald.

— Do Grindelwald... o feiticeiro Negro que o Dumbledore derrotou?

— Nem maiz.

Os músculos dos maxilares de Krum movimentaram-se como se ele estivesse a mastigar, e, em seguida, prosseguiu: — O Grrindelvald matou muita gente, porr exemplo, o meu avô. É claro que ele nunca foi muito

popularr nezte paíZ, dizem que tinha medo do Dumbledorre... e com razón, a terr em conta o fim que teve. Maz aquele — apontou um dedo a Xenophilus. — Aquele ali é o zímolo, reconheci-o logo que o vi: o Grrindelvald grravou-o numa parrede de Durmstrang quando andou lá a eZtudarr. Unz quantoz idiotaz imprimirram-no noZ livroZ e nas roupaz, com intençon de chocarr, de ze zalientarrem... até que nós, que tínhamoz perddido membrroz daz nossaz famílias às monz do Grrindelvald, lhez pregámoz uma liçon.

Krum fez estalar os nós dos dedos num gesto de ameaça e lançou um olhar feroz a Xenophilus. Harry estava perplexo. Parecia-lhe altamente improvável que o pai de Luna fosse um defensor da Magia Negra, e mais ninguém na tenda dava mostraz de ter reconhecido o símbolo triangular em forma de runa.

— Mas tu... hã... tu tens a certeza absoluta de que é o mesmo que o Grindelwald usava?

— A zerrteza abzoluta — insistiu Krum com frieza. — Pazzei porr aquele zímolo durrante muitoZ anoz, conhezo-o bem.

— Bom, há a possibilidade — sugeriu Harry — de o Xenophilus não conhecer o verdadeiro significado do símbolo. Os Lovegood são bastante... invulgares. Ele poderia facilmente tê-lo encontrado algures e pensado que se tratava do perfil da cabeça de um Snorkack de Chifres Amarrutados, ou isso.

— O perrfil dum quê?

— Bom, eu não sei exactamente o que são, mas, ao que me consta, parece que ele e a filha, nas férias, se dedicam a ir à procura deles...

Harry sentiu que não estava a fazer uma descrição cabal de Luna e do pai.

— Ela é aquela que ali está — disse ele, apontando Luna, que continuava a dançar sozinha, agitando os braços em volta da cabeça como se estivesse a tentar afugentar um enxame de mosquitos.

— Porr que é que ela eZtá a fazerr aquilo? — perguntou Krum.

— Deve estar a tentar livrar-se dum Wrackspurt — aventou Harry, que reconheceu os sintomas.

Krum pareceu ficar na dúvida se Harry estaria a fazer pouco dele ou não. Tirou a varinha de dentro do manto e bateu ameaçadoramente com ela na coxa; da ponta saíram faíscas.

— Gregorovitch! — exclamou Harry em voz alta. Krum teve um sobressalto, mas Harry estava demasiado entusiasmado para lhe prestar atenção. Lembrara-se subitamente ao ver a varinha de Krum: Ollivander a pegar nela e a examiná-la cuidadosamente antes do Torneio dos Três Feiticeiros.

— O que é que ze pazza com ele? — indagou Krum, desconfiado.

— É um fabricante de varinhas!

— Izzo zei eu — retorquiu Krum.

— Foi ele quem fabricou a tua varinha! Foi por isso que me lembrei... o Quidditch...

A desconfiança de Krum era cada vez mais notória.

— Maz como é que tu zabes que foi o Gregorrovitch quem fabrricou a

minha varrinha?

— Eu... li isso algures, acho eu — justificou-se Harry. — Numa... numa revista de fãs — improvisou ele ao calhas, e Krum pareceu mais apaziguado.

— Non me lembrro de alguma vez terr falado com oz meuz fãs sobrre a minha varrinha — disse ele.

— Então... hã... por onde é que tem andado o Gregorovitch?

Krum fez um ar atónito.

— Ele reformmou-ze há unz anoz. Eu fui um doz últimoz a comprrrarr uma varrinha fabrrricada porr ele. Zon az melhorres... emborra eu zaiba que vocêz, oz ingleses, têm o Ollivanderr em grrande conta.

Harry não lhe respondeu. Fingiu que estava a ver os convidados a dançar na pista, tal como Krum; a verdade, porém, é que se embrenhara em profundas reflexões. Então Voldemort andava no encalço de um célebre fabricante de varinhas... Harry não teve de se esforçar muito para encontrar um motivo para tal: este prendia-se seguramente com o que a varinha de Harry fizera na noite em que Voldemort o perseguira pelos ares. A varinha de azevinho e pena de fénix derrotara a varinha emprestada, algo que Ollivander nem previra nem compreendia. Conheceria Gregorovitch esse motivo? Seria ele de facto mais sabedor que Ollivander, estaria ele por dentro de segredos relativos a varinhas que Ollivander desconhecia?

— Aquela raparriga ali é bem girra — comentou Krum, trazendo Harry de volta à realidade. Krum estava a apontar para Ginny, que acabara de se juntar a Luna. — Também é tua parrente?

— É — respondeu-lhe Harry, dominado por uma súbita irritação — e namora com um tipo. Um fulano ciumento. Grandalhão. Se eu fosse a ti, não o provocava.

Krum resmungou.

— Maz afinal — lastimou-se ele, emborcando a sua bebida e tornando a levantar-se —, de que vale zerr um jogadorr internnacional de Quidditch ze todaz az raparrigaz bonitaz já têm namorado?

E afastou-se a passos largos, deixando Harry sozinho. Este tirou uma sanduíche a um empregado que ia a passar e abriu caminho por entre a beira da pista, apinhada de gente. Queria encontrar Ron, para lhe falar de Gregorovitch, mas o amigo estava a dançar com Hermione em pleno centro da pista. Harry encostou-se a um dos pilares dourados e pôs-se a olhar para Ginny, que nesse momento dançava com Lee Jordan, um amigo de Fred e de George, esforçando-se por não se sentir melindrado pela promessa que fizera a Ron.

Era a primeira vez que ia a um casamento, e, como tal, não estava em condições de avaliar até que ponto as celebrações dos feiticeiros diferiam das dos Muggles, embora tivesse a certeza de que as dos últimos não incluíam bolos de casamento com duas fénixes em miniatura no cimo e que levantavam voo quando se cortavam as fatias, nem garrafas de champanhe que flutuavam sozinhas por entre os convidados. À medida que anoitecia e as borboletas

nocturnas começavam a aparecer debaixo do dossel, agora iluminado por candeeiros dourados, a folia foi-se descontrolando cada vez mais. Havia horas que Fred e George se tinham sumido na escuridão com duas primas de Fleur; Charlie, Hagrid e um feitiçeiro atarracado com um chapéu roxo em forma de empadão de carne de porco estavam a cantar «Odo, o Herói» a um canto.

Abrindo caminho por entre a multidão para escapar a um tio embriagado de Ron que parecia indeciso se Harry seria seu filho ou não, reparou num feitiçeiro idoso sentado sozinho a uma mesa. A sua nuvem de cabelo branco dava-lhe o aspecto de um dente-de-leão envelhecido, e era coroada por um fez comido pelas traças. Era-lhe vagamente familiar: depois de dar voltas à cabeça, Harry apercebeu-se subitamente de que se tratava de Elphias Doge, membro da Ordem da Fénix, e autor do obituário de Dumbledore.

Abeirou-se dele.

— Importa-se de que me sente à sua mesa?

— Não, de forma alguma — respondeu Doge; tinha uma voz bastante aguda e estridente.

Harry inclinou-se para ele.

— Mr. Doge, eu sou o Harry Potter.

Doge ficou boquiaberto.

— Meu caro rapaz! O Arthur disse-me que estavas aqui, disfarçado... É para mim uma enorme satisfação, uma verdadeira honra!

Nervoso, num alvoroço de prazer, Doge serviu a Harry uma taça de champanhe.

— Estive a pensar em escrever-te — sussurrou-lhe — depois de o Dumbledore... o choque... e para ti, então, tenho a certeza...

Os olhos minúsculos de Doge inundaram-se repentinamente de lágrimas.

— Eu li o obituário que escreveu n' *O Profeta Diário* — adiantou Harry.

— Não fazia ideia de que conhecia tão bem o Professor Dumbledore.

— Tão bem como qualquer outra pessoa — respondeu Doge, secando os olhos ao canto do guardanapo. — Não há dúvida de que era eu quem o conhecia há mais tempo, se excluirmos o Aberforth... e, não sei porquê, as pessoas de facto nunca levam o Aberforth em consideração.

— Por falar n' *O Profeta Diário*... Não sei se terá visto, Mr. Doge...?

— Oh, por favor, trata-me por Elphias, meu caro.

— Elphias, não sei se por acaso terá lido a entrevista que a Rita Skeeter deu a propósito do Dumbledore?

O rosto de Doge toldou-se de indignação.

— Oh, claro, Harry, podes ter a certeza de que li. Essa mulher... abutue talvez seja um termo mais adequado para a descrever... importunou-me até mais não para me convencer a falar com ela. Tenho de confessar que fui bastante descortês, chamei-lhe truta inconveniente, o que resultou, como seguramente terás visto, num ataque à minha sanidade mental.

— Bom, nessa entrevista — prosseguiu Harry —, a Rita Skeeter deu a entender que, na juventude, o Professor Dumbledore esteve envolvido na

Magia Negra.

— Não acredites numa única palavra acerca disso! — apressou-se Doge a dizer. — Numa única palavra, Harry! Não deixes que nada manche as recordações que guardas do Albus Dumbledore!

Harry olhou para a expressão séria e atormentada de Doge e não se sentiu mais tranquilo, apenas frustrado. Estaria Doge de facto convencido de que era fácil para Harry simplesmente *não* acreditar? Seria possível que não compreendesse a necessidade que ele tinha de certezas, de descobrir *tudo*?

Talvez Doge suspeitasse do que ia nos pensamentos de Harry, pois assumiu um ar preocupado e acrescentou: — Harry, a Rita Skeeter é uma mulher medonha...

Mas foi interrompido por uma casquinada estridente.

— A Rita Skeeter? Oh, eu adoro-a, nunca perco uma linha do que ela escreve!

Harry e Doge levantaram os olhos e depararam-se com a tia Muriel, as plumas a dançarem-lhe no chapéu, uma taça de champanhe na mão. — Ela escreveu um livro sobre o Dumbledore, sabiam?

— Olá, Muriel — cumprimentou-a Doge. — Sim, estávamos mesmo agora a falar...

— Tu aí! Deixa-me sentar na tua cadeira, que tenho cento e sete anos!

Outro primo Weasley ruivo saltou da cadeira onde estava sentado, com ar alarmado, e a tia Muriel virou-a com uma força surpreendente e alapou-se nela entre Doge e Harry.

— Olá, mais uma vez, Barry, ou lá como é que te chamas — dirigiu-se ela a Harry. — Mas afinal o que estavas tu a dizer a respeito da Rita Skeeter, Elphias? Sabias que ela escreveu uma biografia do Dumbledore? Estou ansiosa por lê-la, não me posso esquecer de a encomendar na Borrões e Floreados!

Ao ouvir isto, Doge assumiu um ar solene e rígido, mas a tia Muriel emborcou a sua taça e estalou os dedos ossudos a um empregado que ia a passar para nova dose. Bebeu mais um grande trago de champanhe, arrotou e em seguida disse: — Não é preciso fazerem esse ar de rãs empalhadas! Antes de ele ser respeitado, respeitável e outros disparates que tais, olhem que correram uns rumores muito estranhos a respeito do Dumbledore!

— Críticas infundadas — retorquiu Doge, ficando mais uma vez da cor dum rabanete.

— Vindo de ti, não esperava outra coisa, Elphias — cacarejou a tia Muriel. — Bem reparei como omitiste as partes embaraçosas naquele obituário que escreveste!

— Lamento que sejas dessa opinião — disse Doge, com a frieza a sobressair-lhe na voz. — Garanto-te que foi tudo escrito do coração.

— Oh, toda a gente sabe que tu tinhas uma verdadeira adoração pelo Dumbledore; atrevo-me a dizer que irás continuar convencido de que ele era um santo nem que se venha a descobrir que ele se desembaraçou daquela irmã

cepatorta.

— *Muriel!* — exclamou Doge.

Um arrepio que nada tinha que ver com o champanhe gelado começava a insinuar-se no peito de Harry.

— O que quer isso dizer? — perguntou ele a Muriel. — Quem disse que a irmã dele era cepatorta? Eu sempre pensei que ela fosse doente.

— Mas afinal enganaste-te, não foi, Barry!? — retorquiu a tia Muriel, deleitada com o efeito que estava a produzir. — Mas, seja como for, o que esperavas tu saber a respeito dele? Tudo se passou anos e anos antes de os teus pais pensarem sequer em trazer-te a este mundo, meu querido, e a verdade é que mesmo aqueles de nós que eram vivos na altura nunca souberam o que, de facto, se passou. É por isso que estou ansiosa por descobrir o que é que a Skeeter andou a desenterrar! O Dumbledore abafou aquela irmã dele durante demasiado tempo!

— É falso — indignou-se Doge. — Absolutamente falso!

— O Dumbledore nunca me contou que a irmã era cepatorta — afirmou Harry impensadamente, ainda gelado por dentro.

— E por que raio haveria ele de te contar uma coisa dessas? — guinchou Muriel, virando-se ligeiramente na cadeira para concentrar a sua atenção em Harry.

— A razão por que o Dumbledore nunca falou da Ariana — começou Elphias, com a voz embargada de emoção — é, creio eu, bastante óbvia. Ele ficou de tal forma arrasado com a sua morte que...

— Então, por que é que nunca ninguém lhe pôs a vista em cima, Elphias? — grasnou Muriel. — Por que é que metade de nós só soube da existência da irmã quando o caixão dela saiu de casa para o funeral? Onde é que estava o santo do Dumbledore enquanto a Ariana esteve trancada na cave? A exibir-se em Hogwarts, sem se ralar com o que se passava dentro da sua própria casa!

— O que quer dizer com «trancada na cave»? — interrogou-a Harry. — O que vem a ser isso?

Doge estava com um ar arrasado. A tia Muriel tornou a cacarejar antes de responder à pergunta de Harry.

— A mãe do Dumbledore era uma mulher terrível, absolutamente medonha. Era de origem Muggle, embora me tenha chegado aos ouvidos que ela pretendia fazer-se passar pelo contrário...

— Ela nunca pretendeu nada disso! A Kendra era uma excelente pessoa — murmurou Doge em tom de lástima, mas a tia Muriel ignorou-o.

— ...orgulhosa e extremamente dominadora, o género de feiticeira que ficaria mortificada por dar à luz uma cepatorta...

— A Ariana não era cepatorta! — arquejou Doge.

— Isso dizes tu, Elphias, mas então explica-me lá por que motivo ela nunca frequentou Hogwarts!? — instou-o a tia Muriel. Tornou a virar-se para Harry. — No nosso tempo, era costume encobrir os cepatortas. Embora levar as coisas ao extremo de aprisionar uma menina dentro de casa e fingir que ela

não existia...

— Eu garanto-te que não foi isso que se passou! — declarou Doge, mas a tia Muriel ignorou-o completamente e continuou a falar com Harry.

— Em geral, os cepatortas eram despachados para as escolas dos Muggles e encorajados a integrar-se na comunidade Muggle... uma solução muito mais generosa do que tentar encontrar-lhes um lugar no mundo dos feiticeiros, onde seriam sempre considerados de segunda categoria; mas, como é natural, à Kendra Dumbledore nem lhe passaria pela cabeça permitir que a filha fosse para uma escola Muggle...

— A Ariana era uma pessoa frágil! — ripostou Doge, já em desespero. — A saúde dela nunca lhe permitiu...

— ...sair de casa? — cacarejou Muriel. — E, apesar disso, nunca a levaram a São Mungo nem chamaram nenhum curandeiro para a examinar!

— Francamente, Muriel, como é que tu podes saber...

— Para tua informação, Elphias, nessa época, o meu primo Lancelot era curandeiro em São Mungo e, na maior das confidências, revelou à minha família que a Ariana nunca foi levada ao hospital. Tudo muito suspeito, na opinião do Lancelot!

Doge parecia estar à beira das lágrimas. A tia Muriel, que dava a ideia de se estar a divertir à grande, estalou os dedos para que lhe trouxessem mais champanhe. Meio entorpecido, Harry lembrou-se dos tempos em que os Dursley o mantinham fechado à chave, longe da vista de todos, tudo pelo crime de ser feiticeiro. Teria a irmã de Dumbledore sofrido o mesmo destino, mas às avessas: aprisionada por não possuir dotes mágicos? E tê-la-ia Dumbledore de facto abandonado ao seu destino, enquanto ia para Hogwarts dar mostras da sua inteligência e do seu talento?

— Agora, se a Kendra não tivesse morrido primeiro — prosseguiu Muriel —, eu diria que teria sido ela a tratar da saúde à Ariana...

— Como te atreves a dizer semelhante coisa, Muriel? — lastimou-se Doge. — Uma mãe matar a própria filha? Pensa bem no que estás a dizer!

— Se a mãe em questão foi capaz de manter a filha prisioneira anos a fio, por que não? — retorquiu a tia Muriel com um encolher de ombros. — Mas, tal como estava a dizer, não faz sentido, porque a Kendra morreu antes da Ariana... De quê, nunca ninguém soube ao certo...

— Oh, então deve ter sido a Ariana a matar a Kendra — ripostou Doge, num esforço corajoso para escarnecer dela. — Por que não?

— Pois, a Ariana pode ter feito uma tentativa desesperada para se libertar e matado a Kendra quando esta a tentou impedir — sugeriu a tia Muriel em tom pensativo. — Podes pôr-te para aí a abanar a cabeça, que não adianta de nada, Elphias! Estiveste no funeral da Ariana, não estiveste?

— Sim, estive — confirmou Doge com os lábios trémulos. — E não tenho memória de ocasião mais triste que essa. O Albus estava de coração desfeito...

— O coração e não só... O Aberforth não partiu o nariz do Albus a meio do serviço fúnebre?

Se Doge se mostrara horrorizado até aí, não era nada comparado com aquele momento. Mais parecia que Muriel acabara de o apunhalar. Esta lançou um sonoro cacarejo e bebeu mais um trago de champanhe, que lhe escorreu pelo queixo.

— Como é que tu...? — grasnou Doge.

— A minha mãe era amiga da velha Bathilda Bagshot — explicou a tia Muriel em tom animado. — Eu escondi-me atrás da porta, e ouvi a Bathilda contar à minha mãe como tudo se passou. Uma briga com o caixão mesmo ao lado! Pela maneira como a Bathilda descreveu a cena, o Aberforth pôs-se aos gritos com o Albus, a dizer que a culpa de a Ariana ter morrido era toda dele, e chegou mesmo a acertar-lhe um murro na cara. De acordo com a Bathilda, o Albus nem sequer se tentou defender, o que já de si é muito estranho, porque o Albus seria capaz de dar cabo do Aberforth num duelo até com as mãos atadas atrás das costas.

Muriel tomou mais um trago de champanhe. O relato daqueles velhos escândalos parecia deleitá-la tanto quanto horrorizava Doge. Harry estava sem saber o que pensar, em quem acreditar: queria saber a verdade e, no entanto, Doge não era capaz de fazer mais que ficar para ali sentado a balbuciar debilmente que Ariana era uma pessoa doente. Harry mal podia acreditar que Dumbledore tivesse permitido que uma coisa daquelas se passasse na sua própria casa e, contudo, havia indubitavelmente qualquer coisa de estranho em toda aquela história.

— E ainda te digo outra coisa — afirmou Muriel, com um ligeiro soluço, enquanto pousava a taça. — Acho que foi a Bathilda quem deu com a língua nos dentes à Rita Skeeter. Todas aquelas insinuações da Skeeter na entrevista a respeito de uma fonte importante próxima do Dumbledore... Quem sabe se ela não terá testemunhado todo o caso da Ariana e se as coisas não se encaixam!

— A Bathilda nunca aceitaria falar com a Rita Skeeter! — murmurou Doge.

— A Bathilda Bagshot? — inquiriu Harry. — A autora d' *Uma História da Magia*?

O nome aparecia impresso na capa de um dos livros de estudo de Harry, embora se visse obrigado a reconhecer que não se encontrava entre aqueles que lera com mais atenção.

— Sim — anuiu Doge, agarrando-se à pergunta de Harry como um homem prestes a afogar-se se agarra a um colete salva-vidas. — Uma historiadora da magia de enorme talento e uma velha amiga do Albus.

— Bastante gagá, nos últimos tempos, ao que ouvi dizer — ripostou a tia Muriel, muito prazenteira.

— A ser assim, ainda é mais condenável da parte da Skeeter ter-se aproveitado dela — afirmou Doge — e não se pode dar qualquer crédito a nada do que a Bathilda tenha dito!

— Oh, há formas de reavivar a memória, e tenho a certeza de que a Rita

Skeeter as conhece todas — salientou a tia Muriel. — Mas mesmo admitindo que a Bathilda esteja chalada de todo, estou certa de que ainda deve guardar velhas fotografias, talvez cartas, até. Havia anos que ela conhecia os Dumbledore... Valia bem uma viagem a Godric's Hollow, na minha opinião.

Harry, que acabara de tomar um gole de Cerveja de Manteiga, engasgou-se. Doge deu-lhe palmadinhas nas costas, enquanto Harry fitava a tia Muriel com os olhos lacrimejantes. Mal recuperou o domínio da voz, perguntou-lhe: — A Bathilda Bagshot mora em Godric's Hollow?

— Oh, sim, há séculos! Os Dumbledore mudaram-se para lá depois de o Percival ter ido parar à prisão, e ela era vizinha deles.

— Os Dumbledore moravam em Godric's Hollow?

— Sim, Barry, foi isso mesmo que acabei de dizer — confirmou a tia Muriel em tom mal-humorado.

Harry sentia-se exaurido, vazio. Nem por uma única vez, em seis anos, Dumbledore lhe dissera que ambos tinham morado e perdido entes queridos em Godric's Hollow. Porquê? Teriam Lily e James sido sepultados junto à mãe e à irmã de Dumbledore? Teria Dumbledore visitado as suas campas, talvez passado pelas de Lily e de James para lá chegar? E nunca, nem por uma vez, mencionara isso a Harry... nunca se dera à maçada...

O motivo por que isso era tão importante, Harry não sabia explicar, nem mesmo a si próprio, e no entanto sentia que o facto de Dumbledore lhe ter omitido que tinham aquele local e aquelas experiências em comum era comparável a uma mentira. Fixou o olhar em frente, mal dando por aquilo que se passava à sua volta, e só se apercebeu de que Hermione abandonara a pista de dança até ela puxar uma cadeira para se sentar a seu lado.

— Já não aguento dançar mais — disse ela ofegante, descalçando um dos sapatos e esfregando a sola do pé. — O Ron foi ver se encontrava mais Cervejas de Manteiga. Achei estranho ver agora mesmo o Viktor a afastar-se do pai da Luna, todo enfurecido, parecia mesmo que tinham estado a discutir... — Baixou a voz, olhando fixamente para ele. — Harry, está tudo bem contigo?

Harry não sabia por onde começar, mas não teve importância. Nesse momento, uma grande criatura prateada desceu através do dossel por cima da pista de dança. Gracioso e cintilante, o lince aterrou delicadamente no meio dos dançarinos atônitos. Todas as cabeças se viraram, enquanto os convidados mais próximos ficavam paralisados, em poses absurdas, a meio da dança. Então, a boca do Patronus abriu-se o mais que podia, e declarou na voz sonora, profunda e lenta de Kingsley Shacklebolt:

— *O Ministério caiu. O Scrimgeour morreu. Eles vêm aí.*

IX

UM ESCONDERIJO

Tudo lhes parecia lento e indistinto. Harry, Ron e Hermione puseram-se de pé num salto e empunharam as varinhas. Muitos convidados só agora se apercebiam de que alguma coisa fora do comum acontecera; ainda havia cabeças a virarem-se para o lince prateado no momento em que este já estava a desaparecer. O silêncio foi-se propagando em ondas concêntricas e geladas a partir do local em que o Patronus aterrara. Foi então que se ouviu um grito.

Harry e Hermione atiraram-se para o meio da multidão em pânico. Os convidados fugiam em todas as direcções; muitos estavam a Desaparecer; os encantamentos protectores em redor d'A Toca haviam sido quebrados.

— Ron! — chamou-o Hermione. — Onde estás?

À medida que abriam caminho através da pista de dança, Harry viu vultos de manto e capuz surgirem por entre a multidão; depois avistou Lupin e Tonks, de varinhas em punho, e ouviu-os a ambos gritar: «*Protego!*», um grito que ecoava por todos os lados...

— Ron! Ron! — continuava a chamar Hermione, quase a soluçar, enquanto ela e Harry eram empurrados por convidados aterrorizados. Harry deu-lhe a mão para ter a certeza de que não se separavam e, nesse instante, um raio de luz sibilou por cima das suas cabeças, mas se se tratava de um feitiço protector ou de algo mais sinistro, ele não sabia dizer...

E foi então que viram Ron à sua frente. Este agarrou o braço livre de Hermione, e Harry sentiu-a a girar sobre si própria; a luz e o som desvaneceram-se à medida que a escuridão se abatia sobre ele; sentia apenas a mão de Hermione, enquanto era comprimido através do espaço e do tempo, para longe d'A Toca, para longe dos Devoradores da Morte que continuavam a chegar, para longe, talvez, do próprio Voldemort...

— Onde é que estamos? — indagou a voz de Ron.

Harry abriu os olhos. Durante um instante, julgou que não tinham abandonado o casamento: parecia-lhe que estavam rodeados de gente.

— Na Tottenham Court Road — anunciou Hermione ofegante. — Andem, continuem a andar, temos de descobrir um sítio onde possam mudar de roupa.

Harry fez o que ela lhe indicava. Seguiram em frente, meio a andar, meio a correr, através da rua ampla e escura, apinhada de foliões e ladeada por lojas fechadas àquela hora tardia, as estrelas a cintilar acima das suas cabeças. Um autocarro de dois andares passou por eles a roncá e um grupo de folgões miraram-nos ao cruzarem-se com eles; Harry e Ron continuavam com os mantos de cerimónia.

— Hermione, nós não temos mais roupa nenhuma para vestir — disse-lhe Ron, quando uma jovem irrompeu em gargalhadas estrondosas ao deparar-se com ele.

— Mas como é que eu me fui esquecer do Manto da Invisibilidade? — disse Harry, recriminando-se pela sua estupidez. — No ano passado, andou sempre comigo...

— Não faz mal, eu trouxe o Manto e tenho roupas para ambos — tranquilizou-os Hermione. — Só vos peço que se esforcem por agir com naturalidade até... Aqui deve dar.

Conduziu-os para uma rua lateral e em seguida até um beco sombrio e resguardado.

— Quando dizes que tens o Manto e roupas... — disse Harry, a olhar para Hermione de sobrolho franzido, pois ela trazia apenas a sua pequena malinha de missangas, dentro da qual estava agora a vasculhar.

— Pronto, aqui está — disse Hermione e, para total estupefacção de Harry e Ron, tirou de lá um par de calças de ganga, uma *sweat-shirt*, umas quantas peúgas castanhas e, por fim, o Manto da Invisibilidade prateado.

— Mas como raio é que tu...?

— Feitiço de Extensão Indetectável — declarou Hermione. — Não é fácil, mas acho que me saí bem; seja lá como for, consegui encafuar aqui dentro tudo o que nos vai fazer falta. — Deu um safanão à malinha de aspecto frágil e esta ecoou como um porão de carga à medida que uma série de objectos pesados se reviravam no seu interior. — Oh, bolas, devem ser os malditos livros — comentou, espreitando para o fundo —, e eu que os tinha empilhado por temas... Oh, deixa lá... Harry, é melhor ficares com o Manto da Invisibilidade. Ron, vê lá se te despachas a mudar de roupa...

— Quando é que fizeste isto tudo? — perguntou-lhe Harry, enquanto Ron se despia.

— Eu avisei-vos n' A Toca que tinha tudo quanto era essencial preparado há vários dias, para o caso de precisarmos de fugir inesperadamente. Esta manhã, depois de teres mudado de roupa, Harry, enchi a tua mochila e guardei-a aqui dentro... Andava com um pressentimento...

— És fantástica, lá isso não há dúvida — elogiou-a Ron, entregando-lhe o manto feito numa trouxa.

— Obrigada — disse Hermione, esboçando um leve sorriso enquanto o enfiava dentro da mala. — Por favor, Harry, despacha-te a pôr o Manto!

Harry atirou o Manto da Invisibilidade por cima dos ombros e puxou-o para cima da cabeça, desaparecendo da vista de ambos. Só agora começava a

ganhar consciência do que se passara.

— Os outros... as pessoas que estavam no casamento...

— Não é altura de nos preocuparmos com isso — murmurou Hermione. — É de ti que eles andam atrás, Harry, e se voltarmos sujeitamos os outros a um risco ainda maior.

— Ela tem razão — concordou Ron, que parecia adivinhar que Harry se preparava para argumentar, mesmo sem lhe poder ver a cara. — A maioria dos membros da Ordem estava lá, eles tratam dos outros.

Harry assentiu com a cabeça, depois lembrou-se de que os amigos não o conseguiam ver e disse: — Pois. — Mas foi então que se lembrou de Ginny e o medo borbulhou-lhe como ácido no estômago.

— Vá lá, acho que devíamos continuar — lembrou Hermione.

Percorreram de novo a ruela até à rua principal, onde se depararam com um grupo de homens a cantar e acenar no passeio oposto.

— Só por curiosidade, porquê a Tottenham Court Road? — perguntou Ron a Hermione.

— Não faço ideia, foi a primeira coisa que me veio à cabeça, mas tenho a certeza de que estamos mais seguros no mundo dos Muggles, porque é o último sítio onde eles esperariam encontrar-nos.

— Lá isso é verdade — assentiu Ron, olhando em seu redor —, mas não te sentes um bocadinho... exposta?

— Mas que alternativa nos resta? — inquiriu Hermione, retraindo-se quando os homens do outro lado da rua começaram a assobiar-lhe. — Não podemos reservar quartos no Caldeirão Escoante, não te parece? E Grimmauld Place está fora de questão, uma vez que o Snape consegue lá entrar... Suponho que poderíamos tentar a casa dos meus pais, embora eu esteja convencida de que há uma hipótese de eles lá irem verificar... Oh, quem me dera que eles parassem com aquilo!

— Tudo bem, querida? — estava a gritar-lhe o mais embriagado de todos no passeio oposto. — Apetece-te uma bebida? Deixa lá o ruivo e vem tomar uma cerveja com a gente!

— Vamos arranjar um lugar qualquer onde nos possamos sentar — apressou-se Hermione a sugerir, quando viu que Ron se preparava para gritar qualquer coisa para o outro lado da rua. — Olha, isto serve, entrem!

Era um pequeno café de aspecto desmazelado que ficava aberto toda a noite. As mesas com tampo de fórmica estavam cobertas por uma leve camada de gordura, mas pelo menos encontrava-se vazio. Harry foi o primeiro a enfiar-se a um canto, e Ron sentou-se ao seu lado, de frente para Hermione, que, a contragosto, ficou de costas voltadas para a entrada: deitava uma olhadela por cima do ombro com tanta frequência que mais parecia que tinha um tique. Harry não gostava de estar sem nada que fazer; a caminhada dera-lhe a ilusão de que tinham um objectivo. Por baixo do manto, sentia os derradeiros vestígios da Poção Polissuco a abandoná-lo, as mãos a regressar ao seu tamanho e forma habituais. Tirou os óculos de dentro do bolso e tornou

a colocá-los.

Decorridos uns minutos, Ron disse: — Sabem, não estamos muito longe do Caldeirão Escoante, fica já ali, em Charing Cross...

— Ron, não pode ser! — retorquiu Hermione sem demora.

— Não é para nos hospedarmos lá, é só para descobrirmos o que é que se anda a passar!

— Nós sabemos o que é que se anda a passar! O Voldemort apoderou-se do Ministério, que mais precisamos nós de saber?

— Pronto, deixa lá, foi só uma ideia!

Tornaram a quedar-se num silêncio incómodo. A empregada aproximou-se deles arrastando os pés e a mascar pastilha elástica, e Hermione pediu dois *capuccini*; visto que Harry estava invisível, teria sido estranho pedir um para ele. Dois operários corpulentos entraram no café e espremeram-se na mesa do lado. Hermione baixou a voz para um sussurro:

— Eu proponho que encontremos um lugar sossegado para podermos Desaparecer, e que vamos para o campo. Quando lá chegarmos, podemos enviar uma mensagem à Ordem.

— E sabes fazer aquela coisa de pôr o Patronus a falar? — inquiriu Ron.

— Tenho andado a treinar e estou convencida de que sim — respondeu-lhe Hermione.

— Bom, desde que não os vá meter em sarilhos, isto se não tiverem sido presos entretanto. Que horror, até mete nojo — acrescentou Ron, depois de dar um gole no café espumoso e acinzentado. A empregada ouviu-o; lançou a Ron um olhar ameaçador e, sempre a arrastar os pés, foi atender os outros clientes. O mais robusto dos dois operários, que era louro e bem avantajado, agora que Harry reparava nele, fez-lhe sinal para que se fosse embora. A empregada encarou-o, ofendida.

— Vamos andando que eu não quero beber esta porcaria — sugeriu Ron.

— Hermione, tens dinheiro Muggle para pagar a conta?

— Tenho, antes de ir para A Toca levantei todo o que tinha na conta poupança-habitação. Até aposto que os trocos estão todos no fundo — suspirou ela, estendendo a mão para a mala de missangas.

Os dois operários fizeram gestos idênticos, e Harry imitou-os instintivamente: todos três empunharam as varinhas. Ron, que só se apercebeu do que se estava a passar uns segundos mais tarde, debruçou-se sobre a mesa, empurrando Hermione para o lado e obrigando-a a deitar-se no banco. A força dos feitiços dos Devoradores da Morte despedaçou a parede de azulejos onde momentos antes estivera a cabeça de Ron, enquanto Harry, ainda invisível, gritava: —*Atordoar!*

O Devorador da Morte louro e avantajado foi atingido na cara por um jacto de luz vermelha e tombou para um dos lados, inconsciente. O companheiro, incapaz de ver quem lançara o feitiço, disparou outro contra Ron: cordas pretas e brilhantes voaram-lhe da ponta da varinha e envolveram Ron dos pés à cabeça (a empregada desatou aos gritos e correu para a porta), Harry lançou

outro Feitiço de Atordoar contra o Devorador da Morte de feições retorcidas que amarrara Ron, mas falhou o alvo, fazendo ricochete na janela e atingindo a empregada, que desfaleceu diante da porta.

— *Expulso!* — bradou o Devorador da Morte, e a mesa à qual Harry estava sentado explodiu; a força do rebentamento arremessou-o contra a parede, e Harry sentiu a varinha a escorregar-lhe da mão, enquanto o Manto lhe deslizava do corpo.

— *Petrificus Totalus!* — guinchou Hermione, que estava escondida, e o Devorador da Morte tombou para a frente como uma estátua, aterrando com um estrondo triturante em cima de uma confusão de louça partida, uma mesa desfeita e café entornado. Hermione rastejou de debaixo do banco, sacudindo o cabelo para se libertar dos cacos de louça, a tremer por todos os lados.

— *D-Difindo* — disse ela, apontando a varinha a Ron, que berrou de dor quando ela lhe fez um rasgão nas calças de ganga, à altura dos joelhos, deixando-lhe um golpe profundo. — Oh, desculpa, Ron, tenho a mão a tremer! *Difindo!*

As cordas cortadas caíram no chão. Ron levantou-se, sacudindo os braços para os desentorpecer. Harry pegou na varinha e trepou por cima dos escombros até onde o Devorador da Morte louro estava escarrapachado em cima de um banco.

— Eu devia tê-lo reconhecido, ele esteve lá na noite em que o Dumbledore morreu — afirmou ele. Virou o Devorador da Morte mais moreno com o pé; os olhos do homem alternaram rapidamente entre Harry, Ron e Hermione.

— É o Dolohov — constatou Ron. — Reconheço-o dos antigos cartazes em que ele aparecia quando andava a ser procurado. Acho que o grandalhão é o Thorfinn Rowle.

— Quero lá saber os nomes deles! — protestou Hermione num tom de voz ligeiramente histérico. — Como é que eles nos descobriram? O que é que havemos de fazer agora?

Sem saber explicar o motivo, o pânico pareceu ajudar Harry a clarear as ideias.

— Tranca a porta — disse-lhe —, e tu, Ron, apaga as luzes.

Baixou os olhos para Dolohov, paralisado, a pensar o mais depressa que conseguia, enquanto a fechadura dava um estalido e Ron se servia do Apagador para fazer o café mergulhar na escuridão. Harry ouvia agora ao longe os homens que havia pouco se tinham metido com Hermione a assobiarem a outra rapariga que ia a passar.

— O que é que lhes vamos fazer? — sussurrou-lhe Ron na escuridão; depois, ainda mais baixo: — Matá-los? Se pudessem, seria o que eles nos teriam feito a nós. Acabaram agora mesmo de dar mostras disso.

Hermione arrepiou-se e recuou um passo. Harry abanou a cabeça.

— Só precisamos de lhes apagar a memória — decidiu ele. — É melhor assim, porque vai despistá-los. Se os matássemos, ficariam com a certeza de que tínhamos estado aqui.

— Quem manda és tu — disse Ron, com um ar de enorme alívio. — Mas eu nunca lancei um Encantamento de Memória.

— Nem eu, tão-pouco — acrescentou Hermione —, mas sei como é que se faz.

Respirou profunda e tranquilamente, em seguida apontou a varinha à testa de Dolohov e disse: — *Obliviate*.

De imediato, os olhos de Dolohov ficaram desfocados e sonhadores.

— Espectacular! — exclamou Harry, dando-lhe palmadinhas nas costas. — Encarrega-te do outro e da empregada, enquanto eu e o Ron arrumamos isto aqui.

— Arrumar isto aqui? — admirou-se Ron, varrendo com o olhar o café parcialmente destruído. — Para quê?

— Não achas que, se eles acordarem e derem por si num sítio que parece que acabou de ser alvo de um bombardeamento, são capaz de se perguntar o que terá acontecido?

— Oh, pois, tens razão...

Ron debateu-se por uns instantes antes de conseguir puxar a varinha do bolso.

— Não admira que me custe a tirá-la, Hermione: tu trouxeste as minhas calças de ganga velhas, que já me estão apertadas.

— Oh, desculpa lá o incómodo — sibilou Hermione e, enquanto arrastava a empregada para longe das janelas, Harry ouviu-a a murmurar uma sugestão acerca do sítio onde Ron podia enfiar a varinha.

Logo que o café retomou a sua aparência inicial, tornaram a içar os Devoradores da Morte para o respectivo banco e sentaram-nos de frente um para o outro.

— Mas como é que eles nos conseguiram encontrar? — insistiu Hermione, olhando de um homem para o outro. — Como é que eles descobriram onde nós estávamos?

Virou-se para Harry.

— Tu... tu achas que ainda podes ter o Detector activo, Harry?

— Não é possível — declarou Ron. — O Detector é desactivado quando fazemos dezassete anos, é a lei dos feiticeiros, não se pode colocá-lo num adulto.

— Ao que eu sei, assim é, de facto — anuiu Hermione. — E se os Devoradores da Morte arranjam maneira de o aplicarem numa pessoa com dezassete anos?

— Mas o Harry não se aproximou de nenhum Devorador da Morte nas últimas vinte e quatro horas. Quem é que lhe poderia ter aplicado novamente o Detector?

Hermione não lhe respondeu. Harry sentiu-se contaminado, infectado: teria sido então assim que os Devoradores da Morte tinham descoberto o seu paradeiro?

— Se eu não puder recorrer à magia, nem vocês puderem recorrer à magia

ao pé de mim, sem denunciarmos a nossa localização... — começou ele.

— Nós não nos vamos separar! — declarou Hermione com firmeza.

— Precisamos de encontrar um esconderijo seguro — sugeriu Ron. — Para termos tempo de decidir o que havemos de fazer daqui em diante.

— Grimmauld Place — aventou Harry.

Os outros dois ficaram boquiabertos.

— Não sejas disparatado, Harry, o Snape consegue lá entrar!

— O pai do Ron disse que lançaram feitiços contra ele... E ainda que eles não funcionem — insistiu Harry, vendo que Hermione se preparava para argumentar —, e depois? Juro, nada me daria mais satisfação do que encarar o Snape!

— Mas...

— Hermione, que outra alternativa nos resta? É a melhor que temos. O Snape é apenas um Devorador da Morte. Se é mesmo verdade que eu ainda tenho o Detector, vamos ter centenas deles à nossa volta para onde quer que vamos.

Hermione não tinha argumentos contra ele, embora a sua expressão indiciasse que bem lhe agradaria o contrário. Enquanto ela destrancava a porta do café, Ron carregou no Apagador para tornar a acender as luzes. Depois, quando Harry acabou de contar até três, inverteram os feitiços lançados sobre as três vítimas e, mal a empregada e os Devoradores da Morte se começaram a remexer nas cadeiras, sonolentos, já Harry, Ron e Hermione tinham girado e tornado a Desaparecer na escuridão que os comprimira.

Instantes decorridos, os pulmões de Harry expandiram-se de alívio e ele abriu os olhos: achavam-se agora no meio de uma praça imunda que lhes era familiar. Prédios altos e em mau estado rodeavam-nos de todos os lados. Conseguiram identificar o número doze, porque Dumbledore, o Guardador Secreto do local, os avisara da sua existência, e precipitaram-se na sua direcção, certificando-se a cada meia dúzia de passos de que não estavam a ser perseguidos nem vigiados. Subiram a correr os degraus de pedra, e Harry bateu à porta da rua com a varinha. Ouviram uma série de estalidos metálicos e uma corrente a ressoar, em seguida, com um rangido, a porta abriu-se de par em par e eles entraram de rompante.

Logo que Harry fechou a porta atrás de si, os antiquados candeeiros a gás ganharam vida, projectando uma luz trémula por todo o *hall* de entrada. A casa estava tal e qual como Harry se lembrava: sinistra, repleta de teias de aranha, os contornos das cabeças dos elfos domésticos na parede a lançar estranhas sombras pela escada acima. Longas cortinas escuras ocultavam o retrato da mãe de Sirius. A única coisa que se achava fora do sítio era o bengaleiro talhado a partir de uma perna de troll, que estava deitado de lado, como se Tonks tivesse acabado de tropeçar nele.

— Tenho a impressão de que esteve alguém aqui — sussurrou Hermione, apontando para o bengaleiro.

— Isso pode ter acontecido quando os membros da Ordem se foram embora

— sussurrou-lhe Ron em resposta.

— Então, onde é que estão os feitiços que eles instalaram contra o Snape?

— perguntou Harry.

— Talvez só sejam activados se ele aparecer — sugeriu Ron.

Ainda assim, mantiveram-se muito juntos no tapete da entrada, de costas voltadas para a porta, com medo de se embrenharem no interior da casa.

— Bom, não podemos ficar aqui eternamente — decidiu Harry, dando um passo em frente.

— *Severus Snape?*

A voz de Moody Olho-Louco sussurrou, vinda da escuridão, pregando-lhes um susto que os fez recuar dum salto. — Nós não somos o Snape! — grasnou Harry, antes de sentir algo a percorrê-lo como uma corrente de ar frio e de a sua língua se enrolar sobre si própria, impedindo-o de falar. Antes de ter tempo sequer para levar a mão à boca, porém, a língua tornou a desenrolar-se.

Os outros dois pareciam ter passado pela mesma experiência desagradável. Ron emitia sons como se vomitasse; Hermione balbuciou: — D-deve... t-ter s-sido a Maldição da Língua Atada que o Olho-Louco lançou contra o Snape!

Com toda a cautela, Harry deu novo passo em diante. Alguma coisa se mexeu nas sombras ao fundo do corredor; contudo, antes de qualquer deles ter tempo de dizer fosse o que fosse, já um vulto se elevara do tapete, alto, poeirento e temível: Hermione guinchou e o mesmo fez Mrs. Black, quando as cortinas se abriram de repente; o vulto acinzentado vinha a deslizar ao encontro deles, cada vez mais depressa, o cabelo que lhe chegava à cintura e a barba a flutuar, o rosto encovado, com as órbitas esvaziadas: medonhamente familiar, terrivelmente transfigurado, ergueu um braço definhado, apontando-o a Harry.

— Não! — gritou este e, apesar de ter empunhado a varinha, nenhum feitiço lhe ocorreu. — Não! Não fomos nós! Nós não o matámos...

Ao ouvir a palavra «matámos», o vulto explodiu numa enorme nuvem de poeira; a tossir, com os olhos lacrimejantes, Harry olhou em seu redor e deparou-se com Hermione agachada no chão ao pé da porta, com os braços em volta da cabeça, e Ron, que tremia todo que nem varas verdes, a dar-lhe palmadinhas desajeitadas no ombro, enquanto dizia: — Es-está tu-tudo bem... Já se foi em-embora!

O pó rodopiava em volta de Harry como um nevoeiro, ofuscando a luz azulada dos candeeiros, enquanto Mrs. Black continuava aos gritos:

— *Sangues de Lama, nódoas de desonra, máculas de vergonha na casa dos meus pais...*

— CALE-SE! — berrou-lhe Harry, apontando-lhe a varinha, e, com um estrondo e uma explosão de faíscas vermelhas, as cortinas tornaram a fechar-se, remetendo-a novamente ao silêncio.

— Aquilo... aquilo era... — lamuriou-se Hermione, à medida que Ron a ajudava a levantar-se.

— Pois era — confirmou Harry —, mas não era mesmo ele, pois não? Só

uma imitação para assustar o Snape.

Teria resultado, perguntou-se Harry, ou teria Snape já feito explodir o vulto medonho com a mesma facilidade com que matara o verdadeiro Dumbledore? Com os nervos ainda à flor da pele, conduziu os amigos ao longo do corredor, sempre à espera de se deparar com novo horror, mas nada se mexeu à excepção de um rato que passou a correr, encostado ao rodapé.

— Antes de continuarmos a avançar, acho que é melhor fazermos uma inspecção — sussurrou Hermione, empunhando a varinha e declarando: — *Homenum revelio*.

Tudo ficou tal como estava.

— Bom, tu acabaste de apanhar um grande susto — disse Ron em tom de condescendência. — Qual foi o propósito disso?

— Fez exactamente o que se pretendia! — retorquiu Hermione levemente agastada. — Era um feitiço destinado a revelar a presença de seres humanos, e não há aqui ninguém para além de nós três!

— E do velho Poeirento — acrescentou Ron, olhando de relance para o sítio do tapete de onde o vulto cadavérico acabara de surgir.

— Vamos lá para cima — sugeriu Hermione, deitando uma olhadela assustada ao mesmo sítio, liderando o caminho pelos degraus a ranger sob os seus pés até à sala de estar do primeiro piso.

Hermione acenou com a varinha para acender os velhos candeeiros a gás, depois, com um leve arrepio de frio provocado pela corrente de ar, foi empoleirar-se no sofá, com os braços firmemente enroscados à volta do corpo. Ron abeirou-se da janela e afastou ligeiramente um dos pesados cortinados de veludo.

— Não vejo ninguém lá fora — informou ele. — E, caso o Harry ainda tenha o Detector, seria de esperar que eles nos tivessem seguido até aqui. Eu sei que eles não podem entrar dentro de casa, mas... O que é que se passa, Harry?

Harry acabara de soltar um gemido de dor: sentira a cicatriz a arder-lhe mais uma vez, enquanto algo lhe atravessava a mente, como uma luz brilhante a incidir na água. Viu uma grande sombra e sentiu uma fúria que não era sua a vibrar-lhe por todo o corpo, violenta e repentina como um choque eléctrico.

— O que foi que viste? — interrogou-o Ron, aproximando-se dele. — Viste-o em minha casa?

— Não, senti apenas raiva... Ele está mesmo zangado...

— Mas isso pode ter sido n' A Toca — disse Ron alto e bom som. — E que mais? Não viste nada? Ele estava a amaldiçoar alguém?

— Não, só senti raiva... Não percebi...

Harry estava atormentado, confuso, e Hermione não contribuiu em nada para o acalmar quando disse, em voz assustada:

— Outra vez a tua cicatriz? Mas afinal o que é que se passa? Eu julguei que essa ligação já tivesse sido cortada!

— E foi, durante algum tempo — murmurou Harry; a cicatriz ainda lhe

doía, o que lhe dificultava a concentração. — Eu... eu acho que se abre outra vez sempre que ele perde o controlo; era assim que costumava ser...

— Mas nesse caso, tens de fechar a tua mente! — instou-o Hermione em tom estridente. — Harry, o Dumbledore não queria que tu usasses essa ligação, queria que tu a fechasses, era para isso que devias usar a Oclumancia! Senão, o Voldemort é capaz de implantar falsas imagens na tua mente, não te esqueças...

— Pois, eu não me esqueço, está descansada — assegurou-lhe Harry por entre os dentes cerrados; não precisava de que Hermione lhe recordasse que Voldemort já em tempos recorrera àquela mesma ligação para o conduzir a uma armadilha, da qual resultara a morte de Sirius. Arrependeu-se de lhes ter confidenciado o que acabara de ver e sentir; isso tornava Voldemort ainda mais ameaçador, como se estivesse nesse momento lá fora, comprimido contra o vidro da janela da sala, e a dor na cicatriz continuava a atormentá-lo cada vez mais, e ele sempre a resistir-lhe: era como resistir à ânsia de vomitar.

Voltou costas a Ron e Hermione, a fingir que examinava a velha tapeçaria com a árvore genealógica da família Black pendurada na parede. Foi então que Hermione soltou um guincho: Harry desembainhou a varinha e deu uma meia volta repentina, deparando-se com um Patronus prateado a flutuar através da janela da sala de estar e a aterrar no chão diante deles, onde solidificou em forma duma doninha que falou com a voz do pai de Ron.

— *Família em segurança, não respondam, estamos a ser vigiados.*

O Patronus dissolveu-se. Ron emitiu um ruído algures entre um gemido e um resmungo e deixou-se cair no sofá; Hermione juntou-se a ele, agarrando-se ao seu braço.

— Eles estão bem, eles estão bem! — sussurrou ela, e Ron ensaiou uma gargalhada débil e abraçou-a.

— Harry — disse ele por cima do ombro de Hermione —, eu...

— Não tem importância — apressou-se este a dizer, agoniado de tantas dores na testa. — Trata-se da tua família, é natural que estejas preocupado. No teu lugar, eu sentiria o mesmo. — Pensou em Ginny. — Eu *sinto* o mesmo.

A cicatriz doía-lhe como nunca, sentia-a a arder com a mesma intensidade que sentira no jardim d' A Toca. Debilmente, ouviu Hermione a sugerir: — Eu tenho medo de ficar sozinha. Não podíamos dormir nos sacos-cama que eu trouxe e acampar aqui esta noite?

Ouviu Ron a concordar. Não conseguiria resistir à dor por muito mais tempo; tinha de lhe ceder.

— Vou à casa de banho — balbuciou, saindo da sala tão depressa quanto podia sem desatar a correr.

Foi por um triz: trancando a porta com as mãos trémulas, agarrou-se à cabeça a latejar e tombou no chão e depois, numa explosão de agonia, sentiu a raiva que não lhe pertencia a apoderar-se-lhe da alma, viu uma sala muito comprida, iluminada apenas por uma lareira acesa, e o Devorador da Morte louro e robusto no chão, por entre gritos e contorções, e um vulto mais

delgado sobranceiro a ele, de varinha empunhada, enquanto Harry dizia numa voz sonora, fria e impiedosa:

— Mais, Rowle, ou queres que eu dê a nossa conversa por terminada e te sirva ao jantar da *Nagini*? Lord Voldemort não tem a certeza de que desta vez te vá perdoar... Foi para isto que me chamaste, para me informares que o Harry Potter conseguiu escapar outra vez? Draco, dá ao Rowle outra amostra do nosso desagrado... Já, ou sentirás a força da minha ira abater-se sobre ti!

Um toro caiu na lareira: as labaredas elevaram-se, a luminosidade incidiu sobre um rosto afilado, lívido de terror... Com a sensação de estar a emergir de águas profundas, Harry sorveu várias golfadas de ar e abriu os olhos.

Achava-se estendido de braços e pernas abertos no pavimento frio de mármore preto, o nariz a curta distância dos pés em forma de caudas de serpente de prata que sustinham a enorme banheira. Sentou-se no chão. A cara macilenta e petrificada de Malfoy parecia ter-lhe ficado marcada a ferros no interior das pupilas. Harry sentiu-se nauseado com a cena a que acabara de assistir, com a forma como Draco estava a ser usado por Voldemort.

Ouviu uma pancada brusca na porta, e a voz de Hermione sobressaltou-o.

— Harry, queres a tua escova de dentes? Tenho-a aqui comigo.

— Sim, claro, obrigado — respondeu ele, esforçando-se por dar à voz um tom de naturalidade, enquanto se punha de pé para lhe abrir a porta.

X

A HISTÓRIA DE KREACHER

Na manhã seguinte, Harry acordou cedo, enroscado no saco-cama no chão da sala de estar. Via uma réstia do céu por entre as cortinas: o céu estava sereno, de uma tonalidade azul-pálida, como tinta diluída, algures entre a noite e a alvorada, e o silêncio reinante só era interrompido pela respiração lenta e profunda de Ron e Hermione. Harry olhou de relance para as sombras escuras que os corpos de ambos projectavam a seu lado no chão. Ron fora dominado por um acesso de gentileza e fizera questão de que Hermione dormisse em cima das almofadas do sofá, de modo que a sua silhueta se achava sobranceira à dele, com o braço curvado no chão, os dedos quase a tocar nos de Ron. Harry perguntou-se se não teriam adormecido de mãos dadas. A ideia provocou-lhe uma estranha sensação de solidão.

Ergueu os olhos para o tecto sombrio, onde se via o candelabro cheio de teias de aranha. Havia menos de vinte quatro horas, estivera ao sol, à entrada da tenda, à espera dos convidados do casamento para lhes indicar os respectivos lugares. Parecia-lhe que fora numa outra vida. O que os esperaria dali em diante? Deixou-se ficar deitado no chão, a pensar nos Horcruxes, na difícil e arrojada missão de que Dumbledore o encarregara... Dumbledore...

O desgosto que se apoderara dele no seguimento da morte de Dumbledore era agora diferente. As acusações que ouvira da boca de Muriel no casamento pareciam ter-se aninhado no seu cérebro como coisas peçonhentas, contaminando as recordações que guardava do seu idolatrado feiticeiro. Seria possível que Dumbledore tivesse permitido semelhante coisa? Teria ele sido como Dudley, indiferente à negligência e aos maus tratos desde que estes não o afectassem directamente? Teria ele virado as costas a uma irmã que vivia aprisionada e escondida de todos?

Harry pensou em Godric's Hollow, nas sepulturas que Dumbledore nunca lhe mencionara; pensou nos misteriosos objectos que, sem qualquer explicação, Dumbledore lhes deixara em testamento, e sentiu o seu ressentimento crescer na escuridão. Por que motivo lhe teria Dumbledore omitido tudo aquilo? Por que razão não lhe dera qualquer explicação? Teria

Dumbledore de facto nutrido alguma espécie de afecto por ele? Ou seria possível que Harry não tivesse passado de um instrumento destinado a ser polido e afiado, mas que não era digno da sua confiança, da sua sinceridade?

Harry não suportava continuar ali deitado com aqueles amargos pensamentos por única companhia. Ansioso por algo que fazer, por alguma coisa que o distraísse, saiu do saco-cama sem fazer barulho, pegou na varinha e esgueirou-se da sala. Chegado ao patamar, sussurrou: «*Lumos*» e começou a subir as escadas à luz da varinha.

No patamar do segundo piso, havia um quarto onde ele e Ron tinham dormido da última vez que ali tinham estado; deitou uma olhadela ao seu interior. As portas do guarda-fato achavam-se abertas e a roupa da cama estava toda puxada para trás. Lembrou-se da perna de troll derrubada no *hall* de entrada. Alguém andara a revistar a casa desde que a Ordem a abandonara. Teria sido Snape? Ou talvez Mundungus, que tanta coisa surripiara daquela casa quer antes, quer depois da morte de Sirius? O olhar de Harry vagueou para o retrato que por vezes continha Phineas Nigellus Black, o trisavô de Sirius, mas encontrou-o vazio, mostrando apenas um fundo lamacento. Era óbvio que Phineas Nigellus fora passar a noite ao gabinete do Director, em Hogwarts.

Harry continuou escada acima, até chegar ao último patamar, onde havia apenas duas portas. A que tinha diante de si exibia uma placa onde se lia *Sirius*. Harry nunca entrara no quarto do padrinho. Empurrou a porta, segurando a varinha ao alto para desfrutar da melhor iluminação possível.

O quarto era espaçoso e devia, em tempos que já lá iam, ter sido elegante. Via-se uma grande cama com uma cabeceira em madeira trabalhada, uma janela alta, obscurecida por cortinados de veludo que chegavam ao chão e um candelabro revestido por uma espessa camada de pó, com os cotos das velas ainda nos respectivos suportes, a cera sólida dependurada em gotas a fazer lembrar gelo. Uma fina película de poeira cobria os retratos nas paredes e a cabeceira da cama; uma teia de aranha estendia-se entre o candelabro e o alto do enorme guarda-roupa de madeira e, à medida que Harry ia avançando, chegou-lhe aos ouvidos o ruído de ratos numa correria agitada.

Em adolescente, Sirius tinha afixado tantos cartazes e fotografias nas paredes que muito pouco da seda azul-prateada que a revestia era visível. Harry viu-se forçado a concluir que os pais de Sirius não tinham sido capazes de desfazer o Encantamento de Fixação Permanente graças ao qual continuavam colados nas paredes, já que estava convencido de que não teriam apreciado o gosto do filho mais velho em matéria de decoração. Sirius parecia ter feito tudo ao seu alcance para aborrecer os pais. Viam-se várias bandeiras dos Gryffindor, em escarlate e dourado desbotado, apenas para sublinhar a sua diferença relativamente ao resto da família. Havia muitas fotografias de motas de Muggles, para além de (e Harry não pôde deixar de admirar o desprazo de Sirius) vários cartazes de raparigas Muggle em biquíni. Harry percebeu que eram Muggles, porque se mantinham imóveis nas respectivas fotografias, os

sorrisos deslavados e os olhos vidrados petrificados no papel. E isto fazia um nítido contraste com a única fotografia de feiticeiros pendurada na parede, que retratava quatro alunos de Hogwarts de braço dado uns aos outros, a rirem-se para a objectiva.

Com um pulo de alegria, Harry reconheceu o pai; o seu cabelo preto despenteado espetava-se na nuca como o de Harry, e também usava óculos. A seu lado encontrava-se Sirius, bem-parecido e a atirar para o desmazelado, a sua expressão levemente arrogante muito mais jovem e feliz que Harry alguma vez a vira em vida. À direita de Sirius, achava-se Pettigrew, bastante mais baixo, anafado e de olhos lacrimosos, ruborizado de satisfação por ter sido incluído no mais bem cotado dos grupos, com os admiradíssimos rebeldes James e Sirius. À esquerda de James, via-se Lupin, já nessa época com um aspecto um tanto ou quanto andrajoso, mas com o mesmo ar de surpresa por se ver apreciado e incluído... Ou seria simplesmente porque Harry sabia como as coisas tinham sido que as depreendia da fotografia? Tentou arrancá-la da parede; afinal de contas, agora pertencia-lhe — Sirius deixara-lhe todos os seus bens —, mas foi-lhe impossível. Sirius não deixara nada ao acaso para prevenir que os pais lhe redecorassem o quarto.

Harry varreu o soalho com os olhos. Lá fora, o céu começava a clarear: um raio de luz revelou pedaços de papel, livros e pequenos objectos espalhados pelo tapete. Era óbvio que o quarto de Sirius também fora revistado, embora a maior parte do seu conteúdo, se não mesmo a totalidade, parecesse ter sido considerada inútil. Alguns dos livros haviam sido maltratados ao ponto de se separarem das capas, e viam-se diversas páginas dispersas pelo chão.

Harry baixou-se, pegou nuns quantos pedaços de papel e examinou-os. Reconheceu um deles como fazendo parte de uma velha edição de *Uma História da Magia*, de Bathilda Bagshot, e outro de um manual de manutenção de motas. O terceiro estava escrito à mão e amarrotado; Harry alisou-o.

Caro Padfoot,

Obrigada, muito obrigada, pelo presente de aniversário do Harry! Foi de longe o preferido dele. Apenas com um ano de idade e já a voar numa vassoura de brinquedo, nem podes imaginar o ar de satisfação dele (junto uma fotografia para que possas ver com os teus próprios olhos). Tu sabes que ela só se eleva uns centímetros do chão, mas ele ia matando o gato e deu cabo daquela jarra horrível que a Petunia me ofereceu pelo Natal (quanto a isso, não tenho reclamações a apresentar). Como não podia deixar de ser, o James achou-lhe imensa graça, já anda a dizer que ele vai ser um excelente jogador de Quidditch, mas eu tive de guardar todos os bibelots e já sei que temos de o ter sempre debaixo de olho quando ele estiver montado na vassoura.

Tivemos um chá de aniversário muito tranquilo, só nós e a velha Bathilda, que sempre se mostrou amável para connosco e que é simplesmente babada

pelo Harry. Lamentamos imenso que não tivesses podido vir, mas a Ordem tem sempre de vir em primeiro lugar e, seja como for, o Harry ainda não tem idade para saber que era o aniversário dele! O James anda um pouco saturado de passar os dias aqui fechado, ele tenta disfarçar, mas eu bem vejo... E, ainda por cima, o Dumbledore ainda não lhe devolveu o Manto da Invisibilidade e, como tal, as pequenas expedições estão postas de parte. Se nos pudesses fazer uma visita, ele ficaria seguramente muito mais animado. O Wormy estava cá na semana passada, pareceu-me um pouco abatido, mas devia ser por causa das notícias sobre os McKinnon; quando soube, eu própria passei o serão inteiro a chorar.

A Bathilda passa cá por casa quase todos os dias, é uma senhora fascinante, com histórias surpreendentes para contar a respeito do Dumbledore; não sei é se ele ficaria muito satisfeito se lhe chegassem aos ouvidos! Não sei até que ponto lhes devo dar crédito, porque me parece inacreditável que o Dumbledore...

Harry sentia as mãos entorpecidas. Deixou-se ficar muito quieto, a segurar o papel milagroso entre os dedos sem forças, enquanto, no seu âmago, uma espécie de erupção silenciosa fazia que a alegria e a mágoa se libertassem em igual medida através das suas veias.

Tornou a ler a carta, mas não lhe conseguiu arrancar mais nenhum significado para além do que depreendera da primeira leitura, e viu-se reduzido a contemplar a caligrafia. Ela desenhava os «guês» da mesma maneira que ele: passou os olhos pela carta à procura de todos, e cada um deles se lhe afigurou como uma pequena onda amigável que vislumbrava por detrás de um véu. A carta era um tesouro incalculável, a prova de que Lily Potter existira, existira verdadeiramente, e de que a sua mão calorosa deslizara ao longo daquele pergaminho, traçando com tinta aquelas letras, aquelas palavras, palavras que lhe diziam respeito a ele, Harry, seu filho.

Limpando com impaciência as lágrimas que lhe teimavam em assomar aos olhos, leu novamente a carta, desta feita concentrando-se no significado. Era como ouvir uma voz da qual guardava uma vaga lembrança.

Tinham tido um gato... talvez tivesse morrido, como os pais, em Godric's Hollow... ou então fugido quando deixara de haver quem lhe desse de comer... Sirius comprara-lhe a sua primeira vassoura... os pais tinham conhecido Bathilda Bagshot; teria sido Dumbledore a apresentá-los? *O Dumbledore ainda não lhe devolveu o Manto da Invisibilidade...* havia ali qualquer coisa que não batia certo.

Harry fez uma pausa, ponderando nas palavras da mãe. Por que motivo teria Dumbledore tirado o Manto da Invisibilidade a James? Harry lembrava-se nitidamente de ouvir o Director dizer, anos atrás: *«Eu não preciso de um manto para ficar invisível.»* Talvez algum membro menos dotado da Ordem tivesse precisado da ajuda do Manto, e Dumbledore tivesse servido de intermediário? Harry passou adiante.

O Wormy estava cá... Pettigrew, o traidor, mostrara-se «abatido», não fora? Teria ele consciência de que seria a última vez que veria James e Lily com vida?

E, a finalizar, de novo Bathilda, que contou histórias surpreendentes acerca de Dumbledore: *parece inacreditável que o Dumbledore...*

Que Dumbledore o quê? Mas a verdade é que havia um sem-número de coisas que pareciam inacreditáveis a respeito de Dumbledore: que em tempos obtivera a classificação mais baixa num teste de Transfiguração, por exemplo, ou que se dedicara a enfeitiçar cabras, à semelhança de Aberforth.

Harry levantou-se e passou os olhos pelo soalho: talvez o resto da carta andasse por ali algures. Apanhou os papéis, manuseando-os, na sua ânsia, com tanta falta de consideração como quem os revistara anteriormente; abriu gavetas, sacudiu livros, empoleirou-se em cima de uma cadeira para percorrer com a mão o cimo do guarda-roupa e rastejou para debaixo da cama e da poltrona.

Por fim, deitado de cara no chão, reparou no que lhe pareceu ser um bocado de papel rasgado debaixo da cómoda. Quando estendeu a mão para o apanhar, verificou tratar-se de um grande pedaço da fotografia que Lily descrevera na carta. Um bebé de cabelo preto andava a voar para dentro e para fora da fotografia, montado numa vassoura minúscula, enquanto se ria a bandeiras despregadas e se viam umas pernas, que deviam pertencer a James, a correr atrás dele. Harry enfiou a fotografia dentro do bolso juntamente com a carta de Lily e continuou à procura da segunda folha.

Ao fim de mais um quarto de hora, todavia, foi forçado a concluir que o resto da carta da mãe desaparecera. Ter-se-ia dado o caso de simplesmente se ter perdido no decorrer dos dezasseis anos desde que fora escrita, ou teria sido levada por quem quer que andara a revistar o quarto? Harry tornou a ler a primeira folha, desta feita à procura de pistas para o que poderia ter tornado a segunda folha um objecto valioso. A sua vassoura de brincar dificilmente poderia ter algum interesse para os Devoradores da Morte... a única coisa potencialmente útil que via ali eram as eventuais informações a propósito de Dumbledore. *Parece inacreditável que o Dumbledore... o quê?*

— Harry! Harry! *Harry!*

— Estou aqui! — respondeu ele. — O que é que se passa?

Ouviu-se um enorme tropel do lado de fora da porta, e Hermione entrou de rompante.

— Nós acordámos e não sabíamos de ti! — disse ela ofegante. Virou-se e gritou por cima do ombro. — Ron! Encontrei-o!

A voz irritada de Ron ecoou à distância, vários pisos mais abaixo. — Diz-lhe que eu mando dizer que ele é uma noja!

— Harry, por favor, não andes para aí a desaparecer, pregaste-nos um valente susto! Mas, afinal, o que é que vieste aqui fazer acima? — Olhou em redor do quarto revistado. — O que é que andaste a fazer?

— Olha o que eu encontrei.

Estendeu-lhe a carta da mãe. Hermione pegou nela e leu-a enquanto Harry a observava. Quando chegou ao fim da página, Hermione ergueu os olhos para ele.

— Oh, Harry...

— E há ainda isto.

Entregou-lhe a fotografia rasgada, e Hermione sorriu ao bebé montado na vassoura de brincar a voar para dentro e para fora do retrato.

— Tenho andado à procura do resto da carta — explicou-lhe Harry —, mas não está aqui.

Hermione deitou uma olhadela em seu redor.

— Foste tu que armaste esta barafunda toda, ou o quarto já estava assim quando aqui chegaste?

— Andou aqui alguém a revistar antes de mim — esclareceu Harry.

— Bem me parecia. Todos os quartos para onde olhei quando vinha para aqui tinham sido remexidos. Do que andariam eles à procura, fazes ideia?

— Informações relativas à Ordem, caso tenha sido o Snape.

— Mas seríamos levados a pensar que ele já devia ter todas as informações de que precisava... Quero dizer, afinal de contas, ele pertencia à Ordem, não era?

— Bom, nesse caso — disse Harry, ansioso por debater a sua teoria —, então e que tal se fossem informações acerca do Dumbledore? A segunda página desta carta, por exemplo. Conheces esta Bathilda que a minha mãe menciona, sabes de quem se trata?

— Quem?

— A Bathilda Bagshot, a autora de...

— *Uma História da Magia* — completou Hermione, com ar interessado. — Então os teus pais conheciam-na? Era uma grande especialista em história da magia.

— E ainda é viva — adiantou Harry —, e mora em Godric's Hollow, segundo ouvi a tia do Ron, a Muriel, comentar no casamento. Ela também conhecia a família do Dumbledore. Devia ser bem interessante termos uma conversa com ela, não achas?

Havia um bocadinho de compreensão a mais para o gosto de Harry no sorriso que Hermione lhe rasgou. Tirou-lhe a carta e a fotografia da mãe e guardou-as dentro da bolsa que trazia pendurada ao pescoço, só para não ser obrigado a olhar para ela e denunciar o que lhe ia na alma.

— Eu compreendo por que é que estás tão ansioso por conversar com ela a respeito dos teus pais, e do Dumbledore também — afirmou Hermione. — Mas isso não nos iria dar uma grande ajuda na caça aos Horcruxes, pois não? — Ao ver que Harry não lhe respondia, prosseguiu: — Harry, eu sei que tu queres muito ir a Godric's Hollow, mas eu tenho medo... tenho medo da facilidade com que aqueles Devoradores da Morte nos encontraram ontem. Isso reforça mais que nunca o meu pressentimento de que não nos devíamos aproximar do local onde os teus pais estão sepultados, tenho a certeza de que

eles estão à espera de que o vás visitar.

— Não é só isso — afirmou Harry, ainda a evitar olhar para ela. — No casamento, a Muriel disse umas coisas a respeito do Dumbledore. Eu quero descobrir a verdade...

Contou a Hermione tudo o que Muriel revelara. Quando chegou ao fim, Hermione disse: — Claro, eu percebo perfeitamente por que é que isso te transtornou...

— Eu não estou transtornado — mentiu-lhe ele. — Só gostaria de saber se é ou não verdade que...

— Harry, não me digas que estás mesmo convencido de que uma velha maldosa como a Muriel, ou alguém como a Rita Skeeter, já agora, querem saber da verdade para alguma coisa? Como é que lhes podes dar ouvidos? Tu conhecias o Dumbledore!

— Pensei que sim — murmurou ele.

— Mas sabes a quantidade de mentiras que a Rita Skeeter escreveu a teu respeito! O Doge tem razão, como é que permites que pessoas dessa espécie manchem as recordações que guardas do Dumbledore?

Harry desviou o olhar, esforçando-se por disfarçar o ressentimento que sentia. Ali estava outra vez: escolher aquilo em que acreditar. Queria a verdade. Por que é que toda a gente se mostrava tão decidida a impedi-lo de chegar até ela?

— E se fôssemos até à cozinha? — sugeriu Hermione após uma breve pausa. — Desencantar qualquer coisa para o pequeno-almoço?

Ele concordou, ainda que a contragosto, e foi atrás dela até ao patamar, passando pela segunda porta que dava para a escada. Havia profundas marcas de arranhões na tinta por debaixo de uma pequena placa de que não se dera conta no escuro. Deteve-se no cimo das escadas para a ler. Era uma pequena placa, bastante pomposa, cuidadosamente manuscrita, o género de coisa que Percy Weasley seria capaz de afixar na porta do seu quarto:

É Favor Não Entrar Sem a Autorização Expressa de Regulus Arcturus Black

Harry sentiu o entusiasmo a invadi-lo, mas não soube explicar de imediato porquê. Tornou a ler a placa. Hermione já se achava um lance de escadas abaixo dele.

— Hermione — chamou-a, surpreendendo-se com a calma que transparecia da sua própria voz. — Chega aqui.

— O que é que foi?

— O R.A.B. Acho que já descobri de quem se trata.

Ouviu-se um grito sufocado, e Hermione correu escada acima.

— Na carta da tua mãe? Mas eu não vi...

Harry abanou a cabeça, apontando para a placa de Regulus. Ela leu-a e, em seguida, apertou o braço de Harry com tanta força que ele se retraiu.

— O irmão do Sirius? — indagou ela num murmúrio.

— Ele era Devorador da Morte — lembrou Harry. — O Sirius falou-me dele: juntou-se a eles era ainda muito novo, depois faltou-lhe a coragem e tentou vir-se embora... e, por isso, mataram-no.

— Isso faz sentido! — exclamou Hermione. — Se ele era Devorador da Morte, tinha acesso ao Voldemort e, se se desiludiu, então deve ter querido destronar o Voldemort!

Soltou o braço de Harry, debruçou-se sobre o corrimão e gritou: — Ron! RON! Chega aqui, depressa!

Ron apareceu, ofegante, passado um instante, de varinha já a postos.

— O que é que se passa? Se forem outra vez as aranhas gigantes, quero tomar o pequeno-almoço antes de...

Ficou petrificado perante a placa na porta de Regulus, para a qual Hermione apontava silensiosamente.

— O quê? Esse era o quarto do irmão do Sirius, não era? Regulus Arcturus... Regulus... R.A.B.! O medalhão... Vocês acham...?

— Vamos descobrir — decidiu Harry. Empurrou a porta, mas estava trancada. Hermione apontou a varinha à maçaneta e declarou:

— *Alohomora*. — Ouviu-se um estalido e a porta abriu-se de imediato.

Passaram juntos pela soleira, olhando em seu redor. O quarto de Regulus era mais pequeno que o de Sirius, embora apresentasse a mesma atmosfera de antigo requinte. Enquanto Sirius fizera tudo ao seu alcance para marcar a diferença relativamente aos outros membros da família, Regulus esforçara-se por salientar o contrário. O esmeralda e o prateado, as cores dos Slytherin, dominavam o ambiente, cobrindo a cama, as paredes e as janelas. O brasão da família Black fora cuidadosamente pintado por cima da cama, juntamente com o seu lema: *Toujours Pur*. Por baixo, via-se uma colecção de recortes de jornais amarelecidos, que, juntos, formavam uma colagem irregular. Hermione atravessou o quarto para os examinar.

— Dizem todos respeito ao Voldemort — constatou ela. — Parece que o Regulus deve ter sido um grande admirador dele durante os poucos anos em que pertenceu aos Devoradores da Morte...

Uma leve nuvem de pó desprende-se da colcha quando ela se sentou para ler os recortes. Harry, entretanto, reparara noutra fotografia; uma equipa de Quidditch de Hogwarts sorria e acenava da moldura. Aproximou-se mais e viu-lhes as serpentes que ostentavam ao peito: Slytherins. Reconheceu de imediato Regulus como o rapaz sentado no meio da fila dianteira: tinha o mesmo cabelo escuro e ar ligeiramente arrogante do irmão, embora fosse mais baixo, mais franzino e bastante menos bem-parecido que Sirius.

— Jogava como *Seeker* — verificou Harry.

— O quê? — indagou Hermione vagamente; continuava embrenhada nos recortes de jornais sobre Voldemort.

— Está sentado no meio da fila da frente, onde o *Seeker*... Deixa lá — desistiu Harry, apercebendo-se de que ninguém lhe prestava atenção: Ron achava-se de gatas, a vasculhar debaixo do guarda-fato. Harry varreu o quarto

com o olhar, à procura de esconderijos prováveis e abeirou-se da secretária. Mais uma vez, alguém a revistara antes deles. O conteúdo das gavetas fora remexido havia pouco tempo, o pó levantado, mas não havia ali nada de valor: penas velhas, livros de estudo desactualizados que ostentavam sinais de terem sofrido maus tratos às mãos de alguém, um frasco de tinta recentemente partido, os seus resíduos pegajentos espalhados por cima do conteúdo da gaveta.

— Há uma maneira mais fácil — disse Hermione, quando viu Harry a limpar os dedos sujos de tinta às calças de ganga. Empunhou a varinha e declarou: — *Accio medalhão!*

Nada aconteceu. Ron, que andara à procura entre as dobras dos cortinados púidos, fez um ar desiludido.

— Então é isso? Não está aqui?

— Oh, talvez ainda esteja aqui, mas sob o efeito de um contrafeitiço — aventou Hermione. — Um encantamento para impedir que seja invocado por artes mágicas, estão a ver?

— Como o que o Voldemort lançou sobre a bacia de pedra na cave — corroborou Harry, recordando-se de como fora incapaz de Convocar o falso medalhão.

— Então, como é que havemos de o descobrir? — indagou Ron.

— Temos de o procurar à mão — respondeu-lhe Hermione.

— É uma boa ideia — disse Ron, revirando os olhos e tornando a voltar a sua atenção para os cortinados.

Passaram uma hora a vasculhar o quarto de fio a pavio; no fim, porém, viram-se forçados a admitir que o medalhão não se encontrava lá.

Entretanto, o sol já se levantara; a sua luz ofuscou-os mesmo através das janelas encardidas do pátio.

— Mas pode estar em qualquer outro sítio da casa — insistiu Hermione em tom encorajador quando voltaram a descer as escadas; à medida que Harry e Ron tinham vindo a perder a coragem, ela mostrava-se cada vez mais determinada. — Independentemente de o ter ou não destruído, haveria de querer escondê-lo do Voldemort, não acham? Estão lembrados de todas as coisas horríveis de que tivemos de nos livrar quando aqui estivemos da última vez? Aquele relógio que passava a vida a disparar parafusos contra toda a gente e aquele manto velho que tentou estrangular o Ron; talvez o Regulus os tenha instalado para proteger o esconderijo do medalhão, embora nós não nos tenhamos apercebido disso na... na...

Harry e Ron olharam para ela. Estava com um pé suspenso no ar, o olhar turvo, com o aspecto apalermado de alguém que tivesse acabado de ser alvo de um Encantamento de Memória.

— ...na altura — concluiu num sussurro.

— Passa-se alguma coisa? — perguntou-lhe Ron.

— Havia um medalhão.

— O quê? — indagaram Harry e Ron em uníssono.

— Num armário da sala de estar. Ninguém o conseguia abrir. E nós... nós...

Harry teve a sensação de que um tijolo lhe descera através do peito até ao estômago. Veio-lhe à memória: chegara mesmo a mexer-lhe quando passara de mão em mão, cada um a tentar abri-lo à vez. Fora atirado para um saco de lixo, juntamente com a caixa de rapé com pó para as verrugas e a caixa de música que os deixava a todos cheios de sono...

— O Kreacher surriprou-nos imensas coisas — recordou-se Harry. Era a sua única possibilidade, a única réstia de esperança, e ele estava disposto a agarrar-se a ela com todas as suas forças. — Ele tinha um monte de tralha no armário da cozinha. Venham daí.

Correu escada abaixo a dois e dois, os passos dos amigos a ecoar sonoramente atrás dele. Fizeram tamanha algazarra que acordaram o retrato da mãe de Sirius quando passaram pelo corredor.

— *Nojentos! Sangues de Lama! Escumalha!* — gritou ela, enquanto os três passavam disparados como setas em direcção à cozinha da cave e batiam com a porta atrás deles.

Harry atravessou a cozinha a correr, parou com uma derrapagem diante da porta do armário de Kreacher e abriu-a com toda a força. Lá estava o ninho de velhos cobertores imundos onde o elfo doméstico em tempos dormira, mas por entre eles já não brilhavam as bugigangas que Kreacher tinha por hábito surripiar. A única coisa que havia ali era um exemplar de *Raízes da Nobreza: Genealogia de Feiticeiros*. Recusando-se a acreditar no que os seus olhos viam, Harry agarrou nos cobertores e começou a sacudi-los. Um rato morto soltou-se deles e rebolou sinistramente pelo chão. Ron resmungou ao deixar-se abater numa cadeira da cozinha; Hermione fechou os olhos.

— Ainda não acabámos — afirmou Harry, elevando a voz e chamando: — *Kreacher!*

Ouviu-se um sonoro estalido e o elfo doméstico que Harry tão relutantemente herdara de Sirius apareceu, vindo do nada, na lareira fria e despida: minúsculo, com metade do tamanho de um ser humano, a pele pálida a cair-lhe em pregas à volta do corpo, os tufo de pêlo branco a brotaram copiosamente das orelhas de morcego. Continuava trajado com os mesmos farrapos imundos com que o tinham visto da primeira vez, e o olhar de desprezo com que presenteou Harry indicava claramente que a sua atitude perante a mudança de dono se mantinha tal qual a indumentária.

— Amo — crocitou Kreacher com a sua voz de sapo, fazendo uma profunda vénia e murmurando para os joelhos: —, de volta à antiga casa da minha senhora com o maldito traidor do Weasley e a Sangue de Lama.

— Proibo-te de chamares seja a quem for «maldito traidor» ou «Sangue de Lama» — vociferou Harry. Mesmo que Kreacher não tivesse entregado Sirius a Voldemort, Harry continuaria a considerar o elfo, com o seu nariz carnudo semelhante a uma trombinha e os olhos injectados de sangue, uma criatura perfeitamente abominável.

— Quero fazer-te uma pergunta — disse Harry, com o coração algo

alvorçado, enquanto baixava os olhos para o elfo — e ordeno-te que me respondas com a verdade. Entendido?

— Sim, meu Amo — disse Kreacher, fazendo nova vénia; Harry reparou que os seus lábios se movimentavam em silêncio, a articular os insultos que acabara de o proibir de proferir.

— Há dois anos — prosseguiu Harry, sentindo agora o coração a martelar contra as costelas —, estava um grande medalhão de ouro na sala de estar do primeiro piso. Nós deitámo-lo fora. Tu foste buscá-lo ao lixo?

Fez-se um momento de silêncio, durante o qual Kreacher se empertigou para encarar Harry bem de frente. Depois respondeu-lhe: — Fui.

— E onde é que está agora? — perguntou-lhe Harry, exultante, enquanto Ron e Hermione faziam um ar muito satisfeito.

Kreacher fechou os olhos como se não suportasse ver a reacção dos três às suas próximas palavras.

— Foi-se.

— Foi-se? — ecoou Harry, o entusiasmo a esvaziar-se completamente. — O que queres dizer com isso de «foi-se»?

O elfo estremeceu e vacilou.

— Kreacher — declarou Harry em tom ameaçador —, ordeno-te que...

— O Mundungus Fletcher — crocitou o elfo, ainda de olhos bem fechados.

— O Mundungus Fletcher roubou tudo: os retratos da Miss Bella e da Miss Cissy, as luvas da minha senhora, a Ordem de Merlin, Primeira Classe, as taças com o brasão da família e, e...

Kreacher arquejava com falta de ar: o seu peito encovado subia e descia rapidamente, em seguida abriu repentinamente os olhos e soltou um grito de fazer enregelar o sangue:

— ...e o medalhão, o medalhão do Amo Regulus, o Kreacher fez mal, o Kreacher falhou no cumprimento do seu dever!

Harry reagiu por instinto: no momento em que Kreacher mergulhou para apanhar o atizador de brasas da lareira, Harry lançou-se sobre ele, espalmado-o contra o chão. O grito de Hermione misturou-se com o do elfo, mas Harry berrou mais alto que ambos: — Kreacher, ordeno-te que fiques quieto!

— Harry, solta-o! — murmurou Hermione.

— Para ele se poder agredir com o atizador? — resmungou Harry, ajoelhando-se ao lado do elfo. — Não me parece. Muito bem, Kreacher, agora quero a verdade: como é que tu sabes que foi o Mundungus Fletcher quem roubou o medalhão?

— O Kreacher viu! — ofegou o elfo, à medida que as lágrimas lhe brotavam para o narigão e para a boca cheia de dentes acinzentados. — O Kreacher viu ele a sair do armário do Kreacher com as mãos cheias dos tesouros do Kreacher. O Kreacher mandou ao larápio que parasse, mas o Mundungus Fletcher riu-se e de-desatou a co-correr.

— Tu disseste que o medalhão pertencia ao Amo Regulus — constatou

Harry. — Porquê? Donde é que ele veio? O que é que o Regulus tinha que ver com ele? Kreacher, senta-te e conta-me tudo o que sabes a respeito desse medalhão e que ligação é que o Regulus tinha com ele!

O elfo sentou-se, enroscado numa bola, apoiou a cara molhada entre os joelhos e começou a baloiçar-se para trás e para diante. Quando falou, foi com uma voz abafada, mas bastante nítida, que ecoou no silêncio da cozinha.

— O Amo Sirius fugiu de casa, e ainda bem, porque era um rapaz malvado que fazia a minha senhora muito infeliz com o seu comportamento indisciplinado. Mas o Amo Regulus era orgulhoso, como convinha: sabia o que cabia por direito ao nome Black e à dignidade do seu puro-sangue. Passou anos a falar do Senhor das Trevas, que haveria de tirar os feiticeiros da clandestinidade para governarem os Muggles e os de origem Muggle... E, quando fez dezasseis anos, o Amo Regulus aliou-se ao Senhor das Trevas. Tão orgulhoso, tão orgulhoso, tão feliz por poder servir...

«E certo dia, um ano depois de se ter alistado, o Amo Regulus veio à cozinha para falar com o Kreacher. O Amo Regulus sempre gostou do Kreacher. E o Amo Regulus disse... ele disse...

O velho elfo começou a balançar-se ainda mais depressa.

— ...ele disse que o Senhor das Trevas precisava de um elfo.

— O Voldemort precisava de um *elfo*? — reiterou Harry, dirigindo o olhar para Ron e Hermione, cuja estupefação era comparável à sua.

— Ah, pois — gemeu Kreacher. — E o Amo Regulus oferecera-lhe o Kreacher. Era uma honra, disse o Amo Regulus, uma honra para ele e para o Kreacher, que tinha de fazer tudo o que o Senhor das Trevas lhe mandasse sem hesitar... e depois v-voltar para casa.

Kreacher balançou-se ainda mais depressa, a respiração entrecortada por soluços.

— Então o Kreacher foi ter com o Senhor das Trevas. O Senhor das Trevas não disse ao Kreacher o que tinham de fazer, mas levou o Kreacher para uma gruta ao pé do mar. E, por detrás da gruta, havia uma caverna, e na caverna, havia um grande lago, muito escuro...

Harry sentiu os pêlos da nuca eriçarem-se. Tinha a sensação de que voz crocitante de Kreacher lhe chegava através daquelas águas escuras. Viu o que se passara com tanta clareza como se tivesse estado presente.

— ...havia um barco...

Era claro que havia um barco; Harry sabia de que barco se tratava, um barco muito pequeno de um verde fantasmagórico, encantado para transportar um feiticeiro e uma vítima para a ilha no meio do lago. Fora então assim que Voldemort testara as defesas em redor do Horcrux: pedindo emprestada uma criatura dispensável, um elfo doméstico...

— Na ilha, h-havia uma bacia cheia de poção. O S-Senhor das Trevas obrigou o Kreacher a beber dela...

O elfo estremeceu dos pés à cabeça.

— O Kreacher bebeu e, enquanto bebia, viu coisas terríveis... As entranhas

do Kreacher começaram a arder... o Kreacher chamou o Amo Regulus para o vir salvar, gritou pela sua Ama, mas o Senhor das Trevas só se ria... Obrigou o Kreacher a beber a poção até ao fim... deitou o medalhão para a bacia vazia... encheu-a com mais poção.

«E depois o Senhor das Trevas foi-se embora no barco, deixando o Kreacher sozinho na ilha...

Harry via a cena a desenrolar-se perante os seus olhos. Viu o rosto lívido de serpente de Voldemort a desaparecer na escuridão, aqueles olhos vermelhos implacavelmente fixos no pobre elfo que não tardaria a morrer, sucumbindo à sede terrível que a poção causticante provocava nas suas vítimas... aqui, porém, a imaginação de Harry não era capaz de ir mais além, pois não estava a ver como poderia Kreacher ter conseguido escapar.

— O Kreacher precisava de água, rastejou até à beira da ilha e bebeu do lago escuro... e foi então que mãos, mãos mortas, saíram da água e puxaram o Kreacher para debaixo d'água...

— E como é que conseguiste escapar? — interrogou-o Harry, e não ficou surpreso por se ouvir a sussurrar.

Kreacher levantou a cabeça medonha e fitou Harry com os seus enormes olhos injectados de sangue.

— O Amo Regulus mandou o Kreacher voltar para casa — disse ele.

— Eu sei... mas como é que conseguiste fugir aos Inferi?

Kreacher não parecia compreendê-lo.

— O Amo Regulus mandou o Kreacher voltar para casa — repetiu ele.

— Eu sei, mas...

— Bom, é óbvio, não achas, Harry? — interveio Ron. — Ele Desapareceu!

— Mas... não se pode Aparecer e Desaparecer na caverna — obstou Harry —, senão, o Dumbledore...

— A magia dos elfos não é igual à magia dos feiticeiros, pois não? — lembrou Ron. — Afinal de contas, eles conseguem Aparecer e Desaparecer de Hogwarts, ao passo que nós não.

Fez-se silêncio enquanto Harry digeriria esta informação. Como poderia Voldemort ter cometido semelhante erro? Todavia, no momento em que isto lhe ocorria, Hermione pronunciou-se, e a voz saiu-lhe gélida:

— É óbvio que o Voldemort teria considerado os elfos domésticos demasiado insignificantes para se dar ao trabalho de reparar nos seus hábitos, tal e qual como os puros-sangues que os tratam como se fossem animais... Nunca lhe passaria pela cabeça que eles pudessem possuir dotes mágicos que ele não possuía...

— A lei suprema dos elfos domésticos é obedecer às ordens do seu amo — salmodiou Kreacher. — O amo mandou que o Kreacher voltasse para casa, e por isso o Kreacher voltou para casa...

— Bom, nesse caso, fizeste o que te mandaram, não foi? — disse Hermione em tom amável. — Não desobedeceste a nenhuma ordem!

Kreacher abanou a cabeça, baloiçando-se mais depressa que nunca.

— Então e o que é que aconteceu quando voltaste? — perguntou-lhe Harry.
— Qual foi a reacção do Regulus quando lhe contaste o que se passara?
— O Amo Regulus ficou muito preocupado, muito preocupado — crocitou Kreacher. — O Amo Regulus disse ao Kreacher para se esconder, para não sair de casa. E depois... passado algum tempo... certa noite, o Amo Regulus veio ter com o Kreacher ao armário, e o Amo Regulus estava estranho, diferente do que costumava ser, com o espírito perturbado, o Kreacher reparou logo... e pediu ao Kreacher que o levasse à gruta, a gruta aonde o Kreacher fora com o Senhor das Trevas...

E assim partiram. Harry era capaz de os visualizar claramente, o velho elfo amedrontado e o *Seeker* magro e de cabelo escuro que tão parecido fora com Sirius... Kreacher sabia como abrir a entrada oculta que dava acesso à caverna subterrânea, sabia como levantar o pequeno barco; desta feita era na companhia do seu adorado Regulus que viajava para a ilha com a bacia de veneno.

— E ele obrigou-te a beber da poção? — quis saber Harry, repugnado.

Mas Kreacher sacudiu a cabeça e tornou a chorar. Hermione levou as mãos à boca: parecia ter acabado de compreender alguma coisa.

— O A-Amo Regulus tirou do bolso um medalhão igual ao que o Senhor das Trevas tinha — prosseguiu Kreacher, com as lágrimas a deslizarem de cada um dos lados do seu nariz semelhante a uma pequena tromba. — E ele disse ao Kreacher que ficasse com ele e, quando a bacia estivesse vazia, para trocar os medalhões...

Os soluços de Kreacher saíam-lhe agora de forma convulsiva; Harry teve de se concentrar muito para conseguir entendê-lo.

— E ele mandou... mandou que o Kreacher se fosse embora... sem ele. E disse ao Kreacher... para ir para casa... e nunca dizer à sua senhora... o que ele fizera... mas para destruir... o primeiro medalhão. E depois bebeu... a poção até ao fim... e o Kreacher trocou os medalhões... e viu... o Amo Regulus... a ser arrastado para debaixo de água... e...

— Oh, Kreacher! — lastimou-se Hermione, que estava agora a chorar. Deixou-se abater de joelhos ao lado do elfo e tentou abraçá-lo. Este levantou-se de imediato, retraindo-se para longe dela, dominado por uma nítida repulsa.

— A Sangue de Lama tocou no Kreacher, ele não permite, o que diria a sua senhora?

— Já te avisei para não lhe chamares «Sangue de Lama»! — vociferou Harry, mas o elfo já se estava a castigar: atirara-se ao chão e batia com a cabeça no pavimento.

— Manda-o parar... manda-o parar! — suplicou Hermione. — Oh, percebes agora como é revoltante, a forma como eles são obrigados a obedecer?

— Kreacher... pára, pára com isso! — gritou-lhe Harry.

O elfo ficou estendido no chão, trémulo e ofegante, com muco verde a brilhar-lhe em volta do nariz, uma nódoa negra a começar a aparecer na testa pálida no sítio onde batera contra o chão, os olhos inchados, injectados de

sangue e banhados de lágrimas. Harry nunca vira uma criatura tão lastimável.

— Então, tu trouxeste o medalhão para casa — insistiu Harry sem dó nem piedade, pois estava decidido a desenredar a história até ao fim. — E tentaste destruí-lo?

— Nada do que o Kreacher fazia lhe deixava moça — gemeu o elfo. — O Kreacher tentou de tudo, tudo o que sabia, mas nada, nada funcionava... Estava rodeado de tantos feitiços que o Kreacher tinha a certeza de que a única maneira de o destruir era abrindo-o, mas ele não se abria... o Kreacher castigou-se, tentou mais uma vez, tornou a castigar-se. O Kreacher não conseguiu cumprir as ordens que lhe tinham sido dadas, o Kreacher não conseguia destruir o medalhão! E a sua senhora estava enloquecida de desgosto, porque o Amo Regulus desaparecera, e o Kreacher não lhe podia dizer o que tinha acontecido, não, porque o Amo Regulus o p-p-proibira de contar aos membros da f-f-família o que se passara na c-caverna...

Kreacher começou a soluçar de tal maneira que já não conseguiu dizer nada que se aproveitasse. As lágrimas deslizavam pelas faces de Hermione por ver o elfo naquele estado, mas não se atreveu a tocar-lhe outra vez. Até mesmo Ron, que não nutria qualquer espécie de admiração por Kreacher, parecia perturbado. Harry inclinou-se para trás, apoiando-se nos calcanhares, e abanou a cabeça, tentando clarear as ideias.

— Não te consigo perceber, Kreacher — disse ele por fim. — O Voldemort tentou matar-te, o Regulus morreu para derrubar o Voldemort, mas tu, ainda assim, dispuseste-te a entregar o Sirius ao Voldemort? Dispuseste-te a ir ter com a Narcissa e a Bellatrix, e a fazer chegar informações ao Voldemort por intermédio delas...

— Harry, o Kreacher não vê as coisas segundo essa perspectiva — afirmou Hermione, limpando os olhos às costas da mão. — Ele é um escravo; os elfos domésticos estão habituados a ser maltratados, às vezes com brutalidade, até; o que o Voldemort fez ao Kreacher não era assim tão fora do comum quanto isso. O que é que as guerras entre feitiçeiros podem significar para um elfo como o Kreacher? Ele é leal às pessoas que o tratam bem, como Mrs. Black o deve ter tratado, e o Regulus certamente também, e por isso ele servia-os de boa vontade e papagueava as suas convicções. Já sei o que é que vais dizer — prosseguiu ela, quando Harry se preparava para protestar —, que o Regulus mudou de ideias... mas nada indica que tenha explicado isso ao Kreacher, pois não? E eu julgo que sei porquê. O Kreacher e a família do Regulus ficariam mais seguros se ele se mantivesse fiel à velha tradição dos purosangues. O Regulus estava a tentar protegê-los a todos.

— O Sirius...

— O Sirius era horrível para o Kreacher, Harry, e não vale a pena fazeres essa cara, que bem sabes que é verdade. Quando o Sirius veio para aqui morar, o Kreacher estava sozinho há imenso tempo, e o mais provável era que estivesse ávido de um pouco de afecto. Tenho a certeza de que a «Miss Cissy» e a «Miss Bella» eram absolutamente amorosas para o Kreacher quando cá

vinham e, assim, ele fez-lhes um favor e contou-lhes tudo o que elas pretendiam saber. Eu sempre fui da opinião de que os feitiçeiros acabariam por pagar pela maneira como tratam os elfos domésticos. Bom, o Voldemort pagou... e o Sirius também.

Harry não a contrariou. Enquanto observava Kreacher a soluçar no chão, lembrou-se do que Dumbledore lhe dissera, escassas horas após a morte de Sirius: *«Não creio que o Sirius alguma vez tenha visto o Kreacher como uma criatura com sentimentos tão fortes como os humanos...»*

— Kreacher — pediu-lhe Harry, passados uns instantes —, quando te sentires em condições, hã... por favor, senta-te.

Foram precisos vários minutos até que os soluços de Kreacher cedessem ao silêncio. Depois, a custo, ele tornou a sentar-se, esfregando os nós dos dedos contra os olhos como uma criança de tenra idade.

— Kreacher, vou pedir-te que faças uma coisa — disse-lhe Harry. Deitou uma olhadela a Hermione, procurando ajuda: pretendia transmitir a ordem com gentileza, mas, ao mesmo tempo, não podia fingir que não se tratava de uma ordem. No entanto, a alteração do seu tom de voz pareceu conquistar a aprovação da amiga, que lhe lançou um sorriso encorajador.

— Kreacher, quero que tu vás à procura do Mundungus Fletcher, por favor. Nós precisamos de descobrir onde está o medalhão... o medalhão do Amo Regulus. É muito importante. Queremos terminar a tarefa que o Amo Regulus começou, queremos... hã... garantir que ele não morreu em vão.

Kreacher deixou cair os punhos fechados e ergueu os olhos para Harry.

— Ir à procura do Mundungus Fletcher? — crocitou ele.

— E trazê-lo para aqui, para Grimmauld Place — acrescentou Harry. — Achas que serias capaz de fazer isso por nós?

Ao ver Kreacher a assentir com a cabeça e a pôr-se de pé, Harry foi tomado por uma súbita inspiração. Pegou na bolsa de Hagrid e retirou o falso Horcrux, o medalhão substituto dentro do qual Regulus guardara o bilhete para Voldemort.

— Kreacher, eu... hã... gostava que ficasses com isto — disse ele, enfiando o medalhão na mão do elfo. — Isto pertencia ao Regulus, e eu tenho a certeza de que ele desejaria dar-to como prova de gratidão por aquilo que tu...

— Que exagero, meu — comentou Ron, enquanto o elfo deitava uma olhadela ao medalhão, soltava um grito de choque e se tornava a atirar para o chão.

Levou-lhes uma boa meia hora a acalmar Kreacher, que ficou de tal maneira comovido por ver a sua pessoa ser presenteada com uma recordação da família Black que nem tinha forças nos joelhos para se sustentar em pé. Quando finalmente ficou em condições de dar uns passos vacilantes, todos o acompanharam ao seu armário, o viram guardar o medalhão em segurança entre os cobertores sujos e lhe garantiram que fariam da sua protecção a sua prioridade enquanto ele estivesse ausente. Kreacher fez então duas profundas vénias a Harry e Ron, e chegou mesmo a dirigir um leve espasmo esquisito a

Hermione que poderia ter passado por uma tentativa de cumprimento respeitoso, antes de Desaparecer com o habitual estalido sonoro.

XI

O SUBORNO

Já que Kreacher fora capaz de escapar a um lago infestado de Inferi, Harry estava confiante de que a captura de Mundungus seria apenas questão de poucas horas, no máximo, e passou a manhã a vaguear pela casa, dominado por uma grande expectativa. Todavia, Kreacher não regressou nessa manhã, nem tão-pouco nessa tarde. Ao cair da noite, Harry sentia-se abatido e ansioso, e uma ceia composta quase exclusivamente de pão bolorento, que Hermione tentara em vão Transfigurar, não contribuiu em nada para o animar.

Kreacher não voltou no dia seguinte, nem no dia a seguir a esse. Contudo, dois homens encapuzados apareceram na praça onde se situava o número doze, e lá ficaram durante toda a noite, de olhares fixos na casa que não eram capazes de ver.

— Devoradores da Morte, com toda a certeza — concluiu Ron, enquanto Harry e Hermione os observavam das janelas da sala de estar. — Acham que eles sabem que aqui estamos?

— Acho que não — opinou Hermione, não obstante o seu ar assustado —, senão mandavam o Snape atrás de nós, não era?

— E se ele já aqui tiver estado e a maldição do Moody lhe tiver atado a língua? — sugeriu Ron.

— É bem possível — admitiu Hermione —, caso contrário já teria contado àqueles dois ali como é que se entra, não é? Mas eles devem estar de vigia para o caso de nós chegarmos. Afinal de contas, sabem que o Harry é dono desta casa.

— Como é que eles...? — começou Harry.

— Os testamentos dos feiticeiros são examinados pelo Ministério, ou já não se lembram? Eles sabem de certeza que o Sirius te deixou esta casa.

A presença de Devoradores da Morte lá fora intensificou a atmosfera de ameaça pendente no interior do número doze. Não recebiam notícias de ninguém desde a chegada do Patronus de Mr. Weasley, e os efeitos da tensão começavam a ser visíveis. Inquieto e irritadiço, Ron desenvolvera o hábito incomodativo de brincar com o Apagador que guardava dentro do bolso; isto

enfurecia sobretudo Hermione, que ocupava o tempo à espera de Kreacher, entregando-se ao estudo d' *Os Contos de Beedle, o Bardo*, e não apreciava a maneira como as luzes estavam constantemente a acender e a apagar.

— Importas-te de parar com isso!? — gritou-lhe ela na terceira noite da ausência de Kreacher, quando todas as luzes tornaram a ser sugadas da sala pela enésima vez.

— Desculpa, desculpa! — disse Ron, apressando-se a carregar no Apagador e a fazer voltar a luz.

— Por que é que não arranjas qualquer coisa útil para te entreteres?

— O quê, como ler histórias para miúdos, por exemplo?

— O Dumbledore deixou-me este livro, Ron...

— ...e também me deixou o Apagador, talvez quisesse que eu o usasse!

Sem paciência para ouvir Ron e Hermione a implicar um com o outro, Harry saiu da sala sem que nenhum deles desse por isso. Desceu as escadas em direcção à cozinha, aonde ia de quando em vez, porque tinha a certeza de que era o sítio mais provável para Kreacher reaparecer. A meio do lance de escadas, contudo, ouviu uma pancada na porta da rua, em seguida estalidos metálicos e uma corrente a deslizar.

Sentiu todos os nervos do corpo a retesarem-se: desembainhou a varinha, embrenhou-se nas sombras por detrás dos elfos decapitados e pôs-se de atalaia. A porta abriu-se: avistou um lampejo da praça banhada pela luz dos candeeiros, e um vulto encapuzado surgiu no *hall* de entrada e fechou a porta atrás de si. O intruso avançou um passo e a voz de Moody interpelou-o: «*Severus Snape?*» Em seguida o espectro poeirento elevou-se do fundo do corredor e investiu contra ele, erguendo a mão morta.

— Não fui eu quem te matou, Albus — declarou uma voz pausada.

O feitiço quebrou-se, o espectro de pó explodiu uma vez mais, e foi impossível distinguir o recém-chegado por entre a densa nuvem acinzentada que deixou atrás de si.

Harry apontou a varinha para o meio.

— Não se mexa!

Esquecera-se do retrato de Mrs. Black. Ao ouvir o seu grito, as cortinas que a ocultavam abriram-se de repente e ela começou aos guinchos: — *Sangues de Lama e ralé a desonrarem a minha casa...*

Ron e Hermione vieram disparados pelas escadas abaixo atrás de Harry, varinhas empunhadas, à semelhança da sua, apontadas ao homem desconhecido que agora se achava de braços ao alto no *hall*.

— Poupem a munição, sou eu, o Remus!

— Oh, que grande alívio — disse Hermione em voz sumida, apontando a varinha a Mrs. Black, ao invés; após uma explosão, as cortinas tornaram a fechar-se com uma chicotada e tudo se quedou em silêncio. Ron também baixou a varinha, Harry, porém, não.

— Mostre-se! — ordenou-lhe.

Lupin avançou para a luz do candeeiro, as mãos ainda ao alto num gesto de

rendição.

— Chamo-me Remus John Lupin, sou um lobisomem, também conhecido por Moony, um dos quatro criadores do Mapa do Salteador, casado com a Nymphadora, conhecida por Tonks, e fui eu quem te ensinou a fazer um Patronus, Harry, que toma a forma de um veadinho.

— Oh, pronto, assim está bem — acedeu Harry, baixando a varinha —, mas eu tinha de verificar, não era?

— Na qualidade de teu antigo professor de Defesa contra a Magia Negra, sinto-me tentado a concordar contigo. Ron, Hermione, não deviam baixar as vossas defesas com tanta facilidade.

Correram escada abaixo ao encontro de Lupin. Envolvido num grosso manto de viagem preto, estava com um ar exausto, mas satisfeito por os ver.

— Nem sinal do Severus, então? — interpelou-os.

— Não — confirmou Harry. — O que é que se passa? Estão todos bem?

— Sim — tranquilizou-os Lupin —, mas estamos todos a ser vigiados. Acabei de ver dois Devoradores da Morte lá fora, na praça ...

— ... Nós sabemos...

— ... vi-me obrigado a Aparecer exactamente no degrau de cima da porta da rua para ficar com a certeza de que não me detectavam. Estou certo de que não sabem que vocês aqui estão, caso contrário teriam mais gente de atalaia; andam a vigiar todos os sítios que estejam de alguma forma relacionados contigo, Harry. Vamos lá para baixo, trago muitas novidades e quero saber o que é que vos aconteceu depois de abandonarem A Toca.

Uma vez chegados à cozinha, Hermione apontou a varinha à lareira. As chamas acenderam-se de imediato, emprestando uma sensação de conforto às paredes de pedra despidas e reflectindo-se ao longo do tampo comprido da mesa. Lupin retirou umas quantas Cervejas de Manteiga de dentro do manto e todos se instalaram à mesa.

— Já cá podia estar há três dias, mas tive de despistar o Devorador da Morte que vinha no meu encalço — esclareceu Lupin. — Então, vieram directamente para aqui depois do casamento?

— Não — respondeu Harry —, só depois de nos termos confrontado com dois Devoradores da Morte num café, em Tottenham Court Road.

Lupin entornou a cerveja quase toda pelo peito abaixo.

— *O quê?*

Explicaram-lhe o que se havia passado; quando terminaram, Lupin ostentava um ar atónito.

— Mas como é que eles vos conseguiram descobrir tão depressa? É impossível seguir a pista de alguém que Apareça, a menos que nos agarremos a ela quando estiver a Desaparecer!

— E parece pouco provável que eles andassem nesse momento a passear casualmente por Tottenham Court Road, não é? — comentou Harry.

— Nós pensámos — sugeriu Hermione — que o Harry talvez ainda tivesse o Detector activo.

— É impossível — assegurou-lhe Lupin. Ron fez um ar presunçoso e Harry sentiu um enorme alívio. — Para além de que, se o Harry ainda tivesse o Detector activo, eles saberiam com certeza que ele se encontra aqui, não é? Mas não estou a ver como é que poderão ter seguido a vossa pista até Tottenham Court Road; isso é preocupante, deveras preocupante.

Mostrou-se consternado, mas, no que a Harry dizia respeito, aquela questão podia esperar.

— Conte-nos o que aconteceu depois de nos virmos embora, não temos uma única notícia desde que o pai do Ron nos informou de que a família estava em segurança.

— Bom, foi o Kingsley quem nos salvou — afirmou Lupin. — Graças ao seu aviso, a maior parte dos convidados do casamento conseguiu Desaparecer antes de eles chegarem.

— E eram Devoradores da Morte ou gente do Ministério? — interpôs Hermione.

— Uma mistura, mas, para todos os efeitos, agora são uma e a mesma coisa — esclareceu Lupin. — Eram cerca de uma dúzia, mas não sabiam que tu lá estavas, Harry. O Arthur ouviu um rumor, segundo o qual eles teriam torturado o Scrimgeour antes de o matarem para o obrigarem a revelar-lhes o teu paradeiro; se isso for verdade, ele não te denunciou.

Harry olhou para Ron e Hermione; as expressões dos amigos reflectiam o misto de surpresa e gratidão que ele sentia. Nunca fora grande apreciador de Scrimgeour, contudo, a ser verdade o que Lupin dissera, o seu último gesto tivera como objectivo a protecção de Harry.

— Os Devoradores da Morte vasculharam A Toca de uma ponta à outra — prosseguiu Lupin. — Encontraram o vampiro, mas não se quiseram aproximar muito dele... e passaram horas a interrogar os que lá ficaram. Estavam a tentar obter informações a teu respeito, Harry, mas, é claro, ninguém à excepção da Ordem sabia que tu lá tinhas estado.

«Enquanto eles davam cabo do casamento, outros Devoradores da Morte entravam à força em todas as casas do país relacionadas com a Ordem. Não houve mortos — apressou-se a adiantar, antecipando-se à pergunta inevitável —, mas foram brutos. Deitaram fogo à casa do Dedalus Diggle, mas, como sabem, ele não estava lá, e lançaram a Maldição Cruciatus contra a família da Tonks. Isto, sempre para tentarem descobrir para onde tu foste depois da visita que fizeste aos pais dela. Eles estão... abalados, como é natural mas, fora isso, bem.

— Os Devoradores da Morte conseguiram ultrapassar todos aqueles feitiços protectores? — perguntou-lhe Harry, recordando-se de como tinham sido eficazes na noite em que eles se haviam despenhado no jardim dos pais de Tonks.

— O que tu tens de perceber, Harry, é que agora os Devoradores da Morte contam com o apoio do poder absoluto do Ministério — afirmou Lupin. — Sentem-se perfeitamente à vontade para realizar feitiços brutais sem receio de

serem identificados ou detidos. Conseguiram ultrapassar todos os feitiços defensivos que nós lançámos contra eles e, uma vez lá dentro, não estiveram com rodeios quanto ao motivo da sua presença.

— E dão-se ao trabalho de apresentar alguma justificação para andarem a torturar as pessoas para descobrirem o paradeiro do Harry? — inquiriu Hermione, com um laivo de nervoso na voz.

— Bom — disse Lupin. Hesitou, em seguida pegou num exemplar dobrado d' *O Profeta Diário*. — Aqui está — declarou, empurrando-o por cima da mesa na direcção de Harry. — Seja como for, mais tarde ou mais cedo, acabarão por descobrir. É este o pretexto deles para andarem atrás de ti.

Harry alisou o jornal. Uma enorme fotografia do seu rosto enchia a primeira página. Leu o título que a encabeçava:

PROCURADO PARA INTERROGATÓRIO NO ÂMBITO DA MORTE DE ALBUS DUMBLEDORE

Ron e Hermione soltaram exclamações de indignação, Harry, porém, absteve-se de tecer comentários. Afastou o jornal para longe de si; não precisava de ler mais nada: já sabia o que lá vinha. Apenas aqueles que tinham estado no cimo da torre quando Dumbledore caíra sabiam com certeza quem o matara e, tal como Rita Skeeter já anunciara ao mundo da feitiçaria, Harry fora visto a fugir do local momentos depois da queda de Dumbledore.

— Lamento sinceramente, Harry — disse Lupin.

— Então os Devoradores da Morte também se apoderaram d' *O Profeta Diário*? — inquiriu Hermione, furiosa.

Lupin assentiu com a cabeça.

— Mas as pessoas com certeza que se apercebem do que se está a passar?

— O golpe foi fácil e virtualmente silencioso — explicou-lhe Lupin. — A versão oficial do assassinato do Scrimgeour é que ele se demitiu; foi substituído pelo Pious Thicknesse, que se encontra sob o efeito da Maldição Imperius.

— E por que é que o Voldemort não se autoproclamou Ministro da Magia? — admirou-se Ron.

Lupin riu-se.

— Ele não precisa, Ron. Na prática, o Ministro é ele, mas por que é que haveria de se sujeitar a ficar sentado atrás de uma secretária no Ministério? O fantoche dele, o Thicknesse, trata de todos os assuntos quotidianos, deixando o Voldemort livre para alargar o seu poder para além dos limites do Ministério.

«É óbvio que houve muita gente que deduziu o que se passou; nos últimos dias assistimos a uma mudança tão dramática na política do Ministério que correm muitos rumores de que o Voldemort deve estar por detrás de tudo. Só que o problema é precisamente esse: não passam de rumores. As pessoas não se atrevem a desabafar umas com as outras, porque não sabem em quem hão-

de confiar; têm medo de falar abertamente, não vá dar-se o caso de as suas suspeitas se virem a confirmar e as suas famílias serem colocadas sob vigilância. Não há dúvida, o jogo do Voldemort revela uma grande astúcia. Se saísse a público, poderia provocar uma revolta declarada; mantendo-se nos bastidores, criou confusão, incerteza e medo.

— E esta alteração dramática na política do Ministério — perguntou Harry — implica advertir o mundo da feitiçaria contra mim em lugar do Voldemort?

— Isso faz sem dúvida parte do plano — confirmou Lupin —, e é um verdadeiro golpe de mestre. Agora que o Dumbledore morreu, tu, O Rapaz Que Sobreviveu, serias seguramente o símbolo e o ponto de reagrupamento de qualquer resistência contra o Voldemort. No entanto, ao sugerir que tu estiveste envolvido na morte do velho herói, o Voldemort não se limitou a colocar a tua cabeça a prémio: conseguiu semear a dúvida e o medo entre muita gente disposta a defender-te.

— Entretanto, o Ministério começou a tomar medidas contra os feiticeiros de origem Muggle.

Lupin apontou para *O Profeta Diário*.

— Abre-o na página dois.

Hermione virou as páginas com uma expressão de repulsa similar àquela com que folheara *Segredos da Mais Negra Magia*.

— «*Registo dos Feiticeiros de Origem Muggle*» — leu ela em voz alta. — «*O Ministério da Magia está a levar a cabo um levantamento dos pretensos feiticeiros de origem Muggle, com o intuito de compreender melhor como foi que eles entraram na posse de segredos mágicos.*»

«*“Pesquisas recentes efectuadas pelo Departamento dos Mistérios revelaram que a magia só pode ser transmitida através da procriação entre feiticeiros. Por conseguinte, quando não exista uma linhagem de feiticeiros comprovada, o mais provável é que o pretenso feiticeiro de origem Muggle tenha obtido o poder mágico através do recurso à força ou ao roubo.”*

«*“O Ministério está decidido a extirpar esses usurpadores do poder mágico e, tendo em vista este objectivo, lançou um convite a todos os pretensos feiticeiros de origem Muggle para se apresentarem voluntariamente para uma entrevista junto da recém-nomeada Comissão de Registo dos Feiticeiros de Origem Muggle.”*»

— As pessoas não vão permitir que uma coisa destas aconteça — insurgiu-se Ron.

— Já está a acontecer, Ron — retorquiu Lupin. — Neste preciso momento, há feiticeiros de origem Muggle a serem arrebanhados.

— Mas como é que eles podem ter «roubado» a magia»? — perguntou-se Ron. — É um poder mental. Se fosse possível roubar magia, não existiriam cepatortas, não era?

— Eu sei — concordou Lupin. — Seja como for, a menos que consigamos provar que temos pelo menos um feiticeiro entre os nossos familiares mais próximos, a partir de agora considera-se que obtivemos o poder mágico de

forma ilegal e que, portanto, temos de ser castigados.

Ron olhou de relance para Hermione, em seguida disse:

— Então e se os puros-sangues e os meios-sangues jurarem que um feiticeiro de origem Muggle pertence à sua família? Eu posso dizer a toda a gente que a Hermione é minha prima...

Hermione envolveu a mão de Ron com a sua e apertou-a.

— Obrigada, Ron, mas eu não poderia permitir que tu...

— Não tens alternativa — ripostou Ron em tom de ameaça, apertando-lhe a mão por sua vez. — Eu ensino-te a árvore genealógica da minha família para que possas responder às perguntas que te fizerem.

Hermione soltou uma gargalhada trémula.

— Ron, uma vez que andamos fugidos na companhia do Harry Potter, a pessoa mais procurada deste país, não creio que isso vá fazer diferença alguma. Se eu pretendesse voltar para a escola, o caso seria outro. O que é que o Voldemort planeia para Hogwarts? — perguntou ela a Lupin.

— Todos os jovens feiticeiros passam desde já a ser obrigados a frequentá-la — informou ele. — A notícia foi divulgada ontem. É uma mudança, porque nunca foi obrigatório. É claro que a grande maioria dos feiticeiros da Inglaterra estudaram em Hogwarts, mas os pais tinham o direito de os educar em casa ou de os mandar para o estrangeiro, caso assim entendessem. Desta forma, o Voldemort vai conseguir ter toda a comunidade de feiticeiros debaixo de olho desde uma idade muito precoce. E é também uma forma de eliminar os de origem Muggle, porque os alunos são obrigados a receber um Estatuto de Sangue... ou seja, têm de provar ao Ministério que descendem de uma linhagem de feiticeiros... antes de lhes ser dada autorização para frequentar a escola.

Harry sentiu-se furioso e repugnado: naquele momento, rapazes e raparigas de onze anos estariam estusiasmados e debruçados sobre pilhas de livros de feitiços acabados de comprar, alheios ao facto de que nunca haveriam de voltar a ver Hogwarts, nem talvez mesmo as suas famílias.

— É... é... — balbuciou ele, esforçando-se por encontrar palavras capazes de fazer justiça ao horror que lhe ia na alma, mas Lupin afirmou calmamente:

— Eu sei.

Lupin hesitou.

— Eu compreendo se não puderes confirmar isto, Harry, mas a Ordem está convencida de que o Dumbledore te encarregou de uma missão.

— É verdade — assentiu Harry —, e o Ron e a Hermione estão ao corrente e vão acompanhar-me.

— Podes revelar-me de que trata essa missão?

Harry contemplou-lhe o rosto marcado por rugas prematuras, emoldurado por cabelo espesso mas grisalho, e desejou poder dar-lhe uma resposta diferente.

— Infelizmente, Remus, não posso. Se o Dumbledore não o fez, acho que não me cabe a mim fazê-lo.

— Já estava à espera dessa reacção — disse Lupin com ar desapontado. — Mas talvez eu ainda te possa ser útil. Tu conheces-me e sabes do que sou capaz. Eu podia ir convosco para assegurar a vossa protecção. Não haveria necessidade de me dizerem exactamente o que andavam a fazer.

Harry hesitou. Era uma proposta muito tentadora, embora como seria possível ocultarem a missão do conhecimento de Lupin caso ele estivesse sempre presente era coisa que não lhe passava pela cabeça.

Hermione, contudo, fez um ar atónito.

— Mas então e a Tonks? — inquiriu ela.

— O que é que ela tem? — retorquiu Lupin.

— Bom — disse Hermione, de sobrolho franzido —, vocês são casados! O que é que ela pensa de vir connosco?

— A Tonks vai ficar absolutamente segura — garantiu Lupin. — Vai ficar em casa dos pais.

Havia algo estranho no tom de Lupin: era quase frio. Tal como havia algo estranho na ideia de Tonks ficar escondida em casa dos pais; afinal de contas, ela era membro da Ordem e, ao que Harry sabia, seria de esperar que desejasse ver-se envolvida em plena acção.

— Remus — disse Hermione em tom cauteloso —, está tudo bem... percebe o que quero dizer... entre si e a...?

— Está tudo óptimo, muito obrigado — respondeu este com incisão.

Hermione ficou muito corada. Fez-se nova pausa, uma pausa incómoda e constrangida, ao fim da qual Lupin disse, com ar de quem se força a admitir algo de desagradável: — A Tonks vai ter um bebé.

— Oh, que maravilha! — guinchou Hermione.

— Excelente! — aclamou Ron em tom entusiástico.

— Parabéns — disse Harry.

Lupin esboçou um sorriso artificial, que mais parecia uma careta, em seguida disse: — Então... aceitam a minha proposta? Os três passam a ser quatro? Não acredito que o Dumbledore se mostrasse contrário a isso, visto que, afinal de contas, me nomeou para vosso professor de Defesa contra a Magia Negra. E deixem-me que vos diga desde já que estou convencido de que nos encontramos perante um tipo de magia com que muitos de nós nunca se depararam, nem imaginaram sequer.

Ron e Hermione olharam em simultâneo para Harry.

— Só... só para que fiquemos esclarecidos — disse ele. — Está disposto a deixar a Tonks em casa dos pais e a vir connosco?

— Lá, ela vai ficar perfeitamente a salvo, eles tomam conta dela — afirmou Lupin. O seu tom era tão conclusivo que rasava a indiferença. — Harry, tenho a certeza de que o James haveria de me querer a teu lado.

— Bom — disse Harry pausadamente —, pois eu não. Para falar com franqueza, tenho a certeza de que o meu pai haveria de querer saber por que é que não fica ao lado do seu filho.

Lupin ficou lívido. A temperatura na cozinha parecia ter descido uns dez

graus. Ron olhou fixamente em volta do aposento como se o tivessem encarregado de o memorizar em todos os pormenores, enquanto os olhos de Hermione oscilavam entre Harry e Lupin.

— Tu não compreendes — disse Lupin por fim.

— Então, explique-me, por favor — insistiu Harry.

Lupin engoliu em seco.

— Eu... eu cometi um grave erro ao casar-me com a Tonks. Fi-lo contra o que a razão me ditava e desde então tenho-me arrependido amargamente.

— Estou a ver — retorquiu Harry —, e por isso decidi abandoná-la, a ela e ao miúdo, e fugir connosco?

Lupin levantou-se dum pulo; a cadeira tombou para trás, e ele lançou-lhes um ar tão feroz que Harry vislumbrou, pela primeira vez na vida, traços de lobo nas suas feições humanas.

— Será possível que não entendas o que eu fiz à minha mulher e ao nosso filho que vem a caminho? Eu nunca devia ter-me casado com ela, fiz dela uma proscrita!

Lupin assestou um pontapé na cadeira que acabara de deitar ao chão.

— Vocês só conhecem a minha faceta de membro da Ordem ou como protegido do Dumbledore em Hogwarts! Nem vos passa pela cabeça como a maior parte do mundo da feitiçaria encara criaturas como eu! Quando descobrem o meu mal, deixam praticamente de me falar! Não conseguem perceber o que eu fiz? Até mesmo a família dela é avessa ao nosso casamento, que pais é que haveriam de querer ver a própria filha casada com um lobisomem? E a criança... a criança...

Lupin chegou mesmo a puxar o cabelo às mãos-cheias; estava perfeitamente alterado.

— Os da minha raça não costumam procriar! Vai ser como eu, tenho a certeza disso... Como me poderei perdoar quando, de plena consciência, me arrisquei a transmitir o mal que me aflige a uma criança inocente? E se, por algum milagre, ela não sair igual a mim, vai ficar muito melhor, mil vezes melhor, sem um pai de quem se irá envergonhar para sempre!

— Remus! — sussurrou Hermione, com os olhos banhados de lágrimas. — Não diga uma coisa dessas... Como é que um filho seu poderia sentir vergonha de si?

— Oh, Hermione, olha que não sei — disse Harry. — Eu teria imensa vergonha dele.

Harry não sabia de onde lhe vinha tamanha fúria; esta, porém, também o impelira a levantar-se. Pelo ar de Lupin, parecia que Harry lhe tinha batido.

— Se o novo regime considera que os de origem Muggle são maus — afirmou Harry —, o que farão a um meio lobisomem cujo pai pertence à Ordem? O meu pai morreu ao tentar proteger-me a mim e à minha mãe, e você acha que ele o aconselharia a abandonar o seu filho e a partir à aventura connosco?

— Como... como é que te atreves a dizer semelhante coisa? — indignou-se

Lupin. — O que está aqui em causa não é a avidez por... pelo perigo e pela glória pessoal... Como é que te atreves a sugerir que...

— Parece-me que sente uma certa atracção pelo risco — opinou Harry. — Está com vontade de vestir a pele do Sirius e...

— Harry, não! — suplicou-lhe Hermione, todavia, o amigo continuou de olhar ameaçador cravado no rosto lívido de Lupin.

— Nunca me teria passado pela cabeça — insistiu Harry. — O homem que me ensinou a combater contra os Dementors, afinal... afinal, não passa de um cobarde.

Lupin puxou da varinha com uma rapidez tal que Harry mal teve tempo de levar a mão à sua; ouviu-se um enorme estrondo e ele deu por si a voar para trás, como se tivesse acabado de levar um murro; enquanto embatia contra a parede da cozinha e deslizava para o chão, vislumbrou a ponta do manto de Lupin a desaparecer pela porta.

— Remus, Remus, volte aqui! — chamou-o Hermione, mas Lupin nem lhe respondeu. Passado um instante, ouviram a porta da rua bater.

— Harry! — lastimou-se Hermione. — Como é que tiveste coragem de fazer o que fizeste?

— Foi fácil — respondeu-lhe este. Pôs-se de pé; já sentia um alto a formar-se no sítio onde a cabeça embatera contra a parede. A sua indignação era tal que até tremia.

— Não olhes para mim assim! — ripostou ele a Hermione.

— Não comeces a descarregar em cima dela! — vociferou Ron.

— Não... não... Não nos podemos zangar! — decidiu Hermione, metendo-se entre os dois.

— Não tinhas nada que dizer aquelas coisas ao Lupin — insurgiu-se Ron contra Harry.

— Ele estava mesmo a pedi-las — defendeu-se o amigo. Na sua mente, entrechocavam-se imagens fragmentadas: Sirius a cair através do Véu; Dumbledore suspenso, desfeito, em pleno ar; um jacto de luz verde e a voz da mãe a pedir misericórdia...

— Os pais — afirmou Harry — não devem abandonar os filhos a menos que... a menos que a isso sejam obrigados.

— Harry... — disse Hermione, estendendo-lhe uma mão consoladora. Ele, porém, afastou-a e virou-lhe as costas, pousando os olhos na lareira acesa que Hermione invocara. Já em tempos falara com Lupin através daquela lareira, procurando que este o tranquilizasse acerca de James, e Lupin confortara-o, de facto. Agora o rosto lívido e consternado de Lupin parecia pairar no ar diante dele. Sentiu uma pontada agonizante de remorsos. Nem Ron nem Hermione diziam nada, mas Harry tinha a certeza de que estavam a olhar um para o outro nas suas costas, comunicando em silêncio.

Deu meia volta repentina e apanhou-os a afastarem-se precipitadamente um do outro.

— Eu sei que fiz mal em chamar-lhe cobarde.

— Pois fizeste — apressou-se Ron a concordar.
— Mas ele está a comportar-se como se fosse.
— Mesmo assim... — disse Hermione.
— Eu sei — reconheceu Harry. — Mas se isso o fizer voltar para a Tonks, terá valido a pena, não acham?

Não conseguiu evitar o tom de súplica. Hermione fez um ar compreensivo, Ron, de incerteza. Harry baixou os olhos em direcção aos pés, a pensar no pai. Teria James apoiado Harry nas acusações que tecera contra Lupin ou ter-se-ia ele zangado com o filho pela maneira como tratara o seu velho amigo?

A cozinha silenciosa parecia ecoar com o choque da recente cena, bem como com as recriminações omissas de Ron e Hermione. *O Profeta Diário* que Lupin trouxera continuava pousado em cima da mesa, o retrato do próprio Harry a fitar intensamente o tecto da primeira página. Harry abeirou-se da mesa e sentou-se, abriu o jornal ao acaso e fingiu que lia. Não era capaz de se concentrar na leitura, a mente agitada devido à discussão com Lupin. Tinha a certeza de que, do outro lado da mesa, Ron e Hermione tinham retomado a sua comunicação silenciosa. Virou uma página ruidosamente, e o nome de Dumbeldore saltou-lhe à vista. Demorou alguns instantes a assimilar o significado da fotografia, que retratava uma família em grupo. Por baixo da fotografia, podia ler-se: A Família Dumbeldore: da esquerda para a direita, Albus, Percival, com Ariana, recém-nascida, ao colo, Kendra e Aberforth.

Com a atenção presa, Harry examinou a imagem com mais cuidado. O pai de Dumbeldore, Percival, era um homem bem-apegoado com olhos que pareciam cintilar mesmo na velha fotografia comida pelos anos. A bebé, Ariana, pouco maior era que um pão de forma, e as feições mal se distinguiam. A mãe, Kendra, sobressaía pelo cabelo negro-azeviche apanhado num grande coque. Tinha os traços bem marcados. Não obstante usar um vestido de gola alta em seda, ao examinar os seus olhos escuros, maçãs do rosto proeminentes e nariz a direito, Harry lembrou-se dos nativos americanos. Albus e Aberforth trajavam casacos com golas rendadas a condizer e tinham ambos o cabelo pelos ombros. Albus parecia ser alguns anos mais velho, mas, para além disso, os dois rapazes eram bastante idênticos, pois a fotografia fora tirada antes de Albus ter partido o nariz e de ter começado a usar óculos.

A família apresentava um ar perfeitamente feliz e normal, a sorrir tranquilamente da página do jornal. O braço da bebé Ariana acenava vagamente do xaile. Harry olhou para o cabeçalho da fotografia e leu:

EXCERTO EXCLUSIVO DA BIOGRAFIA DE ALBUS DUMBLEDORE A
SER PUBLICADA EM BREVE, da autoria de Rita Skeeter

Concluindo que pior que estava já não podia ficar, Harry começou a ler:

Activa e orgulhosa, Kendra Dumbeldore não suportou continuar em Mould-

on-the-Wold depois da detenção amplamente noticiada do marido em Azkaban. Assim, decidiu pegar na família e mudar-se para Godric's Hollow, a aldeia que viria posteriormente a conquistar a fama como cenário da estranha fuga de Harry Potter ao Quem-Nós-Sabemos.

À semelhança de Mould-on-the-Wold, Godric's Hollow era habitada por um número considerável de famílias de feiticeiros, mas, dado que Kendra não conhecia nenhuma delas, seria poupada à curiosidade a respeito do crime cometido pelo marido que se vira obrigada a enfrentar na antiga aldeia. Repelindo reiteradamente as aproximações amigáveis dos novos vizinhos feiticeiros, não tardou a garantir que a família fosse deixada em paz.

«Bateu-me com a porta na cara quando lhe fui dar as boas-vindas e oferecer-lhe uma fornada de bolos de caldeirão caseiros», relata Bathilda Bagshot. «Durante o primeiro ano em que eles aqui moraram, eu só costumava ver os dois rapazes. Só fiquei a saber que havia uma filha, porque, certa noite, no Inverno a seguir a eles se terem mudado para cá, andava a apanhar plangentinas ao luar e vi a Kendra a levar a Ariana para o jardim das traseiras. Deu uma volta ao relvado com ela bem agarrada pela mão, depois tornou a levá-la para casa. Na altura, não soube o que havia de pensar.»

Tudo indica que Kendra deve ter julgado que a mudança para Godric's Hollow lhe dava a oportunidade ideal para esconder Ariana de uma vez para sempre, algo que provavelmente já planeava havia anos. A escolha do momento foi significativa. Ariana mal completara sete anos quando desapareceu de vista, e, de acordo com a generalidade dos especialistas, é até esta idade que o talento mágico, a existir, se revela. Ninguém com vida se recorda de Ariana alguma vez ter dado mostras do mais leve indício deste talento. Parece, portanto, claro que Kendra tomou a decisão de esconder a existência da filha ao invés de sofrer a vergonha de admitir que tinha procriado uma cepatorta. O afastamento dos amigos e vizinhos que conheciam Ariana facilitaria obviamente a clausura. O segredo da existência de Ariana passou então a ser guardado por um reduzido número de pessoas de confiança, nas quais se incluíam os dois irmãos, que se esquivavam a qualquer pergunta mais embaraçosa, recorrendo à resposta que a mãe lhes ensinara: «A minha irmã é demasiado frágil para poder ir à escola.»

Na próxima semana: Albus Dumbledore em Hogwarts — os prémios e as pretensões.

Harry enganara-se: o que acabara de ler fizera-o de facto ficar pior. Tornou a virar a sua atenção para a fotografia da família aparentemente feliz. Seria verdade? Como poderia ele descobrir? Queria ir a Godric's Hollow, mesmo que a sanidade de Bathilda Bagshot não lhe permitisse travar uma conversa com ela; queria visitar o local onde tanto ele como Dumbledore tinham perdido entes queridos. Estava a preparar-se para pousar o jornal e pedir a

opinião de Ron e Hermione, quando um estalido ensurdecedor ecoou a toda a volta da cozinha.

Pela primeira vez em três dias, Harry esquecera-se completamente de Kreacher. A primeira coisa que lhe veio à ideia foi que Lupin acabara de entrar de rompante na cozinha e, por uma fracção de segundo, não conseguiu distinguir a quem pertencia o emaranhado de pernas que, vindo do nada, se contorcia mesmo ao lado da sua cadeira. Apressou-se a levantar-se, enquanto Kreacher se desenredava e, dirigindo uma profunda vénia a Harry, crocitava: — O Kreacher voltou com o ladrão Mundungus Fletcher, Amo.

Mundungus pôs-se atabalhoadamente de pé e empunhou a varinha; Hermione, contudo, conseguiu ser mais rápida que ele.

— *Expelliarmus!*

A varinha de Mundungus elevou-se nos ares e Hermione apanhou-a. Desvairado, Mundungus lançou-se na direcção das escadas: Ron atirou-se a ele como se fosse um adversário num jogo de rãguebi, e Mundungus tombou no pavimento de pedra com um ruído abafado.

— O qu' é que foi? — berrou ele, contorcendo-se para se tentar libertar de Ron. — O qu' é qu' eu fiz? Mandarem um maldito elfo doméstico atrás de mim, qual é a vossa, qu' é qu' eu fiz, larga-me, larga-me, senão...

— Não estás em posição de nos ameaçares — declarou Harry. Atirou o jornal para o lado, atravessou a cozinha em meia dúzia de passos e deixou-se cair de joelhos ao lado de Mundungus, que, com um ar perfeitamente aterrorizado, desistiu de se contorcer. Ron levantou-se e ficou a olhar para Harry, de varinha deliberadamente apontada ao nariz de Mundungus. Este tresandava a suor ressequido e a tabaco, tinha o cabelo todo emaranhado e a roupa imunda.

— O Kreacher pede desculpa pela demora em trazer o ladrão, Amo — crocitou o elfo. — O Fletcher sabe como se esquivar, tem muitos esconderijos e cúmplices. Não obstante, o Kreacher acabou por conseguir encurralar o ladrão.

— Fizeste um excelente trabalho, Kreacher — elogiou-o Harry, e o elfo dirigiu-lhe mais uma profunda vénia.

— Muito bem, tenho umas quantas perguntas a fazer-te — disse por sua vez a Mundungus, que começou de imediato aos gritos:

— Entrei em pânico, e depois? Eu nunca quis ir, sem ofensa, pá, mas nunca me ofereceria como voluntário pra morrer por ti, e quando vi o maldito do Quem-Nós-Sabemos a voar de encontro a mim, qualquer um teria dado à sola, eu sempre disse que nã' qu'ria ir...

— Para tua informação, nenhum dos outros Desapareceu — salientou Hermione.

— Bom, então devem ser todos uns gandas heróis, mas eu cá, nunca fingi que 'tava disposto a matar-me por tua causa...

— Não estamos interessados em saber por que é que desertaste o Olho-Louco — retorquiu Harry, aproximando um pouco mais a varinha dos olhos

papudos e raiados de sangue de Mundungus. — Nós já sabíamos que és um traste rematado que não merece a nossa confiança.

— Bom, então por qu' é qu' ando a ser perseguido por elfos domésticos? Ou será qu' 'isto é outra vez por causa do raio daquelas malditas taças? Já nã' tenho nenhuma comigo, senã', por mim, bem podiam ficar co' elas todas...

— Também não tem que ver com as taças, embora já estejas mais perto — afirmou Harry. — Vê lá se te calas e me ouves.

Era para ele um alívio ter alguma coisa com que se ocupar, alguém a quem pudesse exigir a verdade, por pouca que fosse. A varinha de Harry achava-se agora tão próxima da cana do nariz de Mundungus que este ficara vesgo de tanto a tentar fixar.

— Quando fizeste a limpeza a esta casa e levaste tudo o que era de valor — começou Harry, mas foi novamente interrompido por Mundungus.

— O Sirius nunca quis saber daquela tralha pra nada...

Ouviram-se uns pezinhos a correr pelo chão, um clarão de cobre reluzente, uma pancada sonora e um guincho de aflição: Kreacher precipitara-se na direcção Mundungus e acertara-lhe com uma frigideira na cabeça.

— Mandó parar, mandó parar, ele devia mas é ser preso! — gritou Mundungus, encolhendo-se à medida que Kreacher tornava a empunhar a frigideira de fundo pesado.

— Kreacher, não! — ordenou-lhe Harry com um berro.

Os braços fininhos de Kreacher tremeram sob o peso da frigideira, ainda empunhada ao alto.

— E que tal ser só mais uma, Amo Harry, para dar sorte?

Ron riu-se.

— Nós precisamos dele consciente, Kreacher, mas caso ele precise de ser incentivado, cabe-te a ti fazer as honras da casa — respondeu-lhe Harry.

— Muito obrigado, Amo Harry — disse Kreacher com uma vénia, recuando meia dúzia de passos, os seus grandes olhos pálidos e cheios de ódio ainda fixos em Mundungus.

— Quando levaste desta casa todos os objectos de valor a que conseguiste deitar a mão — recomeçou Harry —, tiraste algumas coisas do armário da cozinha. Entre elas, encontrava-se uma medalhão. — Harry sentiu uma secura repentina na boca; a tensão e o entusiasmo de Ron e Hermione pairavam nitidamente no ar. — Que fim é que lhe deste?

— Porquê? — quis saber Mundungus. — É valioso?

— Ainda o tens! — exclamou Hermione.

— Não, não tem — concluiu Ron astuciosamente. — Está é a perguntar-se se não deveria ter pedido mais dinheiro por ele.

— Mais dinheiro? — retorquiu Mundungus. — O problema nã' foi esse... Mas tive d' o entregar. Nã' tive outra escolha.

— Não tiveste escolha como?

— Eu 'tava a vender na Diagon-Al quand' ela se chega ao pé de mim e me pergunta s' eu tenho licença pra transaccionar artefactos mágicos. A maldita

bisbilhoteira. Já se ‘tava a preparar pra me passar uma multa, mas engraçou co’ medalhão e disse-me qu’ o queria pra ela e que por aquela vez me safava sem multa, e qu’ia co’ muita sorte.

— Quem era essa mulher? — inquiriu Harry.

— Sei lá, uma feiticeira qualquer do Ministério.

Mundungus reflectiu um pouco, de sobrolho franzido.

— Uma mulher baxinha. C’um laço no alto da cabeça.

Fez uma careta e em seguida acrescentou: — Parecia um sapo.

Harry deixou cair a varinha; esta acertou no nariz de Mundungus e lançou-lhe faíscas vermelhas para as sobrancelhas, que se inflamaram.

— *Aguamenti!* — gritou Hermione, e um jacto de água brotou da ponta da sua varinha, encharcando Mundungus, que de imediato se engasgou e começou a lançar perdigotos pela boca.

Harry levantou o olhar e viu o seu próprio choque reflectido nas expressões de Ron e Hermione. As cicatrizes nas costas da sua mão direita pareciam estar novamente a formigar.

XII

MAGIA É PODER

À medida que Agosto ia chegando ao fim, o quadrado de relva mal cuidada no centro de Grimmauld Place foi mirrando ao sol até ficar castanho e ressequido. Os residentes do número doze nunca eram vistos por nenhum dos habitantes das casas vizinhas, e o mesmo se aplicava ao próprio número doze. Os Muggles que moravam em Grimmauld Place havia muito que tinham aceitado o curioso erro na numeração que ocasionara que ao número onze se seguisse imediatamente o treze.

E, no entanto, a praça vinha agora a atrair uma correnteza de visitantes a quem a anomalia parecia deixar profundamente intrigados. Era raro passar-se um dia em que a Grimmauld Place não chegasse uma ou outra pessoa com o único objectivo, ou pelo menos assim parecia, de se debruçar sobre os parapeitos dos números onze e treze, a examinar a junção entre ambas as casas. Os curiosos nunca se repetiam, embora parecessem partilhar da mesma aversão por roupas normais. A maioria dos londrinos que passava por eles estava habituada a excênticos e não fazia grande caso deles, embora, de quando em vez, um deitasse uma olhadela por cima do ombro, admirado por ver alguém com mantos tão compridos com o calor que fazia.

Os espões não pareciam estar a retirar grande proveito da sua vigília. Ocasionalmente, um ou outro precipitava-se em frente, todo entusiasmado, como se finalmente tivesse visto algo de interessante, mas logo se deixava abater com ar desapontado.

No dia 1 de Setembro, havia mais gente à espreita na praça que nunca. Meia dúzia de indivíduos com longos mantos mantinham-se silenciosos e vigilantes, como sempre de olhos postos nas casas com os números onze e treze; contudo, aquilo por que esperavam continuava a escapar-lhes. À medida que a noite se aproximava, trazendo consigo uma chuva inesperada e batida a vento pela primeira vez em semanas, ocorreu um desses inexplicáveis momentos em que eles pareciam ter visto algo de interessante. O homem de rosto contorcido apontou e o seu companheiro mais próximo, um indivíduo pálido e atarracado, avançou subitamente; porém, não tardaram a recuperar o

seu estado de inatividade, com ar frustrado e desiludido.

Entretanto, no interior do número doze, Harry acabara de entrar no *hall*. Por pouco não perdera o equilíbrio quando Apareceu no degrau mesmo junto à porta da rua, receando que os Devoradores da Morte lhe tivessem entrevisto o cotovelo, momentaneamente exposto. Fechando a porta da rua com todo o cuidado, despiu o Manto da Invisibilidade, dobrou-o sobre o braço e percorreu o *hall* sombrio até à porta que dava acesso à cave, com um exemplar surripiado d' *O Profeta Diário* na mão.

Foi cumprimentado pelo sussurro do costume: «*Severus Snape?*», o vento gélido tornou a fustigá-lo e a sua língua enrolou-se momentaneamente.

— Não fui eu quem te matou — apressou-se a dizer, logo que ela se desenrolou, sustendo em seguida a respiração, enquanto o espectro poirento surgido por artes mágicas explodia. Esperou até chegar a meio da escada, fora do alcance dos ouvidos de Mrs. Black e livre da nuvem de pó, antes de chamar: — Trago novidades, e acho que não vos vão agradar.

A cozinha estava praticamente irreconhecível. Não havia superfície que não reluzisse: painéis e frigideiras de cobre tinham sido polidas até adquirirem um halo rosado, o tampo da mesa de madeira brilhava, os copos e os pratos já postos para o jantar cintilavam à luz duma lareira bem viva, sobre a qual se via um caldeirão a ferver. Todavia, a diferença mais dramática na cozinha era o elfo doméstico que agora corria na direcção de Harry, enrolado numa toalha branca como a neve, os tufo de pêlo das orelhas mais limpos e fofos que algodão, o medalhão de Regulus a saltitar-lhe no peito franzino.

— Descalçar os sapatos, se faz o favor, Amo Harry, e mãos lavadas antes do jantar — crocitou Kreacher, pegando no Manto da Invisibilidade e afastando-se a passo desajeitado para o pendurar num cabide que estava na parede, ao lado de outras roupas antiquadas que tinham sido acabadas de lavar.

— O que é que aconteceu? — indagou Ron em tom apreensivo. Ele e Hermione tinham estado debruçados sobre um molho de apontamentos rabiscados e mapas desenhados à mão que cobriam completamente uma das extremidades da enorme mesa da cozinha, mas agora dirigiam o olhar para Harry, que se acercava deles e atirava o jornal para cima dos pergaminhos espalhados.

Uma grande fotografia de um homem de nariz adunco e cabelo preto que lhes era familiar olhava-os fixamente, por debaixo de um cabeçalho onde se lia: *SEVERUS SNAPE CONFIRMADO COMO DIRECTOR DE HOGWARTS*.

— Não! — exclamaram Ron e Hermione em uníssono.

Hermione antecipou-se; agarrou no jornal e começou a ler o artigo anexo em voz alta:

— «*Severus Snape, há muito professor de Poções da Escola de Magia e Feitiçaria de Hogwarts, foi hoje nomeado Director, no seguimento da mais importante de várias mudanças no corpo docente na vetusta escola. No seguimento da demissão da anterior professora de Estudos Sobre Muggles,*

Alecto Carrow irá assumir esse posto enquanto o seu irmão, *Amycus*, ocupará o cargo de professor de Defesa contra a Magia Negra.

«*”Aproveito a oportunidade para defender os nossos melhores valores e tradições mágicos...”* — Como perpetrar homicídios ou cortar as orelhas às pessoas, por exemplo, imagino! O Snape, Director! O Snape no gabinete do Dumbledore... Valham-me as cuecas de Merlin! — guinchou Hermione, sobressaltando quer Harry, quer Ron. Levantou-se de um pulo da mesa e saiu disparada da cozinha, gritando pelo caminho: — Não demoro nada!

— As cuecas de Merlin? — repetiu Ron, com ar divertido. — Deve estar mesmo perturbada. — Puxou o jornal para junto de si e começou a ler o artigo relativo a Snape.

— Os outros professores não vão admitir nada disto. Tanto a McGonagall, como o Flitwick e a Sprout conhecem a verdade, sabem como o Dumbledore morreu. Não irão aceitar o Snape como Director. E afinal quem são estes Carrow?

— Devoradores da Morte — esclareceu Harry. — Vêm fotografias deles lá dentro. Estavam no cimo da torre quando o Snape matou o Dumbledore, por isso estão entre amigos. E — prosseguiu Harry em tom amargo, puxando uma cadeira para se sentar — parece-me que os outros professores não vão ter outra alternativa senão ficar. Se o Ministério e o Voldemort se encontram por detrás do Snape, será uma questão de escolherem entre ficarem na escola a dar aulas e uns bons anitos em Azkaban... Isto, se forem com sorte. Acho que eles vão optar por ficar para protegerem os alunos.

Kreacher abeirou-se muito alvoroçado da mesa com uma enorme terrina nas mãos e, com a ajuda duma concha, começou a encher de sopa umas malgas imaculadas, enquanto assobiava entre dentes.

— Obrigado, Kreacher — disse Harry, virando *O Profeta* ao contrário para não ser obrigado a olhar para a cara de Snape. — Bom, pelo menos a partir de agora saberemos exactamente onde é que o Snape se encontra.

Começou a levar colheres de sopa à boca. A qualidade dos cozinhados de Kreacher melhorara drasticamente desde que lhe fora oferecido o medalhão de Regulus: aquela sopa de alho-francês era a melhor que Harry alguma vez provara.

— Ainda há imensos Devoradores da Morte em redor da casa — informou Ron enquanto comia —, mais que de costume. Até parece que estão à espera de nos verem sair de casa com os nossos malões da escola para irmos apanhar o Expresso de Hogwarts.

Ron deitou uma olhadela ao relógio.

— Tenho estado todo o dia a pensar nisso. Partiu vai para seis horas. É esquisito não viajarmos nele, não achas?

Na sua imaginação, Harry teve a impressão de ver a máquina a vapor vermelha como na ocasião em que ele e Ron a tinham seguido pelo ar, bruxuleando por entre campos e montes, como uma lagarta escarlate a ondular. Teve a certeza de que, nesse momento, Ginny, Neville e Luna se

achavam na mesma carruagem, talvez a perguntar-se onde seria que ele, Ron e Hermione se encontravam, enquanto debatiam a melhor maneira de sabotar o novo regime de Snape.

— Por pouco eles não me viram entrar, ainda agora — disse Harry. — Aterrei mal no degrau, e o Manto escorregou-me.

— Acontece-me sempre isso. Oh, aqui está ela — acrescentou Ron, esticando o pescoço e virando-se no assento para olhar para Hermione, que vinha nesse instante a entrar na cozinha. — Pela tanga do Merlin, afinal que veio a ser aquilo?

— Lembrei-me de uma coisa — disse Hermione, ofegante.

Trazia na mão um grande retrato emoldurado, que pousou no chão antes de ir buscar a sua malinha de missangas ao guarda-louça da cozinha. Abriu-a e encafuou o retrato lá dentro, e este, não obstante o facto óbvio de ser demasiado grande para caber dentro da minúscula mala, não tardou a desaparecer, para se juntar a tantas outras coisas, nas suas vastas profundezas.

— O Phineas Nigellus — explicou-lhes Hermione, atirando a mala para cima da mesa com o habitual estrondo sonoro e ressoante.

— Desculpa? — indagou Ron, mas Harry compreendeu. A imagem de Phineas Nigellus Black era capaz de se mudar do seu retrato em Grimmauld Place para o que se achava pendurado no gabinete do Director em Hogwarts: a sala circular no alto da torre onde Snape estaria com toda a certeza sentado nesse momento, na posse triunfante da colecção de delicados instrumentos mágicos de prata de Dumbledore, do Pensatório de pedra, do Chapéu Seleccionador, bem como, a menos que tivesse sido levada para outro sítio, da espada de Gryffindor.

— O Snape pode mandar o Phineas Nigellus revistar esta casa em seu lugar — elucidou-o Hermione enquanto se tornava a sentar. — Mas ele que tente agora, tudo o que o Phineas Nigellus conseguirá ver será o fundo da minha mala.

— Excelente ideia! — exclamou Ron com ar de admiração.

— Obrigada — sorriu Hermione, puxando a sopa na sua direcção. — Então, Harry, e que mais é que aconteceu hoje?

— Nada — respondeu-lhe o amigo. — Fiquei sete horas a vigiar a entrada do Ministério. Nem sinal dela. Mas vi o teu pai, Ron. Pareceu-me óptimo.

Ron assentiu com a cabeça num gesto de agrado perante as novidades. Tinham acordado que qualquer tentativa para tentar comunicar com Mr. Weasley enquanto ele entrava ou saía do Ministério seria por de mais arriscada, uma vez que vinha sempre acompanhado por outros funcionários do Ministério. Apesar de tudo, vê-lo, nem que fosse de relance e ainda que ele tivesse um aspecto tenso e ansioso, nunca deixava de lhes proporcionar uma certa tranquilidade.

— O meu pai sempre nos disse que a maior parte das pessoas que trabalha no Ministério se serve da Rede de Pó de Floo para chegar ao emprego — afirmou Ron. — É por isso que não temos visto a Umbridge: ela nunca vai a

pé, acha-se demasiado importante para isso.

— E então aquela feiticeira velha e esquisita e o feiticeiro baixinho de manto azul-escuro? — interpelou-o Hermione.

— Ah, já sei, o tipo da Manutenção Mágica — concluiu Ron.

— Como é que tu sabes que ele trabalha na Manutenção Mágica? — quis saber Hermione, a colher de sopa suspensa a meio caminho entre a malga e a boca.

— O meu pai contou-me que todos os funcionários da Manutenção Mágica usam mantos azuis-escuros.

— Mas tu nunca nos disseste isso!

Hermione deixou cair a colher e puxou para junto de si o molho de apontamentos e mapas que ela e Ron estavam a examinar quando Harry entrara na cozinha.

— Não diz aqui nada a respeito de mantos azuis-escuros, rigorosamente nada! — declarou ela, virando febrilmente as páginas.

— E que importância tem isso?

— Ron, tudo tem importância! Se queremos entrar no Ministério sem denunciar a nossa presença num momento em que eles não podem deixar de estar atentos aos intrusos, todos os pormenores, por mais insignificantes que sejam, contam! Já falámos disto vezes sem conta, quer dizer, que vantagem há em fazermos todas estas expedições de reconhecimento, se tu nem sequer te dás à maçada de nos contar...

— Caramba, Hermione, esqueci-me de um pormenor insignificante...

— Mas tu tens consciência, espero eu bem, de que não há lugar mais perigoso no mundo para nós que o Ministério da M...

— Acho que devíamos tentar entrar lá amanhã — declarou Harry.

— Amanhã? — repetiu Hermione. — Não estás a falar a sério, pois não, Harry?

— Estou, pois — confirmou ele. — Estou convencido de que, nem que passemos outro mês a vigiar o Ministério, conseguiremos ficar mais bem preparados que agora. Quanto mais adiarmos, mais longe o medalhão poderá ficar do nosso alcance. Já há uma boa probabilidade de a Umbridge o ter deitado fora; aquilo não se abre nem por nada.

— A menos que — contrapôs Ron —, ela tenha descoberto uma maneira de o abrir e esteja agora possuída.

— No caso dela, não faria qualquer diferença, ela sempre foi tão má — ripostou Harry, encolhendo os ombros.

Hermione estava a morder o lábio, mergulhada em reflexão.

— Nós já sabemos tudo o que importa saber — prosseguiu Harry, dirigindo-se a Hermione. — Sabemos que eles proibiram as Aparições para dentro e para fora do Ministério. Sabemos que apenas os membros mais importantes do Ministério têm autorização para ligar as respectivas casas à Rede de Pó de Floo, porque o Ron ouviu aqueles Inomináveis a queixarem-se disso. E temos uma vaga ideia de onde se situa o gabinete da Umbridge, por

causa do que ouviste aquele fulano da barba a dizer ao amigalhaço...

— «*Se precisares de mim, estou no Nível Um, a Dolores pediu para falar comigo*» — recitou Hermione de imediato.

— Exactamente — disse Harry. — E nós sabemos que eles usam aquelas fichas esquisitas, ou lá o que são, porque vi a feiticeira a pedir uma emprestada ao amigo...

— Mas não temos nenhuma!

— Se o plano der resultado, haveremos de ter! — prosseguiu Harry com toda a calma.

— Não sei, Harry, olha que não sei... Há uma imensidão de coisas que podem dar para o torto, é tudo uma questão de sorte...

— Isso continuará a ser verdade mesmo que passemos mais três meses a prepará-lo — insistiu Harry. — É tempo de agir.

Pelas expressões de Ron e Hermione, percebia perfeitamente que os amigos estavam com medo; ele próprio também não se sentia particularmente confiante e, no entanto, tinha a certeza de que chegara a altura de passar o plano à prática.

Durante as últimas quatro semanas, tinham envergado à vez o Manto da Invisibilidade e vigiado a entrada oficial do Ministério, que Ron, graças a Mr. Weasley, conhecia desde a infância. Tinham seguido de perto funcionários do Ministério no momento em que os viam a entrar, ouvido as suas conversas às escondidas e, através de observação atenta, ficado a saber quais eram os que chegavam sempre sozinhos, todos os dias à mesma hora. De quando em vez, aproveitavam a oportunidade para surripiar *O Profeta Diário* da pasta de algum deles. Pouco a pouco, tinham vindo a elaborar os mapas rudimentares e os apontamentos que se achavam agora empilhados diante de Hermione.

— Muito bem — disse Ron lentamente —, admitamos que nos decidimos por amanhã... Eu acho que devíamos ser só eu e o Harry.

— Oh, não comeces com isso outra vez! — suspirou Hermione. — Pensei que esse assunto já estava arrumado.

— Uma coisa é andar a espiar à entrada debaixo do Manto, outra, muito diferente, é isto, Hermione. — Ron espetou um dedo num exemplar d'*O Profeta Diário* datado de dez dias antes. — Tu estás na lista dos feiticeiros de origem Muggle que não se apresentaram ao interrogatório!

— E tu devias estar a morrer de espatergroitite n'A Toca! Se algum de nós não devia ir, é o Harry, que tem a cabeça a prémio a troco de dez mil Galeões...

— Pronto, então eu fico — decidiu Harry. — Se conseguirem derrotar o Voldemort, não se esqueçam de me avisar, está bem?

Enquanto ouvia Ron e Hermione a rir-se, Harry sentiu uma dor aguda na cicatriz da testa. A sua mão precipitou-se para lá, mas ao ver os olhos de Hermione estreitarem-se, tentou deixar passar o momento, afastando o cabelo dos olhos.

— Bom, se formos os três, teremos de Desaparecer separadamente —

estava Ron a dizer. — Já não cabemos todos debaixo do Manto.

A cicatriz de Harry doía-lhe cada vez mais. Levantou-se. Kreacher apressou-se a acorrer junto dele.

— O Amo não acabou de comer a sua sopa, o Amo tem preferência pelo guisado, que está muito saboroso, ou deseja já passar à tarte de melaço que é tão do seu agrado?

— Obrigado, Kreacher, eu volto já... hã... da casa de banho.

Consciente de que Hermione o observava com ar desconfiado, Harry precipitou-se escada acima até ao *hall* e em seguida até ao primeiro patamar, onde correu para a casa de banho e trancou a porta atrás de si. A gemer de dores, foi a cambalear até ao lavatório preto com as torneiras em forma de serpentes de boca aberta, e fechou os olhos...

Percorria furtivamente uma rua ao crepúsculo. Os prédios de cada um dos lados tinham empenas de madeira; pareciam casas de pão de gengibre.

Acercou-se de uma delas e não tardou a ver a lividez do seu próprio dedo comprido contra a porta. Bateu, sentindo-se dominado por uma excitação crescente...

A porta abriu-se e deparou-se com uma mulher sorridente. A consternação ia tomando conta dela à medida que olhava para a cara de Harry, a boa disposição desvanecia-se, substituída pelo pavor...

— Gregorovitch? — inquiriu uma voz alta e fria.

A mulher abanou a cabeça; estava a tentar fechar a porta. Uma mão lívida segurou-a, impedindo-a de o deixar na rua...

— Eu quero o Gregorovitch!

— *Er wohnt hier nicht mehr* — gritou ela, abanando a cabeça. — Ele não morar aqui! Ele não morar aqui! Eu não conhecer ele!

Abandonando a tentativa de fechar a porta, a mulher começou a recuar para o fundo do corredor escuro, e Harry seguiu-a, avançando furtivamente de encontro a ela, a sua mão de longos dedos já empunhando a varinha.

— Onde é que ele está?

— *Das weiß ich nicht!*⁴ Ele mudar casa! Eu não saber, eu não saber!

Ele empunhou a varinha. Ela gritou. Duas crianças precipitaram-se para o corredor. Ela tentou protegê-las com os braços. Fez-se um jacto de luz verde...

— Harry! HARRY!

Abriu os olhos: estava tombado no chão. Hermione batia outra vez com os punhos na porta.

— Harry, abre!

Soltara um grito, sabia disso. Pôs-se de pé e destrancou a porta; Hermione entrou de rompante, recuperou o equilíbrio e olhou em seu redor com ar desconfiado. Ron vinha mesmo atrás dela e, amedrontado, apontava agora a varinha aos cantos da casa de banho fria.

— O que é que estavas a fazer? — interrogou-o Hermione em tom sério.

— O que é que te parece que eu estava a fazer? — retorquiu Harry, com um laivo de bravata.

— Estavas a gritar como um louco desvairado! — afirmou Ron.
— Ah, pois... Devo ter passado pelas brasas ou...
— Harry, por favor, não insultes a nossa inteligência — disse Hermione, inspirando profundamente. — Nós sabemos que a cicatriz te começou a doer lá em baixo, e estás branco como a cal.

Harry sentou-se na borda da banheira.

— Pronto. Acabei de ver o Voldemort a matar uma mulher. A esta hora, já deve ter liquidado a família inteira. E sem necessidade nenhuma. Foi outra vez como o Cedric, eles estavam lá por acaso e...

— Harry, não podes permitir que isso te continue a acontecer! — gritou Hermione, a sua voz a ecoar pela casa de banho. — O Dumbledore queria que tu usasses a Oclumancia. Ele achava que a ligação era perigosa... O Voldemort pode servir-se de ti, Harry! De que vale consegues vê-lo a matar e a torturar gente, que vantagem poderá haver nisso?

— Porque assim eu sei o que é que ele anda a tramar — salientou Harry.

— Então nem sequer vais tentar impedi-lo de se ligar a ti?

— Hermione, eu não posso fazer isso. Sabes que sou uma nódoa a Oclumancia, nunca lhe apanhei o jeito.

— Nunca te empenhaste a sério! — protestou ela com veemência. — Não te percebo, Harry... Será possível que gostes de ter essa ligação ou relação especial ou... ou lá o que é...

Hermione vacilou perante o olhar que Harry lhe fez ao levantar-se.

— Que goste? — retorquiu ele em voz sumida. — E tu, gostarias?

— Eu... não... Desculpa, Harry, eu não queria...

— Eu abomino-a, abomino o facto de ele conseguir entrar dentro de mim, de me obrigar a vê-lo nos momentos em que é mais cruel. Mas vou usar isso em meu proveito.

— O Dumbledore...

— Esquece o Dumbledore. A opção é minha, não é de mais ninguém. Quero descobrir por que motivo anda ele atrás do Gregorovitch.

— De quem?

— É um fabricante de varinhas estrangeiro — esclareceu Harry. — Foi ele quem fez a varinha do Krum, e o Krum acha que ele é o máximo.

— Mas, de acordo com o que tu próprio dizes — obstou Ron —, o Voldemort tem o Ollivander preso algures. Se já tem um fabricante de varinhas, para que é que vai precisar de outro?

— Talvez ele seja da mesma opinião que o Krum, talvez ache que o Gregorovitch é melhor... Ou então convenceu-se de que o Gregorovitch será capaz de lhe explicar o que a minha varinha fez quando ele me andava a perseguir, porque o Ollivander não sabia.

Harry olhou de relance para o espelho rachado e coberto de pó e viu Ron e Hermione a trocarem olhares cépticos nas suas costas.

— Harry, tu não te cansas de falar no que a tua varinha fez — salientou Hermione —, mas, na verdade, quem fez aquilo foste tu! Por que é que

insistes tanto em não assumires a responsabilidade pelo poder que possuis?

— Porque eu sei que não fui eu! E o Voldemort também sabe, Hermione! Ambos sabemos o que foi que, de facto, aconteceu!

Fitaram-se irritados. Harry percebeu que não tinha conseguido convencer Hermione e que esta estava nesse momento a reunir contra-argumentos, tanto contra a sua teoria a respeito da varinha, como contra o facto de ele permitir a si próprio o acesso à mente de Voldemort. Para seu grande alívio, Ron interveio:

— Deixa lá isso — aconselhou-a. — É lá com ele. E, se vamos amanhã ao Ministério, não acham que seria melhor revermos o plano?

A contragosto, como os amigos não deixaram de notar, Hermione acedeu a pôr o assunto de lado, embora Harry tivesse a certeza absoluta de que ela o iria atacar novamente à primeira oportunidade. Entretanto, regressaram à cozinha, onde Kreacher lhes serviu guisado e tarte de melaço.

Nessa noite, quando se foram deitar, era já tarde; tinham passado horas e horas a rever o plano vezes sem conta, até serem capazes de o recitar de cor e salteado uns aos outros. Harry, que dormia agora no quarto de Sirius, deixou-se ficar estendido em cima da cama com a varinha acesa apontada para a velha fotografia que retratava o pai, Sirius, Lupin e Pettigrew, a murmurar o plano para si próprio durante mais dez minutos. Todavia, quando apagou a varinha, não era em Poção Polissuco, Gomas Isyvómito nem nos mantos azuis-escuros da Manutenção Mágica que ele pensava, mas sim em Gregorovitch, o fabricante de varinhas, e quanto tempo teria esperança de ficar escondido, enquanto Voldemort o procurava com tanta determinação.

A madrugada pareceu seguir-se à meia-noite com uma pressa indecente.

— Estás com um aspecto péssimo — foi o cumprimento de Ron, quando entrou no quarto para acordar Harry.

— Já não será por muito mais tempo — retorquiu Harry por entre bocejos.

Foram dar com Hermione lá em baixo, na cozinha. Kreacher estava a servir-lhe café e pãozinhos quentes, enquanto ela ostentava a expressão levemente maníaca que Harry associava às revisões para os exames.

— Mantos — disse ela num sussurro, cumprimentando-os com um movimento nervoso de cabeça e continuando a vasculhar dentro da malinha de missangas —, Poção Polissuco... Manto da Invisibilidade... Detonadores de Chamarizes... cada um de vocês devia levar uns quantos, não vá dar-se o caso de... Gomas Isyvómito, Nogado Sanguechuva Nasal, Orelhas Extensíveis...

Engoliram o pequeno-almoço à pressa e correram escada acima, deixando Kreacher a despedir-se deles com uma vénia e a prometer-lhes que encontrariam bife e empadão de rim à sua espera quando regressassem.

— Abençoado — comentou Ron em tom afectuoso. — Só de pensar que eu costumava imaginar que lhe cortava a cabeça e a pendurava na parede.

Encaminharam-se para o degrau da porta da rua com imenso cuidado: avistaram dois Devoradores da Morte de olhos inchados a vigiar a casa do outro lado da praça envolta na neblina. Hermione foi a primeira a Desaparecer

com Ron, e depois voltou para levar Harry consigo.

Após o habitual breve lapso de escuridão e quase-sufoco, Harry encontrou-se na pequena viela onde estava previsto que a primeira fase do plano teria início. Ainda estava deserta, à excepção de dois grandes caixotes do lixo; em geral, os funcionários do Ministério só começavam a aparecer ali por volta das oito da manhã.

— Muito bem — declarou Hermione consultando o relógio. — Ela deve chegar dentro duns cinco minutos. Depois de a ter Atordoadado...

— Hermione, nós já sabemos — interrompeu-a Ron em tom decidido. — E julguei que tínhamos de abrir a porta antes de ela chegar?

Hermione soltou um guincho.

— Já me ia esquecendo! Recuem...

Apontou a varinha à porta cortafogo trancada a cadeado e coberta de *graffiti* de alto a baixo, que se abriu com um estrépito explosivo. O corredor escuro por detrás dela conduzia, tal como já sabiam através das suas minuciosas expedições de reconhecimento, a um teatro vazio. Hermione tornou a puxar a porta na sua direcção, para dar a impressão de que continuava fechada.

— E agora — acrescentou ela, dando meia volta para ficar de frente para os amigos —, tornamos a pôr o Manto...

— ...e ficamos à espera — concluiu Ron em seu lugar enquanto o atirava por cima da cabeça de Hermione como quem atira um lenço por cima de um periquito e revirava os olhos a Harry.

Ainda não tinha decorrido um minuto, ouviu-se um leve estalo e uma feiticeira do Ministério, baixinha e com cabelo grisalho ondulado, Apareceu a curta distância dos três, pestanejando ligeiramente devido à súbita claridade; o sol acabara de surgir de detrás de uma nuvem. Ela, porém, mal teve tempo de desfrutar do calor inesperado, pois Hermione de imediato a atingiu no peito com um Feitiço de Atordoar silencioso e que a fez cair redonda no chão.

— Bom trabalho, Hermione — congratulou-se Ron, surgindo de detrás de um caixote do lixo colocado à porta do teatro, enquanto Harry se desenhava do Manto da Invisibilidade. Juntos, levaram a pequena feiticeira para o corredor escuro que dava acesso à parte detrás do teatro. Hermione arrancou meia dúzia de cabelos da cabeça da feiticeira e deitou-os para dentro de um frasco de Poção Polissuco lamacenta que acabara de ir buscar à mala de missangas. Ron estava a vasculhar na mala de mão da feiticeira baixinha.

— Chama-se Mafalda Hopkirk — anunciou, lendo um pequeno cartão que identificava a vítima como assistente do Departamento de Uso Impróprio da Magia. — É melhor levars isto contigo, Hermione, e aqui tens as fichas.

Entregou-lhe uma série de pequenas fichas douradas, todas elas com o acrónimo M. D. M. gravado em relevo, que tirara da mala da feiticeira.

Hermione bebeu a Poção Polissuco, que apresentava agora a agradável tonalidade de um heliotrópio, e foi uma questão de segundos até que surgisse

diante deles a dupla de Mafalda Hopkirk. Enquanto ela tirava os óculos a Mafalda e os punha, Harry consultou o relógio.

— Estamos a ficar atrasados, o Senhor Manuntenção Mágica chegará a qualquer momento.

Correram a fechar a porta atrás da qual estava escondida a verdadeira Mafalda. Harry e Ron taparam-se com o Manto da Invisibilidade, mas Hermione deixou-se ficar visível, à espera. Instantes mais tardes, ouviu-se novo estalo e um feitiço baixinho e com ar de doninha apareceu diante dos três.

— Oh, bons dias, Mafalda.

— Bom dia! — retribuiu Hermione com voz trémula. — Como estás tu hoje?

— Para dizer a verdade, podia estar bem melhor — respondeu o pequeno feitiço, que tinha um ar perfeitamente abatido.

À medida que Hermione e o feitiço se encaminhavam para a rua principal, Harry e Ron seguiram furtivamente atrás de ambos.

— Lamento ver-te tão em baixo — disse Hermione, falando com voz firme por cima do pequeno feitiço, enquanto ele lhe tentava expor os seus problemas; era essencial que não o deixassem chegar à rua. — Olha, tens aqui um rebuçado.

— Hã? Oh, não, obrigado...

— Faça questão! — insistiu Hermione em tom agressivo, sacudindo o saco de gomas diante dos olhos dele. Com um ar um tanto ou quanto alarmado, o pequeno feitiço tirou um.

O efeito foi instantâneo. No momento em que a goma lhe tocou na língua, começou a vomitar de tal maneira que nem reparou quando Hermione lhe arrancou um punhado de cabelo do cocuruto.

— Oh, que horror! — exclamou ela, enquanto ele salpicava a viela toda de vômito. — Talvez fosse melhor tirares o dia de folga!

— Não... não! — Engasgou-se e teve nova ameaça de vômito, tentando seguir o seu caminho apesar de mal se conseguir aguentar nas pernas. — Eu tenho... eu hoje... tenho de ir...

— Mas isso é um perfeito disparate! — insurgiu-se Hermione, alarmada. — Não podes ir trabalhar nesse estado... Acho que devias ir a São Mungo para eles lá verem o que é que tens!

O feitiço caiu de gatas no chão, arquejante, ainda a tentar rastejar até à rua principal.

— Não podes ir trabalhar assim! — bradou-lhe Hermione.

Por fim, ele pareceu aceitar a inevitabilidade das palavras dela. Apoiando-se a uma Hermione repugnada para tornar a pôr-se de pé, girou e Desapareceu, deixando atrás de si apenas a pasta que Ron lhe tirara da mão pelo caminho e alguns restos voadores de vômito.

— *Agh* — disse Hermione enojada, segurando na bainha do manto para evitar as poças de porcaria. — Mais valia tê-lo Atordoadado também; teria feito

muito menos nojice.

— Lá isso é verdade — assentiu Ron, saindo de debaixo do Manto com a pasta do feiticeiro na mão —, mas eu ainda acho que um monte de corpos inconscientes teria atraído demasiada atenção. Gosta mesmo de trabalhar, ele, não repararam? Agora dá cá o cabelo e a Poção!

Passados dois minutos, Ron aparecia diante deles, tão baixo e parecido com uma doninha como o feiticeiro enjoado, e vestido com o manto azul-escuro que ele trazia dobrado dentro da pasta.

— A ver pela vontade que tinha de ir para o emprego, é estranho que hoje não viesse já com ele vestido, não acham? Bom, adiante... De acordo com a etiqueta que tenho nas costas, a partir de agora passo a chamar-me Reg Cattermole.

— Agora esperas aqui por nós — disse Hermione a Harry, que continuava oculto debaixo do Manto da Invisibilidade — que nós já voltamos com uns cabelos para ti.

Harry teve de esperar dez minutos, embora tivesse a impressão de que fora muito mais tempo, escondido sozinho na viela toda suja de vômito, ao lado da porta por detrás da qual se encontrava a Mafalda Atordoada. Finalmente, Ron e Hermione tornaram a aparecer.

— Não sabemos de quem se trata — confessou Hermione, entregando a Harry vários cabelos pretos encaracolados —, mas voltou para casa, porque não parava de sangrar do nariz! Aqui tens, ele é bastante alto, vais precisar de roupas maiores...

Tirou da bolsa um conjunto de roupa velha que Kreacher lhes lavara e engomara, e Harry retirou-se para beber a Poção e mudar de indumentária.

Logo que deu por finda a dolorosa transformação, viu-se com mais de um metro e oitenta de altura e, ao que depreendia dos seus braços musculosos, era muitíssimo bem constituído. Também tinha barba. Guardando o Manto da Invisibilidade e os óculos dentro da sua nova indumentária, Harry reuniu-se aos companheiros.

— Caramba, estás de meter medo — comentou Ron, levantando os olhos para Harry, que se elevava acima dele.

— Toma lá uma ficha da Mafalda — disse Hermione a Harry — e vamos embora, são quase nove horas.

Saíram da viela todos juntos. Cinquenta metros adiante, na rua movimentada, depararam-se com barreiras de espigões de ferro preto que ladeavam dois lances de escadas, um a indicar Cavalheiros, o outro, Senhoras.

— Então, até já — disse-lhes Hermione muito nervosa, começando a descer a medo os degraus destinados às senhoras. Harry e Ron juntaram-se a um grupo de homens vestidos com roupas esquisitas que estavam a descer para o que se assemelhava a uma vulgar casa de banho pública do metropolitano, decorada com azulejos pretos e brancos encardidos.

— Bom dia, Reg! — cumprimentou-o outro feiticeiro de manto azul-escuro, enquanto entrava num cubículo depois de enfiar a ficha dourada numa

ranhura que havia na porta. — Mas que grande chatice, não achas? Obrigarem-nos a todos a entrarmos no emprego desta maneira! Quem é que eles esperam que apareça por cá, o Harry Potter?

O feiticeiro soltou uma estrondosa gargalhada perante a sua própria piada e Ron forçou um riso abafado.

— Pois é — anuiu ele —, que estupidez!

E ele e Harry entraram em cubículos adjacentes.

Tanto da esquerda como da direita lhes chegava o barulho de autoclismos a serem puxados. Harry agachou-se e espreitou pela fresta por baixo do cubículo, mesmo a tempo de ver um par de botas a entrar na sanita do lado. Olhou para a esquerda, e deparou-se com Ron a pestanejar na sua direcção.

— Temos de nos meter na sanita e puxar o autoclismo? — sussurrou-lhe o amigo.

— Parece que sim — sussurrou-lhe Harry em resposta; a voz saiu-lhe em tom grave e profundo.

Puseram-se ambos de pé. Sentindo-se excepcionalmente ridículo, Harry lá se enfiou dentro da sanita.

De imediato percebeu que tinha tomado a atitude certa; embora tivesse a sensação de estar dentro de água, os sapatos, os pés e as roupas continuavam secos. Estendeu uma mão, puxou a corrente e não tardou a ser sugado por uma pequena conduta, emergindo numa lareira do Ministério da Magia.

Levantou-se desajeitadamente; tinha muito mais corpo que aquele a que estava acostumado. O grande Átrio parecia mais escuro que Harry se recordava. Anteriormente, o centro fora ocupado por uma fonte dourada, que projectava reflexos tremeluzentes de luz para o pavimento de madeira encerado e para as paredes. Agora o cenário era dominado por uma gigantesca estátua de pedra negra. Era deveras assustadora, aquela enorme escultura de um feiticeiro e de uma feiteira sentados em tronos de pedra elaboradamente esculpidos, olhando com ar de superioridade para os funcionários do Ministério que saíam aos trambolhões das lareiras lá em baixo. Em letras com cerca de trinta centímetros de altura gravadas na base da estátua lia-se: **MAGIA É PODER.**

Harry foi atingido na barriga das pernas por uma forte pancada: outro feiticeiro acabara de ser projectado da lareira atrás dele.

— Sai do caminho, and... Oh, desculpa lá, Runcorn!

Nitidamente assustado, o feiticeiro calvo afastou-se a toda a pressa. Ao que tudo indicava, o homem que Harry personificava, Runcorn, era intimidante.

— *Psst!* — chamou-o uma voz e, ao virar-se, deparou-se com uma feiteira franzina e baixinha e o feiticeiro com cara de doninha da Manutenção Mágica que lhe acenavam do outro lado da estátua. Harry juntou-se de imediato a ambos.

— Chegaste bem? — perguntou Hermione a Harry num murmúrio.

— Não, ainda está enfiado na sanita — ripostou Ron.

— Oh, que engraçado... É horrível, não achas? — tornou ela a virar-se para

Harry, que estava de olhar fixo na estátua. — Já reparaste em cima do que é que eles estão sentados?

Harry observou com mais atenção e constatou que aquilo que à primeira vista tomara por pedras esculpidas com fins decorativos eram, na verdade, amontoados de seres humanos: centenas e centenas de corpos despídos, homens, mulheres e crianças, todos eles com feições deveras repugnantes e idiotas, contorcidos e comprimidos para sustentar o peso dos feiticeiros elegantemente trajados.

— Muggles — sussurrou-lhe Hermione. — No lugar que lhes é devido. Vá lá, vamos andando.

Reuniram-se à correnteza de feiticeiros que se encaminhava para os portões dourados ao fundo do Átrio, olhando em seu redor o mais sub-repticiamente que conseguiam, mas não viram sinal da figura facilmente reconhecível de Dolores Umbridge. Cruzaram os portões e foram dar a um átrio mais pequeno, onde se formavam filas em frente de vinte grades douradas que davam acesso a igual número de elevadores. Mal tinham chegado à mais próxima quando ouviram uma voz chamar: — Cattermole!

Olharam em seu redor e Harry sentiu o estômago dar uma reviravolta. Um dos Devoradores da Morte que presenciara a queda de Dumbledore avançava a passos largos na direcção dele. Os funcionários do Ministério em volta quedaram-se em silêncio, os olhos baixos; Harry sentia uma vaga de medo a espalhar-se entre eles. As feições mal-humoradas e abrutalhadas do homem pareciam um tanto ou quanto desajustadas do magnífico manto que flutuava atrás de si, ricamente bordado a fio de ouro. Alguém de entre a multidão à espera do elevador lhe lançou um cumprimento bajulador: — Bom dia, Yaxley! — Yaxley ignorou-o.

— Pedi que alguém da Manutenção Mágica me fosse arranjar o gabinete, Cattermole. Continua a chover lá dentro.

Ron olhou em seu redor na esperança de que outra pessoa se fosse prontificar, mas ninguém o fez.

— A chover... No seu gabinete? Isso... isso não é nada bom, pois não?

Ron soltou uma gargalhada nervosa. Yaxley arregalou os olhos.

— Ai tu achas-lhe piada, Cattermole?

Duas feiticeiras saíram da fila e apressaram-se a entrar no elevador.

— Não — respondeu Ron. — Não, é claro que...

— Saberás por acaso que neste preciso momento me preparo para ir lá abaixo interrogar a tua mulher, Cattermole? Na verdade, estou bastante surpreendido por não estares a fazer-lhe companhia de mão dada, enquanto ela espera. Já a deste como um caso perdido, não é? Se calhar, foi uma decisão acertada. Da próxima vez, vê lá se te casas com uma puro-sangue.

Hermione soltara um leve guincho de terror. Yaxley olhou para ela. Hermione tossiu ligeiramente e virou-lhe costas.

— Eu... eu... — balbuciou Ron.

— Mas, se a *minha* mulher fosse acusada de ser uma Sangue de Lama —

prosseguiu Yaxley — ...não que me fosse casar com alguém que pudesse ser confundida com essa escumalha — e o Director do Departamento de Execução da Lei Mágica precisasse de que eu lhe fizesse um serviço, eu faria desse serviço a minha principal prioridade, Cattermole. Estamos entendidos?

— Sim — murmurou Ron.

A grade dourada abriu-se diante deles com grande estardalhaço. Com um aceno de cabeça e um sorriso desagradável a Harry, de quem obviamente se esperava que apreciasse o tratamento acabado de ministrar a Cattermole, Yaxley afastou-se em direcção a outro elevador. Harry, Ron e Hermione entraram no seu, mas ninguém os seguiu: era como se sofressem de uma doença infecciosa. As grades fecharam-se com um ruído metálico e o elevador começou a subir.

— O que hei-de eu fazer? — perguntou Ron aos dois amigos em simultâneo; estava com um ar aflito. — Se não aparecer, a minha mulher... quero dizer, a mulher do Cattermole...

— Nós vamos contigo, temos de nos manter unidos... — começou Harry, mas Ron sacudiu vigorosamente a cabeça.

— Isso é um disparate, já não nos sobra muito tempo. Vocês dois vão à procura da Umbridge, que eu vou arranjar o gabinete do Yaxley... Mas como é que faço para que deixe de chover lá dentro?

— Tenta *Finite Incantatem* — respondeu-lhe Hermione de imediato. — Isso deve resolver o problema, se tiver sido provocado por um feitiço ou maldição; caso contrário, então é porque algo correu mal com um Encantamento Atmosférico, que é sempre um problema para consertar, por isso, como solução de recurso, experimenta *Impervius*, para proteger o recheio...

— Repete lá isso tudo outra vez, devagar... — pediu Ron, vasculhando em desespero dentro dos bolsos à procura de uma pena; contudo, nesse preciso momento, o elevador parou com um estremeção. Uma voz feminina desencarnada proclamou:

— Nível Quatro, Departamento de Regulação e Controlo de Criaturas Mágicas, incorporando as Divisões de Animais, Seres e Espíritos, o Gabinete de Ligação aos Goblins e o Serviço de Aconselhamento sobre Pragas — e as grades tornaram a deslizar uma vez mais, permitindo a entrada de um casal de feiticeiros e de vários aeroplanos de papel violeta-pálido, que começaram de imediato a esvoaçar em volta do candeeiro do tecto do elevador.

— Bom dia, Albert — disse um indivíduo de fardas suíças, sorrindo a Harry. Olhou de relance para Ron e Hermione, enquanto o elevador subia novamente por entre rangidos; Hermione estava agora a sussurrar instruções frenéticas a Ron. O feitiço inclinou-se para Harry, olhou para ele de soslaio e murmurou: — Com que então o Dick Cresswell, heim? Da Ligação aos Goblins? Boa, Albert. Estou convencido de que agora o lugar já não me pode escapar!

Piscou-lhe o olho. Harry devolveu-lhe o sorriso, na esperança de que isso

fosse suficiente para o contentar. O elevador parou e as grades tornaram a abrir-se.

— Nível Dois, Departamento de Execução da Lei Mágica, Quartel-General dos Aurors e Serviços Administrativos do Wizengamot — anunciou a voz desencarnada da feiticeira.

Harry viu Hermione a dar um leve empurrão a Ron, e este apressou-se a sair do elevador, seguido pelos outros feiticeiros e deixando Harry e Hermione a sós. Mal a porta dourada se fechou, Hermione disse, muito depressa: — Para ser sincera, Harry: acho que é melhor eu ir atrás dele, acho que ele não sabe o que fazer e se o apanham, vai tudo por...

— Nível Um, Ministro da Magia e Pessoal de Apoio.

As grades douradas tornaram a deslizar para trás, e Hermione sufocou um grito. Encontravam-se quatro pessoas diante deles, duas delas embrenhadas a conversar: um feiticeiro com uma longa cabeleira e um magnífico manto preto e dourado, e uma feiticeira atarracada e com cara de sapo, com um laço de veludo no cabelo curto e uma prancheta firmemente encostada ao peito.

XIII

A COMISSÃO DE REGISTO DOS FEITICEIROS DE ORIGEM MUGGLE

— Ah, Mafalda! — exclamou Umbridge, fitando Hermione.

— Foi o Travers quem te mandou, não?

— S-sim — guinchou Hermione.

— Ótimo, serves perfeitamente. — Umbridge dirigiu-se ao feiticeiro vestido de preto e dourado. — Temos o problema resolvido, Ministro, se puderem dispensar a Mafalda para as actas, poderemos começar imediatamente. — Consultou o bloco que trazia na prancheta. — Dez pessoas hoje e uma delas a mulher de um funcionário do Ministério! Tss, tss... até aqui, no coração do Ministério! — Entrou no elevador ao lado de Hermione, seguida pelos dois feiticeiros que haviam estado a ouvir a conversa de Umbridge com o Ministro. — Vamos já lá para baixo, Mafalda, encontrarás tudo aquilo de que precisas na sala de audiências. Bom dia, Albert, não saís aqui?

— Sim, claro — anuiu Harry com a voz grave de Runcorn.

Harry saiu do elevador. As grades douradas fecharam-se atrás dele com um estalido. Olhando para trás de relance, viu a cara ansiosa de Hermione a desaparecer, com um feiticeiro alto de cada lado, e o laço de veludo do cabelo de Umbridge ao nível do ombro.

— O que te traz por cá, Runcorn? — perguntou o novo Ministro da Magia. O seu longo cabelo e barba pretos achavam-se salpicados de fios prateados, e uma testa larga e saliente sombreava-lhe os olhos brilhantes, fazendo lembrar a Harry um caranguejo a espreitar de uma rocha.

— Preciso de dar uma palavrinha a... — Harry hesitou uma fracção de segundo —, Arthur Weasley. Disseram-me que ele estava no Nível Um.

— Ah — interessou-se Pius Thicknesse. — Foi apanhado a contactar com um Indesejável?

— Não — respondeu Harry, sentindo a garganta seca. — Não, nada disso.

— Ah, bom. É só uma questão de tempo — comentou Thicknesse. — Se queres a minha opinião, os traidores de sangue são tão maus como os Sangues

de Lama. Bom dia, Runcorn.

— Bom dia, Ministro.

Harry ficou a ver Thicknesse afastar-se pelo corredor revestido de alcatifa espessa. No instante em que ele desapareceu de vista, Harry tirou o Manto da Invisibilidade de debaixo da sua pesada capa preta, cobriu-se com ele e partiu corredor fora na direcção oposta. Runcorn era tão alto que Harry se via obrigado a curvar-se para ter a certeza de que os pés estavam tapados.

Sentia o pânico instalado na boca do estômago. À medida que ia passando pelas portas de madeira polida, todas elas com uma pequena placa com o nome do seu proprietário e respectiva ocupação, o poder do Ministério, a sua complexidade e impenetrabilidade, começaram a impor-se-lhe de tal maneira que o plano tão cuidadosamente elaborado com Ron e Hermione ao longo das últimas quatro semanas lhe parecia ridiculamente infantil. Tinham concentrado todos os seus esforços em entrar sem serem detectados; não tinham sequer pensado no que fariam se fossem obrigados a separar-se. Agora Hermione estava retida numa audiência judicial que levaria indubitavelmente horas, Ron esforçava-se por realizar magia que, como Harry bem sabia, estava fora do seu alcance, com a liberdade de uma mulher dependendo muito possivelmente do resultado, e ele, Harry, vagueava pelo último andar quando sabia perfeitamente que a sua presa acabara de descer no elevador.

Estacou, encostou-se a uma parede e procurou decidir o que fazer. O silêncio pesava-lhe; não havia azáfama, nem conversas, nem passos apressados: os corredores de alcatifa roxa estavam tão silenciosos como se tivesse sido lançado sobre eles o encantamento *Muffliato*.

O gabinete dela deve ser aqui em cima, pensou Harry.

Era altamente improvável que Umbridge guardasse as jóias no gabinete, mas, por outro lado, parecia idiotice não o revistar para ter a certeza. Recomeçou, portanto, a andar pelo corredor, sem encontrar ninguém excepto um feiticeiro de testa franzida a murmurar instruções para uma pena que flutuava diante dele, rabiscando uma tira de pergaminho.

Prestando agora atenção aos nomes indicados nas portas, Harry virou a esquina. A meio do corredor seguinte desembocou num vasto espaço aberto, onde se via uma dezena de feiticeiras e feiticeiros sentados em filas de pequenas secretárias, semelhantes às das escolas, embora muito mais polidas e sem *graffitis*. Harry deteve-se para os observar, pois o efeito era hipnótico. Todos eles agitavam e rodavam as varinhas em uníssonos, e havia quadrados de papel colorido a voar em todas as direcções, quais pequenos papagaios cor-de-rosa. Após alguns segundos, Harry apercebeu-se de que os gestos possuíam ritmo, que todos os papéis formavam o mesmo padrão, e ao cabo de mais alguns segundos compreendeu que estava a observar a criação de panfletos, e que os quadrados de papel eram páginas, as quais, uma vez reunidas, dobradas e ordenadas por meio de magia, caíam em pilhas impecáveis ao lado de cada feiticeiro.

Aproximou-se sub-repticiamente, embora os funcionários se encontrassem

tão absortos na sua tarefa que Harry duvidava que ouvissem passos abafados pela alcatifa, e surripou um panfleto já terminado da pilha junto a uma jovem feiticeira. Examinou-o debaixo do Manto da Invisibilidade. A capa cor-de-rosa exibia um título a dourado:

SANGUES DE LAMA

E os Perigos que Representam para uma Sociedade Pacífica de Puros-Sangues

Debaixo do título havia o desenho de uma rosa vermelha, com um rosto delicado no meio das pétalas a ser estrangulado por uma erva daninha de dentes afiados e ar mal-encarado. O panfleto não indicava o nome do autor, mas, mais uma vez, as cicatrizes das costas da sua mão direita pareceram arder, enquanto Harry o examinava. Depois, a jovem feiticeira a seu lado confirmou-lhe as suspeitas ao dizer, continuando a agitar a varinha: — Alguém sabe se a velha bruxa vai ficar a interrogar Sangues de Lama todo o dia?

— Cautela — avisou o feiticeiro junto dela, olhando nervosamente em volta. Uma das suas páginas escorregou e caiu ao chão.

— Que foi, agora, além de um olho, ela também tem orelhas mágicas?

A feiticeira relanceou um olhar para a porta de mogno brilhante em frente do espaço ocupado pelos redactores de panfletos. Harry olhou igualmente e a cólera ergueu-se nele como uma serpente. No sítio em que, numa porta de entrada de Muggles, haveria um óculo, fora incrustado na madeira um olho grande e redondo, de íris azul forte; um olho chocantemente familiar para quem quer que tivesse conhecido Alastor Moody.

Durante uma fracção de segundo, Harry esqueceu-se de onde estava e do que ali estava a fazer; esqueceu-se até de que se achava invisível. Avançou em passos largos direito à porta para examinar o olho. Este não se movia: olhava cegamente para cima, petrificado. A placa sob ele dizia:

*Dolores Umbridge
Adjunta do Ministro*

E por baixo, numa placa nova ligeiramente mais brilhante:

Directora da Comissão de Registo dos Feiticeiros de Origem Muggle

Harry voltou a fitar a dezena de redactores de panfletos: embora estivessem concentrados no seu trabalho, não podia contar que não reparassem se a porta de um gabinete vazio se abrisse mesmo diante deles. Assim, retirou de um bolso interior um estranho objecto com pequenas pernas que se agitavam e corpo de borracha em forma de buzina. Agachou-se sob o Manto e pousou o Detonador de Chamarizes no chão.

Este afastou-se rapidamente por entre as pernas dos feiticeiros à sua frente. Momentos depois, enquanto Harry aguardava com a mão na maçaneta da porta, ergueu-se a um canto uma explosão ruidosa e grande quantidade de fumo negro e acre. A jovem feiticeira da primeira fila soltou um guincho e voaram por toda a parte páginas cor-de-rosa, enquanto ela e os companheiros se erguiam de um salto, procurando em volta a origem do tumulto. Harry fez girar a maçaneta, entrou no gabinete de Umbridge e fechou a porta atrás de si.

Sentiu-se como se tivesse recuado no tempo. A sala era exactamente igual ao gabinete de Umbridge em Hogwarts: cortinas rendadas, naperons e flores secas cobriam todas as superfícies disponíveis. As paredes ostentavam os mesmos pratos decorativos, cada um com o seu gatinho colorido, de laço ao pescoço, aos pulos e cambalhotas com uma graciosidade enjoativa. A secretária tinha uma toalha florida com folhos. Por trás do olho de Moody Olho-Louco, um telescópio permitia a Umbridge espiar os funcionários do outro lado da porta. Harry espreitou e viu que eles continuavam aglomerados em redor do Detonador de Chamarizes. Arrancou o telescópio da porta, deixando um buraco, tirou o olho mágico e meteu-o no bolso. Depois virou-se de novo para a sala, ergueu a varinha e murmurou: *Accio medalhão*.

Não aconteceu nada, mas ele também não esperara outra coisa; sem dúvida Umbridge sabia tudo acerca de encantamentos e feitiços protectores. Apressou-se, portanto, a passar para trás da secretária e começou a abrir gavetas. Viu penas e blocos de notas e fita mágica; *clips* encantados que se desenroscavam como serpentes da sua gaveta e tinham de ser obrigados a recuar com palmadas; uma pequena caixa rendada, excessivamente ornamentada, repleta de laços de cabelo e ganchos; mas nem sinal de um medalhão.

Atrás da secretária havia um arquivador, onde Harry se lançou à procura. Tal como os de Filch em Hogwarts, estava cheio de pastas, todas rotuladas com nomes. Só ao chegar à gaveta de baixo é que Harry viu algo que o distraiu da sua busca: a pasta de Mr. Weasley.

Tirou-a para fora e abriu-a.

ARTHUR WEASLEY

Estatuto de Sangue:

Puro-sangue, mas com intoleráveis tendências pró-Muggle. Membro conhecido da Ordem da Fénix

Família:

Mulher (puro-sangue), sete filhos, os dois mais novos em Hogwarts. NB: Filho mais novo presentemente em casa, gravemente doente; confirmado por inspectores do Ministério

Estatuto de Segurança:

VIGIADO. Todos os movimentos estão a ser monitorizados. Forte possibilidade de Indesejável N.º1 o contactar (já se alojou previamente em

«Indesejável Número Um», murmurou Harry, voltando a colocar a pasta de Mr. Weasley no sítio e fechando a gaveta. Tinha uma ideia sobre quem seria e, tão certo como dois e dois serem quatro, quando se endireitou e relanceou um olhar em redor do gabinete à procura de mais esconderijos, viu um *poster* de si próprio na parede, com as palavras «INDESEJÁVEL Nº 1» gravadas no peito. Uma pequena nota cor-de-rosa, com o desenho de um gatinho ao canto, fora lá colada. Harry aproximou-se para a ler e viu que Umbridge escrevera «*A Ser Castigado.*»

Ainda mais furioso, passou a espreitar os fundos das jarras e cestos com flores secas, mas não ficou nada surpreendido por não encontrar o medalhão. Lançou um derradeiro olhar ao gabinete, e o seu coração falhou uma batida. Dumbledore fitava-o de um pequeno espelho rectangular, pousado numa estante ao lado da secretária.

Atravessou a sala a correr e pegou-lhe, mas, no instante em que lhe tocou, percebeu que não se tratava de um espelho. Dumbledore sorria pensativamente da capa brilhante de um livro. Harry não notara logo as letras verdes ornamentadas a toda a largura do chapéu: *A Vida e as Mentiras de Albus Dumbledore*, nem os dizeres levemente mais pequenos sobre o peito: *por Rita Skeeter, autora do bestseller Armando Dippet: Mestre ou Mentecapto?*

Abriu o livro ao acaso e viu uma fotografia de página inteira com dois rapazes adolescentes, a rir à gargalhada, os braços passados por cima do ombro um do outro. Dumbledore, então com o cabelo pelo meio das costas, deixara crescer uma barba fina e rala que fazia lembrar a do queixo de Krum, que tanto irritara Ron. O rapaz que gargalhava silenciosamente divertido ao lado de Dumbledore, ostentava um ar de regozijo travesso. O cabelo dourado caía-lhe em caracóis até aos ombros. Harry perguntou-se se seria o jovem Doge, mas antes de conseguir ler a legenda, a porta do gabinete abriu-se.

Se Thicknesse não tivesse entrado a olhar por cima do ombro, Harry não teria tido tempo de se cobrir com o Manto da Invisibilidade. Mesmo assim, pensou que o Ministro talvez tivesse vislumbrado movimento, porque permaneceu completamente imóvel durante alguns segundos, fitando com curiosidade o local onde Harry acabava de desaparecer. Decidindo, porventura, que tudo o que vira fora Dumbledore a coçar o nariz na capa do livro, pois Harry apressara-se a colocá-lo de novo na estante, Thicknesse dirigiu-se finalmente para a secretária e apontou a varinha à pena que se achava a postos no tinteiro. Esta saltou e começou a escrever uma nota para Umbridge. Muito devagar, mal se atrevendo a respirar, Harry saiu a recuar do gabinete para a área de trabalho do exterior.

Os redactores de panfletos mantinham-se aglomerados em volta dos restos do Detonador de Chamarizes, que continuava a apitar debilmente e a fumar. Harry dirigiu-se rapidamente para o corredor, ouvindo a jovem feiticeira

dizer: — Aposto que se esgueirou dos Feitiços Experimentais para aqui, eles são tão descuidados. Lembram-se daquele pato venenoso?

Caminhando apressado em direcção aos elevadores, Harry considerou as suas opções. Nunca houvera grandes probabilidades de o medalhão se encontrar ali, no Ministério, e não podia haver esperança de enfeitizar Umbridge para revelar o seu paradeiro, estando ela sentada numa sala de audiências apinhada. A prioridade agora tinha de ser sair do Ministério antes de serem descobertos, e voltarem a tentar noutro dia. A primeira coisa a fazer era encontrar Ron, e depois combinariam a maneira de retirar Hermione da sala de audiências.

O elevador chegou vazio. Harry entrou e, enquanto começava a descer, tirou o Manto da Invisibilidade. Para enorme alívio seu, quando se deteve ruidosamente no Nível Dois entrou Ron, encharcado e de olhar desvairado.

— B-bom dia — gaguejou ele para Harry; o elevador recomeçou a mover-se.

— Ron, sou eu, o Harry!

— Harry! Caramba, tinha-me esquecido do teu aspecto... por que não está a Hermione contigo?

— Teve de descer com a Umbridge para as salas de audiência, não podia recusar, e...

Mas antes de Harry conseguir terminar a frase, o elevador estacou de novo, as portas abriram-se e entrou Mr. Weasley, a conversar com uma feiticeira idosa, de cabelo louro, com um penteado tão alto que se assemelhava a uma colmeia.

— ...compreendo perfeitamente o que queres dizer, Wakanda, mas receio não poder tomar parte...

Mr Weasley interrompeu-se: reparara em Harry. Era muito estranho ver Mr. Weasley a fitá-lo com tanta aversão. As portas do elevador fecharam-se e os quatro desceram uma vez mais.

— Oh, olá, Reg — cumprimentou Mr. Weasley, olhando em volta ao ouvir o som de um gotejar contínuo oriundo do manto de Ron. — A tua mulher não vai ser interrogada hoje? Hã ... o que é que te aconteceu? Por que estás tão molhado?

— Está a chover no gabinete do Yaxley — respondeu Ron. Dirigiu-se ao ombro de Mr. Weasley, e Harry teve a certeza de que ele receava que o pai o pudesse reconhecer se olhassem a direito um para o outro. — Não consegui parar aquilo, por isso mandaram-me ir buscar o Bernie... Phillsworth, creio que disseram...

— Sim, ultimamente tem chovido em imensos gabinetes — comentou Mr. Weasley. — Experimentaste *meteolojinx recanto*? Com o Bletchley resultou.

— *Meteolojinx recanto*? — titubeou Ron. — Não, não experimentei. Obrigado, p... quer dizer, obrigado, Arthur.

As portas do elevador abriram-se; a velha feiticeira com penteado à colmeia saiu e Ron passou por ela como uma flecha até desaparecer de vista. Harry

preparava-se para o seguir, mas encontrou o caminho bloqueado por Percy Weasley que entrava no elevador, de nariz enterrado nos papéis que vinha a ler.

Só depois de as portas se terem fechado de novo ruidosamente é que Percy se apercebeu de que se encontrava num elevador com o pai. Ergueu os olhos, viu Mr. Weasley, corou violentamente, e abandonou o elevador no instante em que as portas se voltaram a abrir. Pela segunda vez, Harry tentou sair, mas agora foi o braço de Mr. Weasley que o impediu.

— Um momento, Runcorn.

As portas fecharam-se e, enquanto desciam outro andar, Mr. Weasley disse: — Constou-me que prestaste informações acerca do Dirk Cresswell.

Harry teve a impressão de que o encontro com Percy só agravara a cólera de Mr. Weasley. Decidiu que a sua melhor hipótese era fazer-se estúpido.

— Perdão? — indagou ele.

— Não finjas, Runcorn — proferiu Mr. Weasley em tom ameaçador. — Foste tu quem descobriu o feiticeiro que lhe falsificou a árvore genealógica, não foste?

— Eu ... e se tiver sido? — desafiou Harry.

— Bom, o Dirk Cresswell é dez vezes melhor feiticeiro do que tu — declarou Mr. Weasley calmamente, enquanto o elevador descia ainda mais. — E se ele sobreviver a Azkaban, terás de responder perante ele, para não falar da mulher, dos filhos e dos amigos...

— Arthur — interrompeu Harry —, sabes que estás a ser vigiado, não sabes?

— Isso é uma ameaça, Runcorn? — perguntou Mr. Weasley em voz sonora.

— Não — exclamou Harry —, é um facto! Eles andam a vigiar todos os teus movimentos...

As portas do elevador abriram-se. Tinham chegado ao Átrio. Mr. Weasley lançou-lhe um olhar agressivo e saiu do elevador. Harry ficou ali, sentindo-se abalado. Desejou estar a passar por outra pessoa que não Runcorn... as portas do elevador fecharam-se.

Harry pegou no Manto da Invisibilidade e voltou a colocá-lo. Tentaria libertar Hermione sozinho, enquanto Ron se ocupava do gabinete onde chovia. Quando as portas se abriram, saiu para um corredor de pedra, iluminado por tochas, muito diferente dos corredores alcatifados e revestidos a madeira dos andares superiores. O elevador afastou-se de novo aos soluços, e Harry estremeceu levemente, fitando a distante porta preta que marcava a entrada do Departamento dos Mistérios.

Partiu, não com destino à porta negra, mas à passagem em arco situada do lado esquerdo, segundo se recordava, e que abria para um lance de escadas conduzindo às salas de audiências. Enquanto descia, ia debatendo mentalmente as suas possibilidades: ainda lhe restava um par de Detonadores de Chamarizes, mas talvez fosse melhor bater simplesmente à porta da sala de

audiências, entrar como Runcorn e pedir para dar uma palavrinha a Mafalda? É claro que não sabia se Runcorn era suficientemente importante para se safar com uma dessas e, mesmo que conseguisse, o facto de Hermione não reaparecer podia desencadear uma busca antes de eles abandonarem o Ministério...

Perdido nos seus pensamentos, não registou imediatamente a frialdade anormal que o invadia, como se estivesse a penetrar no nevoeiro. O frio ia aumentando a cada passo que dava: um frio que lhe entrava pela garganta e lhe rasgava os pulmões. E depois experimentou aquela furtiva sensação de desespero, de ausência de esperança, a inundá-lo, a expandir-se dentro de si...

Dementors, pensou.

Ao chegar ao fundo das escadas, virou à direita e avistou uma cena terrível. O corredor sombrio no exterior das salas de audiência achava-se apinhado de figuras altas, encapuzadas de preto, os rostos completamente ocultos, sendo a respiração irregular o único som audível. Os petrificados feitiçeiros de origem Muggle, levados para interrogatório, estavam sentados em duros bancos de madeira, comprimidos uns contra os outros e a tremer. A maior parte escondia a cara nas mãos, talvez numa tentativa instintiva de se protegerem das bocas ávidas dos *Dementors*. Alguns encontravam-se acompanhados pelas famílias, outros sozinhos. Os *Dementors* deslizavam de um lado para o outro diante deles, e o frio, o desalento e o desespero do local atingiram Harry como uma maldição...

Reage, disse ele a si próprio, mas sabia que não podia invocar um *Patronus* sem revelar imediatamente a sua identidade. Portanto avançou o mais silenciosamente possível e, embora o entorpecimento parecesse apoderar-se da sua mente a cada passo, Harry forçou-se a pensar em Hermione e Ron, que precisavam dele.

Mover-se pelo meio das enormes figuras negras era aterrador; os rostos desprovidos de olhos, ocultos debaixo dos capuzes, viravam-se quando ele passava, e Harry teve a certeza de que eles o pressentiam, sentindo, talvez, uma presença humana que ainda conservava alguma esperança, alguma resistência...

E então, de modo abrupto e chocante no meio do silêncio gelado, uma das portas das masmorras do lado esquerdo do corredor foi escancarada e ouviram-se gritos.

— Não, não, eu sou meio-sangue, eu sou meio-sangue, estou a dizer-vos! O meu pai era feitiçeiro, *era* mesmo, verifiquem, Arkie Alderton, é um conhecido *designer* de vassouras, verifiquem, estou a dizer-lhes... larguem-me, larguem-me...

— Este é o seu último aviso — entoou a voz melíflua de Umbridge, magicamente ampliada de modo a soar claramente acima dos gritos desesperados do homem. — Se lutar, será sujeito ao beijo do *Dementor*.

Os gritos do homem cessaram, mas pelo corredor ecoaram soluços secos.

— Levem-no — ordenou Umbridge.

À porta da sala de audiências surgiram dois Dementors, as mãos putrefactas e sarnentas apertando os braços de um feiticeiro que parecia prestes a desmaiar. Deslizaram com ele pelo corredor fora e o rasto de escuridão que deixavam engoliu-o.

— Seguinte: Mary Cattermole — chamou Umbridge.

Levantou-se uma mulher baixa, a tremer dos pés à cabeça. Usava o cabelo preto apanhado atrás num carrapito e um longo manto sem ornamentos. O rosto estava completamente exangue. Ao passar pelos Dementors, Harry viu-a estremecer.

Não obedeceu a qualquer espécie de plano, foi um gesto instintivo, porque não suportou vê-la entrar sozinha na masmorra: quando a porta começou a fechar-se, Harry esgueirou-se atrás da mulher para a sala de audiências.

Não era a mesma sala em que ele fora interrogado uma vez por uso impróprio de magia. Esta era muito mais pequena, embora o tecto fosse igualmente alto; dava a sensação claustrofóbica de se estar enclausurado no fundo de um poço.

Havia ali mais Dementors, espalhando a sua aura gélida pela sala; mantinham-se, quais sentinelas sem rosto, nos cantos mais afastados do estrado. Aí, atrás de uma balaustrada, sentava-se Umbridge, com Yaxley de um lado, e Hermione, tão pálida como Mrs. Cattermole, do outro. Na base do estrado, vagueava de um lado para o outro um gato de longo pêlo prateado e reluzente, e Harry percebeu que ele se encontrava ali para proteger os acusadores do desespero que emanava dos Dementors: isso era para os acusados sentirem, não os acusadores.

— Sente-se — disse Umbridge na sua voz suave e sedosa.

Mrs. Cattermole dirigiu-se aos tropeções para a cadeira existente no meio da sala, abaixo do estrado. Assim que se sentou, saltaram dos braços da cadeira correntes que a amarraram a ela.

— É Mary Elizabeth Cattermole? — perguntou Umbridge.

Mrs. Cattermole fez um aceno trémulo.

— Casada com Reginald Cattermole, do Departamento de Manutenção Mágica?

Mrs. Cattermole rompeu em lágrimas.

— Não sei onde ele está, ficou de vir ter aqui comigo!

Umbridge ignorou-a.

— Mãe de Maisie, Ellie e Alfred Cattermole?

Mrs. Cattermole soluçou com mais força.

— Eles estão com medo, pensam que eu posso não regressar a casa...

— Poupe-nos — cuspiu Yaxley. — Os fedelhos de Sangues de Lama não nos inspiram simpatia.

Os soluços de Mrs. Cattermole disfarçaram os passos de Harry, que se dirigia cautelosamente para os degraus de acesso ao estrado. No momento em que passou o local patrulhado pelo gato Patronus sentiu a mudança de temperatura: ali estava quente e confortável. O Patronus, tinha a certeza, era

de Umbridge, e brilhava fortemente porque ela se sentia imensamente feliz ali, no seu elemento, aplicando as torpes leis que ajudara a redigir. Lenta e muito cautelosamente, avançou pelo estrado, por trás de Umbridge, Yaxley e Hermione, e ocupou um lugar atrás desta. Receava que a amiga se sobressaltasse. Pensou em lançar um encantamento Muffliato sobre Umbridge e Yaxley, mas mesmo murmurar a palavra poderia alarmar Hermione. Depois Umbridge ergueu a voz para se dirigir a Mrs. Cattermole e Harry aproveitou a oportunidade.

— Estou atrás de ti — segredou ele ao ouvido de Hermione.

Tal como previra, ela deu um salto tão grande que quase derrubou o frasco de tinta com que deveria estar a registar a entrevista, mas tanto Umbridge como Yaxley se achavam concentrados em Mrs. Cattermole e aquilo passou despercebido.

— Foi-lhe apreendida hoje uma varinha, à sua chegada ao Ministério, Mrs. Cattermole — dizia Umbridge. — Vinte e dois centímetros, cerejeira, núcleo de pêlo de unicórnio. Reconhece a descrição?

Mrs. Cattermole acenou afirmativamente, enxugando os olhos à manga.

— Pode fazer o favor de nos dizer a que feiticeiro ou feiticeira tirou essa varinha?

— T-tirei? — soluçou Mrs. Cattermole. — Eu não a ... tirei a ninguém. Eu c-comprei-a quando tinha onze anos. Ela ... ela... ela ... *escolheu-me*.

Chorava ainda mais fortemente.

Umbridge soltou uma gargalhada suave, juvenil, que provocou em Harry o desejo de a atacar. Inclinou-se sobre a balaustrada para melhor observar a sua vítima, e algo dourado oscilou também para diante, ficando pendente no vazio: o medalhão.

Hermione vira-o e soltou um leve grito, mas Umbridge e Yaxley, ainda absortos na sua presa, estavam surdos a todo o resto.

— Não — proferiu Umbridge —, não, não creio, Mrs. Cattermole. As varinhas só escolhem feiticeiros ou feiticeiras. A senhora não é feiticeira. Tenho aqui as suas respostas ao questionário que lhe foi enviado... Mafalda, passe-mo.

Umbridge estendeu a mão pequena: nesse momento assemelhava-se tanto a um sapo que Harry ficou admirado por não ver membranas entre os dedos rechonchudos. As mãos de Hermione tremiam de choque. Vasculhou numa pilha de documentos equilibrados na cadeira a seu lado e, por fim, extraiu um pedaço de pergaminho com o nome de Mrs. Cattermole.

— Que... bonito... que isso é, Dolores — elogiou ela, apontando para o pendente que reluzia entre os folhos da blusa de Umbridge.

— O quê? — perguntou asperamente Umbridge, olhando para baixo. — Ah sim ... uma velha herança de família — disse ela, dando uma palmadinha no medalhão pousado no amplo peito. — O «S» é de Selwyn... sou parente dos Selwyns... de facto, há poucas famílias de puros-sangues com que eu não seja aparentada... é uma pena — prosseguiu ela, em voz mais alta, folheando o

questionário de Mrs. Cattermole — que não possa dizer-se o mesmo de si. Profissão dos pais: vendedores de hortaliças.

Yaxley ria-se jocosamente. Mais em baixo, o gato de farta pelagem prateada patrulhava de um lado para o outro, e os Dementors aguardavam aos cantos.

Foi a mentira de Umbridge que fez o sangue subir à cabeça de Harry, anulando o seu sentido de prudência, o facto de o medalhão, que ela recebera como suborno de um criminoso insignificante, estar a ser usado para apoiar as suas próprias credenciais de puro-sangue. Levantou a varinha, sem se preocupar sequer em a manter oculta sob o Manto da Invisibilidade, e exclamou: *Atordoar!*

Houve um relâmpago de luz vermelha. Umbridge tombou e foi bater com a testa na berma da balaustrada; os documentos de Mrs. Cattermole deslizaram-lhe do colo para o chão e, lá em baixo, o gato prateado evaporou-se. O ar gélido atingiu-os como um vento súbito. Yaxley, confuso, olhou em volta à procura da origem dos distúrbios e viu a mão de Harry, desencarnada, a apontar-lhe uma varinha. Tentou pegar na sua própria varinha, mas era demasiado tarde.

— *Atordoar!*

Yaxley deslizou para o solo e ficou ali todo enrolado.

— Harry!

— Hermione, se julgas que eu ia ficar aqui sentado a deixá-la fingir ...

— Harry, Mrs. Cattermole!

Harry deu meia volta, libertando-se simultaneamente do Manto da Invisibilidade. Ao fundo, os Dementors tinham saído dos seus cantos e vinham a deslizar em direcção à mulher acorrentada à cadeira; ou porque o Patronus desaparecera, ou porque sentiam que os seus senhores já não controlavam a situação, pareciam ter deixado de se coibir. Mrs. Cattermole soltou um terrível grito de pavor quando uma mão viscosa lhe agarrou no queixo, empurrando-lhe a cabeça para trás.

— *EXPECTO PATRONUM!*

O veado prateado voou da ponta da varinha de Harry e saltou na direcção dos Dementors, que recuaram e voltaram a fundir-se com as sombras negras. A luz do veado, mais poderosa e mais quente que a protecção do gato, encheu a masmorra inteira enquanto ele trotava em redor da sala.

— Agarra o Horcrux — disse Harry a Hermione.

Desceu os degraus a correr, enfiando novamente o Manto da Invisibilidade no saco, e aproximou-se de Mrs. Cattermole.

— Você? — balbuciou ela, fitando-o fixamente. — Mas... mas o Reg disse que foi você quem indicou o meu nome para interrogatório!

— Fui? — murmurou Harry, puxando com força as correntes que lhe amarravam os braços. — Bem, mudei de opinião. *Diffindo!* — Não aconteceu nada. — Hermione, como é que me livro destas correntes?

— Espera, estou a tentar fazer uma coisa aqui em cima...

— Hermione, estamos rodeados de Dementors!

— Eu sei, Harry, mas se ela acorda e vê que o medalhão desapareceu... tenho de o duplicar... *Geminio!* Pronto ... isto deve enganá-la...

Hermione aproximou-se a correr.

— Vejamos... *Relashio!*

As correntes estalaram e recolheram para os braços da cadeira. Mrs. Cattermole parecia tão assustada como antes.

— Não compreendo — balbuciou ela.

— A senhora vai sair daqui conosco — disse Harry, ajudando-a a pôr-se de pé. — Vá para casa, pegue nos seus filhos e ponha-se a andar, ponha-se a andar do país se preciso for. Disfarcem-se e apressem-se. Já viu como é, por aqui não terá nada que se assemelhe a um julgamento justo.

— Harry — interrompeu Hermione — como é que vamos sair daqui com todos aqueles Dementors do lado de lá da porta?

— Com os Patronus — respondeu Harry, apontando a varinha ao seu. O veado abrandou e começou a caminhar em direcção à porta, ainda a brilhar vivamente. — O maior número que conseguirmos arranjar; invoca o teu, Hermione.

— *Expec-expecto patronum* — disse Hermione. Não aconteceu nada.

— É o único encantamento em que ela sempre teve dificuldade — explicou Harry a Mrs. Cattermole, agora totalmente perplexa. — É realmente uma pena... vá lá, Hermione...

— *Expecto patronum!*

Uma lontra prateada irrompeu da extremidade da varinha de Hermione e flutuou graciosamente pelo ar, juntando-se ao veado.

— ‘bora — incitou Harry, conduzindo Hermione e Mrs. Cattermole para a porta.

Quando os Patronus deslizaram para o exterior da masmorra, ouviram-se gritos de choque das pessoas que aguardavam lá fora. Harry olhou em volta: de ambos os lados, os Dementors recuavam, fundindo-se na escuridão, dispersando diante das criaturas prateadas.

— Foi decidido que devem todos regressar a casa e procurar onde se esconder com as vossas famílias — disse Harry para os feiticeiros de origem Muggle que ali esperavam, agora ofuscados pela luz dos Patronus e ainda ligeiramente encolhidos. — Se puderem, vão para o estrangeiro. Mas ponham-se a milhas do Ministério. É esta a ...hã ...a nova posição oficial. Agora, se seguirem os Patronus, poderão sair pelo Átrio.

Conseguiram subir a escada de pedra sem serem interrompidos, mas, ao aproximarem-se dos elevadores, Harry começou a sentir uma certa apreensão. Se surgissem no Átrio com um veado prateado, acompanhado de uma lontra que planava a seu lado, e umas vinte pessoas, metade das quais acusadas de terem origem Muggle, não podia deixar de sentir que atrairiam atenções indesejadas. Acabara de chegar a essa desagradável conclusão quando o elevador se deteve em frente deles.

— Reg! — gritou Mrs. Cattermole, atirando-se para os braços de Ron. — O Runcorn libertou-me, atacou a Umbridge e o Yaxley, e disse-nos a todos para sairmos do país, e eu acho melhor obedecer, Reg, acho mesmo. Vamos voltar depressa para casa, apanhar as crianças e... por que é que estás encharcado?

— Água — murmurou Ron, desembaraçando-se dela. — Harry, eles sabem que há intrusos no interior do Ministério, qualquer coisa a respeito de um buraco na porta da Umbridge, calculo que tenhamos uns cinco minutos no máx...

O Patronus de Hermione evaporou-se com um estalido e ela virou para Harry um rosto atterrado.

— Harry, se ficamos encurralados aqui...!

— Não ficamos, se nos mexermos — respondeu Harry. Dirigiu-se ao grupo silencioso que o seguia e que o fitava aturdido.

— Quem tem varinhas?

Cerca de metade levantou a mão.

— OK, todos os que não têm varinha precisam de se juntar a alguém que tenha. Precisamos de ser rápidos... antes que eles nos detenham. Vamos lá.

Conseguiram encaixar-se em dois elevadores. O Patronus de Harry ficou de sentinela diante das grades enquanto elas se fechavam e os elevadores começavam a subir.

— Nível Oito — disse a voz imperturbável da feiticeira —, Átrio.

Harry percebeu imediatamente que iam ter problemas. O Átrio achava-se cheio de gente que se deslocava de uma lareira para outra, selando-as.

— Harry! — guinchou Hermione. — O que é que nós vamos...?

— ALTO! — trovejou Harry, e a voz potente de Runcorn ecoou pelo Átrio. Os feiticeiros que estavam a selar as lareiras estacaram. — Sigam-me — murmurou ele para o grupo de aterrados feiticeiros, que avançou num todo, conduzido por Ron e Hermione.

— O que há, Albert? — indagou o mesmo feiticeiro careca que anteriormente seguira Harry à saída da lareira. Parecia nervoso.

— Este grupo precisa de partir antes de selarem as saídas — respondeu Harry, com toda a autoridade de que foi capaz.

O bando de feiticeiros à sua frente entreolhou-se.

— Disseram-nos para selar todas as saídas e não deixar ninguém...

— *Estás a contradizer-me?* — vociferou Harry. — Queres que mande examinar a tua árvore genealógica, como fiz com a do Dick Cresswell?

— Desculpa! — ofegou o feiticeiro careca, recuando. — Não era minha intenção, Albert, mas pensava ... pensava que eles cá estavam para serem interrogados e...

— O sangue deles é puro — declarou Harry, e a sua voz grave ecoou impressionante pelo *hall*. — Mais puro do que o de muitos vós, diria eu. Toca a andar — trovejou ele para os feiticeiros de origem Muggle, que correram para as lareiras e começaram a desaparecer aos pares. Os feiticeiros do ministério mantiveram-se afastados, alguns com ar perplexo, outros receosos

e indignados. Então ...

— Mary!

Mrs. Cattermole olhou por cima do ombro. O verdadeiro Reg Cattermole, já sem vômitos mas ainda pálido e abatido, acabara de sair a correr de um elevador.

— R-Reg?

Ela olhou do marido para Ron, que praguejou de forma audível.

O feiticeiro careca ficou boquiaberto, virando ridiculamente a cabeça de um Reg Cattermole para o outro.

— Hei... o que se passa? O que é isto?

— Selem a saída! SELEM!

Yaxley irrompera de outro elevador e corria para o grupo junto das lareiras pelas quais todos os feiticeiros de origem Muggle, excepto Mrs. Cattermole, haviam já desaparecido. Quando o feiticeiro careca levantou a varinha, Harry ergueu um punho enorme e deu-lhe um murro que o fez voar pelo ar.

— Ele tem estado a ajudar gente daquela a escapar, Yaxley! — gritou Harry.

Os colegas do feiticeiro careca provocaram um tumulto, ao abrigo do qual Ron agarrou Mrs. Cattermole, puxou-a para a lareira ainda aberta e desapareceu. Confuso, Yaxley olhou de Harry para o feiticeiro esmurrado, enquanto o verdadeiro Reg Cattermole gritava: — A minha mulher! Quem era aquele com a minha mulher? O que é que se passa?

Harry viu Yaxley virar a cabeça, um vislumbre da verdade a assomar ao seu rosto embrutecido.

— Anda! — gritou ele para Hermione. Deu-lhe a mão e saltaram juntos para a lareira no instante em que a maldição de Yaxley passava por cima da cabeça de Harry. Giraram durante alguns segundos antes de irromperem de uma sanita para um cubículo. Harry escancarou a porta e avistou Ron, junto aos lavatórios, ainda a debater-se com Mrs. Cattermole.

— Reg, não compreendo...

— Largue-me, eu não sou o seu marido, a senhora tem de ir para casa!

Ouviu-se um ruído no cubículo atrás deles. Harry olhou em volta; Yaxley acabava de surgir.

— VAMOS! — gritou Harry. Agarrou na mão de Hermione e no braço de Ron e Desapareceu no mesmo instante.

As trevas envolveram-nos juntamente com a sensação de faixas a apertá-los, mas havia algo errado ... a mão de Hermione parecia estar a deslizar da sua...

Perguntou-se se iria sufocar, não conseguia respirar nem ver, e as únicas coisas sólidas no mundo eram o braço de Ron e os dedos de Hermione que se lhe escapavam lentamente...

E, então, avistou a porta do número doze de Grimmauld Place, com o seu batente em forma de serpente, mas, antes de conseguir respirar fundo, houve um grito e um relâmpago de luz roxa; de súbito, a mão de Hermione apertou a

sua como um torno e tudo ficou novamente negro.

XIV

O LADRÃO

Harry abriu os olhos e uma tonalidade de um dourado esverdeado ofuscou-o; não fazia a menor ideia do que acontecera, sabia apenas que estava estendido em cima de folhas e galhos, ou assim lhe parecia. Esforçando-se por encher de ar os pulmões, que dir-se-ia terem sido achatados, pestanejou e percebeu que o clarão brilhante era o sol filtrado por um dossel de folhas muito acima dele. Depois um objecto mexeu-se junto à sua cara. Pôs-se de gatas, pronto a enfrentar alguma criaturinha feroz, mas viu que o objecto era o pé de Ron. Olhando em redor, constatou que tanto eles como Hermione se encontravam estendidos no solo de uma floresta, aparentemente sozinhos.

O primeiro pensamento que lhe ocorreu foi a Floresta Proibida, e por instantes, apesar de saber como seria idiota e perigoso para eles andarem nos terrenos de Hogwarts, o seu coração deu um salto à ideia de se esgueirarem por entre as árvores até à cabana de Hagrid. Contudo, nos poucos momentos que decorreram até Ron soltar um gemido surdo e Harry começar a rastejar em direcção a ele, compreendeu que aquilo não era a Floresta Proibida: as árvores pareciam mais novas, estavam mais espaçadas, o solo mais limpo.

Deparou-se com Hermione, também de gatas, junto à cabeça de Ron. Assim que pousou os olhos nele, todas as outras preocupações se desvaneceram da sua mente, pois Ron tinha todo o lado esquerdo encharcado em sangue e o seu rosto destacava-se, de um branco acinzentado, contra a terra juncada de folhas. O efeito da Poção Polissuco começara a desaparecer: Ron achava-se a meio caminho entre a aparência de Cattermole e a dele próprio, com o cabelo a ficar cada vez mais ruivo, enquanto se esvaía da cara a pouca cor que lhe restava.

— O que é que lhe aconteceu?

— Foi Dividido — disse Hermione, os dedos atarefando-se já na manga de Ron, onde o sangue estava mais espesso e mais escuro.

Horrorizado, Harry observou-a a rasgar a camisa de Ron. Sempre pensara na Divisão como algo de cómico, mas aquilo... Sentiu um desagradável aperto nas entranhas vendo Hermione deixar a nu o braço de Ron, a que faltava um

grande pedaço de carne, cortado com a precisão de uma faca.

— Harry, depressa, na minha mala está um pequeno frasco com o rótulo *Essência de Ditaína...*

— Na mala... certo...

Dirigiu-se rapidamente para o sítio onde Hermione aterrara, pegou na minúscula mala enfeitada com missangas e enfiou a mão lá dentro. Apalpando rapidamente objecto atrás de objecto, sentiu as lombadas de pele de livros, mangas de camisolas de lã, tacões de sapatos...

— *Depressa!*

Harry apanhou a sua varinha do chão e apontou-a para as profundezas da mala mágica.

— *Accio ditaína!*

Saltou da mala um pequeno frasco castanho; apanhou-o e apressou-se a voltar para junto de Hermione e Ron, que tinha agora os olhos semicerrados, deixando apenas antever laivos esbranquiçados do globo ocular por entre as palpebras.

— Desmaiou — constatou Hermione, ela própria bastante pálida. Já não estava igual a Mafalda, embora o cabelo continuasse grisalho em certos pontos. — Abre-o, Harry, tenho as mãos a tremer.

Harry tirou a tampa do pequeno frasco, e Hermione pegou-lhe e deitou três gotas da poção na ferida que sangrava. Elevou-se um fumo esverdeado e, quando este se dissipou, Harry viu que a hemorragia estancara. A ferida parecia agora ter já vários dias; surgira pele nova sobre o que ainda há pouco era uma ferida aberta.

— Uau — exclamou Harry.

— Não me sinto à vontade para fazer mais nada — declarou Hermione, abalada. — Há encantamentos que o poriam completamente bom, mas não me atrevo a tentar, não vá executá-los mal e provocar ainda mais danos... ele já perdeu tanto sangue...

— Como é que ele se feriu? Quer dizer — Harry abanou a cabeça, esforçando-se por desanuviar as ideias compreender o que acabara de acontecer —, por que estamos nós aqui? Pensava que íamos voltar para Grimmauld Place?

Hermione respirou fundo. Parecia próxima das lágrimas.

— Harry, não creio que possamos voltar para lá.

— O que...

— Quando íamos a Desaparecer, o Yaxley apanhou-me e eu não fui capaz de me libertar dele, é demasiado forte, e continuava agarrado a mim quando chegámos a Grimmauld Place, e depois... bom, acho que ele deve ter visto a porta e pensado que nós íamos parar ali, porque abrandou um pouco a força e eu consegui sacudi-lo e trouxe-nos antes para aqui!

— Mas então, onde é que ele está? Espera aí... não queres dizer que ele está em Grimmauld Place? Ele não pode lá entrar!

Hermione acenou afirmativamente e os seus olhos encheram-se de

lágrimas.

— Harry, eu penso que pode. Eu... eu obriguei-o a largar-me com um Feitiço de Revulsão, mas já o tinha levado para o interior da protecção do Encantamento Fidelius. Desde que o Dumbledore morreu, nós somos Guardadores Secretos, por isso revelei-lhe o segredo, não foi?

Não valia a pena iludirem-se: Harry estava certo de que ela tinha razão. Era um duro golpe. Se Yaxley conseguia agora entrar na casa, não havia maneira de eles poderem regressar. Nesse mesmo instante podia estar a levar para lá Devoradores da Morte por meio de Aparição. Apesar de sombria e opressiva, a casa fora o seu único refúgio seguro e, agora que Kreacher andava muito mais feliz e amistoso, transformara-se até numa espécie de lar. Com uma pontada de pena que não tinha nada a ver com comida, Harry imaginou o elfo doméstico atarefado a preparar a empada de rim que Harry, Ron e Hermione nunca comeriam.

— Harry, lamento muito, lamento tanto!

— Não sejas parva, não tiveste culpa! Se alguém teve, fui eu...

Meteu a mão no bolso e tirou o olho de Moody Olho-Louco. Hermione encolheu-se, com ar horrorizado.

— A Umbridge tinha-o pregado na porta do seu gabinete, para espiar as pessoas. Eu não podia deixá-lo lá... mas foi assim que eles souberam que havia intrusos.

Antes de Hermione poder responder, Ron gemeu e abriu os olhos. O seu rosto continuava exangue e reluzia de suor.

— Como te sentes? — murmurou Hermione.

— Péssimo — grasnou Ron, estremeendo ao levar a mão ao braço. — Onde é que nós estamos?

— Na floresta onde se disputou a Taça Mundial de Quidditch — respondeu Hermione. — Eu queria um local resguardado, secreto, e este foi...

— ... o primeiro sítio que te ocorreu — concluiu Harry por ela, relanceando um olhar em volta da clareira aparentemente deserta. Não pôde deixar de se lembrar do que acontecera da última vez que tinham Aparecido no primeiro sítio que ocorrera a Hermione e de como os Devoradores da Morte os tinham encontrado em poucos minutos. Teria sido Legilimancia? Saberiam Voldemort ou os seus capangas, naquele momento, para onde Hermione os levava?

— Achas que devíamos pôr-nos a andar daqui para fora? — perguntou Ron a Harry, e este percebeu, pela expressão do amigo, que ele estava a pensar o mesmo.

— Não sei.

Ron continuava pálido e transpirado. Não fizera qualquer tentativa para se sentar e o seu aspecto era de quem está demasiado fraco para tal. A ideia de o mover era assustadora.

— Por agora vamos ficar aqui — decidiu Harry.

Parecendo aliviada, Hermione ergueu-se de um salto.

— Onde é que vais? — indagou Ron.

— Se vamos ficar, temos de colocar alguns encantamentos de protecção em redor deste sítio — respondeu ela e, erguendo a varinha, começou a andar, descrevendo um amplo círculo em volta de Harry e Ron, sempre a murmurar encantamentos. Harry detectou pequenas alterações no ar que os rodeava: era como se Hermione tivesse feito cair uma névoa de calor sobre a clareira.

— *Salvio hexia ... Protego totalum ... Repello Muggletum ... Muffliato ...* Podias ir tirando a tenda, Harry...

— A tenda?

— Da mala!

— Da... claro — concordou Harry.

Desta vez não se deu ao trabalho de tentar no seu interior e usou outro Encantamento de Convocação. A tenda emergiu numa amálgama irregular de lona, cordas e estacas. Harry reconheceu-a, em parte devido ao cheiro a gatos, como a mesma tenda em que tinham dormido na noite da Taça Mundial de Quidditch.

— Julgava que isto pertencia àquele tipo do Ministério, o Perkins? — comentou ele, começando a desenredar as estacas da tenda.

— Parece que ele não a quis de volta, piorou imenso do lumbago — respondeu Hermione, que executava agora complicados movimentos em forma de oito com a sua varinha —, portanto o pai do Ron disse que eu a podia trazer. *Erecto!* — acrescentou, apontando a varinha à lona disforme; com um único movimento fluido, esta ergueu-se no ar e pousou, completamente armada, no solo diante de Harry que, surpreendido, viu uma estaca saltar-lhe das mãos e ir cravar-se, com um baque final, na extremidade de uma corda de sustentação.

— *Cave Inimicum* — concluiu Hermione com um floreado em direcção ao céu. — É tudo o que consigo fazer. Na pior das hipóteses, saberemos que eles se aproximam, não posso garantir que detenham o Vol...

— Não pronuncies o nome! — interrompeu-a Ron, em voz áspera.

Harry e Hermione entreolharam-se.

— Desculpem — pediu Ron, gemendo um pouco ao erguer-se para olhar para eles —, mas soa-me a... a uma maldição, ou coisa assim. Não podemos chamar-lhe Quem-Nós-Sabemos... por favor?

— O Dumbledore dizia que ter medo de um nome... — principiou Harry.

— Caso não tenhas reparado, meu, tratar o Quem-Nós-Sabemos pelo nome acabou por não servir de muito ao Dumbledore — retorquiu Ron em tom agreste. — Mostrem algum... respeito pelo Quem-Nós-Sabemos, está bem?

— *Respeito?* — repetiu Harry, mas Hermione lançou-lhe um olhar de aviso; aparentemente ele não devia discutir com Ron enquanto este se encontrasse tão debilitado.

Harry e Hermione semitransportaram, semi-arrastaram Ron pela entrada da tenda. O interior era exactamente como Harry recordava: um pequeno apartamento completo, com casa de banho e uma cozinha minúscula. Afastou

um velho cadeirão e pôs cuidadosamente Ron na cama de baixo de um beliche. Até aquela pequena deslocação deixara o amigo ainda mais lívido, e uma vez instalado no colchão, fechou de novo os olhos e não falou durante um bocado.

— Vou fazer chá — declarou Hermione, ofegante, tirando a chaleira e as canecas das profundezas da mala e dirigindo-se à cozinha.

Harry achou a bebida quente tão reconfortante como o fora o Uísque de Fogo na noite em que Olho-Louco morreria; o seu calor parecia queimar um pouco o medo que se agitava no seu peito. Após um ou dois minutos, Ron rompeu o silêncio.

— O que acham que aconteceu aos Cattermole?

— Com sorte, terão escapado — disse Hermione, apertando a caneca quente para se confortar. — Desde que Mr. Cattermole tenha conservado a presença de espírito, terá transportado Mrs. Cattermole por meio de Aparição Acompanhada e estarão agora a abandonar o país com os filhos. Foi o que o Harry lhe disse para fazerem.

— Caramba, espero que se tenham safado — murmurou Ron, recostando-se na almofada. O chá parecia estar a fazer-lhe bem; recuperara mesmo um pouco de cor. — No entanto, não tive a sensação de que o Reg Cattermole fosse assim tão vivo, pela forma como todos me falavam quando eu estava a passar por ele. Céus, espero que consigam... se ambos acabarem em Azkaban por nossa causa...

Harry virou-se para Hermione e a pergunta que lhe subira aos lábios — se o facto de Mrs. Cattermole não ter varinha a impediria de Aparecer ao lado do marido — morreu-lhe na garganta. Hermione observava Ron enquanto este se preocupava com o destino dos Cattermole, e havia na sua expressão tanta ternura que Harry quase se sentiu como se a tivesse surpreendido a beijá-lo.

— E então, tem-lo? — perguntou Harry, em parte para lhe recordar que estava ali.

— Tenho... tenho o quê? — indagou Hermione com um leve sobressalto.

— Por que é que nós passámos por tudo isto? O medalhão! Onde está o medalhão?

— *Vocês têm-no?* — gritou Ron, erguendo-se um pouco mais nas almofadas. — Ninguém me diz nada! Caramba, podiam ter mencionado o facto!

— Bem, andámos a fugir aos Devoradores da Morte para salvar a vida, não foi? — comentou Hermione. — Está aqui.

E tirando o medalhão do bolso do manto, estendeu-o a Ron.

Era do tamanho de um ovo de galinha. Um «S» floreado, com numerosas pequenas pedras verdes incrustadas, cintilava debilmente à luz difusa que entrava através do tecto de lona da tenda.

— Não há a possibilidade de alguém o ter destruído desde que estive na posse do Kreacher? — sugeriu Ron, esperançado. — Quer dizer, temos a certeza de que ainda é um Horcrux?

— Penso que sim — respondeu Hermione, voltando a pegar-lhe e examinando-o atentamente. — Haveria vestígios de estragos se tivesse sido destruído por meio de magia.

Passou-o a Harry, que o revirou entre os dedos. Aquilo parecia perfeito, intacto. Recordou os restos lacerados do diário e a forma como a pedra do anel-Horcrux rachara quando Dumbledore o destruíra.

— Acho que o Kreacher tem razão — disse ele. — Vamos ter de descobrir maneira de abrir esta coisa para a podermos destruir.

Enquanto falava, a consciência do que tinha na mão, do que vivia por detrás das pequenas portas douradas, atingiu-o de súbito. Apesar de todos os esforços que tinham feito para o encontrar, sentiu um violento impulso de atirar o medalhão para longe de si. Dominando-se, tentou abri-lo com os dedos, e depois experimentou o encantamento que Hermione usara para abrir a porta do quarto de Regulus. Nada resultou. Voltou a entregar o medalhão a Ron e a Hermione, e ambos deram o seu melhor, mas não tiveram mais êxito que ele.

— Mas sentes, não? — perguntou Ron em voz abafada, com o medalhão bem apertado no punho cerrado.

— O quê?

Ron passou o Horcrux a Harry. Após alguns instantes, Harry julgou saber ao que o amigo se referia. Seria o seu próprio sangue a pulsar-lhe nas veias que ele sentia, ou era algo a bater no interior do medalhão, como um minúsculo coração de metal?

— O que é que vamos fazer com ele? — indagou Hermione.

— Guardá-lo bem até descobirmos como se destrói — replicou Harry e, embora sem a mínima vontade, pendurou a corrente ao pescoço e ocultou o medalhão sob o manto, onde ele ficou encostado ao seu peito, junto à bolsa que Hagrid lhe dera.

— Acho que devemos fazer turnos a vigiar o exterior da tenda — prosseguiu ele para Hermione, levantando-se e espreguiçando-se. — E também temos de pensar em arranjar alguma comida. Tu ficas quieto — acrescentou veementemente vendo Ron tentar sentar-se e adquirir um horroroso tom esverdeado.

Com o Avisoscópio que Hermione oferecera a Harry pelos anos cuidadosamente pousado em cima da mesa da tenda, Harry e Hermione passaram o resto do dia a revezar-se como vigias. Contudo, o Avisoscópio manteve-se silencioso e imóvel no seu lugar durante todo o dia e, ou devido aos encantamentos protectores e para repelir Muggles que Hermione espalhara em volta deles, ou pelo facto de as pessoas raramente se aventurarem por aquelas bandas, a sua zona da floresta permaneceu deserta, exceptuando alguns ocasionais pássaros e esquilos. A noite não trouxe alterações; às dez horas, Harry iluminou a sua varinha e trocou de lugar com Hermione, ficando a contemplar uma cena deserta e a observar os morcegos, que esvoaçavam lá muito no alto, através da pequena faixa de céu estrelado

visível da clareira protegida.

Estava agora faminto, e um pouco zonzinho. Hermione não metera na mala mágica nenhum alimento, presumindo que regressariam a Grimmauld Place nessa noite, pelo que não tinham nada para comer, excepto cogumelos silvestres que ela colhera entre as árvores mais próximas e estufara numa panela de campismo. Após duas ou três garfadas, Ron afastara a sua porção com ar nauseado, e Harry só não tinha feito o mesmo para não magoar Hermione.

O silêncio que os rodeava era quebrado por estranhos roçagares e o que lhe pareciam ramos a estalar: Harry pensava que eram provocados por animais e não por pessoas, contudo manteve a varinha bem segura e a postos. As suas entranhas, já insatisfeitas devido à dose insuficiente de cogumelos emborrachados, ardiam de apreensão.

Pensara que se sentiria exultante se conseguissem recuperar o Horcrux, mas isso não acontecera; ali sentado, perscrutando a escuridão parcialmente iluminada pela varinha, sentia apenas preocupação acerca do que aconteceria a seguir. Era como se andasse a correr em direcção àquele ponto havia semanas, meses, talvez até anos, e agora se tivesse detido abruptamente por se lhe ter acabado a estrada.

Havia outros Horcruxes algures, mas ele não fazia a menor ideia de onde poderiam estar. Nem sequer conhecia a sua natureza. Entretanto, ignorava completamente como destruir o único que tinham encontrado, o Horcrux agora encostado à pele nua do seu peito. Curiosamente, não absorvera o calor do corpo, mantendo-se tão frio como se tivesse acabado de sair de água gelada. De vez em quando, Harry pensava sentir o débil pulsar do coração a bater irregularmente junto ao seu. Ou talvez fosse imaginação.

Ali sentado no escuro, assaltaram-no vagos pressentimentos a que ele tentou resistir, mas eles regressavam, inexoráveis. *Nenhum pode viver enquanto o outro sobreviver.* Ron e Hermione, que conversavam agora em voz baixa atrás dele, na tenda, podiam ir-se embora se quisessem: ele não. E pareceu a Harry, ali sentado a tentar dominar o seu próprio medo e exaustão, que o Horcrux pousado no seu peito marcava o tempo que lhe restava ... *Que ideia estúpida,* disse ele para consigo, *não penses isso...*

A cicatriz começara de novo a picar-lhe. Receou estar a provocar aquilo devido aos seus pensamentos, e tentou dirigi-los para outro canal. Pensou no pobre Kreacher, que os esperava em casa e recebera antes Yaxley. O elfo conservar-se-ia calado ou contaria ao Devorador da Morte tudo o que sabia? Harry desejava acreditar que Kreacher mudara em relação a si durante o último mês, que lhe seria agora leal, mas sabia-se lá o que aconteceria? E se os Devoradores da Morte torturassem o elfo? Imagens mórbidas invadiram a mente de Harry e ele tentou afastá-las igualmente, pois não podia fazer nada por Kreacher: ele e Hermione já haviam decidido não tentar convocá-lo; e se viesse também alguém do Ministério? Não podia contar que a Aparição dos elfos estivesse isenta da falha que levava Yaxley até Grimmauld Place,

agarrado à bainha da manga de Hermione.

A cicatriz ardia-lhe agora. Pensou que havia tanto que eles não sabiam: Lupin tinha razão quanto à existência de magia com que eles nunca se tinham deparado, nem imaginado. Por que não se explicara Dumbledore melhor? Teria pensado que havia tempo, que viveria muitos anos, séculos, talvez, como o seu amigo Nicolas Flamel? Se assim fora, enganara-se... Snape encarregara-se disso... Snape, a serpente adormecida, que atacara no cimo da Torre...

E Dumbledore caíra... caíra...

— *«Entrega-ma, Gregorovitch.»*

A voz de Harry era aguda, clara e fria: a varinha estendia-se à sua frente, empunhada por uma mão branca, de dedos longos. O homem a quem a apontava achava-se suspenso no ar, de cabeça para baixo, embora não houvesse qualquer corda a sustê-lo; estava ali a oscilar, invisível e misteriosamente amarrado, os membros atados em volta do corpo, a cara aterrada ao nível da de Harry, e congestionada devido ao fluxo de sangue à cabeça. Tinha o cabelo de um branco alvo e barba farta e cerrada: um Pai Natal enfeixado.

— Não a tenho, já não a tenho! Foi-me roubada há muitos anos!

— Não mintas a Lord Voldemort, Gregorovitch. Ele sabe... ele sabe sempre.

As pupilas do homem suspenso estavam enormes, dilatadas pelo medo, e pareceram aumentar cada vez mais até o seu negrume envolver completamente Harry...

E agora Harry percorria apressado um corredor sombrio no rasto do pequeno e robusto Gregorovitch, que erguia uma lanterna; Gregorovitch irrompeu pela sala na extremidade do corredor e a sua lanterna iluminou aquilo que parecia uma oficina; aparas de madeira e ouro brilhavam na mancha de claridade oscilante, e no parapeito da janela estava empoleirado, qual pássaro gigante, um jovem de cabelo dourado. Na fracção de segundo em que a luz da lanterna o iluminou, Harry viu-lhe a satisfação impressa no rosto atraente, depois o intruso lançou um Feitiço de Atordoar da sua varinha e saltou agilmente para trás, para o lado de fora da janela, com uma gargalhada exultante.

E Harry projectava-se para fora daquelas pupilas enormes, semelhantes a um túnel, e o rosto de Gregorovitch estava paralisado de pavor.

— *Quem era o ladrão, Gregorovitch?* — indagou a aguda voz gelada.

— *Não sei, nunca soube, um jovem... não... por favor... POR FAVOR!*

Um grito que se prolongou interminavelmente e depois um clarão de luz verde...

— *Harry!*

Abriu os olhos, ofegante, as fontes a latejar. Desmaiara contra o lado da tenda, deslizara pela lona e achava-se estatelado no solo. Ergueu os olhos para Hermione, cuja farta cabeleira obscurecia o minúsculo pedaço de céu visível

através dos ramos negros, lá muito em cima.

— Foi um sonho — disse ele, sentando-se rapidamente e tentando enfrentar o olhar de Hermione com ar inocente. — Devo ter dormitado, desculpa.

— Eu sei que foi a tua cicatriz! Percebe-se pela expressão da tua cara! Estavas a ler a mente do Vol...

— Não lhe pronuncies o nome! — veio a voz irritada de Ron das profundezas da tenda.

— *Está bem* — retorquiu Hermione. — A mente do Quem-Nós-Sabemos, então!

— Eu não quis que acontecesse! — defendeu-se Harry. — Foi um sonho! *Tu* consegues controlar aquilo com que sonhas, Hermione?

— Se aprendesses a usar Oclumancia...

Mas Harry não estava disposto a levar um sermão; queria discutir aquilo que acabara de ver.

— Ele encontrou o Gregorovitch, Hermione, e penso que o matou, mas antes disso leu-lhe a mente e eu vi...

— Acho melhor ficar eu de vigia, se estás tão cansado que até adormeces — declarou Hermione em tom frio.

— Eu termino o turno!

— Não, é óbvio que estás exausto. Vai-te deitar.

Sentou-se à entrada da tenda, com uma expressão obstinada. Irritado, mas desejoso de evitar discussões, Harry foi para dentro.

O rosto ainda pálido de Ron espreitava do beliche inferior; Harry trepou para o de cima, deitou-se e fitou o tecto de lona escura. Após alguns instantes, Ron falou em voz tão baixa que não seria audível por Hermione, agachada à entrada.

— O que anda o Quem-Nós-Sabemos a fazer?

Harry apertou os olhos num esforço para recordar todos os pormenores e depois sussurrou para a escuridão.

— Encontrou o Gregorovitch. Tinha-o amarrado, estava a torturá-lo.

— Como é que o Gregorovitch lhe pode fazer uma varinha nova se está amarrado?

— Não sei... é esquisito, não é?

Harry cerrou os olhos, ponderando tudo o que vira e ouvira. Quanto mais recordava, menos sentido fazia... Voldemort não dissera nada acerca da varinha de Harry, nem dos núcleos gémeos, nem de Gregorovitch lhe fazer uma nova varinha, mais poderosa, para derrotar a de Harry...

— Ele queria qualquer coisa do Gregorovitch — disse Harry, ainda de olhos firmemente cerrados. — Pediu-lhe para lha entregar, mas o Gregorovitch disse que lha tinham roubado... e depois... depois...

Relembrou a maneira como ele próprio, sob a forma de Voldemort, parecera penetrar nas recordações de Gregorovitch através dos seus olhos...

— Ele leu a mente do Gregorovitch, e eu vi um tipo jovem empoleirado no parapeito de uma janela, que lançou um feitiço sobre o Gregorovitch e saltou,

desaparecendo de vista. Ele roubou-a, o que quer que seja que o Quem-Nós-Sabemos procura. E eu... eu creio que já o vi algures...

Harry desejou poder lançar outra olhadela ao rosto sorridente do rapaz. O roubo dera-se há muitos anos, segundo Gregorovitch. Por que lhe parecia o jovem ladrão tão familiar?

Os ruídos da floresta em redor chegavam abafados ao interior da tenda e a única coisa que Harry ouvia era a respiração de Ron. Ao fim de um bocado, este murmurou: — Não conseguiste ver o que o ladrão tinha na mão?

— Não... devia ser uma coisa pequena.

— Harry?

As ripas de madeira do beliche de Ron rangeram quando ele mudou de posição.

— Harry, não pensas que o Quem-Nós-Sabemos ande à procura de outra coisa para transformar num Horcrux?

— Não sei — respondeu Harry lentamente. — Talvez. Mas não seria perigoso para ele fazer outro? A Hermione não disse que ele já levava a sua alma até ao limite?

— É, mas talvez ele não saiba isso.

— É... talvez — concedeu Harry.

Tivera a certeza de que Voldemort andava à procura de uma maneira de rodear o problema dos núcleos gémeos, de que Voldemort queria que o velho fabricante de varinhas lhe fornecesse uma solução... e no entanto ele matara-o, aparentemente sem lhe fazer uma única pergunta sobre a ciência das varinhas.

O que andava Voldemort a tentar encontrar? Por que era que, com o Ministério da Magia e o mundo dos feiticeiros a seus pés, ele se achava longe, perseguindo, obstinado, um objecto que Gregorovitch possuía em tempos, e que lhe fora roubado pelo ladrão desconhecido?

Harry via ainda a cara do jovem louro, jovial, travessa; havia em todo ele um ar de diabrura triunfante que lembrava Fred e George. Lançara-se do parapeito da janela como um pássaro, e Harry já o vira, mas não conseguia lembrar-se onde...

Com Gregorovitch morto, era agora o feiticeiro de rosto jovial que se encontrava em perigo, e era sobre ele que os pensamentos de Harry se alongavam, enquanto o ressonar de Ron lhe chegava do beliche de baixo, e ele próprio mergulhava, uma vez mais, lentamente no sono.

XV

A VINGANÇA DO GOBLIN

No dia seguinte de manhã cedo, antes de os outros dois acordarem, Harry saiu da tenda para explorar a floresta em redor à procura da árvore mais retorcida e de aspecto mais resistente que encontrasse. Aí, à sombra dela, enterrou o olho de Moody Olho-Louco, marcando o local com uma pequena cruz que gravou na casca com a varinha. Não era muito, mas achava que Olho-Louco preferiria mil vezes isso a estar pregado na porta de Dolores Umbridge. Depois, regressou à tenda e esperou que os outros despertassem, a fim de planearem o que fariam a seguir.

Harry e Hermione achavam que era melhor não permanecer muito tempo no mesmo sítio, e Ron concordou, com a única condição de que a mudança seguinte os levasse para onde houvesse uma sanduíche de *bacon* ao alcance da mão. Assim, Hermione retirou os encantamentos que colocara em volta da clareira, enquanto Harry e Ron apagavam do solo todas as marcas e pegadas que pudessem indicar terem ali acampado. Depois Desapareceram para os arredores de uma pequena cidade onde se realizava uma feira.

Uma vez montada a tenda ao abrigo de um pequeno bosque, e rodeada de novos encantamentos defensivos, Harry aventurou-se a sair sob o Manto da Invisibilidade para procurar alimentos. No entanto, a sortida não correu como previsto. Acabava de entrar na cidade quando um frio anormal, a neblina que caía e o súbito escurecer do céu o levaram a imobilizar-se, petrificado.

— Mas tu sabes invocar um óptimo Patronus! — protestou Ron, vendo Harry regressar à tenda de mãos vazias, arquejante, e articulando uma única palavra: Dementors.

— Não consegui... que se materializasse — ofegou ele, dobrado com uma pontada. — Não... veio.

As expressões consternadas e desapontadas dos outros fizeram-no sentir-se envergonhado. Fora uma experiência apavorante, ver os Dementors saírem a deslizar da neblina ao longe e perceber, quando o frio paralisante lhe sufocou os pulmões e um grito distante lhe encheu os ouvidos, que não ia ser capaz de se proteger. Precisara de exercer toda a sua força de vontade para se arrancar

daquele sítio e fugir, deixando os Dementors cegos a planar por entre os Muggles, que podiam não ser capazes de os ver, mas sentiam seguramente o desespero que eles lançavam por onde quer que passassem.

— Portanto, continuamos sem comida.

— Cala a boca, Ron — ordenou Hermione. — Harry, o que aconteceu? Por que pensas tu que não conseguiste materializar o teu Patronus? Ontem foste impecável!

— Não sei.

Sentou-se, cabisbaixo, num dos velhos cadeirões de Perkins, sentindo-se cada vez mais humilhado. Receava que houvesse algo de errado consigo. O dia anterior parecia ter sido há imenso tempo e agora era como se tivesse outra vez treze anos e fosse o único a ter desmaiado no Expresso de Hogwarts.

Ron deu um pontapé na perna da cadeira.

— Que foi? — resmungou ele para Hermione. — Estou a morrer de fome! A única coisa que comi desde que quase me esvaí em sangue foi uns cogumelos!

— Então vai lá tu e abre caminho por entre os Dementors — disse Harry, picado.

— E ia, mas estou de braço ao peito, caso não tenhas reparado!

— Muito conveniente.

— E o que queres tu dizer com...

— É claro! — exclamou Hermione, dando uma palmada na testa e, com o sobressalto, reduzindo-os a ambos ao silêncio. — Harry, dá cá o medalhão! Vá lá — pediu ela, impaciente, fazendo estalar os dedos na direcção dele ao ver que Harry não reagia —, o Horcrux, Harry, ainda o trazes!

Estendeu as mãos e Harry passou a corrente dourada por cima da cabeça. No momento em que se quebrou o contacto com a sua pele, sentiu-se liberto e estranhamente leve. Não se apercebera sequer de que estava suado, ou de que tinha um peso a comprimir-lhe o estômago até ambas as sensações desaparecerem.

— Melhor? — indagou Hermione.

— Sim, muito melhor!

— Harry — disse ela, agachando-se diante dele e usando o timbre de voz que Harry associava a visitas a pessoas gravemente doentes —, não pensas ter sido possuído, pois não?

— O quê? Não! — protestou ele, na defensiva. — Lembro-me de tudo o que fizemos enquanto o tive posto. Não saberia o que fiz se estivesse possuído, pois não? A Ginny disse-me que havia alturas em que não conseguia lembrar-se de nada.

— Hmm — fez Hermione, fitando o pesado medalhão. — Bom, talvez seja melhor não o usarmos. Podemos só conservá-lo na tenda.

— Não vamos deixar esse Horcrux por aí à balda — declarou Harry firmemente. — Se o perdermos, se for roubado...

— Oh, está bem, está bem — acedeu Hermione, colocando-o ao pescoço e ocultando-o da vista nas pregas da blusa. — Mas vamos revezar-nos, de maneira a que ninguém o use durante muito tempo.

— Ótimo — disse Ron, em tom irritado —, e agora que resolvemos isso, importam-se de irmos arranjar comida?

— Certo, mas vamos procurá-la a outro sítio — decidiu Hermione, relanceando um olhar a Harry. — Não vale a pena ficarmos num local onde sabemos que andam a vaguear Dementors.

Por fim, instalaram-se para passar a noite num vasto campo pertencente a uma quinta isolada, onde conseguiram obter ovos e pão.

— Isto não é roubar, pois não? — perguntou Hermione com a voz perturbada, enquanto devoravam torradas com ovos mexidos. — Dado que deixei ficar dinheiro debaixo do galinheiro?

Ron revirou os olhos e proferiu, com as bochechas inchadas: — Er-my-nee, tu p'eocupas-te 'e mais. 'escontrai-te!

E, na realidade, era muito mais fácil descontráírem-se depois de confortavelmente alimentados: a discussão acerca dos Dementors foi esquecida nas risadas dessa noite, e Harry sentia-se animado, esperançado mesmo, ao iniciar o primeiro dos três turnos de vigia nocturna.

Era a primeira vez que se deparavam com o seguinte facto: um estômago cheio é sinónimo de boa disposição; e vazio, de disputas e mau humor. Harry foi quem menos se surpreendeu porque quase morrera à fome várias vezes em casa dos Dursley. Hermione aguentava-se razoavelmente nas noites em que não conseguiam mais que frutos silvestres ou bolachas duras, ficando talvez um pouco mais irascível, ou mantendo-se num silêncio obstinado. Ron, contudo, fora sempre habituado a três deliciosas refeições diárias, preparadas pela mãe ou pelos elfos domésticos de Hogwarts, e a fome tornava-o simultaneamente irracional e conflituoso. Sempre que a falta de comida coincidia com a vez de Ron usar o Horcrux, mostrava-se extremamente desagradável.

— Então, agora vamos para onde? — era o seu refrão constante. Não parecia ter ideias próprias, mas esperava que Harry e Hermione arranjassem planos, enquanto ele ficava sentado a remoer sobre a escassez de reservas alimentares. Consequentemente, Harry e Hermione passavam horas infrutíferas tentando decidir onde poderiam encontrar os outros Horcruxes, e como destruir o que já possuíam, em conversas que se tornavam cada vez mais repetitivas, dada a falta de novas informações.

Visto Dumbledore ter dito a Harry que acreditava que Voldemort teria escondido os Horcruxes em lugares significativos, eles iam recitando, numa espécie de enfadonha litania, os locais onde sabiam que Voldemort vivera ou que visitara. O orfanato onde nascera e fora criado, Hogwarts, onde fora educado, Borgin Burkes, onde trabalhara após ter deixado a escola, e depois a Albânia, onde passara os seus anos de exílio: estes constituíam a base das suas especulações.

— Isso, vamos até à Albânia. Não devemos levar mais que uma tarde a revistar o país inteiro — comentou Ron, sarcástico.

— Não pode haver nada lá. Ele já fizera cinco dos seus Horcruxes antes de partir para o exílio, e o Dumbledore tinha a certeza de que a serpente é o sexto — afirmou Hermione. — Sabemos que a serpente não está na Albânia, acompanha em geral o Vol...

— *Não te pedi que deixasses de dizer isso?*

— Bom! A serpente acompanha em geral o Quem-Nós-Sabemos... satisfeito?

— Não particularmente.

— Não estou a vê-lo a esconder nada no Borgin Burkes — disse Harry, que já afirmara aquilo muitas vezes, mas o repetiu simplesmente para quebrar o silêncio desagradável. — O Borgin e o Burke eram peritos em objectos das trevas, teriam reconhecido imediatamente um Horcrux.

Ron bocejou ostensivamente. Dominando o forte impulso de lhe atirar qualquer coisa, Harry prosseguiu: — Mas continuo a pensar que ele pode ter escondido qualquer coisa em Hogwarts.

Hermione suspirou.

— Mas o Dumbledore tê-la-ia encontrado, Harry!

Harry repetiu o argumento que usava sempre para apoiar a sua teoria.

— O Dumbledore declarou, à minha frente, que nunca presumira conhecer todos os segredos de Hogwarts. Digo-lhes que se houvesse um sítio que o Vol...

— Pára!

— O QUEM-NÓS-SABEMOS, então! — gritou Harry, no limite da paciência. — Se houve um lugar realmente importante para o Quem-nós-Sabemos, foi Hogwarts!

— Ora, anda lá — fungou Ron. — *A escola?*

— Sim, a escola! Foi o seu primeiro lar a sério, o lugar que significava que ele era especial, significava tudo para ele, e mesmo depois de ter saído de lá...

— Estamos a falar do Quem-Nós-Sabemos, certo? Não é de ti? — indagou Ron. Dava puxões na corrente do Horcrux que trazia pendurado ao pescoço. Harry sentiu vontade de a agarrar e de o estrangular com ela.

— Tu contaste-nos que o Quem-Nós-Sabemos pediu ao Dumbledore para lhe dar emprego depois de ter saído de lá — disse Hermione.

— É verdade — confirmou Harry.

— E o Dumbledore pensava que ele só queria voltar para tentar encontrar alguma coisa, provavelmente um objecto de outro fundador, para fazer novo Horcrux?

— Sim — disse Harry.

— Mas ele não conseguiu o emprego, pois não? — insistiu Hermione. — Portanto nunca teve oportunidade de encontrar um objecto de um fundador e de o esconder na escola!

— OK, pronto — concordou Harry, derrotado. — Esqueçam Hogwarts.

Dada a inexistência de outras pistas, dirigiram-se a Londres e, ocultos sob o Manto da Invisibilidade, procuraram o orfanato em que Voldemort fora criado. Hermione esgueirou-se para uma biblioteca e descobriu pelos registos que a casa havia sido demolida muitos anos antes. Visitaram o local, e encontraram uma torre de escritórios.

— Podíamos experimentar escavar as fundações? — sugeriu Hermione pouco convicta.

— Ele nunca teria escondido um Horcrux aqui — afirmou Harry. Sempre o soubera: o orfanato fora o local de onde Voldemort quisera escapar; nunca lá teria escondido parte da sua alma. Dumbledore mostrara a Harry que Voldemort procurava grandeza ou misticismo para os seus esconderijos; aquele canto lúgubre e cinzento de Londres não podia ser mais diferente de Hogwarts, ou do Ministério, ou de um edifício como Gringotts, o banco dos feiticeiros, com as suas portas douradas e pavimentos de mármore.

Mesmo sem terem ideias novas, continuaram a deslocar-se pelo país, armando a tenda num sítio diferente todas as noites, por uma questão de segurança. Todas as manhãs se certificavam de que haviam apagado quaisquer sinais da sua presença, e depois partiam à descoberta de outro local isolado e abrigado, viajando por Aparição até mais florestas, fendas sombrias em rochas, charnecas em flor, encostas de montanhas cobertas de tojo e, certa vez, uma enseada abrigada e pedregosa. Mais ou menos de doze em doze horas, passavam o Horcrux de uns para os outros, como se estivessem a executar um perverso jogo das cadeiras em câmara lenta, com pavor de que a música parasse porque a recompensa seriam mais doze horas de medo e ansiedade.

A cicatriz de Harry continuava a arder-lhe. Reparou que isso acontecia com mais frequência quando trazia o Horcrux. Às vezes não conseguia evitar reagir à dor.

— Que foi? O que é que viste? — perguntava Ron, sempre que via Harry estremecer.

— Uma cara — murmurava invariavelmente Harry. — A mesma cara. O ladrão que roubou o Gregorovitch.

E Ron virava-se, sem procurar ocultar o seu desapontamento. Harry sabia que o amigo esperava ouvir notícias da sua família, ou do resto da Ordem da Fénix, mas a verdade é que ele, Harry, não era uma antena de televisão; só conseguia ver aquilo em que Voldemort estava a pensar na altura, e não sintonizar o que quer que lhe apetecesse. Aparentemente, Voldemort pensava constantemente no jovem desconhecido de cara jovial, cujo nome e paradeiro, Harry tinha a certeza, Voldemort sabia tanto como ele. Enquanto a sua cicatriz continuava a arder e o alegre jovem louro vagueava, provocante, na sua memória, aprendeu a suprimir quaisquer sinais de dor ou desconforto, pois os outros dois apenas demonstravam impaciência quando ele mencionava o ladrão. E, na verdade, Harry não podia censurá-los, uma vez que ansiavam desesperadamente por uma pista sobre os Horcruxes.

À medida que os dias se transformavam em semanas, Harry começou a

desconfiar que Ron e Hermione andavam a ter conversas a seu respeito, das quais o excluía. Por diversas vezes pararam de falar abruptamente quando Harry entrou na tenda, e duas vezes deparou acidentalmente com eles a conferenciarem um pouco afastados, de cabeças juntas e a falarem rapidamente; de ambas as vezes se calaram ao perceberem que ele se aproximava, atarefando-se a juntar lenha ou a ir buscar água.

Harry não podia deixar de se interrogar se eles não teriam concordado em o acompanhar no que parecia agora uma inútil viagem ao acaso, por pensarem que ele tinha algum plano secreto de que, em devido tempo, tomariam conhecimento. Ron não se esforçava sequer por disfarçar o seu mau humor, e Harry começava a recear que também Hermione se sentisse desapontada com a sua fraca liderança. Em desespero de causa, tentou pensar em mais locais para Horcruxes, mas o único que continuava a ocorrer-lhe era Hogwarts, e como nenhum dos outros o achava minimamente provável, deixou de o sugerir.

O Outono estendeu-se pelos campos enquanto eles se deslocavam: armavam agora a tenda em tapetes de folhas caídas. Neblinas naturais juntavam-se às provocadas pelos Dementors e o vento e a chuva aumentavam-lhes os problemas. O facto de Hermione ter melhorado a arte de identificar cogumelos comestíveis não era, de forma alguma, compensação para o seu contínuo isolamento, a falta de companhia de outras pessoas, ou a sua total ignorância sobre o que se estava a passar na guerra contra Voldemort.

— A minha mãe — comentou Ron uma noite em que se encontravam sentados na margem de um rio, em Gales —, é capaz de fazer aparecer comida do nada.

Espetava, com ar sorumbático, os pedaços cinzentos de peixe queimado que tinha no prato. Harry deitou automaticamente um relance ao pescoço de Ron e constatou, como esperara, que lá reluzia a corrente dourada do Horcrux. Conseguiu dominar o impulsor de se irritar com ele, sabendo que a sua atitude melhoraria ligeiramente quando chegasse a altura de tirar o medalhão.

— A tua mãe não é capaz de fazer surgir comida do nada — contrapôs Hermione. — Ninguém é. A comida é a primeira das cinco Principais Excepções à Lei de Gamp da Transfiguração dos Elementos...

— Olha, diz coisas que se percebam, tá bem? — retorquiu Ron, pescando uma espinha de entre os dentes.

— É impossível fazer boa comida sem nada! Podes Convocá-la se souberes onde existe, podes transformá-la, podes aumentar a quantidade se já tiveres alguma...

— ... bem, não te preocupes em aumentar isto, é nojento — declarou Ron.

— O Harry apanhou o peixe e eu fiz o melhor que pude! Já reparei que acabo por ser sempre eu a ter de arranjar comida; porque sou rapariga, suponho!

— Não, porque supostamente és a melhor em magia! — gritou também Ron.

Hermione ergueu-se de um salto, fazendo saltar pedaços de lúcio esturricado do seu prato de lata para o chão.

— Amanhã podes cozinhar *tu*, Ron, podes *tu* ir procurar os ingredientes e tentar transformá-los em qualquer coisa que se possa comer, e eu fico aqui sentada a fazer caretas e a resmungar e vais ver como te...

— Cala-te! — exclamou Harry, pondo-se subitamente de pé e levantando as duas mãos. — Cala-te *já!*

Hermione arvorou um ar ofendido.

— Como é que podes pôr-te do lado dele, quando ele nunca cozin...

— Hermione, está calada, ouvi alguém!

Escutava atentamente, as mãos ainda erguidas, avisando-os para não falarem. Depois, acima dos ruídos do rio escuro que lhes corria ao lado, ouviu de novo as vozes. Procurou com a vista o Avisoscópio. Não se movia.

— Lançaste o Encantamento Muffliato sobre nós, certo? — sussurrou ele para Hermione.

— Fiz tudo — respondeu ela, também num murmúrio —, Muffliato, Repelente de Muggles e Feitiço de Camuflar, todos. Quem quer que seja, não deve poder ver-nos nem ouvir-nos.

O som de passos arrastados e uns rangidos, aliados ao ruído de pedras e ramos pisados, disseram-lhes que vinham várias pessoas a descer a íngreme encosta arborizada que conduzia à margem estreita onde tinham armado a tenda. Pegaram nas varinhas e aguardaram. Os encantamentos de que se haviam rodeado deviam ser suficientes, no meio da quase total escuridão, para os proteger de serem detectados por Muggles e feiticeiros normais. Se fossem Devoradores da Morte, então talvez as suas defesas estivessem prestes a ser testadas por Magia Negra pela primeira vez.

As vozes foram-se tornando mais altas, mas não mais inteligíveis, quando o grupo de homens chegou à margem. Harry calculou que os seus donos estavam a menos de seis metros, mas a queda de água formada pelo rio tornava impossível ter a certeza. Hermione pegou na mala de missangas e começou a vasculhar; após alguns instantes, tirou de lá três Orelhas Extensíveis e atirou duas a Harry e Ron, que se apressaram a inserir os fios cor de carne nos ouvidos, colocando a outra extremidade no exterior da tenda.

Daí a segundos, Harry ouviu uma voz masculina, num tom fatigado.

— Devia haver por aqui alguns salmões, ou achas que ainda não é a estação deles? *Accio* salmão!

Ouviram-se diversos espadanares na água e depois o som de um peixe a bater num corpo. Alguém resmungou apreciativamente. Harry enfiou mais a Orelha Extensível no ouvido: acima do murmúrio do rio, distinguiu mais vozes, mas não falavam inglês nem qualquer língua humana que já tivesse ouvido. Era uma linguagem áspera e dissonante, uma série de ruídos estrepitosos e guturais, e parecia ser falada por duas pessoas, uma delas com uma voz levemente mais grave e lenta que a da outra.

Do lado de lá da lona irrompeu uma fogueira ondulante e grandes sombras

passaram entre a tenda e as chamas. O delicioso odor de salmão a assar flutuou, tentador, na direção deles. Depois ouviu-se o bater de talheres em pratos, e o primeiro homem falou de novo.

— Tomem, Griphook, Gornuk.

— *Goblins!* — articulou Hermione para Harry, que anuiu.

— Obrigado — agradeceram os goblins, em coro e em inglês.

— Então, vocês três andam fugidos há quanto tempo? — perguntou uma nova voz, melodiosa e agradável, que Harry achou familiar e à qual associou um homem barrigudo, de rosto bem-humorado.

— Seis semanas... sete... já me esqueci — respondeu o homem, fatigado. — Encontrei o Griphook nos primeiros dias e unimos forças com o Gornuk pouco depois. É agradável ter companhia. — Seguiu-se uma pausa, enquanto as facas rapavam os pratos e canecas de lata eram erguidas e voltadas a pousar no solo. — O que te fez partir, Ted? — prosseguiu o homem.

— Sabia que eles me iriam buscar — replicou o da voz melodiosa, Ted, e de repente Harry percebeu quem ele era: o pai de Tonks. — Constou-me que os Devoradores da Morte andavam pelas vizinhanças na semana passada e achei melhor pôr-me ao fresco. Recusei registrar-me como tendo origem Muggle, por uma questão de princípio, percebes, portanto sabia que, mais tarde ou mais cedo, acabaria por ter de partir. A minha mulher não deverá ter problemas, é puro-sangue. E depois encontrei aqui o Dean, quê, há meia dúzia de dias, filho?

— É — disse outra voz, e Harry, Ron e Hermione entreolharam-se, em silêncio mas fora de si de excitação, certos de haverem reconhecido a voz de Dean Thomas, o seu colega dos Gryffindor.

— De origem Muggle, hem? — indagou o primeiro homem.

— Não tenho a certeza — respondeu Dean. — O meu pai deixou a minha mãe quando eu era miúdo, mas não tenho qualquer prova de que ele fosse feiticeiro.

Fez-se silêncio durante um bocado, ouvindo-se apenas os sons de mastigação; depois Ted voltou a falar.

— Devo dizer que fiquei admirado por te encontrar, Dirk. Satisfeito, mas admirado. Constou que tinhas sido apanhado.

— E fui — confirmou Dirk. — Ia a meio caminho de Azkaban quando fugi. Atordoei o Dawlish e lhe fanei a vassoura. Foi mais fácil do que poderia pensar-se; acho que ele não anda lá muito bem. Talvez tenha sido Confundido. Se assim foi, gostaria de apertar a mão da feiticeira ou feiticeiro que o fez; provavelmente salvou-me a vida.

Seguiu-se nova pausa, durante a qual o fogo crepitou e o rio continuou a correr. Depois Ted indagou: — E onde é que vocês dois se encaixam? Eu, hã... tinha a impressão de que os goblins eram pelo Quem-Nós-Sabemos, na generalidade.

— Pois tinhas uma impressão falsa — declarou o goblin de voz mais aguda. — Nós não tomamos partido. Esta é uma guerra de feiticeiros.

— Então por que é que andam fugidos?

— Pareceu-me prudente — respondeu o goblin de voz mais grave. — Tendo recusado aquilo que considere um pedido impertinente, compreendi que a minha segurança pessoal estava em risco.

— O que é que eles te pediram para fazer? — interessou-se Ted.

— Tarefas impróprias da dignidade da minha raça — redarguiu o goblin, e a sua voz soava mais áspera e menos humana ao dizer tal. — Eu não sou um elfo doméstico.

— E tu, Griphook?

— Motivos semelhantes — disse o goblin de voz aguda. — Gringotts já não se acha sob controlo exclusivo da minha raça e eu não aceito ordens de feiticeiros.

Acrescentou qualquer coisa em surdina, em dialecto de goblin, e Gornuk riu-se.

— Qual é a piada? — perguntou Dean.

— Ele disse que há coisas que os feiticeiros também não aceitam — elucidou Dirk.

Fez-se uma breve pausa.

— Não percebo — disse Dean.

— Tive a minha pequena vingança antes de partir — declarou Griphook em inglês.

— Valente homem... quero dizer, goblin — emendou Ted apressadamente.

— Não trancaste um Devorador da Morte num dos velhos cofres de alta segurança, supenho?

— Se assim fosse, a espada não o teria ajudado a fugir — replicou Griphook. Gornuk riu-se de novo e até Dirk soltou uma pequena gargalhada seca.

— Continua a escapar-nos qualquer coisa — confessou Ted.

— O mesmo se passa com o Severus Snape, embora ele não saiba — comentou Griphook, e os dois goblins partiram-se a rir.

No interior da tenda, Harry quase não respirava com a excitação: ele e Hermione fitavam-se, escutando o mais atentamente possível.

— Não ouviste falar nisso, Ted? — perguntou Dirk. — Nos garotos que tentaram roubar a espada de Gryffindor do gabinete do Snape, em Hogwarts?

Uma corrente eléctrica pareceu percorrer o corpo de Harry, acirrando-lhe todos os nervos e pregando-o ao chão.

— Nem uma palavra — disse Ted. — Não saiu no *Profeta*, pois não?

— Era pouco provável — casquinou Dirk. — Quem me contou foi aqui o Griphook, e ele soube pelo Bill Weasley, que trabalha no banco. Um dos garotos que tentou tirar a espada foi a irmã mais nova do Bill.

Harry relanceou um olhar a Hermione e Ron, ambos agarrados às Orelhas Extensíveis com tanta força como se fossem cordas de salvamento.

— Ela e dois amigos entraram no gabinete do Snape e espatifaram o estojo de vidro onde, ao que parece, ele guardava a espada. O Snape apanhou-os

quando eles tentavam escapar-se com ela escada abaixo.

— Ah, louvados sejam — exclamou Ted. — O que é que eles pensaram, que poderiam usar a espada contra o Quem-Nós-Sabemos? Ou contra o próprio Snape?

— Bem, o que quer que pensavam fazer com ela, o Snape decidiu que a espada não se achava segura onde estava — prosseguiu Dirk. — Um par de dias mais tarde, depois de ter obtido o acordo do Quem-Nós-Sabemos, imagino eu, mandou-a para Londres a fim de ser guardada em Gringotts.

Os goblins desmancharam-se de novo a rir.

— Eu continuo a não perceber a piada — disse Ted.

— É uma imitação — grasnou Griphook.

— A espada de Gryffindor?!

— Oh, sim. É uma cópia — uma excelente cópia, é verdade — mas feita por feiticeiros. A original foi forjada há séculos por goblins e possuía certas propriedades que são exclusivas da armaria fabricada por goblins. Onde quer que a genuína espada de Gryffindor se encontre, não é num cofre do Banco Gringotts.

— Estou a ver — comentou Ted. — E depreendo que não te deste ao trabalho de informar os Devoradores da Morte disso?

— Não vi motivo para os sobrecarregar com tal informação — disse Griphook em tom complacente, e Ted e Dean fizeram coro com as gargalhadas de Gornuk e Dirk.

No interior da tenda, Harry fechou os olhos, tentando, por um esforço de vontade, induzir alguém a fazer a pergunta que ele precisava de ver respondida, e após um minuto que pareceu dez, Dean, também um ex-namorado de Ginny (recordou Harry com um choque) fez-lhe a vontade.

— O que aconteceu à Ginny e aos outros? Aos que tentaram roubá-la?

— Oh, foram castigados, e cruelmente — afirmou Griphook, indiferente.

— Mas estão bem, não? — apressou-se Ted a indagar. — Quer dizer, os Weasley não precisam de mais filhos feridos, pois não?

— Tanto quanto sei, não sofreram ferimentos graves — respondeu Griphook.

— Tiveram sorte — observou Ted. — Com os antecedentes do Snape, suponho que devemos dar-nos por felizes por ainda estarem vivos.

— Então tu acreditas nessa história, Ted? — perguntou Dirk. — Acreditas que o Snape matou o Dumbledore?

— Claro que sim — afirmou Ted. — Não vais ficar aí a olhar para mim e a dizer que pensas que o jovem Potter teve alguma coisa a ver com isso?

— Actualmente é difícil saber em que acreditar — murmurou Dirk.

— Eu conheço o Harry Potter — interferiu Dean. — E acho que ele é o autêntico... o Eleito, ou lá o que lhe queiram chamar.

— Pois, há muita gente que gostaria de acreditar que sim, meu filho — observou Dirk —, incluindo eu. Mas onde está ele? Cavou, ao que parece. Se ele soubesse alguma coisa que nós ignoramos, ou tivesse alguma coisa de

especial a seu favor, seria natural que andasse agora por aí a combater, a reorganizar a resistência, em vez de se esconder. E sabes, o *Profeta* apresentou boas razões contra ele...

— O *Profeta*? — escarneceu Ted. — Mereces que te mintam se ainda lês esse lixo, Dirk. Se queres factos, experimenta *A Voz Delirante*.

OuvIU-se uma súbita explosão de tosse e vômitos, e muitas pancadas; pelo som, Dirk engolira uma espinha. Por fim, tartamudeou: — *A Voz Delirante*? Esse pasquim lunático do Xeno Lovegood?

— Presentemente não é assim tão lunático — corrigiu Ted. — Tens de lhe dar uma olhadela. O Xeno anda a publicar tudo aquilo que o *Profeta* ignora, nem traz uma só menção a Snorkacks de Chifres Amarrados na última edição. Lá por quanto tempo é que eles o vão deixar safar-se com isso, é que eu não sei. Mas o Xeno diz, na primeira página de todos os números, que qualquer feiticeiro que seja contra o Quem-Nós-Sabemos devia ter como prioridade número um ajudar o Harry Potter.

— É difícil ajudar um rapaz que desapareceu da face da Terra — comentou Dirk.

— Ouve, o facto de eles ainda o não terem apanhado é uma façanha e tanto — insistiu Ted. — Eu cá recebia com satisfação sugestões dele. É o que nós andamos a tentar fazer, continuar livres, não é?

— Sim, pois, aí tens razão — concedeu Dirk, em tom sombrio. — Com o Ministério inteiro e todos os seus informadores à sua procura, eu esperaria que já tivesse sido apanhado. Repara, quem nos diz que não o apanharam e mataram já, sem fazerem publicidade?

— Ah, não digas isso, Dirk — murmurou Ted.

Fez-se uma longa pausa preenchida pelo tilintar de garfos e facas. Quando voltaram a falar, foi para discutir se deveriam dormir na margem ou subir novamente a encosta arborizada. Decidindo que as árvores lhes proporcionariam melhor abrigo, apagaram a fogueira, e regressaram por onde tinham vindo, as vozes a afastarem-se.

Harry, Ron e Hermione enrolaram as Orelhas Extensíveis. Harry, a quem fora muito difícil ficar calado, enquanto ouviam os outros, descobria agora que apenas conseguia articular: — Ginny... a espada...

— Eu sei! — exclamou Hermione.

Precipitou-se para a pequena mala de missangas, mergulhando o braço lá dentro até à axila.

— Aqui... está... — murmurou ela, por entre os dentes cerrados, a puxar qualquer coisa que se encontrava, obviamente, nas profundezas da mala. Lentamente, surgiu à vista a ponta de uma moldura ornamentada. Harry apressou-se a ajudá-la. Enquanto tiravam o retrato vazio de Phineas Nigellus da mala de Hermione, esta conservava a sua varinha apontada para ele, pronta a lançar-lhe um encantamento a todo o instante.

— Se alguém trocou a espada verdadeira pela imitação enquanto ela estava no gabinete do Dumbledore — disse ela ofegando, ao encostarem o retrato a

um dos lados da tenda —, o Phineas Nigellus viu isso acontecer, pois está pendurado mesmo ao lado do estojo!

— A menos que estivesse a dormir — comentou Harry, mas mesmo assim susteve a respiração, enquanto Hermione ajoelhava em frente da tela vazia, de varinha dirigida ao centro, pigarreava e depois chamava: — Hã... Phineas? Phineas Nigellus?

Não aconteceu nada.

— Phineas Nigellus? — repetiu Hermione. — Professor Black? Por favor, poderíamos falar consigo? Por favor?

— «Por favor» ajuda sempre — proferiu uma fria voz de falsete, e Phineas Nigellus deslizou para o seu retrato. Imediatamente Hermione gritou: — *Obscuro!*

Uma venda negra surgiu sobre os inteligentes olhos negros de Phineas Nigellus, levando-o a chocar com a moldura e a guinchar de dor.

— O que... como ousam... o que estão...?

— Lamento imenso, Professor Black — desculpou-se Hermione —, mas é uma precaução necessária!

— Removam imediatamente este torpe acréscimo! Removam-no, digo-vos eu! Estão a arruinar uma grande obra de arte! Onde é que eu estou? O que se passa?

— Deixe lá o nosso paradeiro — interrompeu Harry, e Phineas Black imobilizou-se, abandonando as suas tentativas de despegar a venda pintada.

— Será possível que esta seja a voz do esquivo Mr. Potter?

— Talvez — disse Harry, sabendo que isso manteria Phineas Nigellus interessado. — Temos algumas perguntas para lhe fazer, a respeito da espada de Gryffindor.

— Ah — comentou Phineas Nigellus, virando agora a cabeça de um lado para o outro e esforçando-se por vislumbrar Harry. — Sim, aquela rapariga idiota agiu muito insensatamente...

— Não fale assim da minha irmã — avisou-o Ron asperamente. Phineas Nigellus ergueu altivamente as sobrancelhas.

— Quem mais se encontra aí? — indagou ele, virando a cabeça de um lado para o outro. — O teu tom desagrada-me! A rapariga e os amigos foram extremamente imprudentes. Roubar o Director!

— Não estavam a roubar — contrapôs Harry. — Essa espada não é do Snape!

— Pertence à escola do Professor Snape — corrigiu Phineas Nigellus. — Exactamente que direito se arroga essa garota Weasley sobre ela? Mereceu o seu castigo, tal como o idiota do Longbottom e a excêntrica da Lovegood!

— O Neville não é idiota e a Luna não é excêntrica! — exclamou Hermione.

— Onde é que eu estou? — repetiu Phineas Nigellus, recomeçando a debater-se com a venda. — Para onde é que me trouxeram? Por que me tiraram da casa dos meus antepassados?

— Isso agora não interessa! Como é que o Snape castigou a Ginny, o Neville e a Luna? — perguntou Harry, ansioso.

— O *Professor* Snape mandou-os para a Floresta Proibida, fazer alguns trabalhos para o bronco, o Hagrid.

— O Hagrid não é bronco! — proferiu Hermione em voz estridente.

— E o Snape pode ter achado que isso era um castigo — observou Harry —, mas a Ginny, o Neville e a Luna provavelmente fartaram-se de rir com o Hagrid. A Floresta Proibida... já se confrontaram com muito pior que a Floresta Proibida, grande coisa!

Sentiu um enorme alívio; tinha imaginado horrores, a Maldição Cruciatu, no mínimo.

— O que nós queríamos realmente saber, Professor Black, é se alguém, hum, retirou mesmo a espada? Talvez tenha sido levada para limpar ou... ou algo assim?

Phineas Nigellus fez nova pausa nos seus esforços para destapar os olhos e soltou uma risadinha.

— Gentinha de origem Muggle! — casquinou ele. — Armaria fabricada por goblins não precisa de manutenção, sua pateta. A prata dos goblins repele a sujidade terrena, absorvendo apenas aquilo que a fortalece.

— Não chame pateta à Hermione — avisou-o Harry.

— Estou farto de que me contradigam — comentou Phineas Nigellus. — Talvez seja altura de voltar ao gabinete do Director?

Ainda vendado, começou a tactear o lado da moldura, procurando o caminho para sair daquele seu retrato e regressar ao de Hogwarts quando Harry teve uma inspiração repentina.

— O Dumbledore! Não pode trazer-nos o Dumbledore?

— Perdão? — perguntou Phineas Nigellus.

— O retrato do Professor Dumbledore... não o poderia trazer consigo, para aqui, para o seu?

Phineas Nigellus virou a cara na direcção da voz de Harry.

— É evidente que os feiticeiros de origem Muggle não são os únicos ignorantes, Potter. Os retratos de Hogwarts podem conviver uns com os outros, mas não podem viajar para fora do castelo, excepto para visitar um quadro seu pendurado noutro local. O Dumbledore não pode vir até aqui comigo, e depois do tratamento que recebi às vossas mãos, garanto-vos que não farei nova visita.

Um pouco descorçoado, Harry observou os esforços redobrados de Phineas para sair da sua moldura.

— Professor Black — chamou Hermione —, não poderia apenas dizer-nos, *por favor*, quando foi a última vez que alguém retirou a espada do seu estojo? Antes de a Ginny a ter tirado, quero eu dizer?

Phineas fungou, impaciente.

— Creio que a última vez que vi a espada de Gryffindor deixar o seu estojo foi quando o Professor Dumbledore a usou para quebrar um anel.

Hermione girou nos calcanhares para fitar Harry. Nenhum deles ousou dizer mais em frente de Phineas Nigellus, que conseguira finalmente localizar a saída.

— Bem, boa noite a todos — proferiu ele em voz irritadiça, começando a desaparecer de vista. Apenas a orla da aba do seu chapéu era ainda visível quando Harry soltou um grito súbito.

— Espere! Contou ao Snape que viu isso?

Phineas Nigellus voltou a enfiar a cabeça vendada no retrato.

— O Professor Snape tem coisas mais importantes em que pensar do que as muitas excentricidades do Albus Dumbledore. *Adeus*, Potter!

E com isso desapareceu completamente, deixando para trás apenas o fundo sombrio do seu retrato.

— Harry! — exclamou Hermione.

— Eu sei! — gritou Harry. Incapaz de se conter, desferia murros para o ar: nunca ousara esperar tanto. Andava de um lado para o outro na tenda, sentindo-se capaz de correr quilômetros; já nem sequer tinha fome. Hermione estava a encaixar novamente o retrato de Phineas Nigellus na mala de missangas; depois de a fechar, atirou-a para o lado e ergueu o rosto radiante para Harry.

— A espada é capaz de destruir Horcruxes! As lâminas feitas por goblins absorvem apenas aquilo que as fortalece... Harry, aquela espada está impregnada com veneno de Basilisco!

— E o Dumbledore não ma deu porque ainda precisava dela, queria usá-la no medalhão...

— ...e deve ter percebido que eles não te deixariam ficar com ela se ta deixasse no testamento...

— ...portanto fez uma cópia...

— ...e colocou uma imitação no estojo de vidro...

— ...e deixou a verdadeira... onde?

Entreolharam-se; Harry sentia que a resposta pairava invisível no ar por cima deles, tão perto que era um tormento. Por que não lhe teria Dumbledore contado? Ou ter-lhe-ia, na realidade, dito, sem que na altura Harry se tivesse apercebido?

— Pensa! — sussurrou Hermione. — Pensa! Onde é que ele a teria deixado?

— Não em Hogwarts — decidiu Harry, voltando a percorrer a tenda.

— Algures em Hogsmeade? — sugeriu Hermione.

— Na Cabana dos Gritos? — alvitrou Harry. — Nunca ninguém lá vai.

— Mas o Snape sabe como lá entrar, não seria um bocado arriscado?

— O Dumbledore confiava no Snape — lembrou-lhe Harry.

— Não o suficiente para lhe contar que trocara as espadas — contrapôs Hermione.

— Sim, tens razão! — exclamou Harry, sentindo-se ainda mais animado ao pensar que Dumbledore tivera algumas reservas, embora leves, acerca da

lealdade de Snape. — Então, ele teria escondido a espada bem longe de Hogsmeade, não? O que achas tu, Ron? Ron?

Olhou em volta. Durante um momento de estupefacção, pensou que Ron saíra da tenda, mas depois percebeu que ele estava deitado nas sombras de um beliche inferior, com ar hostil.

— Ah, lembraram-se de mim, foi? — observou Ron.

— O quê?

Ron fungou, continuando a fitar o fundo do beliche superior.

— Continuem, vocês dois. Não deixem que eu vos estrague a festa.

Perplexo, Harry olhou para Hermione à procura de ajuda, mas ela abanou a cabeça, aparentemente tão desorientada como ele.

— Qual é o problema? — perguntou Harry.

— Problema? Não há problema nenhum — respondeu Ron, recusando-se ainda a fitar Harry. — Pelo menos, na tua opinião.

Sentiram-se diversos pingues na lona, sobre as suas cabeças. Começara a chover.

— Bem, tu tens obviamente um problema — insistiu Harry. — Desembucha, anda.

Ron rodou as longas pernas para fora da cama e sentou-se. Ostentava uma expressão maldosa, nada própria dele.

— Está bem, vou desembuchar. Não esperem que eu me ponha aos saltos na tenda por haver mais uma maldita peça que temos de encontrar. Limita-te a acrescentá-la à lista de coisas que tu não sabes.

— Que eu não sei? — repetiu Harry. — *Eu* não sei?

Pingue, pingue, pingue: a chuva caía agora com mais força, tamborilando na margem coberta de folhas em redor deles e no rio que corria no meio das trevas. O pavor abafou o júbilo de Harry: Ron acabara de dizer exactamente aquilo que ele desconfiava e receava que o amigo pensasse.

— Não é que eu não ande a divertir-me à grande — prosseguiu Ron —, compreendes, com o braço estropiado e sem nada para comer e a gelar todas as noites. Só que esperava, compreendes, que depois de fugidos andarmos há semanas, já tivéssemos conseguido qualquer coisa.

— Ron — disse Hermione, mas em voz tão baixa que Ron pôde fingir que não a ouvira por causa do sonoro tamborilar que a chuva fazia agora na tenda.

— Pensei que sabias para o que te alistaras — observou Harry.

— É, eu também.

— Então, que parte é que não correspondeu às tuas expectativas? — indagou Harry. A cólera vinha agora em sua defesa. — Pensavas que íamos ficar em hotéis de cinco estrelas? Que encontraríamos um Horcrux dia sim, dia não? Pensaste que estarias de volta ao aconchego da mamã pelo Natal?

— Nós pensámos que tu sabias o que estavas a fazer! — gritou Ron, erguendo-se, e as suas palavras perfuraram Harry como facas em brasa. — Pensámos que o Dumbledore te dissera o que fazer, pensámos que tinhas um plano a sério!

— Ron! — advertiu Hermione, desta vez claramente audível acima da chuva que fustigava o tecto da tenda, mas ele voltou a ignorá-la.

— Bom, lamento muito decepcionar-vos — declarou Harry, em voz muito calma apesar de se sentir vazio e incompetente. — Fui sincero convosco desde o princípio, contei-vos tudo o que o Dumbledore me contou. E, caso não tenhas reparado, encontrámos um Horcrux...

— É, e estamos tão perto de dar cabo dele como de encontrar os restantes... por outras palavras, a milhas!

— Tira o medalhão, Ron — pediu Hermione em voz invulgarmente aguda. — Tira-o, por favor. Não estarias a falar assim se não o tivesses usado o dia inteiro.

— Estaria, sim — contrariou Harry, que não queria saber de desculpas. — Pensam que não reparei em vocês dois a segredar nas minhas costas? Pensam que não calculei que andavam a pensar isto mesmo?

— Harry, nós não andámos...

— Não mintas! — atirou-lhe Ron com violência. — Tu também o disseste, disseste que estavas desapontada, disseste que pensavas que ele tinha algo mais a que se agarrar do que...

— Eu não disse isso assim... Harry, não disse! — gritou ela.

A chuva martelava a tenda, pela face de Hermione corriam lágrimas, e a excitação de há poucos minutos evaporara-se como se nunca tivesse existido, um breve fogo de artifício que explodira e fenecera, deixando tudo negro, húmido e frio. A espada de Gryffindor estava escondida num lugar desconhecido, e eles encontravam-se ali, numa tenda, três adolescentes cujo único feito era não estarem, ainda, mortos.

— Sendo assim, por que é que continuas aqui? — perguntou Harry a Ron.

— Vá-se lá saber — respondeu Ron.

— Então vai para casa — disse Harry.

— É, talvez vá! — gritou Ron, dando vários passos na direcção de Harry, que não recuou. — Não ouviste o que eles disseram acerca da minha irmã? Mas tu estás-te nas tintas, claro, é apenas a Floresta Proibida, e o Harry Potter, o herói que já enfrentou pior, marimba-se para o que lhe possa acontecer por lá! Pois eu não, aranhas gigantes e cenas loucas...

— Eu só disse... ela estava com os outros, e estavam com o Hagrid...

— ... é, percebo, estás-te nas tintas! E o resto da minha família, «os Weasley não precisam de mais filhos feridos», ouviste isso?

— Sim, eu...

— Mas não te incomodou o que pudesse significar?

— Ron! — Hermione meteu-se à força entre eles —, não creio que signifique que aconteceu mais alguma coisa, algo que nós desconheçamos; pensa, Ron, o Bill já está desfigurado, nesta altura já imensa gente deve ter visto que o George perdeu uma orelha, e pensa-se que tu estás no teu leito de morte com espatergroite, tenho a certeza de que é esse o significado...

— Ah, então tens a certeza, é? Muito bem, pronto, não me preocupo com

eles. Está tudo muito bem para vocês, não é, com os vossos pais a salvo...

— Os meus pais estão *mortos*! — rugiu Harry.

— E os meus podem ir pelo mesmo caminho! — bradou Ron.

— Então VAI! — trovejou Harry. — Volta para eles, finge que recuperaste da espatergroite e a mamã poderá alimentar-te e...

Ron fez um movimento súbito e Harry reagiu, mas antes de a varinha de qualquer deles chegar a sair do bolso do seu proprietário, já Hermione levantara a sua.

— *Protego*! — gritou ela, e um escudo invisível estendeu-se entre ela e Harry de um lado, e Ron do outro; foram os três obrigados a recuar alguns passos devido à força do feitiço e Harry e Ron fitaram-se ferozmente de cada lado da barreira transparente, como se estivessem a ver-se claramente pela primeira vez. Harry sentiu um ódio corrosivo por Ron: algo se quebrara entre eles.

— Tira o Horcrux — disse Harry.

Ron puxou violentamente a corrente por cima da cabeça e atirou o medalhão para uma cadeira próxima. Depois, virou-se para Hermione.

— E tu, o que vais fazer?

— A respeito de quê?

— Ficas, ou quê?

— Eu... — A angústia espalhava-se no rosto de Hermione. — Sim... sim, eu fico. Ron, nós dissemos que iríamos com o Harry, dissemos que ajudaríamos...

— Percebo. Escolhe-lo a ele.

— Ron, não... por favor... volta, volta!

Viu-se impedida pelo seu próprio Feitiço do Escudo Invisível e, quando o anulou, já ele saíra disparado para a noite. Harry manteve-se absolutamente imóvel e calado, ouvindo-a soluçar e chamar por Ron no meio das árvores.

Hermione regressou após alguns minutos, com o cabelo ensopado colado à cara.

— Ele p-p-partiu! Desapareceu!

Deixou-se cair numa cadeira, enroscou-se e começou a chorar.

Harry sentia-se aturdido. Curvou-se, apanhou o Horcrux e passou-o em volta do pescoço. Foi buscar cobertores ao beliche de Ron e atirou-os para cima de Hermione. Depois subiu para a sua cama e ficou a olhar fixamente para o tecto de lona escura, escutando o martelar da chuva.

XVI

GODRIC'S HOLLOW

No dia seguinte, ao acordar, decorreram vários minutos antes de Harry se lembrar do que tinha acontecido. Depois esperou, infantilmente, que tivesse sido um sonho, que Ron ainda ali se encontrasse e nunca tivesse partido. Contudo, ao virar a cabeça na almofada, viu o beliche vazio. Parecia um corpo morto pela forma como lhe atraía o olhar. Harry saltou da cama, desviando os olhos da de Ron. Hermione, que já se achava ocupada na cozinha, não lhe deu os bons-dias, voltando rapidamente a cara quando ele passou.

Ele foi-se embora, disse Harry a si mesmo. *Ele foi-se embora*. Teve de continuar a pensar aquilo enquanto se lavava e vestia, como se a repetição amortecesse o choque. *Ele foi-se embora e não volta*. E essa era a simples verdade, como Harry sabia, pois os encantamentos protectores significavam que, uma vez tendo abandonado aquele lugar, seria impossível a Ron achá-los outra vez.

Ele e Hermione tomaram o pequeno-almoço em silêncio. Hermione tinha os olhos inchados e vermelhos, e todo o ar de quem não dormira. Arrumaram as coisas, com Hermione a molengar. Harry sabia a razão de ela querer prolongar a estada na margem do rio; por várias vezes a viu erguer o olhar, ansiosa, e tinha a certeza de que tentara iludir-se, pensando que ouvira passos pelo meio da chuva forte, mas não surgiu de entre as árvores nenhuma figura ruiva. Sempre que Harry a imitava (pois não podia deixar de sentir ele próprio uma réstia de esperança) e, olhando em volta, não via mais que uma floresta fustigada pela chuva, explodia dentro dele outra pequena bolha de cólera. Ouvia Ron a dizer, «*Nós pensámos que tu sabias o que estavas a fazer!*» e voltava às arrumações com um nó na boca do estômago.

O rio lamacento subia rapidamente e não tardaria a extravasar para a margem. Tinham demorado uma boa hora a mais do que habitualmente levavam a abandonar o local do acampamento. Por fim, após ter arrumado a mala por três vezes, Hermione pareceu incapaz de descobrir mais razões para adiar: deu a mão a Harry e Desapareceram, reaparecendo numa encosta coberta de urze e varrida pelo vento.

No instante em que chegaram, Hermione largou a mão de Harry e afastou-se dele, acabando por se sentar numa grande pedra, com a cara nos joelhos e o corpo a tremer; Harry percebeu que soluçava. Contemplou-a, achando que deveria ir confortá-la, mas algo o manteve pregado ao chão. Tudo no seu íntimo estava frio e tenso e voltou a ver a expressão desdenhosa da cara de Ron. Partiu a passos largos pelo meio da urze, descrevendo um amplo círculo cujo centro era a transtornada Hermione, e lançou os encantamentos destinados a protegê-los, em geral executados por ela.

Durante os dias seguintes não falaram a respeito de Ron. Harry estava decidido a nunca mais lhe pronunciar o nome, e Hermione parecia saber que não adiantaria forçar a questão, embora às vezes, à noite, quando pensava que ele estava a dormir, Harry a ouvisse chorar. Entretanto, ele começara a tirar o Mapa do Salteador e analisava-o à luz da varinha. Aguardava o momento em que o ponto com o nome de Ron reapareceria nos corredores de Hogwarts, provando que ele regressara ao conforto do castelo, protegido pelo seu estatuto de puro-sangue. Ron, contudo, não surgia no mapa e, ao fim de algum tempo, Harry deu por si a abri-lo simplesmente para contemplar o nome de Ginny no dormitório das raparigas, perguntando-se se a intensidade com que o fitava seria capaz de lhe interromper o sono, se Ginny saberia que ele estava a pensar nela, esperando que estivesse bem.

De dia, dedicavam-se a tentar determinar as possíveis localizações da espada de Gryffindor, mas quanto mais conversavam acerca dos lugares onde Dumbledore a poderia ter escondido, mais desesperada e rebuscada se tornava a sua especulação. Harry dava tratos à cabeça durante a noite, mas não conseguia lembrar-se de Dumbledore ter alguma vez mencionado um lugar onde pudesse esconder qualquer coisa. Havia alturas em que não sabia se se sentia mais furioso com Ron ou com Dumbledore. *Nós pensámos que tu sabias o que estavas a fazer... pensámos que o Dumbledore te dissera o que fazer ... pensámos que tinhas um plano a sério!*

Não podia esconder a verdade de si próprio: Ron tivera razão. Dumbledore deixara-o praticamente sem nada. Tinham descoberto um Horcrux, mas não tinham forma de o destruir, e os outros encontravam-se tão inatingíveis como sempre. O desespero ameaçava subjugar-lo. Sentia-se abalado ao pensar na sua própria presunção ao aceitar a oferta dos amigos para o acompanharem naquela jornada sinuosa e inútil. Não sabia nada, não tinha quaisquer ideias e mantinha-se constante e dolorosamente alerta a qualquer sinal de que também Hermione se preparava para lhe dizer que estava farta e se ia embora.

Passavam muitos serões praticamente calados, e Hermione habituou-se a ir buscar o retrato de Phineas Nigellus e a encostá-lo a uma cadeira, como se ele pudesse preencher parcialmente o enorme vazio deixado pela partida de Ron. Apesar da sua anterior afirmação de que não voltaria a visitá-los, Phineas Nigellus não conseguia resistir à possibilidade de descobrir mais coisas acerca do que Harry andava a fazer, e consentia em reaparecer, vendado, com intervalos de poucos dias. Harry sentia-se mesmo satisfeito por o ver, porque,

embora falso e insolente, era uma companhia. Saboreavam todas as notícias sobre o que estava a acontecer em Hogwarts, apesar de Phineas Nigellus não ser o informador ideal. Venerava Snape, o primeiro Director dos Slytherin desde que ele próprio dirigira a escola, e tinham de ter cuidado em não criticar, nem fazer perguntas impertinentes acerca de Snape, ou Phineas Nigellus abandonava imediatamente o seu retrato.

No entanto, o antigo director sempre deixava cair algumas informações isoladas. Parecia que Snape enfrentava um constante motim surdo por parte de um núcleo duro de alunos. Ginny fora proibida de ir a Hogsmeade. Snape reinstalara o velho decreto de Umbridge, proibindo reuniões de três ou mais alunos, e quaisquer associações de estudantes não oficiais.

De tudo isso, Harry deduziu que Ginny, possivelmente com o apoio de Neville e Luna, andava a esforçar-se por dar seguimento ao Exército de Dumbledore. Essas escassas notícias provocavam-lhe um desejo tão forte de ver Ginny que se assemelhava a uma dor de estômago; mas também o levavam a voltar a pensar em Ron, e em Dumbledore, e até em Hogwarts, de que sentia tantas saudades como da sua ex-namorada. De facto, enquanto Phineas Nigellus falava dos castigos de Snape, Harry teve uns segundos de loucura em que se imaginou a regressar simplesmente à escola para se juntar à desestabilização do regime de Snape: ser alimentado, ter uma cama fofa e outras pessoas a ocuparem-se de tudo, parecia-lhe nesse momento a perspectiva mais maravilhosa do mundo. Mas então recordou-se de que era o Indesejável Numero Um, de que havia um prémio de dez mil Galeões pela sua cabeça, e de que entrar actualmente em Hogwarts era tão perigoso como entrar no Ministério da Magia. Na realidade, Phineas Nigellus acentuou inadvertidamente esse facto ao fazer perguntas capciosas acerca do paradeiro de Harry e Hermione. Esta enfiava-o na mala sempre que tal acontecia, e Phineas Nigellus recusava-se invariavelmente a aparecer durante alguns dias após essas despedidas sem cerimónia.

O tempo arrefecia cada vez mais. Não se atreviam a permanecer por períodos demasiado longos numa única área, por isso, em vez de ficarem pelo Sul de Inglaterra, onde a pior das suas preocupações seria um solo duro causado pela geada, continuaram a vaguear por todo o país, enfrentando a encosta de uma montanha, onde uma saraivada de chuva e neve lhes fustigou a tenda, um vasto paul onde a tenda foi inundada por água gelada, e uma minúscula ilha no meio de um lago escocês, onde a neve quase soterrou a tenda durante a noite.

Já tinham avistado árvores de Natal a reluzir através de diversas janelas, quando chegou uma noite em que Harry resolveu sugerir, mais uma vez, o que lhe parecia ser a única via ainda por explorar. Tinham acabado de comer uma refeição invulgarmente boa: Hermione fora a um supermercado sob o Manto da Invisibilidade (metendo escrupulosamente o dinheiro numa caixa aberta, à saída) e Harry achou que talvez fosse mais fácil persuadi-la com o estômago cheio de esparguete à bolonhesa e peras de lata. Tomara igualmente a

precaução de sugerir que fizessem um intervalo de algumas horas sem usar o Horcrux, que se achava pendurado na borda do beliche a seu lado.

— Hermione?

— Hum? — Estava enroscada num dos estafados cadeirões com *Os Contos de Beedle, o Bardo*. Harry não conseguia imaginar o que mais conseguiria ela extrair do livro, que até nem era muito grande; mas evidentemente ela ainda procurava decifrar qualquer coisa, porque tinha o *Silabário de Spellman* aberto no braço da cadeira.

Harry pigarreou. Sentia-se exactamente como na ocasião, vários anos antes, em que perguntara à Professora McGonagall se podia ir a Hogsmeade, apesar de não ter conseguido convencer os Dursley a assinar a sua folha de autorização.

— Hermione, tenho andado a pensar, e...

— Harry, és capaz de me ajudar aqui numa coisa?

Aparentemente ela nem o ouvira. Inclinou-se para a frente e estendeu-lhe *Os Contos de Beedle, o Bardo*.

— Olha para este símbolo — pediu ela, apontando para o topo da página. Por cima daquilo que Harry presumiu ser o título da história (como não sabia ler runas, não podia ter a certeza), via-se a imagem de algo semelhante a um olho triangular, com a pupila atravessada por uma linha vertical.

— Eu nunca tive Runas Antigas, Hermione.

— Eu sei, mas isto não é uma runa e também não está no silabário. Durante muito tempo pensei que fosse o desenho de um olho, mas não creio que seja! Foi feito a tinta, olha, alguém o desenhou aqui, não faz realmente parte do livro. Pensa bem, já alguma vez viste isto?

— Não... não, espera aí. — Harry olhou mais atentamente. — Não é o mesmo símbolo que o pai da Luna usava ao pescoço?

— Ora bem, foi isso mesmo que eu pensei!

— Então é a marca do Grindelwald.

Ela fitou-o embasbacada, a boca entreaberta.

— *O quê?*

— O Krum disse-me...

Contou-lhe a história que Viktor Krum lhe havia contado no casamento. Hermione ficou atónita.

— A marca do *Grindelwald*?

Olhou de Harry para o estranho símbolo e de novo para o amigo.

— Nunca me constou que o Grindelwald tivesse uma marca. Não há qualquer menção disso em nada do que eu li a respeito dele.

— Bom, como te digo, o Krum é de opinião que esse símbolo está gravado numa parede em Durmstrang, e que foi o Grindelwald que lá o gravou.

Ela recostou-se no velho cadeirão, de testa franzida.

— Isso é muito estranho. Se isto é um símbolo de Magia Negra, o que está a fazer num livro de histórias infantis?

— Sim, é esquisito — concordou Harry. — E dir-se-ia que o Scrimgeour o

teria reconhecido. Era Ministro, devia ser perito em assuntos de Magia Negra.

— Eu sei... talvez tenha pensado que isto era um olho, como me aconteceu a mim. Todas as outras histórias têm pequenas imagens por cima dos títulos.

Calou-se, mas continuou a examinar a estranha marca. Harry tentou de novo.

— Hermione?

— Hum?

— Tenho andado a pensar. Eu... eu quero ir a Godric's Hollow.

Ela fitou-o, mas o seu olhar era vago e Harry teve a certeza de que Hermione continuava a pensar na misteriosa marca do livro.

— Sim — respondeu ela. — Sim, também me tenho perguntado isso. Penso realmente que teremos de ir.

— Ouviste bem o que eu disse? — indagou ele.

— Claro que sim. Queres ir a Godric's Hollow. Estou de acordo, acho que devemos ir. Quer dizer, também não consigo lembrar-me de mais nenhum sítio onde ela possa estar. Será perigoso, mas quanto mais penso nisso, mais provável me parece que lá esteja.

— Hã... lá esteja o *quê*? — perguntou Harry.

Ao ouvir aquilo, ela fez um ar tão perplexo quanto o dele.

— Ora, a espada, Harry! O Dumbledore deve ter sabido que tu querias lá ir, e afinal Godric's Hollow é a terra natal do Godric Gryffindor...

— Palavra? O Gryffindor é natural de Godric's Hollow?

— Harry, tu alguma vez abriste *Uma História da Magia*?

— Hummm — fez ele sorrindo, ao que lhe parecia, pela primeira vez em meses, sentindo os músculos da cara estranhamente hirtos. — Talvez o tenha aberto, sabes, quando o comprei... só dessa vez...

— Bem, dado que a vila tem o nome dele, seria de pensar que tivesses estabelecido a ligação — comentou Hermione, num tom de voz muito mais característico da sua antiga maneira de ser do que aquele com que falava ultimamente. Harry quase esperou ouvi-la anunciar que ia para a biblioteca.

— Há um trecho acerca da vila em *Uma História da Magia*, espera lá....

Abriu a mala de missangas, vasculhou lá dentro durante um bocado, extraindo finalmente o seu exemplar do antigo livro escolar, *Uma História da Magia*, de Bathilda Bagshot, que desfolhou até encontrar a página desejada.

— «*Após a assinatura do Estatuto Internacional de Secretismo, em 1689, os feiticeiros esconderam-se definitivamente. Era natural, talvez, que formassem as suas pequenas comunidades no interior de uma comunidade. Muitas pequenas vilas e aldeias atraíram diversas famílias mágicas, que se associaram para apoio e protecção mútuos. As vilas de Tinworth, na Cornualha, Upper Flagley, no Yorkshire, e Ottery St. Catchpole, na costa sul de Inglaterra, foram notórios lares de grupos de famílias de feiticeiros que viviam a par de Muggles tolerantes e, por vezes, Confundidos. O mais célebre desses locais de fixação semimágicos é, talvez, Godric's Hollow, a vila do West Country onde nasceu o grande feiticeiro Godric Gryffindor, e onde*

Bowman Wright, ferreiro mágico, forjou a primeira Snitch Dourada. O cemitério está cheio dos nomes de antigas famílias mágicas, o que explica, sem dúvida, as histórias de assombrações que atormentam a pequena igreja há muitos séculos.»

— Tu e os teus pais não são mencionados — rematou Hermione, fechando o livro —, porque a Professora Bagshot não inclui nada posterior ao final do século XIX. Mas não vês? Godric's Hollow, Godric Gryffindor, a espada de Gryffindor; não achas que o Dumbledore esperaria que tu estabelecesses a relação?

— Ah, pois...

Harry não queria confessar que não fora, de todo, a pensar na espada que sugerira a ida a Godric's Hollow. O que o atraía na vila eram as campas dos pais, a casa onde escapara por uma unha negra à morte, e a pessoa de Bathilda Bagshot.

— Lembras-te do que disse a Muriel? — acabou ele por perguntar.

— Quem?

— Tu sabes — hesitou; não queria pronunciar o nome de Ron. — A tia-avó da Ginny. No casamento. A que disse que tu tinhas os tornozelos escanzelados.

— Ah — fez Hermione.

Foi um momento difícil; Harry sabia que ela pressentira a iminência do nome de Ron. Apressou-se a continuar: — Ela disse que a Bathilda Bagshot ainda vive em Godric's Hollow.

— Bathilda Bagshot — murmurou Hermione, passando o indicador pelo nome de Bathilda gravado na capa de *Uma História da Magia*. — Bem, suponho...

Susteve a respiração tão dramaticamente que Harry sentiu uma volta no estômago; puxou pela varinha e virou-se para a entrada, meio à espera de ver uma mão a abrir caminho pela aba da tenda, mas não havia ali nada.

— Que foi? — perguntou ele, meio zangado, meio aliviado. — Por que é que fizeste isso? Pensei que tinhas visto um Devorador da Morte a abrir o fecho da tenda, no mínimo...

— Harry, *e se é a Bathilda quem tem a espada?* E se o Dumbledore lha confiou?

Harry considerou essa possibilidade. Bathilda seria agora uma mulher extremamente idosa e, segundo Muriel, estava «gagá». Haveria a probabilidade de Dumbledore ter escondido a espada de Gryffindor junto dela? Se assim fora, Harry achava que ele deixara muitas coisas ao acaso: Dumbledore nunca revelara ter substituído a espada por uma imitação, nem sequer mencionara uma relação de amizade com Bathilda. No entanto, aquele não era o momento para lançar dúvidas sobre a teoria de Hermione, especialmente quando ela acabava de se mostrar disposta a alinhar no desejo mais caro de Harry.

— É, talvez ele o tenha feito! Então, vamos a Godric's Hollow?

— Sim, mas teremos de ponderar tudo muito cuidadosamente, Harry. — Endireitara-se, e Harry percebeu que a perspectiva de voltar a ter um plano a animara tanto como a ele. — Para começar, precisamos de praticar Desaparecer juntos debaixo do Manto da Invisibilidade, e talvez Encantamentos de Camuflagem também fosse sensato, a não ser que aches que não podemos deixar as coisas pela metade e devemos usar a Poção Polissuco? Nesse caso, será preciso arranjar cabelo de alguém. Na realidade, penso que é o melhor que temos a fazer, Harry, quanto mais impenetráveis forem os nossos disfarces, melhor...

Harry deixou-a falar, acenando e concordando sempre que havia uma pausa, mas a sua mente já não seguia a conversa. Pela primeira vez desde que tinha descoberto que a espada do cofre de Gringotts era uma imitação, sentia-se excitado.

Estava prestes a voltar a casa, prestes a voltar ao sítio onde tinha tido uma família. Seria em Godric's Hollow que, não fora Voldemort, ele teria crescido e passado todas as férias escolares. Teria podido convidar amigos para sua casa... Teria até podido ter irmãos e irmãs... Teria sido a sua mãe a fazer o bolo dos seus dezassete anos. A vida que perdera nunca lhe parecera tão real como nesse momento em que sabia estar prestes a ver o local onde ela lhe fora roubada. Nessa noite, depois de Hermione se ter ido deitar, Harry tirou silenciosamente a sua mochila da mala dela e, lá de dentro, o álbum de fotografias que Hagrid lhe oferecera há tanto tempo. Pela primeira vez em meses, perscrutou as velhas fotografias dos pais, que lhe sorriam e acenavam das imagens, e eram tudo o que lhe restava deles.

Por ele, teria partido alegremente para Godric's Hollow no dia seguinte, mas Hermione tinha outras ideias. Como estava convencida de que Voldemort esperaria que Harry voltasse à cena da morte dos pais, ela mostrava-se decidida a partir apenas depois de se certificarem de que possuíam os melhores disfarces possíveis. Assim, só uma semana inteira mais tarde — depois de obterem sub-repticiamente cabelos de inocentes Muggles que faziam as suas compras de Natal, e terem praticado Aparecer e Desaparecer juntos debaixo do Manto da Invisibilidade — é que Hermione acedeu a fazer a viagem.

Iam Aparecer na vila a coberto da escuridão, por isso a tarde chegava ao fim quando finalmente beberam a Poção Polissuco, que transformou Harry num Muggle de meia idade, quase careca, e Hermione na sua pequena e tímida esposa. A mala de missangas, contendo tudo o que possuíam (exceptuando o Horcrux, que Harry levava ao pescoço) foi metida num bolso interior do casaco de Hermione, abotoado até cima. Harry passou o Manto da Invisibilidade por cima deles, e giraram de novo para as trevas sufocantes.

Com o coração a bater-lhe na garganta, Harry abriu os olhos. Encontravam-se, de mãos dadas, numa azinhaga coberta de neve, sob um céu azul-escuro onde começavam a cintilar debilmente as primeiras estrelas da noite. De ambos os lados do estreito caminho havia vivendas, em cujas janelas

brilhavam decorações natalícias. Um pouco mais à frente, o clarão dourado de candeeiros de rua indicava o centro da vila.

— Tanta neve! — segredou Hermione debaixo do Manto. — Por que é que não nos lembrámos da neve? Depois de todas as precauções que tomámos, acabamos por deixar pegadas! Vamos ter de as apagar... vai tu à frente, e eu encarrego-me disso...

Harry não queria entrar na vila como um cavalo de pantomima, tentando manter-se ocultos e simultaneamente apagando os seus rastros com magia.

— Vamos tirar o Manto — propôs ele; e vendo-a fazer um ar assustado —, ora, anda lá, não nos parecemos connosco e não há por aqui ninguém.

Guardou o Manto dentro do casaco e prosseguiram sem problemas, com o ar gélido a morder-lhes o rosto à media que iam passando pelas casas: qualquer delas podia ter sido aquela onde James e Lily haviam vivido em tempos, ou em que Bathilda vivia agora. Harry fitava as portas, os telhados cobertos de neve e os alpendres das entradas, perguntando-se se recordaria alguma delas, sabendo intimamente que tal era impossível, que tinha pouco mais de um ano quando deixara aquele lugar para sempre. Nem sequer tinha a certeza de poder ver a casa; não sabia o que acontecia quando morriam pessoas sujeitas a um Encantamento Fidelius. Depois, a azinhaga por onde caminhavam curvou para a esquerda e o centro da vila, uma pequena praça, surgiu diante deles.

Decorada a toda a volta com luzes coloridas, tinha no meio algo que parecia um memorial de guerra, parcialmente tapado por uma árvore de Natal fustigada pelo vento. Havia diversas lojas, uma estação de correios, um *pub* e uma pequena igreja cujos vitrais brilhavam como jóias do lado oposto da praça.

A neve ali era compacta: estava dura e escorregadia nos sítios que as pessoas tinham pisado o dia inteiro. Diante deles, os habitantes da vila cruzavam-se de um lado para o outro, as figuras brevemente iluminadas pelos candeeiros de rua. Ouviram fragmentos de risos e música *pop* quando a porta do *pub* se abriu e fechou; depois chegou-lhes o princípio de um cântico de Natal do interior da pequena igreja.

— Harry, acho que hoje é noite de Natal! — exclamou Hermione.

— É?

Perdera a conta à data; há semanas que não viam um jornal.

— Tenho a certeza de que sim — afirmou Hermione, de olhos pregados na igreja. — Eles... eles estão ali, não é? A tua mãe e o teu pai? Vejo o cemitério lá por trás.

Harry sentiu um frémito de algo que era mais que excitação: assemelhava-se, porventura, a medo. Agora que se achava tão perto, perguntava-se se, afinal, queria ver. Talvez Hermione soubesse como ele se sentia, porque lhe pegou na mão e assumiu pela primeira vez a liderança, puxando-o para diante. A meio da praça, contudo, estacou de súbito.

— Harry, olha!

Apontava para o memorial de guerra, que se transformara à passagem deles. Em vez de um obelisco coberto de nomes, havia agora uma estátua de três pessoas: um homem de cabelo revoltado e óculos, uma mulher de cabelo comprido e rosto doce e belo, e um bebé nos braços da mãe. A neve cobria-lhes as cabeças, quais barretes brancos e fofos.

Harry aproximou-se mais, fitando intensamente as caras dos pais. Nunca imaginara que existisse uma estátua... que estranho ver-se representado em pedra, um bebé feliz sem uma cicatriz na testa...

— ‘Bora — disse ele, depois de a ter contemplado até à saciedade. Viraram-se de novo para a igreja. Ao atravessar a rua, Harry relanceou um olhar por cima do ombro; a estátua transformara-se outra vez no memorial.

Os cânticos subiram de tom à medida que se acercavam da igreja. Harry sentiu a garganta apertada; aquilo trazia-lhe recordações tão fortes de Hogwarts: Peeves gritando versões grosseiras de canções de Natal do interior de armaduras, as doze árvores de Natal do Salão Nobre, Dumbledore com um barrete que ganhara numa rifa, Ron com uma camisola tricotada à mão...

À entrada para o cemitério havia um portão; Hermione abriu-o o mais silenciosamente possível, e avançaram. De ambos os lados do caminho escorregadio que conduzia às portas da igreja a neve acumulara-se, espessa e intacta. Moveram-se através dela, deixando atrás de si profundos sulcos enquanto rodeavam o edifício, mantendo-se nas sombras sob as janelas iluminadas.

Atrás da igreja, fila após fila de túmulos níveos emergiam de um manto azul claro salpicado de vermelho ofuscante, dourado e verde onde os reflexos dos vitrais tocavam no solo. Conservando a varinha bem apertada na mão dentro do bolso do casaco, Harry dirigiu-se à campa mais próxima.

— Olha para isto, é um Abbott, talvez seja algum parente da Hannah, falecido há muito!

— Fala baixo — pediu-lhe Hermione.

Penetraram mais no cemitério, abrindo fossos negros na neve, curvando-se para decifrar as palavras de velhas lápides, perscrutando de vez em quando a escuridão em redor para se certificarem de que não tinham companhia.

— Harry, aqui!

Hermione achava-se duas filas de túmulos mais atrás; teve de recuar até ela, com o coração a martelar-lhe no peito.

— É...?

— Não, mas olha!

Apontou para a lápide negra. Harry curvou-se e viu, no granito gelado e manchado de líquenes, as palavras *Kendra Dumbledore* e, logo abaixo das datas de nascimento e morte, *e a sua filha Ariana*. Havia igualmente uma citação:

Onde estiver o teu tesouro, aí estará também o teu coração.

Portanto, Rita Skeeter e Muriel tinham razão nalgumas coisas. A família

Dumbledore vivera realmente ali, e parte dela falecera ali.

Ver o túmulo foi pior do que ouvir falar dele. Harry não pôde deixar de pensar que ele e Dumbledore possuíam ambos fortes raízes naquele cemitério, e que o Director lho devia ter dito; e todavia ele nunca pensara em partilhar essa ligação. Podiam ter visitado juntos o local; Harry imaginou-se por instantes a ir ali com Dumbledore, no laço que isso teria constituído, em quanto teria significado para si. Mas parecia que, para Dumbledore, o facto de as suas famílias jazerem lado a lado no mesmo cemitério fora uma coincidência sem importância, irrelevante, talvez, para a tarefa que destinara a Harry.

Hermione fitava-o, e Harry sentiu-se satisfeito por ter o rosto oculto na sombra. Voltou a ler as palavras do túmulo. *Onde estiver o teu tesouro, aí estará também o teu coração.* Não compreendia o significado daquelas palavras. Decerto fora Dumbledore que as escolhera, como membro mais velho da família, após a morte da mãe.

— Tens a certeza de que ele nunca mencionou...? — começou Hermione.

— Não — respondeu Harry, secamente; depois acrescentou: — Vamos continuar a procurar. — Deu meia volta, desejando não ter visto a lápide: não queria a sua alvoroçada ansiedade manchada pelo ressentimento.

— Aqui! — gritou Hermione de novo, instantes mais tarde, do meio das trevas. — Oh, não, desculpa! Pensei que dizia Potter.

Esfregava uma lápide arruinada e coberta de musgo, fitando-a com a testa levemente enrugada.

— Harry, volta aqui um momento

Ele não queria ser outra vez desviado, e foi relutantemente que retrocedeu pela neve em direcção a ela.

— Que é?

— Olha para isto!

A campa era extremamente velha, e tão desgastada pela acção do tempo que Harry mal conseguiu distinguir o nome. Hermione mostrou-lhe o símbolo por baixo dele.

— Harry, é a marca do livro!

Examinou o sítio indicado: a lápide estava tão corroída que era difícil perceber o que lá se achava gravado, embora parecesse haver uma marca triangular sob o nome quase ilegível.

— É... podia ser...

Hermione acendeu a varinha e apontou-a para o nome inscrito na lápide.

— Diz Ig...Ignotus, creio eu...

— Eu vou continuar à procura dos meus pais, está bem? — declarou Harry, com uma leve nota de irritação na voz; e partiu, deixando-a agachada ao lado da velha campa.

De tempos a tempos reconhecia um apelido que, tal como Abbott, encontrara em Hogwarts. Às vezes, havia várias gerações da mesma família de feiticeiros representadas no cemitério e Harry percebia pelas datas que a

família se extinguiu, ou que os membros actuais tinham deixado Godric's Hollow. Foi-se enfronhando cada vez mais pelo meio das campas e sempre que chegava a uma nova lápide sentia uma leve guinada de apreensão e expectativa.

A escuridão e o silêncio pareceram tornar-se, de repente, muito mais profundos. Olhou em volta, apreensivo, pensando em Dementors, e depois percebeu que os cânticos de Natal haviam cessado, e que a tagarelice e a agitação das pessoas que saíam da igreja se iam desvanecendo à medida que regressavam à praça. Alguém acabava de apagar as luzes no interior da igreja.

Então, a voz de Hermione elevou-se do escuro pela terceira vez, forte e nítida, a alguns passos de distância.

— Harry, eles estão aqui... aqui mesmo.

E Harry percebeu, pelo tom da voz dela, que desta vez se tratava da sua mãe e do seu pai; avançou nessa direcção, sentindo-se como se algo muito pesado lhe estivesse a comprimir o peito, a mesma sensação que experimentara logo após a morte de Dumbledore, uma mágoa que realmente lhe pesara no coração e nos pulmões.

A pedra tumular encontrava-se apenas duas filas para lá da de Kendra e Ariana. Era de mármore branco, tal como a de Dumbledore, o que facilitava a leitura, pois parecia brilhar no escuro. Harry não precisou de se ajoelhar nem sequer de se aproximar muito para distinguir as palavras nela gravadas.

James Potter, nascido a 27 Março 1960, falecido a 31 Outubro 1981

Lily Potter, nascida a 30 Janeiro 1960, falecida a 31 Outubro 1981

O último inimigo que será destruído é a morte.

Harry leu as palavras lentamente, como se tivesse apenas uma oportunidade de assimilar o seu significado, e ao chegar às últimas, leu-as em voz alta.

— «*O último inimigo que será destruído é a morte*»... — Ocorreu-lhe um pensamento horrível, e com ele uma espécie de pânico. — Isto não é uma ideia própria de Devorador da Morte? Por que está isto aqui?

— Não significa derrotar a morte da maneira que os Devoradores da Morte o entendem, Harry — disse Hermione em voz doce. — Significa... percebes... viver para além da morte. Viver depois da morte.

Mas eles não estavam vivos, pensou Harry: tinham partido. As palavras ocas não podiam disfarçar o facto de os restos bolorentos dos seus pais jazerem sob neve e pedra, indiferentes, ignorantes. E as lágrimas irromperam antes que ele as pudesse deter, queimando-lhe o rosto e gelando depois instantaneamente, e de que adiantava enxugá-las, ou dissimular? Deixou-as correr, de lábios comprimidos, fitando de cabeça baixa a neve espessa que ocultava dos seus olhos o sítio onde jaziam os restos de James e Lily, ossos agora, certamente, ou pó, sem saberem nem se importarem com o facto de o seu filho vivo se encontrar tão perto, com o coração ainda a bater, vivo por

causa do sacrifício deles e quase desejando, nesse momento, estar a dormir junto deles debaixo da neve.

Hermione pegara-lhe de novo na mão e apertava-lha fortemente. Não conseguiu olhar para ela, mas devolveu a pressão, sorvendo agora rápida e profundamente o ar nocturno, tentando controlar-se, tentando recuperar o domínio de si próprio. Devia ter trazido algo para lhes oferecer, mas não pensara nisso, e todas as plantas do cemitério se achavam despidas de folhas e geladas. Hermione, porém, ergueu a varinha, descreveu um círculo no ar e diante deles desabrochou uma coroa de rosas-de-Natal. Harry apanhou-a e pousou-a na campa dos pais.

Assim que se ergueu, desejou partir: não acreditava poder aguentar nem mais um minuto ali. Pôs o braço em volta dos ombros de Hermione, e ela passou-lhe o dela pela cintura, voltaram-se em silêncio e afastaram-se devagar neve fora, deixando para trás a mãe e a irmã de Dumbledore, de regresso à igreja escurecida, para lá do portão do cemitério.

XVII

O SEGREDO DE BATHILDA

— Harry, pára aí.

— O que foi?

Tinham acabado de chegar à campa de um Abbott desconhecido.

— Está ali alguém. Alguém a observar-nos. Sei que está. Ali, junto daqueles arbustos.

Estacaram, absolutamente imóveis, agarrados um ao outro, fitando o negrume no extremo do cemitério. Harry não conseguiu ver nada.

— Tens a certeza?

— Vi qualquer coisa mexer, era capaz de jurar...

Separou-se dele para libertar o braço da varinha.

— Parecemos Muggles — fez notar Harry.

— Muggles que acabam de depositar flores na campa dos teus pais! Harry, tenho a certeza de que está ali alguém!

Harry recordou *Uma História da Magia*; constava que o cemitério era assombrado. E se...? Mas nessa altura ouviu um roçar e viu um pequeno remoinho de neve junto do arbusto para onde Hermione apontara. Os fantasmas não faziam a neve mover-se.

— É um gato — disse ele, ao cabo de um ou dois segundos —, ou um pássaro. Se fosse um Devorador da Morte, já estaríamos mortos. Mas vamos pôr-nos a andar daqui para fora, e poderemos voltar a colocar o Manto.

Olharam várias vezes para trás enquanto se dirigiam à saída. Harry, que não se sentia tão corajoso como fingira para tranquilizar Hermione, ficou satisfeito por chegar ao portão e ao passeio escorregadio. Voltaram a colocar o Manto da Invisibilidade. O *pub* estava mais cheio do que anteriormente: no interior, muitas vozes entoavam agora o cântico que eles tinham ouvido ao aproximar-se da igreja. Por instantes, Harry ponderou a hipótese de sugerir que se refugassem lá dentro, mas, antes de poder falar, Hermione murmurou: — Vamos por aqui — e puxou-o para a rua escura que saía da vila na direcção oposta àquela por onde haviam entrado. Harry distinguiu o sítio onde as casas e a azinhaga acabavam e os campos se estendiam de novo. Caminhavam o

mais depressa que podiam, passando por outras janelas onde reluziam luzinhas multicoloridas, com as silhuetas de árvores de Natal recortadas a negro contra as cortinas.

— Como é que vamos descobrir a casa da Bathilda? — perguntou Hermione, que tremia um pouco e olhava constantemente para trás por cima do ombro. — Harry? O que é que achas? Harry?

Puxou-lhe o braço, mas Harry não estava a prestar atenção. Olhava na direcção da massa escura que se avistava no extremo daquela correnteza de casas. De seguida, apressou o passo, arrastando consigo Hermione, que escorregou um pouco no gelo.

— Harry...

— Olha... olha para ali, Hermione...

— Não ve... oh!

Ele conseguia vê-la; o Encantamento Fidelius devia ter cessado com a morte de James e Lily. A sebe crescera desordenadamente nos dezasseis anos passados desde que Hagrid levantara Harry dos escombros, dispersos agora por entre as ervas que lhes chegavam à cintura. A maior parte da casa continuava de pé, embora totalmente coberta de hera escura e neve, mas o lado direito do andar superior estava destruído; Harry tinha a certeza de que fora ali que a maldição se invertera. Ele e Hermione detiveram-se em frente ao portão, fitando as ruínas do que, em tempos, deveria ter sido uma casa igual às que a ladeavam.

— Gostava de saber por que é que nunca ninguém a reconstruiu — segredou Hermione.

— Talvez não seja possível? — sugeriu Harry. — Talvez seja como os ferimentos provocados por Magia Negra e não se possam reparar os estragos?

Tirou a mão de debaixo do Manto e agarrou o portão ferrugento, coberto de neve, não porque desejasse abri-lo, mas simplesmente para tocar numa parte da casa.

— Não vais entrar, pois não? Não parece seguro, pode... oh, Harry, olha!

Aparentemente, ao tocar no portão fizera com que algo sucedesse. Do solo, diante deles, irrompera uma tabuleta, atravessando o emaranhado de urtigas e ervas daninhas, semelhante a uma estranha flor de crescimento instantâneo. Na madeira, em letras douradas, dizia:

Neste sítio, na noite de 31 de Outubro 1981, Lily e James Potter perderam a vida.

O seu filho, Harry, continua a ser o único feiticeiro a ter sobrevivido à Maldição de Morte.

Esta casa, invisível para os Muggles, foi deixada em ruínas como monumento aos Potter e memória da violência que destruiu a sua família.

E a toda a volta daquelas palavras meticulosamente escritas, havia rabiscos acrescentados por outros feiticeiros que tinham vindo ver o lugar onde O

Rapaz Que Sobreviveu havia escapado. Alguns tinham-se limitado a assinar os nomes com Tinta Perpétua; outros tinham gravado as suas iniciais na madeira, e outros ainda tinham deixado mensagens. As mais recentes, brilhando vivamente por cima de dezasseis anos de mensagens mágicas, diziam todas o mesmo.

«Boa sorte, Harry, onde quer que te encontres.» «Harry, se leres isto, nós estamos contigo!» «Viva Harry Potter.»

— Eles não deviam ter escrito na tabuleta! — exclamou Hermione, indignada.

Mas Harry sorria com expressão exultante.

— É formidável. Ainda bem que o fizeram. Eu...

Interrompeu-se. Pela azinhaga, em direcção a eles, caminhava uma figura vacilante, muito agasalhada, que se recortava contra as luzes brilhantes da praça distante. Harry achou que a figura pertencia a uma mulher, embora fosse difícil dizer. Movia-se devagar, possivelmente receosa de escorregar no solo nevado. A curvatura do corpo, a sua constituição, o passo arrastado, tudo transmitia uma impressão de idade extremamente avançada. Observaram a sua aproximação em silêncio. Harry aguardava, para ver se ela viraria em alguma das casas por onde passava, mas sabia instintivamente que não. Por fim, a figura deteve-se a alguns passos de distância, e ficou simplesmente ali parada, no meio da estrada gelada, de frente para eles.

Harry não precisava que Hermione lhe beliscasse o braço. Não havia a menor possibilidade de aquela mulher ser Muggle: estava ali a fitar uma casa que deveria ser completamente invisível para ela, se não fosse feiticeira. Mesmo partindo do princípio de que *era* feiticeira, era um comportamento muito estranho sair numa noite tão fria apenas para contemplar uma velha ruína. Entretanto, segundo todas as regras da magia normal, não deveria ser capaz de ver nem Hermione nem Harry. No entanto, ele teve a estranhíssima sensação de que a mulher sabia não só que eles ali estavam, como também quem eram. Acabara de chegar a essa conclusão pouco reconfortante, quando ela ergueu a mão enluvada e fez um gesto de chamamento.

Debaixo do Manto, Hermione chegou-se mais para ele, o braço apertado contra o seu.

— Como é que ela sabe?

Ele abanou a cabeça. A mulher fez novo gesto, agora mais vigoroso. Harry podia pensar em várias razões para não acorrer ao chamamento; contudo, as suas desconfianças acerca da identidade dela aumentavam a cada momento que passava, enquanto se fitavam na rua deserta.

Seria possível que ela tivesse estado à espera deles durante todos aqueles longos meses? Que Dumbledore lhe tivesse dito para esperar, porque Harry acabaria por lá ir? Não teria sido ela que se movera nas sombras do cemitério e os seguira até ali? Até a sua capacidade de os pressentir sugeria um tipo de poder à Dumbledore, que ele nunca encontrara antes.

Harry falou por fim, levando Hermione a sustar a respiração e a dar um

salto.

— A senhora é Bathilda?

A figura agasalhada acenou afirmativamente e voltou a fazer o mesmo gesto.

Harry e Hermione entreolharam-se debaixo do Manto. Harry ergueu as sobrancelhas numa interrogação e Hermione concordou com um leve aceno nervoso.

Avançaram em direcção à mulher, e imediatamente ela se voltou e partiu, vacilante, pelo mesmo caminho por onde tinham vindo. Passaram diversas casas, e depois ela entrou num portão. Seguiram-na pelo caminho acima, através do jardim quase tão descuidado como aquele que acabavam de abandonar. Junto à porta, ela debateu-se um momento com a chave, abriu-a e afastou-se para os deixar passar.

A mulher cheirava mal, ou talvez fosse da casa; Harry torceu o nariz ao passarem por ela e tirou o Manto da Invisibilidade. Agora, que se encontrava a seu lado, viu como era pequena: curvada pela idade, mal lhe chegava ao peito. Fechou a porta atrás de si, os nós dos dedos azulados e manchados contra a tinta a cair, e ao que se virou e perscrutou o rosto de Harry. Tinha os olhos enevoados por cataratas e afundados em pregas de pele transparente, e toda a sua cara se achava salpicada de capilares e manchas de fígado. Harry perguntou-se se ela conseguiria sequer distingui-lo; ainda que conseguisse, o que veria seria o Muggle careca cuja identidade ele roubara.

O odor a velhice, a pó, a roupa suja e a comida estragada intensificou-se quando ela desenrolou um xaile negro, roído de traças, revelando a cabeça coberta de cabelo branco e ralo, através do qual se via claramente o crânio.

— Bathilda? — repetiu Harry.

Ela voltou a anuir. Harry teve de súbito consciência do medalhão encostado à sua pele; a coisa que havia no seu interior, e que às vezes latejava ou palpitava, despertara; sentia-a pulsar através do ouro frio. Saberla ela, poderla pressentir, que aquilo que a destruiria se encontrava perto?

Bathilda passou por eles a arrastar os pés, empurrando Hermione como se a não tivesse visto, e desapareceu no que lhes pareceu ser uma saleta.

— Harry, não me sinto nada à vontade com isto — ofegou Hermione.

— Olha para o tamanho dela; acho que conseguiríamos dominá-la se fosse preciso — comentou Harry. — Sabes, eu devia ter-te dito, mas eu já sabia que ela não regulava bem. A Muriel chamou-lhe «gagá».

— Anda! — chamou Bathilda da sala ao lado.

Hermione teve um sobressalto e agarrou-se ao braço de Harry.

— Tudo OK — acalmou-a ele, entrando à frente para a saleta.

Bathilda cambaleava pela sala acendendo candeeiros, mas esta continuava muito escura, além de imunda. Camadas de pó rangiam debaixo dos pés deles e o nariz de Harry detectou, subjacente ao cheiro a mofo e a bolor, algo pior, como carne apodrecida. Perguntou-se quando teria sido a última vez que alguém entrara naquela casa para ver como ela estava. Bathilda parecia

igualmente ter-se esquecido de que podia usar magia, pois acendeu as velas à mão, desajeitadamente, em risco constante de incendiar o punho de renda comprido.

— Deixe-me fazer isso — ofereceu-se Harry, pegando-lhe nos fósforos. Ela ficou a observá-lo, enquanto ele acabava de acender os cotos de velas pregados em pires em redor da sala, precariamente empoleirados em pilhas de livros e em mesas de apoio entulhadas de chávenas rachadas e bolorentas.

A última superfície em que Harry avistou uma vela era uma cómoda de bojo curvo, em cima da qual havia numerosas fotografias. Quando a chama ganhou vida, o seu reflexo dançou na prata e nos vidros poeirentos. Harry viu alguns movimentos ténues oriundos das imagens. Enquanto Bathilda procurava, atabalhoadamente, achas para a lareira, ele murmurou, «*Tergeo.*» O pó desapareceu das fotografias e ele viu imediatamente que faltava uma meia dúzia, as das molduras maiores e mais ornamentadas. Perguntou-se se teria sido Bathilda ou outra pessoa a retirá-las. Depois, uma das fotografias mais para o fundo da colecção captou o seu olhar, e Harry pegou-lhe.

O ladrão de rosto jovial e cabelos dourados, o jovem que se empoleirava no parapeito da janela de Gregorovitch, sorria-lhe indolentemente da sua moldura prateada. E, nesse instante, Harry lembrou-se de onde vira antes aquele jovem: em *A Vida e as Mentiras de Albus Dumbledore*, de braço dado com um Dumbledore adolescente, e era aí que deviam encontrar-se todas as fotografias que faltavam: no livro de Rita.

— Mrs... Miss... Bagshot? — chamou ele, com um leve tremor na voz. — Quem é este?

Bathilda achava-se no meio da sala, vendo Hermione acender-lhe a lareira.

— Miss Bagshot? — repetiu Harry, e avançou, de fotografia na mão, enquanto as chamas irrompiam na lareira. Bathilda ergueu os olhos ao ouvir a sua voz e o Horcrux bateu com mais força contra o peito dele.

— Quem é esta pessoa? — perguntou-lhe Harry, estendendo a fotografia. Ela examinou-a solenemente e depois fitou Harry.

— Sabe quem é? — repetiu ele, em voz muito mais lenta e sonora do que o habitual. — Este homem? Conhece-o? Como é que ele se chama?

Bathilda mantinha o seu ar vago e Harry sentiu uma terrível frustração. Como é que Rita Skeeter libertara as recordações de Bathilda?

— Quem é este homem? — repetiu ele em voz alta.

— Harry, que estás tu a fazer? — perguntou Hermione.

— Este retrato, Hermione, é o ladrão, o ladrão que roubou o Gregorovitch! Por favor! — pediu ele a Bathilda. — Quem é este?

Mas ela limitou-se a fitá-lo.

— Por que é que nos pediu para vir consigo, Mrs... Miss... Bagshot? — indagou Hermione, elevando, por seu turno, a voz. — Havia alguma coisa que nos quisesse dizer?

Sem dar qualquer sinal de ter ouvido Hermione, Bathilda aproximou-se mais de Harry. Com um pequeno movimento de cabeça, olhou na direcção do

vestíbulo.

— Quer que nos vamos embora? — perguntou ele.

Ela repetiu o gesto, desta vez apontando primeiro para ele, depois para ela própria, e depois para o tecto.

— Ah, certo... Hermione, acho que ela quer que eu vá lá acima com ela.

— Está bem — acedeu Hermione —, vamos lá.

Mas vendo Hermione mover-se, Bathilda abanou a cabeça com um vigor surpreendente, apontando uma vez mais para Harry e depois para si.

— Ela quer que eu vá sozinho.

— Porquê? — inquiriu Hermione, e a sua voz ressoou, áspera e nítida, na sala iluminada a velas; a velha senhora abanou levemente a cabeça perante o ruído.

— Talvez o Dumbledore lhe tenha dito para me dar a espada a mim, e apenas a mim?

— Achas realmente que ela sabe quem tu és?

— Sim — afirmou Harry, fitando os olhos leitosos pregados nos seus —, acho que sabe, sim.

— Então está bem, mas despacha-te, Harry.

— Vá à frente — disse Harry a Bathilda.

Ela pareceu compreender, porque passou em redor dele num passo arrastado e dirigiu-se para a porta. Harry relanceou um olhar a Hermione, sorrindo tranquilizadamente, mas não teve a certeza de ela ter reparado; a amiga parara no meio da sala imunda e mal iluminada, apertando os braços contra o corpo, a olhar para a estante. Ao sair da sala, sem que nem Bathilda nem Hermione o vissem, Harry enfiou dentro do casaco a moldura prateada com a fotografia do ladrão desconhecido.

As escadas eram estreitas e íngremes; Harry sentiu-se tentado a assentar as mãos no traseiro de Bathilda para garantir que ela não se desequilibrava, caindo para trás, por cima dele, uma hipótese mais que plausível. Devagar, arquejando um pouco, ela subiu até ao patamar, virou imediatamente à direita e conduziu-o a um quarto de tecto baixo.

Estava escuro como breu e cheirava horripelantemente: Harry acabara de identificar um bacio a espreitar de debaixo da cama, quando Bathilda fechou a porta e até isso foi engolido pelas trevas.

— *Lumos* — proferiu ele, e a sua varinha iluminou-se. Teve um sobressalto: nesses poucos segundos de escuridão, Bathilda deslocara-se para junto dele sem que a tivesse ouvido aproximar-se.

— És o Potter? — sussurrou ela.

— Sou, sim.

Ela acenou lenta, solenemente. Harry sentiu o Horcrux pulsar mais depressa, mais depressa que o seu próprio coração: era uma sensação desagradável e perturbadora.

— Tem alguma coisa para mim? — perguntou Harry, mas ela parecia distraída com a extremidade iluminada da sua varinha.

— Tem alguma coisa para mim? — repetiu ele.

Então ela fechou os olhos e aconteceram várias coisas ao mesmo tempo: a cicatriz de Harry ardeu-lhe penosamente, o Horcrux contorceu-se de tal maneira que a frente da sua camisola se moveu e o quarto escuro e fétido dissolveu-se momentaneamente. Ele sentiu um ímpeto de alegria e falou numa voz aguda e fria: *aguenta-o!*

Harry cambaleou e o quarto escuro e fedorento pareceu cerrar-se em volta dele; não sabia o que acabava de acontecer.

— Tem alguma coisa para mim? — perguntou ele pela terceira vez, em voz mais alta.

— Aqui — sussurrou ela, apontando para o canto. Harry ergueu a varinha e viu os contornos de uma cómoda atravancada debaixo dos cortinados da janela.

Desta vez ela não foi à frente. Harry espremeu-se para passar entre a mulher e a cama por fazer, de varinha levantada. Não queria afastar os olhos dela.

— O que é? — perguntou ao atingir a cómoda, em cujo topo se empilhava algo que parecia e cheirava a roupa suja.

— Aí — disse ela, apontando a massa informe.

E no instante em que ele desviou o olhar, perscrutando aquele emaranhado confuso à procura de um punho de espada, um rubi, ela moveu-se de uma forma esquisita. Entreviu-a pelo canto do olho e o pânico levou-o a voltar-se. Ficou paralisado de terror ao ver o velho corpo desabar e a enorme serpente emergir do lugar onde estivera o pescoço de Bathilda.

A serpente atacou quando ele erguia a varinha: a força da mordedura no seu braço atirou a varinha a rodopiar até ao tecto, a luz oscilando vertiginosamente pelo quarto até se extinguir. Depois, uma violenta pancada da cauda no estômago deixou-o sem respiração: tombou para trás, sobre a cómoda, em cima do monte de roupa suja.

Rolou para o lado, evitando por um triz a cauda da serpente, que açoitou o móvel no sítio em que ele se encontrava um segundo antes; fragmentos do tampo de vidro choveram sobre ele e Harry caiu no chão. Ouviu Hermione chamar lá de baixo: — Harry?

Não conseguia introduzir ar suficiente nos pulmões para a chamar também; depois, uma pesada massa mole esmagou-o contra o chão e ele sentiu-a deslizar por cima de si, forte, musculosa...

— Não! — ofegou ele, preso ao chão.

— *Sssim* — sussurrou a voz. — *Sssim... aguentar-te...aguentar-te aqui...*

— *Accio... Accio* varinha...

Mas não aconteceu nada e Harry precisava das mãos para tentar forçar a serpente a afastar-se de si, enquanto ela se enroscava em volta do seu dorso, roubando-lhe o ar, comprimindo fortemente o Horcrux contra o seu peito, um círculo de gelo que palpitava com vida, a centímetros do seu coração frenético... e o seu cérebro inundava-se de luz branca e fria, o pensamento

obliterado, a respiração asfíxiada, passos distantes, tudo a desaparecer...

Um coração de metal martelava fora do seu peito, e agora ele estava a voar, a voar com o coração triunfante, sem precisar de vassoura nem de Thestral...

De súbito, despertou nas trevas fétidas; *Nagini* soltara-o. Esforçou-se por se erguer, e viu a serpente recortada contra a luz do patamar: atacou, e Hermione mergulhou para o lado, soltando um grito agudo; a sua maldição atingiu a janela, que se estilhaçou. O ar glacial invadiu o quarto e Harry agachou-se para evitar nova chuva de fragmentos de vidro; o pé escorregou-lhe em algo que parecia um lápis... a sua varinha...

Baixou-se e pegou-lhe, mas a serpente enchia agora o quarto, açoitando tudo com a cauda; Hermione não se encontrava à vista e, por momentos, Harry pensou o pior, mas depois houve uma explosão sonora e um relâmpago de luz vermelha, e a serpente voou pelos ares, chicoteando violentamente a cara de Harry, desenrolando os anéis, enquanto se erguia até ao tecto. Harry levantou a varinha, mas nesse instante sentiu a cicatriz queimá-lo com uma intensidade, uma violência que não acontecia há muitos anos.

— Ele vem aí! *Hermione, ele vem aí!*

Mal soltara o grito, a serpente caiu, sibilando furiosamente. Tudo se transformou em caos: ela despedaçou as prateleiras das paredes e havia pedaços de louça partida a voar por toda a parte, enquanto Harry saltava por cima da cama e agarrava a forma escura que sabia ser Hermione...

Ela guinchou de dor quando ele a puxou para o outro lado da cama; a serpente ergueu-se mais uma vez, mas Harry sabia que algo pior do que a serpente estava a chegar, encontrava-se talvez já ao portão, a sua cabeça ameaçava explodir com a dor na cicatriz...

A serpente investiu ao mesmo tempo que ele saltava, arrastando consigo Hermione; reagindo ao ataque, Hermione gritou, *Confringo!* E o seu encantamento voou em redor do quarto, estilhaçando o espelho do guarda-roupa e fazendo ricochete neles, ressaltando do chão até ao tecto; Harry sentiu o seu calor queimar-lhe as costas da mão. Um pedaço de vidro cortou-lhe a face e, arrastando Hermione consigo, pulou da cama para a cómoda partida, e depois através da janela despedaçada rumo ao nada, com o grito dela a ressoar pela noite, enquanto rodopiavam no ar...

E depois a sua cicatriz rebentou e ele era Voldemort e corria pelo quarto fétido, as longas mãos lívidas apertando o parapeito da janela ao avistar o homem careca e a mulher baixa rodopiarem e desaparecerem, e gritou de raiva, um grito que se confundiu com o da rapariga, que ecoou pelos jardins escuros e chegou até aos sinos da igreja que repicavam no Dia de Natal...

E o grito dele era o grito de Harry, a sua dor era a dor de Harry... poder aquilo acontecer ali, onde já acontecera antes... ali, à vista daquela casa onde ele estivera tão perto de saber o que era morrer... morrer... a dor tão terrível... arrancado ao seu corpo... mas se não tinha corpo, por que é que a cabeça lhe doía tanto, se estava morto, como é que podia sentir de forma tão insuportável, a dor não cessava com a morte, não desapare...

Na noite húmida e ventosa, duas crianças mascaradas de abóboras saltitando pela praça, e as montras das lojas enfeitadas com aranhas de papel e todos os adornos espalhafatosos dos Muggles sobre um mundo em que não acreditavam... e ele ia deslizando, com aquela sensação de propósito, e poder, e certeza que experimentava sempre nessas ocasiões... não cólera... isso era para almas mais fracas que ele... mas triunfo, sim... ele aguardara aquilo, ansiara...

«Bonito disfarce, Senhor!»

Viu o sorriso do rapazinho desvanecer-se quando se aproximou o suficiente para espreitar para debaixo do capuz do manto, viu o medo sombrear-lhe a cara pintalgada: depois a criança deu meia volta e fugiu a correr... debaixo da capa ele tateou o punho da sua varinha... um simples movimento e a criança nunca chegaria ao pé da mãe... mas era desnecessário, inteiramente desnecessário...

E moveu-se ao longo de uma nova rua, mais sombria, e agora o seu destino achava-se finalmente à vista, quebrado o Encantamento Fidelius, embora eles ainda o não soubessem... e ele foi mais silencioso que as folhas mortas que tombavam no pavimento ao acercar-se da sebe escura, e ficou a olhar para lá dela...

Eles não tinham corrido as cortinas, viu-os perfeitamente na sala de estar, o homem alto, de cabelo preto e óculos, fazendo emergir da sua varinha nuvens de fumo colorido para divertir o garoto de cabelo preto e pijama azul. A criança ria-se e tentava apanhar o fumo, agarrá-lo com o seu pequeno punho...

Abriu-se uma porta e a mãe entrou, dizendo palavras que ele não conseguiu ouvir, o longo cabelo ruivo escuro a cair-lhe para a cara. Agora o pai erguia o filho e entregava-o à mãe. Atirou a varinha para o sofá e estendeu-se, bocejando...

O portão rangeu levemente ao ser empurrado, mas James Potter não ouviu. A mão lívida tirou a varinha de debaixo do manto e apontou para a porta, que rebentou.

Já transpusera a entrada quando James chegou, correndo, ao vestíbulo. Era fácil, demasiado fácil, ele nem sequer pegara na varinha...

— Lily, pega no Harry e foge! É ele! Foge! Rápido! Eu demoro-o...

Demoro-o, sem varinha!... Gargalhou antes de lançar a maldição...

— Avada Kedavra!

A luz verde encheu o vestíbulo acanhado, iluminou o carrinho de bebé encostado à parede, fez o corrimão brilhar como um pára-raios, e James Potter caiu como uma marioneta a que tivessem cortado os fios...

Ele ouvia-a gritar no piso superior, encurralada, mas desde que se mostrasse sensata, ela, pelo menos, não tinha nada a recear... subiu os degraus, escutando, levemente divertido, as tentativas dela para se barricar... ela também não empunhava a varinha... como haviam sido estúpidos, e confiantes, pensando que a sua segurança residia nos amigos, que as armas

podiam ser abandonadas ainda que por momentos...

Forçou a porta, afastou, com um gesto displicente da varinha, a cadeira e as caixas apressadamente empilhadas contra ela... e ali estava a mãe, com a criança ao colo. Ao vê-lo, ela pousou o filho no berço atrás de si e abriu completamente os braços, como se isso ajudasse, como se, ao abrigá-lo da vista, esperasse ser antes ela a escolhida...

— O Harry não, o Harry não, por favor, o Harry não!

— Afasta-te, rapariga pateta... afasta-te, já...

— O Harry não, não, por favor, leve-me a mim, mate-me antes a mim...

— É o meu último aviso...

— O Harry não! Por favor... tenha piedade... tenha piedade... O Harry não! O Harry não! Por favor... eu farei tudo...

— Afasta-te ... Afasta-te, rapariga...

Podia tê-la afastado à força do berço, mas pareceu-lhe mais prudente acabar com todos eles...

A luz verde relampejou pelo quarto e ela tombou, tal como o marido. Durante todo esse tempo, a criança não chorara: aguentava-se em pé, agarrada às grades do berço, e erguia os olhos para o rosto do intruso com uma espécie de interesse bem-disposto, pensando, talvez, que por baixo do manto se escondia o pai, a fazer mais luzes bonitas, e a mãe ia levantar-se a qualquer instante, a rir-se...

Apontou a varinha com todo o cuidado à cara do rapaz: queria ver aquilo acontecer, a destruição daquele perigo inexplicável. A criança começou a chorar: pressentira que ele não era James. Não gostou que chorasse, nunca suportara as lamúrias dos mais pequenos no orfanato...

— Avada Kedavra!

E então sentiu-se despedaçar: não era nada, nada excepto dor e terror, e tinha de se esconder, não ali, nos escombros da casa arruinada, onde a criança estava encurralada e aos gritos, mas muito longe... muito longe...

— Não — gemeu Harry.

A serpente rastejava no solo sujo e entulhado, e ele matara o rapaz, e no entanto ele era o rapaz...

— Não...

E agora encontrava-se à janela estilhaçada da casa de Bathilda, imerso nas recordações da sua maior perda, e a seus pés a enorme serpente deslizava sobre louça e vidros quebrados... baixou os olhos e viu uma coisa... uma coisa incrível...

— Não...

— Harry, está tudo bem, tu estás bem!

Curvou-se e apanhou a fotografia esmigalhada. Lá estava ele, o ladrão desconhecido, o ladrão que ele procurava...

— Não... eu deixei-a cair... deixei-a cair...

— Harry, tudo OK, acorda, acorda!

Ele era Harry... Harry, não Voldemort... e o roçar que ouvia não era uma

serpente...

Abriu os olhos.

— Harry — murmurou Hermione. — Sentes-te... bem?

— Sim — mentiu ele.

Encontrava-se na tenda, deitado num dos beliches inferiores, sob um monte de cobertores. Percebeu que era quase madrugada pelo silêncio e pela qualidade da luz fria e uniforme para lá do tecto de lona. Estava alagado em suor; sentia-o nos lençóis e nos cobertores.

— Escapámos.

— Sim — confirmou Hermione. — Tive de usar um Feitiço de Suspensão para te pôr no beliche, não consegui erguer-te. Tu tens estado... bom, tu não tens estado bem....

Havia sombras arroxeadas sob os seus olhos castanhos e Harry reparou que ela segurava uma pequena esponja: tinha estado a enxugar-lhe a cara.

— Tens estado doente — concluiu ela. — Bastante doente.

— Há quanto tempo é que fugimos?

— Há horas. É quase manhã.

— E eu tenho estado... o quê, inconsciente?

— Não exactamente — respondeu Hermione, constrangida. — Tens estado aos gritos e a gemer e... assim — acrescentou ela num tom que deixou Harry pouco à vontade. O que fizera ele? Gritara maldições, como Voldemort? Chorara como o bebé do berço?

— Não consegui tirar-te o Horcrux — disse Hermione, e ele percebeu que ela queria mudar de assunto. — Estava colado, colado ao teu peito. Tens uma marca; lamento, mas tive de usar um Encantamento de Desunir para o tirar. A serpente mordeu-te, também, mas já limpei a ferida e pus-lhe um pouco de ditaína...

Ele arrancou a *T-shirt* transpirada que tinha vestida e olhou para baixo. Havia um oval escarlate sobre o seu coração, no local em que o medalhão o queimara. Viu igualmente as marcas de dentadas semi-saradas no braço.

— Onde é que puseste o Horcrux?

— Na minha mala. Acho que não o devemos usar durante algum tempo.

Harry recostou-se nas almofadas e fitou o rosto dela, contraído, pardacento.

— Não devíamos ter ido a Godric's Hollow. A culpa é minha, a culpa é toda minha, Hermione, lamento.

— A culpa não é tua. Eu também quis ir; pensei realmente que o Dumbledore te podia ter deixado lá a espada.

— É, pois... enganámo-nos, não foi?

— O que é que aconteceu, Harry? O que é que aconteceu quando ela te levou para cima? A serpente estava escondida algures? Surgiu e matou-a e depois atacou-te?

— Não — disse ele. — *Ela* era a serpente... ou a serpente era ela... durante todo o tempo.

— O qu... quê?

Ele cerrou os olhos. Ainda sentia em si o cheiro da casa de Bathilda, o que tornava tudo aquilo horrorosamente nítido.

— A Bathilda devia estar morta há já algum tempo. A serpente estava... estava dentro dela. O Quem-Nós-Sabemos pô-la ali, em Godric's Hollow, para ficar à espera. Tu tinhas razão. Ele sabia que eu iria lá.

— A serpente estava *dentro* dela?

Harry abriu novamente os olhos: Hermione mostrava-se repugnada, nauseada.

— O Lupin disse que nos depararíamos com magia que nem poderíamos imaginar — lembrou ele. — Ela não quis falar à tua frente porque era serpentês, era tudo serpentês, e eu não me apercebi disso, mas é claro, eu compreendi-a. Assim que chegámos ao quarto, a serpente enviou uma mensagem ao Quem-Nós-Sabemos, ouvi-a dentro da minha cabeça, senti-o a animar-se e ouvi-o dizer-lhe que me aguentasse ali... e depois...

Recordou a serpente a sair do pescoço de Bathilda: Hermione não precisava de saber os pormenores todos.

— ... ela transformou-se, transformou-se na serpente e atacou.

Baixou os olhos para as marcas das mordeduras.

— Ela não devia matar-me, apenas manter-me ali até chegar o Quem-Nós-Sabemos.

Se ao menos ele tivesse conseguido matar a serpente, tudo aquilo teria valido a pena, tudo... De coração apertado, sentou-se e atirou os cobertores para o lado.

— Harry, não, tenho a certeza de que devias descansar!

— Quem precisa de dormir és tu. Sem ofensa, mas estás com um aspecto terrível. Eu estou bem. Fico a vigiar um bocado. A minha varinha?

Ela não respondeu, limitando-se a olhar para ele.

— Onde está a minha varinha, Hermione?

Ela mordia os lábios e as lágrimas inundaram-lhe os olhos.

— Harry...

— *Onde está a minha varinha?*

Ela meteu a mão debaixo da cama e estendeu-lha.

A varinha de azevinho e fénix estava praticamente quebrada em duas. Apenas um frágil fio da pena de fénix mantinha os dois pedaços juntos. A madeira estilçara-se completamente. Harry recebeu-a nas mãos como se fosse um ser vivo que tivesse sofrido terríveis ferimentos. Não conseguia pensar devidamente, era tudo uma névoa de pânico e medo. Depois estendeu a varinha a Hermione.

— Repara-a. Por favor.

— Harry, não creio que... partida desta maneira...

— Por favor, Hermione, tenta!

— *R-Reparo!*

Um dos pedaços de varinha reuniu-se ao outro. Harry levantou-a.

— *Lumos!*

A varinha fiascou frouxamente e depois apagou-se. Harry apontou-a a Hermione.

— *Expelliarmus!*

A varinha de Hermione deu um pequeno solavanco, mas não saiu da mão dela. A débil tentativa de magia foi de mais para a varinha de Harry, que voltou a quebrar-se em duas. Ele ficou a fitá-la, horrorizado, incapaz de assimilar o que via... a varinha que sobrevivera a tantas coisas...

— Harry — sussurrou Hermione, tão baixo que ele mal a ouvia. — Tenho tanta, tanta pena. Acho que fui eu. Quando íamos a sair, sabes, a serpente vinha a atacar-nos, por isso eu mandei-lhe uma Maldição Fulminante que ressaltou por toda a parte, e deve ter ... deve ter atingido...

— Foi um acidente — disse Harry mecanicamente. Sentia-se vazio, atordado. — Nós... nós encontraremos maneira de a reparar.

— Harry, não creio que sejamos capazes — respondeu Hermione, as lágrimas a escorrerem-lhe pela cara. — Lembras-te... lembras-te do Ron? De quando partiu a varinha dele, ao espatifar o carro? Nunca mais voltou a ser a mesma, ele teve de arranjar uma nova.

Harry pensou em Ollivander, raptado e mantido refém por Voldemort, em Gregorovitch, já morto. Onde é que iria arranjar uma varinha nova?

— Bom — comentou ele, em tom falsamente despreocupado — bom, então vais ter de me emprestar a tua, por agora. Enquanto fico de vigia.

Com o rosto brilhante de lágrimas, Hermione estendeu-lhe a sua varinha, e ele deixou-a sentada ao lado da cama, desejando apenas afastar-se da amiga.

XVIII

A VIDA E AS MENTIRAS DE ALBUS DUMBLEDORE

Nascia o sol. A vastidão pura e incolor do céu estendia-se sobre ele, indiferente a si e ao seu sofrimento. Harry sentou-se à entrada da tenda e inspirou profundamente o ar fresco. O simples facto de estar vivo para contemplar o nascer do sol sobre a paisagem reluzente de neve deveria ser o maior tesouro da terra e, todavia, não conseguia apreciá-lo: tinha os sentidos embotados pela calamidade de perder a sua varinha. Relanceou um olhar sobre o vale atapetado de neve, ouvindo ao longe sinos de igreja repicar no silêncio rutilante.

Sem se aperceber, cravara os dedos nos braços como se estivesse a tentar resistir a uma dor física. Derramara o seu sangue tantas vezes que nem fazia ideia; uma vez, perdera todos os ossos do braço direito; aquela viagem já lhe proporcionara cicatrizes no peito e nos braços para acrescentar às da mão e da testa, mas nunca, até esse momento, se sentira fatalmente enfraquecido, vulnerável e nu, como se a melhor parte do seu poder mágico lhe tivesse sido arrancada. Sabia exactamente o que Hermione diria se ele expressasse tais sentimentos: a varinha apenas reflecte o poder do feiticeiro. Mas enganava-se, o caso dele era diferente. Ela não sentira a varinha girar como o ponteiro de uma bússola e disparar chamas douradas contra o seu inimigo. Perdera a protecção dos núcleos gémeos e, só agora, que esta desaparecera, se apercebia de quanto contara com ela.

Tirou do bolso os pedaços da varinha partida e, sem olhar para eles, enfiou-os na bolsa de Hagrid que trazia ao pescoço. A bolsa encontrava-se agora demasiado cheia de objectos quebrados e inúteis para poder comportar mais. A mão de Harry roçou a velha *Snitch* através da pele de Moke e, por instantes, teve de dominar a tentação de a tirar e deitar fora. Impenetrável, imprestável, inútil tal como tudo o que Dumbledore deixara ficar...

E a raiva que sentia por Dumbledore irrompia por ele como lava, queimando-o interiormente, aniquilando todos os outros sentimentos. Em desespero total, tinham-se forçado a acreditar que Godric's Hollow possuía

respostas e convencido de que deviam lá ir, que fazia tudo parte de um caminho secreto traçado por Dumbledore; mas não havia mapa, nem plano. Dumbledore deixara-os a tentear no escuro, a debaterem-se, sozinhos e sem ajuda, com terrores desconhecidos e impensáveis: nada lhes era explicado, nada lhes era dado sem custos, não tinham a espada, e agora Harry não tinha varinha. E deixara cair a fotografia do ladrão, pelo que seria decerto fácil a Voldemort descobrir agora a sua identidade... Voldemort possuía agora toda a informação...

— Harry?

Hermione parecia recear que ele lhe lançasse uma maldição com a sua própria varinha. Com o rosto sulcado de lágrimas, agachou-se ao lado dele, com duas chávenas de chá nas mãos trémulas e algo volumoso debaixo do braço.

— Obrigado — agradeceu Harry, pegando numa das chávenas.

— Importas-te que fale contigo?

— Não — respondeu ele, não desejando magoá-la.

— Harry, tu querias saber quem era o homem daquela fotografia. Bem... eu trouxe o livro.

Timidamente, pousou no colo dele um exemplar intacto de *A Vida e as Mentiras de Albus Dumbledore*.

— Onde... como...?

— Estava na sala da Bathilda, pousado ao acaso... com esta nota a sair lá de dentro.

Hermione leu em voz alta as poucas linhas de uma caligrafia angulosa, verde-ácido.

— «*Querida Batty, Obrigada pela ajuda. Mando um exemplar do livro, espero que goste. Foi você quem disse tudo, mesmo que não se lembre. Rita.*» Penso que deve ter chegado ainda a verdadeira Bathilda era viva, mas talvez ela não estivesse em condições de o ler?

— Não, é provável que não.

Harry fitou o rosto de Dumbledore e sentiu uma onda selvagem de prazer: agora ia saber todas as coisas que Dumbledore nunca julgara valer a pena contar-lhe, quer Dumbledore quisesse quer não.

— Ainda estás zangado comigo, não estás? — perguntou Hermione. Ele ergueu os olhos e viu novas lágrimas a rolar-lhe pelas faces, percebendo que a sua própria cara devia expressar a cólera que sentia.

— Não — respondeu em tom calmo. — Não, Hermione, sei que foi um acidente. Esforçavas-te por nos tirar dali vivos, e foste incrível. Eu teria morrido, se tu lá não estivesses para me ajudar.

Tentou retribuir o sorriso lacrimoso dela, e depois voltou a sua atenção para o livro. Tinha a lombada hirta, era evidente que nunca fora aberto. Folheou as páginas, à procura de fotografias. Encontrou quase imediatamente a que pretendia: o jovem Dumbledore e o seu atraente companheiro, rindo às gargalhadas de alguma piada há muito esquecida. Harry examinou a legenda.

Albus Dumbledore, pouco após a morte da mãe, com o seu amigo Gellert Grindelwald.

Durante um longo momento, Harry fitou, estupefacto, a última palavra. Grindelwald! O seu amigo Grindelwald. Olhou de lado para Hermione, que continuava a contemplar o nome como se não pudesse acreditar no que via. Lentamente, ergueu os olhos para Harry.

— *Grindelwald?*

Ignorando o resto das fotografias, Harry procurou, nas páginas em redor, nova referência àquele nome fatal. Depressa o descobriu, e leu avidamente, mas perdeu-se: era necessário recuar mais para perceber tudo, e, por fim, foi parar ao início de um capítulo intitulado «O Bem Maior». Juntos, ele e Hermione começaram a ler:

Agora a aproximar-se do seu décimo oitavo aniversário, Dumbledore deixou Hogwarts num esplendor de glória — Chefe de Equipa, Prefeito, Vencedor do Prémio Barnabus Finkley para Lançamento Excepcional de Encantamentos, Representante da Juventude Britânica no Wizengamot, Vencedor da Medalha de Ouro por Contribuição Inédita na Conferência Alquimista Internacional no Cairo. Dumbledore tencionava, a seguir, fazer o Grand Tour com Elphias «Bafo de Cão» Doge, o inseparável companheiro, tolo mas dedicado, que arranjara na escola.

Os dois jovens encontravam-se no Caldeirão Escoante, em Londres, preparando a partida para a Grécia na manhã seguinte, quando chegou uma coruja com a notícia da morte da mãe de Dumbledore. Doge «Bafo de Cão», que recusou ser entrevistado para este livro, já deu ao público a sua versão sentimental do que aconteceu a seguir. Apresenta-nos a morte de Kendra como um golpe trágico, e a decisão de Dumbledore renunciar à sua expedição como um nobre acto de sacrifício pessoal.

É certo que Dumbledore regressou de imediato a Godric's Hollow, supostamente para «cuidar» do irmão mais novo e da irmã. Mas, exactamente, como foi que ele cuidou deles?

«Não regulava bem da cabeça, aquele Aberforth», diz Enid Smeek, cuja família vivia, na altura, nos arredores de Godric's Hollow. «Um valdevinos. Claro que, com'a mãe e o pai tinham morrido, a gente sentia pena dele, só qu'ele passava a vida a atirar-me com caca de cabra à cabeça. Acho qu'o Albus não lhe ligava nenhuma, p'lo menos nunca os vi juntos.»

Então o que andava Albus a fazer, se não confortava o irmão mais novo? A resposta, segundo parece, é a garantir que o encarceramento da irmã continuasse. Porque, embora a sua primeira carcereira tivesse morrido, não houve qualquer alteração no estado lamentável de Ariana Dumbledore. Até a sua existência continuou a ser conhecida apenas dos poucos estranhos em quem se podia confiar, como Doge «Bafo de Cão», pois acreditavam na história da sua «saúde débil».

Outra amiga da família, também facilmente iludida, foi Bathilda Bagshot, a

famosa historiadora de magia que vive há muitos anos em Godric's Hollow. Kendra, é claro, repelira as primeiras tentativas de Bathilda para acolher a família na vila. Vários anos depois, no entanto, a autora enviou uma coruja a Albus, então em Hogwarts, transmitindo-lhe as suas impressões favoráveis acerca do ensaio dele sobre Transformação de Transespécies, em A Transfiguração Hoje. Esse contacto inicial levou ao relacionamento com toda a família de Dumbledore. Por altura da morte de Kendra, Bathilda era a única pessoa em Godric's Hollow com quem a mãe de Dumbledore falava.

Infelizmente, o brilhantismo demonstrado por Bathilda em ocasiões anteriores da sua vida, encontra-se agora toldado. «O fogo continua aceso, mas o caldeirão está vazio,» como me disse Ivor Dillonsby, ou, nas palavras mais terra-à-terra de Enid Smeek, «Ela tá pior qu'uma barata tonta.» No entanto, uma combinação de técnicas de reportagem altamente refinadas permitiu-me extrair factos em número suficiente para reconstituir toda a escandalosa história.

Tal como o resto do mundo dos feiticeiros, Bathilda atribui a morte prematura de Kendra à «inversão de um feitiço», história repetida por Albus e Aberforth nos anos seguintes. Bathilda papagueia igualmente a versão da família sobre Ariana, chamando-lhe «frágil» e «delicada». Há, no entanto, um assunto em que Bathilda mereceu bem os esforços que desenvolvi para arranjar Veritaserum, porque é ela, e só ela, a única pessoa a conhecer a história completa do segredo mais bem guardado da vida de Albus Dumbledore. Revelado agora pela primeira vez, põe em causa tudo aquilo em que os seus admiradores acreditavam a respeito de Dumbledore: o seu suposto ódio à Magia Negra, a sua oposição à opressão dos Muggles, até mesmo a sua devoção à própria família.

No mesmo Verão em que Dumbledore regressou à sua casa em Godric's Hollow, agora órfão e chefe da família, Bathilda Bagshot aceitou receber em casa dela o sobrinho-neto, Gellert Grindelwald.

O nome de Grindelwald é justamente famoso: numa lista dos Mais Perigosos Feiticeiros Negros de Todos os Tempos, ele apenas perdeu o primeiro lugar porque, uma geração mais tarde, chegou o Quem-Nós-Sabemos para lhe roubar a coroa. Todavia, como Grindelwald não estendeu a sua campanha de terror à Grã-Bretanha, os pormenores da sua ascensão ao poder não são bem conhecidos por cá.

Educado em Durmstrang, uma escola famosa, já então, pela sua infeliz tolerância da Magia Negra, Grindelwald mostrou-se tão precocemente brilhante como Dumbledore. Contudo, em vez de canalizar a suas capacidades para a obtenção de distinções e prémios, Gellert Grindelwald dedicou-se a outras actividades. Aos dezasseis anos, até Durmstrang achou que não podia continuar a fechar os olhos às experiências viciosas de Gellert Grindelwald, e ele foi expulso.

A partir daí, tudo o que se sabe acerca dos movimentos seguintes de Grindelwald é que «viajou para o estrangeiro durante alguns meses.» Pode

agora ser revelado que Grindelwald optou por visitar a sua tia-avó, em Godric's Hollow, e que ali, embora para muitos possa ser altamente chocante ouvir tal, estabeleceu uma amizade íntima com Dumbledore em pessoa.

«A mim pareceu-me um rapaz encantador,» tagarela Bathilda, «seja o que for que se tenha tornado mais tarde. Naturalmente, apresentei-o ao pobre Albus, que sentia a falta da companhia de jovens da sua idade. Os rapazes simpatizaram imediatamente um com o outro.»

Sem dúvida que sim! Bathilda mostra-me uma carta, por ela conservada, que Albus Dumbledore enviou a Gellert Grindelwald altas horas da noite.

«Sim, mesmo depois de terem passado o dia inteiro a discutir — ambos rapazes brilhantes, davam-se às mil maravilhas — às vezes eu ouvia uma coruja a bater à janela do quarto do Gellert, para entregar uma carta do Albus! Ocorrera-lhe uma ideia, e ele queria partilhá-la com o Gellert imediatamente!»

E que ideias! Por mais profundamente chocantes que os fãs de Albus Dumbledore os achem, aqui vão os pensamentos do seu herói aos dezassete anos, tal como transmitidos ao seu novo melhor amigo (a cópia do original da carta pode ver-se na página 463):

Gellert,

Sobre a tua questão de o domínio dos feiticeiros ser PARA O BEM DOS PRÓPRIOS MUGGLES — este é, penso eu, o ponto crucial. Sim, foi-nos dado poder e, sim, esse poder dá-nos o direito de governar, mas dá-nos igualmente responsabilidades sobre os governados. Temos de sublinhar este ponto, será a pedra fundamental sobre a qual construiremos. Quando nos depararmos com oposição, como decerto acontecerá, deve ser essa a base da nossa contra-argumentação. Nós tomamos o controlo PARA UM BEM MAIOR. E consequentemente, quando encontrarmos resistência, devemos usar apenas a força necessária e não mais. (Foi esse o teu erro em Durmstrang! Mas não me queixo, porque se não tivesses sido expulso, nunca nos teríamos conhecido.)

Albus.

Por mais atónitos e consternados que fiquem os seus muitos admiradores, esta carta constitui a prova de que Albus Dumbledore sonhou, em tempos, subverter o Estatuto de Secretismo e estabelecer o domínio dos feiticeiros sobre os Muggles. Que golpe, para aqueles que sempre viram em Dumbledore o maior campeão dos feiticeiros de origem Muggle! Como parecem ociosos aqueles discursos promovendo os direitos dos Muggles à luz destas novas provas tão condenatórias! Como Albus Dumbledore nos surge desprezível, ocupado a planejar a sua subida ao poder, quando devia andar a fazer o luto pela mãe e a cuidar da irmã!

Sem dúvida, os que estiverem decididos a conservar Dumbledore no seu pedestal arruinado, alegarão que, afinal, ele não pôs o seu plano em acção,

que deve ter mudado de ideias, que caiu em si. Contudo, a verdade parece ser muito mais chocante.

Escassos dois meses após o início da sua nova grande amizade, Dumbledore e Grindelwald separaram-se, não voltando a ver-se até se encontrarem para o seu lendário duelo (para mais, ver capítulo 22). O que provocou esta ruptura abrupta? Teria Dumbledore caído em si? Teria ele dito a Grindelwald que não colaboraria mais nos seus planos? Infelizmente, não!

«A causa, penso eu, foi a morte da pequena Ariana,» diz Bathilda. «Representou um choque terrível. O Gellert estava lá em casa quando isso aconteceu, e voltou para a minha muito agitado, a dizer que queria regressar ao seu país no dia seguinte. Tremendamente transtornado, sabe. Portanto eu arranjei um Botão de Transporte e foi a última vez que o vi.»

«O Albus ficou fora de si com a morte da Ariana. Foi horrível para os dois irmãos. Tinham perdido tudo excepto um ao outro. Não admira que perdessem as estribeiras. O Aberforth culpava o Albus, sabe, como é vulgar fazer-se nessas pavorosas circunstâncias. Mas o Aberforth disse sempre muita loucura, pobre rapaz. Ainda assim, partir o nariz do Albus no funeral não foi decente. A Kendra teria ficado destruída se visse os filhos a lutarem assim, sobre o corpo da filha. Foi uma pena o Gellert não ter podido ficar para o funeral... teria sido um consolo para o Albus, pelo menos...»

Esta terrível contenda ao lado do caixão, conhecida apenas dos raros presentes no funeral de Ariana Dumbledore, levanta diversas questões. Exactamente, por que foi que Aberforth Dumbledore culpou o irmão Albus da morte da irmã? Seria, como «Batty» pretende, uma mera efusão de mágoa? Ou poderia haver uma razão mais concreta para a sua cólera? Grindelwald, expulso de Durmstrang devido a ataques quase fatais a colegas, abandonou à pressa o país horas depois da morte da rapariga, e Albus (por vergonha, por medo?) não voltou a vê-lo, até ser forçado a tal pelas súplicas do mundo feiticeiro.

Nem Dumbledore nem Grindelwald parecem ter alguma vez referido esta breve amizade de juventude em anos posteriores. Contudo, não pode haver dúvida de que Dumbledore adiou, durante cinco anos de tumulto, fatalidades e desaparecimentos, o seu ataque a Gellert Grindelwald. Seriam restos de afeição pelo homem, ou receio de se ver desmascarado como o seu ex-melhor amigo, o que levou Dumbledore a hesitar? Teria Dumbledore sentido relutância em empenhar-se na captura do homem que, em tempos, ficara tão feliz por conhecer?

E como morreu a misteriosa Ariana? Terá ela sido, inadvertidamente, vítima de algum ritual Negro? Terá tropeçado em algo que não devia, enquanto os dois jovens praticavam para a sua tentativa de glória e domínio? Será possível que Ariana Dumbledore tenha sido a primeira pessoa a morrer «por um bem maior»?

O capítulo terminava ali e Harry ergueu os olhos. Hermione chegara ao fim da página primeiro que ele. Tirou o livro das mãos de Harry, parecendo um pouco alarmada com a sua expressão, e fechou-o sem o olhar, como se estivesse a esconder algo indecente.

— Harry...

Mas Harry abanou a cabeça. Dentro de si quebrara-se uma certeza íntima; era exactamente o que sentira após a partida de Ron. Confiara em Dumbledore, acreditara ser ele a encarnação do bem e da sabedoria, mas tudo se desfizera em cinzas: que mais poderia perder? Ron, Dumbledore, a varinha de fénix...

— Harry. — Hermione parecia ter-lhe lido os pensamentos. — Escuta. Isto... isto não é uma leitura muito agradável...

— Pois, bem podes dizê-lo...

— ... mas não te esqueças, Harry, de que isto foi escrito pela Rita Skeeter.

— Tu leste aquela carta para o Grindelwald, não leste?

— Li, s-sim. — Hesitou, com ar perturbado, rodeando a chávena de chá com as mãos frias. — Penso que essa é a pior parte. Sei que a Bathilda pensou que aquilo não passava de palavras, mas «Para um Bem Maior» transformou-se no *slogan* do Grindelwald, a sua justificação para todas as atrocidades cometidas posteriormente. E... por aqui... parece que foi o Dumbledore quem lhe deu a ideia. Dizem que «Para um Bem Maior» estava mesmo inscrito à entrada de Nurmengard.

— O que é Nurmengard?

— A prisão que o Grindelwald mandou construir para encerrar os seus oponentes. Ele próprio acabou lá, depois de o Dumbledore o ter vencido. Seja como for, é... é horrível pensar que as ideias do Dumbledore ajudaram a ascensão do Grindelwald ao poder. Mas, por outro lado, nem sequer a Rita pode alegar que eles conviveram mais do que alguns meses durante um Verão quando eram ainda ambos muito jovens, e...

— Já estava à espera que dissesse isso — interrompeu Harry. Não queria deixar a sua cólera derramar-se sobre ela, mas era-lhe difícil manter um tom sereno. — Calculei que fosses dizer que «eles eram novos». Tinham a mesma idade que nós temos agora. E nós estamos aqui, a arriscar a vida para lutar contra a Magia Negra, e ele estava lá, unha com carne com o seu novo melhor amigo, planeando subir ao poder e dominar os Muggles.

Não conseguiria controlar-se durante muito mais tempo: levantou-se e começou a andar por ali, tentando dar uma certa vazão à raiva.

— Eu não estou a tentar defender o que o Dumbledore escreveu — disse Hermione. — Todo esse disparate sobre o «direito a governar», não é mais que uma outra forma de «Magia é Poder». Mas, Harry, a mãe dele tinha acabado de morrer, e ele estava preso ali em casa, sozinho...

— Sozinho? Ele não estava sozinho! Tinha a companhia do irmão e da irmã, a irmã cepatorta que ele mantinha encarcerada...

— Eu não acredito nisso — declarou Hermione. Levantou-se igualmente.

— O que quer que tenha havido de errado com essa rapariga, não creio que ela fosse cepatorta. O Dumbledore que nós conhecemos nunca, mas nunca, teria permitido...

— O Dumbledore que nós julgávamos conhecer não queria conquistar os Muggles pela força! — gritou Harry; a sua voz ecoou pelo cume deserto da colina, provocando a debandada de vários melros, que levantavam voo a grasnar, subindo em espiral contra o céu nacarado.

— Ele mudou, Harry, ele mudou! É tão simples como isso! Talvez acreditasse nessas coisas aos dezassete anos, mas todo o resto da sua vida foi dedicado a combater a Magia Negra! Foi o Dumbledore quem deteve o Grindelwald, foi ele quem votou sempre pela protecção dos Muggles e pelos direitos dos feiticeiros de origem Muggle, quem lutou contra o Quem-Nós-Sabemos desde o início, e quem morreu a tentar derrubá-lo!

O livro de Rita jazia no solo entre eles, de maneira que o rosto de Dumbledore sorria tristemente a ambos.

— Desculpa, Harry, mas eu acho que a verdadeira razão por que tu estás tão irritado é o Dumbledore nunca te ter contado nada disto.

— Talvez seja! — bradou Harry, cobrindo a cabeça com os braços, sem saber bem se estava a tentar conter a sua cólera ou a proteger-se do peso da sua própria desilusão. — Olha o que ele exigiu de mim, Hermione! Arrisca a vida, Harry! Outra vez! Outra vez! E não esperes que eu te explique tudo, confia cegamente em mim, confia em que eu sei o que estou a fazer, confia em mim apesar de eu não confiar em ti! Nunca toda a verdade! Nunca!

A sua voz cedeu de tensão; ficaram a olhar um para o outro no meio da brancura e do vazio, e Harry sentiu que eram tão insignificantes como insectos sob a vastidão daquele céu.

— Ele gostava de ti — segredou Hermione. — Eu sei que ele gostava de ti. Harry deixou cair os braços.

— Não sei de quem é que ele gostava, Hermione, mas nunca foi de mim. Isto não é gostar, esta embrulhada em que ele me deixou. Partilhou os seus verdadeiros pensamentos muitíssimo mais com o Gellert Grindelwald do que alguma vez o fez comigo!

Pegou na varinha de Hermione, que deixara cair na neve, e sentou-se novamente à entrada da tenda.

— Obrigado pelo chá. Eu termino o turno de vigia. Volta tu para a cama.

Ela hesitou, mas percebeu a despedida. Apanhou o livro e depois rodeou-o para voltar à tenda, mas, ao passar, roçou-lhe levemente com a mão pela cabeça. Ele cerrou os olhos ao sentir o toque, e odiou-se por desejar que o que ela dissera fosse verdade: que Dumbledore lhe tivera realmente afecto.

XIX

A CORÇA PRATEADA

Nevava quando Hermione entrou de vigia à meia-noite. Os sonhos de Harry foram confusos e perturbadores: *Nagini* serpenteava pelo meio deles, primeiro através de um gigantesco anel rachado, depois através de uma coroa de rosas-de-Natal. Acordou várias vezes, em pânico, convencido de que alguém o chamava ao longe, imaginando que o vento a soprar em volta da tenda eram passos ou vozes.

Finalmente, levantou-se às escuras e foi ter com Hermione, enroscada à entrada da tenda a ler *Uma História da Magia* à luz da varinha. A neve continuava a cair em flocos densos, e ela acolheu com alívio a sugestão de arrumarem as coisas cedo e saírem dali.

— Vamos para um sítio mais abrigado — concordou ela, arrepiada, enfiando uma *sweatshirt* por cima do pijama. — Passei o tempo a pensar que ouvia gente a mover-se lá fora. Uma ou duas vezes, julguei mesmo ter avistado alguém.

Harry deteve-se a meio de vestir uma camisola e relanceou um olhar ao Avisoscópio, imóvel e silencioso, em cima da mesa.

— Tenho a certeza de que foi tudo imaginação — disse Hermione, parecendo nervosa. — A neve na escuridão faz-nos ver coisas... mas talvez devêssemos Desaparecer debaixo do Manto da Invisibilidade, pelo sim pelo não.

Meia hora depois, com a tenda arrumada, Harry de Horcrux ao pescoço e Hermione apertando a mala de missangas, Desapareceram. Foram engolidos pela opressão habitual; os pés de Harry perderam o contacto com o solo nevado e depois embateram com força no que lhe pareceu ser terra gelada coberta de folhas.

— Onde é que estamos? — perguntou ele, perscrutando um novo maciço de árvores, enquanto Hermione abria a mala e começava a tirar as estacas da tenda.

— Na Floresta de Dean — respondeu ela. — Vim para aqui acampar uma vez, com a minha mãe e o meu pai.

Também ali a neve cobria as árvores em redor, e o frio era cortante, mas pelo menos estavam protegidos do vento. Passaram a maior parte do dia no interior da tenda, encolhidos, procurando aquecer-se em volta das úteis chamas azul-vivo que Hermione produzia com tanta perícia, e que podiam ser apanhadas e transportadas num frasco. Harry sentia-se como se estivesse a recuperar de uma doença curta mas grave, impressão essa que era reforçada pela solicitude de Hermione. Nessa tarde caiu sobre eles mais um nevão, de maneira que até a abrigada clareira ficou coberta por nova camada de flocos.

Após duas noites a dormir pouco, os sentidos de Harry achavam-se mais alerta que o usual. A fuga de Godric's Hollow fora tão à justa que Voldemort lhe parecia agora mais perto que nunca, mais ameaçador. Quando as trevas os envolveram de novo, Harry recusou a oferta de Hermione para ficar de vigia e mandou-a para a cama.

Levou uma velha almofada para a entrada da tenda e sentou-se, com todas as camisolas que possuía vestidas mas, mesmo assim, a tremer de frio. A escuridão aumentava à medida que as horas iam passando, até ser virtualmente impenetrável. Preparava-se para tirar o Mapa do Salteador, a fim de observar o ponto de Ginny durante um bocado, quando se lembrou de que estavam nas férias de Natal e de que ela teria voltado para A Toca.

Cada movimento minúsculo parecia ampliado na vastidão da floresta. Harry sabia que ela estaria cheia de criaturas vivas, mas desejava que todas elas se conservassem quietas e silenciosas, de forma a poder distinguir as suas inocentes corridas e caçadas dos ruídos que pudessem proclamar movimentos diferentes e sinistros. Recordou o som de um manto a deslizar sobre folhas mortas muitos anos antes, e imediatamente julgou ouvi-lo de novo antes de dar a si próprio um abanão mental. Os encantamentos protectores funcionavam há semanas; por que haveriam de ceder agora? E, no entanto, não conseguia afastar a sensação de que havia algo diferente nessa noite.

Várias vezes se endireitou, sobressaltado, o pescoço dorido por ter adormecido, curvado num ângulo incómodo contra o lado da tenda. A noite adquiriu uma tal densidade de negrume aveludado que ele poderia estar suspenso no limbo entre a Desaparição e a Aparição. Acabava de erguer a mão diante da cara para ver se conseguia distinguir os dedos quando aquilo aconteceu.

Mesmo diante dele surgiu uma viva luz prateada, movendo-se através das árvores. Fosse qual fosse a sua origem, deslocava-se silenciosamente. A luz parecia simplesmente vogar na direcção dele.

Pôs-se de pé de um salto, a voz gelada na garganta, e levantou a varinha de Hermione. Contraíu os olhos quando a luz se tornou ofuscante, as silhuetas das árvores à sua frente negras como breu. A coisa continuava a aproximar-se...

E então a origem da luz saiu de detrás de um carvalho. Era uma deslumbrante corça prateada, avançando com cuidado, ainda silenciosa, e sem deixar pegadas na fina camada de neve. Avançou para ele com a bela cabeça,

de grandes olhos muito pestanudos, bem erguida.

Harry mirava a criatura, assombrado, não com a sua estranheza, mas com a sua inexplicável familiaridade. Sentiu que estivera à espera da sua vinda, mas que se esquecera, até esse momento, de que tinham combinado encontrar-se. O impulso de chamar Hermione, tão forte apenas há um instante, desaparecera. Sabia, teria apostado a vida, que ela viera para ele, e só para ele.

Fitaram-se durante longos momentos e depois ela virou-se e afastou-se.

— Não! — disse ele, a voz falhando-lhe pela falta de uso. — Volta!

Ela continuou a avançar decididamente por entre as árvores, e depressa o seu brilho ficou embotado pelos grossos troncos negros. Durante um segundo, Harry hesitou, trémulo. A cautela segredava-lhe que podia ser um truque, um engodo, uma armadilha. Mas o instinto, um instinto avassalador, dizia-lhe que aquilo não era Magia Negra. Partiu no rasto dela.

A neve estalava sob os seus pés, mas a corça não fazia qualquer ruído ao passar pelo meio das árvores, pois era apenas luz. Ia-o conduzindo cada vez mais para o interior da floresta, e Harry caminhava rapidamente, seguro de que, quando ela parasse, permitiria que ele se aproximasse devidamente. E depois falaria, e a voz dir-lhe-ia o que ele precisava de saber.

Por fim, ela estacou. Virou, uma vez mais, a sua bela cabeça para ele, e Harry começou a correr, com uma pergunta a queimar-lhe os lábios, mas ao abrir a boca para a fazer, ela desvaneceu-se.

Embora as trevas a tivessem engolido completamente, a sua imagem reluzente continuava gravada na retina de Harry: obscurecia-lhe a visão, avivando-se quando ele baixava as pálpebras, desorientando-o. Agora chegava o medo: a presença dela significara segurança.

— *Lumos!* — sussurrou ele, e a ponta da varinha iluminou-se.

A imagem da corça desvanecia-se a cada pestanejar seu, ali parado, a escutar os sons da floresta, o estalar distante de galhos, suaves silvos de neve a cair. Estaria prestes a ser atacado? Tê-lo-ia ela atraído a uma emboscada? Seria imaginação achar que havia alguém, para lá do alcance do foco da varinha, a observá-lo?

Levantou mais a varinha. Ninguém correu para ele, não irrompeu nenhum relâmpago de luz verde de detrás de uma árvore. Então, por que o conduzira ela àquele sítio?

Algo brilhou à claridade da varinha e Harry virou-se rapidamente, mas a única coisa que ali havia era um pequeno lago gelado, cuja superfície negra e fendida reluziu quando ele ergueu mais a luz para o examinar.

Avançou cautelosamente e olhou para baixo. O gelo reflectiu a sua sombra distorcida, e o clarão da varinha, mas lá no fundo, por baixo da espessa carapaça de um cinzento embaciado, havia mais qualquer coisa que reluzia. Uma grande cruz de prata...

O coração subiu-lhe à boca: ajoelhou-se à beira do lago e inclinou a varinha de forma a inundar o fundo com o máximo de luz possível. Um clarão vermelho carregado... era uma espada com o punho cravejado de rubis

faiscantes... a espada de Gryffindor achava-se no fundo do lago da floresta!

Contemplou-a, mal ousando respirar. Como era aquilo possível? Como poderia ela ter vindo parar a um lago de floresta, tão perto do lugar onde estavam acampados? Teria alguma magia desconhecida atraído Hermione a este local, ou seria a corça, que ele tomara por um Patronus, uma espécie de guardião do lago? Ou teria a espada sido posta no lago depois de terem chegado, precisamente por eles se encontrarem ali? E, nesse caso, onde estava a pessoa que a quisera passar a Harry? Dirigiu novamente a varinha para as árvores e arbustos em volta, procurando uma silhueta humana, o brilho de um olho, mas não avistou ninguém. Mesmo assim, o medo alimentou-lhe a euforia ao voltar de novo a atenção para a espada repousando no fundo do lago gelado.

Apontou a varinha à forma prateada e murmurou: — *Accio* espada.

Esta não se mexeu. Ele também não o esperara. Se fosse assim tão fácil, a espada estaria no chão para ele lhe pegar, e não nas profundezas de um lago gelado. Começou a percorrer o círculo de gelo, esforçando-se por recordar a última vez que a espada se lhe entregara. Ele corria então um perigo terrível, e pedira socorro.

— Socorro — murmurou ele, mas a espada permaneceu no fundo do lago, indiferente, imóvel.

O que fora, perguntou-se Harry (de novo a andar), que Dumbledore lhe dissera da última vez que recuperara a espada? *Só um verdadeiro Gryffindor poderia ter tirado a espada de dentro do Chapéu*. E quais eram as qualidades que definiam um Gryffindor? Respondeu-lhe uma pequena voz no interior da sua cabeça: *os Gryffindor distinguem-se pela sua ousadia, coragem e cavalheirismo*.

Harry estacou e soltou um longo suspiro, vendo o seu bafo dispersar rapidamente no ar gelado. Sabia o que tinha de fazer. Se fosse honesto consigo próprio, tinha de reconhecer que pensara que as coisas poderiam acabar assim desde o momento em que avistara a espada através do gelo.

Olhou em volta para as árvores que o rodeavam, mas achava-se agora convencido de que ninguém o ia atacar. Tinham tido essa possibilidade enquanto ele caminhava sozinho pela floresta, tinham tido imensas oportunidades enquanto ele examinava o lago. Nesta altura, a única razão para adiar era o facto de a perspectiva imediata ser tão profundamente desagradável.

Com os dedos entorpecidos, começou a remover as inúmeras camadas de roupa. Não estava bem a ver, pensou ele desanimado, onde era que o «cavalheirismo» encaixava ali, a menos que contasse como cavalheirismo não chamar Hermione para fazer aquilo em vez dele.

Uma coruja piou algures enquanto ele se despia, e, com uma pontada, recordou-se de Hedwig. Tremia agora de frio, e tinha os dentes a bater horrorosamente, mas continuou a despir-se até ficar só com a roupa interior, descalço na neve. Pousou a bolsa com a varinha, a carta da mãe, o fragmento

do espelho de Sirius e a velha *Snitch* em cima da roupa; depois apontou a varinha de Hermione para o gelo.

— *Diffindo*.

O gelo rachou com um som semelhante a uma bala no silêncio: a superfície do lago estalou e pedaços de gelo escuro ficaram a balouçar na água agitada. Tanto quanto Harry conseguia avaliar, não era fundo, mas para recuperar a espada teria de submergir completamente.

Meditar na tarefa que o aguardava não a tornaria mais fácil, nem à água mais quente. Avançou para a beira do lago e colocou a varinha de Hermione no chão, ainda acesa. Depois, esforçando-se por não imaginar o frio ainda mais intenso que estava prestes a sentir, ou como em breve iria tremer violentamente, saltou.

Todos os poros do seu corpo gritaram em protesto: o próprio ar pareceu gelar-lhe nos pulmões ao mergulhar até aos ombros na água glacial. Mal conseguia respirar; tremendo tão violentamente que a água extravasou as bordas do lago, tacteou com os pés dormentes à procura da espada. Só queria mergulhar uma vez.

Foi adiando de segundo em segundo o momento de submersão total, ofegante e percorrido por arrepios, até dizer a si próprio que aquilo tinha de ser feito; chamou a si toda a sua coragem e mergulhou.

O frio era uma agonia e atacou-o como fogo. O seu próprio cérebro parecia ter congelado, enquanto ele avançava pela água escura até ao fundo e estendia a mão, à procura da espada. Os dedos fecharam-se em volta do punho; puxou-a para cima.

Então sentiu algo apertar-lhe com força o pescoço. Pensou em plantas aquáticas, apesar de não ter roçado em coisa alguma ao mergulhar, e levantou a mão desocupada para se libertar. Mas não eram plantas: a corrente do Horcrux apertara-se e estava lentamente a comprimir-lhe a traqueia.

Harry agitou desesperadamente as pernas, tentando impulsionar-se para a superfície, mas apenas conseguiu ser projectado para o lado rochoso do lago. Esbracejando, sufocado, debateu-se com a corrente que o estrangulava, os dedos gelados incapazes de a soltar, e depois começaram a acender-se na sua cabeça pequenas luzes, e ele estava a afogar-se, e não lhe restava nada, não havia nada que pudesse fazer, e os braços que se cerravam em redor do seu peito pertenciam seguramente à Morte...

Engasgado e a vomitar, ensopado e mais enregelado que alguma vez se sentira na vida, recuperou os sentidos, de cara na neve. Algures, ali perto, outra pessoa arquejava, tossia e cambaleava. Hermione viera de novo, como quando a serpente o atacara... todavia não parecia ela, não com aquela tosse tão rouca, não a avaliar pelo peso daqueles passos...

Harry não teve forças para erguer a cabeça e ver a identidade do seu salvador. A única coisa que conseguiu fazer foi levar a mão trémula à garganta e tactear o sítio onde o medalhão lhe cortara a carne. O Horcrux desaparecera: alguém o cortara, libertando-o. Depois, uma voz ofegante falou

por cima da sua cabeça.

— Tu... estás... *louco*?

Nada, excepto o choque de ouvir aquela voz, poderia ter dado a Harry ânimo para se levantar. A tremer violentamente, pôs-se de pé, cambaleante. Ali, diante dele, estava Ron, completamente vestido mas ensopado até aos ossos, o cabelo colado à cara, a espada de Gryffindor numa das mãos, e na outra o Horcrux a balouçar da corrente partida.

— Por que *diabo* — ofegou Ron, erguendo o Horcrux, que oscilou de um lado para o outro na sua corrente encurtada, numa imitação de hipnotismo —, é que não tiraste esta coisa antes de mergulhar?

Harry não conseguiu responder. A corça prateada não era nada, nada, comparada com o reaparecimento de Ron; nem conseguia acreditar. Percorrido por arrepios de frio, apanhou a pilha de roupa ainda pousada à beira do lago e começou a vesti-la. Enquanto enfiava camisola atrás de camisola por cima da cabeça, Harry fitava Ron, quase à espera de o ver desaparecer de cada vez que o perdia de vista, e no entanto ele tinha de ser real: acabara de mergulhar no lago e salvara-lhe a vida.

— Eras t-tu? — tartamudeou por fim Harry, a bater os dentes, a voz mais fraca do que o habitual devido a quase ter sido estrangulado.

— Bem, sim — respondeu Ron, parecendo levemente confuso.

— T-tu invocaste aquela corça?

— O quê? Não, claro que não! Pensei que tinhas sido tu!

— O meu Patronus é um veado.

— Ah, pois. Bem me pareceu que estava diferente. Faltava-lhe a armação.

Harry voltou a pôr a bolsa de Hagrid ao pescoço, enfiou uma última camisola, curvou-se para apanhar a varinha de Hermione e fitou outra vez Ron.

— Como é que tu estás aqui?

Aparentemente, Ron esperara que essa questão só surgisse mais tarde, se chegasse a surgir.

— Bem, eu... sabes... eu voltei. Se... — Pigarreou. — Sabes... Se ainda me quiseses.

Seguiu-se uma pausa em que o assunto da partida de Ron pareceu erguer-se como um muro entre eles. No entanto, ele estava ali. Ele voltara. Acabara de lhe salvar a vida.

Ron baixou o olhar para as mãos e pareceu momentaneamente surpreso ao ver aquilo que empunhava.

— Ah, é verdade, eu trouxe-a — disse ele, algo desnecessariamente, estendendo a espada para Harry a inspeccionar. — Foi por isso que mergulhaste, certo?

— Sim — respondeu Harry. — Mas não compreendo. Como é que aqui chegaste? Como é que nos encontraste?

— Longa história — declarou Ron. — Há horas que ando à vossa procura, a floresta é grande, não é? E estava a pensar que teria de dormir debaixo de

uma árvore e esperar pela manhã quando vi aparecer aquele veado, contigo atrás.

— Não viste mais ninguém?

— Não — disse Ron. — Eu...

Mas hesitou, relanceando um olhar a duas árvores que cresciam muito juntas a alguns passos.

— ... pensei, de facto, ter visto qualquer coisa a mexer-se ali, mas ia nessa altura a correr para o lago, porque tu tinhas mergulhado e não voltaras a reaparecer, por isso não ia fazer desvios para... eh!

Mas Harry já avançava a passos largos para o lugar indicado por Ron. Os dois carvalhos cresciam muito juntos; havia apenas uma abertura de alguns centímetros entre os troncos, à altura dos olhos, um sítio ideal para ver sem ser visto. Contudo, o solo em redor não tinha neve e Harry não avistou sinais de pegadas. Voltou para o sítio onde Ron o aguardava, ainda a segurar a espada e o Horcrux.

— Alguma coisa? — perguntou Ron.

— Não — respondeu Harry.

— Então, como é que a espada foi parar àquele lago?

— Quem quer que invocou o Patronus deve tê-la lá posto.

Fitaram ambos a ornamentada espada de prata, cujo punho cravejado de rubis brilhava suavemente à luz da varinha de Hermione.

— Achas que esta é a verdadeira? — indagou Ron.

— Há uma forma de saber, não há? — retorquiu Harry.

O Horcrux continuava a oscilar na mão de Ron. O medalhão contorcia-se levemente e Harry percebeu que a coisa que se encontrava lá dentro despertara de novo. Pressentira a presença da espada e tentara matar Harry para evitar que ele se apoderasse dela. Agora não era altura para longas discussões; agora era o momento de destruir o medalhão, de uma vez por todas. Harry olhou em redor, erguendo bem alto a varinha de Hermione, e viu o sítio: uma pedra achatada à sombra de um plátano.

— Anda daí — chamou ele, e foi à frente; depois sacudiu a neve da superfície da pedra e estendeu a mão para o Horcrux. Contudo, quando Ron lhe ofereceu a espada, Harry abanou a cabeça.

— Não, deves ser tu a fazer isto.

— Eu? — exclamou Ron, com ar chocado. — Porquê?

— Porque foste tu quem tirou a espada do lago. Acho que deves ser tu.

Não estava a ser amável nem generoso. Tão seguramente como soubera que a corça era benigna, sabia que devia ser Ron a empunhar a espada. Dumbledore tinha, pelo menos, ensinado qualquer coisa a Harry sobre certos tipos de magia, sobre o incalculável poder de certos actos.

— Eu vou abri-lo — disse Harry — e tu destrói-lo imediatamente, OK? Porque o que quer que esteja lá dentro vai dar luta. O pedaço do Riddle que havia no diário tentou matar-me.

— Como é que vais abri-lo? — perguntou Ron. Parecia aterrado.

— Vou pedir-lhe que se abra, em serpentês — explicou Harry. A resposta veio-lhe tão facilmente aos lábios que pensou que, lá no fundo, sempre a soubera: talvez tivesse sido preciso o recente encontro com *Nagini* para se aperceber disso. Olhou para o «S» sinuoso, cravejado de reluzentes pedras verdes: era fácil visualizá-lo como uma minúscula serpente, enroscada na pedra fria.

— Não! — pediu Ron. — Não, não o abras! Estou a falar a sério!

— Por que não? — perguntou Harry. — Vamos livrar-nos desta maldita coisa, há meses...

— Não sou capaz, Harry, a sério... faz tu...

— Mas porquê?

— Porque eu reajo mal a essa coisa! — disse Ron, recuando, a afastar-se do medalhão pousado na pedra. — Não consigo lidar com ela! Não estou a desculpar-me pela maneira como me portei, Harry, mas isso afecta-me mais que a ti e à Hermione, fazia-me pensar coisas, coisas que eu já andava a pensar realmente, mas tornava tudo pior, não sou capaz de explicar, e depois eu tirava-o e ficava outra vez com as ideias claras, e depois tinha de voltar a pôr o raio da coisa e... não sou capaz, Harry!

Tinha recuado, arrastando a espada e abanando a cabeça.

— És capaz, sim — afirmou Harry —, és capaz! Acabaste de recuperar a espada, eu sei que deves ser tu a usá-la. Por favor, livra-te disto de uma vez, Ron.

O som do seu nome pareceu actuar como um estimulante. Ron engoliu em seco, e depois, ainda a respirar fundo pelo nariz comprido, avançou de novo para a pedra.

— Diz-me quando — pediu ele em voz rouca.

— Vou contar até três — disse Harry, olhando novamente para o medalhão, de olhos franzidos, concentrando-se na letra «S», imaginando uma serpente, enquanto o conteúdo do medalhão chocalhava como uma barata encurralada. Teria sido fácil apiedar-se, se Harry não sentisse ainda os golpes do pescoço a arder.

— Um... dois... três... *abre-te*.

A última palavra saiu como uma rosnadela sibilada e as metades douradas do medalhão escancararam-se com um leve clique.

Por trás de cada um dos vidros do interior pestanejava um olho vivo, preto e atraente, como haviam sido os de Tom Riddle antes de ele os ter tornado escarlates e com pupilas reduzidas a fendas.

— Destrói-o! — urgiu Harry, segurando firmemente o medalhão em cima da pedra.

Ron ergueu a espada com as mãos trémulas: a ponta ficou pendente sobre os olhos que giravam freneticamente, e Harry agarrou com força o medalhão, preparando-se, imaginando já o sangue a esguichar das metades vazias.

Então, uma voz saiu, sibilante, do Horcrux.

— *Eu vi o teu coração, e ele é meu.*

— Não o escutes! — disse Harry asperamente. — Destrói-o!

— *Eu vi os teus sonhos, Ronald Weasley, e vi os teus medos. Tudo o que desejás é possível, mas tudo o que receias é igualmente possível...*

— Dá-lhe! — gritou Harry; a sua voz ecoou pelas árvores em redor, a ponta da espada tremeu, e Ron continuou a fitar os olhos de Riddle.

— *Mal amado, sempre, pela mãe que ansiava por uma filha... mal amado, agora, pela rapariga que prefere o teu amigo... em segundo lugar, sempre, eternamente eclipsado...*

— Ron, destrói-o já! — bradou Harry; sentia o medalhão a estremecer nas suas mãos e receava o que se seguiria. Ron ergueu ainda mais a espada, e ao fazer tal os olhos de Riddle faiscaram, escarlates.

Das duas metades do medalhão, dos olhos, emergiram, quais bolhas grotescas, as cabeças de Harry e Hermione, estranhamente distorcidas.

Ron soltou um grito de choque e recuou, enquanto as figuras se iam elevando do medalhão: primeiro dorsos, depois cinturas, depois pernas, até se erguerem lado a lado, como árvores com uma raiz comum, oscilando sobre Ron e o verdadeiro Harry, que retirara os dedos do medalhão, incandescente agora e a escaldar.

— Ron! — chamou ele, mas o Harry-Riddle falava agora com a voz de Voldemort, e Ron fitava, hipnotizado, o rosto deste.

— *Por que é que voltaste? Estávamos melhor sem ti, mais felizes sem ti, satisfeitos com a tua ausência... rimo-nos da tua estupidez, da tua cobardia, da tua presunção...*

— *Presunção!* — ecoou a Hermione-Riddle, que era mais bela e contudo mais terrível que a verdadeira Hermione; oscilou, gargalhando, diante de Ron, que parecia aterrado mas paralisado, com a espada pendendo, inútil, a seu lado. — *Quem iria olhar para ti, quem iria alguma vez olhar para ti, comparado com Harry Potter? O que fizeste tu alguma vez, comparado com O Eleito? O que és tu, comparado com O Rapaz Que Sobreviveu?*

— Ron, dá-lhe, DESTRÓI-O! — trovejou Harry, mas Ron não se moveu: tinha os olhos esbugalhados, e neles se reflectiam o Harry-Riddle e a Hermione-Riddle, os cabelos ondeando como chamas, os olhos vermelhos brilhantes, as vozes erguidas num dueto maligno.

— *A tua mãe confessou* — rosnou o Harry-Riddle, perante o sorriso trocista da Hermione-Riddle — *que teria preferido ter-me como filho, teria trocado de bom grado...*

— *Quem não o preferiria a ele, que mulher te escolheria a ti? Tu não és nada, nada, nada comparado com ele* — entoou a Hermione-Riddle, e esticando-se como uma serpente enroscou-se em volta do Harry-Riddle, envolvendo-o num abraço apertado; os seus lábios tocaram-se.

No solo, em frente deles, o rosto de Ron espelhou a sua angústia: levantou a espada alto, os braços a tremer.

— Força, Ron! — gritou Harry.

Ron olhou na direcção dele e Harry pensou ver um traço de escarlate nos

seus olhos.

— Ron...?

A espada relampejou, e desceu. Harry atirou-se para o lado, ouviu-se um ruído metálico e um longo grito arrastado. Deu meia-volta, escorregando na neve, a varinha pronta para se defender, mas não havia nada com que lutar.

As monstruosas versões de si próprio e de Hermione tinham desaparecido: ficara apenas Ron, a segurar a espada frouxamente na mão, fitando os fragmentos despedaçados do medalhão em cima da pedra lisa.

Lentamente, Harry dirigiu-se para ele, sem saber muito bem o que fazer ou dizer. Ron arquejava. Já não tinha os olhos vermelhos, mas sim do seu azul normal; e estavam húmidos.

Harry baixou-se, fingindo não reparar, e pegou no Horcrux quebrado. Ron estilhaçara o vidro de ambas as metades: os olhos de Riddle tinham desaparecido e o forro de seda manchada do medalhão fumegava levemente. A coisa que vivera no Horcrux sumira-se; torturar Ron fora o seu acto final.

A espada retiniu quando Ron a soltou. Este caíra de joelhos, com a cabeça nos braços. Tremia, mas Harry percebeu que não era de frio. Enfiou o medalhão partido no bolso, ajoelhou-se ao lado de Ron e pousou-lhe a mão no ombro com muito cuidado. Considerou bom sinal o facto de o amigo não a sacudir.

— Depois de tu partires — disse ele em voz baixa, grato por Ron ter a cara oculta —, ela chorou durante uma semana. Provavelmente mais, só que não queria que eu visse. Houve carradas de noites em que nem sequer falámos um com o outro. Com a tua partida...

Não conseguiu terminar; só agora, que Ron se encontrava ali de novo, é que Harry tomava consciência perfeita de quanto a sua ausência lhes custara.

— Ela é como uma irmã para mim — prosseguiu ele. — Gosto dela como de uma irmã e acho que ela sente o mesmo por mim. Foi sempre assim. Pensava que tu sabias.

Ron não respondeu, mas virou a cara para o outro lado e limpou ruidosamente o nariz à manga. Harry pôs-se de novo em pé e dirigiu-se para o sítio onde se achava a enorme mochila de Ron, a alguns metros dali, largada quando ele corraera para o lago a fim de impedir Harry de se afogar. Pô-la às costas e voltou para junto do amigo, que se ergueu vacilante à sua aproximação, os olhos ainda vermelhos, mas recomposto.

— Lamento — disse ele em voz rouca. — Lamento ter partido. Sei que fui um... um...

Perscrutou a escuridão em redor, como se esperasse ver saltar de lá uma palavra suficientemente má para o atacar.

— Acho que esta noite compensaste mais ou menos isso — comentou Harry. — Apanhaste a espada. Acabaste com o Horcrux. Salvaste-me a vida.

— Dito assim, faz-me parecer muito mais fixe do que fui — murmurou Ron.

— Coisas deste género parecem sempre mais fixes do que realmente foram

— declarou Harry. — Ando há anos a tentar dizer-vos isso.

Avançaram simultaneamente e abraçaram-se; Harry apertou com força as costas do casaco de Ron, ainda ensopado.

— E agora — disse Harry, quando se separaram — tudo o que precisamos é de encontrar outra vez a tenda.

Mas isso não foi difícil. Apesar de o passeio com a corça, através da floresta às escuras, lhe ter parecido longo, com Ron ao lado, o caminho de regresso afigurou-se-lhe surpreendentemente curto. Harry estava ansioso por acordar Hermione, e entrou na tenda com uma excitação crescente, seguido de Ron, que se deixara ficar um pouco para trás.

A tenda parecia fantasticamente quente depois do lago e da floresta, iluminada apenas pelas chamas azuladas que ainda serpenteavam de uma taça pousada no chão. Hermione dormia profundamente, enroscada debaixo dos cobertores, e só se moveu após Harry ter pronunciado o seu nome diversas vezes.

— Hermione!

Ela mexeu-se e depois sentou-se rapidamente, afastando o cabelo da cara.

— O que é que aconteceu? Harry? Estás bem?

— Tudo OK, está tudo bem. Mais do que bem, estou óptimo. Está aqui uma pessoa.

— Que queres dizer com isso? Quem...?

Avistou Ron, ali parado a segurar a espada e a pingar para a carpete puída. Harry recuou para um canto mais escuro, tirou a mochila de Ron e tentou fundir-se com a lona.

Hermione deslizou do beliche e moveu-se como uma sonâmbula na direcção de Ron, de olhos fixos na sua cara pálida. Parou em frente dele, de lábios entreabertos e olhos arregalados. Ron fez um débil sorriso esperançoso, e semi-ergueu os braços.

Hermione atirou-se para diante e começou aos murros a todos os pedacinhos dele que conseguia alcançar.

— Ai... au... larga-me! Mas que...? Hermione... AU!

— Seu... grande... *idiota*... ..Ronald... Weasley!

Sublinhava cada palavra com uma pancada. Ron recuou, protegendo a cabeça ao vê-la avançar.

— Tu... rastejas... de... volta... até... aqui... após... semanas... e... semanas... oh, *onde está a minha varinha!*

Parecia disposta a arrancá-la da mão de Harry e este reagiu instintivamente.

— *Protego!*

O escudo invisível ergueu-se entre Ron e Hermione: a sua força fê-la cair de costas no chão. Cuspindo o cabelo da boca, voltou a erguer-se de um salto.

— Hermione! — pediu Harry. — Calm...

— Calma uma ova! — gritou ela. Nunca ele a vira perder o controlo daquela maneira; parecia completamente louca.

— Devolve-me a minha varinha! *Devolve-a!*

— Hermione, queres fazer o favor...

— Não me digas o que fazer, Harry Potter! — guinchou ela. — Nem te atrevas! Devolve-a já! E TU!

Apontava para Ron, num tom de acusação terrível: era como uma maldição, e Harry não censurou Ron por recuar vários passos.

— Eu fui a correr atrás de ti! Chamei-te! Supliquei-te que voltasses!

— Eu sei — disse Ron. — Hermione, lamento, realm...

— Ah, tu *lamentas*!

Riu-se, uma gargalhada aguda, descontrolada; Ron olhou para Harry à procura de ajuda, mas este limitou-se a fazer uma careta de impotência.

— Tu voltas após semanas — *semanas* — e pensas que vai ficar tudo bem por dizer que lamentas?

— Bom, que mais posso eu dizer? — bradou Ron, e Harry sentiu-se satisfeito por ver que ele começava a dar luta.

— Ah, não sei! — proferiu Hermione, com enorme sarcasmo. — Vasculha os miolos, Ron, só levas uns segundos...

— Hermione — interrompeu Harry, que considerou aquilo um golpe baixo —, ele acaba de salvar a minha...

— Não me interessa! — gritou ela. — Não me interessa o que ele fez! Semanas e semanas, e tanto quanto ele sabia, nós podíamos estar *mortos*...

— Eu sabia que vocês não estavam mortos! — rugiu Ron, abafando, pela primeira vez, a voz dela, e aproximando-se o mais que podia devido ao Feitiço do Escudo Invisível que se erguia entre eles. — O Harry está em todas as páginas do *Profeta*, na rádio, andam à vossa procura por toda a parte, todos esses rumores e histórias de loucos, eu sabia que ouviria logo dizer se vocês tivessem morrido, não sabes o que foi para...

— O que foi para *ti*?

A voz dela estava agora tão esganiçada que em breve apenas os morcegos conseguiriam ouvi-la, mas atingira um nível de indignação que a emudeceu temporariamente, e Ron aproveitou a oportunidade.

— Eu quis voltar no mesmo minuto em que Desapareci, mas fui cair no meio de um bando de Raptores, Hermione, e não pude ir a parte alguma!

— Um bando de quê? — perguntou Harry, enquanto Hermione se atirava para uma cadeira, com os braços e as pernas tão cruzados que parecia improvável que conseguisse desenroscá-los nos próximos anos.

— Raptores — repetiu Ron. — Estão por toda a parte, bandos que tentam obter ouro a apanhar feiticeiros de origem Muggle e traidores de sangue, há uma recompensa do Ministério por cada um que for capturado. Eu ia sozinho, e tenho aspecto de estar em idade escolar, por isso eles ficaram muito excitados, pensaram que eu era de origem Muggle e que andava fugido. Tive de pensar depressa para impedir que me arrastassem para o Ministério.

— O que é que lhes disseste?

— Que era o Stan Shunpike. Foi a primeira pessoa de quem me lembrei.

— E eles acreditaram?

— Não eram lá muito brilhantes. Um deles era definitivamente meio troll, pelo cheiro...

Olhou de relance para Hermione, esperando claramente que ela adoçasse com aquele pequeno intervalo de humor, mas a sua expressão permaneceu rígida, encimando os membros firmemente entrelaçados.

— Seja como for, eles discutiram sobre se eu seria ou não o Stan. Foi um bocado patético, para ser franco, mas eles continuavam a ser cinco e eu só um, e tinham-me tirado a varinha. Depois, dois deles envolveram-se numa luta e, enquanto os outros estavam distraídos, consegui atingir no estômago o que me segurava, agarrei na varinha dele, Desarmeí o fulano que tinha a minha, e Desaparecí. Não o fiz lá muito bem, voltei a ser Dividido... — estendeu a mão direita para mostrar duas unhas em falta; Hermione ergueu friamente as sobrancelhas — e reapareci a milhas do sítio onde vocês se achavam. Quando voltei à margem do rio onde estivéramos... vocês tinham partido.

— Céus, que história arrebatadora — comentou Hermione, no tom de voz arrogante que adoptava quando queria magoar. — Deves ter ficado simplesmente aterrado. Entretanto, nós fomos a Godric's Hollow e, deixa-me pensar, o que é que aconteceu por lá, Harry? Ah, sim, apareceu a serpente do Quem-Nós-Sabemos, que quase nos matou aos dois, e depois chegou o próprio Quem-Nós-Sabemos que nos falhou aí por um segundo.

— O quê? — exclamou Ron, olhando dela para Harry com ar embasbacado, mas Hermione ignorou-o.

— Imagine-se perder duas unhas, Harry! Isso dá-nos toda uma nova perspectiva de sofrimento, não achas?

— Hermione — disse Harry serenamente — o Ron acaba de me salvar a vida.

Ela pareceu não o ouvir.

— Há, no entanto, uma coisa que eu gostava de saber — continuou ela, fixando os olhos num local cerca de meio metro acima da cabeça de Ron. — Exactamente, como é que tu nos encontraste esta noite? Isto é importante. Desde que saibamos, poderemos certificar-nos de que não somos visitados por mais ninguém que não desejemos ver.

Ron deitou-lhe um olhar furioso, e depois tirou um pequeno objecto prateado do bolso das calças de ganga.

— Com isto.

Ela viu-se obrigada a olhar para Ron se queria ver o que ele lhes estava a mostrar.

— O Apagador? — perguntou Hermione, tão surpreendida que se esqueceu do ar frio e ameaçador.

— Isto não se limita a acender e apagar luzes — elucidou Ron. — Não sei como é que funciona, nem por que é que aconteceu então e não em qualquer outra altura, porque eu tenho desejado regressar desde que me fui embora. Mas estava a ouvir a rádio, muito cedo na manhã do dia de Natal, e ouvi... ouvi-te a ti.

Fitava Hermione.

— Ouviste-me na rádio? — perguntou ela, incrédula.

— Não, ouvi-te a sair do meu bolso. A tua voz — ergueu de novo o Apagador — saía disto.

— E o que dizia eu ao certo? — indagou Hermione, com um tom entre o ceticismo e a curiosidade.

— O meu nome. «Ron.» E disseste... qualquer coisa a respeito de uma varinha...

Hermione corou intensamente. Harry lembrava-se: fora a primeira vez, desde o dia em que Ron partira, que o seu nome tinha sido pronunciado em voz alta por qualquer deles; Hermione mencionara-o a respeito da reparação da varinha de Harry.

— Por isso eu tirei-o para fora — continuou Ron, olhando para o Apagador —, e ele não parecia diferente, nem nada, mas eu tinha a certeza de te ter ouvido. Portanto liguei-o. E a luz desapareceu do meu quarto, mas apareceu outra luz do lado de fora da minha janela.

Ron levantou a mão vazia e apontou para diante, os olhos focados em algo que nem Harry nem Hermione viam.

— Era uma bola de luz, a modos que a pulsar, e azulada, como a luz que se vê em volta de um Botão de Transporte, sabem?

— Sim — anuíram Harry e Hermione em coro, automaticamente.

— Percebi que chegara a altura — disse Ron. — Peguei na minha tralha, arrumei-a na mochila e saí para o jardim.

«A pequena bola de luz estava lá a pairar, à minha espera, e quando eu saí saltitou um pouco para diante, e eu segui-a para trás do barracão e depois ela... bem, ela enfiou-se dentro de mim.

— O quê? — perguntou Harry, certo de não ter ouvido bem.

— Veio assim como que a flutuar em direcção a mim — Ron ilustrou o movimento com o indicador livre —, direita ao meu peito, e depois... entrou a direito. Ficou aqui — tocou num ponto perto do coração —, eu sentia-a, estava quente. E, uma vez dentro de mim, eu soube o que fazer, soube que ela me levaria para onde eu precisasse de ir. Portanto, Desapareci e surgi na encosta de um monte. Havia neve por toda a parte...

— Nós estivemos lá — concordou Harry. — Passámos lá duas noites e, na segunda, eu levei a noite a pensar que ouvia alguém a mover-se por ali no escuro e a chamar!

— É, pois, era eu — disse Ron. — Mas os vossos encantamentos protectores funcionam mesmo, porque não consegui ver-vos nem ouvir-vos. Mas tinha a certeza de que estavam por ali, por isso acabei por me enfiar no saco-cama e esperei que um de vocês aparecesse. Pensei que teriam de se mostrar quando empacotassem a tenda.

— Na verdade, não — explicou Hermione. — Temos andado a Desaparecer debaixo do Manto da Invisibilidade como precaução suplementar. E partimos francamente cedo, porque, como disse o Harry,

tínhamos ouvido alguém a andar por ali.

— Bem, eu fiquei o dia inteiro nessa encosta — prosseguiu Ron. — Sempre à espera de que vocês aparecessem. Mas quando começou a escurecer, percebi que deviam ter-me escapado, por isso voltei a ligar o Apagador, a luz azul surgiu e entrou em mim, e eu Desapareci e cheguei aqui, a esta floresta. Continuava a não conseguir ver-vos, portanto só podia esperar que um de vocês acabasse por se mostrar ... e foi o que o Harry fez. Bem, primeiro vi a corça, obviamente.

— Viste o quê? — perguntou Hermione em tom vivo.

Eles explicaram o que acontecera e, à medida que a história da corça prateada e da espada dentro do lago se ia desenrolando, Hermione olhava de um para o outro de testa franzida, num esforço de concentração tão forte que se esqueceu de conservar os membros entrelaçados.

— Mas isso foi com certeza um Patronus! — exclamou ela. — Não conseguiram ver quem é que o estava a invocar? Não viram ninguém? E ela conduziu-vos à espada! Não posso crer! E depois, o que é que aconteceu?

Ron explicou que observara Harry a saltar para o lago e esperara vê-lo regressar à superfície; que percebera que alguma coisa correria mal, mergulhara e salvara Harry, e que depois voltara para ir buscar a espada. Chegou até à abertura do medalhão, mas aí hesitou e Harry concluiu:

— ... e o Ron destruiu-o com a espada.

— E ele... ele foi-se? Assim, sem mais nem menos? — murmurou ela.

— Bem, ele... ele gritou — disse Harry, olhando de relance para Ron. — Toma.

Atirou o medalhão para o colo dela, que lhe pegou cautelosamente e examinou os vidros fendidos.

Achando que era finalmente seguro, Harry removeu o Feitiço do Escudo Invisível com um gesto da varinha de Hermione e virou-se para Ron.

— Não disseste que te safaste dos Raptores com uma varinha a mais?

— O quê? — perguntou Ron, que estava a ver Hermione examinar o medalhão. — Oh... oh, pois.

Abriu um dos fechos da mochila e tirou da bolsa uma varinha curta e preta. — Está aqui. Achei que dava sempre jeito ter uma de reserva.

— E tinhas razão — comentou Harry, estendendo a mão. — A minha partiu-se.

— ‘Tás a gozar? — exclamou Ron, mas nessa altura Hermione levantou-se e ele pareceu novamente apreensivo.

Hermione meteu o Horcrux destruído na mala de missangas, e depois subiu para o seu beliche e instalou-se sem mais uma palavra.

Ron passou a nova varinha a Harry.

— Acho que não te safaste mal — murmurou Harry.

— É — concordou Ron. — Podia ter sido pior. Lembras-te de quando ela me lançou aqueles pássaros?

— Ainda não excluí essa hipótese — a voz de Hermione saiu abafada de

debaixo dos cobertores, mas Harry viu Ron sorrir levemente ao tirar da mochila o pijama castanho.

XX

XENOPILIUS LOVEGOOD

Harry não esperara que a cólera de Hermione se evaporasse durante a noite, portanto não ficou surpreso por, na manhã seguinte, ela comunicar principalmente por meio de olhares assassinos e silêncios marcados. Ron respondeu mantendo um comportamento invulgarmente sóbrio na sua presença, como sinal exterior de remorsos persistentes. De facto, quando estavam os três juntos, Harry sentia-se como o único não enlutado num funeral com poucos acompanhantes. No entanto, durante os poucos momentos que passou sozinho com Harry (para ir buscar água e procurar cogumelos no mato), Ron tornava-se despidamente jovial.

— Alguém nos ajudou — repetia ele. — Alguém enviou aquela corça. Há alguém do nosso lado. Um Horcrux a menos, pá!

Animados pela destruição do medalhão, começaram a debater possíveis localizações dos outros Horcruxes e, embora anteriormente tivessem discutido o assunto exaustivamente, Harry sentia-se optimista, certo de que àquela se seguiriam mais descobertas. O amuo de Hermione não conseguia perturbar-lhe a boa disposição: a súbita reviravolta da sorte, o aparecimento da corça misteriosa, a recuperação da espada de Gryffindor e, acima de tudo, o regresso de Ron, tornavam Harry tão feliz que lhe era difícil manter um ar carrancudo.

Ao final da tarde, ele e Ron voltaram a escapar à presença funesta de Hermione e, a pretexto de vasculharem as sebes despidas em busca de amoras inexistentes, prosseguiram a sua troca de novidades. Harry conseguira, finalmente, contar a Ron todas as suas diversas deambulações com Hermione, até à história completa do que acontecera em Godric's Hollow; Ron começava a agora a pôr Harry a par de tudo o que descobrira acerca do mundo dos feiticeiros durante as semanas em que estivera ausente.

— ... e como é que vocês souberam do Tabu? — perguntou ele a Harry, depois de lhe ter falado das muitas tentativas desesperadas de feiticeiros de origem Muggle para se evadirem do Ministério.

— Do quê?

— Tu e a Hermione deixaram de dizer o nome do Quem-Nós-Sabemos!

— Ah, sim. Bem, foi apenas um mau hábito que adquirimos
— respondeu Harry. — Mas eu não tenho qualquer problema em lhe chamar V...

— NÃO! — rugiu Ron, levando Harry a saltar para o meio da sebe e Hermione (de nariz enterrado num livro à entrada da tenda) a fitá-los de sobrolho carregado. — Desculpa — pediu Ron, ajudando Harry a libertar-se das silvas —, mas o nome foi enfeitiçado, Harry, é assim que eles descobrem as pessoas! Usar o nome dele quebra os encantamentos protectores, provoca uma perturbação mágica qualquer... foi assim que nos descobriram em Tottenham Court Road!

— Porque nós usámos o nome dele?

— Exacto! Tens de lhes reconhecer o mérito, faz sentido. Só as pessoas que se lhe opunham verdadeiramente, como o Dumbledore, é que se atreviam a usá-lo. Agora puseram um Tabu sobre ele, todos os que o pronunciarem são detectáveis... uma maneira rápida e fácil de descobrir membros da Ordem! Quase apanharam o Kingsley...

— ‘Tás a gozar?

— Sério, um grupo de Devoradores da Morte encurralou-o, disse o Bill, mas ele lutou e safou-se. Anda agora fugido, tal como nós. — Pensativo, Ron coçou o queixo com a ponta da varinha. — Não achas que o Kingsley possa ter mandado aquela corça?

— O Patronus dele é um lince, vimo-lo no casamento, lembras-te?

— Ah, pois...

Andaram um pouco mais ao longo da sebe, afastando-se da tenda e de Hermione.

— Harry... não achas que possa ter sido o Dumbledore?

— O Dumbledore o quê?

Ron pareceu levemente embaraçado, mas disse em voz baixa:

— O Dumbledore... a corça? Quer dizer — observava Harry pelo canto do olho —, foi ele o último a possuir a espada verdadeira, não foi?

Harry não se riu de Ron, porque compreendeu perfeitamente a ânsia subjacente àquela pergunta. A ideia de que Dumbledore tinha conseguido voltar para junto deles, de que os protegia, teria sido indizivelmente reconfortante. Abanou a cabeça.

— O Dumbledore morreu — afirmou ele. — Eu vi isso acontecer, vi o corpo. Partiu definitivamente. Aliás, o Patronus dele era uma fénix, não uma corça.

— Mas os Patronus podem mudar, não podem? — insistiu Ron. — O da Tonks mudou, não foi?

— Sim, mas se o Dumbledore estivesse vivo, por que não se mostraria? Por que não nos entregaria simplesmente a espada?

— Sei lá — respondeu Ron. — Pela mesma razão por que não ta deu enquanto estava vivo? Pela mesma razão por que te deixou uma velha *Snitch* e à Hermione um livro de histórias infantis?

— E qual é? — perguntou Harry, virando-se para olhar Ron bem de frente, ansioso pela resposta.

— Não sei — disse Ron. — Às vezes pensava, quando me sentia um bocado em baixo, que ele se estava a divertir ou... que apenas queria tornar as coisas mais difíceis. Mas agora já não penso assim. Ele sabia o que estava a fazer quando me deu o Apagador, não sabia? Ele... bem — as suas orelhas tingiram-se de um vermelho vivo e Ron concentrou-se num tufo de erva a seus pés, que vasculhou com a biqueira do sapato —, ele deve ter sabido que eu vos abandonaria.

— Não — corrigiu-o Harry. — Ele deve ter sabido que tu quererias sempre regressar.

Ron fez um ar grato, mas ainda constrangido. Em parte para mudar de assunto, Harry disse: — Por falar no Dumbledore, sabes o que a Skeeter escreveu a respeito dele?

— Ah, sim — respondeu logo Ron —, as pessoas têm falado imenso disso. Claro que, se as coisas fossem diferentes, teria sido uma notícia de estrondo, o Dumbledore e o Grindelwald compinchas, mas assim é apenas motivo de risota para os que não gostavam do Dumbledore, e uma espécie de bofetada na cara para todos os que o consideravam um tipo tão porreiro. Pessoalmente, não acho nada de especial. Ele era muito novo quando...

— Tinha a nossa idade — retorquiu Harry, tal como fizera com Hermione, e algo na sua expressão levou Ron a decidir não insistir no assunto.

No meio de uma teia gelada, entre as silvas, via-se uma grande aranha. Harry apontou-lhe a varinha que Ron lhe dera na noite anterior, e que Hermione condescendera entretanto em examinar, declarando que era de abrunheiro.

— *Engorgio*.

A aranha estremeceu um pouco, e balouçou levemente na teia. Harry tentou de novo. Dessa vez a aranha cresceu um bocado.

— Pára com isso — disse Ron vivamente. — Lamento ter dito que o Dumbledore era novo, OK?

Harry esquecera-se da aversão de Ron a aranhas.

— Desculpa... *reducio*.

A aranha não encolheu. Harry fitou a varinha de abrunheiro. Todos os insignificantes encantamentos que lançara com ela nesse dia tinham parecido menos potentes que os realizados com a sua varinha de fénix. Esta dava-lhe uma sensação de estranheza imposta, como se tivesse a mão de outra pessoa cosida à extremidade do seu braço.

— Só precisas de prática — disse Hermione, que se aproximara silenciosamente por trás deles, e ficara a observar, ansiosa, enquanto Harry tentava aumentar e diminuir a aranha. — É tudo uma questão de confiança, Harry.

Ele sabia por que motivo ela desejava ver tudo bem: ainda se sentia culpada por lhe ter partido a varinha. Mordeu os lábios para não dar a resposta que lhe

apetecia: ficasse ela com a varinha de abrunheiro, se achava que não fazia diferença, e ele ficaria antes com a dela. Contudo, desejoso de ver todos amigos outra vez, concordou; mas quando Ron dirigiu um sorriso hesitante a Hermione, ela afastou-se e sumiu-se uma vez mais atrás do livro.

Ao cair da noite regressaram os três à tenda, e Harry encarregou-se do primeiro turno de vigia. Sentado à entrada, tentou fazer a varinha de abrunheiro levitar pequenas pedras a seus pés, mas a sua magia parecia ainda mais desastrada e menos potente que antes. Hermione estava deitada no seu beliche a ler, e Ron, após vários relances nervosos na direcção dela, tirara da mochila um pequeno rádio de madeira e começara a tentar sintonizá-lo.

— Há um programa — disse ele a Harry, em voz baixa — que transmite as notícias como realmente são. Todos os outros estão do lado do Quem-Nós-Sabemos e seguem as directrizes do Ministério, mas este... espera só até ouvires, é formidável. Só que não podem emitir todas as noites, têm de mudar continuamente de sítio para o caso de sofrerem uma busca, e é preciso uma palavra-chave para o sintonizar... o problema é que eu falhei a última...

Tamborilou levemente com a varinha no cimo do rádio, murmurando palavras ao acaso. Lançou diversos olhares dissimulados a Hermione, receando obviamente uma explosão irritada, mas ela ligou-lhe tanto como se ele ali não estivesse. Durante cerca de dez minutos, Ron tamborilou e murmurou, Hermione desfolhou as páginas do seu livro e Harry continuou a praticar com a varinha de abrunheiro.

Por fim, Hermione desceu do seu beliche e Ron cessou imediatamente de tamborilar.

— Se isto te incomoda, eu paro! — ofereceu-se ele nervosamente.

Hermione nem se dignou responder, e aproximou-se de Harry.

— Temos de conversar — começou ela.

Ele olhou para o livro que ela ainda apertava. Era *A Vida e as Mentiras de Albus Dumbledore*.

— Que foi? — perguntou, apreensivo. Passou-lhe pela cabeça que houvesse ali um capítulo a seu respeito; não tinha a certeza de conseguir aguentar ouvir a versão de Rita acerca do seu relacionamento com Dumbledore. A resposta de Hermione, todavia, foi totalmente inesperada.

— Quero ir visitar o Xenophilus Lovegood.

Ele fitou-a, atónito.

— O quê?

— O Xenophilus Lovegood. O pai da Luna. Quero ir falar com ele!

— Hã... porquê?

Ela respirou fundo, como que a preparar-se e disse: — Por causa daquela marca, a marca em *Beedle, o Bardo*. Olha para isto!

Enfiou *A Vida e as Mentiras de Albus Dumbledore* debaixo dos olhos do renitente Harry e ele viu uma fotografia do original da carta que Dumbledore escrevera a Grindelwald, com a familiar letra fina e inclinada do Director. Detestou ver a prova acabada de que Dumbledore escrevera, de facto, aquelas

palavras, que não tinham sido invenção de Rita.

— A assinatura — insistiu Hermione. — Olha para a assinatura, Harry!

Obedeceu. Por momentos não percebeu ao que ela se referia, mas, olhando mais atentamente com ajuda da varinha iluminada, viu que Dumbledore substituíra o «A» de Albus por uma minúscula versão da mesma marca triangular inscrita em *Os Contos de Beedle, o Bardo*.

— Hã... o que estão vocês... ? — indagou Ron, hesitante; mas Hermione emudeceu-o com um olhar e virou-se de novo para Harry.

— Está sempre a aparecer-nos, não é? — observou ela. — Eu sei que o Viktor disse que era a marca do Grindelwald, mas encontrava-se indiscutivelmente naquela velha campa em Godric's Hollow, e as datas da lápide são muito anteriores ao aparecimento do Grindelwald! E agora isto! Ora nós não podemos perguntar ao Dumbledore nem ao Grindelwald o seu significado — nem sequer sei se o Grindelwald ainda é vivo — mas podemos perguntar a Mr. Lovegood. Ele usava este símbolo no casamento. Tenho a certeza de que é importante, Harry!

Harry não respondeu imediatamente. Fitou o rosto intenso e ansioso dela e depois, pensativo, a escuridão em redor. Após uma longa pausa, disse: — Hermione, nós não queremos outro Godric's Hollow. Convencemo-nos de que tínhamos de lá ir e...

— Mas isto está sempre a aparecer, Harry! O Dumbledore deixou-me *Os Contos de Beedle, o Bardo*, como é que sabes que não era para nós procurarmos o significado do símbolo?

— Lá vamos nós outra vez! — Harry sentia-se algo exasperado. — Continuamos a tentar convencer-nos de que o Dumbledore nos deixou sinais secretos e pistas...

— O Apagador revelou-se muito útil — intrometeu-se Ron. — Eu acho que a Hermione tem razão, acho que devíamos ir falar com o Lovegood.

Harry deitou-lhe um olhar mal-humorado. Estava certo de que o apoio de Ron a Hermione não tinha nada a ver com o desejo de saber o significado da runa triangular.

— Não será como em Godric's Hollow — acrescentou Ron —, o Lovegood está do teu lado, Harry, *A Voz Delirante* tem-te apoiado sempre, continua a dizer às pessoas que têm de te ajudar!

— Tenho a certeza de que isto é importante! — repetiu Hermione em tom veemente.

— Mas não achas que, se fosse, o Dumbledore me teria falado disso antes de morrer?

— Talvez... talvez seja uma coisa que tens de descobrir por ti próprio — sugeriu Hermione, com o leve ar de quem se agarra a qualquer possibilidade.

— É — assentiu Ron, adúlador —, faz sentido.

— Não, não faz — retorquiu Hermione asperamente —, mas eu continuo a pensar que devíamos ir falar com Mr. Lovegood. Um símbolo que liga o Dumbledore, o Grindelwald e Godric's Hollow? Harry, tenho a certeza de que

devíamos saber o que isto é!

— Eu cá acho que devíamos votar — propôs Ron. — Quem é a favor de ir falar com o Lovegood...

A mão dele disparou para o ar ainda antes da de Hermione, cujos lábios tremiam suspeitamente ao erguer a sua.

— Foste vencido, Harry, lamento — declarou Ron, dando-lhe uma palmadinha nas costas.

— Belo — comentou Harry, entre divertido e irritado. — Mas, depois de falarmos com o Lovegood, vamos tentar descobrir mais Horcruxes, certo? E já agora, onde é que vivem os Lovegood? Algum de vocês sabe?

— Sim, não é muito longe da minha casa — afirmou Ron. — Não sei exactamente onde, mas a mãe e o pai apontam sempre para os montes quando os mencionam. Não devem ser difíceis de encontrar.

Depois de Hermione ter voltado para o seu beliche, Harry baixou a voz.

— Tu só concordaste para tentar voltar a cair nas boas graças dela.

— No amor e na guerra, vale tudo — disse Ron, alegremente —, e isto é um bocado de ambos. Anima-te, são as férias de Natal, a Luna vai estar em casa!

Tinham uma excelente vista sobre a vila de Ottery St. Catchpole da colina ventosa para onde Desapareceram na manhã seguinte. Do seu elevado ponto de observação, a vila parecia uma colecção de casas de boneca sob os longos raios de sol oblíquos que se derramavam sobre a terra pelas brechas entre as nuvens. Ficaram um ou dois minutos a olhar na direcção d'A Toca, com as mãos a proteger os olhos, mas a única coisa que avistavam eram as altas sebes e as árvores do pomar, que protegiam a pequena casa enviesada dos olhos dos Muggles.

— É esquisito, estar tão perto e não ir vê-los — observou Ron.

— Bem, não é que não tenhas acabado de os ver. Estiveste lá pelo Natal — comentou Hermione friamente.

— Eu não estive n'A Toca! — exclamou Ron, soltando uma gargalhada incrédula. — Acham que eu ia voltar para lá e contar a todos eles que vos tinha abandonado? Pois, o Fred e o George deviam reagir optimamente. E a Ginny, essa teria sido extremamente compreensiva.

— Então, onde é que estiveste? — perguntou Hermione, surpreendida.

— Na casa nova do Bill e da Fleur. A Casa das Conchas. O Bill foi sempre decente comigo. Ele... não ficou propriamente impressionado quando soube o que eu fizera, mas não repisou o assunto. Viu que eu estava realmente arrependido. Ninguém do resto da família sabe que eu lá estive. O Bill disse à mãe que ele e a Fleur não iam a casa pelo Natal porque o queriam passar sozinhos. Sabem, primeiras férias desde que se casaram. Não creio que a Fleur se tenha importado. Sabem como ela detesta a Celestina Warbeck.

Ron voltou costas à Toca.

— Vamos tentar dali de cima — sugeriu ele, avançando à frente para o cume do monte.

Caminharam durante algumas horas, com Harry oculto pelo Manto da Invisibilidade por insistência de Hermione. A cadeia de montes baixos parecia ser desabitada, com exceção de uma casinha com ar deserto.

— Achas que será a deles e foram passar o Natal fora? — indagou Hermione, espreitando pela janela para uma pequena cozinha impecável, com gerânios no peitoril. Ron fungou.

— Olha, tenho cá a sensação de que basta olhar pela janela da cozinha dos Lovegood para sabermos quem lá vive. Vamos tentar a próxima série de montes.

Portanto Desapareceram alguns quilómetros mais para norte.

— Aha! — gritou Ron, enquanto o vento lhes fustigava os cabelos e os mantos. Apontava para cima, para o cume do monte em que haviam surgido, onde se erguia verticalmente contra o céu uma casa de aspecto estranhíssimo, um grande cilindro preto, com uma lua fantasmagórica suspensa lá atrás, no céu vespertino. — Aquilo tem de ser a casa da Luna, quem mais viveria num lugar assim? Parece uma gralha gigantesca!

— Não se parece nada com um pássaro — contrapôs Hermione, que fitava a torre de testa franzida.

— Eu referia-me a uma torre de xadrez — elucidou Ron.

Sendo possuidor das pernas mais compridas, Ron foi o primeiro a chegar ao cimo do monte. Quando Harry e Hermione o alcançaram, ofegantes e a comprimir com as mãos as pontadas de dor de burro, encontraram-no com um largo sorriso.

— É a deles — disse Ron. — Olhem.

Três tabuletas pintadas à mão haviam sido pregadas num portão desengonçado. A primeira dizia, «*A Voz Delirante. Editor: X. Lovegood.*», a segunda, «*Colha o seu próprio Azevinho*», e a terceira, «*Afaste-se das Ameixas Dirigíveis.*»

O portão rangeu quando o abriram. O caminho em ziguezague, que conduzia à porta de entrada, achava-se repleto de uma variedade de estranhas plantas, incluindo um arbusto cheio dos frutos alaranjados, com feitio de rabanetes, que Luna usava por vezes como brincos. Harry julgou reconhecer um Silvirriço e passou ao largo do cepo mirrado. Duas velhas árvores de maçãs ácidas, dobradas pelo vento, despidas de folhas, mas ainda pesadas de frutos vermelhos do tamanho de morangos, e coroas farfalhudas de azevinho de bagas brancas, faziam sentinela de cada lado da porta. Uma pequena coruja, de cabeça levemente achatada, tipo falcão, espreitou-os de um dos ramos.

— É melhor tirares o Manto da Invisibilidade, Harry — aconselhou Hermione —, é a ti que Mr. Lovegood deseja ajudar e não a nós.

Harry seguiu a sugestão e entregou-lhe o Manto para que o guardasse na mala de missangas. Depois ela bateu três vezes na pesada porta negra, cravejada de pregos de ferro e com um batente em forma de águia.

Decorreram uns dez segundos até a porta se escancarar e surgir Xenophilius

Lovegood, descalço e vestindo algo que se assemelhava a uma camisa de noite manchada. O seu cabelo branco e fino apresentava-se sujo e revoltado. Em comparação, o seu aspecto no casamento de Bill e Fleur fora absolutamente garboso.

— O quê? O que é? Quem são vocês? O que é que querem? — gritou ele em voz esganiçada e rabugenta, olhando primeiro para Hermione, depois para Ron, e finalmente para Harry, perante o qual abriu a boca, formando um «O» perfeito e cómico.

— Olá, Mr. Lovegood — cumprimentou Harry, estendendo a mão. — Sou o Harry, o Harry Potter.

Xenophilius não aceitou a mão de Harry, embora o seu olho que não apontava para o nariz se dirigisse de imediato para a cicatriz da testa de Harry.

— Podemos entrar? — indagou Harry. — Gostaríamos de perguntar-lhe uma coisa.

— Eu... eu não tenho a certeza de que isso seja prudente — sussurrou Xenophilius. Engoliu e lançou um breve olhar em redor do jardim. — Que grande choque... palavra... eu... eu lamento mas não acho realmente que deva...

— Não demora muito — insistiu Harry, ligeiramente desapontado por aquela recepção nada calorosa.

— Eu... oh, está bem, então. Entrem, depressa. *Depressa!*

Mal tinham acabado de transpor a porta já Xenophilius a fechava atrás deles. Encontraram-se na cozinha mais estranha que Harry já vira. A divisão era completamente circular, de forma que a sensação era de se estar dentro de um gigantesco pimenteiro. Tudo era curvo para se ajustar às paredes: o fogão, o lava-louças e os armários, e tinha sido tudo pintado com flores, insectos e pássaros em fortes cores primárias. Harry julgou reconhecer o estilo de Luna: o efeito, num espaço tão acanhado, era algo avassalador.

No meio da sala, uma escada de caracol de ferro forjado conduzia aos níveis superiores. De cima das suas cabeças vinha uma série de baques e pancadas, e Harry perguntou-se o que estaria Luna a fazer.

— É melhor subirem — convidou Xenophilius, que foi à frente, ainda com ar extremamente constrangido.

A divisão de cima parecia ser uma combinação de sala com oficina, e, assim sendo, encontrava-se ainda mais entulhada que a cozinha. Embora muito mais pequena, e totalmente redonda, assemelhava-se de certo modo à Sala das Necessidades na inesquecível ocasião em que se transformara num gigantesco labirinto, formado por séculos de objectos escondidos. Havia pilhas atrás de pilhas de livros e jornais em todas as superfícies. Do tecto pendiam delicados modelos de criaturas que Harry não reconheceu, todos a bater as asas ou a fecharem as queixadas.

Luna não estava ali: a coisa que fazia a tal algazarra era um objecto de madeira, repleto de rodas e engrenagens a girarem magicamente. Parecia a bizarra descendência de uma bancada de trabalho e um conjunto de prateleiras

velhas, mas, após alguns instantes, Harry deduziu que se tratava de uma prensa antiquada, dado o facto de estar a cuspir exemplares de *A Voz Delirante*.

— Com licença — pediu Xenophilius e, dirigindo-se à máquina, extraiu uma toalha suja de debaixo de inúmeros livros e jornais, que caíram todos ao chão, e atirou-a para cima da prensa, abafando levemente o ruidoso mecanismo. Depois, virou-se para Harry.

— Por que é que vieram aqui?

Antes de Harry poder falar, contudo, Hermione soltou um pequeno grito de choque.

— Mr. Lovegood... o que é aquilo?

Apontava para um enorme chifre cinzento, retorcido, não muito diferente do de um unicórnio, que se encontrava montado na parede, projectando-se um bom pedaço pela sala.

— É o chifre de um Snorkack de Chifres Amarrotados — respondeu Xenophilius.

— Não, não é! — contrariou Hermione.

— Hermione — murmurou Harry, embaraçado —, este não é o momento...

— Mas, Harry, aquilo é um chifre de Erumpent! É Material Comercializável Classe B e é extremamente perigoso tê-lo em casa!

— Como é que sabes que é um chifre de Erumpent? — indagou Ron, afastando-se o mais depressa que lhe foi possível, dada a extrema barafunda da sala.

— Há uma descrição em *Monstros Fantásticos e Onde Encontrá-los!* Mr. Lovegood, tem de se livrar dele imediatamente, não sabe que pode explodir ao mais pequeno toque?

— O Snorkack de Chifres Amarrotados é uma criatura tímida e altamente mágica — disse Xenophilius pausadamente, uma expressão obstinada no rosto — e o seu chifre...

— Mr. Lovegood, eu reconheço as marcas estriadas em volta da base, aquilo é um chifre de Erumpent e é incrivelmente perigoso... não sei onde o arranjou...

— Comprei-o — declarou Xenophilius em tom dogmático — há duas semanas, a um jovem feiticeiro encantador que conhecia o meu interesse pelos delicados Snorkacks. Foi uma surpresa de Natal para a minha Luna. E agora — rematou ele, virando-se para Harry — exactamente o que o traz por cá, Mr. Potter?

— Precisamos que nos ajude — retorquiu Harry, antes de Hermione poder recomençar.

— Ah — fez Xenophilius. — Ajuda. Hum... — O seu olho bom dirigiu-se de novo para a cicatriz de Harry. Parecia simultaneamente aterrado e hipnotizado. — Sim. O caso é que... ajudar Harry Potter... é bastante perigoso...

— Não é o senhor que passa a vida a dizer a toda a gente que o nosso

primeiro dever é ajudar o Harry? — observou Ron. — Nesse seu jornal?

Xenophilius relanceou um olhar por cima do ombro para a prensa oculta, que continuava a emitir ruídos vários por baixo da toalha.

— Hã... sim, eu expressei essa opinião. Contudo...

— ... isso é válido para todos os outros, menos para si pessoalmente? — comentou Ron.

Xenophilius não respondeu. Engolia constantemente em seco, os olhos percorrendo-os vivamente aos três. Harry teve a impressão de que ele travava uma dolorosa luta interior.

— Onde está a Luna? — perguntou Hermione. — Vamos ver o que ela pensa.

Xenophilius susteve a respiração e pareceu estar a revestir-se de coragem. Por fim, em voz trémula, praticamente inaudível acima do ruído da prensa, disse: — A Luna está lá em baixo no ribeiro, a pescar Plimpies de Água Doce. Ela... ela vai gostar de vos ver. Eu vou chamá-la e depois... sim, muito bem. Tentarei ajudar-vos.

Sumiu-se pela escada de caracol abaixo e eles ouviram a porta de entrada abrir e fechar. Entreolharam-se.

— Velhadas cobarde — exclamou Ron. — A Luna tem dez vezes mais coragem.

— Provavelmente preocupa-se com o que lhes possa acontecer, se os Devoradores da Morte descobrirem que eu aqui estive — disse Harry.

— Bem, eu concordo com o Ron — declarou Hermione. — Que horrível velho hipócrita, a dizer a toda a gente para te ajudar e depois a tentar esquivar-se. E faz favor, vê se te manténs longe desse chifre.

Harry foi até à janela do outro lado da sala. Avistou um ribeiro, uma faixa estreita e reluzente lá muito em baixo, na base do monte. Estavam muito alto; um pássaro passou pela janela, enquanto ele olhava na direcção d'A Toca, agora invisível por trás de outra cadeia de montes. Ginny encontrava-se ali, algures. Desde o casamento de Bill e Fleur que não estavam tão perto um do outro como naquele momento, mas ela não fazia ideia de que ele tinha os olhos fixos na sua direcção, a pensar nela. Supunha que deveria sentir-se satisfeito por isso; todos aqueles com quem ele entrava em contacto ficavam em perigo, a atitude de Xenophilius bem o demonstrava.

Afastou-se da janela e o seu olhar tombou sobre outro objecto esquisito, pousado no entulhado aparador curvo: um busto de pedra de uma feiticeira, bela mas de ar austero, com um toucado extremamente bizarro. Dos lados, saíam duas coisas semelhantes a cornetas acústicas, douradas e curvas. Havia um minúsculo par de asas azuis reluzentes, presas a uma tira de couro que lhe passava pelo topo da cabeça, enquanto um dos rabanetes cor de laranja fora colado a uma segunda tira em redor da testa.

— Olhem para isto — chamou Harry.

— Deslumbrante — comentou Ron. — Admira que ele não o tenha levado ao casamento.

Ouviram a porta fechar-se e, momentos depois, Xenophilius voltou a subir a escada até à sala, as pernas magras enfiadas agora em botas de borracha, transportando uma bandeja com chávenas de chá desirmanadas e um bule a fumejar.

— Ah, descobriram a minha invenção preferida — observou ele, enfiando a bandeja nos braços de Hermione e indo juntar-se a Harry ao lado da estátua. — Adaptada, muito adequadamente, à cabeça da bela Rowena Ravenclaw. *Uma inteligência extraordinária é o maior tesouro da Humanidade!*

Indicou os objectos semelhantes a cornetas acústicas.

— Isto são os sifões Wrackspurt... para remover todas as fontes de distração da área circundante do pensador. Aqui — apontou as asas minúsculas — um propulsor Billywig, para induzir um estado de espírito elevado. Finalmente — apontou para o rabanete laranja — a Ameixa Dirigível, para intensificar a capacidade de aceitar o extraordinário.

Xenophilius voltou em largas passadas para junto do tabuleiro de chá, que Hermione conseguira equilibrar, precariamente, numa das superlotadas mesas de apoio.

— Posso oferecer-vos a todos uma infusão de raízes de Gurdy? — perguntou Xenophilius. — Somos nós mesmos que a preparamos. — Começando a servir a bebida, de um roxo tão carregado como sumo de beterraba, acrescentou: — A Luna está lá para baixo, do outro lado da Ponte do Fundo, e ficou muito excitada por vocês se encontrarem cá. Não deve demorar muito, já apanhou Plimpies quase suficientes para fazer sopa para todos. Sentem-se e sirvam-se de açúcar.

— E agora — tirou uma oscilante pilha de jornais de um cadeirão e sentou-se, cruzando as pernas enfiadas nas botas — em que posso ajudá-lo, Mr. Potter?

— Bem — começou Harry, lançando um olhar a Hermione, que acenou encorajadoramente —, é sobre aquele símbolo que o senhor tinha ao pescoço no casamento do Bill e da Fleur, Mr. Lovegood. Gostaríamos de saber o seu significado.

Xenophilius ergueu as sobrancelhas.

— Refere-se ao sinal dos Talismãs da Morte?

XXI

O CONTO DOS TRÊS IRMÃOS

Harry virou-se e olhou para Ron e Hermione; também nenhum deles parecia ter entendido o que Xenophilus dissera.

— Os Talismãs da Morte?

— Exacto — confirmou Xenophilus. — Nunca ouviram falar deles? Não me admiro. São muito raros os feiticeiros que acreditam. Vejam aquele jovem cabeça-dura que estava no casamento do seu irmão — acenou na direcção de Ron — e me atacou por exhibir o símbolo de um famoso feiticeiro Negro! Que ignorância! Não há nada de Negro nos Talismãs... pelo menos nesse sentido grosseiro. A pessoa usa simplesmente o símbolo para se revelar a outros crentes, na esperança de que eles a possam ajudar na Demanda.

Mexeu os diversos torrões de açúcar da sua infusão de raízes de Gurdy e bebeu um pouco.

— Lamento — disse Harry. — Continuo a não entender.

Por delicadeza, bebeu também um gole da sua chávena e quase se engasgava: aquilo era repugnante, como se alguém tivesse liquidificado Feijões de Todos os Sabores com sabor a ranho.

— Bem, sabe, os crentes procuram os Talismãs da Morte — explicou Xenophilus, fazendo estalar ao de leve os lábios, aparentemente deleitado com a sua infusão de raízes de Gurdy.

— Mas o que *são* os Talismãs da Morte? — perguntou Hermione.

Xenophilus afastou a chávena vazia.

— Presumo que todos conhecem bem *O Conto dos Três Irmãos*?

Harry respondeu «Não», mas Ron e Hermione disseram ambos «Sim».

Xenophilus assentiu gravemente.

— Bem, bem, Mr. Potter, tudo começa com *O Conto dos Três Irmãos*... tenho um exemplar do livro algures por aqui...

Relanceou um olhar vago em redor da sala, às pilhas de pergaminhos e livros, mas Hermione atalhou: — Eu tenho um exemplar, Mr. Lovegood, tenho-o aqui mesmo.

E tirou *Os Contos de Beedle, o Bardo* da pequena mala de missangas.

— O original? — indagou Xenophilus vivamente e, perante o seu aceno afirmativo, sugeriu: — Bem, então por que não lê alto? É a melhor forma de termos a certeza de que todos compreendem.

— Hã... está bem — acedeu Hermione, nervosa. Abriu o livro e Harry viu o símbolo que andavam a investigar no topo da página; Hermione tossicou e começou a ler.

«Era uma vez três irmãos que caminhavam por uma estrada solitária e sinuosa ao crepúsculo...»

— À meia-noite, dizia-nos sempre a nossa mãe — interrompeu Ron, que se esticara, de braços por cima da cabeça, para ouvir. Hermione deitou-lhe um olhar de desagrado.

— Desculpa, só acho que assusta mais se for à meia-noite! — disse ele.

— Claro, porque realmente o que faz falta nas nossas vidas é um pouco mais de medo — comentou Harry, antes de conseguir conter-se. Xenophilus olhava para o céu, pela janela, e não parecia estar a prestar muita atenção. — Continua, Hermione.

«A certa altura, os irmãos chegaram a um rio demasiado fundo para passar a pé e demasiado perigoso para atravessar a nado. Contudo, esses irmãos eram exímios em artes mágicas, por isso limitaram-se a agitar as varinhas e fizeram aparecer uma ponte sobre as águas traiçoeiras. Iam a meio desta quando encontraram o caminho bloqueado por uma figura encapuzada.

E a Morte falou-lhes...»

— Desculpa — interrompeu Harry —, mas a Morte falou-lhes?

— Isto é um conto de fadas, Harry!

— Certo, desculpa. Continua.

E a Morte falou-lhes. Estava zangada por ter sido defraudada em três novas vítimas, pois normalmente os viajantes afogavam-se no rio. Mas a Morte era astuta. Fingiu felicitar os três irmãos pela sua magia e disse que cada um deles havia ganho um prémio por ter sido suficientemente esperto para a evitar.

E assim, o irmão mais velho, que era um homem combativo, pediu uma varinha mais poderosa que todas as que existissem: uma varinha que vencesse sempre os duelos, uma varinha digna de um feiticeiro que vencera a Morte! Portanto a Morte foi até um velho sabugueiro na margem do rio, moldou uma varinha de um ramo tombado e deu-a ao irmão mais velho.

Depois, o segundo irmão, que era um homem arrogante, decidiu que queria humilhar ainda mais a Morte e pediu o poder de trazer outros de volta da Morte. Então a Morte pegou numa pedra da margem do rio e deu-a ao segundo irmão, dizendo-lhe que a pedra teria o poder de fazer regressar os mortos.

E depois a Morte perguntou ao terceiro irmão, o mais jovem, do que gostaria ele. O irmão mais novo era o mais humilde e também o mais sensato dos irmãos, e não confiava na Morte. Por isso, pediu qualquer coisa que lhe

permitisse sair daquele local sem ser seguido pela Morte. E esta, muito contrariada, entregou-lhe o seu próprio Manto da Invisibilidade.»

— A Morte tem um Manto da Invisibilidade? — interrompeu novamente Harry.

— Para poder aproximar-se sorrateiramente das pessoas — disse Ron. — Às vezes sente-se farta de correr atrás delas, a agitar os braços e a gritar... desculpa, Hermione.

«Depois a Morte afastou-se e permitiu que os três irmãos prosseguissem o seu caminho, e eles assim fizeram, falando com espanto da aventura que tinham vivido, e admirando os presentes da Morte.

A seu tempo, os irmãos separaram-se, seguindo cada um o seu destino.

O primeiro irmão continuou a viajar durante uma semana ou mais e, ao chegar a uma vila distante, foi procurar um outro feiticeiro com quem tinha desavenças. Naturalmente, com a Varinha de Sabugueiro como arma, não podia deixar de vencer o duelo que se seguiu. Abandonando o inimigo morto estendido no chão, o irmão mais velho dirigiu-se a uma estalagem, onde se gabou, alto e bom som, da poderosa varinha que arrancara à própria Morte, e que o tornava invencível.

Nessa mesma noite, outro feiticeiro aproximou-se silenciosamente do irmão mais velho, que se achava estendido na sua cama, encharcado em vinho. O ladrão roubou a varinha e, à cautela, cortou o pescoço ao irmão mais velho.

E assim a Morte levou consigo o irmão mais velho.

Entretanto, o segundo irmão viajara para sua casa, onde vivia sozinho. Aí, pegou na pedra que tinha o poder de fazer regressar os mortos, e fê-la girar três vezes na mão. Para seu espanto e satisfação, a figura da rapariga que em tempos esperara desposar, antes da sua morte prematura, apareceu imediatamente diante dele.

No entanto, ela estava triste e fria, separada dele como que por um véu. Embora tivesse voltado ao mundo mortal, não pertencia verdadeiramente ali, e sofria. Por fim, o segundo irmão, louco de saudades não mitigadas, suicidou-se para se juntar verdadeiramente a ela.

E assim a Morte levou consigo o segundo irmão.

Mas embora procurasse durante muitos anos o terceiro irmão, a Morte nunca conseguiu encontrá-lo. Só ao atingir uma idade provecta é que o irmão mais novo tirou, finalmente, o Manto da Invisibilidade e o deu ao seu filho. E então acolheu a Morte como uma velha amiga, e foi com ela satisfeito e, como iguais, abandonaram esta vida.»

Hermione fechou o livro. Decorreram alguns instantes antes de Xenophilius parecer dar-se conta de que ela parara de ler; depois desviou o olhar da janela e disse: — Pronto, aí têm.

— Perdão? — Hermione mostrava-se confusa.

— São esses os Talismãs da Morte — explicou Xenophilius.

Tirou uma pena da mesa a abarrotar, junto do seu cotovelo, e puxou um

pedaço de pergaminho rasgado de entre os livros.

— A Varinha de Sabugueiro — começou ele, e traçou uma linha vertical no pergaminho. — A Pedra da Ressurreição — prosseguiu, acrescentando um círculo à volta da linha. — O Manto da Invisibilidade — concluiu ele, encerrando a linha e o círculo num triângulo, para formar o símbolo que tanto intrigara Hermione. — Juntos, são os Talismãs da Morte.

— Mas não há qualquer menção às palavras «Talismãs da Morte» na história — observou Hermione.

— Ora, claro que não — retorquiu Xenophilius, com um ar irritantemente convencido. — Isso é uma história infantil, contada mais para divertir do que para instruir. Aqueles de nós que compreendem esses assuntos, contudo, reconhecem que a velha história se refere a três objectos, ou Talismãs, que, se reunidos, farão do seu possuidor senhor da Morte.

Seguiu-se um breve silêncio durante o qual Xenophilius voltou a olhar pela janela. O sol baixava já no horizonte.

— A Luna não deve tardar a ter Plimpies suficientes — murmurou ele.

— Quando diz «senhor da Morte»... — principiou Ron.

— Senhor — proferiu Xenophilius, petulante, agitando a mão. — Conquistador. Vencedor. O termo que preferirem.

— Mas então... quer dizer... — começou Hermione lentamente, e Harry percebeu que ela se esforçava por não denotar na voz qualquer traço de cepticismo — que o senhor acredita que esses objectos, esses Talismãs, existem realmente?

Xenophilius ergueu novamente as sobrancelhas.

— Mas é claro.

— Mas — insistiu Hermione, e Harry viu que a sua contenção começava a ceder —, Mr. Lovegood, como é *possível* que o senhor acredite...?

— A Luna falou-me muito de si, minha jovem — retorquiu Xenophilius. — A menina, pelo que ouço, não é desprovida de inteligência, mas é penosamente limitada. Tacanha, de vistas curtas.

— Talvez devesse experimentar o chapéu, Hermione — sugeriu Ron, acenando na direcção do ridículo toucado. A voz tremia-lhe devido ao esforço para não se rir.

— Mr. Lovegood — recomeçou Hermione. — Todos nós sabemos que existem Mantos da Invisibilidade. São raros, mas existem. Mas...

— Ah, mas o Terceiro Talismã é um *verdadeiro* manto de invisibilidade, Miss Granger! Quero eu dizer, não é um manto de viagem imbuído com um Encantamento de Camuflagem, ou possuindo um Feitiço de Desorientação, ou ainda tecido com pêlo de Demiguise, que inicialmente nos ocultará, mas se irá desvanecendo com os anos até se tornar opaco. Estamos a falar de um manto que torna quem o usa completamente invisível, e que resiste eternamente, proporcionando uma ocultação constante e impenetrável por mais encantamentos que lhe sejam lançados. Quantos mantos *assim* é que já viu, Miss Granger?

Hermione abriu a boca para responder, e voltou a fechá-la, com uma expressão ainda mais perplexa. Ela, Harry e Ron entreolharam-se, e Harry sabia que estavam todos a pensar a mesma coisa. Acontecia que, nesse instante, se encontrava ali na sala com eles um manto exactamente como aquele que Xenophilius acabava de descrever.

— Precisamente — prosseguiu Xenophilius, como se os tivesse derrotado a todos com os seus argumentos. — Nenhum de vós viu nunca algo assim. O seu possuidor seria imensamente rico, não seria?

Olhou outra vez pela janela. O céu achava-se agora matizado por um levíssimo traço de rosa.

— Muito bem — cedeu Hermione, desconcertada. — Admitamos que o Manto existe... então e a pedra, Mr. Lovegood? Aquilo a que o senhor chama a Pedra da Ressurreição?

— O que tem?

— Bem, como pode isso ser real?

— Prove que não é — retorquiu Xenophilius.

Hermione assumiu um ar ofendido.

— Mas isso é... desculpe, mas isso é completamente ridículo! Como é *possível* eu provar que ela não existe? Espera que eu pegue em... em todos os seixos do mundo, e os experimente? Quer dizer, pode afirmar-se que *qualquer coisa* é real se a única base para se acreditar nela é o facto de ninguém ter *provado* que não existe!

— Pois pode — concordou Xenophilius. — Fico feliz por ver que está a alargar um pouco as suas vistas.

— Então e a Varinha de Sabugueiro — apressou-se Harry a interferir, antes de Hermione poder responder —, pensa que também existe?

— Ah, bom, no caso dessa há inúmeras provas — declarou Xenophilius. — A Varinha de Sabugueiro é o Talismã cujo rasto se pode seguir mais facilmente, devido à maneira como passa de mão em mão.

— E que é? — perguntou Harry.

— Que é o facto de o possuidor da Varinha ter de a tirar ao seu anterior proprietário, para se tornar verdadeiramente senhor dela — respondeu Xenophilius. — Decerto ouviram falar da forma como a Varinha chegou às mãos de Egbert, o Perverso, depois de ele ter massacrado Emeric, o Mau? Da maneira como Godelot morreu na sua própria adega depois de o filho, Hereward, lhe ter tirado a Varinha? Do odioso Loxias, que se apoderou da Varinha de Barnabas Deverill, depois de o matar? O rasto sangrento da Varinha de Sabugueiro salpica as páginas da história da feitiçaria.

Harry relanceou um olhar a Hermione, que fitava Xenophilius de testa franzida, mas não o contradissera.

— Então, e onde é que pensa que se encontra agora a Varinha de Sabugueiro? — interrogou Ron.

— Ah, quem sabe? — comentou Xenophilius, olhando para fora. — Quem sabe onde jaz oculta a Varinha de Sabugueiro? O rasto perde-se em Arcus e

Livius. Quem pode dizer qual dos dois derrotou realmente Loxias, e qual ficou com a Varinha? E quem pode afirmar quem os terá, por sua vez, derrotado? A História, infelizmente, não o revela.

Fez-se uma pausa. Por fim, Hermione perguntou com ar hirtos: — Mr. Lovegood, a família Peverell tem alguma coisa a ver com os Talismãs da Morte?

Xenophilius pareceu surpreendido, enquanto na memória de Harry perpassava algo que ele não conseguia localizar. Peverell... já ouvira esse nome...

— Mas a menina tem estado a enganar-me! — exclamou Xenophilius, endireitando-se na cadeira, e fitando Hermione de olhos esbugalhados. — Pensei que era uma novata na Demanda dos Talismãs! Muitos de nós, Demandadores, acreditamos que os Peverell têm tudo — *tudo!* — a ver com os Talismãs!

— Quem são os Peverell? — interessou-se Ron.

— É o nome inscrito na lápide que tem esta marca, em Godric's Hollow — respondeu Hermione, ainda a observar Xenophilius. — Ignotus Peverell.

— Exactamente! — bradou Xenophilius, de indicador pedantemente erguido. — O sinal dos Talismãs da Morte na campa de Ignotus é uma prova conclusiva!

— De quê? — indagou Ron.

— Ora, de que os três irmãos do conto foram realmente os três irmãos Peverell, Antioch, Cadmus e Ignotus! Que foram eles os possuidores originais dos Talismãs!

Com um novo relance à janela, levantou-se, pegou no tabuleiro e dirigiu-se para a escada de caracol.

— Ficam para jantar, não é verdade? — disse ele, voltando a desaparecer escada abaixo. — Toda a gente pede a nossa receita de sopa de Plimpies de Água Doce.

— Provavelmente para mostrar ao Departamento de Venenos de S. Mungo — murmurou Ron, entre dentes.

Harry esperou até ouvirem Xenophilius a andar lá em baixo, na cozinha, antes de falar.

— O que é que pensas? — dirigia-se a Hermione.

— Oh, Harry — disse ela em tom fatigado —, é tudo um monte de disparates. Não pode ser esse o verdadeiro significado do sinal. Isto tem de ser apenas a estrambólica interpretação que ele lhe dá. Que perda de tempo.

— Suponho que este é o homem que nos trouxe Snorkacks de Chifres Amarrados — comentou Ron.

— Tu também não acreditas? — perguntou-lhe Harry.

— Ná, esta história é apenas uma daquelas coisas que se contam às crianças para lhes dar lições, não é? «Não te metas em sarilhos, não andes à bulha, não mexas onde não deves! Sê humilde, mete-te na tua vida e tudo correrá bem.» Agora que penso nisso — acrescentou Ron —, talvez seja por causa desta

história que se diz que as varinhas de sabugueiro dão azar.

— De que estás tu a falar?

— É uma daquelas superstições, não é? «Feiticeiras nascidas em Maio casam com Muggles.» «Feitiço feito ao crepúsculo desfaz-se à meia-noite.» «Varinha de sabugueiro nunca fez prosperar.» Já devem ter ouvido. A minha mãe conhece montes delas.

— O Harry e eu fomos educados por Muggles — recordou-lhe Hermione —, ensinaram-nos superstições diferentes. — Suspirou profundamente ao sentir um cheiro bastante acre subir da cozinha. A única coisa boa acerca da sua exasperação com Xenophilius era ter parecido levá-la a esquecer que estava aborrecida com Ron. — Acho que tens razão — disse-lhe ela. — É apenas um conto moral, é obvio qual é o melhor presente, aquele que escolheríamos...

Falaram os três ao mesmo tempo; Hermione disse «o Manto», Ron bradou «a Varinha», e Harry proferiu «a Pedra.»

Olharam uns para os outros, meio surpreendidos, meio divertidos.

— *Espera-se* que digamos o Manto — Ron dirigia-se a Hermione —, mas não precisamos de ser invisíveis se tivermos a Varinha. *Uma varinha invencível*, Hermione, então!

— Nós já temos um Manto da Invisibilidade — observou Harry.

— E bem útil nos tem sido, caso não tenhas reparado! — retorquiu Hermione. — Ao passo que a Varinha atrairia forçosamente sarilhos...

— ... só se a apregoasses aos sete ventos — argumentou Ron. — Só se fosses suficientemente idiota para andares por aí a dançar, agitando-a por cima da cabeça e a cantar: «Eu tenho uma varinha invencível, venham cá experimentá-la se se acham suficientemente duros.» Desde que conservasses o bico calado...

— Sim, mas *conseguirias* manter o bico calado? — contrapôs Hermione, com ar céptico. — Sabem, a única coisa verdadeira que ele nos disse foi que existem histórias a respeito de varinhas com poderes extraordinários há centenas de anos.

— Existem? — perguntou Harry.

Hermione pareceu exasperada: a expressão era-lhes tão agradavelmente familiar, que Harry e Ron sorriram um ao outro.

— O Pau da Morte, A Varinha do Destino, surgem com diferentes nomes através dos séculos, geralmente na posse de algum feiticeiro Negro que se vangloria delas. O Professor Binns mencionou algumas, mas... oh, são tudo disparates. As varinhas têm apenas o poder dos feiticeiros que as utilizam. Só que alguns feiticeiros gostam de se gabar que as deles são maiores e melhores que as dos outros.

— Mas como é que sabes — insistiu Harry — que essas varinhas, o Pau da Morte e a Varinha do Destino, não são a mesma varinha, a surgir ao longo dos séculos sob nomes diferentes?

— O quê, e que todas elas são realmente a Varinha de Sabugueiro, feita

pela Morte? — disse Ron.

Harry riu-se: a estranha ideia que lhe ocorrera era, afinal, ridícula. A sua varinha, lembrou a si próprio, era de azevinho e não de sabugueiro, e, independentemente do que tinha feito naquela noite em que Voldemort o perseguira pelos céus, fora fabricada por Ollivander. E se fosse invencível, como teria podido partir-se?

— Então, por que é que tu escolhias a Pedra? — quis saber Ron.

— Bem, se nós pudéssemos trazer as pessoas de volta, podíamos ter o Sirius... o Olho-Louco... o Dumbledore... os meus pais...

Nem Ron nem Hermione sorriram.

— Mas, segundo Beedle, o Bardo, eles não quereriam voltar, pois não? — continuou Harry, recordando o conto que acabavam de ouvir. — Suponho que não terão existido carradas de histórias acerca de uma pedra que faz ressuscitar os mortos, pois não? — perguntou ele a Hermione.

— Não — respondeu ela, pesarosa. — Não creio que ninguém, exceptuando Mr. Lovegood, se iluda a ponto de achar que isso é possível. Beedle, provavelmente, foi buscar a ideia à Pedra Filosofal; percebes, em vez de uma pedra para ser imortal, uma pedra para anular a morte.

O cheiro da cozinha tornara-se mais forte: era algo semelhante a cuecas a arder. Harry perguntou-se se seria possível comer o suficiente do que quer que Xenophilius lhes preparava para ele não se sentir ofendido.

— Mas então, e o Manto? — proferiu Ron, lentamente. — Não vêem que ele tem razão? Eu estou tão habituado ao Manto do Harry e ao bom que ele é, que nunca me dei ao trabalho de pensar. Nunca ouvi falar de um como o do Harry. É infalível. Nunca fomos descobertos...

— Claro que não... ficamos invisíveis quando estamos debaixo dele, Ron!

— Mas tudo aquilo que ele disse a respeito de outros mantos — e eles não são propriamente a um Knut a dúzia — é verdade, sabem! Isto nunca me tinha ocorrido, mas já ouvi falar de mantos perderem os encantamentos quando ficam velhos, ou de serem rasgados por feitiços, ficando com buracos. O do Harry era do pai dele, portanto não é exactamente novo, pois não, mas está absolutamente... perfeito!

— Sim, está bem, mas Ron, a *Pedra*...

Enquanto eles discutiam em murmúrios, Harry andava em volta da sala, quase sem os ouvir. Ao chegar à escada de caracol, ergueu os olhos, distraído, para o andar seguinte, e sentiu-se confuso. O seu próprio rosto fitava-o do tecto do quarto lá de cima.

Após um instante de perplexidade, percebeu que não era um espelho mas sim uma pintura. Curioso, começou a subir a escada.

— Harry, que vais tu fazer? Acho que não devias ir bisbilhotar sem ele aqui!

Mas Harry alcançara já o andar de cima.

Luna decorara o tecto do seu quarto com cinco caras maravilhosamente pintadas: Harry, Ron, Hermione, Ginny e Neville. Não se mexiam como os

retratos de Hogwarts, mas ainda assim havia neles uma certa aura de magia: Harry achou que eles respiravam. Entrelaçadas em volta das figuras, ligando-as umas às outras, viam-se o que supôs serem finas correntes douradas, mas depois de as ter examinado durante cerca de um minuto, apercebeu-se de que as correntes eram na realidade uma palavra, repetida milhentas vezes, a tinta dourada: *amigos... amigos... amigos...*

Sentiu uma enorme onda de afecto por Luna. Olhou em volta do quarto. Ao lado da cama havia uma grande fotografia, de uma jovem Luna com uma mulher muito parecida com ela. Estavam abraçadas. A fotografia mostrava uma Luna mais bem arranjada do que Harry alguma vez a vira na vida. A fotografia tinha pó, o que lhe pareceu algo estranho. Olhou em redor.

Havia qualquer coisa errada. A tapete azul-pálido estava igualmente coberta de pó. O guarda-roupa, de portas escancaradas, não tinha fatos. A cama apresentava um ar frio, hostil, como se lá não dormisse ninguém há semanas. Na janela mais próxima estendia-se uma teia de aranha, através de um céu vermelho-sangue.

— O que se passa? — perguntou Hermione quando Harry desceu, mas antes de ele poder responder, Xenophilius surgiu no topo das escadas, vindo da cozinha, segurando agora um tabuleiro carregado de taças.

— Mr. Lovegood — interpelou-o Harry. — Onde está a Luna?

— Perdão?

— Onde está a Luna?

Xenophilius estacou no último degrau.

— Eu... eu já vos disse. Está lá em baixo, na Ponte do Fundo, a pescar Plimpies.

— Então por que é que só contou com quatro nesse tabuleiro?

Xenophilius tentou falar, mas não saiu som algum. O único barulho era o ruído provocado pela prensa, e um leve chocalhar proveniente do tabuleiro, quando as mãos de Xenophilius começaram a tremer.

— Acho que a Luna não está cá há semanas — prosseguiu Harry. — A roupa dela desapareceu, ninguém tem dormido na cama. Onde está ela? E por que é que não pára de olhar para a janela?

Xenophilius deixou cair o tabuleiro: as taças ressaltaram e espatifaram-se. Harry, Ron e Hermione puxaram pelas varinhas: Xenophilius imobilizou-se, a mão prestes a entrar no bolso. Nesse momento, a prensa soltou um tremendo *bum* e numerosos exemplares d'*A Voz Delirante* jorraram para o chão de debaixo da toalha; a prensa calou-se por fim.

Hermione curvou-se e apanhou um dos jornais, com a varinha ainda apontada a Mr. Lovegood.

— Harry, olha para isto.

Ele avançou para ela o mais depressa que pôde, através de toda aquela tralha. A primeira página d'*A Voz Delirante* trazia o seu retrato, com as palavras «Indesejável Número Um» estampadas, e com o cabeçalho prometendo uma recompensa monetária.

— Então *A Voz Delirante* adoptou um novo ponto de vista? — perguntou Harry friamente, o cérebro a trabalhar a toda a velocidade. — Foi isso que esteve a fazer no jardim, Mr. Lovegood? A enviar uma coruja ao Ministério?

Xenophilius humedeceu os lábios.

— Eles levaram a minha Luna — balbuciou ele. — Por causa daquilo que eu tenho escrito. Levaram a minha Luna e não sei onde ela está, nem o que lhe fizeram. Mas talvez a libertassem se eu... se eu...

— Entregasse o Harry? — concluiu Hermione por ele.

— Nada feito — declarou Ron categoricamente. — Saia do caminho, nós vamos embora.

Xenophilius estava com um aspecto horroroso, parecia centenário, arrebanhando os lábios num sorriso medonho.

— Eles chegarão a qualquer instante. Tenho de salvar a Luna. Não posso perder a Luna. Vocês não podem ir-se embora.

Abriu os braços diante da escada, e Harry teve uma visão súbita da sua mãe a fazer o mesmo diante do seu berço.

— Não nos obrigue a magoá-lo — pediu Harry. — Saia do caminho, Mr. Lovegood.

— HARRY! — gritou Hermione.

Pelas janelas passavam figuras montadas em vassouras. Quando os três desviaram os olhos dele, Xenophilius puxou da varinha. Harry apercebeu-se do erro mesmo a tempo: atirou-se para o lado, empurrando Ron e Hermione para fora de perigo, enquanto o Feitiço de Atordoar de Xenophilius voava pela sala e atingia o chifre de Erumpent.

Houve uma explosão colossal. O seu som pareceu estilhaçar a sala: fragmentos de madeira, papel e lixo voaram em todas as direcções, juntamente com uma impenetrável nuvem de pó branco e espesso. Harry foi atirado ao ar, e depois estatelou-se no chão, os braços a proteger a cabeça, impossibilitado de ver por causa dos fragmentos que choviam sobre ele. Ouviu o grito de Hermione, o berro de Ron e uma série de pancadas metálicas denunciadoras de que Xenophilius fora arrancado do sítio em que estava e se despenhara, de costas, pela escada de caracol abaixo.

Semienterrado nos escombros, Harry tentou erguer-se: mal conseguia respirar e ver devido ao pó. Metade do tecto desabara, e do buraco pendia a extremidade da cama de Luna. O busto de Rowena Ravenclaw jazia a seu lado sem metade da cara, havia fragmentos de pergaminho rasgados a flutuar pelo ar, e a maior parte da prensa caíra de lado, bloqueando o topo das escadas para a cozinha. Depois aproximou-se dele outro vulto branco e Hermione, coberta de pó como uma segunda estátua, levou um dedo aos lábios.

A porta lá em baixo escancarou-se com estrépito.

— Eu não te disse que não valia a pena apressarmo-nos, Travers? — comentou uma voz áspera. — Não te disse que este lunático estava apenas a delirar como de costume?

Seguiu-se um baque e um grito de dor de Xenophilius.

— Não... não... lá em cima... o Potter!

— Eu disse-te a semana passada, Lovegood, que não voltávamos cá senão por informações seguras! Lembras-te da semana passada? Quando quiseste trocar a tua filha pela porcaria daquele toucado idiota? E da semana anterior... — outro baque, outro guincho — quando pensaste que a devolveríamos se nos oferecesses a prova de que há Snorkacks — *baque* — de Chifres — *baque* — Amarrotados?

— Não... não... suplico-lhe! — soluçou Xenophilius. — A sério que é o Potter! A sério!

— E agora, descobre-se que só nos chamaste cá para tentar rebentar connosco! — rugiu o Devorador da Morte; seguiu-se uma série de baques entremeados com gritos de agonia de Xenophilius.

— Isto parece prestes a desabar, Selwyn — disse uma segunda voz gélida, que ecoou pelos degraus estropiados. — A escada está completamente bloqueada. Posso tentar desobstruí-la, mas é capaz de vir tudo abaixo.

— Aldrabão imundo — gritou o feiticeiro chamado Selwyn. — Nunca na vida viste o Potter, pois não? Julgaste que nos podias atrair aqui e matar-nos, não foi? E pensas que é assim que vais recuperar a tua filha?

— Juro... juro... o Potter está lá em cima!

— *Homenum revelio* — proferiu a voz ao fundo das escadas.

Harry ouviu Hermione sustar a respiração, e teve a estranha sensação de que algo descia sobre ele, cobrindo-lhe o corpo com a sua sombra.

— Há de facto alguém lá em cima, Selwyn — disse vivamente o segundo homem.

— É o Potter, garanto-lhes, é o Potter! — soluçava Xenophilius. — Por favor... por favor... dêem-me a Luna, devolvam-me a Luna...

— Podes ficar com a tua miúda, Lovegood — declarou Selwyn — se subires aquelas escadas e me trouxeres para baixo o Harry Potter. Mas se isto for uma tramóia, se for um truque, se tens lá em cima um cúmplice à espera para nos atacar, veremos se conseguimos deixar um pedacinho da tua filha para tu enterrares.

Xenophilius soltou um uivo de medo e desespero. Ouviram-se passos apressados e depois o som de raspar: Xenophilius esforçava-se por ultrapassar os escombros da escada.

— Embora — segredou Harry —, temos de sair daqui.

Começou a libertar-se do entulho a coberto do ruído que Xenophilius fazia nas escadas. Ron ficara mais enterrado: Harry e Hermione treparam por cima dos destroços, o mais silenciosamente possível, até ao sítio onde ele estava, tentando retirar uma pesada cómoda de cima das suas pernas. Enquanto as batidas e repelões de Xenophilius se aproximavam cada vez mais, Hermione conseguiu libertar Ron, usando um Feitiço de Suspensão.

— Bem — disse Hermione, vendo a prensa quebrada que bloqueava o cimo das escadas começar a oscilar; Xenophilius encontrava-se apenas a alguns passos deles. Ela continuava branca de pó. — Tens confiança em mim, Harry?

Harry acenou afirmativamente.

— OK, então — segredou ela — dá-me o Manto da Invisibilidade. Ron, tu vais pô-lo.

— Eu? Mas o Harry...

— *Por favor, Ron!* Harry, aperta bem a minha mão, Ron, agarra-me o ombro.

Harry estendeu a mão esquerda. Ron desapareceu debaixo do Manto. A prensa abanava: Xenophilius tentava afastá-la com um Feitiço de Suspensão. Harry não sabia do que estava Hermione à espera.

— Segurem-se bem — sussurrou ela. — Segurem-se bem... a qualquer instante...

O rosto lívido de Xenophilius surgiu por cima do aparador.

— *Obliviate!* — gritou Hermione, apontando a varinha, primeiro à cara dele e depois ao soalho sob os seus pés: *Deprimo!*

Rebentara com o chão da sala. Caíram como pedras, Harry ainda a segurar-lhe a mão com toda a força; ouviu-se um grito lá de baixo e ele avistou dois homens tentando sair do caminho, enquanto lhes choviam a toda a volta enormes quantidades de entulho e mobília partida, caídos do tecto despedaçado. Hermione girou no ar e o estrondo da casa em derrocada repercutiu-se nos ouvidos de Harry quando ela o arrastou, uma vez mais, para a escuridão.

XXII

OS TALISMÃS DA MORTE

Harry caiu na erva, arquejante, e pôs-se em pé de um pulo. Pelos vistos, tinham aterrado algures num campo ao lusco-fusco; Hermione andava já num corrupio de volta deles, sacudindo a varinha.

— *Protego totalum... Salvio hexia...*

— Que sujeito mais traíçoeiro! — Respirando a custo, Ron abandonou a protecção do Manto da Invisibilidade e lançou-o a Harry. — És um génio, Hermione, verdadeiramente um génio, nem acredito que nos conseguimos safar daquela!

— *Cave inimicum...* eu não *disse* que era um chifre de Erumpent? Eu não lhe disse? E agora a casa dele foi pelos ares!

— É muito bem feito — regozijou-se Ron, examinando as suas calças de ganga rasgadas e os golpes nas pernas. — O que achas que lhe vão fazer?

— Oh, espero que não o matem! — gemeu Hermione. — Era por isso que eu queria que os Devoradores da Morte vissem o Harry antes de nos virmos embora, para ficarem a saber que o Xenophilius não mentira!

— Afinal, por que tive de me esconder?

— Toda a gente pensa que estás de cama com espatergroitite, Ron! Eles raptaram a Luna por o pai dela apoiar o Harry! O que aconteceria à tua família se descobrissem que estás com ele?

— E, então, a tua mãe e o teu pai?

— Eles encontram-se na Austrália — referiu Hermione. — Presumo que estejam bem. Não sabem nada.

— És um génio — repetiu Ron, com ar assombrado.

— Sim, és mesmo, Hermione — concordou Harry, com fervor —, não sei o que seria de nós sem ti.

Ela sorriu radiosamente, mas depois ficou muito séria.

— E, então, a Luna?

— Bem, se eles estiverem a dizer a verdade e ela ainda se encontrar viva...

— começou Ron.

— Não digas isso, não digas isso! — protestou Hermione. — Ela tem de

estar viva, tem mesmo!

— Nesse caso, deve estar em Azkaban — alvitrou Ron. — Só não sei é se vai conseguir sobreviver... muitos não conseguem...

— Ela vai conseguir — declarou Harry. Era-lhe insuportável encarar a alternativa. — A Luna é rija, muito mais rija do que vocês pensam. É bem capaz de estar a falar de Wrackspurts e Farejadores a todos os companheiros.

— Espero que tenhas razão — afirmou Hermione. Passou uma mão pelos olhos. — Até teria imensa pena do Xenophilus se...

— ...se ele não tem tentado vender-nos aos Devoradores da Morte, claro — redarguiu Ron.

Montaram a tenda e recolheram-se, tendo-lhes Ron preparado um chá. Depois de conseguirem escapar por um triz, aquele espaço gélido e bafiento era como um lar para eles, seguro, familiar e acolhedor.

— Oh, mas por que fomos até lá? — gemeu Hermione após alguns minutos de silêncio. — Tu tinhas razão, Harry, foi exactamente como em Godric's Hollow, uma completa perda de tempo! Os Talismãs da Morte... mas que absurdo... muito embora, vendo bem — pareceu fazer-se subitamente luz —, ele pudesse ter inventado tudo, vocês não acham? Provavelmente nem sequer acredita nos Talismãs da Morte, só queria empatar-nos até os Devoradores da Morte chegarem!

— Não me parece — referiu Ron. — Quando estamos tensos é muito mais difícil inventar cenas do que julgas. Senti-o na pele quando os Raptos me apanharam. Foi bem mais fácil fingir que era o Stan, porque o conhecia um pouco, do que inventar toda uma nova personalidade. O velho Lovegood estava sob montes de pressão, a tentar a todo o custo que não arredássemos pé. Acho que ele nos disse a verdade, ou pelo menos aquilo que está convencido de ser a verdade, só para que continuássemos a conversar.

— Bem, isso agora já não importa — suspirou Hermione. — Mesmo que ele estivesse a ser sincero, nunca ouvi tantos disparates juntos em toda a minha vida.

— Calm' aí, malta — interveio Ron. — Também diziam que a Câmara dos Segredos era um mito, não era?

— Mas os Talismãs da Morte *não podem* existir, Ron!

— Estás sempre a dizer isso, mas um deles pode — protestou Ron. — O Manto da Invisibilidade do Harry...

— *O Conto dos Três Irmãos* é uma história — frisou Hermione. — Uma história sobre o medo que os humanos têm da morte. Se sobreviver fosse tão simples quanto escondermo-nos debaixo do Manto da Invisibilidade, já não precisaríamos de mais nada!

— Olha que não sei. Vinha mesmo a calhar-nos uma varinha invencível — comentou Harry, rodando a tão abominada varinha de abrunheiro entre os dedos.

— Não existe semelhante coisa, Harry!

— Tu mesma disseste que havia montes de varinhas... o Pau da Morte e lá o

que quer que se chamam...

— Pronto, ainda que queiras ficar na ilusão de que a Varinha de Sabugueiro existe, e então a Pedra da Ressurreição? — Os dedos dela colocaram aspas em torno do nome, e a sua voz encheu-se de sarcasmo. — Nenhuma magia consegue ressuscitar os mortos, e pronto!

— Quando a minha varinha se ligou à do Quem-Nós-Sabemos, fez com que a minha mãe e o meu pai aparecessem... e o Cedric...

— Mas eles não regressaram propriamente dos mortos, pois não? — indagou Hermione. — Aquelas... aquelas pálidas imitações não são propriamente o mesmo que devolver a vida a alguém.

— Mas ela, a rapariga do conto, ela não voltou realmente, pois não? A história diz que quando as pessoas morrem, ficam a pertencer aos mortos. Só que o segundo irmão ainda a conseguiu ver e falar com ela, não foi? Chegou mesmo a viver algum tempo com ela...

Harry detectou preocupação e algo indefinível no semblante de Hermione. Depois, quando ela olhou para Ron, apercebeu-se de que era medo: assustara-a ao falar em viver com os mortos.

— E aquele tal Peverell que está enterrado em Godric's Hollow — apressou-se a afirmar, tentando dar mostras de forte sanidade mental —, tu não sabes nada sobre ele, ou sabes?

— Não — redarguiu ela, aliviada por mudarem de assunto. — resolvi investigá-lo depois de ter visto a marca na sepultura dele; estou convencida de que, se ele tivesse sido alguém famoso, ou feito algo de importante, surgiria em algum dos nossos livros. O único sítio onde consegui encontrar o nome «Peverell» é na *Nobreza Natural: Uma Genealogia dos Feiticeiros*. Pedi-o emprestado ao Kreacher — explicou, ao ver Ron arquear os sobrolhos. — Enumera apenas as famílias de puro-sangue já extintas na linha masculina. Parece que os Peverell foram uma das primeiras famílias a desaparecer.

— «Extintas na linha masculina»? — repetiu Ron.

— Significa que o nome desapareceu — explicou Hermione —, há séculos, no caso dos Peverell. No entanto, podem existir ainda descendentes, só que com um apelido diferente.

E Harry teve então um rasgo súbito, a lembrança que se agitara ao ouvir o nome Peverell: um velho imundo a esfregar um anel feio no rosto de um funcionário do Ministério, e exclamou bem alto: — Marvolo Gaunt!

— Como é que é? — perguntaram Ron e Hermione em simultâneo.

— *Marvolo Gaunt!* O avô do Quem-Nós-Sabemos! No Pensatório! Com o Dumbledore! O Marvolo Gaunt disse que descendia dos Peverell!

Ron e Hermione ficaram perplexos.

— O anel, o anel que se tornou o Horcrux, o Marvolo Gaunt afirmou que ostentava o brasão dos Peverell! Eu vi-o agitá-lo diante do rosto do sujeito do Ministério, quase lho enfiou pelo nariz!

— O brasão dos Peverell? — inquiriu Hermione, de repente. — Conseguiste ver como era?

— Nem por isso — respondeu Harry, tentando recordar-se. — Não havia nele nada de invulgar, tanto quanto pude reparar; talvez alguns riscos. Só o observei realmente de perto depois de se ter rachado.

Harry viu os olhos de Hermione arregalarem-se de repente ao perceber. Ron olhava ora para um ora para o outro, estupefacto.

— Caramba, achas que era outra vez este símbolo? O símbolo dos Talismãs?

— Por que não? — inquiriu Harry, entusiasmado. — O Marvolo Gaunt era um velho estúpido e cretino que vivia como um porco, só estava interessado na sua linhagem. Se aquele anel tivesse sido transmitido ao longo dos séculos, é bem possível que ele não soubesse realmente do que se tratava. Não existiam livros naquela casa e, vai por mim, ele não era pessoa para se pôr a ler contos de fadas a crianças. Ter-lhe-ia agradado pensar que os riscos na pedra eram um brasão porque, para ele, possuir sangue puro era praticamente o mesmo que pertencer à realeza.

— Sim... e tudo isso é muito interessante — afirmou Hermione, com cautela —, mas, Harry, se estás a falar daquilo que eu julgo que estás a falar...

— E por que não? *Por que não?* — entusiasmou-se Harry, abandonando as reservas. — Era a Pedra, não era? — Lançou um olhar a Ron, pedindo-lhe apoio. — E se fosse a Pedra da Ressurreição?

Ron ficou boquiaberto. — Caramba... mas será que ainda funcionava se o Dumbledore a partiu ...

— Funcionar? *Funcionar?* Ron, nunca funcionou! *Não existe nenhuma Pedra da Ressurreição!* — Hermione levantara-se de rompante, parecendo exasperada e furiosa. — Harry, estás a tentar encaixar tudo na história dos Talismãs...

— Encaixar tudo? — repetiu ele. — Hermione, isto encaixa-se por si próprio! Sei que o sinal dos Talismãs da Morte estava naquela pedra! O Gaunt afirmou-se descendente dos Peverell!

— Há um minuto disseste-nos que não tinhas visto bem a marca na pedra!

— Onde achas que o anel está agora? — perguntou Ron a Harry. — O que fez o Dumbledore com ele depois de o partir?

Mas a imaginação de Harry estava já a milhas, muito mais distante que a de Ron e Hermione...

Três objectos, ou Talismãs, que, se reunidos, farão do seu possuidor senhor da Morte... senhor... conquistador... vencedor... o último inimigo que será destruído é a morte...

E viu-se na posse dos Talismãs, a enfrentar Voldemort, que não podia competir com os seus Horcruxes... *nenhum pode viver enquanto o outro sobreviver...* seria aquela a resposta? Os Talismãs contra os Horcruxes? Existiria, afinal de contas, uma maneira de assegurar que só ele triunfasse? Se ele fosse o detentor dos Talismãs da Morte, ficaria a salvo?

— Harry?

Mas ele mal escutou Hermione: pegara no seu Manto da Invisibilidade, e

ia-o apalpando, sentindo o tecido fluído como água, leve como uma pena. Nunca vira nada igual nos seus quase sete anos no mundo da feitiçaria. O Manto era tal e qual como Xenophilius o descrevera: *um manto que, de facto, torna quem o usa completamente invisível, e que resiste eternamente, proporcionando uma ocultação constante e impenetrável, por mais encantamentos que lhe sejam lançados...*

E depois, soltou uma pequena exclamação, lembrando-se...

— O Dumbledore tinha o meu Manto na noite em que os meus pais morreram!

A sua voz tremeu e sentiu o rubor no rosto, mas ignorou-o. — A minha mãe disse ao Sirius que o Dumbledore pedira o Manto emprestado! É isso! Ele queria examiná-lo, porque estava convencido de que era o terceiro Talismã! O Ignotus Peverell está sepultado em Godric's Hollow... — Harry ia caminhando à volta da tenda, sem ver, com a sensação de que se lhe abriam novas e fantásticas hipóteses. — Ele é meu antepassado! Eu descendo do terceiro irmão! Tudo faz sentido!

Sentiu-se imbuído de certeza, de crença nos Talismãs, como se a mera ideia de os possuir lhe conferisse protecção, e quando voltou para junto dos outros dois, transbordava de alegria.

— Harry — repetiu Hermione, mas ele atarefava-se a abrir a bolsa que usava à volta do pescoço, os dedos visivelmente trémulos.

— Lê-a — disse, enfiando-lhe na mão a carta da mãe. — Lê-a! O Dumbledore tinha o Manto, Hermione! Por que outro motivo o quereria? Ele não precisava de um Manto, podia lançar um Feitiço de Camuflar tão poderoso que ficava completamente invisível!

Caiu algo ao chão que rebolou, brilhando, para debaixo de uma cadeira: quando tirara a carta fizera cair a *Snitch*. Baixou-se para a apanhar e, nesse momento, a sequência das fabulosas descobertas que acabara de fazer ofereceu-lhe um bónus, e não conseguiu conter o choque nem o espanto dentro de si, precisando de os extravasar:

— ESTÁ AQUI DENTRO! Ele deixou-me o anel — está dentro da *Snitch*!

— Achas?

Não percebia por que Ron ficara tão abalado. Era tão óbvio, tão evidente para Harry: tudo se encaixava, tudo... o seu Manto era o terceiro Talismã e, quando descobrisse a forma de abrir a *Snitch*, teria o segundo, e a seguir só precisava de encontrar o primeiro Talismã, a Varinha de Sabugueiro, e depois...

Foi como se tivesse descido a cortina sobre um palco iluminado: todo o seu entusiasmo, toda a sua esperança e felicidade se apagaram de uma assentada, e ficou sozinho no escuro, e o feitiço glorioso desfez-se.

— É dela que ele anda à procura.

A mudança na sua voz deixou Ron e Hermione ainda mais assustados.

— O Quem-Nós-Sabemos anda atrás da Varinha de Sabugueiro.

Virou costas aos rostos incrédulos e tensos dos amigos. Sabia que era

verdade. Tudo fazia sentido. Voldemort não andava à procura de uma varinha nova; na verdade, buscava uma varinha antiga, uma varinha muito antiga. Harry aproximou-se da entrada da tenda, esquecendo Ron e Hermione ao olhar a noite, a pensar...

Voldemort fora criado num orfanato para Muggles. Em criança, nunca ninguém lhe contara *Os Contos de Beedle, o Bardo*, tal como Harry também nunca os ouvira. Dificilmente quaisquer feiticeiros acreditariam nos Talismãs da Morte. Seria possível que Voldemort tivesse conhecimento deles?

Harry fitou a escuridão... se Voldemort soubesse da existência dos Talismãs da Morte, certamente os teria procurado, feito algo para os possuir: três objectos cujo detentor dominaria a Morte? Se tivesse sabido dos Talismãs da Morte, não haveria, antes de mais, necessitado dos Horcruxes. O simples facto de ter roubado um Talismã, transformando-o num Horcrux, demonstrava o seu desconhecimento deste último grande segredo da feitiçaria!

O que significava que Voldemort andava em busca da Varinha de Sabugueiro sem ter consciência de todo o seu poder, sem compreender que era um elemento de três... visto a Varinha ser o Talismã que não podia ser escondido, cuja existência era mais conhecida... *o rasto de sangue da Varinha de Sabugueiro estende-se pelas páginas da história da feitiçaria...*

Harry observou o céu nublado, fiapos cinzento-fumo e prateado a deslizar pela superfície da lua branca. Sentia a cabeça andar à roda ante o assombro das suas descobertas.

Regressou ao interior da tenda. Foi um choque ver Ron e Hermione especados exactamente onde os deixara, Hermione segurando ainda a carta de Lily, Ron a seu lado, com um ar de ligeira ansiedade. Não se apercebiam de onde os últimos minutos os haviam levado?

— Não haja dúvida — referiu Harry, procurando atraí-los para o foco luminoso da sua extraordinária convicção. — Isto explica tudo. Os Talismãs da Morte são reais, e eu tenho um... — possivelmente dois...

Exibiu a *Snitch*.

— ... e o Quem-Nós-Sabemos anda atrás do terceiro, mas não entende... julga apenas que é uma varinha poderosa...

— Harry — interveio Hermione, aproximando-se dele e devolvendo-lhe a carta de Lily. — Desculpa, mas acho que estás redondamente enganado, redondamente.

— Mas será que não vês? Tudo se encaixa ...

— Não, não encaixa — frisou. — *Não encaixa*, Harry, tu estás apenas a deixar-te levar. Por favor — pediu, quando ele fez menção de responder —, por favor responde-me apenas a isto. Se os Talismãs da Morte existissem realmente, e o Dumbledore tivesse conhecimento deles, se soubesse que quem possuísse a totalidade dominaria a Morte... Harry, por que motivo ele não to contaria? Por que motivo?

Ele tinha a resposta na ponta da língua.

— Mas tu mesma o afirmaste, Hermione! Disseste que temos de ser nós a

descobri-los! É uma Demanda!

— Mas eu só o afirmei para te conseguir persuadir a vires a casa dos Lovegood! — exclamou Hermione, exasperada. — Não estava nada convencida!

Harry ignorou aquele comentário.

— O Dumbledore costumava deixar-me descobrir coisas por mim próprio. Ele deixava-me pôr à prova a minha força, correr riscos. Isto parece-me mesmo típico dele.

— Harry, não estamos a falar de uma brincadeira, isto não é um exercício! Isto é a sério, e o Dumbledore deixou-te instruções muito claras: encontrar e destruir os Horcruxes! Aquele símbolo não significa nada, esquece os Talismãs da Morte, não podemos desviar-nos do nosso objectivo...

Harry praticamente não a escutava. Ia virando sucessivamente a *Snitch* nas mãos, esperando em parte que ela se abrisse, expondo a Pedra da Ressurreição, para provar a Hermione que ele tinha razão, que os Talismãs da Morte eram verdadeiros.

Ela resolveu apelar a Ron.

— Tu não acreditas nisto, pois não?

Harry levantou a cabeça. Ron hesitou.

— Não sei... quero dizer... uma parte até parece bater certo — respondeu Ron, encravado. — Mas olhando para o todo... — Respirou fundo. — Acho que temos de nos livrar dos Horcruxes, Harry. Foi o que o Dumbledore nos mandou fazer. Talvez... talvez devêssemos esquecer esta cena dos Talismãs.

— Obrigada, Ron — disse Hermione. — Eu fico com o primeiro turno.

E passou apressada por Harry, indo sentar-se à entrada da tenda, dando definitivamente o assunto por encerrado.

Mas Harry quase não pregou olho naquela noite. A ideia dos Talismãs da Morte apoderara-se dele, e não conseguiria descansar enquanto aqueles pensamentos andassem às voltas na sua mente: a Varinha, a Pedra e o Manto, se ao menos conseguisse ficar na posse deles todos ...

Eu abro-me no fim ... mas o que era o fim? Por que não podia ficar com a Pedra naquele momento? Se ao menos tivesse a Pedra, poderia colocar aquelas questões pessoalmente a Dumbledore... e, no escuro, foi murmurando palavras à *Snitch*, experimentando tudo, até serpentês, mas a bola dourada recusava a abrir-se.

E a Varinha, a Varinha de Sabugueiro, onde se encontrava escondida? Onde a procurava Voldemort naquele momento? Harry desejou que a sua cicatriz ardesse e lhe mostrasse os pensamentos de Voldemort, pois, pela primeira vez na vida, ele e Voldemort estavam unidos no desejo da mesma coisa... a ideia não agradaria a Hermione, claro... mas como ela não acreditava... Xenophilius acertara, em parte... *Limitada. Tacanha. De vistas curtas*. Na realidade, a ideia dos Talismãs da Morte deixava-a assustada, em especial a Pedra da Ressurreição... e Harry voltou a encostar a boca à *Snitch*, beijando-a, quase a engolindo, mas o metal frio não cedeu.

O dia estava quase a raiar quando se recordou de Luna, sozinha numa cela em Azkaban, rodeada de Dementors, e subitamente sentiu vergonha de si próprio. Esquecera-se por completo dela na sua contemplação febril dos Talismãs. Se ao menos a conseguissem resgatar, mas um tão grande número de Dementors seria praticamente invencível. Agora que pensava no assunto, não experimentara ainda lançar um Patronus com a varinha de abrunheiro... tinha de o fazer pela manhã...

Se ao menos houvesse uma maneira de obter uma varinha melhor...

E o desejo da Varinha de Sabugueiro, do Pau da Morte, imbatível, invencível, tornou a apoderar-se dele.

Na manhã seguinte, guardaram a tenda e partiram escoltados por uma desoladora chuvada. A carga de água acompanhou-os até à costa, onde montaram a tenda naquela noite, e persistiu pela semana fora, enquanto atravessavam paisagens encharcadas que Harry achou ermas e deprimentes. Os Talismãs da Morte não lhe saíam da cabeça. Era como se se tivesse acendido uma chama dentro de si que nada, nem a terminante incredulidade de Hermione nem as dúvidas insistentes de Ron, conseguia apagar. E todavia, quanto mais intensamente ardia nele o desejo dos Talismãs, menos animado se sentia. Atribuiu as culpas a Ron e Hermione. A teimosa indiferença deles era tão prejudicial quanto a chuva incessante que lhe minava o humor, mas nada disso o conseguiria dissuadir da sua certeza, que o dominava por completo. Harry deixou que a convicção e o desejo dos Talismãs o consumissem de tal forma que se sentiu completamente isolado dos outros dois e da sua obsessão pelos Horcruxes.

— Obsessão? — insurgiu-se Hermione, em voz cava e furiosa, quando Harry caiu na asneira de usar a palavra uma noite, depois de Hermione o haver censurado pela sua falta de interesse na localização de mais Horcruxes. — Não somos nós que estamos obcecados, Harry! Nós só estamos a tentar fazer o que o Dumbledore queria que fizéssemos!

No entanto, aquela crítica velada embateu na sua indiferença. Dumbledore deixara o sinal dos Talismãs para que Hermione o decifrasse e também deixara, Harry continuava convicto disso, a Pedra da Ressurreição escondida dentro da *Snitch* dourada. *Nenhum pode viver enquanto o outro sobreviver... senhor da Morte...* por que razão Ron e Hermione não compreendiam?

— «*O último inimigo que será destruído é a morte*» — citou Harry serenamente.

— Julguei que a nossa missão fosse lutar contra o Quem-Nós-Sabemos — retrucou Hermione, e Harry resolveu não insistir mais com ela.

O próprio mistério da corça prateada, que os outros dois tanta questão faziam de discutir, afigurava-se naquele momento menos importante para Harry, praticamente um aspecto secundário. Naquele momento, a sua única preocupação era o facto de a cicatriz ter recomeçado a arder, conquanto se esforçasse ao máximo por ocultá-lo dos outros dois. Refugiava-se na solidão sempre que tal acontecia, mas o que surgia decepcionava-o. As visões que

partilhava com Voldemort haviam perdido qualidade; estavam mais esfumadas, mudando como se se focassem e desfocassem. Harry conseguia tão-somente detectar aspectos indefinidos de um objecto que se assemelhava a uma caveira, e algo como uma montanha que era mais sombra que substância. Acostumado a imagens extremamente realistas, Harry ficou desconcertado com a mudança. Preocupava-o que a ligação entre si próprio e Voldemort tivesse sofrido danos, uma ligação que temia e, independentemente do que dissesse a Hermione, prezava. De certa forma, associava aquelas imagens vagas e insatisfatórias à destruição da sua varinha, como se fosse por culpa da varinha de abrunheiro que tivesse deixado de ver a mente de Voldemort com a mesma nitidez de antes.

À medida que as semanas decorriam, era impossível Harry não reparar, apesar da recente concentração na sua pessoa, que Ron parecia estar a assumir o controlo. Talvez fizesse questão de compensá-los por os ter abandonado; ou talvez a apatia em que Harry mergulhara tivesse despertado as suas qualidades de liderança adormecidas: naquele momento, porém, era Ron quem encorajava e exortava os outros dois à acção.

— Faltam três Horcruxes — não parava de afirmar. — Precisamos de um plano de acção, colaborem lá! Onde é que nós não procurámos? Vamos rever tudo. O orfanato...

Diagon-Al, Hogwarts, a casa de Riddle, o Borgin & Burkes, a Albânia, todos os locais onde sabiam que Tom Riddle vivera, trabalhara, estivera de visita ou cometera um crime, Ron e Hermione passaram-nos de novo em revista, contando com a participação de Harry só para que Hermione não continuasse a atormentá-lo. De bom grado teria permanecido sentado sozinho, em silêncio, a tentar ler os pensamentos de Voldemort, para saber mais pormenores sobre a Varinha de Sabugueiro, mas Ron insistia em que se deslocassem a sítios cada vez mais inverosímeis, simplesmente, Harry tinha consciência disso, para os manter em movimento.

— Nunca se sabe — era o constante refrão de Ron. — Upper Flagey é uma aldeia de feiticeiros, é possível que ele tenha querido viver lá. Vamos dar uma espreitadela.

Aquelas frequentes incursões em território de feiticeiros fizeram com que avistassem Raptoreiros uma vez por outra.

— Consta que alguns deles são tão maus quanto os Devoradores da Morte — comentou Ron. — Os que me apanharam eram um bocado idiotas, mas o Bill acha que alguns deles são mesmo perigosos. Disseram no *Últimas do Potter*...

— No quê? — inquiriu Harry.

— *Últimas do Potter*, não vos contei que se chama assim? O programa que tenho tentado sintonizar no rádio, o único que diz a verdade sobre o que se passa! Quase todos os programas seguem a linha do Quem-Nós-Sabemos, todos excepto o *Últimas do Potter*. Queria muito ouvi-lo, mas é complicado de sintonizar.

Ron levou noite após noite a usar a sua varinha para marcar diversos ritmos na parte de cima do rádio, enquanto os botões giravam. Esporadicamente, apanhava excertos de conselhos sobre a forma de tratamento da draguíola e, uma vez, alguns acordes de «Um Caldeirão Cheio de Amor Forte e Ardente». Enquanto ia dando pancadinhas, Ron continuava a tentar acertar na senha, murmurando entre dentes séries aleatórias de palavras.

— Normalmente tem algo a ver com a Ordem — explicou-lhes. — O Bill era um craque a adivinhá-las. Um dia, hei-de conseguir acertar...

Mas só em Março a sorte bafejou finalmente Ron. Harry estava sentado à entrada da tenda, de sentinela, a olhar ociosamente para um pé de jacintos-bravos que conseguira brotar do solo gelado, quando Ron gritou, todo entusiasmado, lá de dentro da tenda.

— Consegui, consegui! A senha era «Albus!» Chega aqui, Harry!

Arrancado pela primeira vez em dias à contemplação dos Talismãs da Morte, Harry entrou apressado na tenda e encontrou Ron e Hermione ajoelhados no chão ao pé do pequeno rádio. Hermione, que estivera a limpar a espada de Gryffindor só para se manter ocupada, permaneceu sentada, olhando boquiaberta para o minúsculo altifalante, de onde saía uma voz bem familiar.

— ...lamentamos a nossa ausência temporária do ar, que se ficou a dever a uma série de visitas domiciliárias dos adoráveis Devoradores da Morte na nossa zona.

— Mas aquele é o Lee Jordan! — exclamou Hermione.

— Eu sei! — confirmou Ron, entusiasmado. — Fixe, hein?

— ...encontramo-nos agora noutro local seguro — dizia Lee —, e tenho o prazer de os informar que os nossos dois repórteres habituais se encontram aqui presentes esta noite. Boa noite, rapazes!

— Olá.

— Boa noite, River.

— O «River» é o Lee — esclareceu Ron. — Eles arranjam todos nomes de código, mas dá para a gente saber...

— Xiu! — protestou Hermione.

— Mas antes de ouvirmos as notícias de Royal e Romulus — prosseguiu Lee —, vamos aproveitar para anunciar as mortes que a *Agência Noticiosa da Feitiçaria e O Profeta Diário* não consideram dignas de menção. É com enorme pesar que informamos os nossos ouvintes dos assassinios de Ted Tonks e Dirk Cresswell.

Harry sentiu um súbito repelão nas entranhas. Ele, Ron e Hermione entreolharam-se, horrorizados.

— Um goblin que dá pelo nome de Gornuk também morreu. Tanto quanto sabemos, Dean Thomas, de origem Muggle, e um segundo goblin que viajavam com Tonks, Cresswell e Gornuk, podem ter escapado. Se o Dean estiver a ouvir, ou se alguém tiver conhecimento do seu paradeiro, os pais e as irmãs dele estão desesperados por notícias.

«Entretanto, foi encontrada morta na sua casa, em Gaddley, uma família Muggle de cinco membros. As autoridades dos Muggles estão a atribuir as mortes a uma fuga de gás, mas informam-me os membros da Ordem da Fénix que foi uma Maldição de Morte — mais provas, como se necessárias fossem, do facto de a chacina dos Muggles se estar a transformar praticamente numa actividade recreativa sob a égide do novo regime.

«Por último, lamentamos informar os nossos ouvintes de que os restos mortais de Bathilda Bagshot foram encontrados em Godric's Hollow. Tudo indica que a sua morte tenha ocorrido há vários meses. Segundo comunicado da Ordem da Fénix, o corpo dela apresentava sinais inconfundíveis de ferimentos provocados por Magia Negra.

«Gostaríamos de convidar agora os nossos ouvintes a participar num minuto de silêncio em memória de Ted Tonks, Dirk Cresswell, Bathilda Bagshot, Gornuk e os Muggles anónimos, mas nem por isso menos chorados, assassinados pelos Devoradores da Morte.

Fez-se silêncio e Harry, Ron e Hermione não falaram. Uma parte de Harry ansiava saber mais, outra receava o que se pudesse seguir. Era a primeira vez em muito tempo que se sentia plenamente ligado ao mundo exterior.

— Obrigado — disse a voz de Lee. — E passemos agora ao nosso repórter habitual, Royal, para uma actualização dos reflexos que as alterações introduzidas pela nova ordem da feitiçaria tiveram sobre o mundo dos Muggles.

— Obrigado, River — afirmou uma voz inconfundível, cava, comedida, confiante.

— O Kingsley! — gritou Ron.

— Nós sabemos! — interveio Hermione, obrigando-o a calar-se.

— Os Muggles continuam a desconhecer a origem do seu sofrimento, assim como continuam a registar pesadas baixas — referiu Kingsley. — No entanto, não param de nos chegar histórias verdadeiramente fantásticas de feiticeiros e feiticeiras que põem em risco a própria segurança para protegerem amigos e vizinhos Muggles, muitas vezes sem que estes se apercebam disso. Gostaria de fazer um apelo a todos os nossos ouvintes para que sigam o exemplo deles, quicá lançando um feitiço protector sobre as habitações de cada Muggle na vossa rua. Muitas vidas se poderiam salvar com a implementação destas simples medidas.

— E o que diria, Royal, àqueles ouvintes que respondam que, nestes tempos perigosos, o lema deveria ser «primeiro os feiticeiros»? — inquiriu Lee.

— Eu diria que de «primeiro os feiticeiros» a «primeiro os puros-sangues» e depois a «Devoradores da Morte» vai um passo muito curto — replicou Kingsley. — Afinal, somos todos humanos, não somos? Cada vida humana tem idêntico valor, e merece ser salva.

— Excelentemente formulado, Royal, e tem o meu voto para Ministro da Magia se alguma vez sairmos desta trapalhada — comentou Lee. — E agora,

vamos passar a palavra a Romulus para a nossa popular rubrica: Os Amigos do Potter.

— Obrigado, River — disse outra voz muito familiar; Ron começou a falar, mas Hermione impediu-o, sussurrando:

— Nós sabemos que é o Lupin!

— Romulus, garante, como tem feito sempre que veio ao nosso programa, que Harry Potter ainda está vivo?

— Claro que sim — afirmou Lupin, com veemência. — Não existe a menor dúvida na minha mente de que os Devoradores da Morte apregoariam a sua morte aos quatro ventos se ela tivesse ocorrido, pois desferiria um rude golpe no moral daqueles que oferecem resistência ao novo regime. «O Rapaz Que Sobreviveu» continua a ser um símbolo de tudo aquilo por que lutamos: o triunfo do bem, o valor da inocência, a necessidade de continuar a resistir.

Apoderou-se de Harry um misto de gratidão e vergonha. Seria possível que Lupin lhe tivesse perdoado, então, as coisas terríveis que lhe dissera da última vez que se tinham encontrado?

— E o que diria ao Harry se soubesse que ele estava a ouvi-lo, Romulus?

— Dir-lhe-ia que estamos todos com ele em espírito — referiu Lupin; depois notou-se uma ligeira hesitação. — E dir-lhe-ia que seguisse os seus instintos, que são bons e estão quase sempre certos.

Harry fitou Hermione, que tinha os olhos marejados de lágrimas.

— Quase sempre certos — repetiu ela.

— Oh, eu não vos disse? — perguntou Ron, surpreso. — O Bill contou-me que o Lupin está de novo a viver com a Tonks! E parece que ela está a ficar também com um barrigão.

— ... e a nossa habitual actualização sobre aqueles amigos do Harry Potter que estão a sofrer por se lhe manterem fiéis? — dizia Lee.

— Bem, como os nossos ouvintes regulares saberão, diversos dos mais destacados apoiantes do Harry Potter encontram-se detidos neste momento, incluindo Xenophilius Lovegood, antigo editor d'*A Voz Delirante* ... — anunciou Lupin.

— Pelo menos, está vivo! — murmurou Ron.

— Soubemos também, nas últimas horas, que Rubeus Hagrid

... — os três ficaram em suspenso, e por pouco não perdiam o resto da frase — ...o famoso guardador dos campos da Escola de Hogwarts, escapou por um triz à detenção nos terrenos da mesma, quando constou que organizara em sua casa uma festa de «Apoio a Harry Potter». No entanto, Hagrid não se encontra detido, e tanto quanto julgamos saber, anda a monte.

— Pelos vistos, quando se trata de fugir dos Devoradores da Morte, sempre ajuda ter um meio-irmão de quase cinco metros? — inquiriu Lee.

— Pode dizer-se que constituiria uma vantagem, sim — concordou Lupin circunspectamente. — Posso acrescentar que, apesar de nós aqui no *Últimas do Potter* aplaudirmos o espírito do Hagrid, gostaríamos de exortar os mais dedicados apoiantes do Harry a não seguirem o exemplo do Hagrid. No

presente clima, são desaconselhadas quaisquer manifestações de «Apoio a Harry Potter».

— E são mesmo, Romulus — concordou Lee —, por isso sugerimos que continuem a mostrar o vosso apreço pelo homem da cicatriz em forma de raio escutando o *Últimas do Potter*! E passemos agora às notícias respeitantes ao feiticeiro que se está a revelar tão esquivo quanto o próprio Harry Potter. Gostaríamos de nos referir a ele como o Chefe dos Devoradores da Morte, e que ficassem aqui registadas algumas das suas opiniões sobre os rumores mais insanos que circulam a seu respeito. Caros espectadores, passo a apresentar-vos o nosso novo correspondente: Roedor.

— *Roedor*? — estranhou outra voz ainda mais familiar e Harry, Ron e Hermione exclamaram em uníssono: — O Fred!

— Não... é o George!

— Acho que é o Fred — insistiu Ron, aproximando-se mais, enquanto o gêmeo, qualquer que fosse, dizia: — Recuso-me a ser «Roedor», nem pensem, já lhes tinha dito que queria ser «Florete»!

— Pronto, seja então. «Florete», o que se lhe oferece dizer-nos sobre as várias histórias que temos ouvido a respeito do Chefe dos Devoradores da Morte?

— Ora aqui vai, River — respondeu Fred. — Como os nossos ouvintes saberão, a menos que se tenham refugiado no fundo de um lago de jardim ou num lugar semelhante, a estratégia do Quem-Nós-Sabemos de permanecer nas sombras está a criar um belo climazinho de pânico. Mas atenção, a serem genuínas as alegadas aparições dele, devemos ter por aí à solta qualquer coisa como dezanove Quem-Nós-Sabemos.

— O que até lhe convém, como é evidente — comentou Kingsley. — O ambiente de mistério está a criar mais terror do que se ele próprio desse a cara.

— Concordo — referiu Fred. — Por isso, malta, vamos lá a ver se a gente se acalma um pouco. As coisas já estão bastante más, pelo que se dispensam as invenções. Por exemplo, esta ideia nova de que o Quem-Nós-Sabemos é capaz de matar com um único olhar. Isso é para os Basiliscos, ouvintes. Um teste simples: verifiquem se a coisa que está a olhar para vocês tem pernas. Se tiver, olhem-na nos olhos, ainda que, se for realmente o Quem-Nós-Sabemos, muito provavelmente será a última coisa que farão.

Pela primeira vez em semanas e semanas, Harry dava gargalhadas, sentindo o peso da tensão abandoná-lo.

— E os rumores de que ele continua a ser avistado no estrangeiro? — inquiriu Lee.

— Bem, quem não gostaria de umas feriazinhas depois de toda a trabalhadeira a que ele se tem dado? — perguntou Fred. — A questão é, malta, não se deixem enganar por uma falsa sensação de segurança, pensando que ele está fora do país. Pode estar, ou pode não estar, mas a verdade é que ele se consegue deslocar mais depressa do que o Severus Snape quando lhe põem à

frente um frasco de champô, por isso não contem que ele esteja muito tempo ausente, se tencionam correr alguns riscos. Nunca me imaginei a dizê-lo, mas a segurança em primeiro lugar!

— Muitíssimo obrigado por estas sábias palavras, Florete — disse Lee. — Caros ouvintes, termina assim outro *Últimas do Potter*. Não sabemos quando será possível uma nova transmissão, mas podem ter a certeza de que voltaremos. Continuem a rodar o sintonizador: a próxima senha será «Olho-Louco». Mantenham-se a salvo e não percam a fé. Boa noite.

O botão do rádio girou e as luzes por detrás do painel apagaram-se. Harry, Ron e Hermione sorriam ainda. Fora extremamente tonificante ouvir aquelas vozes familiares; Harry acostumara-se tanto ao seu isolamento que quase se esquecera de que havia outras pessoas a resistir a Voldemort. Era o mesmo que acordar depois de um longo sono.

— Foi bom, hein? — perguntou Ron, todo satisfeito.

— Fabuloso — comentou Harry.

— Muito corajoso da parte deles — suspirou Hermione, cheia de admiração. — Se forem descobertos...

— Bem, eles mudam constantemente de sítio, não mudam? — perguntou Ron. — Tal como nós.

— Mas não ouviste o que disse o Fred? — perguntou Harry, todo empolgado; agora que a transmissão terminara, os seus pensamentos voltaram à obsessão que o consumia integralmente. — Ele está no estrangeiro! Continua à procura da Varinha, eu sabia!

— Harry...

— Então, Hermione, por que fazes tanta questão em não o admitir? O Vol...

— HARRY, NÃO!

— ... demort anda atrás da Varinha de Sabugueiro!

— O nome é Tabu! — barafustou Ron, pondo-se em pé de um salto ao mesmo tempo que se ouviu um estalo do lado de fora da tenda. — Eu avisei-te, Harry, eu avisei-te, não podemos continuar aqui... temos de colocar a protecção à nossa volta... depressa... é assim que eles descobrem...

Mas Ron calara-se, e Harry soube porquê. O Avisoscópio em cima da mesa acendera-se e começara a rodar; ouviam vozes cada vez mais próximas: vozes rudes, excitadas. Ron tirou do bolso o Apagador e accionou-o: as luzes apagaram-se.

— Saiam cá para fora com as mãos no ar! — ouviu-se uma voz áspera cortar o escuro. — Sabemos que estão aí dentro! Têm meia dúzia de varinhas apontadas a vocês e não nos interessa quem amaldiçoamos!

XXIII

A MANSÃO DOS MALFOY

Harry olhou para os outros dois, agora meros contornos na escuridão. Viu Hermione apontar a sua varinha, não para o exterior, mas ao seu rosto; houve um ruído, um intenso clarão branco e depois perdeu as forças, em agonia, deixando de ver. Sentiu, porém, o rosto inchar rapidamente, enquanto passos pesados o rodeavam.

— Levanta-te, verme.

Mãos desconhecidas içaram Harry rudemente do chão. Antes que tivesse tempo de o impedir, alguém lhe remexeu nos bolsos e retirou a varinha de abrunheiro. Com os dedos, Harry apalpou o rosto que lhe doía intensamente, sem conseguir reconhecê-lo; estava inchado e balofo, como se tivesse sofrido uma violenta reação alérgica. Tinha os olhos reduzidos a fendas através das quais mal conseguia ver, e os óculos caíram-lhe quando foi levado da tenda feito um fardo; apenas conseguia distinguir as formas desfocadas de quatro ou cinco pessoas a lutar com Ron e Hermione lá fora.

— Largue-a! — gritou Ron. Ouviu-se o som inconfundível de punhos a bater: Ron gemeu de dor e Hermione gritou: — Não! Deixe-o em paz, deixe-o em paz!

— O teu amiguinho vai sofrer bem pior que isto se estiver na minha lista — disse a voz áspera horrivelmente familiar. — Que rapariga deliciosa... que pitéu... que pele tão macia... adoro...

Harry sentiu um aperto no estômago. Sabia de quem se tratava: Fenrir Greyback, o lobisomem a quem era permitido usar as vestes de Devorador da Morte em troca da selvajaria para que fora contratado.

— Revistem a tenda! — ordenou outra voz.

Harry viu-se atirado, de bruços, para o chão. Uma pancada informou-o de que Ron fora arremessado para junto de si. Conseguiram ouvir passos e barulho; dentro da tenda, os homens empurravam cadeiras enquanto procediam à busca.

— Ora vamos lá ver quem apanhámos — disse lá em cima a voz de regozijo de Greyback, e Harry foi virado, ficando de costas. Um raio de luz de

uma varinha incidiu-lhe no rosto e Greyback soltou uma gargalhada.

— Vou precisar de Cerveja de Manteiga para poder olhar aqui para este. O que te aconteceu, feioso?

Harry não respondeu de imediato.

— Eu *perguntei* — repetiu Greyback, e Harry recebeu um soco no diafragma que o fez dobrar-se todo de dor —, o que te aconteceu?

— Picado — murmurou Harry. — Fui picado.

— Pois, é o que parece — proferiu uma segunda voz.

— Como te chamas? — perguntou rispidamente Greyback.

— Dudley — disse Harry.

— E o teu nome próprio?

— Hã... Vernon. Vernon Dudley.

— Confirma na lista, Scabior — ordenou Greyback, e Harry ouviu-o dar dois passos para o lado a fim de interrogar Ron. — E então tu, Cenoura?

— Stan Shunpike — respondeu Ron.

— Uma ova! — resmungou o homem chamado Scabior. — Nós conhecemos o Stan Shunpike, e ele já colaborou connosco.

Nova pancada seca.

— Xou Bardy — falou Ron, e Harry apercebeu-se de que ele tinha a boca cheia de sangue. — Bardy Weadley.

— Um Weasley? — proferiu Greyback com voz áspera. —

Então és familiar dos traidores de sangue apesar de não seres Sangue de Lama. E, por último, a tua linda amiguinha... — A satisfação na voz dele deixou Harry com a pele toda arrepiada.

— Calma, Greyback — advertiu Scabior, acima do escárnio dos outros.

— Oh, eu não vou morder, por enquanto. Vejamos se ela é um pouco mais rápida que o Barney a lembrar-se do seu nome. Quem és tu, fedelha?

— Penelope Clearwater — respondeu Hermione. Pareceu apavorada, mas convincente.

— E qual é o teu Estatuto?

— Meio-sangue — informou Hermione.

— É bastante fácil de verificar — afirmou Scabior. — Mas todos eles parecem ter idade pr'andar 'inda em Hogwarts...

— Biemos embora — explicou Ron.

— Vieram-se embora, foi, Cenoura? — inquiriu Scabior. — E decidiram ir acampar? E pensaste, só no gozo, que podiam usar o nome do Senhor das Trevas?

— 'Áo foi gozo — disse Ron. — Axidente.

— Acidente? — Soaram mais gargalhadas escarninhas.

— Sabes quem gostava de usar o nome do Senhor das Trevas, Weasley? — resmungou Greyback. — A Ordem da Fénix. Diz-t'alguma coisa?

— Xim.

— Bem, eles não tratam o Senhor das Trevas com o devido respeito, por isso o nome passou a ser Tabu. Alguns membros da Ordem foram descobertos

dessa maneira. Veremos. Amarrem-nos com os outros dois prisioneiros.

Alguém puxou Harry pelos cabelos, arrastou-o por uma curta distância, colocando-o numa posição sentada, depois começou a amarrá-lo costas com costas a outras pessoas. Harry permanecia meio cego, mal conseguindo ver através dos olhos inchados. Quando finalmente o homem que os amarrava se afastou, Harry segredou aos outros prisioneiros.

— Alguém tem ainda varinha?

— Não — disseram Ron e Hermione, cada um a seu lado.

— Isto é tudo culpa minha, disse o nome, lamento...

— Harry?

Era uma nova voz mas familiar, e vinha directamente de trás Harry, da pessoa amarrada à esquerda de Hermione.

— *Dean?*

— És tu! Se eles descobrem quem apanharam...! São Raptores e andam apenas à procura de fugitivos para vender a troco de ouro...

— A pesca até foi rendosa para uma noite — dizia Greyback, quando um par de botas cardadas passou perto de Harry e mais barulhos vindos de dentro da tenda se fizeram ouvir. — Uma Sangue de Lama, um goblin fugitivo e três gazeteiros. Já verificaste os nomes deles na lista, Scabior? — bradou.

— Já. Não 'tá aqui nenhum Vernon Dudley, Greyback.

— Interessante — comentou Greyback. — Mas que interessante.

Acocorou-se ao lado de Harry, que viu, pelo intervalo infinitesimal entre as suas pálpebras inchadas, um rosto coberto de cabelo grisalho eriçado e suíças, com dentes castanhos pontiagudos e feridas aos cantos da boca. Greyback exalava o mesmo mau odor de quando estivera no cimo da Torre onde Dumbledore morrera: a sujidade, suor e sangue.

— Com que estão não és procurado, hein, Vernon? Ou estás naquela lista com um nome diferente? Em que equipa estavas em Hogwarts?

— Slytherin — respondeu Harry automaticamente.

— Curioso com'eles julgam que queremos ouvir isso — zombou Scabior, das sombras. — Mas nenhum deles nos sabe dizer onde fica a sala comum.

— Fica nas masmorras — afirmou Harry com toda a clareza. — Entra-se pela parede. Está cheia de caveiras e fica por debaixo do lago, por isso a luz é esverdeada.

Seguiu-se uma breve pausa.

— Ena, ena, parece que apanhámos mesmo um Slytherinzinho — comentou Scabior. — Sorte a tua, Vernon, pois não há muitos Slytherin Sangue de Lama. Quem é o teu pai?

— Trabalha no Ministério — mentiu Harry. Sabia que toda aquela história cairia por terra mal comesçassem a investigar, mas, afinal de contas, a brincadeira acabaria assim que o seu rosto retomasse o aspecto normal. — Departamento de Acidentes e Catástrofes Mágicos.

— Sabes que mais, Greyback? — interveio Scabior. — Penso que há lá um Dudley.

Harry mal conseguia respirar: seria possível que a sorte, a pura sorte, os conseguisse tirar de forma segura daquele aperto?

— Ena, ena — disse Greyback, e Harry detectou um ínfimo tom de agitação naquela voz insensível e percebeu que Greyback tinha curiosidade em saber se, de facto, acabara de atacar e amarrar o filho de um funcionário do Ministério. O seu coração latejava de encontro às cordas que lhe amarravam as costelas; não se surpreenderia se Greyback o conseguisse sentir. — Se estás a dizer a verdade, feioso, não temerás uma ida ao Ministério. Espero que o teu pai nos recompense por te termos apanhado.

— No entanto — referiu Harry, com a boca completamente ressequida —, se nos deixasse...

— Hei! — ouviu-se um grito do interior da tenda. — Olha-me para isto, Greyback!

Uma figura escura avançou apressada na direcção deles, e Harry viu um refulgir de prata à luz das varinhas. Havia encontrado a espada de Gryffindor.

— Mu-ui-to bonita — comentou Greyback em tom de apreciação, tomando-a do companheiro. — Oh, muito bonita mesmo. Parece ter sido fabricada por goblins, sim senhor. Onde arranjaste uma coisa destas?

— É do meu pai — mentiu Harry, na esperança efémera de que estivesse demasiado escuro para Greyback conseguir ver o nome gravado por debaixo do punho. — Pedimo-la emprestada para cortar lenha...

— Calm'ái, Greyback! Olha pra isto, n' *O Profeta*!

No momento em que Scabior falou, a cicatriz de Harry, que estava completamente esticada sobre a sua testa retesada, ardeu-lhe intensamente. Com mais clareza do que distinguia o que se passava em seu redor, viu um edifício muito alto, uma fortaleza sinistra, negra e medonha: os pensamentos de Voldemort tinham-se tornado subitamente nítidos; voava na direcção do edifício gigantesco com uma sensação de finalidade simultaneamente calma e eufórica...

Tão perto... tão perto...

Com um enorme esforço de vontade, Harry fechou a sua mente aos pensamentos de Voldemort, obrigando-se a regressar ao local onde permanecia sentado, amarrado a Ron, Hermione, Dean e Griphook, escutando Greyback e Scabior.

— “*Hermione Granger*” — dizia Scabior —, “*a Sangue de Lama que se sabe viajar com Harry Potter.*”

A cicatriz de Harry ardia no silêncio súbito, mas fez um esforço supremo para se manter presente, para não resvalar para a mente de Voldemort. Ouviu o chiar das botas de Greyback ao acorar-se diante de Hermione.

— Sabes uma coisa, pequenota? Esta fotografia parece-se imenso contigo.

— Não é! Não sou eu!

O guincho apavorado de Hermione equivaleu a uma confissão.

— “*... que se sabe viajar com Harry Potter*” — repetiu Greyback

calmamente.

O silêncio descera sobre a cena. A cicatriz de Harry doía-lhe intensamente, mas lutou com todas as suas forças contra o chamamento dos pensamentos de Voldemort: nunca fora tão importante manter a lucidez.

— Bem, o caso muda de figura, não muda? — murmurou Greyback.

Ninguém falou. Harry apercebeu-se de que o bando de Raptorez observava, estático, e sentiu o braço de Hermione tremer junto ao seu. Greyback levantou-se e deu dois passos, até onde Harry estava sentado, tornando a acocorar-se para olhar de perto as suas feições deformadas.

— O que é isso na tua testa, Vernon? — perguntou baixinho, o seu bafo fétido nas narinas de Harry quando encostou um dedo imundo à cicatriz esticada.

— Não lhe toque! — gritou Harry. Fora mais forte do que ele; julgou que ia vomitar tal era a dor que sentia.

— Estava convencido de que usavas óculos, Potter — proferiu Greyback melifluamente.

— Encontrei uns óculos! — bradou um dos Raptorez, movendo-se ao fundo. — Havia uns óculos na tenda, Greyback, espera...

E segundos depois, os óculos de Harry tinham-lhe sido enfiados à força no rosto. Os Raptorez aproximaram-se então, observando-o atentamente.

— É ele! — bradou Greyback com voz áspera. — Apanhámos o Potter!

Recuaram todos alguns passos, atónitos com o que haviam feito. Harry, continuando a esforçar-se por se manter lúcido apesar de sentir a cabeça dilacerada, não soube o que responder: visões fragmentadas rasavam a superfície da sua mente...

...ele deslizava em torno das altas muralhas da fortaleza negra...

Não, ele era Harry, amarrado e sem a varinha, correndo enorme perigo...

... erguendo o olhar, até à janela cimeira, na torre mais alta...

Ele era Harry, e discutiam o seu destino em voz baixa...

... tempo de voar...

— ... para o Ministério?

— O Ministério que vá para o diabo — resmungou Greyback. — Eles ficam com os louros, e nós a ver navios. Vamos mas é levá-lo directamente ao Quem-Nós-Sabemos.

— Vais convocá-lo? *Para aqui?* — inquiriu Scabior, parecendo apavorado.

— Não — bradou Greyback —, eu não tenho... dizem que ele está a usar a casa dos Malfoy como base. Levamos o rapaz para lá.

Harry julgou saber o motivo por que Greyback não ia chamar Voldemort. O lobisomem podia estar autorizado a usar as vestes de Devorador da Morte quando os seus serviços eram solicitados, mas só o círculo íntimo de Voldemort apresentava a Marca Negra. Não fora concedida a Greyback a mais elevada das honras.

A cicatriz de Harry tornou a arder intensamente...

... e ele elevou-se na noite, voando até à janela mesmo no cimo da torre...

— ... a certeza absoluta de qu' é ele? Porque se na' for, Greyback, é o nosso fim.

— Quem é que manda aqui? — atroou Greyback, disfarçando o seu momento de fraqueza. — Eu digo que é o Potter, ele mais a sua varinha, isso dá duzentos Galeões no mínimo! Mas se forem demasiado medrosos para me acompanharem, qualquer de vocês, então fica tudo para mim, e com alguma sorte, acabo por levar também a rapariga!

... a janela era uma ínfima fenda na rocha negra, demasiado estreita para um homem entrar... via-se apenas uma figura esquelética através dela, toda encolhida debaixo de um cobertor... morta, ou adormecida...?

— Está bem! — concordou Scabior. — Está bem, nós alinhamos! E os outros, Greyback, o que fazemos com eles?

— Já agora, podíamos levá-los todos. Temos dois Sangues de Lama, isso são mais dez Galeões. Dá-me também a espada. Se forem rubis, está ali outra pequena fortuna.

Os prisioneiros foram levantados à força. Harry conseguia ouvir a respiração de Hermione, acelerada de terror.

— Agarrem bem e não larguem. Eu pego no Potter! — disse Greyback, apanhando um punhado de cabelo de Harry; este sentiu as unhas dele, compridas e amarelas, rasparem-lhe o couro cabeludo. — Aos três ! Um... dois... três...

Desapareceram, arrastando consigo os prisioneiros. Harry debateu-se, tentando livrar-se da mão de Greyback, mas era escusado: Ron e Hermione estavam comprimidos contra ele de cada lado, era impossível separar-se do grupo e, à medida que o ar lhe saía à força dos pulmões, a cicatriz ardía-lhe ainda mais dolorosamente...

...qual cobra, enfiava-se à força pela fresta de uma janela e pousava, com a leveza do vapor, numa espécie de cela...

Os prisioneiros embateram uns nos outros ao aterrarem numa vereda campestre. Os olhos de Harry, ainda inchados, levaram um momento a aclimatar-se, depois viu dois portões de ferro forjado no fim do que se afigurava um longo caminho de acesso. Sentiu uma ínfima pontada de alívio, pois o pior estava ainda para acontecer: Voldemort não estava ali.

Encontrava-se, como Harry sabia muito bem, pois esforçava-se por resistir à visão, num estranho lugar, uma espécie de fortaleza, no cimo de uma torre. Quanto tempo demoraria a chegar, mal soubesse da presença de Harry, isso já era outra questão...

Um dos Raptos avançou em grandes passadas para os portões e sacudiui-os.

— Como entramos? Estão trancados, Greyback, não consigo... co'a breca!

Retirou as mãos, assustado. O ferro contorcia-se, perdendo os arcos e espirais abstractos, transformando-se num rosto assustador, que falou numa voz metálica e retumbante: — Refira ao que vem!

— Apanhámos o Potter! — anunciou Greyback em tom triunfante. —

Capturámos o Harry Potter!

Os portões abriram-se.

— Vamos! — ordenou Greyback aos seus homens e os prisioneiros foram empurrados através dos portões e começaram a subir o acesso, passando entre sebes altas que abafavam os seus passos. Harry viu uma forma branca espectral por cima de si, e apercebeu-se de que era um pavão albino. Tropeçou e foi levantado por Greyback; caminhava agora em passos vacilantes, de lado, amarrado costas com costas aos outros quatro prisioneiros. Fechando os olhos inchados, deixou que a dor na sua cicatriz o vencesse momentaneamente, querendo saber o que fazia Voldemort, se já saberia que Harry Potter fora apanhado...

... a figura emaciada agitou-se por baixo do cobertor fino e virou-se para ele, os olhos abrindo-se num rosto cadavérico... o homem frágil estava sentado, os enormes olhos encovados cravados nele, em Voldemort, e depois sorriu. Perdera a maior parte dos dentes...

“Com que então vieste. Bem me quis parecer que o farias... um dia. Mas a tua viagem foi em vão. Nunca a tive.”

“Mentes!”

À medida que a raiva de Voldemort latejava dentro dele, a cicatriz de Harry ameaçava explodir de dor; fez um esforço brusco para que a sua mente regressasse ao corpo, procurando a todo o custo manter-se presente, enquanto os prisioneiros eram empurrados pela gravilha.

A luz incidiu sobre o grupo.

— O que é isto? — perguntou uma voz de mulher.

— Viemos ver Aquele Cujo Nome Não Deve Ser Pronunciado! — justificou-se Greyback na sua voz áspera.

— Quem é você?

— A senhora conhece-me! — Havia ressentimento na voz do lobisomem.

— Fenrir Greyback! Apanhámos o Harry Potter.

Greyback agarrou Harry e virou-o bruscamente para a luz, obrigando os outros prisioneiros a acompanhar também o movimento.

— Sei que ‘tá inchado, minha senhora, mas é ele! — interveio Scabior. — Se olhar com atenção, verá a cicatriz. E esta ‘qui, vê, é a rapariga, a Sangue de Lama que tem andado a viajar com ele, minha senhora. Não há dúvida qu’ê ele, e temos também a varinha! Olhe, minha senhora...

Harry viu Narcissa Malfoy observar com atenção o seu rosto inchado. Scabior estendeu-lhe bruscamente a varinha de abrunheiro. Ela arqueou os sobrolhos.

— Tragam-nos para dentro — ordenou.

Harry e os outros foram obrigados a subir as escadas de pedra entre empurrões e pontapés, entrando num *hall* com paredes cobertas de retratos.

— Sigam-me — ordenou Narcissa, indo na frente enquanto atravessava o espaço. — O meu filho, Draco, veio passar as férias da Páscoa a casa. Se esse for o Harry Potter, ele saberá.

A sala de visitas ofuscava depois da escuridão exterior; mesmo com os olhos quase fechados, Harry conseguia distinguir as proporções imensas do aposento. Um lustre de cristal pendia do tecto e viam-se mais retratos nas paredes violáceas. Duas figuras levantaram-se das poltronas diante de uma lareira de mármore trabalhado, quando os prisioneiros foram empurrados pelos Raptos para dentro da sala.

— O que vem a ser isto?

A voz arrastada de Lucius Malfoy, desagradavelmente familiar, chegou aos ouvidos de Harry, que começou a entrar em pânico: não via qualquer saída, e tornava-se mais fácil, à medida que o seu medo aumentava, isolar os pensamentos de Voldemort, apesar de a cicatriz continuar a arder.

— Dizem que apanharam o Potter — anunciou a voz fria de Narcissa. — Draco, chega aqui.

Harry não ousou olhar directamente para Draco, observando-o de lado: uma figura ligeiramente mais alta que ele, erguendo-se de uma poltrona, o rosto uma mancha pálida e afilada sob o cabelo louro-esbranquiçado.

Greyback obrigou os prisioneiros a girar novamente de modo a posicionar Harry mesmo por baixo do lustre.

— Então, rapaz? — ouviu-se a voz desabrida do lobisomem.

Harry estava virado para um espelho por cima da lareira, um enorme objecto dourado com uma moldura de ornamentos sinuosos. Através das fendas dos olhos, viu pela primeira vez o seu próprio reflexo desde que abandonara Grimmauld Place.

O rosto estava enorme, reluzente e rosado, as feições distorcidas pelo feitiço de Hermione. O cabelo preto chegava-lhe aos ombros e havia uma sombra escura à volta do maxilar. Se não soubesse que era ele quem estava ali, ter-se-ia perguntado quem usava os seus óculos. Resolveu não falar, pois a voz decerto o denunciaria e continuou a evitar olhar directamente para Draco quando este último se aproximou.

— Então, Draco? — indagou Lucius Malfoy. Parecia ansioso. — É ele? É o Harry Potter?

— Eu não... eu não tenho a certeza — respondeu Draco. Mantinha-se afastado de Greyback, e parecia tão assustado por ter de olhar para Harry quanto este para si.

— Mas olha para ele com atenção, olha! Aproxima-te mais!

Harry nunca vira Lucius Malfoy tão excitado.

— Draco, se formos nós a entregar o Potter ao Senhor das Trevas, tudo será perdo...

— Só espero que não se esteja a esquecer de quem realmente o apanhou, Mr. Malfoy? — interpôs Greyback em tom ameaçador.

— Claro que não, claro que não! — impacientou-se Lucius. Aproximou-se tanto de Harry que este conseguiu ver o rosto normalmente apático e pálido com nítido pormenor mesmo através dos olhos inchados. Com o seu próprio rosto transformado numa máscara balofa, Harry tinha a sensação de estar a

espreitar por entre as grades de uma gaiola.

— O que lhe fizeste? — perguntou Lucius a Greyback. — Como foi que ele ficou neste estado?

— Isso não fomos nós.

— Pois a mim parece-me um Feitiço de Ferrar — referiu Lucius.

Os seus olhos cinzentos esquadriharam a testa de Harry.

— Há algo ali — murmurou —, poderia ser a cicatriz, completamente esticada... Draco, chega aqui, olha como deve ser! O que te parece?

Harry viu então o rosto de Draco aproximar-se, mesmo ao lado do pai. Eram extraordinariamente parecidos, só que, enquanto o pai dava mostras de não caber em si de entusiasmo, a expressão de Draco estava cheia de relutância, mesmo medo.

— Não sei — referiu, e voltou para junto da lareira, onde a mãe assistia de pé.

— Era bom termos a certeza, Lucius — bradou Narcissa ao marido na sua voz fria e cristalina. — A certeza absoluta de que é o Potter, antes de chamarmos o Senhor das Trevas... Dizem que esta lhe pertence — olhava com atenção para a varinha de abrunheiro —, mas não corresponde à descrição do Ollivander... Se estivermos equivocados, se chamarmos o Senhor das Trevas aqui para nada... lembras-te do que ele fez ao Rowle e ao Dolohov?

— E então a Sangue de Lama? — resmungou Greyback. Harry foi quase levantado do chão quando os Raptos obrigaram os prisioneiros a rodar de novo, para que a luz incidisse em Hermione.

— Espera — disse Narcissa com brusquidão. — Sim... sim, ela estava na loja de Madame Malkin com o Potter! Vi a fotografia dela n' *O Profeta*! Olha, Draco, não é a tal Granger?

— Eu... talvez... sim.

— Mas, nesse caso, aquele é o Weasley! — exclamou Lucius, dando grandes passadas à volta dos prisioneiros para observar Ron. — São eles, os amigos do Potter... Draco, olha para ele, é ou não é o filho do Arthur Weasley, como é que ele se chama...?

— Sim — repetiu Draco, de costas para os prisioneiros. — Pode ser.

A porta da sala de visitas abriu-se atrás de Harry. Uma mulher falou, e o som daquela voz fez com que o medo que sentia aumentasse exponencialmente.

— O que vem a ser isto? O que aconteceu, Cissy?

Bellatrix Lestrange caminhou lentamente à volta dos prisioneiros e parou mesmo à direita de Harry, fitando Hermione através dos seus olhos de pálpebras pesadas.

— Não me digam — afirmou com muita calma —, que esta é a Sangue de Lama? Que é a Granger?

— Sim, sim, é a Granger! — exclamou Lucius. — E ao lado dela, segundo julgamos, está o Potter! O Potter e os seus amigos, finalmente apanhados!

— O Potter? — esganiçou-se Bellatrix, e recuou, para melhor contemplar

Harry. — Têm a certeza? Bem, nesse caso, o Senhor das Trevas tem de ser imediatamente informado!

Arregaçou a manga esquerda: Harry viu a Marca Negra cauterizada na carne do braço dela, e percebeu que se preparava para lhe tocar, para chamar o seu querido amo.

— Eu ia agora mesmo chamá-lo! — disse Lucius, e a sua mão fechou-se sobre o pulso de Bellatrix, impedindo-a de tocar na Marca. — *Eu* vou chamá-lo, Bella, o Potter foi trazido a minha casa, por conseguinte, encontra-se sob a minha autoridade.

— A tua autoridade! — escarneceu ela, tentando libertar a mão da pressão dele. — Perdeste a tua autoridade quando perdeste a varinha, Lucius! Como te atreves! Tira as mãos de cima de mim!

— Isto não tem nada a ver contigo, não foste tu quem capturou o rapaz...

— Com sua licença, *Mr. Malfoy* — interrompeu Greyback —, mas fomos nós que apanhámos o Potter, e somos nós que vamos reclamar o ouro.

— O ouro! — riu-se Bellatrix, continuando a tentar libertar-se do cunhado, a mão livre procurando no bolso a varinha. — Leva o teu ouro, abutre imundo, para que quero eu o ouro? Só pretendo a honra da sua... da...

Deixou de se debater, os olhos escuros cravados em algo que Harry não conseguia ver. Radiante com a sua desistência, Lucius largou-lhe bruscamente a mão e arregaçou a manga...

— PÁRA! — guinchou Bellatrix. — Não lhe toques, pereceremos todos se o Senhor das Trevas vier agora!

Lucius estacou, o dedo indicador pairando sobre a sua própria Marca. Bellatrix abandonou de súbito a limitada linha de visão de Harry.

— O que é aquilo? — ouviu-a perguntar.

— Uma espada — resmungou um dos Raptores, fora do campo de visão.

— Traz-ma.

— Não é sua, Patroa, é minha, fui eu quem a encontrou.

Ouviu-se um estalo e um clarão de luz vermelha: Harry apercebeu-se de que o Raptor fora Atordoadado. Seguiu-se um urro de raiva dos seus comparsas e Scabior sacou da varinha.

— Mas o que raio vem a ser isto, mulher?

— *Atordoar!* — gritou ela —, *atordoar!*

Ninguém lhe fez frente, apesar de serem quatro contra uma: como Harry sabia, ela era uma feiticeira de capacidades prodigiosas e sem qualquer pejo. Caíram onde estavam, todos menos Greyback, que fora obrigado a ajoelhar-se, de braços esticados. Pelo canto do olho, Harry viu Bellatrix aproximar-se rapidamente do lobisomem, a espada de Gryffindor bem firme na mão, o rosto pálido.

— Onde arranjaste esta espada? — sussurrou a Greyback ao retirar-lhe a varinha sem que ele oferecesse a menor resistência.

— Como se atreve! — resmoneou, conseguindo apenas mexer a boca e vendo-se forçado a encará-la. Mostrou os dentes afiados.

— Liberte-me, mulher!
— Onde encontraste esta espada? — insistiu ela, brandindo-a junto do rosto dele. — O Snape enviou-a para o meu cofre em Gringotts!

— Estava na tenda deles — articulou Greyback na sua voz áspera. — Liberte-me, está a ouvir?

Bellatrix brandiu a varinha e o lobisomem pôs-se em pé de um salto, mas pareceu demasiado desconfiado para se aproximar dela. Começou a rondar por detrás de uma poltrona, cravando as unhas imundas e curvas nas costas do móvel.

— Draco, livra-te desta escumalha — ordenou Bellatrix, indicando os homens inconscientes. — Se não tiveres coragem para acabar com eles, então deixa-os no pátio para mim.

— Como te atreves a falar com o Draco dessa... — interveio Narcissa, furibunda, mas Bellatrix gritou: — Cala-te! A situação é mais grave do que possas imaginar, Cissy! Temos um problema gravíssimo!

Levantou-se, ligeiramente ofegante, olhando para a espada, examinando-lhe o punho. De seguida, virou-se para observar os quatro prisioneiros silenciosos.

— Se for realmente o Potter, não lhe devem fazer mal — murmurou mais para si do que para os outros. — O Senhor das Trevas deseja encarregar-se pessoalmente do Potter... mas se ele descobre... preciso... preciso de saber...

Virou-se novamente para a irmã.

— Os prisioneiros têm de ser metidos na cave, enquanto decido o que fazer!

— Esta é a minha casa, Bella, tu não dás ordens na minha...

— Imediatamente! Não imaginas o perigo que corremos! — esganiçou-se Bellatrix; parecia assustada, louca; da sua varinha brotou uma fina labareda que abriu um buraco na tapete.

Narcissa hesitou momentaneamente e depois dirigiu-se ao lobisomem. — Leva estes prisioneiros para a cave, Greyback.

— Espera — ordenou Bellatrix ríspidamente. — Todos excepto... excepto a Sangue de Lama.

Greyback emitiu um ronco de prazer.

— Não! — gritou Ron. — Pode ficar comigo, fazer o que quiser!

Bellatrix atingiu-o no rosto e o golpe ecoou pela sala.

— Se ela morrer ao ser interrogada, chegará a tua vez. — No meu livro, os traidores do sangue vêm logo a seguir aos Sangues de Lama. Leva-os para baixo, Greyback, e certifica-te de que ficam bem fechados, mas não lhes faças nada... por enquanto.

Devolveu a varinha a Greyback atirando-lha e, em seguida, tirou do manto um pequeno punhal de prata. Separou Hermione dos outros prisioneiros, depois arrastou-a pelos cabelos até ao meio da sala, enquanto Greyback obrigava os restantes a passar por outra porta, até um corredor escuro, a

varinha estendida diante de si, projectando uma força invisível e irresistível.

— Aham que ela me deixará um pedaço da rapariga quando já não lhe servir? — sussurrou Greyback enquanto os empurrava pelo corredor. — Acho que vou poder dar-lhe uma dentada ou duas, o que me dizes, Cenoura?

Harry sentia Ron tremer. Foram obrigados a descer um lanço de escadas íngremes, ainda amarrados costas com costas e em perigo de escorregarem e partirem o pescoço a qualquer instante. Ao fundo havia uma porta pesada. Greyback destrancou-a com uma pancada da varinha, depois obrigou-os a entrar num espaço húmido e bafiento e deixou-os na mais completa escuridão. Ainda o eco da porta da cave a fechar-se não cessara quando um grito arrepiante e entrecortado se ouviu mesmo por cima deles.

— HERMIONE! — berrou Ron, e começou a contorcer-se e a debater-se nas cordas que os uniam, chegando a fazer Harry cambalear. — HERMIONE!

— Silêncio! — impôs Harry. — Cala-te, Ron, precisamos de descobrir uma maneira de sairmos daqui.

— HERMIONE! HERMIONE!

— Precisamos de um plano, pára de berrar... temos de nos livrar destas cordas.

— Harry? — um murmúrio propagou-se no escuro. — Ron? São vocês?

Ron deixou de gritar. Ouviu-se um movimento próximo deles, depois Harry viu uma sombra abeirar-se.

— Harry? Ron?

— *Luna?*

— Sim, sou eu! Oh, não, eu não queria que fossem apanhados!

— Luna, podes ajudar-nos a tirar estas cordas? — inquiriu Harry.

— Oh, sim, espero que sim... há um prego velho que usamos quando necessitamos de partir alguma coisa... só um momento...

Hermione tornou a gritar lá em cima, e ouviram Bellatrix também aos berros, mas as palavras dela não se perceberam, pois Ron clamou novamente: — HERMIONE! HERMIONE!

— Mr. Ollivander? — Harry ouviu Luna dizer. — Mr. Ollivander, tem o prego? Se se afastar um nadinha... creio que estava ao lado do jarro da água...

Voltou numa questão de segundos.

— Vão ter de ficar quietos — avisou.

Harry sentiu-a escarafunchar nas fibras grossas para desfazer os nós. A voz de Bellatrix chegou-lhes lá de cima.

— Vou perguntar-te de novo! Onde arranjaste esta espada? *Onde?*

— Encontrámo-la... nós encontrámo-la... POR FAVOR! — voltou Hermione a gritar; Ron debateu-se mais intensamente do que nunca e o prego ferrugento raspou no pulso de Harry.

— Ron, por favor fica quieto! — murmurou Luna. — Não vejo o que estou a fazer...

— O meu bolso! — exclamou Ron. — No meu bolso, há um Apagador, e está cheio de luz!

Decorridos alguns segundos, ouviu-se um estalido e as esferas luminescentes que o Apagador absorvera das lâmpadas da tenda voaram para a cave: incapazes de se reunirem às suas fontes, ficaram simplesmente ali em suspenso, como minúsculos sóis, enchendo a sala subterrânea de luz. Harry viu Luna, toda ela olhos no rosto branco, e a figura imóvel de Ollivander, o fabricante de varinhas, encolhido no chão ao canto. Esticando o pescoço, viu quem eram os seus companheiros de cativeiro: Dean e Griphook, o goblin, que parecia quase inconsciente, mantido de pé pelas cordas que o prendiam aos humanos.

— Oh, assim é muito mais fácil, obrigada, Ron — disse Luna, e recomeçou a atacar as cordas. — Olá, Dean!

Lá de cima chegou-lhes a voz de Bellatrix.

— Estás a mentir, Sangue de Lama imunda, e eu sei! Estiveste dentro do meu cofre em Gringotts! Diz a verdade, *diz a verdade!*

Outro grito medonho...

— HERMIONE!

— O que mais levaste? O que mais tens contigo? Diz-me a verdade, senão juro que te espeto este punhal!

— Pronto!

Harry sentiu as cordas caírem e virou-se, esfregando os pulsos, vendo Ron correr à volta da cave, olhando para o tecto baixo, procurando um alçapão. Dean, com o rosto ensanguentado e coberto de nódoas negras, agradeceu a Luna e ficou ali a tremer, mas Griphook deixou-se cair no chão da cave, parecendo tonto e desorientado, com muitos vergões no seu rosto trigueiro.

Ron tentava naquele momento Desaparecer sem varinha.

— Não tem saída, Ron — explicou Luna, observando os esforços infrutíferos dele. — A cave é completamente à prova de fuga. Ainda cheguei a tentar. Mr. Ollivander está aqui há muito mais tempo e já experimentou tudo.

Hermione gritava de novo: o som atravessou Harry como uma dor física. Mal se apercebendo do intenso ardor na cicatriz, também ele começou a correr à volta da cave, tacteando as paredes à procura sabia-se lá do quê, consciente no seu íntimo de que era escusado.

— O que mais levaste? O que mais? RESPONDE-ME! *CRUCIO!*

Os gritos de Hermione ecoavam lá em cima, Ron ia soluçando enquanto desferia socos nas paredes e Harry, no mais absoluto desespero, agarrou a bolsa de Hagrid que usava ao pescoço e enfiou os dedos lá dentro: retirou a *Snitch* de Dumbledore e sacudi-a, esperando não sabia o quê... não aconteceu nada; agitou as metades partidas da varinha de fénix, que permaneceram sem vida... o fragmento de espelho caiu ao chão a cintilar, e viu um brilho de um azul muito intenso...

O olho de Dumbledore fitava-o do espelho.

— Ajude-nos! — gritou em louco desespero. — Estamos na cave da Mansão dos Malfoy, ajude-nos!

O olho piscou e desapareceu.

Harry não teve a certeza se o vira realmente. Inclinou o fragmento do espelho para cá e para lá, e não apareceu nada reflectido a não ser as paredes e o tecto da prisão, e lá em cima Hermione a gritar desalmadamente e, a seu lado, Ron, bradando: — HERMIONE! HERMIONE!

— Como é que entraste no meu cofre? — ouviram Bellatrix gritar. — Foi aquele goblin nojento quem te ajudou?

— Nós só a encontrámos esta noite! — soluçou Hermione. — Nunca estivemos dentro do seu cofre... a espada não é verdadeira! Não passa de uma imitação, apenas uma imitação!

— Uma imitação? — esganiçou-se Bellatrix. — Oh, e esperas que eu acredite?

— Mas podemos descobri-lo facilmente! — ouviu-se a voz de Lucius. — Draco, vai buscar o goblin, ele pode dizer-nos se a espada é verdadeira ou não!

Harry atravessou a cave, aproximando-se do sítio onde Griphook jazia no chão, todo encolhido.

— Griphook — murmurou junto à orelha pontiaguda do goblin —, tens de lhes dizer que a espada é falsa, eles não podem saber que é a verdadeira, Griphook, por favor...

Ouviu alguém descer a correr as escadas da cave; logo de seguida, ouviu-se a voz trémula de Draco do outro lado da porta.

— Afastem-se. Formem uma fila junto à parede do fundo. Não tentem nada, senão mato-os!

Fizeram o que lhes mandavam; quando a fechadura rodou, Ron accionou o Apagador e as luzes recolheram ao seu bolso, devolvendo a escuridão à cave. A porta escancarou-se; Malfoy entrou pomposamente, a varinha estendida diante de si, pálido e determinado. Agarrou o pequeno goblin por um braço e saiu às arrecuas, arrastando consigo Griphook. A porta bateu ao fechar-se e ao mesmo tempo ecoou dentro da cave um sonoro estalido.

Ron activou o Apagador. Três bolas de fogo voaram novamente pelo ar, abandonando o seu bolso e revelando Dobby, o elfo doméstico, que acabara de Aparecer no meio deles.

— DOB...!

Harry bateu no braço de Ron para o impedir de gritar, e aquele ficou apavorado ao aperceber-se do seu erro. Ouviram-se passos a atravessar o tecto lá em cima: Draco a levar Griphook a Bellatrix.

Os olhos de Dobby, enormes e em forma de bola de ténis, estavam arregalados; tremia dos pés às pontas das orelhas. Voltara à casa dos seus antigos amos e via-se bem que estava petrificado.

— Harry Potter — chiou, a voz num tremor quase inaudível —, Dobby ir salvá-lo.

— Mas como é que tu...?

Um grito medonho abafou as palavras de Harry: Hermione estava

novamente a ser torturada. Foi direito ao assunto.

— Consegues Desaparecer desta cave? — perguntou a Dobby, que anuiu, abanando as orelhas.

— E consegues levar humanos contigo?

Dobby anuiu outra vez.

— Muito bem. Dobby, quero que pegues na Luna, no Dean e em Mr. Ollivander e os leves... os leves a...

— ...a casa do Bill e da Fleur — disse Ron. — A Casa das Conchas, nos arredores de Tinworth!

O elfo anuiu uma terceira vez.

— E depois voltas — pediu Harry. — És capaz de o fazer, Dobby?

— Claro, Harry Potter — murmurou o pequeno elfo. Correu para junto de Mr. Ollivander, que mal parecia estar consciente. Tomou uma das mãos do fabricante de varinhas na sua, depois estendeu a outra a Luna e a Dean, nenhum dos quais se mexeu.

— Harry, nós queremos ajudar-te! — segredou Luna.

— Não podemos deixar-te aqui — disse Dean.

— Vão, vocês os dois! Encontramo-nos em casa do Bill e da Fleur.

Enquanto Harry falava, a sua cicatriz ardeu como nunca, e durante alguns segundos olhou para baixo, não para o fabricante de varinhas, mas para outro homem que era igualmente velho, igualmente magro, mas soltava gargalhadas de desdém.

“Mata-me então, Voldemort, a morte será bem vinda! Mas a minha morte não te trará o que procuras... há tanta coisa que tu não entendes...”

Sentiu a fúria de Voldemort, mas quando Hermione gritou novamente, ignorou-a, regressando à cave e ao horror do seu próprio presente.

— Vão! — suplicou Harry a Luna e Dean. — Vão! Nós iremos em seguida, mas vão!

Agarraram os dedos estendidos do elfo. Ouviu-se outro estalido sonoro, e Dobby, Luna, Dean e Ollivander desapareceram.

— O que foi aquilo? — gritou Lucius Malfoy por cima das cabeças deles.

— Ouviram aquilo? Que barulho foi aquele na cave?

Harry e Ron entreolharam-se.

— Draco... não, chama o Wormtail! Obrigá-o a ir verificar!

Ouviram-se passos a atravessar a sala lá em cima, depois reinou o silêncio. Harry sabia que as pessoas na sala de visitas se tinham posto à escuta de mais ruídos vindos da cave.

— Vamos ter de tentar neutralizá-lo — murmurou a Ron. Não tinham alternativa: assim que alguém entrasse no espaço e desse pela ausência de três prisioneiros, estavam perdidos. — Deixa as luzes acesas — acrescentou Harry, e quando ouviram alguém descer as escadas do lado de fora da porta, coseram-se com a parede de ambos os lados.

— Afastem-se — ouviu-se a voz de Wormtail. — Afastem-se da porta. Vou entrar.

A porta escancarou-se. Durante uma fracção de segundo, Wormtail ficou a olhar para a cave aparentemente vazia, encandeado pela luz dos três sóis em miniatura que pairavam no meio do ar. Depois Harry e Ron caíram sobre ele. Ron agarrou-lhe o braço que segurava a varinha e levantou-o à bruta; Harry tapou-lhe a boca com a mão, abafando-lhe a voz. Lutaram em silêncio: a varinha de Wormtail lançou faíscas e a sua mão de prata fechou-se à volta da garganta de Harry.

— O que é, Wormtail? — gritou Lucius Malfoy lá de cima.

— Nada! — respondeu Ron, numa imitação razoável da voz asmática de Wormtail. — Está tudo bem!

Harry mal conseguia respirar.

— Vais-me matar? — perguntou, articulando a custo e tentando afastar os dedos de metal. — Depois de te ter salvado a vida? Estás em dívida para comigo, Wormtail!

Os dedos de prata afrouxaram a pressão. Harry não estava à espera e libertou-se, surpreendido, mantendo a mão sobre a boca de Wormtail. Viu os olhos pequenos e aquosos do homem, que faziam lembrar os de um rato, arregalarem-se de medo e surpresa: parecia tão chocado quanto Harry ante o que a sua mão fizera, ante o minúsculo impulso misericordioso que evidenciara, e continuou a lutar mais energicamente, como que para anular o efeito daquele momento de fraqueza.

— E vamos ficar-te com isto — cochichou Ron, tirando-lhe a varinha com a outra mão.

Sem varinha e impotente, as pupilas de Pettigrew dilataram-se de terror. Os seus olhos tinham-se deslocado do rosto de Harry para outra coisa. Os dedos de prata aproximavam-se inexoravelmente da sua própria garganta.

— Não...

Sem parar para pensar, Harry tentou puxar a mão para trás, mas não havia como sustê-la. A ferramenta de prata que Voldemort oferecera ao seu servo mais cobarde virara-se contra o próprio possuidor Desarmado e sem préstimo; Pettigrew colhia a recompensa da sua hesitação, do seu momento de piedade; estava a ser estrangulado diante dos olhos deles.

— Não!

Ron largara também Wormtail, e juntos, ele e Harry tentaram arrancar os dedos de metal que esmagavam a garganta de Wormtail, mas era escusado. Pettigrew começava a ficar roxo.

— *Relashio!* — disse Ron, apontando a varinha à mão de prata, só que não aconteceu nada; os joelhos de Pettigrew cederam, e em simultâneo, Hermione soltou um grito medonho lá em cima. Wormtail revirou os olhos no rosto arroxado, teve um último espasmo e imobilizou-se.

Harry e Ron entreolharam-se; depois, deixando o corpo de Wormtail no chão atrás de si, subiram as escadas a correr e voltaram ao corredor umbroso que dava acesso à sala de visitas. Avançaram cautelosamente, até chegarem à porta, que se encontrava entreaberta. Tinham agora uma boa visão de

Bellatrix a olhar para Griphook, que segurava a espada de Gryffindor nas suas mãos de dedos longos. Hermione estava estendida aos pés de Bellatrix.

— Então? — perguntou esta a Griphook. — É a espada verdadeira?

Harry aguardou, sustendo a respiração, tentando ignorar o ardor na cicatriz.

— Não — respondeu Griphook. — É uma imitação.

— Tens a certeza? — arfou Bellatrix. — A certeza absoluta?

— Sim — respondeu o goblin.

O alívio estampou-se no rosto dela, perdendo por completo a tensão.

— Ótimo — disse, e com um gesto fortuito da sua varinha, desferiu outro golpe fundo no rosto do goblin, que caiu aos seus pés, soltando um berro.

Empurrou-o para o lado com um pontapé. — E agora — anunciou, numa voz a transbordar de triunfo —, vamos chamar o Senhor das Trevas!

Arregaçou então a manga e tocou com o indicador na Marca Negra.

De imediato, a cicatriz de Harry deu a impressão de se ter aberto de novo.

O que o rodeava desapareceu: transformara-se em Voldemort, e o feiticeiro esquelético diante de si esboçava-lhe um sorriso desdentado; enfureceu-se ao sentir a convocação... avisara-os, dissera-lhes expressamente para só o convocarem se fosse Harry Potter. Se estivessem enganados...

“Mata-me, então!” pediu o velho. *“Não vencerás, não podes vencer! Aquela varinha nunca há-de ser tua...”*

E Voldemort deu largas à sua fúria: um jorro de luz verde encheu a cela da prisão e o velho corpo frágil foi levantado da sua cama dura, depois arremessado de novo, já sem vida, e Voldemort regressou à janela, controlando a custo a ira... eles sofreriam a sua vingança se não tivessem um bom motivo para o chamarem...

— E acho — disse a voz de Bellatrix —, que podemos livrar-nos da Sangue de Lama. Greyback, leva-a se quiseses.

— NÃOOOOOOOOOOO!

Ron irrompera pela sala; Bellatrix olhou à sua volta, em choque, e decidiu virar a sua varinha para ele...

— *Expelliarmus!* — atroou Ron, apontando a Bellatrix a varinha de Wormtail; a dela voou pelo ar e foi apanhada por Harry, que corraera atrás de Ron. Lucius, Narcissa, Draco e Greyback deram meia volta; Harry gritou: — *Atordoar!* — e Lucius Malfoy desfaleceu na lareira. Jactos de luz voaram das varinhas de Draco, Narcissa e Greyback; Harry atirou-se para o chão, rebolando para trás do sofá a fim de os evitar.

— PAREM OU ELA MORRE!

Arquejante, Harry espreitou pela esquina do sofá. Bellatrix amparava Hermione, que parecia desmaiada, e encostara o punhal de prata à garganta da rapariga.

— Larguem as vossa varinhas — proferiu entre dentes. — Larguem-nas, senão veremos mesmo quão imundo é o sangue dela!

Ron ficou rígido, agarrando a varinha de Wormtail. Harry endireitou-se, segurando ainda a de Bellatrix.

— Eu disse para as largarem! — guinchou, encostando mais a lâmina à garganta de Hermione; Harry viu aparecerem gotas de sangue.

— Está bem! — gritou, e colocou a varinha de Bellatrix no chão aos seus pés. Ron fez o mesmo com a de Wormtail e levantaram ambos as mãos à altura dos ombros.

— Ótimo! — comentou com uma expressão irónica. — Draco, vai apanhá-las! O Senhor das Trevas vem aí, Harry Potter! A tua morte aproxima-se!

Harry tinha consciência disso; a sua cicatriz rebentava de tanta dor, e conseguia sentir Voldemort a voar pelo céu, vindo de muito longe, sobre um mar escuro e revoltoso; não tardaria a aproximar-se o suficiente para Aparecer, e Harry não via qualquer saída.

— Bom — disse Bellatrix, baixinho, enquanto Draco regressava rapidamente com as varinhas —, Cissy, acho que devíamos voltar a amarrar estes pequenos heróis, enquanto o Greyback se encarrega da menina Sangue de Lama. Estou certa de que o Senhor das Trevas não se oporá a que fiques com a rapariga, Greyback, depois do que fizeste esta noite.

Aquando da última palavra, ouviu-se um rangido vindo lá de cima. Todos eles olharam a tempo de ver o lustre de cristal tremer; depois, com uma chiadeira e um sinistro tilintar, começou a cair. Bellatrix encontrava-se mesmo por debaixo dele; largando Hermione, atirou-se para o lado com um guincho. O lustre esmigalhou-se no chão, numa explosão de cristal e correntes, despenhando-se em cima de Hermione e do goblin, que continuava a agarrar a espada de Gryffindor. Estilhaços cintilantes de cristal voaram em todas as direcções: Draco dobrou-se todo, as mãos cobrindo o rosto ensanguentado.

Enquanto Ron corria a retirar Hermione dos destroços, Harry aproveitou a oportunidade; pulou por cima de uma poltrona e arrancou as três varinhas da mão de Draco, apontando-as todas a Greyback e gritando: — *Atordoar!* — O lobisomem foi levantado do chão pelo feitiço triplo, voou até ao tecto e depois estatelou-se no chão.

Enquanto Narcissa afastava Draco de mais perigos, Bellatrix pôs-se em pé de um salto, o cabelo a esvoaçar ao brandir o punhal de prata; mas Narcissa apontara a sua varinha na direcção da porta.

— Dobby! — exclamou, e até Bellatrix se imobilizou. — Tu! Foste *tu* quem fez cair o lustre...?

O minúsculo elfo entrou na sala em passo rápido, o dedo trémulo apontado à sua antiga ama.

— Não dever fazer mal a Harry Potter — proferiu num guincho.

— Mata-o, Cissy — bradou Bellatrix, mas ouviu-se outro sonoro estalido, e também a varinha de Narcissa voou pelo ar e aterrou do outro lado da sala.

— Seu macacóide nojento! — berrou Bellatrix. — Como te atreves a tirar a varinha a uma feiticeira, como te atreves a desafiar os teus amos?

— Dobby não ter amo — chiou o elfo. — Dobby ser um elfo livre, e Dobby

vir aqui para salvar Harry Potter e os amigos dele!

A cicatriz de Harry cegava-o de dor. Tinha a vaga sensação de que faltariam momentos, segundos apenas para Lord Voldemort aparecer.

— Ron, apanha... e VAMOS! — gritou, atirando-lhe uma das varinhas; depois baixou-se para puxar Griphook, que ficara debaixo do lustre. Içando o goblin, que gemia e continuava agarrado à espada, e colocando-o ao ombro, Harry pegou na mão de Dobby e rodopiou ali mesmo para Desaparecer.

Ao mergulhar na escuridão, captou uma última imagem da sala: as figuras pálidas e estáticas de Narcissa e Draco, a listra ruiva que era o cabelo de Ron, e uma mancha de prata a voar, quando o punhal de Bellatrix atravessou a sala até ao local onde ele Desaparecia...

A casa do Bill e da Fleur... A Casa das Conchas... A casa do Bill e da Fleur...

Aventurara-se no desconhecido; só lhe restava repetir o nome do destino e esperar que isso bastasse para o levar até lá. A dor na testa dilacerava-o e o peso do goblin esmagava-o; sentia a lâmina da espada de Gryffindor nas costas, a mão de Dobby a tremer na sua; perguntou-se se o elfo estaria a tentar assumir o controlo, a puxá-los na direcção certa e tentou, apertando os dedos, indicar que estava tudo bem consigo.

E depois embateram em terra sólida e sentiram o cheiro a maresia. Harry caiu de joelhos, libertou a mão de Dobby e procurou depositar Griphook delicadamente no solo.

— Estás bem? — inquiriu, quando o goblin se mexeu, mas Griphook limitou-se a soltar um lamento.

Harry olhou à sua volta no escuro. Parecia existir uma casinha ali perto sob o céu imenso e estrelado, e julgou distinguir movimento no exterior dela.

— Dobby, esta é a Casa das Conchas? — perguntou baixinho, agarrando as duas varinhas que trouxera da casa dos Malfoy, pronto para lutar se necessário fosse. — Viemos ter ao lugar certo? Dobby?

Olhou à sua volta. O pequeno elfo encontrava-se de pé a pouca distância dele.

— DOBBY!

O elfo oscilou ligeiramente, as estrelas reflectidas nos seus enormes olhos brilhantes. Simultaneamente, ele e Harry olharam para o cabo de prata do punhal que saía do peito arquejante do elfo.

— Dobby... não... ACUDAM! — berrou Harry na direcção da cabana, na direcção das pessoas que se moviam. — ACUDAM!

Não sabia, nem lhe interessava, se eram feiticeiros ou Muggles, amigos ou inimigos; só lhe importava a mancha escura que alastrava pelo peito de Dobby, e o facto de ele ter estendido os braços magritos para si com uma expressão de súplica. Harry agarrou-o e deitou-o de lado na erva fria.

— Dobby, não, não morras, não morras...

Os olhos do elfo procuraram-no, e os seus lábios tremeram com o esforço de formar palavras.

— Harry... Potter...

E depois, com um pequeno estremecimento, o elfo imobilizou-se por completo e os seus olhos transformavam-se em enormes globos vítreos salpicados de luz das estrelas que já não conseguiam ver.

XXIV

O FABRICANTE DE VARINHAS

Foi como mergulhar num velho pesadelo; por um instante, tornou a ajoelhar junto do corpo de Dumbledore, na base da torre mais alta de Hogwarts, só que, na realidade, olhava para um corpo minúsculo enrolado na erva, trespassado pelo punhal de prata de Bellatrix. A voz de Harry continuava a dizer “Dobby... Dobby...”, muito embora soubesse que o elfo fora para um sítio de onde ele não podia fazê-lo regressar.

Passado cerca de um minuto, apercebeu-se de que, afinal, tinham vindo ter ao local certo, pois ali estavam Bill e Fleur, Dean e Luna reunidos à sua volta, enquanto permanecia debruçado sobre o elfo.

— A Hermione? — perguntou de repente. — Onde é que ela está?

— O Ron levou-a para dentro — explicou Bill. — Ela vai ficar bem.

Harry voltou a olhar para Dobby. Estendeu uma mão e arrancou a lâmina afiada do corpo do elfo, de seguida despiu o casaco e cobriu Dobby com ele como se fosse um cobertor.

O mar batia nas rochas algures ali perto; Harry escutou-o um bocado enquanto os outros falavam, discutindo assuntos pelos quais não conseguia manifestar interesse, tomando decisões. Dean transportou Griphook, ferido, para dentro de casa, Fleur acompanhando-os apressada; Bill ia alvitando sobre a forma de enterrar o elfo. Harry concordava sem ter realmente consciência do que ele dizia. E, nesse entretanto, olhou para o corpo minúsculo, e a sua cicatriz picou e ardeu e, numa parte da sua mente, como se espreitasse pela extremidade errada de um comprido telescópio, viu Voldemort punir aqueles que tinham ficado na Mansão dos Malfoy. A sua raiva era medonha e, todavia, a dor de Harry pela perda de Dobby pareceu atenuá-la, a ponto de se tornar uma tempestade que o atingiu do outro lado de um imenso oceano silencioso.

— Quero fazê-lo como deve ser — foram as primeiras palavras que teve plena consciência de proferir. — Não através de magia. Tens uma pá?

E, pouco depois, metia mãos à obra, sozinho, abrindo a sepultura no local que Bill lhe indicara, ao fundo do jardim, entre os arbustos. Escavou com uma

espécie de fúria, satisfeito com o trabalho manual, grato por não envolver qualquer magia; cada gota de suor e cada bolha tinha o sabor de uma homenagem ao elfo que lhes salvara as vidas.

A cicatriz ardeu, mas dominou a dor; sentiu-a, mas alheou-se dela. Aprendera finalmente a controlar, aprendera a fechar a sua mente a Voldemort, precisamente aquilo que Dumbledore quisera que ele aprendesse com Snape. Assim como Voldemort não conseguira dominar Harry, enquanto este se consumia de dor por Sirius, também os seus pensamentos não conseguiam penetrá-lo naquele momento, enquanto chorava Dobby. Pelos vistos, a dor expulsava Voldemort... muito embora, como é evidente, Dumbledore tivesse afirmado ser o amor...

Harry continuou a cavar, mais e mais fundo, a terra dura e fria, transformando o seu pesar em suor, negando a dor na cicatriz. No escuro, unicamente com o som da sua própria respiração e o ímpeto do mar por companhia, recordou o que acontecera em casa dos Malfoy, vieram-lhe à mente o que ouvira, e a compreensão brotou no escuro.

O ritmo constante dos seus braços marcava o compasso dos seus pensamentos. Talismãs... Horcruxes... Talismãs... Horcruxes... deixara, porém, de sentir a ardência daquele desejo estranho e obsessivo. A perda e o medo tinham-no extinguido: parecia que o haviam esbofeteado para voltar a despertar.

Harry ia cavando cada vez mais a sepultura, e sabia onde estivera Voldemort naquela noite, e quem matara na cela cimeira de Nurmengard, e porquê...

E veio-lhe ao pensamento Wormtail, morto por causa de um pequeno impulso inconsciente de misericórdia... Dumbledore previra-o... o que mais soubera ele?

Perdeu a noção do tempo. Soube tão-somente que o escuro diminuirá um pouco quando Ron e Dean se lhe reuniram.

— Como está a Hermione?

— Melhor — redarguiu Ron. — A Fleur está a cuidar dela.

Harry tinha a resposta pronta para quando lhe perguntassem por que não se limitara a criar uma sepultura perfeita com a sua varinha, mas não foi necessária. Os amigos saltaram para a cova que abrira igualmente munidos de pás, e juntos trabalharam em silêncio até o buraco parecer suficientemente fundo.

Harry envolveu o melhor que pôde o elfo no seu casaco. Ron sentou-se na beira da sepultura e tirou os sapatos e as meias, que calçou nos pés nus do elfo. Dean arranjou um chapéu de lã que Harry enfiou cuidadosamente na cabeça de Dobby, cobrindo-lhe as orelhas que se assemelhavam às de um morcego.

— Devíamos fechar-lhe os olhos.

Harry não dera pela aproximação dos outros no escuro. Bill envergava uma capa de viagem; Fleur um grande avental branco, de cujo bolso saía uma

garrafa do que Harry reconheceu ser *Skele-Gro*. Hermione vinha embrulhada num roupão emprestado, pálida e com passos um pouco vacilantes; Ron pôs um braço à sua volta quando ela o alcançou. Luna, que se encolhia num dos casacos de Fleur, acocorou-se e colocou delicadamente os dedos nas pálpebras do elfo, fazendo-as descer sobre o seu olhar vítreo.

— Pronto — disse baixinho. — Agora parece estar a dormir.

Harry depositou o elfo na sepultura, compôs os minúsculos membros para que desse a impressão de estar a repousar, depois saiu de lá e olhou pela última vez o pequeno corpo. Fez um esforço para não se ir abaixo enquanto recordava o funeral de Dumbledore, e as filas e filas de cadeiras douradas, e o Ministro da Magia na primeira fila a enumerar as proezas de Dumbledore, a imponência do túmulo de mármore branco. Achou que Dobby merecia um funeral com igual grandiosidade, só que o elfo jazia ali entre os arbustos numa cova toscamente aberta.

— Penso que deveríamos dizer algumas palavras — alvitrou Luna. — Eu falo primeiro, pode ser?

E como todos a olhassem, dirigiu-se ao elfo morto no fundo da sepultura.

— MUITÍSSIMO obrigada, Dobby, por me salvares daquela cave. É tão injusto que tivesses de morrer, quando foste tão bom e tão valente. Nunca esquecerei o que fizeste por nós. Espero que agora estejas feliz.

Virou-se e olhou com expectativa para Ron, que pigarreou e disse em voz grossa: — Pois... obrigado, Dobby.

— Obrigado — murmurou Dean.

Harry engoliu em seco.

— Adeus, Dobby — referiu. Foi apenas o que conseguiu articular, mas Luna dissera tudo o que ele queria. Bill ergueu a sua varinha e a terra ao lado da sepultura elevou-se no ar e caiu suavemente sobre ela, formando um pequeno monte avermelhado.

— Importam-se que fique aqui um momento? — perguntou aos outros.

Murmuraram palavras que não percebeu; sentiu palmadas leves nas costas e depois seguiram todos em direcção à casa, deixando Harry sozinho à beira do elfo.

Olhou à sua volta: havia uma série de grandes pedras brancas, alisadas pelo mar, a delimitar os canteiros das flores. Pegou numa das maiores e colocou-a, como uma almofada, sobre o sítio onde repousaria naquele momento a cabeça de Dobby. Levou então a mão ao bolso para tirar uma varinha.

Estavam lá duas. Esquecera-se, perdera a noção; não se conseguia lembrar, presentemente, a quem pertenciam aquelas varinhas; tinha a vaga ideia de as haver arrancado da mão de alguém. Escolheu a mais curta das duas, que lhe pareceu mais agradável na mão, e apontou-a à rocha.

Lentamente, sob as suas instruções murmuradas, apareceram cortes profundos na superfície da rocha. Sabia que Hermione o teria feito com maior perfeição, e provavelmente maior rapidez, mas queria assinalar o local tal como quisera cavar a sepultura. Quando Harry se levantou, podia ler-se na

pedra:

Aqui jaz Dobby, um Elfo Livre.

Olhou mais alguns segundos para o seu trabalho, depois afastou-se, a cicatriz ainda a picar um pouco e a mente a transbordar do que lhe viera ao espírito enquanto cavava a sepultura, ideias que haviam ganho forma no escuro, ideias com tanto de fascinante quanto de terrível.

Encontravam-se todos sentados na sala de estar quando entrou no pequeno *hall*, a atenção focada em Bill, que falava. A sala era de uma cor clara e bonita, com um pequeno fogo de madeira dada à costa a arder intensamente na lareira. Harry não quis sujar a carpete de lama, de modo que permaneceu à porta, a escutar.

— ... felizmente a Ginny está de férias. Se ela estivesse em Hogwarts tê-la-iam apanhado antes de a encontrarmos. Agora sabemos que ela também está a salvo.

Virou-se e viu Harry ali especado.

— Tenho estado a tirá-los todos d'A Toca — explicou. — Mudei-os para casa da Muriel. Agora que os Devoradores da Morte sabem que o Ron está contigo, de certeza vão ter a família debaixo de olho... não peças desculpa — acrescentou, ao ver a expressão de Harry. — Sempre foi uma questão de tempo, o pai anda a dizê-lo há meses. Somos a maior família de traidores do sangue que existe.

— Como é que eles estão protegidos? — indagou Harry.

— Pelo Encantamento Fidelius. O pai é o Guardador Secreto. E também o aplicámos à casa; aqui, o Guardador Secreto sou eu. Nenhum de nós pode ir trabalhar, porém neste momento isso não é o mais importante. Assim que o Ollivander e o Griphook estiverem suficientemente recuperados, mudá-los-emos também para casa da Muriel. Aqui o espaço não é muito grande, mas na dela há bastante. A perna do Griphook está a sarar, a Fleur deulhe *Skele-Gro*: provavelmente poderemos mudá-los dentro de uma hora ou...

— Não — interveio Harry, e Bill sobressaltou-se. — Necessito de ambos aqui. Preciso de falar com eles. É importante.

Ouviu a autoridade na sua própria voz, a convicção, o sentido de finalidade que brotara nele enquanto cavava a sepultura de Dobby. Todos os rostos se viraram para ele, com ar perplexo.

— Vou-me lavar — disse Harry a Bill, olhando as suas mãos ainda cobertas de lama e do sangue de Dobby. — Depois vou precisar de falar com eles, de imediato.

Dirigiu-se à pequena cozinha, aproximou-se do lava-loiças por debaixo da janela virada para o mar. A aurora ia raiando sobre um horizonte de um delicado tom rosado com laivos dourados, enquanto se lavava, seguindo de novo a corrente de pensamento que lhe surgira na escuridão do jardim...

Dobby nunca chegaria a contar-lhes quem o enviara à cave. Mas Harry

sabia o que vira. Um olho azul penetrante que espreitara do fragmento de espelho, e depois a ajuda viera. *Em Hogwarts, será sempre dada ajuda àqueles que a pedirem.*

Enxugou as mãos, alheio à beleza da cena no exterior da janela e ao murmúrio dos outros na sala de estar. Olhou para lá do oceano e, naquela madrugada, sentiu-se mais próximo que nunca, mais próximo do centro de tudo.

A cicatriz continuava a arder, e soube que Voldemort estava também a chegar lá. Compreendeu e, por outro lado, não compreendia. O instinto dizia-lhe uma coisa, o seu cérebro, outra completamente diferente. O Dumbledore no espírito de Harry sorriu, observando-o por cima das pontas dos dedos, unidas, como se orasse.

O senhor deu o Apagador ao Ron. Compreendeu-o... deu-lhe uma forma de regressar...

E compreendeu também o Wormtail... sabia que existia ali um certo remorso, algures...

E se os conhecia... o que sabia a meu respeito, Dumbledore?

É suposto eu saber, mas não procurar? Não imaginava quão difícil isso seria para mim? Foi por isso que tornou isto tão difícil? Para que eu tivesse tempo de me aperceber?

Harry manteve-se imóvel, o olhar perdido, observando o ponto onde uma auréola dourada de sol ofuscante se erguia acima do horizonte. Olhou de seguida para as mãos lavadas, e surpreendeu-se momentaneamente ao ver o pano que segurava. Pousou-o e regressou ao *hall*, e quando o fez, sentiu a cicatriz pulsar intensamente, e surgiu na sua mente, rápido como o reflexo de uma libelinha sobre a água, o contorno de um edifício que conhecia extremamente bem.

Bill e Fleur encontravam-se ao fundo das escadas.

— Vou ter de falar com o Griphook e o Ollivander.

— Não — disse Fleur. — Vais ter de esperrar, ‘Arry. Elez eztão ambos doentes e canzados.

— Lamento — contrapôs com veemência —, mas isto não pode esperar. Preciso de falar com eles imediatamente. Em privado... e em separado. É urgente.

— Mas afinal o que se passa, Harry? — perguntou Bill. — Apareces aqui com um elfo doméstico morto e um goblin meio inconsciente, a Hermione parece ter sido torturada e o Ron acaba de se recusar a contar-me seja o que for...

— Não posso dizer o que vamos fazer — explicou Harry sem rodeios. — Pertences à Ordem, Bill, tu sabes que o Dumbledore nos confiou uma missão. Não podemos falar dela a mais ninguém.

Fleur emitiu um ruído de impaciência, mas Bill não olhou para ela; fitava Harry. Era difícil decifrar o seu rosto sulcado por cicatrizes profundas. Por fim, Bill concordou: — Está bem. Com quem queres falar primeiro?

Harry hesitou. Sabia o que dependia da sua decisão. Não restava praticamente tempo nenhum; aquele era o momento de decidir: Horcruxes ou Talismãs?

— Com o Griphook — referiu Harry. — Falarei primeiro com o Griphook.

O seu coração batia acelerado, como se tivesse andado a correr e acabado de vencer um obstáculo enorme.

— Lá em cima, nesse caso — disse Bill, seguindo na frente.

Harry subira vários degraus antes de parar e olhar para trás.

— Vou precisar também de vocês os dois — dirigiu-se a Ron e Hermione, que espreitavam, meio escondidos, à entrada da sala de estar.

Avançaram ambos para a luz, parecendo estranhamente aliviados.

— Como te sentes? — perguntou Harry a Hermione. — Foste extraordinária... inventares aquela história quando ela te estava a magoar daquela maneira.

Hermione esboçou um sorriso fraco, enquanto Ron lhe passava um braço pelos ombros.

— O que vamos fazer agora, Harry? — perguntou ele.

— Já vais ver. Venham daí.

Harry, Ron e Hermione seguiram Bill pelas escadas íngremes até um pequeno patamar. Havia ali três portas.

— Esta aqui — referiu Bill, abrindo a porta do seu quarto e de Fleur. Também dali se avistava o mar, agora salpicado de ouro com o sol nascente. Harry aproximou-se da janela, virou as costas à vista espectacular e aguardou, de braços cruzados, a cicatriz a arder. Hermione ocupou o cadeirão junto do tocador; Ron sentou-se no braço.

Bill reapareceu, trazendo o pequeno goblin, que depositou cuidadosamente em cima da cama. Griphook proferiu um agradecimento entre dentes e Bill saiu, fechando a porta.

— Lamento ter-te tirado da cama — disse Harry. — Como estão as tuas pernas?

— Doridas — replicou o goblin. — Mas a sarar.

Continuava agarrado à espada de Gryffindor, e assumira um ar estranho, semitruculento, semi-intrigado. Harry reparou na pele pálida do goblin, nos seus dedos compridos e magros, nos olhos pretos. Fleur descalçara-lhe os sapatos: os pés compridos estavam imundos. Era maior do que um elfo doméstico, mas não muito. A sua cabeça abaulada era consideravelmente maior que a de um humano.

— Provavelmente não te recordas... — começou Harry.

— ... que fui eu o goblin que te acompanhou ao teu cofre, da primeira vez que estiveste em Gringotts? — concluiu Griphook. — Recordo-me, Harry Potter. És famoso mesmo entre os goblins.

Harry e o goblin entreolharam-se, avaliando-se. A cicatriz de Harry continuava a incomodá-lo. Queria despachar rapidamente esta entrevista com Griphook e, ao mesmo tempo, receava dar um passo em falso. Enquanto

tentava decidir a melhor maneira de efectuar o seu pedido, o goblin quebrou o silêncio.

— Enterraste o elfo — afirmou, parecendo subitamente rancoroso. — Vi-te, da janela do quarto ao lado.

— Sim — confirmou Harry.

Griphook mirou-o pelo canto dos olhos pretos descaídos.

— És um feiticeiro invulgar, Harry Potter.

— Invulgar como? — indagou Harry, coçando distraidamente a cicatriz.

— Tu mesmo cavaste a sepultura.

— E daí?

Griphook não respondeu. Harry preferiu pensar que estava a ser gozado por agir como um Muggle, mas era-lhe indiferente se Griphook aprovava ou não a sepultura de Dobby. Preparou-se para o ataque.

— Griphook, preciso de te perguntar...

— Também salvaste um goblin.

— O quê?

— Trouxeste-me para aqui. Salvaste-me.

— Bem, só espero que não estejas arrependido — redarguiu Harry, com alguma impaciência.

— Não, Harry Potter — prosseguiu Griphook, e enrolou com um dedo a barba preta e rala do queixo —, mas és um feiticeiro muito estranho.

— Está bem — disse Harry. — Olha, preciso de ajuda, Griphook, e tu podes prestar-ma.

O goblin não deu mostras de encorajamento e continuou a olhar para Harry com ar carrancudo, como se nunca tivesse visto nada assim.

— Preciso de entrar num cofre de Gringotts.

Harry não quisera dizer aquilo de uma forma tão abrupta; as palavras saíram-lhe à força no momento em que a dor pulsou de novo na sua cicatriz em forma de raio, e viu novamente o contorno de Hogwarts. Fechou a mente com firmeza. Necessitava de falar com Griphook. Ron e Hermione olhavam para Harry como se ele tivesse enlouquecido.

— Harry... — disse Hermione, mas foi interrompida por Griphook.

— Entrar num cofre de Gringotts? — repetiu o goblin, fazendo um leve esgar ao ajeitar-se na cama. — É impossível.

— Não é, não — contradisse-o Ron. — Já foi feito.

— Pois foi — corroborou Harry. — No mesmo dia em que te conheci, Griphook. No meu aniversário, há sete anos.

— O cofre em questão estava vazio na altura — ripostou o goblin, e Harry percebeu que apesar de Griphook ter deixado Gringotts, ficara ofendido com a ideia de as suas defesas terem sido violadas. — A sua protecção era mínima.

— Bem, o cofre em que precisamos de entrar não se encontra vazio, e depreendo que a sua protecção seja bastante poderosa — referiu Harry. — Pertence aos Lestrange.

Viu Hermione e Ron trocarem olhares, admirados, mas haveria tempo para

explicações depois de Griphook ter dado a sua resposta.

— Não tens a menor hipótese — respondeu Griphook, sem rodeios. — A mínima hipótese. “*Se buscas, pois, no nosso chão o tesouro que pertence aos que dão...*”

— “*Podes achar, ladrão, cuidado mais que o tesouro, estás avisado...*” Eu sei, lembro-me — disse Harry. — Mas não estou a tentar ficar com nenhum tesouro para mim, não estou a tentar roubar nada para meu proveito pessoal. Acreditas?

O goblin olhou de esguelha para Harry, e a cicatriz em forma de raio na sua testa deu sinal, mas ele ignorou-a, recusando-se a admitir a dor ou o convite que lhe fazia.

— Se existisse um feiticeiro que de certeza não procurasse o lucro pessoal — respondeu finalmente Griphook —, serias tu, Harry Potter. — Os goblins e os elfos não estão acostumados à protecção, ou ao respeito, que demonstraste esta noite. Não da parte dos portadores de varinha.

— Dos portadores de varinha — repetiu Harry; a expressão soou estranha aos seus ouvidos, enquanto a cicatriz voltava a arder, enquanto Voldemort centrava os seus pensamentos no norte, e Harry ansiava por interrogar Ollivander, no quarto ao lado.

— O direito de andar munido de uma varinha — afirmou o goblin calmamente —, há muito que vem sendo disputado entre feiticeiros e goblins.

— Bem, os goblins podem fazer magia sem varinhas — referiu Ron.

— Isso é irrelevante! Os feiticeiros recusam-se a partilhar os segredos da sabedoria das varinhas com outros seres mágicos, negam-nos a possibilidade de aumentarmos os nossos poderes!

— Bem, os goblins também não partilham nenhuma da sua magia — interveio Ron. — Vocês não nos querem contar os segredos do fabrico de espadas e armaduras. Os goblins sabem trabalhar o metal de uma forma que os feiticeiros nunca...

— Isso não interessa — atalhou Harry, vendo a cor de Griphook intensificar-se. — Não estamos a comparar feiticeiros com goblins nem qualquer outro tipo de criatura mágica...

Griphook soltou uma gargalhada grosseira.

— Mas estamos, é precisamente isso! Enquanto o Senhor das Trevas se torna mais poderoso que nunca, a tua raça reforça o seu poder sobre a minha! Gringotts está sujeito ao controlo dos feiticeiros, os elfos domésticos são chacinados, e alguém entre os portadores de varinha protesta?

— Nós protestamos! — exclamou Hermione. Endireitara-se, os olhos brilhantes. — Nós protestamos. E sou quase tão perseguida quanto qualquer goblin ou elfo, Griphook! Sou uma Sangue de Lama!

— Não te rebaixes dessa maneira... — murmurou Ron.

— Por que não haveria de o fazer? — insurgiu-se Hermione. — Sou Sangue de Lama e com orgulho! Nesta nova ordem, não ocupo uma posição superior à tua, Griphook! Foi a mim que eles decidiram torturar, lá em casa

dos Malfoy!

Ao falar, afastou a gola do roupão e mostrou o golpe fino e escarlate que Bellatrix lhe fizera na garganta.

— Sabias que foi o Harry quem libertou o Dobby? — prosseguiu ela. — Sabias que há anos que queremos que os elfos sejam livres? — (Ron agitou-se desconfortavelmente no braço da cadeira de Hermione.) — Tu não queres, mais do que nós, ver o Quem-Nós-Sabemos derrotado, Griphook!

O goblin olhou para Hermione com a mesma curiosidade que mostrara em relação a Harry.

— O que procuras no cofre dos Lestrage? — indagou subitamente. — A espada que está lá dentro é falsa. Esta é a verdadeira. — Olhou de um para o outro. — Acho que vocês já o sabem. Pediram-me que mentisse.

— Mas a espada falsa não é a única coisa dentro daquele cofre, pois não? — inquiriu Harry. — Talvez tenhas visto os outros objectos que lá estão?

O seu coração batia mais acelerado que nunca. Redobrou os esforços para ignorar o pulsar da cicatriz.

O goblin voltou a enrolar a barba no dedo.

— O nosso código não permite que falemos dos segredos de Gringotts. Nós somos os guardiões de tesouros fabulosos. Temos uma obrigação para com os objectos guardados ao nosso cuidado, que foram tantas vezes forjados pelas nossas mãos.

O goblin acariciou a espada, e os seus olhos pretos percorreram Harry, Hermione, Ron, e depois voltaram ao primeiro.

— Tão jovem — disse finalmente —, para lutares contra tantos.

— Ajudas-nos? — perguntou Harry. — Não temos qualquer esperança de lá entrar sem a ajuda de um goblin. Tu és a nossa única esperança.

— Eu vou... pensar no assunto — respondeu Griphook exasperadamente.

— Mas... — começou Ron, furioso, enquanto Hermione o acotovelava nas costas.

— Obrigado — disse Harry.

O goblin curvou a sua cabeça grande e abaulada em reconhecimento, depois flectiu as pernas curtas.

— Acho — referiu, ajeitando-se pomposamente na cama de Bill e Fleur —, que o Skele-Gro terminou o seu efeito. Vou finalmente poder dormir. Desculpem-me...

— Sim, é claro — disse Harry, mas antes de sair do quarto, debruçou-se e tirou a espada de Gryffindor que se encontrava ao lado do goblin. Griphook não protestou, mas Harry julgou detectar ressentimento nos seus olhos quando fechou a porta ao sair.

— Minorca d'uma figa — rosnou Ron entre dentes. — Está a adorar deixar-nos na expectativa.

— Harry — murmurou Hermione, puxando ambos da porta para o meio do patamar ainda escuro —, estás realmente a dizer aquilo que penso? Estás a dizer que existe um Horcrux no cofre dos Lestrage?

— Sim — respondeu Harry. — A Bellatrix ficou aterrada só com a ideia de termos lá entrado, ficou fora de si. Porquê? O que julgou que poderíamos ter visto, o que mais pensou que teríamos tirado? Algo que a deixou petrificada com receio de que o Quem-Nós-Sabemos pudesse vir a ter conhecimento.

— Mas julguei que andássemos à procura de locais onde o Quem-Nós-Sabemos esteve, locais onde ele fez algo importante? — estranhou Ron, com ar desconcertado. — Ele entrou alguma vez no cofre dos Lestrage?

— Desconheço se ele alguma vez entrou em Gringotts — confessou Harry. — Nunca lá guardou ouro quando era mais novo, porque ninguém lhe deixou nada. No entanto, deve ter visto o banco do exterior, da primeira vez que foi a Diagon-Al.

A cicatriz de Harry latejou, mas ele ignorou-a; queria que Ron e Hermione compreendessem a importância de Gringotts antes de falarem com Ollivander.

— Cá para mim, ele invejaria qualquer um que tivesse uma chave de um cofre em Gringotts. Acho que o teria encarado como um símbolo de que pertencia verdadeiramente ao mundo da feitiçaria. E não te esqueças de que ele confiou na Bellatrix e no marido. Eles devem ter sido os seus servidores mais dedicados antes da sua queda, e foram procurá-lo depois de ter desaparecido. Ouvi-o afirmá-lo na noite em que voltou.

Harry coçou a cicatriz.

— Não me parece, porém, que ele tenha dito à Bellatrix que se tratava de um Horcrux. Nunca contou ao Lucius Malfoy a verdade sobre o diário. Provavelmente referiu que era um pertence muito valioso e pediu-lhe para o guardar no seu cofre. O lugar mais seguro no mundo para algo que queiramos esconder, disse-me o Hagrid... à exceção de Hogwarts.

Quando Harry terminou de falar, Ron abanou a cabeça.

— Tu compreende-lo bem.

— Em parte — respondeu Harry. — Em parte... só gostava de ter compreendido também o Dumbledore. Mas veremos. Venham... agora o Ollivander.

Ron e Hermione pareceram ter ficado perplexos, mas impressionados, seguindo-o pelo pequeno patamar; bateram à porta do quarto em frente ao de Bill e Fleur e obtiveram como resposta um fraco “Entre!”

O fabricante de varinhas encontrava-se deitado na cama mais afastada da janela. Estivera mais de um ano detido na cave, e fora torturado, Harry sabia-o, pelo menos numa ocasião. Tinha um ar emaciado, os ossos do rosto a sobressair pronunciadamente na tez amarelada. Os seus fabulosos olhos cinzentos pareciam enormes nas órbitas encovadas. As mãos que repousavam sobre o cobertor poderiam pertencer a um esqueleto. Harry sentou-se na outra cama, ao lado de Ron e Hermione. O sol nascente não se via dali. O quarto ficava virado para o jardim no cimo do penhasco e para a sepultura recentemente cavada.

— Mr. Ollivander, lamento incomodá-lo — principiou Harry.

— Meu caro rapaz. — A voz de Ollivander era fraca. — Salvou-nos.

Julguei que fôssemos morrer naquele lugar. Nunca lhe poderei agradecer... *nunca* lhe poderei agradecer... o suficiente.

— Ainda bem que conseguimos.

A cicatriz de Harry latejava. Sabia, tinha a certeza, de que quase não restava tempo nenhum para alcançar primeiro o objectivo de Voldemort, ou pelo menos, para tentar frustrá-lo. Sentiu um acesso de pânico... mas tomara aquela decisão quando decidira falar primeiro com Griphook. Aparentando uma calma que não sentia, remexeu na bolsa que usava ao pescoço e retirou as duas metades da sua varinha partida.

— Mr. Ollivander, necessito de ajuda.

— Tudo o que quiser — disse o fabricante de varinhas com voz fraca.

— Consegue repará-la? É possível?

Ollivander estendeu uma mão trémula e Harry colocou as duas metades quase desunidas na palma.

— Azevinho e pena de fénix — afirmou Ollivander, em voz trémula. — Vinte e oito centímetros. Bela e leve.

— Sim — disse Harry. — Consegue...?

— Não — murmurou Ollivander. — Lamento, muito mesmo, mas uma varinha que sofreu tamanho dano não pode ser reparada, pelo menos que eu saiba.

Harry preparara-se para aquela notícia, mas não deixava de ser um duro golpe. Pegou nas metades da varinha e tornou a guardá-las na bolsa. Ollivander cravou o olhar no local onde a varinha partida desaparecera, e só o desviou quando Harry tirou do bolso as duas varinhas que trouxera de casa dos Malfoy.

— É capaz de identificar estas? — sondou Harry.

O fabricante de varinhas pegou na primeira e aproximou-a dos olhos mortícios, fazendo-a rolar entre os dedos deformados, flectindo-a ligeiramente.

— Nogueira e tendão de coração de dragão — constatou. — Trinta e dois centímetros. Inflexível. Esta varinha pertenceu a Bellatrix Lestrange.

— E esta aqui?

Ollivander procedeu a idêntico exame.

— Espinheiro e pêlo de unicórnio. Precisamente vinte e cinco centímetros. Razoavelmente maleável. Esta era a varinha de Draco Malfoy.

— Era? — repetiu Harry. — Já não é dele?

— Talvez não. Se lha tirou...

— ... sim, tirei-lha...

— ... nesse caso, pode ser sua. Claro que é importante a maneira como a varinha foi obtida. Muito depende também da própria varinha. De um modo geral, porém, sempre que uma varinha é conquistada, a sua fidelidade muda.

Reinou o silêncio no quarto, à excepção do barulho distante das ondas a rebarbar.

— O senhor fala das varinhas como se elas possuíssem sentimentos — comentou Harry —, como se tivessem pensamento próprio.

— A varinha escolhe o feiticeiro — disse Ollivander. — Isso sempre ficou claro para nós, que estudamos a ciência das varinhas.

— No entanto, é possível uma pessoa usar uma varinha que não a escolheu? — inquiriu Harry.

— Claro que sim, um feiticeiro que se preze poderá canalizar a sua magia através de quase todos os instrumentos. Porém, os melhores resultados obtêm-se sempre que se verifica uma fortíssima afinidade entre feiticeiro e varinha. Estas ligações são complexas. Uma atracção inicial, e depois uma busca mútua de experiência, a varinha a aprender com o feiticeiro, este com a varinha.

O mar avançava e recuava num som pesaroso.

— Tirei esta varinha pela força ao Draco Malfoy — confessou Harry. — Posso usá-la com segurança?

— Penso que sim. A posse de uma varinha rege-se por leis subtis, no entanto e por norma, a varinha conquistada curvará a sua vontade à do seu novo dono.

— Assim sendo, posso usar esta? — inquiriu Ron, retirando do bolso a varinha de Wormtail e entregando-a a Ollivander.

— Castanheiro e tendão de coração de dragão. Vinte e três centímetros e meio. Frágil. Fui obrigado a fabricá-la, pouco depois do meu rapto, para Peter Pettigrew. Sim, o mais provável é ela fazer o que lhe manda, e fazê-lo melhor que outra varinha.

— E isto aplica-se a todas as varinhas, não aplica? — perguntou Harry.

— Creio que sim — replicou Ollivander, os seus olhos protuberantes cravados no rosto de Harry. — Faz perguntas profundas, Mr. Potter. A ciência das varinhas é um ramo complexo e misterioso da magia.

— Nesse caso, não é necessário matar o anterior dono para tomar posse de uma varinha? — quis saber Harry.

Ollivander engoliu em seco.

— Necessário? Não, eu não diria que seja necessário matar.

— Porém, existem lendas — disse Harry, e sentiu o seu ritmo cardíaco acelerar e a dor na cicatriz intensificar-se; tinha a certeza de que Voldemort decidira pôr em prática a sua ideia. — Lendas sobre uma varinha... ou varinhas... que passaram de mão em mão por via do assassinio.

Ollivander empalideceu. Na alvura da almofada, apresentava uma cor macilenta, e os seus olhos pareciam enormes, injectados de sangue e arregalados com o que se afigurava ser medo.

— Somente uma varinha, creio — sussurrou.

— E o Quem-Nós-Sabemos está interessado nela, não é verdade? — perguntou Harry.

— Eu... como? — articulou Ollivander, e lançou um olhar suplicante a Ron e Hermione. — Como é que tem conhecimento disto?

— Ele quis que lhe dissesse como vencer a ligação entre as nossas varinhas — explicou Harry.

Ollivander ficou apavorado.

— Ele torturou-me, tem de compreender! Com a Maldição Cruciatus, eu... eu não tive outra alternativa senão contar-lhe o que sabia, o que presumia!

— Eu entendo — Harry mostrou-se compreensivo. — O senhor falou-lhe dos núcleos gémeos? Disse que ele só tinha de pedir emprestada a varinha de outro feiticeiro?

Ollivander ficou horrorizado, paralisado, pelo alcance dos conhecimentos de Harry. Anuiu lentamente.

— Só que não resultou — prosseguiu Harry. — Mesmo assim, a minha conseguiu vencer a varinha emprestada. Sabe qual a razão?

Ollivander abanou lentamente a cabeça tal como se limitara a anuir.

— Eu... nunca ouvira falar de semelhante coisa. A sua varinha efectuou algo único naquela noite. A ligação dos núcleos gémeos é incrivelmente rara, todavia, o motivo pelo qual a sua varinha partiu ao meio a emprestada, é algo que ignoro...

— Estávamos a falar da outra varinha, aquela que muda de mãos por via do assassinio. Quando o Quem-Nós-Sabemos se apercebeu de que a minha varinha fizera algo de estranho, reapareceu e fez perguntas sobre aquela outra varinha, não fez?

— Como pode ter conhecimento disso?

Harry não respondeu.

— Sim, ele fez perguntas — sussurrou Ollivander. — Queria saber tudo o que eu lhe pudesse contar sobre a varinha também conhecida como o Pau da Morte, a Varinha do Destino ou a Varinha de Sabugueiro.

Harry olhou de soslaio para Hermione, que ficara estupefacta.

— O Senhor das Trevas — afirmou Ollivander, em tom abafado e assustado —, sempre se mostrara satisfeito com a varinha que lhe fabriquei... teixo e pena de fénix, trinta e um centímetros... até descobrir a ligação dos núcleos gémeos. Agora pretende outra varinha, mais poderosa, com o único intuito de conquistar a sua.

— Mas ele não tardará a saber, se não sabe já, que a minha se partiu e não tem reparação possível — afirmou Harry, desanimado.

— Não! — exclamou Hermione, parecendo assustada. — Ele não o pode saber, Harry, como poderia?

— Pelo Priori Incantatem — explicou Harry. — Deixámos a tua varinha e a de abrunheiro em casa dos Malfoy, Hermione. Se as examinarem como deve ser, obrigam-nas a recriar os feitiços lançados ultimamente, verão que a tua partiu a minha, verão que tentaste repará-la e não conseguiste, e aperceber-se-ão de que tenho estado a usar a de abrunheiro de então para cá.

A pouca cor que ela recuperara desde que haviam chegado escoara-se-lhe do rosto. Ron lançou um olhar reprovador a Harry e disse: — Não nos vamos preocupar com isso agora...

Mas Mr. Ollivander interveio.

— O Senhor das Trevas já não procura a Varinha de Sabugueiro

unicamente com o propósito de o destruir, Mr. Potter. Ele está decidido a possuí-la, porque acredita que o tornará verdadeiramente invulnerável.

— E tornará?

— O dono da Varinha de Sabugueiro receia sempre ser atacado — frisou Ollivander —, mas a ideia do Senhor das Trevas na posse do Pau da Morte é, tenho de o admitir... assombrosa.

De repente, Harry recordou as incertezas sentidas da primeira vez que se tinham encontrado, de quanto gostara de Ollivander. Mesmo naquele momento, tendo sido torturado e aprisionado por Voldemort, a ideia do feiticeiro das Trevas na posse desta varinha tanto se lhe afigurava fascinante como o enchia de repulsa.

— Nesse caso, o senhor... o senhor está realmente convencido de que essa varinha existe, Mr. Ollivander? — inquiriu Hermione.

— Oh sim — respondeu Ollivander. — Sim, é perfeitamente possível seguir o rasto da Varinha ao longo da história. Existem lacunas, como é evidente, e bem longas, períodos em que ela desaparece temporariamente de vista ou está escondida; mas volta sempre a parecer. Possui certas características que a identificam perante aqueles que dominam a ciência das varinhas. Há relatos escritos, alguns deles obscuros, que eu e outros fabricantes de varinhas nos empenhámos em estudar e que apresentam uma aura de autenticidade.

— Nesse caso, o senhor... não acha que possa ser uma história inventada, ou um mito? — perguntou Hermione, esperançada.

— Não — redarguiu Ollivander. — Não sei ao certo se *necessita* obrigatoriamente de passar pelo assassinio. A sua história é sangrenta, mas isso pode dever-se simplesmente ao facto de se tratar de um objecto muito cobiçado, e despertar paixões ardentes nos feiticeiros. É imensamente poderosa, perigosa nas mãos erradas, e um objecto de incrível fascínio para todos aqueles que estudam o poder das varinhas.

— Mr. Ollivander — disse Harry —, o senhor contou ao Quem-Nós-Sabemos que o Gregorovitch tinha a Varinha de Sabugueiro, não contou?

Ollivander empalideceu ainda mais, se tal era possível. Parecia espectral quando engoliu em seco.

— Mas como... como é que...?

— Não interessa como sei — retorquiu Harry, fechando por momentos os olhos quando a cicatriz ardeu e teve, por meros segundos, uma visão da rua principal em Hogsmeade, ainda escura, porque ficava muito mais para norte.

— Contou ao Quem-Nós-Sabemos que o Gregorovitch tinha a Varinha?

— Era um rumor — murmurou Ollivander. — Um rumor, há muitos, muitos anos, bem antes de o senhor ter nascido! Creio que foi o próprio Gregorovitch que o lançou. Percebe como seria excelente para o negócio espalhar que ele estava a estudar, e a duplicar, as qualidades da Varinha de Sabugueiro!

— Oh, percebo muito bem — afirmou Harry. Levantou-se. — Mr.

Ollivander, só mais uma coisa, e depois deixá-lo-emos descansar. O que sabe sobre os Talismãs da Morte?

— Os... os quê? — perguntou o fabricante de varinhas, com um ar absolutamente desorientado.

— Os Talismãs da Morte.

— Lamento, mas não sei do que está a falar. É algo relacionado com as varinhas?

Harry olhou para o rosto abatido e acreditou que Ollivander não estava a fingir. Não sabia mesmo dos Talismãs.

— Obrigado — disse Harry. — Muito obrigado. Agora vamos deixá-lo repousar um pouco.

Ollivander parecia abalado.

— Ele estava a torturar-me! — afligiu-se. — Com a Maldição Cruciatus... O senhor não imagina...

— Imagino — respondeu Harry. — Pode crer que imagino. Por favor, procure repousar. Estou-lhe grato por me ter contado tudo isto.

Desceu as escadas à frente de Ron e Hermione. Vislumbrou Bill, Fleur, Luna e Dean sentados à mesa na cozinha, chávenas de chá diante deles. Levantaram todos a cabeça quando Harry apareceu à porta, mas ele limitou-se a acenar-lhes e prosseguiu para o jardim, seguido de Ron e Hermione. O monte de terra avermelhada que cobria Dobby estava lá à frente e Harry encaminhou-se para ele, à medida que a dor na sua cabeça ganhava cada vez maior intensidade. Era naquele momento um esforço tremendo bloquear as visões que se lhe impunham pela força, mas sabia que teria de resistir só mais um pouco. Submeter-se-ia muito em breve, uma vez que precisava de saber se a sua teoria estava certa. Só tinha de fazer mais um breve esforço, a fim de poder explicar a Ron e Hermione.

— O Gregorovitch teve a Varinha de Sabugueiro, há muito, muito tempo — disse. — Vi o Quem-Nós-Sabemos tentar descobrir o paradeiro dele. Quando o localizou, constatou que o Gregorovitch já não estava na sua posse: fora-lhe roubada pelo Grindelwald. Não sei como este descobriu que o Gregorovitch a tinha... mas se o Gregorovitch foi suficientemente estúpido para espalhar o rumor, não deve ter sido assim tão difícil.

Voldemort encontrava-se aos portões de Hogwarts; Harry conseguia vê-lo ali espicado, e ver também o candeeiro a oscilar no alvorecer, aproximando-se cada vez mais.

— E o Grindelwald usou a Varinha de Sabugueiro para ganhar poder. E, no auge do seu poder, quando o Dumbledore soube que ele era o único capaz de o deter, bateu-se em duelo com o Grindelwald e venceu-o, acabando por ficar com a Varinha de Sabugueiro.

— O *Dumbledore* tinha a Varinha de Sabugueiro? — inquiriu Ron. — Mas, nesse caso... onde é que ela está agora?

— Em Hogwarts — respondeu Harry, esforçando-se por permanecer com eles no jardim no cimo do penhasco.

— Nesse caso, vamos imediatamente para lá! — instou Ron. — Harry, vamos lá buscá-la antes que ele o faça!

— É tarde de mais — revelou Harry. Foi mais forte do que ele, e agarrou a cabeça, tentando resistir. — Ele sabe onde ela está. Encontra-se lá neste momento.

— Harry! — interpelou-o Ron, furibundo. — Há quanto tempo tens conhecimento disto e por que temos estado a perder tempo? Por que falaste primeiro com o Griphook? Podíamos ter ido... ainda podemos ir...

— Não — contrapôs Harry, e caiu de joelhos na erva. — A Hermione tem razão. O Dumbledore não queria que eu ficasse com ela. Não queria que eu a tirasse. Queria que eu descobrisse os Horcruxes.

— É a Varinha invencível, Harry! — gemeu Ron.

— Eu não devo... devo sim descobrir os Horcruxes.

E de repente tudo ficou frio e escuro: o sol já quase não se via acima do horizonte, enquanto ele deslizava ao lado de Snape, subindo os terrenos em direcção ao lago.

— Em breve irei ter contigo ao castelo — disse, na sua voz forte e fria. — Agora deixa-me.

Snape fez uma vénia e voltou a subir o caminho, o manto preto a ondular atrás de si. Harry caminhava lentamente, aguardando que a figura de Snape desaparecesse. Não convinha nada que Snape ou, na verdade, qualquer outra pessoa, visse para onde ele ia. Mas não havia luzes acesas nas janelas do castelo, e podia ocultar-se... e num segundo lançara sobre si um Feitiço de Camuflar que o escondeu dos seus próprios olhos.

Continuou a caminhar, contornando a margem do lago, observando os contornos do adorado castelo, o seu primeiro reino, que lhe pertencia por direito...

E lá estava, junto ao lago, reflectido nas águas escuras. O túmulo de mármore branco, uma mácula desnecessária na paisagem familiar. Sentiu novamente aquele acesso de euforia controlada, aquela sensação inebriante de finalidade destrutiva. Ergueu a velha varinha de teixo: como era apropriado que este fosse o seu grande e derradeiro acto.

O túmulo abriu-se de alto a baixo. A figura amortalhada era tão alta e magra quanto o fora em vida. Ergueu novamente a varinha.

As mortalhas abriram-se e caíram. O rosto estava translúcido, pálido, chupado, contudo, preservado quase na íntegra. Tinham-lhe deixado ficar os óculos no nariz adunco: escarneceu, divertido. As mãos de Dumbledore estavam cruzadas sobre o peito, e ali estava, presa debaixo delas, sepultada com ele.

Imaginara o velho tolo que o mármore ou a morte protegeriam a varinha? Pensara que o Senhor das Trevas recearia violar o seu túmulo? Como uma aranha, a mão desceu subitamente e tirou a Varinha da posse de Dumbledore, e quando o fez, saltou da sua ponta uma chuva de faíscas, que caíram sobre o corpo do seu último dono. Estava finalmente pronta a servir um novo amo.

XXV

A CASA DAS CONCHAS

A casa de Bill e Fleur ficava isolada num penhasco sobranceiro ao mar, as paredes caiadas e decoradas com conchas. Era um local solitário e belo. Onde quer que Harry se encontrasse, no interior ou no jardim, ouvia o fluxo e refluxo constantes do mar, como o respirar de uma enorme criatura adormecida. Passou grande parte dos dias seguintes a arranjar pretextos para evitar a casa apinhada, ansiando pela vista do céu aberto e do imenso mar vazio, e a sensação do vento frio carregado de sal no rosto.

Ainda se sentia assustado pela enormidade da decisão de não disputar a posse da Varinha com Voldemort. Não conseguia lembrar-se de nenhuma ocasião anterior em que tivesse decidido *não* agir e estava cheio de dúvidas, dúvidas essas que Ron não conseguia deixar de expressar sempre que estavam juntos:

— E se o Dumbledore queria que descobríssemos o símbolo a tempo de obtermos a Varinha? E se a descoberta do significado do símbolo te tornasse ‘digno’ de ficar com os Talismãs? Harry, e se aquela for realmente a Varinha de Sabugueiro, como raio é suposto neutralizarmos o Quem-Nós-Sabemos?

Harry não tinha respostas; havia ocasiões em que se perguntava se fora pura loucura não tentar impedir Voldemort de abrir o túmulo. Não conseguia sequer explicar de forma satisfatória por que razão decidira não o fazer: sempre que tentava reconstruir os argumentos que o haviam levado àquela decisão, eles afiguravam-se-lhe cada vez mais fracos.

Curiosamente, porém, o apoio de Hermione deixava-o tão confuso quanto as dúvidas de Ron. Obrigada agora a aceitar que a Varinha de Sabugueiro existia mesmo, ela insistia em como se tratava de um objecto maléfico, afirmando que a forma como Voldemort se apoderara dela era repugnante e indigna de ser considerada.

— Tu terias sido incapaz de o fazer, Harry — dissera-lhe repetidas vezes.
— Não terias forçado a sepultura do Dumbledore.

Todavia, a ideia do corpo de Dumbledore assustava Harry muito menos que a possibilidade de ter interpretado mal as intenções dele em vida. Continuava

às apalpadelas; escolhera o seu caminho, mas olhava constantemente para trás, perguntando-se se percebera mal os sinais, se não deveria ter optado pela outra alternativa. De tempos a tempos, a raiva que sentia por Dumbledore voltava a acometê-lo, poderosa como as ondas que rebentavam no penhasco por debaixo da casa, raiva por Dumbledore não lhe ter explicado antes de morrer.

— Mas ele *está* mesmo morto? — indagou Ron, três dias depois da sua chegada. Harry estivera a olhar para lá do muro que separava o jardim do penhasco, quando Ron e Hermione o haviam encontrado; desejou que não o tivessem feito, não sentindo a menor vontade de se envolver naquela discussão.

— Está, sim, Ron, *por favor* não recomeces!

— Encara os factos, Hermione — disse Ron, falando para lá de Harry, que continuava a fitar o horizonte. — A corça prateada. A espada. O olho que o Harry viu no espelho ...

— O Harry admite que o olho pode ter sido imaginação! Não admites, Harry?

— É possível que sim — respondeu Harry, sem a encarar.

— Mas não estás convencido disso, pois não? — insistiu Ron.

— Não estou, não — admitiu Harry.

— Estás a ver! — insistiu logo Ron, antes que Hermione pudesse prosseguir. — Se não foi o Dumbledore, explica-me como é que o Dobby sabia que nós estávamos na cave, Hermione?

— Não sei... mas conseguirás explicar-me como foi que o Dumbledore o enviou até nós se jaz num túmulo em Hogwarts?

— Não sei, podia ter sido o fantasma dele!

— O Dumbledore não voltaria sob a forma de fantasma — afirmou Harry. Naquele momento, tinha muito poucas certezas a respeito de Dumbledore, mas isso sabia. — Ele teria seguido em frente.

— O que queres dizer com isso? — inquiriu Ron, mas, antes que Harry tivesse tempo de adiantar mais, uma voz atrás deles chamou: — 'Arry?

Fleur saíra de casa, o cabelo comprido cor de prata a esvoaçar com a brisa.

— 'Arry, o Grip'ook gostaria de falarr contigo. Ele eztá no quarrrtô mais pequeno, e diz que não querr serr escutado.

Era manifesto o seu desagrado por ter de levar recados, e ao voltar para trás parecia irritada.

Griphook aguardava-os, tal como Fleur dissera, no mais pequeno dos três quartos da casa, que Hermione e Luna ocupavam à noite. Correram as cortinas de algodão vermelho em virtude de o brilho do céu nublado lhe ferir a vista, conferindo ao quarto uma tonalidade ígnea que destoava do resto da casinha leve e clara.

— Já tomei a minha decisão, Harry Potter —, anunciou o goblin, que estava sentado de pernas cruzadas numa cadeira baixa, tamborilando nos braços com os seus longos dedos. — Apesar de os goblins de Gringotts o considerarem

uma traição vil, resolvi ajudar-te.

— Isso é fantástico! — exclamou Harry, sentindo uma onda de alívio. — Griphook, obrigado, estamos imensamente...

— ...em troca — prosseguiu o goblin, com firmeza —, de uma paga.

Ligeiramente apanhado de surpresa, Harry hesitou.

— Quanto é que queres? Posso dar-te ouro.

— Ouro não — disse Griphook. — Eu tenho ouro.

Os seus olhos pretos sem córnea brilharam.

— Quero a espada. A espada de Godric Gryffindor.

Harry não podia ter ficado mais esmorecido.

— Não podes ficar com ela — protestou. — Lamento.

— Então — referiu o goblin em voz baixa —, temos um problema.

— Podemos dar-te qualquer outra coisa — interveio Ron, cheio de ansiedade. — Aposto que os Lestrage têm carradas de coisas, poderás levar o que quiseses assim que entrarmos no cofre.

Escolhera as palavras erradas. Griphook ruborizou-se de fúria.

— Eu não sou nenhum ladrão, rapaz! Não estou a tentar apoderar-me de tesouros a que não tenho direito!

— A espada é nossa...

— Não é — contrapôs o goblin.

— Nós somos Gryffindor, e ela pertencia a Godric Gryffindor...

— E antes de ser de Gryffindor, de quem era? — quis saber o goblin, empertigando-se.

— De ninguém — referiu Ron —, foi feita para ele, não foi?

— Não! — insurgiu-se o goblin, eriçando-se de raiva ao mesmo tempo que apontava um dedo comprido a Ron. — Lá está outra vez a arrogância dos feiticeiros! Aquela espada era de Ragnuk I, tendo-lhe sido tirada por Godric Gryffindor! É um tesouro perdido, uma obra-prima saída das mãos dos goblins! Pertence-nos! A espada é o preço do meu serviço, é pegar ou largar!

Griphook fitou-os com ar ameaçador. Harry trocou um olhar com os outros e depois informou: — Precisamos de discutir o assunto, Griphook, se fosse possível. Importas-te de nos conceder alguns minutos?

O goblin anuiu, carrancudo.

Descendo à sala de estar vazia, Harry aproximou-se da lareira, de testa franzida, tentando pensar no que fazer. Nas suas costas, Ron disse: — Ele está a aproveitar-se. Não podemos deixá-lo ficar com aquela espada.

— É verdade? — perguntou Harry a Hermione. — A espada foi roubada por Gryffindor?

— Não sei — respondeu, atrapalhada. — A história da feitiçaria omite com frequência o que os feiticeiros fizeram a outras raças mágicas, mas não tenho conhecimento de nenhuma referência a que Gryffindor tivesse roubado a espada.

— Deve ser uma daquelas histórias dos goblins — alvitrou Ron —, em que os feiticeiros estão sempre a tentar levar a melhor sobre eles. Acho que

deveríamos ficar satisfeitos por ele não ter pedido uma das nossas varinhas.

— Os goblins têm bons motivos para detestar os feiticeiros, Ron — lembrou-lhe Hermione. — Foram brutalmente tratados no passado.

— No entanto, não são propriamente coelhos fofinhos, pois não? — inquiriu Ron. — Mataram muitos de nós. Também jogaram sujo.

— Mas discutir com o Griphook sobre qual das raças é mais dissimulada e violenta não aumentará as probabilidades de ele nos ajudar, pois não?

Seguiu-se uma pausa, enquanto tentavam pensar numa maneira de contornar o problema. Harry olhou pela janela para a sepultura de Dobby. Luna colocava lavanda-do-mar num frasco de compota ao lado da lápide.

— Está bem — concordou Ron, e Harry virou-se para ele. — E que tal isto? Dizemos ao Griphook que precisamos da espada até entrarmos no cofre, e que depois pode ficar com ela. Existe lá uma falsa, não existe? Podemos trocá-las e entregar-lhe a falsa.

— Ron, ele notaria a diferença melhor que nós — afirmou Hermione. — Foi o único a aperceber-se de que houvera uma troca!

— Pois, mas podíamos pisgar-nos antes que ele se apercebesse...

Encolheu-se todo ante o olhar que Hermione lhe lançava.

— Isso — disse ela muito calmamente —, é ignóbil. Pedir-lhe ajuda, e depois traí-lo? E ainda estranhas que os goblins não gostem dos feiticeiros, Ron?

As orelhas de Ron tinham ficado vermelhas.

— Pronto, pronto! Foi a única coisa que me ocorreu. Que solução propões, então?

— Precisamos de lhe oferecer algo mais, algo de igual valor.

— Brilhante. Vou buscar uma das nossas outras espadas fabricadas por goblins e tu fazes um embrulho de oferta.

O silêncio instalou-se de novo entre ambos. Harry tinha a certeza de que o goblin não aceitaria mais nada senão a espada, ainda que tivessem algo igualmente valioso para lhe oferecer. Contudo, a espada era uma arma indispensável contra os Horcruxes.

Fechou os olhos por um momento e escutou o bramido do mar. Desagradava-lhe a ideia de Gryffindor poder ter roubado a espada; sempre se orgulhara de ser um Gryffindor; este fora o paladino dos feiticeiros de origem Muggle, o feiticeiro que fizera frente a Slytherin e ao seu amor pelos puros-sangues...

— Talvez ele esteja a mentir — alvitrou Harry, voltando a abrir os olhos. — O Griphook. Talvez Gryffindor não roubasse a espada. Como podemos saber que a versão da história do goblin está correcta?

— E faz alguma diferença? — inquiriu Hermione.

— Muda a minha opinião — retrucou Harry.

Respirou fundo.

— Vamos dizer-lhe que pode ficar com a espada depois de nos ter ajudado a entrar naquele cofre... mas temos de evitar indicar-lhe exactamente *em que*

altura poderá ficar com ela.

Estampou-se um sorriso rasgado no rosto de Ron. Hermione, porém, pareceu ficar alarmada.

— Harry, não é justo...

— Poderá ficar com ela — prosseguiu Harry —, depois de a termos usado em todos os Horcruxes. Certificar-me-ei de que a recebe nessa altura.

Cumprirei o prometido!

— Mas isso pode levar anos! — exclamou Hermione.

— Eu sei, só que *ele* não precisa de o saber. Não estarei a mentir... por assim dizer.

O olhar de Harry cruzou-se com o dela, um misto de desafio e vergonha. Recordou as palavras gravadas por cima do portão de entrada de Nurmengard: *Para o Bem Maior*. Afastou a ideia. Tinham outra alternativa?

— Não me agrada — confessou Hermione.

— Nem a mim, nada mesmo — admitiu Harry.

— Bem, pois eu acho genial — manifestou-se Ron, levantando-se de novo.

— Vamos contar-lhe.

De volta ao pequeno quarto, Harry apresentou-lhe a proposta, tendo o cuidado de a formular de modo a não indicar qualquer momento concreto para a entrega da espada. Hermione olhava carrancuda para o chão enquanto ele falava, e sentiu-se irritado com a atitude dela, temendo que pudesse denunciar o estratagema. No entanto, Griphook não tinha olhos para mais ninguém senão Harry.

— Tenho a tua palavra, Harry Potter, em como me entregará a espada de Gryffindor se eu te ajudar?

— Sim — respondeu Harry.

— Então aperta — disse o goblin, estendendo-lhe a mão.

Harry assim fez. Sentiu curiosidade em saber se aqueles olhos pretos viam algum apreensão nos seus. Depois Griphook largou-o, bateu as palmas e disse: — Muito bem. Vamos começar!

Foi o mesmo que voltar a planear o assalto ao Ministério. Iniciaram os preparativos no quarto mais pequeno, que era mantido na penumbra, respeitando a preferência de Griphook.

— Estive apenas uma vez no cofre dos Lestrange — contou-lhes Griphook —, quando me mandaram lá colocar a espada falsa. É uma das câmaras mais antigas. As famílias de feiticeiros mais antigas guardam os seus tesouros no nível mais profundo, onde os cofres são maiores e estão mais bem protegidos.

Permaneceram horas a fio fechados no minúsculo quarto que mais parecia um armário. Lentamente, os dias transformaram-se em semanas. Era necessário resolver problema atrás de problema, sendo um dos piores o facto de a reserva de Poção Polissuco estar quase esgotada.

— Na realidade, só resta o suficiente para um de nós — referiu Hermione, verificando a Poção espessa como lama à luz do candeeiro.

— Será suficiente — redarguiu Harry, que examinava o mapa dos túneis

mais profundos traçado à mão por Griphook.

Era impossível os outros habitantes da Casa das Conchas não se aperceberem de que se passava algo, agora que Harry, Ron e Hermione só apareciam à hora das refeições. Ninguém fez perguntas, apesar de Harry sentir amiúde que Bill os olhava à mesa, muito sério e preocupado.

Quanto mais tempo passavam juntos, mais Harry se apercebia de que não gostava muito do goblin. Griphook mostrou-se inesperadamente sanguinário, riu-se da ideia de infligir dor a criaturas inferiores e pareceu deliciar-se com a possibilidade de terem de ferir outros feiticeiros para alcançarem o cofre dos Lestrange. Harry sabia que a sua aversão era partilhada pelos seus dois companheiros, só que não a exteriorizavam: necessitavam de Griphook.

O goblin comia com os restantes, contrafeito. Mesmo depois de saradas as pernas, continuava a pedir que lhe levassem tabuleiros com comida ao quarto, como faziam com Ollivander, ainda fraco, até que Bill (na sequência de uma explosão de Fleur) foi lá acima dizer-lhe que a situação não podia continuar. A partir daí, Griphook fazia-lhes companhia à mesa, apesar de se recusar a comer os mesmos alimentos que eles, preferindo pedaços de carne crua, raízes e cogumelos variados.

Harry sentia-se responsável; afinal, fora ele que insistira para que o goblin permanecesse na Casa das Conchas a fim de poder interrogá-lo; por sua culpa é que toda a família Weasley se vira obrigada a esconder-se e que Bill, Fred, George e Mr. Weasley tinham deixado de poder trabalhar.

— Lamento imenso — disse a Fleur, num final de tarde ventosa de Abril, enquanto a ajudava a preparar o jantar. — Não queria nada que passassem por tudo isto.

Fleur acabara de pôr umas facas a trabalhar, cortando bifes para Griphook e Bill, que passara a preferir a carne em sangue desde que fora atacado por Greyback. Enquanto as facas continuavam a cortar, a expressão algo irritada dela suavizou-se.

— ‘Arry, salvazte a vida da minha irmã, não o esquecerrei.

Até nem era bem verdade, mas Harry decidiu não lhe recordar que Gabrielle nunca corraera verdadeiramente perigo.

— De qualquer forma — prosseguiu Fleur, apontando a varinha a uma panela de molho no fogão, que começou imediatamente a borbulhar. — Mr. Ollivander parrrte parrra caza da Muriel esta noite. Azim ficarrá tudo maiz fácil. O goblin — carregou um pouco o cenho ao mencioná-lo —, pode mudarr-se cá parrra baixo e tu, o Ron e o Dean ficam naquele quarrtô.

— Nós não nos importamos de dormir na sala de estar — afirmou Harry, sabendo que Griphook não veria com bons olhos ter de dormir no sofá; era essencial para os seus planos mantê-lo satisfeito. — Não te preocupes connosco. — E, quando ela tentou protestar, ele prosseguiu. — Em breve vos iremos deixar também, o Ron, a Hermione e eu. Não necessitaremos de aqui ficar muito mais tempo.

— Maz como azim? — perguntou ela, lançando-lhe um olhar carrancudo, a

varinha que apontava para o preparado na caçarola agora suspensa no ar. — Claro que não vão parrrtir, eztão em zegurrança aqui!

Parecia mesmo Mrs. Weasley a falar, e Harry alegrou-se com o facto de a porta das traseiras se abrir naquele momento. Luna e Dean entraram, o cabelo molhado da chuva e os braços cheios de lenha.

— ... e orelhinhas minúsculas — dizia Luna —, parecidas com as de um hipopótamo, só que roxas e peludas, diz o papá. E se os quiseres chamar, terás de cantarolar; eles preferem uma valsa, não demasiado rápida...

Parecendo constrangido, Dean encolheu os ombros a Harry quando passou, seguindo Luna até à sala comum, onde Ron e Hermione punham a mesa para o jantar. Aproveitando a oportunidade para se furtar às perguntas de Fleur, Harry pegou em dois jarros de sumo de abóbora e seguiu-os.

— ...e se alguma vez vieres a nossa casa, poderei mostrar-te o chifre, o papá escreveu-me a falar dele mas ainda não o vi, porque os Devoradores da Morte me tiraram do Expresso de Hogwarts e não cheguei a ir passar o Natal a casa — dizia Luna, enquanto alimentava a lareira na companhia de Dean.

— Luna, nós já te dissemos — dirigiu-se-lhe Hermione. — Aquele chifre explodiu. Era de um Erumpent, não de um Snorkack de Chifres Amarrotados...

— Não, era sem dúvida um chifre de Snorkack — insistiu Luna serenamente. — O papá disse-me. Provavelmente já estará reconstruído, eles concertam-se, sabes.

Hermione abanou a cabeça e continuou a colocar os garfos quando Bill apareceu, trazendo Mr. Ollivander, que parecia ainda excepcionalmente frágil, e se agarrara ao braço de Bill enquanto este o amparava, carregando uma grande mala de viagem.

— Vou ter saudades suas, Mr. Ollivander — referiu Luna, aproximando-se do velhote.

— E eu de ti, minha querida — afirmou Ollivander, batendo-lhe ao de leve no ombro. — Foste para mim um consolo inexprimível naquele lugar terrível.

— Enton, *au revoir*, Mr. Ollivander — disse Fleur, beijando-o em ambas as faces. — E pergunto-me se me faria o favorr de levarr um embrulho à Muriel, a tia do Bill? Nunca lhe cheguei a devolverr a tiarra.

— Terei o maior prazer — respondeu Ollivander, com uma pequena vénia —, é o mínimo que posso fazer para retribuir a vossa generosa hospitalidade.

Fleur exibiu um estojo de veludo puído, que abriu para mostrar ao fabricante de varinhas. A tiara reluziu e cintilou à luz do candeeiro baixo.

— Selenites e brilhantes — comentou Griphook, que entrara sorrateiramente na sala sem que Harry se apercebesse. — Fabricada por goblins, creio?

— E paga por feiticeiros — afirmou Bill calmamente, e o goblin deitou-lhe um olhar simultaneamente furtivo e de desafio.

Fortes rajadas de vento sacudiam as janelas da casa quando Bill e Ollivander se embrenharam na noite. Os restantes apertaram-se à volta da

mesa; cotovelo com cotovelo e mal tendo espaço para se mexerem, começaram a comer. O fogo crepitava e estalava na lareira ao lado deles. Harry apercebeu-se de que Fleur se limitava a brincar com a comida, olhando constantemente para a janela; no entanto, Bill regressou antes de terem terminado o primeiro prato, o cabelo comprido despenteado pelo vento.

— Está tudo bem — dirigiu-se a Fleur. — O Ollivander ficou instalado, a mãe e o pai mandam-te beijinhos e a Ginny diz que gosta muito de ti. O Fred e o George estão a deixar a Muriel irritadíssima, pois continuam com o negócio de encomendas por coruja a partir do quarto das traseiras. No entanto, ficou animada por receber de novo a tiara. Disse que julgava que a tínhamos roubado.

— Ah, como a tua tia é *charmante*! — comentou Fleur, furiosa, brandindo a varinha e fazendo com que os pratos sujos se erguessem e formassem uma pilha em pleno ar. Apanhou-os e saiu da sala decididamente.

— O papá fez uma tiara — explicou Luna. — Bem, é mais uma coroa, na realidade.

Ron captou o olhar de Harry e sorriu; Harry sabia que se estava a recordar do ridículo toucado que tinham visto aquando da sua visita a Xenophilius.

— Sim, ele está a tentar recriar o diadema perdido de Ravenclaw. Julga ter já identificado a maior parte dos elementos. O acréscimo das asas de Billywig fez toda a diferença...

Ouviu-se uma pancada na porta da frente e todas as cabeças se viraram para lá. Fleur saiu a correr da cozinha, com ar assustado; Bill pôs-se em pé de um salto, a varinha apontada à porta; Harry, Ron e Hermione fizeram o mesmo. Silenciosamente, Griphook escondeu-se debaixo da mesa.

— Quem é? — perguntou Bill.

— Sou eu, o Remus John Lupin! — gritou uma voz acima do uivar do vento. Harry sentiu um arrepio de medo; o que teria acontecido? — Sou um lobisomem, casado com Nymphadora Tonks, e tu, o Guardador Secreto da Casa das Conchas, deste-me a morada e disseste que aparecesse se fosse urgente!

— Lupin — murmurou Bill, e correu para a porta, escancarando-a.

Lupin entrou de rompante. Vinha lívido, embrulhado numa capa de viagem, o cabelo grisalho em desalinho. Endireitou-se, olhou à volta da sala, certificando-se de quem lá estava, e depois anunciou sonoramente: — É um rapaz! Vamos chamar-lhe Ted, que é o nome do pai da Dora!

Hermione soltou um gritinho.

— O quê...? A Tonks já teve o bebé?

— Sim, sim, ela já teve o bebé! — bradou Lupin. Ouviram-se a toda a volta da mesa exclamações de satisfação e suspiros de alívio: Hermione e Fleur disseram ambas «Parabéns!» em tom esganiçado, e Ron exclamou, «Caramba, um bebé!» como se nunca antes tivesse ouvido falar de tal.

— Sim... sim... é um rapaz — repetiu Lupin, que parecia atarantado com a sua própria felicidade. Contornou a mesa e abraçou Harry; a cena na cave de

Grimmauld Place podia perfeitamente nunca ter acontecido.

— Vais ser o padrinho, não vais? — perguntou, soltando Harry.

— Eu? — balbuciou Harry.

— Sim, tu, claro ... a Dora está plenamente de acordo, ninguém melhor...

— Eu... pois... co' a breca...

Harry sentiu-se aflito, atónito e encantado. Bill correu então a buscar vinho e Fleur convenceu Lupin a acompanhá-los numa bebida.

— Não me posso demorar muito, preciso de voltar — anunciou Lupin, sorrindo a todos: Harry achou que ele parecia ter rejuvenescido vários anos.

— Obrigado, obrigado, Bill.

Bill não tardou a encher todos os copos; levantaram-se e ergueram-nos num brinde.

— Ao Teddy Remus Lupin! — saudou Lupin —, que há-de ser um grande feiticeiro!

— Com quem é qu' ele ze parece? — inquiriu Fleur.

— Eu penso que se parece com a Dora, mas ela acha que é comigo. Tem pouco cabelo. Parecia preto quando nasceu, mas era capaz de jurar que uma hora depois ficou ruivo. Provavelmente quando eu regressar estará louro. A Andromeda diz que o cabelo da Tonks começou a mudar de cor no dia em que ela nasceu. — Esvaziou o copo. — Oh, uma vez não são vezes, só mais este — acrescentou, sorrindo, quando Bill fez menção de lho voltar a encher.

O vento fustigava a pequena casa e o fogo crepitava, e Bill não tardou a abrir outra garrafa de vinho. A notícia de Lupin parecia tê-los feito esquecer os seus problemas, em especial a sensação de viverem sitiados: o anúncio de uma nova vida era animador. Apenas o goblin se mostrava indiferente à súbita atmosfera festiva e, passado um bocado, voltou para o quarto que ocupava agora sozinho. Harry julgou ter sido o único a aperceber-se disso, até ver o olhar de Bill seguir o goblin que subia as escadas.

— Não... não... tenho mesmo de voltar — disse por fim Lupin, declinando mais um copo de vinho. Pôs-se em pé e envolveu-se na sua capa de viagem.

— Adeus, adeus... tentarei trazer algumas fotografias dentro de uns dias... vão ficar todos tão contentes por saberem que vos vi...

Fechou a capa e efectuou as despedidas, abraçando as mulheres e apertando as mãos aos homens; depois, ainda sorridente, regressou à noite agreste.

— Vais ser padrinho, Harry! — exclamou Bill, quando se dirigiram juntos para a cozinha, ajudando a levantar a mesa. — Uma verdadeira honra! Parabéns!

Quando Harry pousou os copos vazios que trazia, Bill fechou a porta, isolando as vozes animadas dos outros, que continuavam a comemorar mesmo na ausência de Lupin.

— Na verdade, queria falar contigo em particular, Harry. Não foi fácil conseguir uma oportunidade com a casa tão cheia de gente.

Bill hesitou.

— Harry, estás a planear algo com o Griphook.

Foi uma afirmação, não uma pergunta, e Harry não se deu ao incómodo de o negar. Olhou apenas para Bill, ficando à espera.

— Eu conheço os goblins — afirmou Bill. — Tenho trabalhado em Gringotts desde que deixei Hogwarts. Tanto quanto a amizade entre feiticeiros e goblins é possível, eu próprio tenho amigos goblins... ou, pelo menos, goblins que conheço bem, e de quem gosto. — Mais uma vez, Bill hesitou. — Harry, o que é que queres do Griphook, e o que é que lhe prometeste em troca?

— Não te posso contar — retorquiu Harry. — Desculpa, Bill.

A porta da cozinha abriu-se; Fleur tentava trazer mais copos vazios.

— Espera — pediu-lhe Bill. — Só um momento.

Ela saiu às arrecuas e voltou a fechar a porta.

— Então, vou dar-te um conselho — prosseguiu Bill. — Se fizeste algum tipo de acordo com o Griphook, e muito em particular se ele envolver algum tesouro, tens de ser excepcionalmente cauteloso. A noção que os goblins têm de propriedade, pagamento e recompensa não é a mesma dos humanos.

Harry sentiu uma ligeira onda de desconforto, como se uma pequena cobra se houvesse agitado dentro de si.

— O que queres dizer? — perguntou.

— Estamos a falar de uma raça de seres diferente — explicou Bill. — Os negócios entre feiticeiros e goblins há séculos que são tensos... mas tu aprendeste tudo isso em História da Magia. Ambos os lados cometeram faltas, e nunca afirmaria que os feiticeiros não têm culpas no cartório. Todavia, existe uma crença entre alguns goblins, e os de Gringotts são talvez os mais apegados a ela, de que não se pode confiar nos feiticeiros quando estão em causa ouro e tesouros, que eles não demonstram qualquer respeito pela propriedade dos goblins.

— Eu respeito... — começou Harry, mas Bill abanou a cabeça.

— Tu não entendes, Harry, ninguém o compreenderia, a menos que tivesse vivido com goblins. Para um goblin, o verdadeiro dono, por direito, de qualquer objecto é o fabricante, não o comprador. Todos os objectos fabricados por goblins são, aos olhos deles, seus por direito.

— Mas se foi comprado...

— ...nesse caso, consideram-no alugado por aquele que pagou. Eles têm, por conseguinte, enorme dificuldade em aceitar a ideia de que os objectos fabricados por goblins passem de feiticeiro em feiticeiro. Tu viste a expressão do Griphook quando a tiara lhe passou debaixo dos olhos. Não o aprova. Acredito que está convencido, tal como os mais acérrimos da espécie dele, de que devia ter sido devolvida aos goblins assim que o comprador inicial morreu. Para eles, o nosso hábito de conservar os objectos fabricados pelos goblins, passando-os de feiticeiro em feiticeiro, sem mais qualquer paga, pouco melhor é que roubo.

Naquele momento, uma sensação sinistra invadiu Harry e perguntou-se se Bill saberia mais do que dava a entender.

— Só te estou a avisar — referiu Bill, apoiando a mão na porta que dava para a sala —, para teres muito cuidado com o que prometes aos goblins, Harry. Seria menos perigoso assaltar Gringotts que renegar uma promessa feita a um goblin.

— Muito bem — disse Harry, quando Bill abriu a porta —, fica registado. Obrigado, não o esquecerei.

Ao seguir Bill até junto dos outros, ocorreu-lhe um pensamento irónico, fruto, sem dúvida, do vinho que bebera. Parecia estar a tornar-se um padrinho tão audacioso para Teddy Lupin quanto Sirius Black fora para si.

XXVI

GRINGOTTS

Os planos estavam traçados e os preparativos concluídos; no quarto mais pequeno, um único cabelo preto, crespo e comprido (retirado da camisola que Hermione trouxera vestida na Mansão dos Malfoy) encontrava-se enrolado num pequeno frasco de vidro em cima da cornija da lareira.

— E irás usar a verdadeira varinha dela — disse Harry, indicando com a cabeça a varinha de noqueira —, por isso presumo que ficarás bastante convincente.

Hermione pareceu recear que a varinha pudesse picá-la ou mordê-la quando lhe pegou.

— Odeio esta coisa — confessou em voz baixa. — A sério que a odeio. Causa uma sensação estranha, não funciona bem comigo... até parece que é um bocado *dela*.

Harry não pôde deixar de recordar a forma como Hermione minimizara a sua aversão à varinha de abrunheiro, insistindo que ele se punha a imaginar coisas quando ela não funcionava tão bem quanto a sua, tendo-o aconselhado simplesmente a treinar. Decidiu, porém, não lhe retribuir o conselho; a véspera da tentativa de assalto a Gringotts não se afigurava o momento indicado para a hostilizar.

— Provavelmente ajudar-te-á a integrares-te na personagem — sugeriu Ron. — Pensa no que essa varinha fez!

— Mas é precisamente isso! — protestou Hermione. — Foi esta varinha que torturou a mãe e o pai do Neville, e sabe-se lá quantas mais pessoas? Foi esta varinha que matou o Sirius!

Harry não pensara nisso. Olhou para a varinha e foi acometido de um impulso brutal de a partir, de a cortar ao meio com a espada de Gryffindor, que estava encostada à parede a seu lado.

— Sinto a falta da *minha* varinha — queixou-se Hermione, infeliz. — Quem me dera que Mr. Ollivander pudesse ter-me fabricado também outra.

Naquela manhã, Mr. Ollivander enviara uma varinha nova a Luna e ela encontrava-se de momento lá fora, no relvado das traseiras, a testar as suas

capacidades ao sol do final da tarde. Dean, que ficara também sem a sua, roubada pelos Raptores, observava-a com ar bastante carrancudo.

Harry olhou para a varinha de espinheiro que pertencera anteriormente a Draco Malfoy. Ficara surpreso mas agradado ao constatar que funcionava consigo pelo menos tão bem como sucedera com a de Hermione. Recordando o que Ollivander lhes contara sobre o funcionamento secreto das varinhas, Harry julgou entender qual era o problema da amiga: como não a tirara pessoalmente a Bellatrix, Hermione não conquistara a fidelidade da varinha.

A porta do quarto abriu-se e Griphook entrou. Harry levou instintivamente a mão ao punho da espada e aproximou-a de si, mas logo se arrependeu do seu gesto, pois percebeu que o goblin reparara. Procurando amenizar o momento desagradável, disse: — Temos estado a efectuar verificações de última hora, Griphook. Avisámos o Bill e a Fleur de que partiríamos amanhã, e pedimos que não se levantassem para se despedirem de nós.

Tinham sido inflexíveis nesse aspecto, uma vez que Hermione necessitaria de se transformar em Bellatrix antes de saírem, e quanto menos Bill e Fleur soubessem ou suspeitassem do que iam fazer, melhor. Havia igualmente explicado que não regressariam. Como tinham perdido a velha tenda de Perkins na noite em que os Raptores os haviam apanhado, Bill emprestara-lhes outra. Estava agora guardada dentro da mala de missangas, que Hermione conseguira proteger dos Raptores recorrendo ao simples expediente de a enfiar na meia, algo que deixou Harry impressionado.

Apesar de ir sentir saudades de Bill, Fleur, Luna e Dean, para já não mencionar os confortos da casa de que haviam desfrutado nas últimas semanas, Harry estava ansioso por abandonar os limites da Casa das Conchas. Estava farto de tentar certificar-se de que não os escutavam, farto de ficar fechado no minúsculo quarto escuro. Acima de tudo, ansiava ver Griphook pelas costas. Contudo, uma pergunta para a qual Harry não tinha resposta era precisamente a forma e o momento em que se separariam do goblin sem lhe entregarem a espada de Gryffindor. Fora impossível decidir como iriam fazê-lo, porque o goblin raramente deixava Harry, Ron e Hermione sozinhos e juntos por mais de cinco minutos de cada vez.

— Ele é mais sabido que a minha mãe — resmungava Ron sempre que os longos dedos do goblin apareciam no umbral das portas. Com o aviso de Bill em mente, Harry não podia deixar de desconfiar que Griphook estava atento a qualquer possível trapaça. Hermione reprovara tão veementemente o plano para o trair que Harry desistira de tentar que ela lhe desse ideias sobre a melhor forma de o fazer; nas raras ocasiões em que conseguiram desfrutar de uns momentos sem Griphook, Ron não arranjava nada melhor que: «Vamos ter de nos desenrascar, pá.»

Nessa noite Harry dormiu mal. Acordado de madrugada, pensou no que sentira na noite anterior a terem-se infiltrado no Ministério da Magia, e recordou a sua determinação e entusiasmo. Naquele momento sentia apenas pontadas de ansiedade e dúvidas insistentes: não conseguia alhear-se do medo

de que fosse correr tudo mal. Dizia constantemente de si para si que o plano era bom, que Griphook sabia o que enfrentavam, que estavam bem preparados para todas as dificuldades que provavelmente se lhes deparariam, só que continuava apreensivo. Uma ou duas vezes ouviu Ron mexer-se e teve a certeza de que também ele estava acordado, mas como partilhavam a sala de estar com Dean, Harry não disse nada.

Foi um alívio quando as seis horas chegaram e puderam esgueirar-se dos sacos-cama, vestir-se na semiescuridão e sair sorrateiramente para o jardim, onde se encontrariam com Hermione e Griphook. A alvorada apresentava-se gélida, mas o vento soprava fraco naquele momento, pois estavam em Maio. Harry olhou para as estrelas que brilhavam ainda palidamente no céu escuro e ouviu o mar bater e recuar no penhasco. Como sentiria a falta daquele som!

Pequenos rebentos verdes iam entretanto abrindo caminho através da terra avermelhada da sepultura de Dobby; dali a um ano, o monte estaria coberto de flores. A pedra branca que ostentava o nome do elfo evidenciava já os efeitos do tempo e Harry apercebeu-se então de que não teriam encontrado local mais belo para a última morada de Dobby, mas encheu-se de tristeza só de pensar em deixá-lo. Olhando para a sepultura, perguntou-se mais uma vez como soubera o elfo aonde ir em auxílio deles. Distraído, levou os dedos à pequena bolsa que continuava a usar pendurada ao pescoço, através da qual sentia o fragmento do espelho onde tivera a certeza de ver o olho de Dumbledore. Depois, o som de uma porta a abrir-se fê-lo virar-se.

Bellatrix Lestrange avançava em passadas pelo relvado na direcção deles, acompanhada de Griphook. Enquanto caminhava, guardou a malinha de missangas dentro do bolso do velho manto que trouxera de Grimmauld Place. Apesar de Harry saber perfeitamente que na realidade era Hermione, não conseguiu reprimir um calafrio de repulsa. Era mais alta do que ele, o longo cabelo preto a ondular-lhe pelas costas, os olhos de pálpebras pesadas pousados nele cheios de desdém; porém, quando ela falou, ouviu Hermione através da voz grave de Bellatrix.

— Que sabor *repugnante* o dela, pior que Raiz de Gurdi! Pronto, Ron, anda cá para que eu te possa...

— Está bem, mas não te esqueças, eu não gosto da barba demasiado comprida...

— Oh, francamente, não precisas de ficar uma beleza...

— Eu sei, mas atrapalha-me! E gostava do meu nariz um bocadinho mais curto, tenta fazê-lo como da última vez.

Hermione suspirou e meteu mãos à obra, murmurando baixinho, enquanto transformava vários aspectos das feições de Ron. Ele precisava de assumir uma identidade completamente falsa, e contavam com a aura malévola liberta por Bellatrix para o proteger. Entretanto, Harry e Griphook esconder-se-iam debaixo do Manto da Invisibilidade.

— Pronto — disse Hermione —, que tal te parece ele, Harry?

Ainda era possível distinguir Ron debaixo do seu disfarce, mas apenas,

pensou Harry, porque o conhecia tão bem. O cabelo estava mais comprido e ondulado, tinha uma barba castanha cerrada e bigode, nem sombra das sardas, um nariz curto e abatado e sobrancelhas farfalhudas.

— Bem, ele não faz o meu género, mas serve — comentou Harry. — Já podemos partir?

Olharam os três para a Casa das Conchas, escura e silenciosa sob as estrelas que desapareciam, depois viraram-se e começaram a afastar-se em direcção ao ponto, mesmo para lá do muro, onde o Encantamento Fidelius deixava de funcionar, e poderiam Desaparecer. Assim que transpuseram o portão, Griphook falou.

— Eu devia trepar agora, Harry Potter, creio?

Harry curvou-se e o goblin subiu-lhe para as costas, cruzando as mãos diante da sua garganta. Não era pesado, mas Harry detestou a sensação de o transportar e a força surpreendente com que se agarrava. Hermione retirou o Manto da Invisibilidade da mala de missangas e estendeu-o sobre ambos.

— Perfeito — disse, curvando-se para espreitar os pés de Harry. — Não consigo ver nada. Podemos ir.

Harry girou ali mesmo com Griphook sobre os ombros, concentrando-se com todas as suas forças no Caldeirão Escoante, a estalagem que ficava mesmo à entrada de Diagon-Al. O goblin agarrou-se ainda com mais força quando mergulharam na escuridão sufocante; segundos depois, Harry sentiu o passeio debaixo dos pés e, ao abrir os olhos, estava em Charing Cross Road. Muggles passavam atarefados com o semblante pesado próprio do início de mais um dia de trabalho, ignorando em absoluto a existência da pequena estalagem.

O bar do Caldeirão Escoante estava quase deserto. Tom, o proprietário curvado e desdentado, limpava os copos por detrás do balcão; dois feiticeiros que conversavam em tom abafado lá ao fundo olharam para Hermione e retiraram-se para as sombras.

— Madame Lestrage — murmurou Tom, e quando Hermione passou, ele inclinou subservientemente a cabeça.

— Bom dia — disse Hermione, e quando Harry passou sorrateiramente, levando Griphook às cavalitas debaixo do Manto, viu Tom esboçar um ar de surpresa.

— Demasiado cortês — segredou Harry ao ouvido de Hermione, enquanto atravessavam a estalagem até ao minúsculo pátio das traseiras. — Tens de tratar as pessoas como se fossem escumalha!

— Está bem, está bem!

Hermione puxou da varinha de Bellatrix e bateu num tijolo da parede aparentemente normal que tinham na sua frente. Logo os tijolos começaram a rodopiar e girar, até que apareceu um buraco no meio, que se foi alargando sucessivamente, acabando por formar um arco que dava para a estreita rua empedrada conhecida como Diagon-Al.

Reinava o silêncio, pois as lojas ainda não tinham aberto, e quase não

circulavam fregueses. A rua torta e empedrada estava agora bastante modificada; já não era o local fervilhante que Harry visitara antes de entrar para Hogwarts, tantos anos antes. Havia cada vez mais lojas tapadas com tábuas, apesar de terem surgido diversos novos estabelecimentos dedicados à Magia Negra desde a sua última visita. O seu próprio rosto fitava-o dos cartazes colados em muitas montras, todos eles ostentando sempre em legenda as palavras «*Indesejável Número Um*».

Via-se uma série de pessoas andrajosas sentadas às portas. Ouviu-as lamuriarem-se aos raros transeuntes, suplicando ouro, insistindo que eram verdadeiros feiticeiros. Um homem tinha o olho tapado por uma ligadura ensanguentada.

À medida que avançavam, os mendigos avistavam Hermione e pareciam desvanecer-se à sua passagem, puxando os capuzes sobre os rostos e fugindo o mais depressa possível. Hermione olhou-os com curiosidade, até o homem com a ligadura ensanguentada se lhe atravessar directamente no caminho.

— Os meus filhos! — gritou, apontando para ela. A sua voz soou embargada, esganiçada, dando a impressão de estar desvairado. — Onde estão os meus filhos? O que é que ele lhes fez? A senhora sabe, *a senhora sabe!*

— Eu... a sério que eu... — balbuciou Hermione.

O homem atirou-se a ela, tentando chegar-lhe à garganta; depois, com um estouro e uma explosão de luz vermelha, foi arremessado de costas ao chão, ficando inconsciente. Ron imobilizara-se com a varinha ainda em riste e uma expressão de choque visível por detrás da barba. Apareceram rostos às janelas de ambos os lados da rua, enquanto um pequeno grupo de transeuntes de ar próspero cingia os mantos e se afastava rapidamente, ansiosos por abandonar o local.

A sua entrada em Diagon-Al não podia ter dado mais nas vistas; por um momento, Harry perguntou-se se não seria preferível irem-se embora e tentarem conceber um plano diferente. Porém, antes que tivessem tempo de se mexer ou consultar-se, ouviram um grito vindo detrás deles.

— Mas é a Madame Lestrange!

Harry virou-se rapidamente e Griphook agarrou-se-lhe com mais força ao pescoço: um feiticeiro alto e magro com uma coroa farfalhada de cabelo grisalho e um nariz comprido e pronunciado avançava para eles em grandes passadas.

— É o Travers — informou o goblin entre dentes ao ouvido de Harry, mas naquele momento Harry não se lembrava de quem era Travers. Hermione erguera-se a toda a sua altura e dissera, com todo o desprezo que conseguiu: — E o que quer o senhor?

Travers estacou ali mesmo, manifestamente afrontado.

— *Ele é Devorador da Morte!* — sussurrou Griphook, e Harry deslizou para o lado a fim de repetir a informação ao ouvido de Hermione.

— Desejava simplesmente cumprimentá-la — afirmou Travers com frieza —, mas se a minha presença é indesejada...

Harry reconheceu então a voz; Travers era um dos Devoradores da Morte que fora chamado a casa de Xenophilius.

— Não, não, de modo algum, Travers — apressou-se Hermione a redarguir, tentando disfarçar o seu erro. — Como está?

— Bem, confesso-me surpreso ao vê-la por estas bandas, Bellatrix.

— A sério? Porquê? — inquiriu Hermione.

— Bem — Travers tossicou —, *constou-me* que os habitantes da Mansão dos Malfoy não podiam sair de casa, depois da... hã... *fuga*.

Harry torceu para que Hermione mantivesse a calma. Se aquilo era verdade, e Bellatrix não devia ser vista em público...

— O Senhor das Trevas perdoa àqueles que o serviram mui fielmente no passado — disse Hermione, numa magnífica imitação do tom mais insolente de Bellatrix. — Talvez o seu prestígio não seja tão grande quanto o meu, Travers.

Apesar de o Devorador da Morte parecer melindrado, mostrou-se também menos desconfiado. Olhou para o homem que Ron acabara de Atordoar.

— Em que é que aquela coisa o ofendeu?

— Não interessa, não voltará a fazê-lo — respondeu Hermione com frieza.

— Alguns destes «Sem Varinha» conseguem ser mesmo incomodativos — queixou-se Travers. — Enquanto se limitarem a mendigar, não tenho nada a opor, mas, ainda a semana passada, uma mulher chegou inclusivamente a pedir-me que pugnassem pela sua causa no Ministério. «*Senhor, sou feiticeira, sou feiticeira, deixe-me provar-lho!*» — contou, imitando a voz esganiçada dela. — Como se eu fosse dar-lhe a minha varinha... mas de quem é a varinha — inquiriu Travers, curioso — que está a usar de momento, Bellatrix? Ouvi dizer que a sua tinha...

— Esta é a minha varinha — referiu Hermione friamente, mostrando-lhe a varinha de Bellatrix. — Não sei a que boatos tem dado ouvidos, Travers, mas parece-me lamentavelmente desinformado.

Travers pareceu ter ficado um pouco esmorecido com aquela resposta, e dirigiu-se antes a Ron.

— Quem é o seu amigo? Não o reconheço.

— Este é Dragomir Despart — apresentou Hermione; haviam decidido que inventar alguém estrangeiro era o disfarce mais seguro para Ron assumir. — Ele fala muito pouco inglês, mas é simpatizante dos objectivos do Senhor das Trevas. Veio até aqui da Transilvânia para conhecer o nosso novo regime.

— Não me diga? Como está, Dragomir?

— Com'tá? — disse Ron, estendendo a mão.

Travers apresentou dois dedos e apertou a mão de Ron como se receasse conspirar-se.

— Então o que a traz e ao seu... bem... amigo simpatizante à Diagon-Al tão cedo? — inquiriu Travers.

— Necessito de ir a Gringotts — adiantou Hermione.

— Infelizmente, eu também — informou Travers. — Ouro, imundo ouro!

Não podemos viver sem ele, confesso, porém, que abomino a necessidade de contacto com os nossos amigos de dedos longos.

Harry sentiu as mãos entrelaçadas de Griphook crisparem-se momentaneamente à volta do seu pescoço.

— Vamos? — sugeriu Travers, fazendo sinal a Hermione para avançar.

Hermione não teve alternativa senão caminhar ao lado dele e seguir pela rua torta e empedrada em direcção ao local onde Gringotts se erguia, imponente e branco como a neve, ao pé das outras pequenas lojas. Ron manteve-se ao lado deles, e Harry e Griphook seguiam atrás.

Um Devorador da Morte atento era a última coisa de que precisavam e o pior de tudo era que, com Travers mesmo ao lado do que julgava ser Bellatrix, era impossível a Harry comunicar com Hermione ou Ron. Não tardou que chegassem à base das escadas de mármore que conduziam às enormes portas de bronze. Tal como Griphook os avisara entretanto, os goblins de libré que normalmente ladeavam a entrada haviam sido substituídos por dois feiticeiros, empunhando cada qual um fino bastonete dourado.

— Ah, as Sondas da Probidade — suspirou Travers em tom teatral —, quão toscas... mas eficazes!

E começou a subir os degraus, baixando a cabeça aos feiticeiros à esquerda e à direita, que ergueram os bastonetes dourados e os passaram de cima a baixo pelo seu corpo. Harry sabia que as Sondas detectavam feitiços de ocultação e objectos mágicos escondidos. Ciente de que dispunha apenas de segundos, Harry apontou sucessivamente a varinha de Draco a cada um dos guardas e murmurou «*Confundo*», duas vezes. Sem que Travers se apercebesse, estando naquele momento a olhar pelas portas de bronze para o *hall* interior, os guardas estremeceram ao de leve quando os feitiços os atingiram.

O longo cabelo preto de Hermione ondulava atrás dela ao subir as escadas.

— Um momento, minha senhora — interpelou-a o guarda, levantando a sua Sonda.

— Mas acabou de o fazer! — insurgiu-se Hermione, na arrogante voz de comando de Bellatrix. Travers virou-se para trás, de sobrolhos arqueados. O guarda ficara baralhado. Olhou para a fina Sonda dourada, e depois para o seu companheiro, que disse em voz ligeiramente confusa. — Sim, acabaste de os examinar, Marius.

Hermione continuou a avançar, Ron a seu lado, Harry e Griphook trotando invisivelmente atrás deles. Harry olhou para trás quando transpuseram o limiar: ambos os feiticeiros coçavam as cabeças.

Havia dois goblins diante das portas interiores, que eram de prata e exibiam o poema avisando do castigo terrível aplicado aos potenciais larápios. Harry ergueu o olhar e foi invadido por uma súbita e nítida recordação: ele próprio ali, naquele mesmo lugar, no dia em que completara onze anos, o aniversário mais maravilhoso da sua vida, e Hagrid a seu lado, dizendo, «*Louco seria 'quele qu'ó tentasse assaltar*». Nesse dia, Gringotts afigurara-se-lhe um local

maravilhoso, o repositório encantado de tesouros que nunca imaginara possuir. Nunca, por um instante, tinha sonhado que lá voltaria para roubar... Segundos depois encontravam-se no amplo átrio de mármore do banco.

Goblins sentados ao comprido balcão em bancos altos atendiam os primeiros clientes do dia. Hermione, Ron e Travers dirigiram-se a um goblin velho que examinava à lupa uma moeda grossa de ouro. Hermione deixou que Travers lhe passasse à frente a pretexto de explicar a Ron os pormenores do átrio.

O goblin pôs de lado a moeda que observava, disse a ninguém em particular, «Duendes», e depois saudou Travers, que lhe entregou uma minúscula chave de ouro, a qual, após ter sido examinada lhe foi devolvida.

Hermione avançou.

— Madame Lestrage! — saudou o goblin, claramente sobressaltado. — Não pode ser! Em... em que posso ser-lhe útil hoje?

— Desejo entrar no meu cofre — afirmou Hermione.

O velho goblin pareceu encolher-se. Harry olhou à sua volta. Não só Travers se detinha, atento, como vários outros goblins haviam levantado a cabeça do seu trabalho para fitarem Hermione.

— A senhora traz... identificação? — inquiriu o goblin.

— Identificação? Ma... mas nunca antes me pediram a minha identificação! — protestou Hermione.

— *Eles sabem!* — segredou Griphook ao ouvido de Harry. — *Devem ter sido avisados de que poderia surgir um impostor!*

— A sua varinha servirá, Madame — disse o goblin. Estendeu uma mão ligeiramente trémula e, numa súbita iluminação, Harry apercebeu-se de que os goblins de Gringotts tinham conhecimento de que a varinha de Bellatrix fora roubada.

— *Age já, age já* — murmurou Griphook ao ouvido de Harry —, *a Maldição Imperius!*

Harry ergueu a varinha de espinheiro por debaixo do Manto, apontou-a ao velho goblin e murmurou, pela primeira vez na vida, «*Imperio!*»

Uma curiosa sensação desceu pelo braço de Harry, uma impressão de formigueiro quente que parecia brotar da sua mente, percorrer os tendões e veias que o ligavam à varinha e à maldição que ela acabara de lançar. O goblin recebeu a varinha de Bellatrix, examinou-a com atenção e depois exclamou: — Ah, vejo que mandou fabricar uma nova varinha, Madame Lestrage!

— O quê? — insurgiu-se Hermione —, não, não, essa é minha...

— Uma nova varinha? — estranhou Travers, voltando a aproximar-se do balcão; de novo os goblins ali presentes se puseram a observar. — Mas como é possível, a que fabricante recorreu?

Harry agiu sem pensar: apontando a sua varinha a Travers, murmurou «*Imperio!*» mais uma vez.

— Oh, sim, estou a ver — disse Travers, olhando para a varinha de

Bellatrix —, sim, muito bonita. E funciona bem? Sempre achei que as varinhas requerem um certo treino, não lhe parece?

Hermione ficou completamente desconcertada; no entanto, para imenso alívio de Harry, aceitou a bizarra volta nos acontecimentos sem qualquer comentário.

O velho goblin ao balcão bateu as palmas e um goblin mais jovem aproximou-se.

— Vou precisar dos Apetrechos — dirigiu-se ao jovem funcionário, que desapareceu num ápice e regressou um instante depois com um saco de couro que parecia cheio de metal a chocalhar, o qual entregou ao seu superior. — Ótimo! Ótimo! Agora, se fizer o favor de me acompanhar, Madame Lestrage — disse o velho goblin, pulando do seu banco e desaparecendo de vista —, conduzi-la-ei ao seu cofre.

Reapareceu à esquina do balcão, bamboleando-se todo satisfeito na direcção deles, o conteúdo do saco de couro ainda a chocalhar. Travers mantinha-se perfeitamente imóvel com a boca completamente escancarada. Ron fazia recair as atenções sobre aquele estranho fenómeno, olhando aparvalhado para Travers.

— Espere... Bogrod!

Apareceu outro goblin à esquina, a correr.

— Temos instruções — disse, fazendo uma vénia a Hermione —, queira desculpar-me, Madame Lestrage, mas houve ordens especiais no que se refere ao cofre dos Lestrage.

Murmurou urgentemente ao ouvido de Bogrod, mas o goblin que sofrera a Maldição Imperius falou-lhe com secura.

— Estou ciente das instruções. Madame Lestrage deseja visitar o seu cofre... família muito antiga... clientes antigos... por aqui, se faz favor...

E, sempre acompanhado pelo chocalhar, avançou apressado na direcção de uma das muitas portas existentes no átrio. Harry olhou novamente para Travers, que continuava pregado ao chão, parecendo anormalmente alheado, e tomou uma decisão: com um movimento brusco da varinha, obrigou-o a acompanhá-los, caminhando obedientemente atrás deles. Ao chegarem à porta, entraram no túnel de pedra rugosa do outro lado, iluminado por archotes flamejantes.

— Estamos em apuros, eles desconfiam — comentou Harry, retirando o Manto da Invisibilidade quando a porta bateu atrás deles. Griphook desceu dos seus ombros; nem Travers nem Bogrod mostraram a menor surpresa perante o súbito aparecimento de Harry Potter no meio deles. — Pu-los sob a Maldição Imperius — acrescentou, em resposta às questões confusas de Hermione e Ron sobre Travers e Bogrod, que permaneciam ali a olhar, especados. — Não creio que lhe tenha imprimido força suficiente, não sei...

E outra lembrança atravessou-lhe a mente: a verdadeira Bellatrix Lestrage a gritar-lhe da primeira vez que ele tentara usar uma Maldição Imperdoável: «*Tens de as sentir, Potter!*»

— O que fazemos? — indagou Ron. — Pomo-nos a andar enquanto é tempo?

— Se ainda pudermos — disse Hermione, olhando na direcção da porta que dava para o átrio principal, onde podia estar a acontecer sabia-se lá o quê.

— Já que viemos até aqui, acho que devemos continuar.

— Ótimo! — exclamou Griphook. — Bom, precisamos do Bogrod para controlar a carreta; eu já não possuo autoridade, mas não há lugar para o feiticeiro.

Harry apontou a sua varinha a Travers.

— *Imperio!*

O feiticeiro deu meia volta e afastou-se pelos carris escuros num passo estugado.

— O que o obrigaste a fazer?

— A esconder-se — respondeu Harry, ao apontar a varinha a Bogrod, que assobiou, chamando uma carreta que apareceu a rolar pelos carris na direcção deles, vinda do escuro. Harry teve a certeza de ouvir gritos no átrio, no momento em que subiram para a carreta, Bogrod na frente com Griphook, Harry, Ron e Hermione todos apertados lá atrás.

Arrancaram com um solavanco, sempre a ganhar velocidade; passaram velozmente por Travers, que se enfiava numa fenda na parede; depois a carreta começou a descrever curvas e contracurvas pelos túneis labirínticos, cada vez mais para o fundo. Harry não conseguia ouvir nada acima do barulho do veículo nos carris; o seu cabelo esvoaçava, enquanto se desviavam das estalactites, embrenhando-se cada vez mais nas profundezas da terra, mas ele continuava a olhar para trás. Já agora, mais valia terem deixado ficar enormes pegadas; quanto mais pensava no assunto, mais absurdo lhe parecia terem disfarçado Hermione de Bellatrix, e terem trazido a sua varinha, quando os Devoradores da Morte sabiam quem a roubara...

Harry nunca penetrara tão fundo em Gringotts; deram uma curva muito apertada a toda a velocidade e viram à sua frente, a escassos segundos, uma cascata que se despenhava sobre os carris. Harry ouviu Griphook gritar, «Não!», mas não existiam travões. Atravessaram-na. Harry ficou com os olhos e a boca cheios de água; não conseguia ver nem respirar; depois, com um sacão medonho, a carreta virou-se e foram todos cuspidos. Em seguida, desfez-se ao embater na parede do túnel. Harry ouviu Hermione gritar algo e sentiu-se deslizar para trás pelo solo como se não existisse gravidade, aterrando sem dor no chão de rocha do túnel.

— F... Feitiço de Amortecer — balbuciou Hermione, enquanto Ron a levantava: mas, para horror de Harry, viu que ela já não era Bellatrix; ali estava, com as roupas enormes todas encharcadas, de regresso à sua pessoa; Ron voltara a ser ruivo e sem barba. Aperceberam-se disso enquanto se miravam, levando as mãos aos próprios rostos.

— A Queda do Ladrão! — exclamou Griphook, pondo-se em pé e olhando para o dilúvio que se despenhava sobre os carris, que, como Harry sabia

agora, não era apenas água. — Remove qualquer encantamento, qualquer ocultação por magia! Eles sabem que há impostores em Gringotts, e accionaram as defesas contra nós!

Harry viu Hermione verificar se ainda tinha a mala de missangas, e levou apressadamente a mão debaixo do casaco para se certificar de que não perdera o Manto da Invisibilidade. Virou-se seguidamente, vendo Bogrod abanar a cabeça de perplexidade: a Queda do Ladrão parecia ter eliminado a Maldição Imperius.

— Precisamos dele — referiu Griphook —, não conseguimos entrar no cofre sem um goblin de Gringotts. E precisamos dos Apetrechos!

— *Imperio!* — bradou Harry novamente; a sua voz ecoou através do túnel de pedra, registando outra vez a sensação de controlo vertiginoso que brotava do cérebro para a varinha. Bogrod submeteu-se mais uma vez à vontade dele, a sua expressão de perplexidade mudando para cortês indiferença, enquanto Ron apanhava rapidamente o saco de couro com as ferramentas de metal.

— Harry, acho que vêm aí pessoas! — avisou Hermione e, apontando a varinha de Bellatrix à cascata, gritou, «*Protego!*» Viu o Feitiço do Escudo Invisível cessar o fluxo de água encantada ao percorrer o túnel.

— Excelente ideia — afirmou Harry —, vai à frente, Griphook!

— Como é que vamos sair daqui? — inquiriu Ron, ao seguirem apressados a pé, no escuro, atrás do goblin, Bogrod a arfar como um cão velho, tentando acompanhá-los.

— Preocupamo-nos com isso quando chegar a altura — respondeu Harry. Procurava escutar; julgava ter ouvido um ruído metálico e movimento ali perto. — Griphook, ainda falta muito?

— Está quase, Harry Potter, está quase...

E, ao virarem uma esquina, viram aquilo para que Harry se preparara, mas que não deixou de os fazer estacar a todos.

Um gigantesco dragão estava amarrado ao solo à frente deles, barrando o acesso a quatro ou cinco dos cofres mais profundos do banco. As escamas do animal estavam descoradas e lascadas devido ao longo encarceramento debaixo do solo; os olhos eram de um rosa leitoso e ambas as patas traseiras apresentavam pesadas grilhetas de onde partiam correntes até enormes cavilhas cravadas fundo no chão de rocha. As grandes asas com espigões, recolhidas junto ao corpo, teriam enchido a câmara caso as abrisse e, ao virar a feia cabeça para eles, emitiu um rugido que fez tremer a rocha; depois abriu a boca e cuspiu um jacto de fogo que os fez fugir pelo túnel acima.

— Está parcialmente cego — afirmou Griphook, ofegante —, mas é ainda mais selvagem por esse motivo. No entanto, nós temos meios de o controlar. Aprendeu o que se vai passar quando chegam os Apetrechos. Dêem-mos cá.

Ron passou o saco a Griphook e o goblin retirou uma série de pequenos instrumentos de metal que, quando sacudidos, emitiam um ruído forte e vibrante como martelos em miniatura a bater em bigornas. Griphook distribuiu-os e Bogrod aceitou timidamente os seus.

— Sabem o que têm a fazer — disse Griphook a Harry, Ron e Hermione. — Ele está à espera de sentir dor quando ouvir o ruído; recuará, e o Bogrod deve encostar a palma da mão à porta do cofre.

Avançaram, contornando de novo a esquina e agitando os Apetrechos. O ruído ecoou nas paredes rochosas, extremamente ampliado, pelo que o interior do crânio de Harry pareceu vibrar com a barulheira. O dragão emitiu outro bramido rouco, depois recuou. Harry viu-o tremer, e quando se aproximaram mais, reparou nas cicatrizes deixadas por golpes maldosos desferidos no seu focinho e calculou que tivesse sido ensinado a temer as espadas em brasa ao ouvir o som dos Apetrechos.

— Obrigá-o a encostar a mão à porta! — insistiu Griphook com Harry, que virou novamente a sua varinha para Bogrod. O velho goblin obedeceu, apoiando a palma da mão na madeira, e a porta do cofre dissipou-se, revelando uma abertura que fazia lembrar a de uma caverna, cheia do chão ao tecto de moedas e taças de ouro, armaduras de prata, as peles de estranhas criaturas, algumas com compridos espinhos, outras com asas descaídas, poções em frascos cravejados de pedras preciosas e uma caveira ostentando ainda uma coroa.

— Procurem, rápido! — ordenou Harry, e todos se apressaram a entrar no cofre.

Descrevera a Ron e Hermione a taça de Hufflepuff, mas se fosse o outro Horcrux desconhecido que estava escondido naquele cofre, ignorava qual o seu aspecto. Mal tivera, porém, tempo de olhar à sua volta, quando se ouviu um ruído abafado por detrás deles: a porta reaparecera, fechando-os dentro do cofre, e ficaram mergulhados na mais densa escuridão.

— Não importa, o Bogrod conseguirá libertar-nos! — explicou Griphook, quando Ron soltava um grito de surpresa. — Acendam as vossas varinhas, está bem? E rápido, temos muito pouco tempo!

— *Lumos!*

Harry fez rodar a varinha acesa a toda a volta do cofre: o feixe luminoso incidiu em jóias cintilantes, e ele viu a falsa espada de Gryffindor numa prateleira alta, no meio de um emaranhado de correntes. Ron e Hermione tinham acendido também as suas varinhas e examinavam as pilhas de objectos que os rodeavam.

— Harry, será que isto poderia ser...? Aaaau!

Hermione gritou de dor e Harry virou a sua varinha para ela a tempo de ver um cálice com pedras preciosas cair-lhe da mão: só que, nesse entretanto, dividiu-se ao meio e transformou-se numa chuva de cálices, pelo que, um segundo depois, no meio de um grande estrépito, o chão ficou coberto de cálices idênticos a rolar em todas as direcções, sendo impossível distinguir o original.

— Queimou-me! — gemeu Hermione, chupando os dedos empolados.

— Acrescentaram-lhes as Maldições Gemino e Flagrante! — esclareceu Griphook. — Tudo aquilo em que tocarem queimará e multiplicar-se-á, mas

as cópias não têm valor... e se continuarem a mexer no tesouro, acabarão por morrer esmagados pelo peso do ouro a expandir-se!

— Não toquem em nada, ouviram?! — avisou Harry, mas nesse preciso momento, sem querer, Ron bateu num dos cálices caídos com o pé, e mais vinte surgiram do nada, enquanto ele saltitava no mesmo lugar, com parte do sapato queimado devido ao contacto com o metal quente.

— Fica quieto, não te mexas! — advertiu Hermione, agarrando Ron.

— Limitem-se a olhar! — ordenou Harry. — Lembrem-se, a taça é pequena e de ouro, tem um texugo gravado, duas asas... ou então vejam se conseguem localizar algures o símbolo de Ravenclaw, a águia...

Apontaram as varinhas para todos os recantos e fendas, rodando cautelosamente no mesmo lugar, mas era impossível não roçar em nada; Harry fez resvalar uma enorme cascata de falsos Galeões, que se reuniram aos cálices, e agora mal tinham onde colocar os pés, e o ouro reluzente emanava calor, pelo que o cofre mais parecia uma fornalha. A luz da varinha de Harry percorreu escudos e elmos fabricados por goblins, colocados em prateleiras que chegavam ao tecto. Fez subir cada vez mais o feixe luminoso, até que, de repente, este incidiu num objecto que lhe deixou o coração em sobressalto e a mão a tremer.

— *Está ali, está lá em cima!*

Ron e Hermione apontaram também para lá as suas varinhas, pelo que a pequena taça de ouro cintilou sob um feixe de luz triplo, a taça que pertencera a Helga Hufflepuff, que passara para a posse de Hepzibah Smith e que lhe fora roubada por Tom Riddle.

— E como diabo vamos conseguir lá chegar sem tocar em nada? — indagou Ron.

— *Accio taça!* — exclamou Hermione, que evidentemente se esquecera, no seu desespero, do que Griphook lhes explicara durante as sessões de planeamento.

— É escusado, é escusado! — protestou o goblin.

— Nesse caso, o que fazemos? — perguntou Harry ao goblin. — Se queres a espada, Griphook, vais ter de nos ajudar mais do que... espera! Eu posso tocar nas coisas com a espada? Hermione, passa-ma!

Hermione levou a mão ao interior do manto, retirou a mala de missangas, remexeu durante alguns segundos e retirou a espada reluzente. Harry pegou-lhe pelo punho com rubis e tocou com a ponta da lâmina numa garrafa de prata, que não se multiplicou.

— Se eu conseguisse enfiar a espada na asa... mas como é que hei-de chegar lá acima?

A prateleira onde a taça se encontrava ficava fora do alcance de qualquer deles, até de Ron, que era o mais alto. O calor do tesouro encantado erguia-se em ondas e o suor escorria pelo rosto e pelas costas de Harry, enquanto ele se esforçava por pensar numa forma de chegar à taça; ouviu, então, o dragão bramir do outro lado da porta do cofre, e o som do chocalhar metálico que se

tornava cada vez mais forte.

Agora é que estavam verdadeiramente encurralados: não tinham saída senão pela porta, e parecia estar a aproximar-se uma horda de goblins do outro lado. Harry olhou para Ron e Hermione e viu o terror estampado nos seus rostos.

— Hermione — disse Harry quando a barulheira se intensificou —, tenho de ir lá acima, temos de o destruir...

Ela ergueu a varinha, apontou-a a Harry e murmurou: — *Levicorpus*.

Íçado no ar pelo tornozelo, Harry bateu numa armadura, da qual irromperam réplicas, quais corpos incandescentes, enchendo o espaço já bastante apertado. Com gritos de dor, Ron, Hermione e os dois goblins foram arremessados contra mais objectos, que começaram igualmente a duplicar-se. Meio soterrados por uma enchente de tesouro ao rubro, debateram-se e gritaram, enquanto Harry enfiava a espada na asa da taça de Hufflepuff, prendendo-a na lâmina.

— *Impervius!* — guinchou Hermione, numa tentativa de se protegerem do metal escaldante.

Depois, um grito aterrador fez Harry olhar para baixo: Ron e Hermione estavam enterrados no tesouro até à cintura, esforçando-se por impedir Bogrod de resvalar para debaixo da enchente, mas Griphook afundara-se e só se avistavam as pontas de alguns dos seus dedos.

Harry agarrou os dedos de Griphook e puxou. Coberto de bolhas, o goblin foi aparecendo gradualmente, soltando uivos.

— *Liberacorpus!* — gritou Harry, e com um estrondo, ele e Griphook aterraram na superfície do tesouro que se avolumava, e a espada voou da mão de Harry.

— Apanha-a! — berrou Harry, tentando resistir à dor do metal quente na sua pele, enquanto Griphook lhe trepava para os ombros, decidido a evitar a massa crescente de objectos ao rubro. — Onde está a espada? Tinha lá a taça!

O chocalhar metálico do outro lado da porta estava a tornar-se ensurdecedor... era tarde de mais...

— Ali!

Foi Griphook a avistá-la e a atirar-se de cabeça e, naquele instante, Harry percebeu que o goblin nunca esperara que eles cumprissem a sua palavra. Com uma mão a segurar firmemente um punhado do cabelo de Harry para se certificar de que não caía no mar revolto de ouro ardente, Griphook pegou no punho da espada e levantou-a ao alto para Harry não a alcançar.

A minúscula taça de ouro, presa pela asa na lâmina da espada, foi arremessada ao ar. Com o goblin ainda escarranchado nele, Harry atirou-se de cabeça, apanhando-a e, apesar de a sentir escaldar-lhe a carne, não a largou, nem mesmo enquanto inúmeras taças de Hufflepuff iam brotando do seu punho, chovendo sobre ele, ao mesmo tempo que a entrada do cofre se abria novamente. Deu consigo a resvalar descontroladamente numa avalanche crescente de ouro e prata que o levaram, a Ron e a Hermione até ao exterior

do cofre.

Mal tomando consciência da dor das queimaduras que lhe cobriam o corpo, e ainda a deslizar pela vaga do tesouro em duplicação, Harry guardou a taça no bolso e estendeu a mão para recuperar a espada, mas Griphook desaparecera. Pulando dos ombros de Harry assim que pôde, correrá a esconder-se no meio dos goblins que os rodeavam, brandindo a espada e gritando: «Ladrões! Ladrões! Socorro! Ladrões!» Desaparecera no meio da turba que avançava, todos eles munidos de punhais, e que o aceitaram sem questionar.

Resvalando no metal quente, Harry pôs-se em pé e percebeu que a única saída era em frente.

— *Atordoar!* — berrou, e Ron e Hermione juntaram-se-lhe: jactos de luz vermelha voaram sobre a multidão de goblins e alguns tombaram, mas outros avançaram, e Harry viu diversos guardas feiticeiros aparecer a correr ao virar da esquina.

O dragão amarrado soltou um bramido e um jorro de chamas atingiu os goblins: os feiticeiros debandaram, todos encolhidos, pelo caminho que haviam trazido, e Harry foi bafejado pela inspiração ou pela loucura. Apontando a varinha às enormes grilhetas que prendiam o animal ao chão, gritou: «*Relashio!*»

As grilhetas abriram-se com sonoros estalos.

— Por aqui! — gritou Harry e, continuando a lançar Feitiços de Atordoar sobre os goblins que avançavam, correu na direcção do dragão cego.

— Harry... Harry... o que estás a fazer? — esganiçou-se Hermione.

— Subam, subam, vamos lá...

O dragão não se apercebera de que estava livre: Harry apoiou o pé na curva da pata traseira e içou-se para o seu dorso. As escamas eram duras como aço e pareceu-lhe que o animal nem sequer o sentira. Esticou um braço e Hermione içou-se; Ron subiu para trás deles, e um segundo depois, o dragão deu-se conta de que já não estava agrilhado.

Empinou-se, rugindo: Harry apertou os joelhos, agarrando-se com toda a força às escamas denteadas, enquanto as asas se abriam, derrubando os goblins aos gritos como se fossem pinos de *bowling*, e ergueu-se no ar. Harry, Ron e Hermione, espalmados no seu dorso, raspavam no tecto enquanto ele avançava em direcção à abertura do túnel, ao mesmo tempo que os goblins que os perseguiam arremessavam punhais que resvalavam dos seus flancos.

— Nunca conseguiremos escapar, é demasiado grande! — exclamou Hermione, mas o dragão abriu a boca e vomitou de novo chamas, fazendo explodir o túnel. O chão e tecto fenderam-se e desmoronaram-se. O dragão ia abrindo caminho, utilizando a força das garras, e Harry mantinha os olhos fechados por causa do calor e do pó, ensurdecido pelo estrondo das rochas a cair e pelos bramidos do dragão. Agarrando-se a custo ao seu dorso, esperava ser cuspidos a qualquer instante; ouviu então Hermione gritar: «*Defodio!*»

A amiga ajudava o dragão a alargar o túnel, escavando o tecto, enquanto ele

se elevava a custo, em direcção ao ar mais fresco, afastando-se dos goblins aos gritos e do chocalhar metálico. Harry e Ron imitaram-na, desfazendo o tecto com mais feitiços de escavar. Passaram pelo lago subterrâneo e, no meio dos rugidos, o enorme animal pareceu pressentir a liberdade e o espaço à sua frente; atrás deles, a cauda espinhosa do dragão varria o túnel que se enchia de grandes pedaços de rocha e de gigantescas estalactites arrancadas; o ruído dos goblins ia-se tornando mais abafado, enquanto lá à frente o fogo do dragão lhes ia desimpedindo o caminho...

E depois, com o esforço conjugado dos feitiços e da força bruta do dragão, conseguiram finalmente sair do túnel para o átrio de mármore. Goblins e feiticeiros gritaram, correndo a esconder-se, e o dragão pôde por fim estender as asas. Virando a cabeça ornada de chifres para o ar fresco que sentia no exterior para lá da entrada, ergueu-se com Harry, Ron e Hermione ainda agarrados ao seu dorso, abriu caminho através das portas de metal, deixando-as retorcidas e suspensas dos gonzos, enquanto avançava, cambaleante, por Diagon-Al e se lançava no céu.

XXVII

O ESCONDERIJO FINAL

Era impossível guiá-lo. O dragão não conseguia ver para onde ia, e Harry sabia que, se ele mudasse bruscamente de direcção ou se se virasse no ar, não conseguiriam agarrar-se ao seu imenso dorso. Não obstante, à medida que se elevavam cada vez mais, com Londres a estender-se por debaixo deles como um mapa cinzento e verde, a sensação que invadia Harry era sobretudo de gratidão por uma fuga que se afigurara impossível. Agachado sobre o pescoço do animal, segurava-se com força às escamas metálicas, e a brisa refrescava-lhe a pele queimada e empolada, enquanto as asas do dragão batiam o ar como as velas de um moinho de vento. Atrás de si, não sabia dizer se de satisfação se de medo, Ron praguejava incessantemente a plenos pulmões, e Hermione parecia soluçar.

Decorridos cerca de cinco minutos, Harry perdeu parte do seu receio inicial de que o dragão fosse arremessá-los, pois o seu único intuito parecia ser afastar-se o mais possível da prisão subterrânea; no entanto, restava a questão assaz assustadora de como e quando iriam descer. Não fazia a menor ideia do tempo que os dragões podiam voar sem pousar, nem como aquele dragão em particular, que mal conseguia ver, localizaria um bom local de descida. Olhava constantemente à sua volta, imaginando-se a sentir a sua cicatriz a arder...

Quanto tempo decorreria até Voldemort saber que eles tinham assaltado o cofre dos Lestrange? Com que celeridade seria Bellatrix avisada pelos goblins de Gringotts? Aperceber-se-iam rapidamente do que fora levado? E depois, quando descobrissem que a taça de ouro desaparecera? Voldemort saberia, finalmente, que eles andavam atrás dos Horcruxes!

O dragão parecia desejoso de ar mais fresco e puro: ia subindo gradualmente até que atravessaram farrapos de nuvem gélidos e Harry deixou de conseguir distinguir os pequenos pontos coloridos que eram os carros a entrar e sair da capital. E continuaram a voar, sobre campos divididos em parcelas verdes e castanhas, sobre estradas e rios que serpenteavam através da paisagem, quais pedaços de fita brilhante e baça.

— O que será que ele procura? — gritou Ron, à medida que avançavam cada vez mais para norte.

— Não faço ideia — respondeu Harry, berrando também. Tinha as mãos dormentes do frio, mas não se atrevia a tentar aliviar a pressão. Há já algum tempo que se debatia com o que fariam se vissem a costa passar por debaixo deles, se o dragão rumasse ao alto mar: estava gelado e entorpecido, já para não mencionar a fome e a sede desesperantes que sentia. Perguntou-se quando teria o animal comido pela última vez. Por certo, dentro em breve necessitaria de sustento? E se, nessa altura, se apercebesse de que levava no dorso três humanos perfeitamente comestíveis?

O sol desceu mais no céu, que estava a ficar cor de anil, e o dragão continuava a voar. Cidades e vilas desapareciam de vista por debaixo deles, a sua sombra enorme a deslizar sobre a terra como uma grande nuvem carregada. Doía-lhe o corpo todo do esforço de se agarrar ao dorso do dragão.

— É imaginação minha — gritou Ron, após um silêncio considerável —, ou estamos a perder altitude?

Harry olhou para baixo e viu montanhas e lagos verde-escuros, acobreados ao pôr-do-sol. Quando espreitou pelo flanco do dragão, pareceu-lhe que a paisagem estava a ficar mais nítida e mais pormenorizada e sentiu curiosidade em saber se o animal teria pressentido a existência de água potável nos reflexos da luz do sol.

O dragão foi descendo, descendo, em grandes círculos espiralados, direito ao que parecia um dos lagos mais pequenos.

— Proponho que saltemos quando ele estiver suficientemente baixo! — gritou Harry aos outros. — Directamente para a água, antes que ele se aperceba de que estamos aqui!

Concordaram, Hermione de uma forma um pouco menos decidida; Harry viu então a imensa barriga amarelada do dragão a rasar a superfície da água.

— AGORA!

Deslizou pelo flanco do dragão e atirou-se, de pés, em direcção à superfície do lago; a queda foi maior do que calculara e o embate na água deu-se com toda a força, mergulhando como uma pedra num mundo gélido, verde e cheio de juncos. Bateu os pés em direcção à superfície e emergiu, arquejante, vendo ondas enormes surgirem em círculos nos locais onde Ron e Hermione tinham caído. O dragão não pareceu ter-se apercebido de nada: ia já cerca de quinze metros mais à frente, voando a rasar o lago para aspirar água com o focinho marcado de cicatrizes. Quando Ron e Hermione emergiram, cuspiendo e arfando, das profundezas do lago, o dragão continuou a voar, batendo as asas com força, acabando por pousar numa margem distante.

Harry, Ron e Hermione nadaram até à margem oposta. O lago não dava a impressão de ser muito fundo e em breve deixavam de nadar para abrirem caminho por entre os canaviais e a lama. Caíram por fim na erva escorregadia, ensopados, arquejantes e exaustos.

Hermione estirou-se, tossindo e tremendo de frio. Conquanto de bom grado

Harry se tivesse deitado a dormir, levantou-se cambaleante, puxou da sua varinha e começou a lançar os habituais feitiços de protecção à volta deles.

Quando terminou, reuniu-se aos outros. Era a primeira vez que os via bem desde que haviam iniciado a fuga do cofre. Apresentavam ambos graves queimaduras no rosto e nos braços, e tinham as roupas chamuscadas em alguns sítios. Aplicaram essência de ditaína nos inúmeros ferimentos por entre muitos esgares. Hermione entregou o frasco a Harry, depois exibiu três garrafas de sumo de abóbora que trouxera da Casa das Conchas e roupas limpas e secas para todos. Mudaram-se e depois beberam avidamente o sumo.

— Bem, vendo pelo lado positivo — pronunciou-se finalmente Ron, que estava sentado a ver a pele das suas mãos voltar a crescer —, conseguimos o Horcrux. Pelo lado negativo...

— ...a espada foi-se — concluiu Harry, por entre os dentes cerrados, ao deitar ditaína através do buraco chamuscado das suas calças de ganga sobre a queimadura que se via por baixo.

— A espada foi-se — repetiu Ron. — Aquele traidor velhaco...

Harry retirou o Horcrux do bolso do casaco molhado que acabara de despir e pousou-o na erva à frente deles. Reluzia ao sol, atraindo-lhes o olhar, enquanto bebiam goladas de sumo.

— Pelo menos desta vez não o podemos usar, ficaria um bocado estranho pendurado ao pescoço — comentou Ron, limpando a boca com as costas da mão.

Hermione olhou para a outra margem do lago, onde o dragão continuava a beber.

— O que acham que lhe acontecerá? — indagou. — Ficar bem?

— Já pareces o Hagrid a falar — disse Ron. — É um dragão, Hermione, sabe olhar por si. É connosco que temos de nos preocupar.

— O que queres dizer?

— Bem, não sei como dar-te a notícia — afirmou Ron —, mas acho que eles já *devem* ter-se apercebido de que assaltámos Gringotts.

Desataram os três às gargalhadas e, tendo começado, foi difícil pararem. As costelas de Harry doíam-lhe, sentia a cabeça a andar à roda da fome, mas deitou-se de costas na erva sob o céu avermelhado e riu-se até ficar com a garganta inflamada.

— O que vamos, então, fazer? — perguntou finalmente Hermione, recuperando a seriedade por entre soluços. — Ele vai saber, não vai? O Quem-Nós-Sabemos vai ficar a saber que nós temos conhecimento dos seus Horcruxes!

— Talvez tenham pavor de lhe contar? — avançou Ron, esperançado. — Pode ser que resolvam encobrir...

O céu, o cheiro da água do lago, o som da voz de Ron desapareceram: a dor atravessou a cabeça de Harry como um golpe de espada. Encontrava-se de pé numa sala pouco iluminada, rodeado por um semicírculo de feitiçeiros, e no chão, a seus pés, ajoelhava-se uma pequena figura trémula.

— Que foi que me dissesse? — A sua voz era estridente e fria, mas a fúria e o medo ardiam dentro de si. A única coisa que temera... mas não podia ser verdade, não via como...

O goblin tremia, incapaz de encarar os olhos vermelhos bem acima dos seus.

— Repete lá! — murmurou Voldemort. — *Repete lá!*

— M... meu Senhor — balbuciou o goblin, os olhos pretos arregalados de terror —, m... meu Senhor... nós t... ten-támos im-im... impedi-los... os im-impostores, meu Senhor... assaltaram... a-ssaltaram o... o c-cofre... dos Lestrage...

— Impostores? Quais impostores? Julgava que Gringotts tinha formas de desmascarar os impostores! Quem foram?

— Foi... foi... o r-razap... o P-Potter e d-dois cúmplices...

— *E levaram o quê?* — perguntou, a sua voz subindo de tom, apoderando-se dele um receio terrível. — Diz-me! *O que foi que eles levaram?*

— U-uma p-pequena t-taça de ouro m... meu Senhor.

Brotou dele um grito de raiva, de negação, como se de um desconhecido se tratasse; ficou louco, desvairado, não podia ser verdade, era impossível, nunca ninguém soubera. Como era possível que o rapaz tivesse descoberto o seu segredo?

A Varinha de Sabugueiro cortou o ar e uma luz verde encheu a sala: o goblin ajoelhado tombou, morto, e os feiticeiros presentes dispersaram diante dele, aterrorizados: Bellatrix e Lucius Malfoy derrubaram outros na sua fuga em direcção à porta, e a varinha desceu sucessivamente, e aqueles que ficaram foram mortos, todos eles, por lhe trazerem aquelas novas, por ficarem a saber da existência da taça de ouro...

Andou de um lado para o outro, sozinho no meio dos mortos, vociferando, e passou tudo diante de si numa visão: os seus tesouros, as suas salvaguardas, as suas âncoras à imortalidade... o diário fora destruído e a taça roubada; e se, e se o rapaz soubesse dos outros? Seria possível, teria agido entretanto, teria localizado os restantes? Estaria Dumbledore na origem de tudo aquilo? Dumbledore, que sempre desconfiara dele, Dumbledore, cuja morte ordenara, Dumbledore, cuja varinha era agora sua e que, no entanto, o atingia de longe, da ignomínia da morte, através do rapaz, *do rapaz...*

Mas, por certo, se o rapaz tivesse destruído algum dos seus Horcruxes ele, Lord Voldemort, teria sabido, teria sentido? Ele, o maior de todos os feiticeiros, ele, o mais poderoso, ele, o assassino de Dumbledore e de muitos mais homens sem préstimo e sem nome! Como era possível Lord Voldemort não saber, se ele próprio, tão importante e precioso, tivesse sido atacado, mutilado?

Era verdade que nada sentira quando o diário fora destruído, mas julgara que tivesse ficado a dever-se ao facto de não ter corpo, sendo menos que um fantasma... não, certamente os restantes estavam seguros... os outros Horcruxes deviam estar intactos...

Só que precisava de saber, precisava de ter a certeza... Andou de um lado para o outro pela sala, afastando aos pontapés o corpo do goblin, e as imagens tornaram-se difusas e queimaram o seu cérebro fervilhante: o lago, a cabana e Hogwarts...

Um tudo-nada de calma arrefeceu, então, a sua raiva: como podia o rapaz saber que ele escondera o anel na cabana dos Gaunt? Nunca ninguém tivera conhecimento do seu parentesco com os Gaunt, escondera bem a ligação, as mortes nunca lhe haviam sido imputadas. O anel estava, com toda a certeza, seguro.

E como era possível que o rapaz, ou alguém mais, soubesse da caverna ou conseguisse penetrar a sua protecção? A ideia de o medalhão ter sido roubado era absurda.

Quanto à escola, só ele sabia em que sítio de Hogwarts guardara o Horcrux, porque só ele desvendara os segredos mais profundos daquele lugar.

E havia ainda *Nagini*, que devia manter agora por perto, em vez de a enviar no cumprimento das suas ordens, sob a sua protecção...

Mas, para ter a certeza, para ter a certeza absoluta, precisava de regressar a cada um dos seus esconderijos, precisava de redobrar a protecção em torno de cada um dos seus Horcruxes... uma tarefa que, tal como a demanda da Varinha de Sabugueiro, devia ser empreendida a sós.

Onde dirigir-se primeiro, qual o que corria maior perigo? Reacendeu-se nele uma antiga apreensão. Dumbledore tivera conhecimento do seu segundo nome... Dumbledore podia ter estabelecido a ligação com os Gaunt... a cabana abandonada era, talvez, o menos seguro dos seus esconderijos, era para lá que deveria dirigir-se primeiro.

O lago, com toda a certeza, seria impossível... conquanto houvesse uma ligeira possibilidade de Dumbledore ter tido conhecimento de alguns dos seus crimes do passado, através do orfanato.

E Hogwarts... mas sabia que lá o seu Horcrux estava seguro, que seria impossível o Potter entrar em Hogsmeade sem ser detectado, quanto mais na escola. Mesmo assim, a prudência aconselhava-o a alertar Snape para o facto de o rapaz poder tentar entrar novamente no castelo... Contar a Snape a razão pela qual o rapaz poderia regressar seria absurdo, como é lógico; cometera um grave erro ao confiar em Bellatrix e em Malfoy: a estupidez e o desleixo de ambos não provava quão insensato era confiar em quem quer que fosse?

Portanto, dirigir-se-ia primeiro à cabana dos Gaunt e levaria *Nagini* consigo: recusava-se a separar-se novamente da cobra... Abandonando a sala em grandes passadas, atravessou o átrio e saiu para o jardim escuro onde a fonte jorrava água; chamou a cobra em serpentês e ela deslizou sinuosamente até junto de si como uma longa sombra.

Os olhos de Harry abriram-se com o esforço de regressar ao presente: estava deitado na margem do lago ao pôr-do-sol, e Ron e Hermione olhavam-no. A avaliar pelos seus semblantes preocupados, e pelo constante latejar da sua cicatriz, a incursão súbita à mente de Voldemort não passara

despercebida. Levantou-se com esforço, trémulo, vagamente surpreso por continuar encharcado até aos ossos, e viu a taça inocentemente pousada na erva diante de si e o lago, azul escuro com laivos de ouro ao sol poente.

— Ele sabe. — A sua própria voz soou estranha e baixa depois dos gritos estridentes de Voldemort. — Ele sabe, e vai verificar onde estão os outros, e o último — pusera-se entretanto em pé — encontra-se em Hogwarts. Eu sabia. *Eu sabia.*

— O quê?

Ron olhava-o, embasbacado; Hermione pusera-se de joelhos, com ar preocupado.

— Mas o que foi que viste? Como é que sabes?

— Vi-o descobrir o que sucedeu à taça, eu... eu estava dentro da cabeça dele, ele... — Harry recordou as mortes —, ele está deveras enfurecido, e assustado também, não consegue perceber como soubemos, e agora vai verificar se os outros estão seguros, começando pelo anel. Acha que o de Hogwarts está mais seguro, porque o Snape se encontra lá, porque nos será extremamente difícil entrar sem sermos vistos. Acho que vai verificar esse em último lugar, mas pode muito bem chegar lá dentro de algumas horas...

— Viste em que sítio de Hogwarts se encontra? — perguntou Ron, pondo-se também em pé.

— Não, ele concentrou-se em avisar o Snape, não pensou exactamente na sua localização.

— Esperem, *esperem!* — exclamou Hermione, quando Ron apanhou o Horcrux e Harry foi novamente buscar o Manto da Invisibilidade. — Não podemos simplesmente *ir*, temos de conceber um plano, precisamos de...

— Precisamos de ir andando — anunciou Harry, com firmeza. Tivera esperança de poder dormir, estava desejoso de se enfiar na tenda nova, mas isso agora era impossível. — Conseguem imaginar o que ele fará mal se aperceba de que o anel e o medalhão desapareceram? E se ele tirar o Horcrux de Hogwarts, se decidir que deixou de estar suficientemente seguro lá?

— Mas como vamos conseguir entrar?

— Vamos até Hogsmeade — sugeriu Harry —, e tentamos traçar um plano assim que virmos qual a protecção em torno da escola. Mete-te debaixo do Manto, Hermione, desta vez quero que fiquemos todos juntos.

— Mas nós não cabemos to...

— Estará escuro, ninguém vai reparar se ficarmos com os pés de fora.

Um bater de asas enormes ecoou do outro lado da água negra: o dragão bebera até à saciedade e elevara-se no ar. Interromperam os preparativos para ficarem a vê-lo subir cada vez mais alto, uma mancha negra no céu que escurecia rapidamente, até desaparecer por cima de uma montanha próxima. Depois Hermione avançou e ocupou o seu lugar entre os outros dois. Harry deixou que o Manto os cobrisse até onde chegava, e juntos giraram ali mesmo, mergulhando na escuridão opressiva.

XXVIII

O ESPELHO DESAPARECIDO

Os pés de Harry assentaram na rua e viu a High Street de Hogsmeade, tão dolorosamente familiar: fachadas de lojas escuras e o contorno de montanhas negras por detrás da aldeia, a curva da estrada que seguia até Hogwarts, a luz nas janelas do Três Vassouras e, sentindo um sobressalto, recordou vividamente a forma como descera ali, cerca de um ano antes, amparando Dumbledore, já tremendamente fraco; tudo aquilo num segundo, ao descer... e depois, no momento em que aliviava a pressão nos braços de Ron e Hermione, aconteceu.

O ar foi cortado por um grito que se assemelhou ao de Voldemort quando se apercebera de que a taça fora roubada: buliu com todos os nervos do seu corpo, e ele soube de imediato que fora causado pelo aparecimento deles. No preciso momento em que olhava para os outros dois debaixo do Manto, a porta do Três Vassouras escancarou-se e uma dúzia de Devoradores da Morte de capa e capuz precipitou-se para a rua, de varinhas erguidas.

Harry travou o pulso de Ron quando ele levantou a varinha. Eram simplesmente demasiados para Atordoar; só a tentativa bastaria para denunciar a posição deles. Um dos Devoradores da Morte brandiu a varinha e o grito cessou, continuando a ecoar nas montanhas distantes.

— *Accio Manto!* — gritou um dos Devoradores da Morte.

Harry agarrou as pregas, mas ele não fez menção de desaparecer; o Feitiço de Convocação não resultara.

— Então não estás debaixo do teu invólucro, Potter? — gritou o Devorador da Morte que tentara lançar o feitiço, e depois, aos seus companheiros: — Dispersem. Ele está aqui.

Seis Devoradores da Morte correram na direcção deles: Harry, Ron e Hermione recuaram, tão rapidamente quanto possível, para a rua transversal mais próxima e por uma unha negra os Devoradores da Morte não os descobriram. Ficaram a aguardar no escuro, escutando os passos a subir e descer em corrida, os feixes de luz das varinhas dos Devoradores da Morte pela rua, à procura deles.

— Vamos mas é embora — murmurou Hermione. — Desaparecer já!
— Excelente ideia — disse Ron, mas antes que Harry pudesse responder, um Devorador da Morte gritou:

— Sabemos que estás aqui, Potter, e não tens saída! Havemos de te encontrar!

— Eles estavam à nossa espera — segredou Harry. — Lançaram aquele feitiço para os avisar da nossa chegada. Calculo que tenham feito algo para nos manter aqui, nos aprisionar ...

— E então os Dementors? — ouviu-se outro Devorador da Morte gritar. — Deixem-nos à solta, que o encontram num instante!

— O Senhor das Trevas quer que o Potter seja morto unicamente às suas mãos...

— ...e os Dementors não o matarão! O Senhor das Trevas quer a vida do Potter, não a sua alma. Será mais fácil matá-lo se tiver sido beijado primeiro!

Chegaram-lhes sons de concordância. O medo invadiu Harry: para repelir os Dementors teriam de produzir um Patronus, o que os denunciaria imediatamente.

— Vamos ter de tentar Desaparecer, Harry! — murmurou Hermione.

No momento em que ela falou, Harry sentiu o frio artificial começar a espalhar-se pela rua. A luz foi absorvida até às estrelas, que desapareceram. Na mais completa negrura, sentiu Hermione agarrar-lhe o braço e, juntos, rodaram ali mesmo.

O ar através do qual necessitavam de se deslocar pareceu ter-se solidificado: não conseguiam Desaparecer; os Devoradores da Morte haviam lançado bem os seus encantamentos. O frio ia-se entranhando cada vez mais na carne de Harry. Ele, Ron e Hermione recuaram pela rua transversal, tacteando a parede, tentando não fazer barulho nenhum. Então, ao virar da esquina, deslizando silenciosamente, apareceram dez ou mais Dementors, visíveis apenas porque apresentavam uma escuridão mais densa que a que os envolvia, com as capas pretas e as mãos sarnentas e putrefactas. Conseguiriam sentir o medo nas proximidades? Harry tinha a certeza que sim: davam a impressão de avançar agora mais rapidamente, respirando daquela forma arrastada e ruidosa que tanto detestava, saboreando o desespero no ar, aproximando-se cada vez mais...

Ergueu a varinha: não podia, não queria, receber o beijo do Dementor, independentemente do que acontecesse depois. Foi em Ron e Hermione que pensou ao murmurar «*Expecto patronum!*»

O veado prateado brotou da sua varinha e atacou: os Dementors dispersaram e ouviu-se um grito vitorioso vindo de algures na noite.

— É ele, ali em baixo, eu vi o Patronus dele, era um veado!

Os Dementors haviam recuado, as estrelas iam reaparecendo e os passos dos Devoradores da Morte soavam mais alto; mas antes que Harry, no seu pânico, pudesse decidir o que fazer, ouviu-se o ranger de um ferrolho ali perto, uma porta abriu-se do lado esquerdo e uma voz áspera disse: — Potter,

por aqui, rápido!

Obedeceu sem hesitar: os três entraram de roldão pela porta aberta.

— Vão lá para cima, conservem o Manto, não façam barulho! — segredou uma figura alta, passando por eles a caminho da rua e batendo com a porta.

Harry não fazia ideia de onde estavam, mas viu naquele momento, à luz trémula de uma única vela, o bar sujo e coberto de serradura do Cabeça de Javali. Correram para trás do balcão e transpuseram uma segunda porta, que dava acesso a uma escada de madeira pouco firme, e subiram-na o mais depressa que puderam. As escadas desembocaram numa sala de estar com uma tapete puída e uma pequena lareira, por cima da qual se via um único quadro grande a óleo de uma rapariga loura que olhava a sala com uma espécie de doçura ausente.

Chegaram-lhes gritos lá de baixo, da rua. Conservando ainda o Manto da Invisibilidade, aproximaram-se cuidadosamente da janela e espreitaram a cena. O seu salvador, que Harry reconhecia agora como o empregado do bar do Cabeça de Javali, era a única pessoa que não usava manto.

— E depois? — barafustava com um dos rostos encapuzados. — E depois? Se enviam os Dementors à minha rua, eu respondo enviando-lhes um Patronus! Não os quero perto de mim, já lhes disse, não o permitirei!

— Aquilo não era o teu Patronus! — insurgiu-se um Devorador da Morte. — Aquilo era um veado, era do Potter!

— Veados! — bradou o empregado do bar, e puxou de uma varinha. — Veados! Seu idiota... *expecto patronum!*

Irrompeu da varinha algo enorme e com chifres que baixou a cabeça e correu na direcção da High Street, desaparecendo de vista.

— Não foi aquilo que eu vi... — protestou o Devorador da Morte, conquanto a sua certeza fosse menor.

— O recolher obrigatório foi violado, tu ouviste o barulho — respondeu um dos seus companheiros ao empregado do bar. — Andava alguém na rua, a violar as regras...

— Se eu quiser deixar sair o meu gato, fá-lo-ei, e quero lá saber do teu recolher obrigatório!

— Foste *tu* que activaste o Feitiço do Miado?

— E se o tiver feito? Vais mandar-me para Azkaban? Matar-me por pôr o nariz de fora da minha porta? Podes fazê-lo, se quiseres! Mas espero, para vosso bem, que não tenham premido as pequenas Marcas Negras, convocando-o. Ele não vai gostar de ser chamado aqui por causa de mim e do meu gato, pois não, hein?

— Não te preocupes connosco — respondeu um dos Devoradores da Morte —, preocupa-te mas é contigo por estares a violar o recolher obrigatório!

— E onde tráficarão poções e venenos quando o meu bar for encerrado? O que acontecerá então às vossas negociatas escuras?

— Estás a ameaçar...?

— Eu não abro a boca, é por isso que cá vêm, não é?

— Continuo a afirmar que vi um veado Patronus! — exclamou o primeiro Devorador da Morte.

— Veados? — atroou o empregado do bar. — É uma *cabra*, meu idiota!

— Está bem, enganámo-nos — disse o segundo Devorador da Morte. — Violas outra vez o recolher obrigatório e não seremos tão tolerantes!

Os Devoradores da Morte regressaram então a High Street. Hermione gemeu de alívio debaixo do Manto e sentou-se numa cadeira bamba. Harry correu completamente os cortinados, depois retirou o Manto de cima de si e de Ron. Ouviram lá em baixo o empregado do bar voltar a trancar a porta e depois subir as escadas.

Algo em cima da cornija da lareira despertou a atenção de Harry: havia um pequeno espelho rectangular, colocado mesmo por debaixo do retrato da rapariga.

O empregado do bar entrou na sala.

— Seus grandes tolos — disse rudemente, olhando-os um por um. — Mas afinal, que ideia foi a vossa, virem aqui?

— Obrigado — disse Harry —, não temos palavras para lhe agradecer. O senhor salvou as nossas vidas.

O empregado do bar resmungou. Harry aproximou-se dele, olhando-lhe para o rosto, tentando ver para lá do cabelo e da barba grisalhos compridos e sebosos. Usava óculos. Por detrás das lentes sujas, os olhos eram de um azul penetrante, intenso.

— É o seu olho que tenho visto no espelho.

Fez-se silêncio na sala, e o empregado do bar observou cada um deles.

— Foi o senhor quem enviou o Dobby.

O empregado do bar anuiu e olhou à sua volta, procurando o elfo.

— Julguei que estivesse convosco. Onde é que o deixaram?

— Ele morreu — informou-o Harry. — A Bellatrix Lestrange matou-o.

O rosto do empregado do bar manteve-se impassível. Passados alguns momentos, falou: — Lamento sabê-lo. Gostava daquele elfo.

Afastou-se, acendendo os candeeiros com gestos da sua varinha, sem olhar para nenhum deles.

— O senhor é o Aberforth — afirmou Harry, nas costas do homem.

Ele não o confirmou nem desmentiu, curvando-se para acender a lareira.

— Como arranjou isto? — indagou Harry, aproximando-se do espelho de Sirius, o par do que ele partira quase dois anos antes.

— Comprei-o ao Dung há coisa de um ano — respondeu Aberforth. — O Albus explicou-me o que era. Tenho procurado ficar de olho em vocês.

Ron lançou uma exclamação de espanto.

— A corça prateada! — exclamou, todo entusiasmado. — Também foi o senhor?

— Do que estás a falar? — perguntou Aberforth.

— Alguém nos enviou uma corça Patronus!

— Com essa inteligência, bem que podias ser um Devorador da Morte,

filho. Não acabei de provar que o meu Patronus é uma cabra?

— Oh — disse Ron. — Pois... bem, estou cheio de fome! — acrescentou, na defensiva, quando o seu estômago emitiu um valente ronco.

— Tenho comida — referiu Aberforth, e saiu a correr da sala, reaparecendo momentos depois com um pão grande, queijo e um jarro de *mead*, que colocou em cima de uma mesinha diante da lareira. Esfaimados, comeram e beberam e, durante um bocado, o silêncio reinou, à excepção do crepitar do fogo, do tinir dos copos e dos ruídos de mastigação.

— Ora bem — disse Aberforth, depois de eles terem saciado a fome, e Harry e Ron se deixarem cair, ensonados, nas cadeiras. — Precisamos de pensar na melhor maneira de vos tirar daqui. Não pode ser feito de noite, vocês ouviram o que acontece a quem põe um pé fora de portas depois de escurecer. O Feitiço do Miado é activado, e eles cairão sobre vocês como bodigaíais sobre ovos de Doxy. Não me parece que consiga fazer passar um veado por uma cabra uma segunda vez. Esperem pelo raiar do dia, quando o recolher obrigatório é levantado, voltem então a colocar o vosso Manto e sigam a pé. Saíam logo de Hogsmeade, dirijam-se às montanhas, e poderão Desaparecer ali. Talvez encontrem o Hagrid. Ele tem estado escondido lá numa caverna com o Grawp desde que tentaram prendê-lo.

— Nós não vamos partir — explicou Harry. — Precisamos de ir a Hogwarts.

— Não sejas estúpido, rapaz — retrucou Aberforth.

— Temos mesmo de ir — insistiu Harry.

— Aquilo que tens de fazer — frisou Aberforth, inclinando-se —, é afastares-te o mais que puderes daqui.

— O senhor não entende. Não resta muito tempo. Temos de conseguir chegar ao castelo. O Dumbledore... isto é, o seu irmão... queria que nós...

O clarão da lareira fez com que as lentes sujas dos óculos de Aberforth ficassem momentaneamente opacas, de um branco intenso e uniforme, fazendo lembrar a Harry os olhos cegos da aranha gigante, Aragog.

— O meu irmão Albus queria muitas coisas — disse Aberforth —, e por norma as pessoas saíam magoadas, enquanto ele punha em prática os seus planos grandiosos. Sai-me mas é desta escola, Potter, e do país, se puderes. Esquece o meu irmão e os seus esquemas inteligentes. Para onde ele foi já nada disto o pode afectar, e tu não lhe deves nada.

— O senhor não entende — repetiu Harry.

— Achas que não? — inquiriu Aberforth calmamente. — Cuidas que não compreendia o meu próprio irmão? Pensas que conhecias o Albus melhor que eu?

— Não foi isso que eu quis dizer — protestou Harry, que sentia o cérebro indolente da exaustão e do excesso de comida e vinho. — É que... ele deixou-me uma tarefa.

— Ai deixou, foi? — comentou Aberforth. — Uma tarefa simpática, espero? Agradável? Fácil? O tipo de coisa que se esperaria que um jovem

feiticeiro pouco qualificado fizesse sem ultrapassar as suas limitações?

Ron soltou uma gargalhada bastante forçada e Hermione parecia tensa. — Eu... não é fácil, não — confirmou Harry. — Mas tenho de...

— «Tens de»? Por que é que *«tens de»*? Ele morreu, não morreu? — perguntou Aberforth, com rudeza. — Esquece, rapaz, antes que tenhas o mesmo destino que ele! Salva-te!

— Não posso.

— E por que não?

— Eu... — Harry sentiu-se abatido; não conseguia explicar, de modo que passou ao ataque. — Mas o senhor também está a lutar, pertence à Ordem da Fénix...

— Pertenci — disse Aberforth. — A Ordem da Fénix acabou. O Quem-Nós-Sabemos venceu, acabou-se, e quem afirmar o contrário está a iludir-se. Isto aqui nunca será seguro para ti, Potter, ele quer muito apanhar-te. Por isso vai para o estrangeiro, esconde-te, salva-te. E é melhor levares também estes dois contigo. — Apontou um dedo trémulo a Ron e Hermione. — Correrão perigo de vida agora que toda a gente sabe que têm estado a trabalhar contigo.

— Não posso partir — redarguiu Harry. — Tenho uma tarefa.

— Encarrega outro dela!

— Não posso. Tenho de ser eu. O Dumbledore explicou tudo...

— Ah, explicou, foi? E contou-te mesmo tudo, foi honesto contigo?

Do fundo do seu coração, Harry queria responder «sim», mas de certa forma aquela simples palavra não conseguiu aflorar-lhe aos lábios. Aberforth parecia saber o que lhe ia no pensamento.

— Eu conhecia o meu irmão, Potter. Ele aprendeu o secretismo no colo da nossa mãe. Com segredos e mentiras, foi assim que crescemos, e o Albus... bem, ele tinha uma queda especial.

Os olhos do velho deslocaram-se até ao quadro da rapariga por cima da cornija da lareira. Agora que Harry reparava com atenção, era o único quadro da sala. Não existia uma fotografia de Albus Dumbledore, nem de mais ninguém.

— Mr. Dumbledore? — perguntou Hermione, bastante timidamente. — Aquela é a sua irmã, Ariana?

— É — respondeu Aberforth concisamente. — Andaste a ler a Rita Skeeter, foi, minha menina?

Até à luz rosada da lareira foi notório que Hermione ficara ruborizada.

— O Elphias Doge falou-nos dela — explicou Harry, procurando poupar Hermione.

— Aquele velho palerma — murmurou Aberforth, bebendo outro gole de *mead*. — Coitado, julgava que o sol irradiava de cada poro do meu irmão. Bom, muita gente também julgava, incluindo vocês os três, pelos vistos.

Harry permaneceu em silêncio. Não queria expressar as dúvidas e incertezas em relação a Dumbledore que de há meses para cá o vinham deixando intrigado. Fizera a sua escolha enquanto cavava a sepultura de

Dobby; decidira prosseguir o caminho sinuoso e perigoso que Albus Dumbledore lhe indicara, aceitar que ele não lhe contara tudo o que queria saber, limitando-se a confiar. Não desejava voltar a sentir dúvidas, não queria ouvir nada que o pudesse desviar do seu propósito. Suportou o olhar de Aberforth, que era extraordinariamente parecido com o do irmão: os olhos azuis intensos causavam a mesma impressão de estarem a passar ao raio X o objecto do seu exame, e Harry julgou que Aberforth soubesse o que ele estava a pensar e desprezou-o por isso.

— O Professor Dumbledore preocupava-se com o Harry, mesmo muito — afirmou Hermione, em voz baixa.

— Ah sim, não me digas? — comentou Aberforth. — Curiosamente, todas as pessoas com quem o meu irmão se preocupava muito acabaram bem pior do que se ele as tivesse deixado em paz.

— O que quer dizer com isso? — indagou Hermione, ansiosa.

— Esquece — respondeu Aberforth.

— Mas isso é uma afirmação extremamente grave! — protestou Hermione.

— O senhor está... está a falar da sua irmã?

Aberforth fuzilou-a com o olhar: os seus lábios moveram-se como se mastigasse as palavras que estava a conter. Depois começou a falar.

— Quando a minha irmã tinha seis anos, foi atacada, maltratada, por três rapazes Muggles. Tinham-na visto fazer magia, espiando pela sebe do quintal nas traseiras; ela era uma criança, não a conseguia controlar, nenhum feiticeiro ou feiticeira o consegue com aquela idade. O que viram deixou-os assustados, calculo. Enfiaram-se pela sebe, e como ela não lhes conseguisse mostrar a habilidade, eles foram um pouco longe demais na tentativa de a impedir de repetir.

Os olhos de Hermione arregalaram-se no clarão da lareira e Ron parecia ligeiramente nauseado. Aberforth levantou-se, tão alto quanto Albus, e subitamente terrível na sua raiva e na intensidade do seu sofrimento.

— O que eles fizeram foi destruí-la! Ela nunca mais voltou a ficar boa. Recusava-se a usar magia, mas não conseguia livrar-se dela. Interiorizou-se e fê-la enlouquecer, explodia dela quando não a conseguia controlar, e às vezes a Ariana ficava estranha e perigosa. Mas a maior parte das vezes era amorosa, uma menina assustada e inofensiva.

«E o meu pai foi atrás dos patifes que fizeram aquilo — prosseguiu Aberforth —, e atacou-os. E meteram-no em Azkaban por causa disso. Ele nunca explicou a razão por que o fizera, precisamente porque, se o Ministério tem sabido no que a Ariana se tornara, ela ficaria fechada em S. Mungo para sempre. Tê-la-iam considerado uma séria ameaça ao Estatuto Internacional de Secretismo, desequilibrada como estava, com a magia a explodir nos momentos em que não a conseguia conservar mais tempo lá dentro.

«Tínhamos de a manter segura e sossegada. Mudámos de casa, fizemos constar que ela estava doente, e a minha mãe cuidou dela e tentou mantê-la calma e feliz.

«Eu era o seu preferido — referiu e, ao dizê-lo, um rapazinho da escola encardido pareceu espreitar por entre as rugas e a barba emaranhada. — Não era o Albus, ele enfiava-se sempre no quarto quando estava em casa, a ler os seus livros e a contar os seus prémios, a pôr a correspondência em dia com “os nomes mais famosos da época ligados à magia” — escarneceu Aberforth —, *ele* não queria preocupar-se com ela. Era de mim que ela gostava mais. Eu conseguia que ela comesse quando se recusava com a minha mãe, conseguia acalmá-la quando tinha uma das suas fúrias e, quando estava calma, costumava ajudar-me a dar de comer às cabras.

«Depois, quando tinha catorze anos... sabem, eu não estava lá — referiu Aberforth. — Se estivesse, teria conseguido acalmá-la. Ela teve uma das suas fúrias, e a minha mãe já não era tão nova, e... foi um acidente. A Ariana não conseguiu controlar-se e a minha mãe morreu.

Harry sentiu um misto horrível de pena e repulsa; não queria ouvir mais, mas Aberforth prosseguia e Harry perguntou-se há quanto tempo ele não falava do assunto, se é que alguma vez o fizera.

— Então, isso obrigou o Albus a interromper a sua viagem à volta do mundo com o pequeno Doge. Regressaram os dois para o funeral da minha mãe e depois o Doge partiu sozinho, e o Albus assentou como chefe de família. Ah!

Aberforth cuspiu para o fogo.

— Eu disse-lhe que cuidaria dela, que não me interessavam os estudos, que preferia ficar em casa a tomar conta da Ariana. Ele frisou que eu tinha de terminar a minha educação, e que *ele* se encarregaria de substituir a minha mãe. Uma descida de estatuto para o Sr. Brilhante, pois não havia prémios para quem olhava pela irmã meia louca, impedindo-a de fazer a casa explodir a qualquer momento, dia sim, dia não. Mas o Albus aguentou-se algumas semanas... até que ele apareceu.

E depois foi-se estampando uma expressão verdadeiramente ameaçadora no rosto de Aberforth.

— O Grindelwald. O meu irmão tinha finalmente um *igual* com quem conversar, alguém tão inteligente e talentoso como ele. E cuidar da Ariana passou então para segundo lugar, enquanto eles congregavam os seus grandiosos planos para uma nova ordem no mundo da feitiçaria, e a busca dos *Talismãs*, e tudo o mais que tanto os interessava. Planos grandiosos para benefício da classe dos feiticeiros e, se uma rapariguita fosse negligenciada, que importância tinha, quando o Albus estava a trabalhar para *o bem maior*?

«Mas, decorridas algumas semanas, fartei-me, acreditem. Estava quase a chegar o momento de eu voltar para Hogwarts, de modo que falei com ambos, cara a cara, tal como estou agora a falar convosco — e Aberforth olhou para Harry, e não foi precisa muita imaginação para o ver em adolescente, seco e azedo, a enfrentar o irmão mais velho. — Disse-lhe, é melhor desistires, agora. Não podes mudá-la, ela não está em condições, não podes levá-la contigo para onde quer que planeias ir, quando estiveres a fazer os teus

discursos inteligentes, a tentar arranjar seguidores. Ele não pareceu nada satisfeito — referiu Aberforth, e os seus olhos ficaram brevemente toldados pelo reflexo da lareira nas lentes dos seus óculos, que mais uma vez brilharam, brancas e cegas. — O Grindelwald também não gostou nada mesmo. Zangou-se. Disse-me que eu não passava de um rapazola estúpido, que estava a tentar impedi-lo e ao meu brilhante irmão... seria que eu não compreendia que, mal eles mudassem o mundo, a minha pobre irmã não *teria* de ficar escondida? Eles iam revelar a existência dos feiticeiros e meter os Muggles no seu devido lugar.

«E houve uma discussão... puxei da minha varinha, ele puxou da sua e o melhor amigo do meu irmão aplicou-me a Maldição Cruciatu... e o Albus a tentar impedi-lo e depois nós os três batemo-nos, e o brilho dos raios luminosos e os estrondos enervaram-na e ela não aguentou...

A cor escoava-se do rosto de Aberforth como se tivesse sido mortalmente ferido.

— ...e penso que ela queria ajudar, mas na realidade não sabia o que fazia, e não sei qual de nós foi, podia ter sido qualquer um de nós... e ela morreu.

Falhou-lhe a voz na última palavra e deixou-se cair na cadeira mais próxima. O rosto de Hermione estava lavado em lágrimas e Ron parecia quase tão pálido quanto Aberforth. Harry não sentiu senão repulsa: desejava não ter sabido aquilo, desejava poder varrê-lo por completo da sua mente.

— La-lamento imenso — murmurou Hermione.

— Foi-se — gemeu Aberforth. — Foi-se para sempre.

Limpou o nariz ao punho e pigarreou.

— Claro que o Grindelwald desapareceu. Já tinha um certo cadastro, lá no seu país, e não queria a Ariana a juntar-se ao rol. E o Albus ficou livre, não foi? Livre do fardo da irmã, livre para se tornar o maior feiticeiro do...

— Ele nunca foi livre — contrapôs Harry.

— Como é que é? — insurgiu-se Aberforth.

— Nunca — frisou Harry. — Na noite em que o seu irmão morreu, ele bebeu uma poção que o deixou delirante. Começou a gritar, a suplicar a alguém que não estava lá. «*Não lhes faças mal, por favor... faz antes a mim.*»

Ron e Hermione fitavam Harry. Ele nunca entrara em pormenores sobre o que sucedera na ilha no lago, pois os acontecimentos ocorridos depois de ele e Dumbledore terem regressado a Hogwarts eclipsaram-no por completo.

— Ele julgou que estava lá, consigo e com o Grindelwald, eu sei que julgou — contou Harry, recordando as lamúrias de Dumbledore, as súplicas. — Ele pensou que estava a ver o Grindelwald fazer-lhe mal a si e à Ariana... foi uma tortura, se o tivesse visto então, não afirmaria que ele era livre.

Aberforth pareceu perdido na contemplação das suas mãos deformadas e de veias salientes. Após uma longa pausa, perguntou: — Como podes ter a certeza, Potter, de que o meu irmão não estava mais interessado no bem maior que em ti? Como podes ter a certeza de que não és dispensável, tal como a minha irmãzita?

Pareceu ter-se cravado uma lasca de gelo no coração de Harry.

— Não acredito. O Dumbledore adorava o Harry! — insurgiu-se Hermione.

— Por que não o aconselhou então a esconder-se? — ripostou Aberforth.

— Por que não lhe disse, cuida de ti, eis como podes sobreviver?

— Porque — respondeu Harry, antes que Hermione pudesse falar —, às vezes é *preciso* pensar em mais do que na nossa própria segurança! Às vezes é preciso pensar no bem maior! Isto é uma guerra!

— Tu tens dezassete anos, rapaz!

— Sou maior, e vou continuar a lutar mesmo que o senhor tenha desistido!

— E quem diz que eu desisti?

— «A Ordem da Fénix acabou» — repetiu Harry. — «O Quem-Nós-Sabemos venceu, acabou-se, e quem afirmar o contrário está a iludir-se.»

— Não digo que me agrade, mas é a verdade!

— Não é, não — retorquiu Harry. — O seu irmão sabia como destruir o Quem-Nós-Sabemos e transmitiu-me esse conhecimento. Vou continuar a lutar até triunfar... ou morrer. Não julgue que não sei como isto pode terminar. Há anos que o sei.

Ficou à espera de que Aberforth escarnecesse ou contra-argumentasse, mas ele não o fez. Limitou-se a franzir o sobrolho.

— Precisamos de entrar em Hogwarts — repetiu Harry. — Se não nos pode ajudar, esperaremos até ao raiar do dia, deixamo-lo em paz e tentamos descobrir uma maneira de entrar. Se nos *puder* ajudar... bem, agora seria o momento de o dizer.

Aberforth permaneceu pregado à cadeira, fitando Harry com os olhos que eram tão espantosamente iguais aos do irmão. Finalmente pigarreou, levantou-se, contornou a mesinha e aproximou-se do retrato de Ariana.

— Tu sabes o que fazer — disse-lhe.

Ela sorriu, virou-se e afastou-se, não como as pessoas nos retratos normalmente faziam, pelos cantos das molduras, mas ao longo do que parecia ser um comprido túnel pintado por detrás dela. Viram a sua figura magra recuar até acabar por ser engolida pelo escuro.

— Hã... o qu...? — começou Ron.

— Neste momento, só existe uma entrada — explicou Aberforth. — Vocês já devem saber que todas as outras passagens secretas estão tapadas em ambas as extremidades, há Dementors à volta dos muros e patrulhas regulares dentro da escola, segundo as minhas fontes me informaram. O local nunca esteve tão fortemente guardado. Como esperam fazer alguma coisa uma vez lá dentro, com o Snape a controlar e os Carrow como seus Adjuntos... bem, isso é da tua responsabilidade, não é? Dizes que estás preparado para morrer.

— Mas o que...? — perguntou Hermione, franzindo as sobrancelhas para o retrato de Ariana.

Um minúsculo ponto branco reapareceu ao fundo do túnel pintado, e Ariana regressava agora na direcção deles, tornando-se cada vez maior. Todavia, vinha acompanhada de alguém mais alto que ela, que avançava a coxear,

parecendo entusiasmado. O cabelo estava mais comprido do que Harry alguma vez lhe vira, parecia ter sofrido diversos golpes no rosto e tinha as roupas rasgadas. As duas figuras iam ficando cada vez maiores, até só as cabeças e os ombros encherem o retrato. Depois, a moldura girou para a frente como se fosse uma pequena porta, e ficou à vista a entrada de um túnel verdadeiro. E de lá, com o cabelo crescido, o rosto golpeado e o manto em farrapos, saiu o verdadeiro Neville Longbottom, que soltou um grito de satisfação, pulou da cornija da lareira e exclamou: — Eu sabia que vinhas! *Eu sabia, Harry!*

XXIX

O DIADEMA PERDIDO

Neville... o que... como...?

Mas Neville avistara Ron e Hermione e abraçava-os também por entre gritos de satisfação. Quanto mais Harry olhava para Neville, pior ele lhe parecia: um dos olhos estava inchado, amarelo e roxo, havia marcas de golpes no seu rosto e o ar geral de desmazelo sugeria que estivera a viver em condições duras. Não obstante, o seu rosto maltratado irradiava felicidade quando largou Hermione e disse de novo: — Eu sabia que vinhas! Dizia constantemente ao Seamus que era uma questão de tempo!

— Neville, o que te aconteceu?

— O quê? Isto? — Neville desvalorizou os seus ferimentos abanando a cabeça. — Isto não é nada. O Seamus está pior. Vão ver. Vamos andando, está bem? Oh — virou-se para Aberforth. — Ab, devem vir a caminho mais umas pessoas.

— Mais umas? — repetiu Aberforth com ar sinistro. — O que queres dizer com mais umas, Longbottom? Há recolher obrigatório e o Feitiço do Miado sobre toda a aldeia!

— Eu sei, é por isso que elas irão Aparecer directamente no bar — referiu Neville. — Manda-as só pela passagem quando lá chegarem, pode ser? Obrigadinho.

Neville estendeu a mão a Hermione e ajudou-a a subir para a cornija da lareira e a entrar no túnel; seguiu-se Ron, depois Neville. Harry dirigiu-se a Aberforth.

— Não sei como agradecer-lhe. Salvou as nossas vidas duas vezes.

— Olha por eles, então — disse Aberforth com impaciência. — Posso não os conseguir salvar uma terceira.

Harry trepou para a cornija da lareira e atravessou o buraco por detrás do retrato de Ariana. Havia uns degraus de pedra lisa do outro lado e dava a impressão de que a passagem existia há anos. Viam-se candeeiros de latão pendurados nas paredes e o chão de terra estava pisado e macio; ao caminharem, as suas sombras agitavam-se, em forma de leque, pela parede.

— Há quanto tempo é que isto existe? — perguntou Ron, quando partiram. — Não vem no Mapa do Salteador, pois não, Harry? Julguei que só existiam na escola sete passagens de entrada e saída?

— Eles fecharam-nas todas antes do início do ano — explicou Neville. — É impossível usar qualquer delas, têm maldições à entrada e Devoradores da Morte e Dementors à espera na saída. — Começou a andar virado para trás, sorrindo, bebendo a presença dos amigos. — Esqueçam essa treta... É verdade? Vocês assaltaram Gringotts? Fugiram num dragão? Vem em todo o lado, todos falam disso, o Terry Boot foi espancado pelo Carrow por o apregoar no Salão Nobre ao jantar!

— Sim, é verdade — confirmou Harry.

Neville soltou uma gargalhada de satisfação.

— E o que fizeram ao dragão?

— Libertámo-lo num lugar ermo — explicou Ron. — A Hermione queria ficar com ele como animal de estimação...

— Não exageres, Ron...

— Mas conta lá, o que tens feito? As pessoas dizem que tens andado fugido, Harry, mas não me parece. Cá para mim andas para aí a tramar alguma.

— Tens razão — afirmou Harry —, mas fala-nos de Hogwarts, Neville, não temos sabido nada.

— A escola está... bem, Hogwarts já nem parece a mesma — comentou Neville, o sorriso desaparecendo-lhe do rosto. — Já sabes dos Carrow?

— Aqueles dois Devoradores da Morte que dão aulas aqui?

— Eles fazem mais que dar aulas — referiu Neville. — Estão encarregados de toda a disciplina. Adoram castigos, os Carrow.

— Como a Umbridge?

— Ná, ao pé deles, ela é um cordeirinho. Os outros professores são obrigados a apresentar queixa de nós aos Carrow, se pisarmos o risco. No entanto, eles não o fazem, se o puderem evitar. Vê-se mesmo que os odeiam tanto quanto nós.

«Aquele tipo, o Amycus, dá o que costumava ser Defesa Contra a Magia Negra, só que agora se chama apenas Magia Negra. É suposto treinarmos a Maldição Cruciatus nas pessoas que foram postas de castigo...

— *O quê?*

As vozes de Harry, Ron e Hermione ecoaram pela passagem em uníssono.

— Pois — explicou Neville. — Foi assim que arranjei este — apontou para um golpe particularmente fundo na face. — Recusei-me a fazê-lo. Mas alguns alinham; o Crabbe e o Goyle adoram. Calculo que é a primeira vez que são os melhores em alguma coisa.

— A Aleto, a irmã do Amycus, dá Estudos Sobre Muggles, que é obrigatória para toda a gente. Temos de ouvi-la explicar que os Muggles são como animais, estúpidos e imundos, e que obrigaram os feiticeiros a esconder-se devido à sua crueldade, e que a ordem natural está a ser

restabelecida. Arranjei este — indicou outro golpe na face —, por perguntar que proporção de sangue Muggle ela e o irmão tinham.

— Caramba, Neville — disse Ron —, tens de aprender a ficar calado.

— Tu não a ouviste — prosseguiu Neville. — Também não terias aguentado. Só que, quando as pessoas lhes fazem frente, isso enche os outros de esperança. Eu costumava reparar quando tu o fazias, Harry.

— Mas eles usaram-te como amolador de facas — protestou Ron, esboçando um ligeiro esgar quando passaram por debaixo de um candeeiro e os ferimentos de Neville ganharam ainda maior relevo.

Neville encolheu os ombros.

— Não tem importância. Eles não querem derramar demasiado sangue puro, por isso torturam-nos um pouco se formos desbocados, mas sem nos chegarem realmente a matar.

Harry não sabia o que era pior, se as coisas que Neville dizia se o tom indiferente com que as dizia.

— As únicas pessoas verdadeiramente em perigo são aquelas cujos amigos e familiares no exterior estão a levantar problemas. São feitas reféns. O velho Xeno Lovegood estava a ser demasiado directo n' *A Voz Delirante*, e eles arrancaram a Luna do comboio quando regressava a casa para o Natal.

— Neville, ela está bem, nós vimo-la...

— Pois, eu sei, ela também conseguiu enviar-me uma mensagem.

Retirou do bolso uma moeda de ouro, e Harry reconheceu-a como um dos falsos Galeões que o Exército de Dumbledore usara para enviar mensagens entre si.

— Isto tem sido fantástico — afirmou Neville, sorrindo a Hermione. — Os Carrow nunca adivinharam como conseguíamos comunicar, o que os deixou loucos. Costumávamos escapular-nos à noite e escrever *graffiti* nas paredes: *Exército de Dumbledore, Continua a Recrutar*, e coisas do género, que o Snape abominava.

— Disseste *costumávamos*? — inquiriu Harry, que reparara no imperfeito.

— Bem, com o passar do tempo foi-se tornando mais difícil — referiu Neville. — Perdemos a Luna no Natal e a Ginny nunca mais voltou depois da Páscoa, e nós os três éramos os líderes, por assim dizer. Parecia que os Carrow sabiam que eu estava por detrás de tudo, por isso começaram a castigar-me duramente, e quando o Michael Corner foi apanhado a libertar um aluno do primeiro ano que eles tinham acorrentado, torturaram-no a valer. Isso assustou um pouco a malta.

— Pudera — murmurou Ron, quando a passagem começou a subir.

— Pois, bem, eu não podia pedir às pessoas que passassem pelo mesmo que o Michael, de modo que nos deixámos desse tipo de avarias. Mas continuávamos a lutar, a fazer coisas clandestinas, até há cerca de duas semanas. Foi então que decidiram que a única maneira de me pararem, acho, era irem atrás da avó.

— Eles fizeram o quê? — insurgiram-se Harry, Ron e Hermione ao mesmo

tempo.

— Isso mesmo — retorquiu Neville, agora um pouco arquejante, porque a passagem se tornara muito íngreme —, bem, é para vocês verem o raciocínio deles. Resultava às mil maravilhas, raptar crianças para obrigar os familiares a portarem-se bem, acho que foi apenas uma questão de tempo até inverterem o processo. Só que —, virou-se para eles e Harry ficou espantado ao ver que ele sorria —, a avó saiu-lhes um osso um pouco mais duro de roer. Como a velhota vivia sozinha, provavelmente julgaram que não precisavam de mandar ninguém particularmente poderoso. Seja como for — Neville soltou uma gargalhada —, o Dawlish ainda está em S. Mungo e a avó anda fugida. Enviou-me uma carta — levou uma mão ao bolso de cima do manto —, a contar-me que se orgulhava de mim, que eu tinha a quem sair, e que não desistisse.

— Fixe — disse Ron.

— Sim, fixe — redarguiu Neville, satisfeito. — Só que, mal se aperceberam de que não me podiam controlar, decidiram que Hogwarts podia passar muito bem sem mim. Não sei se tencionam matar-me ou enviar-me para Azkaban, para todos os efeitos, eu percebi que tinha chegado a hora de desaparecer.

— Mas — interveio Ron, parecendo completamente baralhado —, nós... nós não vamos direitos a Hogwarts?

— Claro que vamos — retorquiu Neville. — Vais ver. Chegámos.

Viraram uma esquina e lá à frente a passagem terminava. Outro curto lanço de escadas conduzia a uma porta semelhante à escondida por detrás do retrato de Ariana. Neville empurrou-a e passou. Quando Harry o seguiu, ouviu Neville gritar a pessoas invisíveis: — Vejam quem está aqui! Eu não lhes disse?

Quando Harry apareceu na sala do outro lado da passagem, ouviram-se vários gritos e berros...

— HARRY!

— É o Potter, é o POTTER!

— Ron!

— *Hermione!*

Teve uma visão confusa de tapeçarias coloridas, candeeiros e muitos rostos. Logo a seguir, ele, Ron e Hermione viram-se engolidos e abraçados, levaram palmadas nas costas, despentearam-lhes o cabelo e receberam apertos de mão da parte de mais de vinte pessoas, ou assim parecia. Era como se tivessem acabado de ganhar a final de Quidditch.

— Pronto, pronto, acalmem-se! — gritou Neville, e quando a multidão recuou, Harry conseguiu apreciar o que o rodeava.

Nem sequer reconheceu a sala. Era enorme e assemelhava-se ao interior de uma casa na árvore particularmente sumptuosa, ou talvez uma cabina de navio gigantesca. Viam-se camas de rede multicoloridas suspensas do tecto e de uma galeria que se estendia a toda a volta das paredes sem janelas, revestidas por painéis de madeira escura, de onde pendiam tapeçarias garridas; Harry viu

o leão dourado dos Gryffindor, sobre um fundo escarlate, o texugo preto dos Hufflepuff, num fundo amarelo e a águia de bronze dos Ravenclaw, sobre azul. Só faltava o verde e prata dos Slytherin. Havia estantes carregadas de livros, algumas vassouras encostadas às paredes e, no canto, um enorme aparelho de rádio com caixa de madeira.

— Onde estamos?

— Na Sala das Necessidades, claro! — exclamou Neville. — Excedeu as expectativas, não foi? Os Carrow andavam a perseguir-me, e eu sabia que só tinha uma hipótese de esconderijo. Consegui passar a porta e foi isto que encontrei! Bem, não estava exactamente assim quando cheguei, era muito mais pequena, havia apenas uma cama de rede e somente a tapeçaria dos Gryffindor. Mas tem vindo a expandir-se à medida que chegam mais e mais elementos do ED.

— E os Carrow não conseguem entrar? — inquiriu Harry, procurando a porta.

— Não — afirmou Seamus Finnigan, que Harry só reconheceu depois de ele falar: o seu rosto estava inchado e coberto de equimoses. — É um esconderijo perfeito, desde que pelo menos um de nós cá fique, eles não nos conseguem apanhar, a porta não se abre. Tudo obra do Neville. Ele *compreende* esta Sala. Tens de lhe dizer *exactamente* aquilo de que precisas... como por exemplo, “Não quero que nenhuns apoiantes dos Carrow consigam entrar”... e ela far-te-á a vontade. Só precisas de te certificar de que não há falhas! O Neville é quem controla tudo!

— Na realidade, é bastante simples — referiu Neville, com modéstia. — Eu estava aqui há dia e meio, cheinho de fome e a pensar como seria bom comer qualquer coisa, quando a passagem para o Cabeça de Javali se abriu. Enfie-me por ela e encontrei o Aberforth. Ele tem estado a fornecer-nos comida, pois, por alguma razão, é a única coisa que a Sala realmente não faz.

— Pois, de facto, a comida é uma das cinco excepções à Lei da Transfiguração dos Elementos, de Gamp — referiu Ron, para espanto geral.

— Portanto, estamos escondidos aqui há quase duas semanas — prosseguiu Seamus —, e ela limita-se a criar mais camas de rede sempre que necessitamos delas, e até fez aparecer uma casa de banho muito jeitosa quando começaram a chegar raparigas...

— ...e achou que elas gostariam bastante de se lavar — interveio Lavender Brown, em quem Harry só reparou naquele momento. Olhando então à sua volta com atenção, reconheceu muitos rostos familiares: as duas gémeas Patil, assim como Terry Boot, Ernie Macmillan, Anthony Goldstein e Michael Corner.

— Mas conta-nos o que tens andado a fazer — pediu Ernie —, são tantos os boatos, temos tentado manter-nos actualizados a teu respeito no *Últimas do Potter*. — Apontou para o rádio. — Vocês não assaltaram Gringotts, pois não?

— Assaltaram, pois! — exclamou Neville. — E o dragão também é

verdade!

Ouviram-se estrondosos aplausos e alguns vivas e Ron fez uma vénia.

— O que procuravam? — indagou Seamus avidamente.

Antes que algum deles conseguisse fugir à pergunta, Harry sentiu uma dor terrível e escaldante na cicatriz. Quando virou apressadamente as costas aos rostos curiosos e fascinados, a Sala das Necessidades desapareceu, e encontrou-se de pé dentro de uma cabana de pedra em ruínas. As tábuas do soalho podre haviam sido arrancadas, revelando um buraco ao lado qual se via uma caixa de ouro aberta, acabada de desenterrar. O grito de fúria de Voldemort vibrou dentro da sua cabeça.

Com um esforço tremendo, voltou a abandonar a mente de Voldemort, regressando, vacilante, à Sala das Necessidades, com o suor a correr-lhe pelo rosto e Ron a ampará-lo.

— Estás bem, Harry? — perguntava Neville. — Queres sentar-te? Calculo que estejas cansado, não es...?

— Não — afirmou Harry. Olhou para Ron e Hermione, tentando dizer-lhes sem palavras que Voldemort acabara de descobrir a perda de um dos outros Horcruxes. O tempo esgotava-se rapidamente: se Voldemort decidisse ir em seguida até Hogwarts perderiam a sua oportunidade.

— Precisamos de ir andando — disse, e as expressões deles indicaram-lhe que haviam compreendido.

— O que vamos então fazer, Harry? — inquiriu Seamus. — Qual é o plano?

— O plano? — repetiu Harry. Exercia toda a sua força de vontade para não sucumbir novamente à fúria de Voldemort, pois a cicatriz continuava a arder.

— Bem, há algo que nós... o Ron, a Hermione e eu... precisamos de fazer, e depois vamo-nos embora daqui.

Já ninguém se riu nem soltou vivas. Neville pareceu confuso.

— O que queres dizer com “vamo-nos embora daqui”?

— Nós não viemos para ficar — explicou Harry, esfregando a cicatriz, tentando aliviar a dor. — Há algo importante que temos de fazer...

— O que é?

— Eu... eu não posso contar.

Gerou-se uma onda de murmúrios ante aquelas palavras e Neville franziu os sobrolhos.

— Por que não nos podes contar? Tem a ver com a luta contra o Quem-Nós-Sabemos, não tem?

— Bem, sim...

— Nesse caso, vamos ajudar-vos.

Os outros membros do Exército de Dumbledore anuíram, alguns entusiasticamente, outros solenemente. Alguns levantaram-se das cadeiras para mostrar que estavam prontos a entrar em ação.

— Vocês não entendem. — Parecia que Harry dissера aquilo demasiadas vezes nas últimas horas. — Nós... nós não vos podemos contar. Temos de ser

nós a fazê-lo... sozinhos.

— Porquê? — quis saber Neville.

— Porque... — Ansioso por começar a procurar o Horcrux que faltava, ou pelo menos por ter uma conversa em particular com Ron e Hermione sobre o ponto por onde começar a busca, Harry sentia dificuldade em concentrar-se. A cicatriz continuava a queimá-lo. — O Dumbledore deixou-nos uma tarefa aos três — começou cautelosamente —, e não podemos revelá-la... quero dizer, ele queria que fôssemos nós a fazê-lo, os três sozinhos.

— Nós somos o seu Exército — frisou Neville. — O Exército de Dumbledore. Éramos todos membros, temo-lo mantido activo, enquanto vocês os três andaram a agir por conta própria...

— Olha que não foi propriamente um piquenique, pá — insurgiu-se Ron.

— Eu nunca disse isso, mas não percebo por que motivo não podem confiar em nós. Toda a gente nesta sala tem lutado e foi obrigada a refugiar-se aqui porque os Carrow andavam atrás deles. Toda a gente aqui deu provas de ser leal ao Dumbledore... de te ser leal.

— Olha — começou Harry, sem saber o que ia dizer, mas não importava; a porta do túnel acabara de se abrir atrás dele.

— Recebemos a tua mensagem, Neville! Olá aos três, calculei que estivessem aqui! — Eram Luna e Dean. Seamus soltou um enorme grito de satisfação e correu a abraçar o seu melhor amigo.

— Olá a todos! — exclamou Luna, contente. — Oh, que bom estar de volta!

— Luna! — exclamou Harry, confuso —, o que fazes aqui? Como foi que... ?

— Eu mandei-a vir — justificou-se Neville, mostrando o falso Galeão. — Prometi-lhe, a ela e à Ginny que, se tu aparecesses, as avisaria. Todos calculámos que, se voltasses, isso significaria uma revolução. Que íamos derrubar o Snape e os Carrow.

— Claro que é isso mesmo — afirmou Luna, animada. — Não é, Harry? Vamos expulsá-los de Hogwarts?

— Oiçam — Harry falou com uma crescente sensação de pânico —, lamento, mas não foi para isso que viemos. Há algo que temos de fazer, e depois...

— Vais deixar-nos nesta trapalhada? — demandou Michael Corner.

— Não! — exclamou Ron. — Aquilo que viemos fazer acabará por beneficiar todos, pois é para nos livrarmos do Quem-Nós-Sabemos...

— Então deixem-nos ajudar! — insistiu Neville, furioso. — Nós queremos participar!

Ouviu-se outro ruído atrás deles, e Harry virou-se. Pareceu-lhe que o seu coração parara: Ginny transpunha o buraco na parede, seguida de Fred, George e Lee Jordan. Ela lançou-lhe um sorriso tão radioso que Harry percebeu que se esquecera, ou nunca compreendera devidamente como ela era bela. Todavia, nunca lhe desagradou tanto vê-la.

— O Aberforth está a ficar um bocado chateado — queixou-se Fred, levantando a mão em resposta aos diversos gritos de saudação. — Quer passar pelas brasas e o bar dele está a transformar-se numa estação dos caminhos-de-ferro.

Harry ficou boquiaberto. Mesmo por detrás de Lee Jordan, apareceu Cho Chang, a antiga namorada de Harry. Ela sorriu-lhe.

— Recebi a mensagem — disse, exibindo o seu falso Galeão e veio sentar-se ao lado de Michael Corner.

— Portanto, qual é o plano, Harry? — quis saber George.

— Não existe nenhum — explicou Harry, ainda desorientado com o aparecimento súbito de toda aquela gente, incapaz de compreender o que quer que fosse, enquanto a cicatriz continuava a arder intensamente.

— Vamos improvisando à medida que for necessário, não é? É o meu estilo preferido — referiu Fred.

— Tens de parar com isto! — disse Harry a Neville. — Para que os chamaste a todos? Isto é uma loucura...

— Vamos lutar, não vamos? — perguntou Dean, mostrando o seu falso Galeão. — A mensagem dizia que o Harry estava de volta, e que íamos lutar. Mas vou precisar de uma varinha...

— Tu não tens *varinha*... ? — começou Seamus.

Ron virou-se bruscamente para Harry.

— Por que é que eles não podem ajudar?

— O quê?

— Eles podem ajudar. — Baixou a voz e disse, para que ninguém pudesse escutar senão Hermione, que estava no meio deles. — Nós não sabemos onde é que ele está. Temos de o encontrar rapidamente. Não precisamos de lhes dizer que é um Horcrux.

Harry olhou de Ron para Hermione, que murmurou: — Acho que o Ron tem razão. Nós nem sequer sabemos o que procuramos, precisamos deles. — E como Harry não parecesse lá muito convencido: — Não precisas de fazer tudo sozinho, Harry.

Harry pensou rapidamente, a cicatriz ainda a picar, a cabeça ameaçando voltar a estoirar-lhe de dor. Dumbledore avisara-o para não falar a ninguém dos Horcruxes, excepto a Ron e a Hermione. *Segredos e mentiras, foi assim que crescemos, e o Albus ... bem, ele tinha uma queda especial ...* Estaria a ficar igual a Dumbledore, a guardar os segredos só para si, receando confiar nos outros? Mas Dumbledore confiara em Snape, e onde é que isso o levava? À morte no cimo da torre mais alta...

— Está bem — afirmou em voz baixa aos outros dois. — Pronto — anunciou à Sala em geral, e todo o barulho cessou; Fred e George, que tinham estado a contar anedotas aos mais próximos, calaram-se, e todos ficaram atentos, entusiasmados.

— Temos de descobrir uma coisa — comunicou Harry. — Uma coisa... que nos ajudará a derrubar o Quem-Nós-Sabemos. Encontra-se aqui em Hogwarts,

mas não sabemos onde. Pode ter pertencido a Ravenclaw. Alguém ouviu falar de um objecto assim? Alguém alguma vez encontrou algo com a águia dela, por exemplo?

Olhou esperançado para o pequeno grupo de Ravenclaw, para Padma, Michael, Terry e Cho, mas foi Luna, empoleirada no braço da cadeira de Ginny, quem respondeu.

— Bem, há o diadema perdido. Eu contei-te, lembraste, Harry? O diadema perdido de Ravenclaw? O papá está a tentar reproduzi-lo.

— Pois é, mas o diadema perdido — referiu Michael Corner, revirando os olhos —, *perdeu-se*, Luna. Não há nada a fazer.

— E quando foi que se perdeu? — inquiriu Harry.

— Dizem que foi há séculos — interveio Cho, e o coração de Harry caiu-lhe aos pés. — O Professor Flitwick diz que o diadema desapareceu com a própria Ravenclaw. Muita gente andou à procura, mas — apelou aos seus colegas dos Ravenclaw —, nunca ninguém encontrou vestígios dele, pois não?

Todos abanaram a cabeça.

— Desculpem lá, mas o que é um diadema? — perguntou Ron.

— É uma espécie de coroa — explicou Terry Boot. — Supostamente, o de Ravenclaw continha propriedades mágicas, aumentava a sabedoria de quem o usava.

— Sim, os sifões Wrackspurt do papá...

Mas Harry interrompeu Luna.

— E nenhum de vocês alguma vez chegou a ver qual o seu aspecto?

Voltaram todos a abanar a cabeça. Harry olhou para Ron e Hermione, cujo desapontamento era um reflexo do seu. Um objecto que estivera perdido tanto tempo, aparentemente sem rasto, não se afigurava uma boa hipótese para o Horcrux escondido no castelo... porém, antes que pudesse formular uma nova pergunta, Cho voltou a falar.

— Se estiveres interessado em ver qual o aspecto do diadema, posso levar-te até à nossa sala comum e mostrar-to, Harry. Vê-se na estátua de Ravenclaw.

A cicatriz de Harry tornou a arder intensamente; por um instante, a Sala das Necessidades dançou diante dos seus olhos, e viu a terra escura deslizar por debaixo de si e sentiu a enorme serpente enrolada nos ombros. Voldemort voava de novo, não sabia se em direcção ao lago subterrâneo se ao castelo; de qualquer das formas, não lhes restava praticamente tempo nenhum.

— Ele está em acção — disse entre dentes a Ron e Hermione. Olhou para Cho e depois novamente para eles. — Ouçam, sei que não é uma grande pista, mas vou ter de ir ver a estátua, pelo menos sempre fico a saber qual o aspecto do diadema. Esperem por mim aqui e mantenham... vocês sabem... o outro... a salvo.

Cho pusera-se em pé, mas Ginny disse, em tom bastante veemente. — Não, a Luna leva o Harry, não levas, Luna?

— Oooh, sim, com muito prazer — respondeu Luna, toda satisfeita, e Cho tornou a sentar-se com ar esmorecido.

— Como é que saímos? — inquiriu Harry a Neville.

— Por aqui.

Levou Harry e Luna até um canto, onde um pequeno armário se abriu, revelando umas escadas íngremes.

— Vai dar a um sítio diferente todos os dias, para que nunca o consigam descobrir — avisou. — O único problema é que nunca sabemos ao certo onde vamos ter quando saímos. Tem cuidado, Harry, à noite eles andam sempre a patrulhar os corredores.

— Na boa — disse Harry. — Vemo-nos daqui a pouco.

Ele e Luna subiram apressados a escada, que era longa, iluminada por archotes e mudava de direcção em locais inesperados. Finalmente chegaram ao que parecia ser parede sólida.

— Enfia-te aqui debaixo — disse Harry a Luna, retirando o Manto da Invisibilidade e colocando-o sobre ambos. Deu um pequeno empurrão na parede.

Esta dissipou-se ao seu toque e eles esgueiraram-se lá para fora; Harry olhou para trás e viu que ela se fechara de imediato. Encontravam-se num corredor escuro. Harry puxou Luna para as sombras, remexeu na bolsa que usava ao pescoço e retirou o Mapa do Salteador. Aproximando-o do nariz, procurou e localizou por fim o seu ponto e o de Luna.

— Estamos no quinto andar — murmurou, vendo Filch afastar-se a num corredor mais à frente. — Vamos, por aqui.

Avançaram sorrateiramente.

Harry vagueara já muitas vezes à noite pelo castelo, mas nunca o seu coração batera tão acelerado, nunca dependera tanto de conseguir deslocar-se em segurança. Caminhando pelo chão iluminado pelo luar, passaram por armaduras cujos elmos chiavam ao som dos seus passos suaves, viraram esquinas para além das quais tudo podia acontecer e foram avançando, consultando o Mapa do Salteador sempre que a luz o permitia, estacando duas vezes para deixarem passar um fantasma sem fazerem recair a atenção sobre si próprios. Harry estava à espera de encontrar um obstáculo a qualquer momento e o seu pior temor era Peeves. Apurou os ouvidos a cada passo para escutar os primeiros indícios reveladores da aproximação do *poltergeist*.

— Por aqui, Harry — disse Luna entre dentes, puxando-lhe a manga e encaminhando-o na direcção de uma escada em caracol.

Subiram em círculos apertados e vertiginosos; Harry nunca ali viera. Chegaram finalmente a uma porta sem puxador nem buraco de fechadura; não se via nada a não ser a madeira envelhecida e uma aldraba de bronze com a forma de uma águia.

Luna estendeu uma mão pálida, que pareceu fantasmagórica ali no ar, desligada do braço ou do corpo. Bateu uma vez e, no silêncio, a pancada soou aos ouvidos de Harry como um disparo de canhão. Imediatamente o bico da

água se abriu, mas em vez de um grito de ave, uma voz suave e melodiosa perguntou: — O que apareceu primeiro, a fénix ou a chama?

— Hã... o que te parece, Harry? — indagou Luna, com ar pensativo.

— O quê? Não existe apenas uma senha?

— Oh, não, tens de responder a uma pergunta — explicou Luna.

— E se errarmos?

— Bom, terás de esperar que alguém acerte — disse Luna. — É uma forma de aprenderes, entendes?

— Pois... o problema é que nós não nos podemos permitir esperar por mais ninguém, Luna.

— Pois é, estou a perceber-te — respondeu Luna, com ar muito sério. — Bom, nesse caso, acho que a resposta é que um círculo não tem princípio.

— Bem pensado — falou a voz e a porta escancarou-se.

A sala comum dos Ravenclaw, deserta, era um espaço amplo e circular, mais arejado do que qualquer outro que Harry alguma vez vira em Hogwarts. Elegantes janelas em arco abriam-se nas paredes, de onde pendiam sedas azul e bronze; de dia, os Ravenclaw deviam ter uma vista espectacular das montanhas circundantes. O tecto era abobadado e pintado com estrelas, que se repetiam na carpete azul escura. Havia mesas, cadeiras e estantes e, num nicho em frente da porta, encontrava-se uma estátua alta de mármore branco.

Harry reconheceu Rowena Ravenclaw do busto que vira em casa de Luna. A estátua estava ao lado de uma porta que dava acesso, segundo calculou, aos dormitórios. Dirigiu-se à mulher de mármore e ela deu a impressão de olhá-lo com um meio sorriso enigmático no rosto, bela e no entanto, intimidadora. Um pequeno aro de aspecto delicado fora reproduzido em mármore no cimo da sua cabeça. Não era muito diferente da tiara que Fleur usara no seu casamento e ostentava palavras gravadas em letras minúsculas. Harry tirou o Manto e subiu para o plinto de Ravenclaw a fim de as ler.

— *«Uma inteligência extraordinária é o maior tesouro da Humanidade.»*

— O que faz com que estejas falido, meu imbecil — cacarejou uma voz.

Harry virou-se num ápice, escorregou do plinto e estatelou-se no chão. A figura de ombros tortos de Alecjo Carrow encontrava-se diante de si e, no momento em que Harry ergueu a sua varinha, a mulher carregou com um dedo gordo na caveira e na serpente marcadas a fogo no seu antebraço.

XXX

A FUGA DE SEVERUS SNAPE

Assim que o dedo dela tocou na Marca, a cicatriz de Harry ardeu-lhe intensamente, a sala estrelada desapareceu, e deu consigo numa saliência rochosa debaixo de um penhasco, o mar a bater à sua volta e o coração a transbordar de triunfo — *eles têm o rapaz*.

Um sonoro estalo trouxe Harry de volta ao local onde estava: desorientado, ergueu a varinha, mas a feiticeira tombava já para a frente; embateu no chão com tanta força que o vidro nas estantes retiniu.

— Nunca Atordoei ninguém a não ser nas nossas aulas do ED — disse Luna, mostrando-se ligeiramente surpreendida. — Fez mais barulho do que eu pensava.

E, de facto, o tecto começara a tremer. Do outro lado da porta que conduzia aos dormitórios, aumentava o som de passos em corrida: o feitiço de Luna acordara os Ravenclaw que dormiam lá em cima.

— Luna, onde estás? Preciso de me cobrir com o Manto!

Os pés de Luna apareceram de repente; Harry correu para junto dela e deixou o Manto envolvê-los no momento em que a porta se abriu e uma torrente de Ravenclaw, todos com roupas de dormir, invadiu a sala comum. Ouviram-se arquejos e gritos de surpresa ao verem Aleco ali estendida, sem sentidos. Lentamente, foram-na rodeando, um animal selvagem que poderia acordar a qualquer instante e atacá-los. Então, um aluno mais corajoso do primeiro ano correu para ela e tocou-lhe no traseiro com o dedo grande do pé.

— Acho que talvez esteja morta! — gritou, todo contente.

— Olha só — murmurou Luna, animada, enquanto os Ravenclaw se amontoavam à volta de Aleco. — Ficaram satisfeitos!

— Sim... é fantástico...

Harry fechou os olhos, e com a cicatriz ainda a latejar, decidiu voltar a mergulhar na mente de Voldemort... ele avançava pelo túnel de acesso à primeira caverna... decidira ir verificar o medalhão antes de vir... mas isso não lhe tomaria muito tempo...

Houve uma pancada na porta da sala comum e os Ravenclaw imobilizaram-

se. Do outro lado, Harry ouviu a voz suave e melodiosa emitida pela aldraba em forma de águia: — Para onde vão os objectos desaparecidos?

— Não sei, ou achas que sei? Cala-te! — resmungou uma voz rude que Harry identificou como pertencente ao irmão Carrow, Amycus. — Alecto? *Alecto*? Estás aí? Conseguiu apanhá-lo? Abre a porta!

Os Ravenclaw cochichavam entre si, atterrados. Depois, sem aviso, ouviu-se uma série de sonoros estrondos, como se estivessem a disparar uma arma contra a porta.

— *ALECTO!* Se ele chegar, e não tivermos o Potter... queres sofrer o mesmo destino que os Malfoy? RESPONDE-ME! — berrou Amycus, sacudindo a porta com todas as suas forças, mas nem mesmo assim ela se abriu. Os Ravenclaw iam recuando todos, e alguns dos mais assustados iam subindo a escada para voltarem para as suas camas. Então, precisamente quando Harry se perguntava se não deveria rebentar a porta e Atordoar Amycus antes que o Devorador da Morte conseguisse fazer algo mais, ouviu uma segunda voz bem sua conhecida do lado de lá.

— Posso saber o que está a fazer, Professor Carrow?

— A tentar... abrir... esta maldita... porta! — gritou Amycus. — Vá chamar o Flitwick! Obrigue-o a abri-la, imediatamente!

— Mas não é a sua irmã que está lá dentro? — inquiriu a Professora McGonagall. — Não foi o Professor Flitwick que a deixou entrar, mais ao início da noite, por urgente pedido do senhor? Assim sendo, não precisa de acordar meio castelo.

— Ela não responde, sua vassoura velha. — Abra-a *você*! Raios! Faça-o imediatamente!

— Com certeza, se o deseja — respondeu a Professora McGonagall, com extrema frieza. Ouviu-se uma delicada pancada na aldraba e a voz melodiosa perguntou de novo: — Para onde vão os objectos desaparecidos?

— Para a não-existência, o que equivale a dizer tudo — replicou a Professora McGonagall.

— Magnificamente formulado — retorquiu a aldraba em forma de águia, e a porta escancarou-se.

Os poucos Ravenclaw que tinham ficado para trás correram para as escadas mal Amycus avançou por ali adentro, brandindo a varinha. Curvado como a irmã, tinha um rosto pálido e flácido e olhos minúsculos que incidiram logo em Alecto, imóvel e estendida no chão. Soltou um grito de fúria e medo.

— O que é que aquelas pestes lhe fizeram? — gritou. — Vou torturá-los a todos até confessarem quem foi... e o que vai dizer o Senhor das Trevas? — esganiçou-se, debruçando-se sobre a irmã e dando socos na testa com o punho. — Nós não o temos, e eles acabaram de matá-la!

— Ela só está Atordoada — replicou a Professora McGonagall, com impaciência, tendo-se debruçado para examinar Alecto. — Vai ficar ótima.

— Não, é claro que não vai! — berrou Amycus. — Depois de o Senhor das Trevas lhe deitar a mão, não fica! E ela que foi chamá-lo. Senti a minha

Marca arder, e ele pensa qu' a gente temos o Potter!

— «A gente temos o Potter»? — insurgiu-se a Professora McGonagall ríspidamente. — O que quer dizer, «A gente temos o Potter»?

— Ele avisou-nos qu' o Potter podia tentar entrar na Torre dos Ravenclaw, e qu' o mandássemos chamar se o apanhássemos!

— E por que haveria o Harry Potter de tentar entrar na Torre dos Ravenclaw? O Potter pertence à minha equipa!

Sob a incredulidade e a raiva, Harry notou um certo orgulho na voz dela, e sentiu uma onda de afecto por Minerva McGonagall.

— Disseram à gente qu' ele podia vir aqui! — respondeu Carrow. — Na' sei porquê, ou sei?

A Professora McGonagall levantou-se e os seus olhos miudinhos percorreram a sala. Passaram duas vezes pelo local onde Harry e Luna se encontravam.

— Podemos culpar os miúdos — decidiu Amycus, a astúcia espalhando-se no seu rosto porcino. — Sim, é o que vamos fazer. Dizemos qu' a Aleto foi emboscada pelos miúdos, os de lá de cima — olhou para o tecto estrelado na direcção dos dormitórios —, e dizemos qu' eles a obrigaram a carregar na Marca, e foi por isso qu' ele recebeu um falso alarme... ele... pode castigá-los. Uns miúdos a mais ou a menos, que diferença faz?

— É apenas a diferença entre a verdade e a mentira, a coragem e a cobardia — redarguiu a Professora McGonagall, que empalidecera —, uma diferença, em suma, a que você e a sua irmã são incapazes de dar valor. Mas quero esclarecer desde já uma coisa. Você não vai deitar a culpa da sua incompetência em cima dos alunos de Hogwarts. Não o permitirei.

— Desculpe?

Amycus avançou até ficar provocadoramente em cima da Professora McGonagall, o rosto a centímetros do dela. A professora recusou-se a recuar, olhando-o com desprezo como se fosse algo repugnante que encontrara colado a uma tampa de sanita.

— Não se trata de *você* permitir ou não, Minerva McGonagall. O seu tempo acabou. Agora somos nós que mandamos aqui, e vai apoiar-me, senão pode sair-lhe muito caro.

E cuspiu-lhe no rosto.

Harry libertou-se do Manto, ergueu a varinha e disse: — Não devia ter feito isso.

Quando Amycus se virou, Harry gritou: — *Crucio!*

O Devorador da Morte foi levantado do chão. Contorceu-se no ar como um homem a afogar-se, debatendo-se e uivando de dor, e depois, no meio do ruído de vidros a partirem-se, foi de encontro à parte da frente de uma estante e caiu, sem sentidos, no chão.

— Agora percebo o que a Bellatrix queria dizer — comentou Harry, com o sangue a latejar-lhe no cérebro —, é preciso senti-lo.

— Potter! — murmurou a Professora McGonagall, levando a mão ao peito.

— Potter... estás aqui! O que...? Como...? — Fez um esforço para se recompor. — Potter, isto foi uma loucura!

— Ele cuspiu-lhe — protestou Harry

— Potter, eu... aquilo foi muito... muito *nobre* da tua parte... mas não percebes...?

— Percebo, sim — asseverou-lhe Harry. De certa forma, o pânico dela conseguiu acalmá-lo. — Professora McGonagall, o Voldemort vem aí.

— Então, agora já podemos dizer o nome dele? — perguntou Luna, mostrando-se interessada e retirando o Manto da Invisibilidade. Esta aparição de uma segunda foragida foi demais para a Professora McGonagall, que recuou e caiu numa cadeira ali perto, agarrando a gola do seu roupão de xadrez.

— Acho que é indiferente como o designamos — explicou Harry a Luna —, ele já sabe que eu estou aqui.

Uma parte distante do cérebro de Harry, aquela parte associada à cicatriz inflamada e ardente, conseguia ver Voldemort a cruzar rapidamente o lago escuro no barco verde e espectral... estava quase a alcançar a ilha onde se encontrava a bacia de pedra...

— Tens de fugir — murmurou a Professora McGonagall. — Imediatamente, Potter, o mais depressa possível!

— Não posso — respondeu Harry. — Tenho de fazer uma coisa. Professora, sabe onde está o diadema perdido de Ravenclaw?

— O d... diadema de Ravenclaw? Claro que não... então não se perdeu há séculos? — Endireitou-se ligeiramente. — Potter, foi uma insensatez entrares neste castelo...

— Teve de ser — disse Harry. — Professora, há uma coisa escondida aqui que tenho de encontrar, e *poderia* ser o diadema... se ao menos eu conseguisse falar com o Professor Flitwick...

Ouviu-se um movimento e o som de vidro a tinir: Amycus voltava a si. Antes que Harry ou Luna tivessem tempo de agir, a Professora McGonagall pôs-se em pé, apontou a varinha ao estonteado Devorador da Morte e disse: — *Imperio!*

Amycus levantou-se, aproximou-se da irmã, pegou na varinha dela, depois arrastou-se obedientemente até junto da Professora McGonagall e entregou-lha juntamente com a sua. De seguida, deitou-se no chão ao lado de Aleto. A Professora McGonagall brandiu de novo a varinha, e apareceu do nada uma porção de corda prateada que serpenteou à volta dos Carrow, deixando-os bem amarrados.

— Potter — disse a Professora McGonagall, virando-se novamente para ele e revelando uma magnífica indiferença pela situação dos Carrow —, se Aquele Cujo Nome Não Deve Ser Pronunciado sabe, de facto, que estás aqui...

No momento em que a professora falava, Harry sentiu-se percorrido por uma ira semelhante a uma dor física, que lhe deixou a cicatriz em brasa e, por

um segundo, olhou para uma bacia cuja poção se tornara cristalina, e viu que não havia nenhum medalhão debaixo da superfície...

— Potter, estás bem? — perguntou uma voz, e Harry, que se agarrara ao ombro de Luna para se firmar, regressou.

— O tempo está a esgotar-se, o Voldemort aproxima-se cada vez mais. Professora, estou a agir sob as ordens do Dumbledore. Tenho de descobrir aquilo que ele queria que eu descobrisse! Mas precisamos de tirar daqui os alunos, enquanto passo busca ao castelo... é a mim que o Voldemort quer, mas não hesitará em matar mais uns quantos, muito menos agora... — *Muito menos agora que sabe que estou a atacar os Horcruxes*, Harry concluiu mentalmente a frase.

— Tu estás a agir sob as ordens *do Dumbledore*? — repetiu ela, com uma expressão maravilhada ao fazer-se luz no seu espírito. De seguida, ergueu-se em toda a sua altura.

— Vamos proteger a escola contra Aquele Cujo Nome Não Deve Ser Pronunciado enquanto tu procuras esse... esse objecto.

— É possível?

— Creio que sim — redarguiu a Professora McGonagall, com segura —, nós, os professores, somos bastante bons em magia, como tu sabes. Tenho a certeza de que conseguiremos empatá-lo algum tempo se envidarmos os nossos melhores esforços. É claro que terá de se neutralizar o Professor Snape...

— Deixe-me...

— ...e se Hogwarts se prepara, de facto, para entrar em estado de sítio, com o Senhor das Trevas aos portões, seria na verdade aconselhável tirar do caminho o maior número possível de inocentes. Com a Rede de Pó de Floo vigiada e sendo a Aparição impossível dentro dos terrenos...

— Existe uma maneira — afirmou Harry rapidamente, e falou-lhe do túnel de ligação ao Cabeça de Javali.

— Potter, estamos a falar de centenas de alunos...

— Eu sei, Professora, mas se o Voldemort e os Devoradores da Morte se estão a concentrar nos limites da escola, não se preocuparão se alguém Desaparecer pelo Cabeça de Javali.

— Não deixas de ter uma certa razão — concordou ela. Apontou a varinha aos Carrow, e uma rede prateada caiu sobre os seus corpos amarrados, envolvendo-os e içando-os no ar, onde ficaram suspensos sob o tecto azul e ouro, como duas criaturas marinhas, enormes e feias. — Vamos. Precisamos de alertar os outros Chefes de Equipa. É melhor voltares a colocar esse Manto.

Avançou pomposamente para a porta e, nesse entretanto, levantou a varinha. Irromperam da ponta três gatos prateados com marcas de óculos à volta dos olhos. Os Patronus avançaram rápida e sinuosamente, enchendo a escada em caracol de luzes prateadas, enquanto a Professora McGonagall, Harry e Luna se apressavam a descer.

Percorreram velozmente os corredores e, um por um, os Patronus deixaram-nos; o roupão de xadrez da Professora McGonagall arrastava pelo chão e Harry e Luna corriam atrás dela, debaixo do Manto.

Tinham descido mais dois andares quando outros passos se juntaram aos deles. Harry, cuja cicatriz continuava a picar, ouviu-os primeiro: remexeu na bolsa que usava ao pescoço, procurando o Mapa do Salteador, mas antes que o conseguisse tirar, também McGonagall pareceu aperceber-se de que tinham companhia. Estacou, ergueu a varinha, a postos para travar um duelo e perguntou: — Quem está aí?

— Sou eu — respondeu uma voz grave.

Severus Snape saiu de detrás de uma armadura.

Ao vê-lo, Harry sentiu o ódio ferver dentro de si: esquecera os pormenores da sua aparência devido à magnitude dos seus crimes, esquecera o seu cabelo preto seboso que pendia em cortinas à volta do rosto magro, esquecera que os seus olhos pretos tinham um aspecto frio, mortífero. Não vestia roupa de dormir, mas sim o seu habitual manto negro, e também ele empunhava a varinha, a postos para lutar.

— Onde estão os Carrow? — inquiriu tranquilamente.

— Onde quer que os tenha mandado estar, espero, Severus — retorquiu a Professora McGonagall.

Snape aproximou-se mais, e os seus olhos passaram rapidamente pela Professora McGonagall e perscrutaram o ar à volta dela, como se soubesse que Harry estava ali. Este erguera igualmente a sua varinha, pronto para o ataque.

— Tive a impressão — afirmou Snape —, de que a Alecto apanhara um intruso.

— A sério? — indagou a Professora McGonagall. — E o que lhe causou essa impressão?

Snape esboçou um ligeiro movimento de flexão com o braço esquerdo, onde a Marca Negra fora gravada na sua pele.

— Oh, mas com certeza — disse a Professora McGonagall. — Tinha-me esquecido de que vocês, Devoradores da Morte, têm os vossos meios particulares de comunicação.

Snape ignorou as palavras dela. Os seus olhos continuavam a sondar o ar a toda a sua volta e ia-se aproximando a pouco e pouco sub-repticiamente.

— Não sabia que era a sua noite de patrulhar os corredores, Minerva.

— Tem alguma objecção?

— Gostaria de saber o que a teria feito sair da cama a esta hora tão tardia.

— Julguei ouvir agitação — respondeu a Professora McGonagall.

— A sério? Pois a mim parece-me tudo calmo.

Snape olhou-a nos olhos.

— Viu o Harry Potter, Minerva? Porque se viu, tenho de insistir...

A Professora McGonagall foi mais célere do que Harry alguma vez imaginaria: a varinha dela golpeou o ar e, por uma fracção de segundo Harry

julgou que Snape fosse cair, inconsciente, mas foi tal a rapidez do seu Feitiço do Escudo Invisível que McGonagall se desequilibrou. Brandiu a varinha na direcção de um archote que saltou do suporte e Harry, prestes a amaldiçoar Snape, viu-se obrigado a tirar Luna do caminho das chamas, que se transformaram num círculo que encheu o corredor e voaram como um laço direitas a Snape.

Depois o fogo transformou-se numa enorme serpente preta que McGonagall desfez em fumo; este solidificou-se quase imediatamente, ostentando a forma de punhais que perseguiram Snape em massa: este só lhes conseguiu escapar porque puxou a armadura para diante de si e, com pancadas ressonantes, os punhais cravaram-se, um após outro, no peito de metal.

— Minerva! — guinchou uma voz e, olhando para trás, protegendo ainda Luna dos feitiços voadores, Harry viu os Professores Flitwick e Sprout, galgando o corredor em direcção a eles com as suas roupas de dormir, o Professor Slughorn esbaforido na retaguarda.

— Não! — chiou Flitwick, levantando a sua varinha. — Não causará mais mortes em Hogwarts!

O feitiço de Flitwick atingiu a armadura por detrás da qual Snape se refugiara, a qual ganhou vida com um estrondo. Snape libertou-se dos braços esmagadores e arremessou-a para trás, na direcção dos seus atacantes: Harry e Luna tiveram de se atirar para o lado a fim de a evitarem, fazendo com que embatesse na parede e se despedaçasse. Quando Harry levantou de novo a cabeça, Snape estava já em plena fuga, McGonagall, Flitwick e Sprout vociferando todos atrás dele; Snape entrou a correr por uma sala de aula e, momentos depois, Harry ouviu McGonagall exclamar: — Cobarde!

COBARDE!

— O que é que aconteceu? O que é que aconteceu? — perguntou Luna.

Harry ajudou-a a pôr-se em pé e precipitaram-se pelo corredor, arrastando atrás deles o Manto da Invisibilidade, até uma sala de aula deserta onde os Professores McGonagall, Flitwick e Sprout se encontravam junto a uma janela com o vidro partido.

— Ele saltou — disse a Professora McGonagall, quando Harry e Luna entraram a correr na sala.

— Quer dizer que está *morto*? — Harry precipitou-se para a janela, ignorando os gritos de choque de Flitwick e Sprout ante o seu súbito aparecimento.

— Não, ele não está morto — referiu McGonagall, com azedume. — Ao contrário do Dumbledore, ainda tinha varinha... e parece ter aprendido alguns truques com o seu mestre.

Com uma sensação de horror, Harry viu ao longe um vulto enorme, parecido com um morcego, a voar no escuro em direcção aos muros da escola.

Ouviram-se passos pesados atrás deles, e uma série de assopradas: Slughorn alcançara-os.

— Harry! — exclamou, arquejante, massajando o peito imenso por baixo

do seu pijama de seda verde-esmeralda. — Menino... mas que surpresa... Minerva, explique-me, por favor... o Severus... o que...?

— O nosso Director resolveu tirar umas férias — referiu a Professora McGonagall, apontando para o buraco na janela onde se via a forma de Snape.

— Professora! — gritou Harry, levando as mãos à testa. Via o lago cheio de Inferi a deslizar por debaixo dele e sentiu o barco verde espectral embater na margem subterrânea; Voldemort saltou dele com a vontade de matar no coração...

— Professora, temos de barricar a escola, ele vem aí não tarda!

— Muito bem. Aquele Cujo Nome não Deve Ser Pronunciado está a chegar — explicou aos outros professores. Sprout e Flitwick ficaram boquiabertos e Slughorn soltou um gemido baixo. — O Potter tem que fazer no castelo, segundo ordens deixadas pelo Dumbledore. Precisamos de colocar a escola sob toda a protecção possível, enquanto o Potter faz o que precisa de fazer.

— Tem consciência, claro, de que nada que façamos conseguirá manter o Quem-Nós-Sabemos indefinidamente afastado? — esganiçou-se Flitwick.

— Mas podemos empatá-lo — interveio a Professora Sprout.

— Obrigada, Pomona — agradeceu a Professora McGonagall, e as duas feiticeiras trocaram um olhar de sombria cumplicidade. — Sugiro que estabeleçamos uma protecção básica em torno da escola, depois vamos buscar os nossos alunos e reunimo-nos no Salão Nobre. É necessário evacuar a maior parte, muito embora, se alguns daqueles que forem maiores desejarem ficar e lutar, acho que lhes devia ser dada essa oportunidade.

— Concordo — pronunciou-se a Professora Sprout, correndo já para a porta. — Encontrar-me-ei convosco no Salão Nobre dentro de vinte minutos com a minha equipa.

E, enquanto desaparecia rapidamente, ouviram-na murmurar. — Tentacula, Armadilha do Diabo. E vagens de Snargaluff... sim, gostaria de ver os Devoradores da Morte enfrentá-las.

— Posso trabalhar a partir daqui — alvitrou Flitwick e, apesar de mal conseguir ver lá para fora, apontou a varinha através do vidro partido e começou a murmurar encantamentos de extrema complexidade. Harry ouviu um estranho ruído que fez lembrar uma rajada, como se Flitwick tivesse libertado a força dos ventos nos campos.

— Professor — disse Harry, aproximando-se do pequeno mestre de Encantamentos —, Professor, desculpe interrompê-lo, mas é muito importante. Tem alguma ideia de onde possa estar o diadema de Ravenclaw?

— ...*Protego horribilis*... o diadema de Ravenclaw? — guinchou Flitwick. — Um pouco mais de sabedoria nunca é demais, Potter, mas acho difícil o diadema ter alguma utilidade *nesta* situação!

— Eu só queria... o senhor sabe onde ele está? Alguma vez o viu?

— Se o vi? Não há ninguém vivo que tenha memória dele! Há muito que se perdeu, rapaz!

Harry sentiu um misto de desapontamento, desespero e pânico. Afinal, o

que seria o Horcrux?

— Encontrar-nos-emos com os seus Ravenclaw no Salão Nobre, Filius! — disse a Professora McGonagall, fazendo sinal a Harry e Luna para que a seguissem.

Tinham acabado de chegar à porta quando Slughorn falou na sua voz retumbante.

— Ora esta — arquejou, pálido e suado, o seu bigode de morsa a tremelicar. — Que rebuliço! Não sei se isto será sensato, Minerva. É mais que certo ele conseguir entrar, como sabe, e quem tentar retardá-lo correrá enorme perigo...

— Espero também por si e pelos Slytherin no Salão Nobre dentro de vinte minutos — disse a Professora McGonagall. — Se desejar partir com os seus alunos, não o impedirei. No entanto, se algum de vós tentar sabotar a nossa resistência, ou pegar em armas contra nós dentro deste castelo, então, Horace, lutaremos até à morte.

— Minerva! — insurgiu-se ele, horrorizado.

— Chegou o momento de a Equipa de Slytherin decidir de que lado está — interrompeu a Professora McGonagall. — Vá acordar os seus alunos, Horace.

Harry não ficou para ver Slughorn tartamudear. Ele e Luna correram atrás da Professora McGonagall, que tomara posição no meio do corredor e erguera a varinha.

— *Piertotum...* oh, francamente, Filch, agora *não...*

O idoso encarregado acabara de aparecer a manquejar, gritando: — Alunos fora da cama! Alunos nos corredores!

— É mesmo para estarem, seu idiota chapado! — gritou McGonagall! — Vá mas é fazer algo de útil. Procure o Peeves!

— O P... Peeves? — balbuciou Filch, como se nunca tivesse ouvido o nome antes.

— Sim, o *Peeves*, seu tolo, o *Peeves*! Não anda a queixar-se dele há vinte e cinco anos? Vá buscá-lo, imediatamente!

Filch deve ter julgado que a Professora McGonagall perdera o juízo, mas afastou-se a manquejar, todo curvado, resmungando entre dentes.

— E agora... *piertotum locomotor!* — exclamou a Professora McGonagall.

E, pelo corredor fora, as estátuas e as armaduras pularam dos seus plintos e, pelos estrondos que ecoavam nos soalhos dos outros andares, Harry percebeu que as suas companheiras em todo o castelo haviam feito o mesmo.

— Hogwarts está ameaçado! — gritava a Professora McGonagall. — Patrulhem os limites, protejam-nos, cumpram o vosso dever para com a nossa escola!

No meio de grande algazarra e gritaria, a horda de estátuas em movimento passou por Harry numa correria: umas mais pequenas, outras enormes. Havia igualmente animais, e as barulhentas armaduras brandiam espadas e clavas de ferro.

— Bom, Potter — disse McGonagall —, é melhor tu e Miss Lovegood

voltarem para junto dos vossos amigos e levá-los ao Salão Nobre... eu vou acordar os restantes Gryffindor.

Separaram-se no cimo da escadaria seguinte: Harry e Luna voltaram a correr em direcção à entrada disfarçada da Sala das Necessidades. Pelo caminho, encontraram grupos de alunos, a maior parte dos quais havia colocado as capas de viagem por cima dos pijamas, enquanto eram conduzidos ao Salão Nobre por professores e prefeitos.

— Aquele era o Potter!

— *Harry Potter!*

— Era ele, juro, acabei de vê-lo!

Mas Harry nem olhou para trás, e chegaram finalmente à entrada da Sala das Necessidades. Harry encostou-se à parede encantada, que se abriu para os deixar passar, e ele e Luna desceram a correr as escadas íngremes.

— O qu...?

Quando apareceu a sala, o choque fez com que Harry falhasse alguns degraus. Estava a transbordar, muito mais apinhada do que da última vez que ali estivera. Kingsley e Lupin olhavam-no, assim como Oliver Wood, Katie Bell, Angelina Johnson e Alicia Spinnet, Bill e Fleur e Mr. e Mrs. Weasley.

— Harry, que se passa? — indagou Lupin, indo ao seu encontro ao fundo das escadas.

— O Voldemort vem aí, estão a barricar a escola... o Snape pirou-se... o que fazes aqui? Como foi que soubeste?

— Enviámos mensagens ao resto do Exército de Dumbledore — explicou Fred. — Não estavas à espera de que o pessoal fosse perder o espectáculo, Harry, e o ED avisou a Ordem da Fénix, e foi assim como o efeito de uma bola de neve.

— Como é, Harry? — gritou George. — O que se passa?

— Estão a evacuar os miúdos mais novos e vamo-nos encontrar todos no Salão Nobre para nos organizarmos — anunciou Harry. — Vamos lutar.

Ouviu-se um urro e um movimento geral em direcção às escadas e Harry foi encostado à parede, enquanto os amigos passavam por ele a correr, membros da Ordem da Fénix, do Exército de Dumbledore e da antiga equipa de Quidditch de Harry, todos misturados, cada um munido da sua varinha, dirigindo-se à parte principal do castelo.

— Anda, Luna — chamou Dean, ao passar, estendendo a mão que tinha livre; ela agarrou-a e seguiu-o pelas escadas.

A multidão ia diminuindo: permanecia apenas um pequeno grupo de pessoas lá em baixo, na Sala das Necessidades, e Harry reuniu-se-lhes. Mrs. Weasley discutia com Ginny. A rodeá-los encontravam-se Lupin, Fred, George, Bill e Fleur.

— Tu és menor! — gritava Mrs. Weasley à filha quando Harry se aproximou. — Não te vou deixar! Os rapazes, sim, mas tu, tu tens de ir para casa!

— Não vou!

O cabelo de Ginny esvoaçou, quanto tentou libertar-se da mão da mãe.

— Eu pertencço ao Exército de Dumbledore ...

— ...um bando de adolescentes!

— Um bando de adolescentes que se prepara para o apanhar, algo que mais ninguém ousou fazer! — insurgiu-se Fred.

— Ela tem dezasseis anos! — exclamou Mrs. Weasley. — Ainda não tem idade! Mas que ideia veio a ser esta de a trazerem convosco...

Fred e George sentiram-se ligeiramente envergonhados.

— A mãe tem razão, Ginny — afirmou Bill delicadamente. — Tu não podes participar. Todos os menores terão de partir, é o mais acertado.

— Eu não posso ir para casa! — protestou Ginny, com lágrimas de raiva a brilharem-lhe nos olhos. — Toda a minha família está aqui, não suporto ficar lá sozinha à espera, sem saber e...

Pela primeira vez, os olhos dela cruzaram-se com os de Harry. Lançou-lhe uma súplica, mas ele abanou a cabeça e Ginny virou costas, amuada.

— Muito bem — disse, olhando para a entrada do túnel de acesso ao Cabeça de Javali. — Vou-me despedir, e depois...

Ouviram-se passos a correr e, de seguida, uma pancada enorme: saíra mais alguém do túnel, que se desequilibrou ligeiramente e caiu. Agarrou-se à cadeira mais próxima, olhou à sua volta através dos óculos com aros de tartaruga às três pancadas e disse: — Cheguei tarde de mais? Já começou? Só soube mesmo agora, por isso eu... eu...

Percy reduziu-se ao silêncio. Era evidente que não contara dar de caras com a maior parte da família. Houve um longo momento de espanto, interrompido por Fleur, que se dirigiu a Lupin dizendo, numa manifesta tentativa de aliviar a tensão: — Então... como eztá o piqueno Teddy?

Lupin olhou para ela, sobressaltado. Entre os Weasley, o silêncio parecia solidificar-se, como gelo.

— Eu... oh, sim... ele está óptimo! — anunciou Lupin em voz alta. — Sim, a Tonks está com ele... em casa da mãe.

Percy e os outros Weasley continuavam a entreolhar-se, estáticos.

— Olhem, tenho uma foto! — gritou Lupin, retirando uma fotografia de dentro do casaco e mostrando-a a Fleur e a Harry, que viram um bebé minúsculo com um tufo de cabelo turquesa vivo, a agitar os punhos gordos para a câmara.

— Fui um palerma! — bradou Percy, tão alto que Lupin quase deixou cair a fotografia. — Fui um idiota, um imbecil arrogante, um... um...

— Um débil mental, um lambe-botas do Ministério, um traidor à família, um parvalhão sedento de poder — acrescentou Fred.

Percy engoliu em seco.

— Pois fui!

— Bem, não podias ter sido mais sincero — comentou Fred, estendendo a mão a Percy.

Mrs. Weasley desatou a chorar. Avançou de repente, afastou Fred do seu

caminho e estreitou Percy num abraço muito apertado, enquanto lhe dava palmadas nas costas, sem que ele tirasse os olhos do pai.

— Desculpe, pai — pediu Percy.

Mr. Weasley pestanejou muito rapidamente, depois também ele correu a abraçar o filho.

— O que te fez ver a razão, Perce? — inquiriu George.

— Já não é de agora — retorquiu Percy, limpando os olhos por debaixo das lentes com uma ponta da capa de viagem. — Mas tinha de encontrar uma saída e não foi nada fácil no Ministério, eles estão constantemente a prender traidores. Consegui estabelecer contacto com o Aberforth e ele avisou-me há dez minutos que Hogwarts ia travar uma batalha, por isso aqui estou.

— Bem, esperamos que os nossos prefeitos dêem o exemplo em momentos como estes — disse George, numa boa imitação dos modos mais enfatuados de Percy. — Agora, vamos lá para cima lutar, antes que todos os Devoradores da Morte bons sejam apanhados.

— Então, agora és minha cunhada? — perguntou Percy, apertando a mão a Fleur, enquanto se apressavam em direcção às escadas com Bill, Fred e George.

— Ginny! — atroou Mrs. Weasley.

A coberto da reconciliação, Ginny estava a tentar esgueirar-se também pelas escadas.

— Posso fazer uma proposta, Molly? — perguntou Lupin. — Por que não fica a Ginny aqui, assim sempre estará no terreno e saberá o que se vai passando, mas não participará na luta?

— Eu...

— Que excelente ideia — comentou Mr. Weasley, com veemência. — Ginny, tu não saís desta Sala, estás a ouvir?

Ginny não pareceu lá muito satisfeita com a ideia, mas, ante o olhar invulgarmente austero do pai, anuiu. Mr. e Mrs. Weasley e Lupin encaminharam-se também para as escadas.

— Onde se meteu o Ron? — indagou Harry. — Onde se meteu a Hermione?

— Devem ter ido já para o Salão Nobre — gritou Mr. Weasley por cima do ombro.

— Não os vi passar — disse Harry.

— Eles disseram qualquer coisa sobre uma casa de banho — referiu Ginny —, pouco depois de tu saíres.

— Uma casa de banho?

Harry avançou em grandes passadas até uma porta aberta que havia na Sala das Necessidades e espreitou para a casa de banho. Estava vazia.

— Tens a certeza de que eles disseram casa de...

Porém, nessa altura a sua cicatriz ardeu atrocemente e a Sala das Necessidades desapareceu: ele olhava através dos altos portões de ferro forjado, com os javalis alados que encimavam os pilares laterais, olhava pelos

terrenos escuros na direcção do castelo, todo iluminado. *Nagini* enroscara-se-lhe nos ombros. Possuía-o aquele propósito frio e cruel que precedia o crime.

XXXI

A BATALHA DE HOGWARTS

O tecto encantado do Salão Nobre estava escuro e salpicado de estrelas, e por baixo, as quatro mesas corridas das equipas enchiam-se de alunos desarranjados, alguns já com os mantos de viagem, outros de roupão. Aqui e ali brilhavam as figuras branco-pérola dos fantasmas da escola. Todos os olhos, de vivos ou de mortos, estavam cravados na Professora McGonagall, que falava do estrado no cimo do Salão. Por detrás dela encontravam-se os restantes professores, incluindo o centauro palomino, Firenze, e os membros da Ordem da Fénix, que haviam chegado entretanto para lutar.

— ...a evacuação será orientada por Mr. Filch e Madame Pomfrey. Prefeitos, quando eu disser, organizam a vossa equipa e levam os respectivos alunos, de forma ordeira, para o ponto de evacuação.

Muitos dos alunos ficaram estupefactos. Todavia, enquanto Harry contornava as paredes, à procura de Ron e Hermione na mesa dos Gryffindor, Ernie McMillan levantou-se na mesa dos Hufflepuff e gritou: — E se quisermos ficar e lutar?

Ouviram-se estrondosos aplausos.

— Se forem maiores, podem ficar — respondeu a Professora McGonagall.

— E as nossas coisas? — inquiriu uma rapariga na mesa dos Ravenclaw. — Os nossos malões, as nossas corujas?

— Não temos tempo para recolher os objectos pessoais — referiu a Professora McGonagall. — O mais importante é vocês saírem daqui em segurança.

— Onde está o Professor Snape? — bradou uma rapariga da mesa dos Slytherin.

— Bem, para usar a expressão na moda, ele bazou — replicou a Professora McGonagall, e um enorme viva explodiu na mesa dos Gryffindor, dos Hufflepuff e dos Ravenclaw.

Harry ia-se deslocando pelo Salão, ao longo da mesa dos Gryffindor, continuando à procura de Ron e Hermione. Quando passou, alguns rostos viraram-se na direcção dele, e ouviu cochichar nas suas costas.

— Já colocámos protecções em torno do castelo — dizia a Professora McGonagall —, mas é pouco provável que resistam muito tempo a menos que sejam reforçadas. Por conseguinte, quero pedir-lhes que se retirem rápida e calmamente e façam o que os vossos prefeitos...

Mas as suas últimas palavras foram abafadas por uma voz diferente que ecoou pelo Salão. Forte, fria e cristalina, era impossível afirmar de onde vinha, pois parecia sair das próprias paredes. Tal como o monstro que em tempos comandara, podia ter estado séculos adormecida.

— Sei que se estão a preparar para lutar. — Ouviram-se gritos entre os alunos, alguns dos quais se agarraram aos colegas, aterrorizados, procurando determinar a origem do som. — Os vossos esforços são inúteis. Não podem lutar contra mim. Não quero matar-vos. Tenho o maior respeito pelos professores de Hogwarts. Não quero derramar sangue mágico.

O silêncio reinou então no Salão, aquele tipo de silêncio que faz pressão nos tímpanos, tão desmesurado que as paredes não o podem conter.

— Entreguem-me o Harry Potter — disse a voz de Voldemort —, e ninguém ficará ferido. Entreguem-me o Harry Potter, e deixarei a escola intacta. Entreguem-me o Harry Potter, e serão recompensados.

«Têm até à meia-noite.

O silêncio voltou a submergi-los. Todas as cabeças se viraram e cravaram o olhar em Harry, como se quisessem mantê-lo preso sob o brilho de mil raios invisíveis. Então, uma figura, que ele reconheceu como sendo Pansy Parkinson, ergueu-se da mesa dos Slytherin, levantou um braço trémulo e gritou: — Mas ele está ali! O Potter está *ali*! Agarrem-no!

Antes que Harry conseguisse falar, gerou-se um movimento global. À sua frente, os Gryffindor tinham-se posto em pé e virado, não para Harry, mas para os Slytherin. De seguida, os Hufflepuff levantaram-se e, quase em simultâneo, os Ravenclaw, todos de costas para Harry, todos eles olhando para Pansy. Harry, aterrado e ansioso, viu aparecer varinhas por todo o lado, tiradas de debaixo dos mantos e de dentro das mangas.

— Obrigada, Miss Parkinson — disse a Professora McGonagall, em voz sincopada. — Vai ser a primeira a abandonar o Salão com Mr. Filch. E o resto da sua equipa pode fazer o mesmo.

Harry ouviu o arrastar de bancos no outro lado do Salão, seguido do som dos Slytherin a marchar dali para fora.

— Ravenclaw, sigam! — bradou a Professora McGonagall.

Lentamente, as quatro mesas foram-se esvaziando. A dos Slytherin ficou completamente deserta, mas uns quantos Ravenclaw mais velhos permaneceram sentados, enquanto os seus companheiros saíam em fila: ainda mais Hufflepuff se deixaram ficar, e metade dos Gryffindor mantiveram-se nos seus lugares, sendo necessário a Professora McGonagall descer do estrado dos professores a fim de obrigar os menores a sair.

— Mas é que nem penses, Creevey, vamos! E tu, Peakes!

Harry correu para junto dos Weasley, todos sentados uns ao pé dos outros à

mesa dos Gryffindor.

— Onde estão o Ron e a Hermione?

— Não os encontras...? — começou Mr. Weasley, com ar preocupado.

Mas calou-se, pois Kingsley subira ao estrado para se dirigir àqueles que tinham ficado.

— Só temos trinta minutos até à meia-noite, por isso precisamos de agir rapidamente! Os professores de Hogwarts e a Ordem da Fénix traçaram um plano de batalha. Os professores Flitwick, Sprout e McGonagall vão levar grupos de combatentes até às três Torres mais altas — Ravenclaw, de Astronomia e Gryffindor — de onde terão uma boa perspectiva, excelentes posições para poderem lançar feitiços. Entretanto, o Remus — indicou Lupin —, o Arthur — apontou na direcção de Mr. Weasley, sentado à mesa dos Gryffindor —, e eu levaremos grupos até aos campos. Vamos precisar de alguém para organizar a defesa das entradas dos túneis de acesso à escola...

— ...isso parece trabalho para nós — gritou Fred, referindo-se a si e a George, ao que Kingsley anuiu em sinal de aprovação.

— Muito bem, quero os líderes aqui em cima e vamos dividir as tropas!

— Potter — interpelou-o a Professora McGonagall, indo ter com ele, enquanto os alunos invadiam o estrado, acotovelando-se, recebendo instruções —, não devias estar à procura de uma coisa qualquer?

— O quê? Oh — disse Harry —, claro que sim!

Quase se esquecera do Horcrux, quase se esquecera de que a batalha se travava para que ele pudesse procurá-lo: a ausência inexplicável de Ron e Hermione tinham-no, momentaneamente, feito esquecer tudo o resto.

— Então vai, Potter, vai!

— Claro — pois...

Sentiu muitos olhares a segui-lo enquanto voltava a sair rapidamente do Salão Nobre, regressando ao *Hall* de Entrada ainda cheio de alunos a serem evacuados. Deixou-se levar com eles pela escadaria de mármore, no entanto, chegado ao cimo, seguiu, apressado, por um corredor deserto. O medo e o pânico turvavam-lhe as ideias. Procurou acalmar-se, concentrar-se na busca do Horcrux, mas os seus pensamentos zumbiam frenética e infrutiferamente, como vespas aprisionadas debaixo de um copo. Sem Ron e Hermione para o ajudarem, parecia que não conseguia coordenar as ideias. Abandonou, acabando por parar a meio de um corredor vazio, onde se sentou no plinto de uma estátua que desaparecera e retirou o Mapa do Salteador da bolsa que usava ao pescoço. Não conseguiu ver os nomes de Ron e Hermione em lado nenhum, muito embora a densidade da imensidão de pontos que se encaminhava naquele momento para a Sala das Necessidades pudesse, a seu ver, estar a ocultá-los. Pousou o mapa, cobriu o rosto com as mãos e fechou os olhos, procurando concentrar-se...

Voldemort pensou que eu iria à Torre dos Ravenclaw.

Era isso: um facto concreto, o lugar por onde começar. Voldemort instalara Alecto Carrow na sala comum dos Ravenclaw, e a única explicação podia

residir aí: Voldemort receava que Harry já soubesse que o seu Horcrux estava associado àquela casa.

No entanto, o único objecto ligado a Ravenclaw era o diadema perdido... e, como podia o Horcrux ser o diadema? Como era possível que Voldemort, os Slytherin, tivessem encontrado o diadema que escapara a gerações de Ravenclaw? Quem poderia ter-lhe dito onde procurar, quando não havia ninguém, entre os vivos, que se recordasse do diadema?

Entre os vivos...

Por baixo dos dedos, os olhos de Harry tornaram a abrir-se. Saltou do plinto e voltou rapidamente pelo caminho que trouxera, agora em busca da sua última esperança. Ao chegar à escadaria de mármore, o som de centenas de pessoas a marcharem em direcção à Sala das Necessidades era cada vez mais alto. Os prefeitos gritavam instruções, procurando não perder de vista os alunos das suas equipas; empurrões e encontrões era o que não faltava; Harry viu Zacharias Smith atropelar os alunos do primeiro ano para passar à frente na fila; aqui e ali, alunos mais novos choravam, enquanto os mais velhos gritavam desesperadamente por amigos ou irmãos...

Harry avistou uma figura branco-pérola a vogar lá em baixo no *Hall* de Entrada e gritou o mais alto que pôde acima do clamor.

— Nick! NICK! Preciso de falar contigo!

Voltou a abrir caminho por entre a maré de alunos, chegando finalmente ao fundo das escadas onde Nick Quase-Sem-Cabeça, o fantasma da Torre dos Gryffindor, ficara a aguardá-lo.

— Harry! Meu caro amigo!

Nick fez menção de tomar ambas as mãos de Harry nas suas, o que lhe causou a sensação de as ter mergulhado em água gélida.

— Nick, preciso mesmo de ajuda. Quem é o fantasma da Torre dos Ravenclaw?

Nick Quase-Sem-Cabeça mostrou-se surpreendido e ligeiramente ofendido.

— A Dama Cinzenta, claro, mas se precisas de serviços fantasmagóricos...?

— Tem de ser ela... sabes onde é que ela está?

— Ora deixa-me cá ver...

A cabeça de Nick oscilou um pouco na gola de tufos enquanto se virava ora para um lado, ora para o outro, espreitando por cima das cabeças do magote de alunos.

— É aquela além, Harry, a jovem de cabelo comprido.

Harry olhou na direcção para onde o dedo transparente de Nick apontava e viu um fantasma alto que entretanto, apercebendo-se do seu olhar, arqueou os sobrolhos e atravessou uma parede sólida.

Harry correu atrás dela. Uma vez transposta a porta do corredor por onde ela desaparecera, Harry avistou-a mesmo lá ao fundo, continuando a deslizar, afastando-se suavemente dele.

— Hei... espere... volte!

Ela assentiu em estacar, ficando a pairar a alguns centímetros do solo. Harry calculou que fosse bela, com o cabelo pela cintura e o manto a arrastar pelo chão, mas pareceu-lhe também altiva e orgulhosa. Mais de perto, reconheceu-a como o fantasma por quem passara diversas vezes no corredor, mas a quem nunca dirigira a palavra.

— É a Dama Cinzenta?

Ela anuiu mas não falou.

— O fantasma da Torre dos Ravenclaw?

— Está correcto.

O tom dela não era encorajador.

— Por favor, preciso de ajuda; preciso de saber tudo o que me possa contar sobre o diadema perdido.

Um sorriso frio percorreu-lhe os lábios.

— Receio — afirmou ela, virando-se para se ir embora —, não poder ajudá-lo.

— ESPERE!

Não fora sua intenção gritar, só que a raiva e o pânico ameaçavam vencê-lo. Viu as horas enquanto ela pairava à sua frente: era um quarto para a meia-noite.

— É muito urgente — insistiu impetuosamente. — Se aquele diadema estiver em Hogwarts, preciso de encontrá-lo, rapidamente.

— Já não és o primeiro aluno a cobiçar o diadema — referiu ela num tom desdenhoso. — Fui atormentada por gerações de alunos...

— O meu objectivo não é obter melhores notas! — gritou-lhe Harry. — Tem a ver com o Voldemort... com derrotar o Voldemort... ou não está interessada nisso?

Não lhe era possível corar, mas as suas faces ficaram mais opacas, e a voz dela animou-se ao responder: — Claro que sim... como te atreves a sugerir...?

— Bem, nesse caso, ajude-me!

Ela começava a perder a compostura.

— Não... não se trata de uma questão de... — gaguejou. — O diadema da minha mãe...

— Da sua *mãe*?

Ela deu a impressão de ter ficado zangada consigo mesma.

— Quando eu estava viva — afirmou, um pouco constrangida —, era Helena Ravenclaw.

— É a *filha* dela? Mas, nesse caso, deve saber o que foi feito dele!

— Apesar de o diadema conferir sabedoria — proferiu, num nítido esforço para se controlar —, duvido que pudesse aumentar consideravelmente as tuas probabilidades de derrotar o feiticeiro que se intitula Lord...

— Mas se acabei de lhe afirmar que não estou interessado em usá-lo! — Harry foi impetuoso. — Não há tempo para explicações... mas se se preocupa com Hogwarts, se quer ver o Voldemort arrumado, vai ter de me contar tudo o que sabe a respeito do diadema!

Ela permaneceu imóvel, a pairar no ar, olhando para ele, e Harry foi tomado de uma sensação de desespero. É claro que se ela soubesse algo já o teria contado a Flitwick ou a Dumbledore, que certamente a haviam inquirido sobre o mesmo. Abanou a cabeça, fazendo menção de se afastar, quando ela falou em voz baixa.

— Eu roubei o diadema à minha mãe.

— A senhora... fez o quê?

— *Eu roubei o diadema* —, repetiu Helena Ravenclaw num murmúrio. — Queria provar que era mais inteligente, mais importante que a minha mãe. Fugi com ele.

Não soube, nem quis saber, o que fizera para merecer a confiança dela: limitou-se a escutá-la com toda a atenção, quando prosseguiu: — Dizem que a minha mãe nunca confirmou o desaparecimento do diadema, preferindo fingir que ainda o conservava. Ocultou esse facto, a minha terrível traição, mesmo dos outros fundadores de Hogwarts.

«Depois a minha mãe adoeceu... gravemente. Apesar da minha perfídia, estava desesperada por ver-me mais uma vez. Enviou à minha procura um homem que há muito me amava, apesar de eu rejeitar os seus avanços. Sabia que ele não descansaria enquanto não o conseguisse.

Harry ficou à espera. Ela respirou fundo e inclinou a cabeça para trás.

— Ele seguiu o meu rasto até à floresta onde eu me escondera. Como me recusasse a regressar com ele, tornou-se violento. O Barão era, por norma, um homem muito exaltado. Furioso ante a minha recusa, cheio de ciúmes da minha liberdade, apunhalou-me.

— O *Barão*? Está a referir-se...?

— Ao Barão Sangrento, sim — afirmou a Dama Cinzenta, e afastou um pouco o manto que usava para mostrar um ferimento escuro no seu peito branco. — Quando se apercebeu do que fizera, foi vencido pelo remorso. Arrancou a arma com que me ceifara a vida e serviu-se dela para tirar a sua. Passados todos estes séculos, usa ainda as correntes como forma de se penitenciar... e só lhe fica bem — acrescentou, com azedume.

— E... e o diadema?

— Ficou onde eu o escondera, quando ouvi o Barão vir clamorosamente pela floresta direito a mim. Escondi-o numa árvore oca.

— Numa árvore oca? — repetiu Harry. — Qual árvore? Onde foi isso?

— Numa floresta na Albânia. Um local ermo que julguei estar suficientemente longe do alcance da minha mãe.

— Na Albânia — repetiu Harry. Da confusão brotava milagrosamente a luz, e compreendeu, então, por que motivo ela lhe estava a relatar o que negara a Dumbledore e Flitwick. — Já contou esta história a alguém, não contou? A outro aluno?

A Dama Cinzenta fechou os olhos e anuiu.

— Eu não... fazia ideia... de que ele... me adulava. Mostrou-se... tão... compreensivo... tão compadecido...

Pois, pensou Harry, Tom Riddle teria sem dúvida compreendido o quanto Helena Ravenclaw ambicionava possuir aquele objecto fabuloso a que tinha muito pouco direito.

— Bem, não foi a primeira a quem o Tom Riddle conseguiu arrancar segredos — murmurou Harry. — Ele conseguia ser encantador quando lhe convinha...

Portanto, Voldemort levava a Dama Cinzenta a revelar-lhe o paradeiro do diadema perdido. Viajara até àquela floresta remota e recuperara-o do seu esconderijo, talvez assim que abandonara Hogwarts, antes mesmo de começar a trabalhar no Borgin & Burkes.

E não teria aquela floresta albanesa constituído um excelente refúgio quando, muito mais tarde, Voldemort necessitara de um local onde se esconder, sem dar nas vistas, durante dez longos anos?

Mas, quando o diadema se transformou no seu precioso Horcrux, não ficara naquela humilde árvore... não, o diadema fora trazido em segredo para o seu verdadeiro lar, e Voldemort devia tê-lo guardado ali...

— ...na noite em que veio pedir emprego! — exclamou Harry, concluindo o seu raciocínio.

— Desculpa?

— Ele escondeu o diadema no castelo, na noite em que pediu ao Dumbledore que o deixasse dar aulas! — explicou Harry. Ao falar em voz alta, tudo passou a fazer sentido. — Ele deve ter escondido o diadema quando se dirigia ao gabinete do Dumbledore, ou então quando saiu. Mas continuava a valer a pena tentar obter o emprego, talvez tivesse oportunidade de roubar também a espada de Gryffindor... obrigado, muito obrigado!

Harry deixou-a ali a pairar, com um ar completamente desorientado. Ao virar a esquina para regressar ao *Hall* de Entrada, viu as horas. Faltavam cinco minutos para a meia-noite e, apesar de saber o que era o último Horcrux, nem por isso se sentia mais próximo de descobrir onde se encontrava...

Gerações de alunos não tinham conseguido encontrar o diadema; tudo apontava para que não estivesse na Torre dos Ravenclaw... mas se não lá, onde é que poderia estar? Que esconderijo descobrira Tom Riddle dentro do Castelo de Hogwarts que pudesse manter-se eternamente secreto?

Perdido em especulações desesperadas, Harry virou uma esquina, mas dera apenas alguns passos pelo corredor quando a janela à sua esquerda se estilhaçou com um estrondo ensurdecedor. Desviou-se rapidamente e, nesse preciso instante, um corpo gigantesco entrou a voar pela janela e embateu na parede em frente. Algo grande e peludo despegou-se, por entre lamúrias, do recém-chegado e atirou-se a Harry.

— Hagrid! — Harry soltou um berro, repelindo as atenções de *Fang*, o cão caçador de javalis, quando a enorme figura barbuda se pôs em pé. — Mas o que...?

— Harry, ‘tás aqui! *‘Tás aqui!*

Hagrid debruçou-se, deu a Harry um abraço apressado de partir as costelas,

depois aproximou-se rapidamente da janela com os vidros partidos.

— Lindo menino, Grawpy! — gritou pelo buraco na janela. — Eu já volto, sê um moço bonito!

Na noite escura, Harry viu ao longe, por detrás de Hagrid, explosões de luz e ouviu um estranho grito penetrante. Olhou para o relógio: era meia-noite. A batalha começara.

— Caramba, Harry — arfou Hagrid —, agora é qu' é, hein? Chegou a hora de lutar!

— De onde é que vieste, Hagrid?

— Ouvi o Quem-Nós-Sabemos na nossa caverna — referiu

Hagrid, com ar ameaçador. — A voz chegou lá, 'tás a ver? “Têm até à meia-noite pra m' entregar o Potter.” Eu sabia que devias 'tar aqui, sabia o qu' devia 'tar 'acontecer. Pra *baixo*, *Fang*. Antão viemos te' contigo, eu, o Grawpy e o *Fang*. Abrimos caminho à força junt' à floresta, o Grawpy carregava-nos, a mim e ao *Fang*. Eu disse-lhe qu' me deixasse no castelo, de modos qu' ele m' empurrou p'la janela, 'tadinho. N' era bem o qu' eu qu'ria, mas... adonde 'tão o Ron e a Hermione?

— Isso — respondeu Harry —, é realmente uma boa pergunta. Vamos lá.

Avançaram ambos rapidamente pelo corredor, *Fang* caminhando indolentemente ao lado deles. Harry ouvia movimento nos corredores a toda a volta: passos em corrida, gritos; pelas janelas, conseguia ver clarões luminosos nos campos escuros.

— Pra onde vamos? — perguntou Hagrid em voz arquejante, seguindo pesadamente atrás de Harry e fazendo estremecer o soalho de madeira.

— Não sei muito bem — respondeu Harry, virando de novo aleatoriamente —, mas o Ron e a Hermione devem estar algures por aqui.

Viam-se as primeiras baixas da batalha já estendidas lá adiante no corredor: as duas gárgulas de pedra que costumavam guardar a entrada da sala dos professores tinham sido esmigalhadas por um feitiço que entrara por outra janela com o vidro partido. Os seus restos agitavam-se debilmente no chão e, quando Harry saltou por cima de uma das cabeças sem corpo, esta gemeu levemente: — Oh, não se preocupem comigo... estou só para aqui a esboroar-me...

O seu feio rosto de pedra lembrou de imediato a Harry o busto de mármore de Rowena Ravenclaw em casa de Xenophilius, usando aquele toucado louco... e depois a estátua na Torre dos Ravenclaw, com o diadema de pedra sobre os caracóis brancos...

Quando chegou ao fundo do corredor, voltou-lhe a lembrança de uma terceira efígie de pedra: de um feiticeiro feio e velho em cuja cabeça uma vez Harry colocara uma peruca e uma velha tiara maltratada. O choque percorreu Harry com o calor de um Uísque de Fogo, e por pouco não tropeçou.

Sabia, finalmente, onde o aguardava o Horcrux...

Tom Riddle, que não confiava em ninguém e agia sozinho, podia ter sido suficientemente arrogante para presumir que ele, e só ele, conseguira

desvendar os mistérios mais insondáveis do Castelo de Hogwarts. Claro que Dumbledore e Flitwick, como alunos exemplares que eram, nunca tinham posto os pés naquele lugar em concreto, mas ele, Harry, pisara muitas vezes os limites durante o tempo que estivera na escola. Eis finalmente um segredo que ele e Voldemort conheciam, um segredo que Dumbledore nunca descobrira...

Sobressaltou-se quando a Professora Sprout passou como um trovão, seguida de Neville e meia dúzia de outros, usando todos protectores de ouvidos e transportando o que pareciam ser plantas grandes em vasos.

— Mandrágoras! — gritou Neville a Harry por cima do ombro. — Vamos arremessá-las às muralhas... eles não vão gostar dada!

Agora Harry já sabia onde dirigir-se: acelerou, com Hagrid e *Fang* a galoparem atrás de si. Foram passando por inúmeros retratos, e as figuras pintadas correram ao lado deles, feiticeiros e feiticeiras de rufos e calções tufados, de armaduras e mantos, sobrepondo-se nas telas uns dos outros, apregoando as novas pelo castelo. Ao chegarem ao fundo do corredor, todo o castelo estremeceu e, quando uma gigantesca jarra tombou do plinto com uma força explosiva, Harry soube que estavam sob o efeito de encantamentos mais sinistros que os dos professores e da Ordem.

— Tudo bem, *Fang* ... tudo bem! — gritou Hagrid, mas o enorme cão fugira quando tinham começado a cair do ar fragmentos de porcelana que mais pareciam estilhaços de granada, e Hagrid partiu atrás do cão assustado, deixando Harry sozinho.

Continuou a avançar célere pelos corredores que tremiam, de varinha a postos; ao longo de um deles, a figura do pequeno cavaleiro, Sir Cadogan, acompanhava-o de quadro em quadro com a armadura a chocalhar, enquanto soltava gritos de incitamento, o pequeno pónei gordo a galopar atrás dele.

— Fanfarrões e malandros, cães e canalhas, corre com eles, Harry Potter, expulsa-os daqui!

Harry virou outra esquina e encontrou Fred e um pequeno grupo de alunos, que incluía Lee Jordan e Hannah Abbott, ao lado de outro plinto vazio, cuja estátua ocultara uma passagem secreta. Tinham as varinhas a postos e escutavam por um buraco camuflado.

— Mas que rica noite! — exclamou Fred, quando o castelo voltou a estremecer, e Harry continuou a correr, dividido entre a satisfação e o pavor. Seguiu disparado por mais outro corredor, deparando-se, então, com corujas por todo o lado e Mrs. Norris a bufar e a tentar bater-lhes com as patas, sem dúvida para as obrigar a regressar ao seu devido lugar.

— Potter!

Aberforth Dumbledore barrava o corredor lá à frente, com a varinha a postos.

— Tenho centos de miúdos a passar disparados pelo meu *pub*, Potter!

— Eu sei, estamos a evacuar — referiu Harry. — O Voldemort está...

— ...a atacar porque eles não te entregaram, sim — afirmou Aberforth. —

Não sou surdo, Hogsmeade inteira ouviu-o. E nunca ocorreu a nenhum de vocês tomar alguns Slytherin como reféns? Acabaste de pôr em segurança uns quantos filhos de Devoradores da Morte. Não seria muito mais inteligente conservá-los aqui?

— Isso não deteria o Voldemort — afirmou Harry —, e o seu irmão nunca teria tomado semelhante atitude.

Aberforth resmungou e afastou-se na direcção oposta.

O seu irmão nunca teria tomado semelhante atitude... bem, era verdade, pensou Harry, recomeçando a correr; Dumbledore, que durante tanto tempo defendera Snape, nunca teria conservado alunos como reféns...

E depois derrapou numa última esquina e, soltando um grito de receio à mistura com fúria, viu-os: Ron e Hermione, ambos carregando braçadas de objectos amarelos, sujos e arqueados. Ron trazia uma vassoura debaixo do braço.

— Mas onde *raio* se meteram vocês? — barafustou Harry.

— Na Câmara dos Segredos — explicou Ron.

— Na Câmara... *o quê?* — indagou Harry, estacando hesitante diante deles.

— Foi o Ron, a ideia foi toda do Ron! — explicou Hermione, sem fôlego.

— Não foi absolutamente brilhante? Estávamos ali, depois de te ires embora, e perguntei ao Ron, como é que, supondo que encontrávamos o outro, nos íamos livrar dele? E ainda não nos tínhamos livrado da taça! E foi então que lhe ocorreu! O Basilisco!

— Mas o que...?

— Para nos livrarmos dos Horcruxes — limitou-se Ron a dizer.

O olhar de Harry caiu sobre os objectos que Ron e Hermione seguravam nos braços: enormes presas curvas arrancadas, apercebeu-se naquele momento, do crânio de um Basilisco morto.

— Mas como é que conseguiram lá entrar? — inquiriu, olhando das presas para Ron. — É preciso falar serpentês!

— E ele falou! — murmurou Hermione. — Mostra-lhe, Ron.

Ron emitiu um horrível ruído sibilante e estrangulado.

— Foi o que tu disseste para abrir o medalhão — respondeu a Harry, atrapalhado. — Precisei de fazer algumas tentativas primeiro, para sair bem, mas — encolheu os ombros com modéstia —, acabámos por conseguir entrar.

— Ele foi *espantoso*! — gabou-o Hermione. — Simplesmente espantoso!

— Bem... — Harry fazia um esforço para acompanhar. — Bem...

— Bem, conseguimos destruir outro Horcrux — concluiu Ron, e retirou debaixo do casaco os restos estropiados da taça de Hufflepuff. — Foi a Hermione quem a espetou. Achei que merecia fazê-lo. Ainda não tivera esse prazer.

— Genial! — exclamou Harry.

— Não foi nada — afirmou Ron, apesar de parecer não caber em si de contente. — Bem, que novidades nos contas?

Nesse preciso momento ouviu-se uma explosão lá em cima: olharam todos

para o alto quando começou a cair pó do tecto e ouviram um grito distante.

— Já sei qual o aspecto do diadema, e sei onde se encontra — anunciou Harry, falando rapidamente. — Ele escondeu-o precisamente no mesmo sítio em que eu escondi o meu velho livro de Poções, onde toda a gente tem levado séculos a esconder coisas. Ele julgou que fora o único a descobri-lo. Venham daí.

Enquanto as paredes tornavam a tremer, conduziu os outros dois pela entrada escondida e desceram as escadas até à Sala das Necessidades. Encontrava-se vazia à excepção de três mulheres: Ginny, Tonks e uma feiticeira idosa com um chapéu roído pelas traças, que Harry reconheceu imediatamente como a avó de Neville.

— Finalmente, Potter — falou-lhe com secura, como se tivesse estado à espera dele. — Agora vais contar-nos o que se passa.

— Estão todos bem? — perguntaram Ginny e Tonks em simultâneo.

— Tanto quanto sabemos — respondeu Harry. — Ainda há pessoas no túnel para o Cabeça de Javali?

Sabia que a Sala não se conseguiria transformar enquanto estivessem ocupantes lá dentro.

— Eu fui a última a chegar — referiu Mrs. Longbottom. — Selei-o, por não me parecer sensato deixá-lo aberto, agora que o Aberforth abandonou o *pub*. Viste o meu neto?

— Está a lutar — esclareceu Harry.

— Naturalmente — redarguiu a velha senhora, toda orgulhosa. — Desculpa, mas tenho de ir ajudá-lo.

Com uma rapidez surpreendente, apressou-se em direcção às escadas de pedra.

Harry olhou para Tonks.

— Julguei que estivesses com o Teddy em casa da tua mãe?

— Não aguentei ficar sem saber nada... — Tonks pareceu angustiada. — Ela cuidará dele por mim... não viste o Remus?

— Estava a planear levar um grupo de combatentes para os campos...

Sem mais uma palavra, Tonks partiu rapidamente.

— Ginny — disse Harry. — Desculpa, mas precisamos que saias também. Só por um bocadinho. Depois podes regressar.

Ginny ficou simplesmente encantada por poder abandonar o seu refúgio.

— E depois podes regressar! — gritou-lhe, enquanto ela corria pelas escadas atrás de Tonks. — Olha que tens de regressar!

— Esperem lá! — exclamou Ron de repente. — Esquecemo-nos de alguém!

— De quem? — inquiriu Hermione.

— Dos elfos domésticos, eles devem estar lá em baixo na cozinha, não é verdade?

— Estás a dizer que devíamos pô-los a lutar? — inquiriu Harry.

— Não — retorquiu Ron —, estou a dizer que devíamos mandá-los

embora. Não queremos mais Dobbys, pois não? Não podemos ordenar-lhes que morram por nós...

Ouviu-se um estrépito quando as presas de basilisco escorregaram dos braços de Hermione. Precipitando-se para Ron, lançou-lhos ao pescoço e beijou-o intensamente na boca. Ron largou as presas e a vassoura que segurava e correspondeu com tamanho entusiasmo que levantou Hermione do chão.

— Isso não podia ficar para outra altura? — perguntou Harry, embaraçado e, como não acontecesse nada a não ser Ron e Hermione agarrarem-se ainda com maior intensidade um ao outro e baloiçarem-se ali mesmo, levantou a voz. — OI! Está a travar-se aqui uma guerra!

Ron e Hermione descolaram-se, mantendo-se, no entanto, ainda abraçados.

— Tens razão, meu — anuiu Ron, que tinha o ar de quem acabara de ser atingido na nuca por uma *Bludger* —, portanto, é agora ou nunca, certo?

— Esquece, e então o Horcrux? — gritou-lhe Harry. — Achas que conseguias aguentar... aguentar até termos o diadema?

— Sim... claro... desculpa lá —, balbuciou Ron, e ele e Hermione puseram-se a apanhar as presas, ambos um bocado corados.

Voltavam os três ao corredor. Não havia dúvidas de que a situação no castelo se deteriorara consideravelmente durante os minutos que tinham estado na Sala das Necessidades: as paredes e o tecto eram sacudidos com intensidade; o ar enchia-se de pó e Harry viu, pela janela mais próxima, explosões de luz verde e vermelha, tão próximas da base do castelo que os Devoradores da Morte só podiam estar a preparar-se para invadir. Olhando lá para baixo, Harry viu o gigante Grawp circular por ali, brandindo o que parecia ser uma gárgula de pedra arrancada do telhado e soltando urros de desgosto.

— Espero que tenha espezinhado uns quantos! — comentou Ron, quando se ouviram mais gritos ali perto.

— Desde que não sejam dos nossos! — afirmou uma voz: Harry virou-se e viu Ginny e Tonks, ambas com as varinhas apontadas à janela mais próxima, onde faltavam já diversas vidraças. No mesmo momento, Ginny lançou um feitiço sobre um grupo de combatentes lá em baixo.

— Linda menina! — gritou uma figura que corria direita a eles por entre o pó, e Harry viu novamente Aberforth, passando com o cabelo grisalho a esvoaçar, enquanto conduzia um pequeno grupo de alunos. — Desconfio que estão a abrir brechas nas Ameias do Norte, também trouxeram gigantes!

— Viu o Remus? — gritou-lhe Tonks, já ele se afastava.

— Estava a lutar contra o Dolohov — respondeu Aberforth no mesmo tom —, não o vejo desde então!

— Tonks — chamou Ginny —, Tonks, de certeza que ele está bem...

Mas ela já se embrenhara no pó, indo atrás de Aberforth.

Ginny virou-se para Harry, Ron e Hermione, atropalhada.

— Eles vão ficar bem — sossegou-a Harry, muito embora soubesse que

eram palavras ocas. — Ginny, nós voltamos já, não te metas, põe-te a salvo... venham daí! — dirigiu-se então a Ron e Hermione, e correram até ao pedaço de parede onde a Sala das Necessidades aguardava do outro lado o momento de poder satisfazer a vontade do próximo que entrasse.

Necessito do local onde tudo está escondido, pediu-lhe Harry mentalmente, e a porta materializou-se pela terceira vez.

O furor da batalha cessou mal transpuseram o limiar e fecharam a porta atrás de si: reinava o silêncio. Encontraram-se num local do tamanho de uma catedral, com o aspecto de uma cidade, as paredes altaneiras feitas de objectos escondidos por milhares de alunos que há muito haviam partido.

— E ele nunca se apercebeu de que qualquer um podia entrar? — comentou Ron, a sua voz ecoando no silêncio.

— Julgou que era o único — referiu Harry. — O azar dele foi eu precisar de esconder aqui coisas... venham — acrescentou —, acho que é por aqui...

Passou pelo troll embalsamado e pelo Armário de Desaparição que Draco Malfoy consertara no ano anterior com consequências tão desastrosas, depois hesitou, olhando para um lado e para o outro dos corredores de tralha; não se conseguia lembrar do próximo passo a dar...

— *Accio* diadema — gritou Hermione, em desespero, mas não veio nada a voar direito a eles. Tudo indicava que, tal como sucedera no cofre de Gringotts, a sala não fosse entregar assim tão facilmente os objectos nela escondidos.

— Vamos separar-nos — alvitrou Harry aos outros dois. — Procurem um busto de pedra de um velho com uma cabeleira postiça e uma tiara! Está em cima de um armário e é algures por aqui...

Avançaram céleres pelos corredores adjacentes; Harry ouvia os passos dos outros a ecoar por entre as pilhas descomunais de tralha, garrafas, chapéus, caixotes, cadeiras, livros, vassouras, bastões...

— Algures por aqui... — murmurava Harry para com os seus botões. — Algures... algures...

Embrenhando-se cada vez mais no labirinto, procurou por entre os objectos que reconheceu de uma das suas anteriores deslocações à sala. O som da sua respiração ecoava-lhe nos ouvidos, e até a própria alma pareceu estremecer: lá estava, mesmo em frente, o velho armário cheio de pó onde escondera o seu velho livro de Poções e, mesmo no cimo, o feiticeiro de pedra de aspecto bexigoso, com a velha peruca empoeirada e o que se assemelhava a uma velha tiara baça.

Estendia já a mão, apesar de estar à distância de três metros, quando uma voz atrás de si disse: — Alto lá, Potter.

Estacou e virou-se. Viu então Crabbe e Goyle, ombro com ombro, apontando-lhe directamente as varinhas. E, no pequeno intervalo entre os seus rostos zombeteiros, estava Draco Malfoy.

— Essa aí é a minha varinha, Potter — disse Malfoy, apontando uma outra pelo intervalo entre Crabbe e Goyle.

— Deixou de o ser — respondeu Harry, arquejante, segurando com mais força a varinha de espinheiro. — Quem perdeu foi ao ar, Malfoy. Quem te emprestou a tua?

— A minha mãe — respondeu Draco.

Harry soltou uma gargalhada, apesar de a situação não ter graça nenhuma. Deixara de ouvir Ron ou Hermione. Naturalmente estavam mais distantes, à procura do diadema.

— Como é que vocês não estão com o Voldemort? — perguntou Harry.

— Vamos ser recompensados — retorquiu Crabbe: a sua voz era surpreendentemente suave para aquele corpanzil; Harry quase nunca o ouvira abrir a boca. Crabbe sorria como uma criança pequena a quem prometeram guloseimas. — Resolvemos ficar, Potter. Decidimos não partir. Decidimos levar-te até ele.

— Que plano magnífico — comentou Harry, fingindo-se admirado. Não queria acreditar que estivesse tão próximo e, para cúmulo, logo fossem Malfoy, Crabbe e Goyle a frustrar-lhe as expectativas. Começou a recuar lentamente em direcção ao sítio onde estava o Horcrux, assente de esguelha no busto. Se ao menos conseguisse deitar-lhe a mão antes de a luta começar...

— Como é que entraram aqui? — perguntou-lhes, na tentativa de os distrair.

— Eu vivi praticamente todo o último ano na Sala dos Objectos Escondidos — referiu Malfoy, a sua voz cortante. — Sei como entrar.

— A gente estava escondidos lá fora no corredor — resmungou Goyle. — Já sabemos lançar Feitiços de Camuflar! E depois — o rosto dele rasgou-se num sorriso idiota —, tu apareceste à nossa frente e disseste que andavas à procura de um diga-dê-ma. O que é um diga-dê-ma?

— Harry? — A voz de Ron ecoou do outro lado da parede mesmo à direita de Harry. — Estás a falar com alguém?

Com um movimento de chicote, Crabbe apontou a sua varinha à montanha de quinze metros de mobília velha, baús partidos, livros velhos, roupas e cangalhada diversa e gritou: — *Descendo!*

A parede começou a oscilar, depois abateu-se no corredor do lado, onde estava Ron.

— Ron! — berrou Harry enquanto, num local não visível, Hermione soltou um grito, e Harry ouviu inúmeros objectos a caírem ao chão do outro lado da parede periclitante: apontou a sua varinha à muralha e exclamou, “*Finite!*” e tudo parou.

— Não! — bradou Malfoy, sustendo o braço de Crabbe no momento em que este fazia menção de repetir o feitiço. — Se destruíres a sala, podes vir a soterrar esse tal diadema!

— Que importância tem? — perguntou Crabbe, soltando-se com uma sacudidela. — É o Potter que o Senhor das Trevas quer, qual o interesse de um diga-dê-ma?

— O Potter veio aqui buscá-lo — fez-lhe ver Malfoy, mal escondendo a sua

impaciência ante a burrice dos colegas —, portanto isso quer dizer...

— “Isso quer dizer”? — Crabbe virou-se para Malfoy com indisfarçada ferocidade. — E alguém liga ao que tu dizes? Eu já não recebo ordens tuas, Draco. Tu e o teu pai estão tramados.

— Harry? — voltou a chamar Ron, do outro lado da parede de tralha. — O que se passa?

— Harry? — imitou Crabbe. — O que se... *não*, Potter! *Crucio!*

Harry lançara-se à tiara; a maldição de Crabbe não lhe acertou, atingindo antes o busto de pedra, que voou pelo ar; o diadema foi projectado e depois desapareceu de vista na massa de objectos onde o busto assentara.

— PÁRA! — gritou Malfoy a Crabbe, a sua voz ecoando na sala enorme. — O Senhor das Trevas quer-o vivo...

— E daí? Eu não o estou a matar, pois não? — barafustou Crabbe, sacudindo com força o braço de Malfoy —, mas se conseguir, é o que faço, já que o Senhor das Trevas o quer ver morto, que dife...?

Um raio de luz vermelha passou a escassos centímetros de Harry: Hermione dera a volta por detrás dele e lançara um Feitiço de Atordoar directamente sobre a cabeça de Crabbe. Só falhou porque Malfoy o tirou do caminho.

— É aquela Sangue de Lama! *Avada Kedavra!*

Harry viu Hermione desviar-se rapidamente e a sua fúria por Crabbe ter atirado a matar fez com que se lhe varresse tudo o resto da mente. Disparou um Feitiço de Atordoar a Crabbe, que deu uma guinada súbita, fazendo saltar a varinha da mão de Malfoy; ela rolou, desaparecendo de vista debaixo de uma montanha de caixas e mobília partida.

— Não o matem! NÃO O MATEM! — gritou Malfoy a Crabbe e Goyle, que tinham ambos Harry na sua mira: aquela fracção de segundo de hesitação foi o bastante para Harry.

— *Expelliarmus!*

A varinha de Goyle voou-lhe da mão e desapareceu no emaranhado de objectos a seu lado; em vão Goyle pulava como um idiota, tentando recuperá-la; Malfoy desviou-se do segundo Feitiço de Atordoar de Hermione e Ron, que apareceu de repente ao fundo do corredor e lançou com toda a força uma Maldição da Ligadura Total do Corpo sobre Crabbe, que escapou por um triz.

Crabbe virou-se bruscamente e gritou de novo, “*Avada Kedavra!*” Ron desapareceu de vista num pulo, a fim de evitar o jacto de luz verde. Sem varinha, Malfoy encolheu-se todo atrás de um guarda-fato com três pés, enquanto Hermione avançava sobre eles, atingindo, nesse entretanto, Goyle com um Feitiço de Atordoar.

— Está algures aqui! — gritou-lhe Harry, apontando para a tralha empilhada onde a tiara caíra. — Procura-a enquanto eu vou ajudar o Ron...

— HARRY! — gritou ela.

Um ruído atroador atrás dele, propagando-se por ondas, avisou-o com um momento de antecedência. Virou-se e viu Ron e Crabbe fugirem a sete pés

pelo corredor, na direcção deles.

— Gostam de churrasco, escumalha? — berrou Crabbe enquanto corria.

Mas ele parecia não ter controlo sobre o que fizera. Eram perseguidos por chamas gigantescas, lambendo os lados das torres de cangalhada, que se esboraavam a um toque.

— *Aguamenti!* — gritou Harry, mas o jacto de água que se ergueu da ponta da sua varinha evaporou-se no ar.

— FUJAM!

Malfoy agarrou em Goyle, que estava Atordoad, e arrastou-o consigo; Crabbe passou à frente deles todos, parecendo apavorado; Harry, Ron e Hermione corriam desalmadamente atrás, perseguidos pelo fogo. Só que não era um fogo normal; Crabbe usara uma maldição que Harry desconhecia e, ao virarem uma esquina, as chamas perseguiram-nos como se estivessem vivas, dotadas de sensibilidade, decididas a matá-los. O fogo sofria naquele momento uma mutação, formando-se uma matilha gigante de criaturas ígneas: serpentes, Quimeras e dragões flamejantes elevavam-se, desciam e voltavam a elevar-se, e os séculos de detritos de que se alimentavam eram arremessados ao ar pelas enormes garras, voltando a cair nas bocas de presas enormes, antes de serem consumidos pelo inferno.

Malfoy, Crabbe e Goyle tinham desaparecido; Harry, Ron e Hermione estacaram subitamente; os monstros ígneos rodeavam-nos, cada vez mais perto, garras, chifres e caudas a fustigar, e o calor era uma parede sólida a cercá-los.

— Que havemos de fazer? — gritava Hermione a fim de ser ouvida no meio do clamor das chamas. — Que havemos de fazer?

— Tomem!

Harry pegou em duas vassouras de aspecto sólido que estavam no monte de tralha mais próximo e atirou uma a Ron, que puxou Hermione para trás de si. Harry passou a perna por cima da segunda vassoura e, batendo com os calcanhares no chão, elevaram-se no ar, falhando por pouco o bico acerado de uma ave de rapina flamejante que tentava ferrá-los. O fumo e o calor tornavam-se insuportáveis: por debaixo deles, o fogo maléfico consumia o contrabando de gerações de alunos perseguidos, os resultados ilícitos de mil experiências proibidas, os segredos de um sem-fim de almas que haviam procurado refúgio naquela sala. Harry não via Malfoy, Crabbe ou Goyle em lado nenhum; sobrevoou o mais baixo possível os perigosos monstros chamejantes na tentativa de os encontrar, mas só se via fogo: que forma horrível de morrer... nunca tal quisera...

— Harry, vamos embora, vamos embora daqui! — gritou-lhe Ron, apesar de ser impossível verem, através do fumo negro, onde ficava a porta.

E, então, Harry ouviu um grito humano, fraco e suplicante, vindo do meio da tremenda agitação, do estrépito das chamas devoradoras.

— É demasiado perigoso...! — gritou-lhe Ron, mas Harry deu meia-volta no ar. Com a fraca protecção que os óculos lhe conferiam contra o fumo, os

seus olhos esquadrinharam o mar de chamas, procurando um sinal de vida, um membro ou um rosto que ainda não estivesse calcinado...

E viu-os então: Malfoy com os braços em volta de Goyle, desmaiado, os dois empoleirados numa frágil torre de carteiras calcinadas, e Harry desceu subitamente. Malfoy viu-o aproximar-se e levantou um braço, mas no momento em que Harry o agarrou, percebeu logo que era escusado: Goyle pesava imenso e a mão de Malfoy, coberta de suor, deslizou imediatamente da de Harry...

— SE NÓS MORRERMOS POR CAUSA DELES, JURO QUE TE MATO, HARRY! — ouviu-se a voz de Ron, atoadora, e, quando uma Quimera flamejante se aproximou, ele e Hermione arrastaram Goyle para a sua vassoura, voltando a subir, girando e oscilando no ar, enquanto Malfoy trepava para trás de Harry.

— A porta, alcança a porta! — guinchou Malfoy ao ouvido de Harry, seguindo Ron, Hermione e Goyle através da nuvem negra de fumo, quase sem conseguirem respirar: e, a toda a volta deles, os últimos objectos que as chamas devoradoras ainda não haviam queimado foram arremessados ao ar, enquanto as criaturas do fogo maléfico os lançavam alto em comemoração: taças e escudos, uma gargantilha cintilante e uma velha tiara baça.

— O que estás a fazer, o que estás a fazer? A porta é naquela direcção! — gritou-lhe Malfoy, mas Harry descreveu uma curva apertada e desceu a pique. O diadema parecia cair ao retardador, rodando e cintilando em direcção à boca escancarada de uma serpente, e depois tinha-o na mão, enfiado no pulso...

Harry virou de novo quando a serpente o atacou, elevou-se e foi direito ao local onde, esperava sinceramente, estivesse a porta aberta: Ron, Hermione e Goyle tinham desaparecido, Malfoy gritava ainda e agarrava Harry com tanta força que o magoava. Então, através do fumo, Harry descortinou uma mancha rectangular na parede, conduziu a vassoura para lá e, momentos depois, o ar puro voltou a encher-lhe os pulmões e colidiram com a parede em frente.

Malfoy caiu da vassoura e permaneceu de bruços, a arquejar, a tossir e com vômitos. Harry virou-se de costas e sentou-se: a porta da Sala das Necessidades desaparecera e Ron e Hermione encontravam-se sentados no chão ao lado de Goyle, ainda desmaiado.

— O C-Crabbe — articulou Malfoy, assim que conseguiu falar. — O C-Crabbe...

— Morreu — anunciou Ron, com voz cava.

Predominava o silêncio, à excepção do arquejar e tossir. De seguida, o castelo foi sacudido por uma série de estrondos, e uma cavalgada enorme de figuras transparentes passou a galope em montadas, as cabeças gritando debaixo dos braços, clamando por sangue. Harry levantou-se a cambalear depois de os Caçadores Sem Cabeça passarem e olhou à sua volta: a batalha continuava a travar-se a todo o redor. Ouviu mais gritos para além dos dos fantasmas em retirada e foi invadido pelo pânico.

— Onde está a Ginny? — perguntou bruscamente. — Ela estava aqui. Ela devia voltar para a Sala das Necessidades.

— Caramba, achas qu' ainda funcionará depois de todo aquele fogo? — indagou Ron, mas também ele se levantou, esfregando o peito e olhando para a esquerda e para a direita. — Vamos separar-nos e procurar...?

— Não — opôs-se Hermione, levantando-se igualmente. Malfoy e Goyle mantiveram-se prostrados no chão do corredor; nenhum deles tinha varinha. — Vamos ficar juntos, sugiro que... Harry, o que é isso no teu braço?

— O quê? Oh, pois...

Retirou o diadema do pulso e ergueu-o. Ainda estava quente, enegrecido pela fuligem, mas quando o observou bem, conseguiu ler as palavras minúsculas que tinha gravadas: *Uma inteligência extraordinária é o maior tesouro da Humanidade.*

Parecia escoar-se do diadema uma substância que fazia lembrar sangue, escura e espessa como alcatrão. De súbito, Harry sentiu o objecto vibrar violentamente, depois partir-se-lhe nas mãos e, quando isso sucedeu, julgou ouvir um grito de dor, muito ténue e distante, vindo não dos campos ou do castelo, mas do objecto que acabara de se fragmentar nos seus dedos.

— Devia ser Fogo Maligno! — choramingou Hermione, de olhos postos nos pedaços partidos.

— Desculpa?

— Fogo Maligno... um fogo maldito... é uma das substâncias que destrói os Horcruxes, mas eu nunca, mesmo nunca, teria ousado usá-lo, é perigosíssimo. Como conseguiu o Crabbe...?

— Deve ter aprendido com os Carrow — respondeu Harry em tom sinistro.

— Na realidade, foi uma pena não ter prestado atenção quando eles explicaram como pôr-lhe cobro — comentou Ron, que, tal como Hermione, tinha o cabelo chamuscado e o rosto enegrecido. — Se ele não tem tentado matar-nos a todos, lamentaria deveras a sua morte.

— Mas tu não estás a perceber? — murmurou Hermione. — Isto significa que se conseguirmos apanhar a serpente...

Calou-se quando os gritos, berros e o ruído inconfundível de luta encheram o corredor. Harry olhou à sua volta e sentiu um baque no coração. Os Devoradores da Morte tinham entrado em Hogwarts. Fred e Percy haviam acabado de aparecer, lutando ambos com homens de máscara e capuz.

Harry, Ron e Hermione foram imediatamente em seu socorro. Voaram jactos de luz em todas as direcções e o homem que lutava com Percy recuou rapidamente: depois, deixou cair o capuz e viram uma testa alta e cabelo matizado...

— Olá, Senhor Ministro! — gritou Percy, lançando um feitiço perfeito a Thicknesse, que largou a varinha e se agarrou ao manto, aparentemente aflito. — Já lhe comuniquei que me vou demitir?

— Estás a gozar, Perce! — bradou Fred, quando o Devorador da Morte com quem lutava cedeu sob o peso de três Feitiços de Atordoar diferentes.

Thicknesse tombara entretanto, começando a brotar-lhe minúsculos espinhos de todo o corpo; dava a impressão de estar a transformar-se numa espécie de ouriço-do-mar. Fred trocou um olhar de júbilo com Percy.

— Estás mesmo a gozar, Perce ... acho que não te ouvia a gozar desde que tinhas...

O ar explodiu. Estavam todos juntos, Harry, Ron, Hermione, Fred e Percy, os dois Devoradores da Morte aos seus pés, um Atordoado, o outro Transfigurado: e, naquela fracção de segundo, em que o perigo parecia temporariamente afastado, o mundo dilacerou-se. Harry sentiu que voava pelo ar, e pôde apenas agarrar com toda a força possível o fino pedaço de madeira que era a sua única arma, e proteger a cabeça com os braços: ouviu os gritos e berros dos seus companheiros sem qualquer esperança de saber o que lhes acontecera.

E depois tudo se resumiu a dor e semi-escuridão: ficou meio soterrado nos destroços de um corredor que fora sujeito a um ataque terrível: o ar frio fê-lo perceber que a parte lateral do castelo fora pelos ares e algo pegajoso e quente na face disse-lhe que sangrava abundantemente. Ouviu então um grito terrível que lhe atacou as entranhas, uma expressão de agonia que nem as chamas nem uma maldição eram capazes de causar, e levantou-se, a cambalear, sentindo-se mais assustado que em todo aquele longo dia, mais assustado, talvez, do que alguma vez estivera em toda a sua vida.

E Hermione tentava erguer-se no meio dos destroços, e três homens de cabelos ruivos estavam reunidos no solo onde a muralha desaparecera. Harry deu a mão a Hermione ao passarem por cima das pedras e dos pedaços de madeira, cambaleantes e aos tropeções.

— Não... não... não! — gritava alguém. — Não! Fred! Não!

E Percy sacudia o irmão. Ron ajoelhara-se entretanto ao lado deles, e os olhos de Fred fitavam sem ver, a sua última gargalhada ainda estampada no rosto.

XXXII

A VARINHA DE SABUGUEIRO

Se o mundo tinha acabado, por que não terminara a batalha? O horror devia ter silenciado o castelo e todos os combatentes deviam ter pousado as armas. A mente de Harry estava num turbilhão, fora de controlo, incapaz de aceitar o impossível, pois Fred Weasley não podia ter morrido, os sinais que os seus sentidos lhe transmitiam só podiam estar errados...

Até que um corpo foi projectado pelo buraco aberto na parede da escola, caindo no chão, e as maldições voaram sobre eles, vindas da escuridão e atingindo a parede por trás das suas cabeças.

— Baixem-se! — gritou Harry, à medida que mais maldições iam voando através da noite: ele e Ron tinham agarrado Hermione e tinham-na empurrado para o chão, mas Percy estava deitado sobre o corpo de Fred para o proteger de mais danos e, quando Harry insistiu «Anda, Percy, temos de sair daqui!», ele abanou a cabeça.

— Percy! — Harry viu o rasto deixado pelas lágrimas na sujidade que cobria o rosto de Ron ao agarrar o irmão mais velho pelos ombros para o puxar, mas Percy continuava sem se mexer. — Não podes fazer nada por ele, Percy. Vamos...

Hermione soltou um grito e, quando se voltou, Harry não precisou de perguntar porquê. Uma aranha monstruosa, do tamanho de um pequeno carro, tentava trepar pelo enorme buraco aberto na parede: uma das descendentes de Aragog acabava de entrar na guerra.

Ron e Harry gritaram em uníssono; os seus feitiços colidiram, e o monstro foi empurrado para trás, com as pernas a agitarem-se horivelmente, e desapareceu na escuridão.

— Trouxe as amigas! — gritou Harry para os outros, ao olhar de relance para a ponta do castelo através do buraco que as maldições tinham aberto na parede: de um dos lados viam-se mais aranhas gigantes, libertadas da Floresta Proibida onde os Devoradores da Morte deviam ter entrado, a treparem pelas paredes. Harry disparou uns quantos Feitiços de Atordoar sobre elas, fazendo o monstro maior cair sobre as companheiras e todas elas

rebolarem até ao chão e desaparecerem. Mas, nesse momento, mais maldições voaram sobre a cabeça de Harry, tão perto que ele sentiu o cabelo em torvelinho sob o seu poder.

— Vamos embora, JÁ!

Harry empurrou Hermione e Ron para a sua frente e inclinou-se para pegar no corpo inerte de Fred por debaixo dos braços a fim de o transportar. Ao perceber o que Harry estava a tentar fazer, Percy deixou de o prender e ajudou-o; juntos, agachando-se para escapar às maldições que voavam em seu redor, levaram Fred dali.

— Vamos pô-lo aqui — disse Harry, e deixaram-no num nicho onde antes estava uma armadura. Não aguentava olhar para Fred nem mais um minuto e, depois de se certificar de que o corpo estava bem escondido, correu para se juntar a Ron e Hermione. Malfoy e Goyle tinham desaparecido, mas viu ao fundo do corredor, agora cheio de pó, bocados de alvenaria caídos, vidros há muito estilhaçados, muitas pessoas a correrem de um lado para o outro, mas sem conseguir perceber se eram amigos ou inimigos. Ao contornar uma esquina, Percy soltou um verdadeiro rugido «ROOKWOOD!» e desatou a correr em direcção a um homem alto que perseguia alguns alunos.

— Harry, aqui! — gritou Hermione.

Tinha empurrado Ron para trás de uma tapeçaria. Pareciam estar engalfinhados e, por um segundo louco, pensou que estavam outra vez a beijar-se; depois percebeu que Hermione estava a tentar impedir que Ron fosse a correr atrás de Percy.

— Ouve... OUVÉ, RON!

— Quero ajudá-lo... Quero matar Devoradores da Morte...

Tinha o rosto contorcido, coberto de pó e fumo, e tremia de raiva e dor.

— Ron, só nós é que podemos pôr fim a isto! Por favor, Ron, precisamos da serpente, temos de matar a serpente! — exclamou Hermione.

Mas Harry sabia o que Ron estava a sentir: perseguir outro Horcrux, só por si, não bastava para sentir o sabor da vingança; queria lutar, castigá-los, castigar as pessoas que tinham matado Fred, queria encontrar os outros Weasley e, acima de tudo, ter a certeza, ter a certeza absoluta, de que Ginny não estava... mas não podia sequer permitir que essa ideia se formasse na sua mente...

— *Vamos* lutar! — garantiu-lhe Hermione. — Vamos ter de lutar para chegarmos à serpente. Mas não vamos perder de vista o que temos de fazer. Somos os únicos que podem pôr fim a isto!

Também ela chorava. Limpou a cara com a manga rasgada e chamuscada enquanto falava, respirou fundo algumas vezes para se acalmar e, sem largar Ron, voltou-se para Harry.

— Tens de descobrir onde está o Voldemort, pois é ele quem tem a serpente, não é? Tem de ser, Harry... procura a mente dele!

Por que seria tão fácil fazê-lo? Porque a sua cicatriz estava a arder há horas, ansiosa por lhe mostrar os pensamentos de Voldemort? Hermione disse-lhe

que fechasse os olhos; ele assim fez e, de imediato, os gritos, os estrondos, todos os sons dissonantes da batalha dissiparam-se, tornando-se distantes, como se ele estivesse longe, muito longe deles...

Encontrava-se no meio de uma sala vazia, mas que lhe era estranhamente familiar, com o papel a saltar das paredes e as janelas todas entaipadas à excepção de uma. Os sons do ataque ao castelo chegavam-lhe abafados e distantes. Pela única janela desobstruída viam-se explosões de luz ao longe, no sítio onde ficava o castelo, mas naquela sala a única luz provinha de uma lamparina solitária.

Estava a rodar a varinha entre os dedos, observando-a, mas com o pensamento na Sala do castelo, a Sala secreta que só ele tinha descoberto, a Sala que, tal como a Câmara, só alguém inteligente, perspicaz e curioso poderia descobrir... tinha esperança de que o rapaz não encontrasse o diadema... embora o fantoche de Dumbledore tivesse ido muito mais longe do que ele alguma vez esperara... demasiado longe.

— Meu Senhor — disse uma voz desesperada e estridente. Voltou-se e viu Lucius Malfoy sentado no canto mais escuro, com a roupa em farrapos e ainda com as marcas do castigo que sofrera depois da última fuga do rapaz. Tinha um dos olhos fechado e inchado. — Meu Senhor... por favor... o meu filho...

— Se o teu filho morreu, Lucius, a culpa não é minha. Não se juntou a mim como todos os outros Slytherin. Talvez tenha decidido tornar-se amigo do Harry Potter?

— Não... nunca — murmurou Malfoy.

— É bom que tenhas essa esperança.

— Não temeis... não temeis, Senhor, que o Harry possa ter morrido às mãos de outro que não vós? — perguntou Malfoy, com a voz a tremer. — Não seria... perdoai-me... mais prudente acabar com esta guerra, entrar no castelo e irdes... vós mesmo procurá-lo?

— Não estejas a fingir, Lucius. Queres que a guerra acabe para poderes descobrir o que aconteceu ao teu filho. E eu não preciso de ir à procura do Potter. Antes de a noite cair, ele virá à minha procura.

Voldemort tornou a baixar os olhos para a varinha que tinha entre os dedos. Estava preocupado... e as coisas que preocupavam Lord Voldemort tinham de ser resolvidas.

— Vai procurar o Snape.

— O Snape, m-meu Senhor?

— O Snape. Já. Preciso dele. Preciso que me faça um... serviço. Vai.

Assustado, aos tropeções por entre a escuridão, Lucius saiu da sala. Voldemort continuou parado, a rodar a varinha entre os dedos, olhando fixamente para ela.

— É a única maneira, *Nagini* — murmurou e olhou à sua volta. Lá estava ela, a enorme e grossa serpente, agora suspensa no ar, ondulando graciosamente no espaço protegido que ele lhe arranjava, uma esfera cintilante e transparente, um misto de gaiola e tanque.

Sobressaltado, Harry afastou-se e abriu os olhos; nesse preciso momento, os seus ouvidos voltaram a ser inundados pelos gritos, guinchos, estrondos e explosões da batalha.

— Está na Cabana dos Gritos. A serpente está lá com ele, com uma espécie de protecção mágica à sua volta. Acabou de mandar o Lucius Malfoy ir à procura do Snape.

— O Voldemort está na Cabana dos Gritos? — perguntou Hermione, escandalizada. — Nem sequer... nem sequer está a *combater*?

— Acha que não é preciso envolver-se na batalha — respondeu Harry. — Está convencido de que eu irei ao encontro dele.

— Mas porquê?

— Porque sabe que ando atrás dos Horcruxes... tem a *Nagini* ao pé dele... é óbvio que vou ter de ir ao encontro dele para me aproximar daquela coisa...

— Pois é — disse Ron, endireitando os ombros. — Por isso é que não podes ir. É o que ele quer, o que está à espera que faças. Ficas aqui, cuidas da Hermione, e eu vou lá...

Harry não deixou Ron continuar.

— Vocês os dois ficam aqui, e eu vou tapado com o Manto. Voltarei assim que...

— Não — disse Hermione. — Faz muito mais sentido ser eu a levar o Manto e...

— Nem penses nisso — contrapôs Ron com rispidez.

Antes de Hermione poder dizer mais que «Ron, sou perfeitamente capaz de...», a tapeçaria que estava ao cimo da escada onde se encontravam rasgou-se de alto a baixo.

— POTTER!

Eram dois Devoradores da Morte mas, antes de terem conseguido erguer as suas varinhas, já Hermione gritara «*Glisseo!*»

Por baixo dos seus pés, as escadas transformaram-se numa rampa, pela qual ela, Harry e Ron se precipitaram sem conseguirem controlar a velocidade, mas tão depressa que os Feitiços de Atordoar lançados pelos Devoradores da Morte voaram por cima das suas cabeças para muito longe. Enfiaram-se pela tapeçaria que estava ao fundo da escada e atiraram-se para o chão, indo chocar na parede do outro lado.

— *Duro!* — gritou Hermione, apontando a varinha para a tapeçaria e, nesse momento, ouviram-se duas pancadas surdas, pois a tapeçaria transformara-se em pedra, e os Devoradores da Morte que os perseguiam tinham esbarrado nela.

— Para trás! — gritou Ron que, juntamente com Harry e Hermione, teve de se encostar a uma porta para deixar passar uma manada de secretárias a galope, comandadas pela Professora McGonagall, aos saltos. Aparentemente nem deu por eles: tinha os cabelos caídos e um golpe numa face. Ao dobrar a esquina, ouviram-na gritar «AO ATAQUE!»

— Harry, põe o Manto — disse Hermione. — Não te importes connosco...

Mas ele pô-lo por cima dos três; apesar do seu tamanho, duvidava de que alguém reparasse naqueles pés sem corpo por entre o pó que inundava o ar, as pedras que caíam, a cintilação dos feitiços.

Correram pela escada que encontraram a seguir e foram dar a um corredor cheio de gente a lutar. Os retratos que ladeavam os diversos combatentes estavam apinhados de figuras que gritavam conselhos e palavras de coragem, enquanto vários Devoradores da Morte, quer com capuz, quer sem ele, lutavam contra alunos e professores. Dean tinha conseguido arranjar uma varinha, pois estava frente a frente com Dolohov, e Parvati com Travers. Harry, Ron e Hermione empunharam imediatamente as suas varinhas, prontos a atacar, mas o emaranhado de combatentes era tão grande que seria altamente provável atingir um dos seus, se lançassem alguma maldição. Quando ainda estavam os três juntos, à espera de uma oportunidade de agir, ouviu-se um longo «*uiii-iii*» e, ao olhar para cima, Harry viu Peeves zumbindo por cima deles, a lançar casulos de Snargaluffs sobre os Devoradores da Morte, cujas cabeças ficaram subitamente envolvidas por tubérculos verdes, a contorcer-se, fazendo lembrar lagartas gordas.

— Ai!

Um punhado desses tubérculos caíra sobre o Manto por cima da cabeça de Ron e as raízes verdes e viscosas ficaram estranhamente suspensas no ar, enquanto Ron tentava sacudi-las.

— Está ali alguém invisível! — gritou um Devorador da Morte encapuzado, apontando na direcção dele.

Dean tentou aproveitar a distração momentânea do Devorador da Morte e atingiu-o com um Feitiço de Atordoar.; Dolohov tentou retaliar, e Parvati lançou-lhe uma Maldição da Ligadura Total do Corpo.

— VAMOS! — gritou Harry, e ele, Ron e Hermione prenderam bem o manto à sua volta e dispararam, de cabeça para baixo, por entre os combatentes, escorregando aqui e ali nas poças de suco de Snargaluff, em direcção ao cimo da escadaria de mármore do *Hall* de Entrada.

— Sou o Draco Malfoy, sou o Draco, estou do vosso lado!

Draco estava no último patamar, a argumentar com mais um Devorador da Morte encapuzado. Harry Atordoou o Devorador da Morte quando passou por ele: Malfoy olhou em redor à procura do seu salvador, radiante, e Ron deu-lhe um soco por baixo do Manto. Malfoy caiu para trás, por cima do Devorador da Morte com a boca a sangrar e terrivelmente confuso.

— É a segunda vez que te salvamos a vida esta noite, meu hipócrita de um raio! — gritou Ron.

As escadas e o *Hall* estavam repletos de mais pessoas envolvidas em duelos e, para onde quer que olhasse, Harry só via Devoradores da Morte: Yaxley, junto às portas da frente, a combater com Flitwick e, mesmo ao lado deles, um Devorador da Morte a combater com Kingsley. Havia alunos a correr por todo o lado, alguns a transportarem ou a arrastarem colegas feridos. Harry lançou um Feitiço de Atordoar ao Devorador da Morte encapuzado, mas falhou e

quase atingiu Neville, que tinha aparecido sabe-se lá de onde, com braçadas de Tentáculos Venenosos que, muito satisfeitos, se enrolaram à volta do Devorador da Morte mais próximo, começando a fazê-lo desaparecer.

Harry, Ron e Hermione desceram a escadaria de mármore a toda a velocidade: à sua esquerda havia vidros estilhaçados, e a ampulheta dos Slytherin que registara os pontos da equipa espalhara as suas esmeraldas por toda a parte, o que fazia com que as pessoas escorregassem e cambaleassem enquanto corriam. Quando chegaram ao fundo da escada, dois corpos caíram da galeria lá do alto, e uma mancha cinzenta, que Harry julgou ser um animal, atravessou rapidamente o *Hall* a quatro patas para poder espetar os dentes num dos corpos.

— NÃO! — gritou Hermione e, com uma explosão ensurdecedora da sua varinha, Fenrir Greyback foi afastado do corpo de Lavender Brown, cujos movimentos eram já muito débeis. Foi embater nos corrimãos de mármore e tentou voltar a levantar-se, mas, nesse momento, caiu-lhe em cima da cabeça uma bola de cristal, acompanhada de um clarão branco e de um estalido. Contorceu-se e já não se mexeu mais.

— Tenho mais! — gritou a Professora Trelawney por cima do corrimão — Muito mais para quem as quiser! Aqui vai...

E, como se estivesse a servir num jogo de ténis, tirou outra enorme esfera de cristal da mala, agitou a varinha mágica no ar, fazendo com que a bola se precipitasse através do *Hall* e se estilhaçasse contra uma janela. Nesse preciso momento, as pesadas portas de madeira da frente escancararam-se, e um novo grupo de aranhas gigantescas entrou de rompante no *Hall*.

O ar foi entrecortado por gritos de terror: os combatentes dispersaram, tanto os Devoradores da Morte como os de Hogwarts, e jactos de luz vermelha e verde voaram por entre os monstros que vinham a entrar, fazendo-os estremecer e recuar, mais aterrorizadores do que nunca.

— Como é que saímos daqui? — gritou Ron por cima de toda a vozearia mas, antes de Harry ou Hermione poderem responder, foram afastados para o lado: Hagrid tinha descido a escada, a vociferar e a brandir o seu guarda-chuva cor-de-rosa às flores.

— Não lhes façam mal! Não lhes façam mal! — gritava.

— NÃO, HAGRID!

Harry esqueceu tudo o mais; soltou-se do Manto e correu, meio dobrado, para escapar às maldições que dardejavam por todo o *Hall*.

— VOLTA PARA TRÁS, HAGRID!

Porém, ainda não tinha percorrido sequer metade da distância que o separava de Hagrid, quando o viu desaparecer no meio das aranhas que, com uma grande correria e um sinistro movimento ondulante, recuaram sob a chuva de maldições, com Hagrid enterrado no meio delas.

— HAGRID!

Harry ouviu alguém a chamar pelo seu nome, sem querer saber se se tratava de um amigo ou de um inimigo; correu pelos degraus da entrada, penetrou na

escuridão que reinava lá fora, vendo as aranhas a afastarem-se com a sua presa, mas sem avistar qualquer sinal de Hagrid.

— HAGRID!

Pareceu-lhe entrever um enorme braço a acenar por entre as aranhas mas, quando se preparava para as perseguir, foi impedido por um pé monumental que saiu da escuridão e, ao pousar no chão, o fez tremer. Olhou para cima: à sua frente estava um gigante, com mais de seis metros de altura, a cabeça escondida na sombra e apenas as canelas peludas iluminadas pela luz que vinha das portas do castelo. Com um movimento brutal, mas fluido, espetou um punho enorme por uma janela de um dos andares superiores, fazendo com que uma chuva de estilhaços caísse sobre Harry e obrigando-o a abrigar-se de novo na ombreira da porta.

— Que horror! — gritou Hermione quando, acompanhada por Ron, chegou junto de Harry e olhou para cima, vendo o gigante que agora tentava agarrar as pessoas com o braço enfiado pela janela.

— NÃO! — gritou Ron, agarrando a mão de Hermione, quando esta se preparava para erguer a sua varinha. — Se o Atordoares, ele deita abaixo metade do castelo...

— HAGGER?

Grawp apareceu aos solavancos a uma das esquinas do castelo; só nesse momento é que Harry percebeu que Grawp era, afinal, um gigante pequeno. O enorme monstro que tentava esmagar as pessoas nos andares superiores olhou à sua volta, lançando um terrível bramido. Os degraus de pedra estremeceram quando ele se encaminhou para o seu parente mais pequeno, e a boca retorcida de Grawp abriu-se, revelando uns dentes amarelos, do tamanho de meio tijolo. Lançaram-se então um ao outro com a selvajaria de dois leões.

— CORRAM! — gritou Harry; a noite encheu-se de urros e golpes tremendos com a luta dos dois gigantes. Agarrou a mão de Hermione e precipitou-se pelos degraus, com Ron na retaguarda.

O ar tinha gelado à sua volta: a respiração de Harry ficou presa no seu peito. No escuro moviam-se sombras, figuras de um negrume denso que ondulavam e se deslocavam como uma vaga enorme em direção ao castelo, com o rosto tapado por capuzes e uma respiração ruidosa...

Ron e Hermione juntaram-se mais a ele — os sons das lutas que estavam a ser travadas atrás deles deixaram de se ouvir repentinamente, abafados por um silêncio espesso que estava a abater-se por entre a noite e que só os Dementors poderiam trazer...

— Vá, Harry! — disse a voz de Hermione, muito ao longe. — O Patronus, Harry, despacha-te!

Harry ergueu a varinha, mas sentiu-se invadido por uma lúgubre sensação de desespero: Fred tinha morrido, e de certeza que Hagrid estava a morrer ou já morto; quantos mais teriam morrido sem que ele ainda o soubesse; parecia-lhe que a sua alma começara já a abandonar o seu corpo...

— DESPACHA-TE, HARRY! — gritava Hermione.

Cem Dementors avançavam sobre eles, deslizando, sugando o desespero de Harry, que, em certa medida, era o prenúncio de um festim...

Viu o *terrier* prateado de Ron voar pelos ares, estremecer ligeiramente e morrer; viu a lontra de Hermione contorcer-se em pleno ar e desaparecer, e a sua própria varinha tremer-lhe na mão. Quase deu por bem-vindo o esquecimento que se aproximava, a promessa do nada, a ausência de sentimentos...

Todavia, nesse momento, uma lebre prateada, um javali e uma raposa passaram a toda a velocidade sobre as cabeças de Harry, Ron e Hermione, e os Dementors recuaram ao verem esses seres a aproximarem-se. Três outras pessoas vindas da escuridão tinham-se juntado a eles, empunhando as suas varinhas e continuando a lançar Patronus: Luna, Ernie e Seamus.

— Isso — exclamou Luna em tom de encorajamento, como se estivessem outra vez na Sala das Necessidades a treinar feitiços para o Exército de Dumbledore. — Vá lá, Harry... pensa numa coisa feliz...

— Uma coisa feliz? — repetiu ele com a voz entrecortada.

— Ainda estamos aqui — murmurou Luna. — Ainda estamos a combater. Vá lá...

Viram uma centelha prateada, depois uma luz titubeante e a seguir, com o maior dos esforços que alguma vez tivera de fazer, Harry conseguiu que o veado irrompesse da ponta da sua varinha, galopando ao de leve; os Dementors dispersaram, e a noite voltou a ficar amena, mas os estrondos do combate ribombaram de novo nos seus ouvidos.

— Não sei como hei-de agradecer-vos — disse Ron, com a voz a tremer, voltando-se para Luna, Ernie e Seamus. — Acabaram de nos salvar...

Com um estrondo enorme e uma sacudidela igual à de um tremor de terra, um outro gigante surgiu da escuridão, vindo do lado da Floresta, a brandir um pau maior que qualquer um deles.

— CORRAM! — gritou Harry mais uma vez, mas os outros não precisaram de o ouvir: fugiram em todas as direcções, e mesmo a tempo, pois nem um segundo depois o gigante pousou o seu enorme pé no sítio onde eles tinham estado. Harry olhou à sua volta: Ron e Hermione vinham atrás dele, mas os outros três tinham desaparecido de novo para o tumulto da batalha.

— Vamos sair do alcance dele! — gritou Ron ao ver o gigante balançar o pau que trazia na mão e ouvir o eco dos seus urros a perpassar a noite, através dos campos, onde a escuridão continuava a ser entrecortada por explosões de luz verde e vermelha.

— O Salgueiro Zurzidor — disse Harry. — Vamos!

Sem saber bem como, conseguiu fechar tudo na sua mente, num pequeno espaço para onde não podia olhar agora: recordações de Fred e Hagrid e o seu terror por todas as pessoas que amava e que estavam espalhadas dentro e fora do castelo, tudo isso tinha de esperar, porque eles precisavam de correr, precisavam de chegar à serpente e a Voldemort porque, como Hermione dissera, era essa a única maneira de acabar com tudo aquilo...

Correu mais depressa, em parte convencido de que conseguia escapar à morte, ignorando os jactos de luz que voavam na escuridão em redor dele, o som das águas do lago que fazia lembrar o mar e o ranger da Floresta Proibida apesar de não haver vento; correu mais depressa do que alguma vez correria na vida através dos campos que pareciam, também eles, ter-se revoltado, e foi ele o primeiro a ver a grande árvore, o Salgueiro que protegia o segredo oculto nas suas raízes com ramos que brandia como chicotes.

A arfar, quase sem conseguir respirar, Harry abrandou, contornou os ramos ondulantes do Salgueiro, tentou entrever o seu espesso tronco no meio da escuridão, na esperança de descobrir o único nó da casca da árvore que conseguiria paralisá-la. Ron e Hermione apanharam-no, mas Hermione arquejava de tal forma que nem conseguia falar.

— Como... como é que vamos entrar? — perguntou Ron, também a arfar.
— Estou... estou a ver o sítio... se ao menos tivéssemos... outra vez o *Crookshanks*...

— O *Crookshanks*? — perguntou Hermione a chiar, curvada e a agarrar o peito. — *És feiticeiro ou quê?*

— Ah... pois... é verdade...

Ron olhou à sua volta, depois apontou a varinha para um ramo seco que estava no chão e disse, «*Wingardium Leviosa!*». O ramo ergueu-se do chão, rodopiou no ar como se estivesse a ser empurrado por uma rajada de vento e depois disparou em direcção ao tronco do Salgueiro, por entre os ramos que se agitavam de forma ameaçadora. Embateu num ponto perto das raízes da árvore, que imediatamente se imobilizou.

— Perfeito! — exclamou Hermione, ainda ofegante.

— Esperem.

Harry hesitou um segundo, enquanto os estrondos e explosões da batalha preenchiavam o ar. Era exactamente aquilo que Voldemort queria que ele fizesse, que fosse... estaria a arrastar Ron e Hermione para uma armadilha?

Nesse momento, porém, a realidade pareceu abater-se sobre ele, uma realidade simples e cruel: o único caminho que havia a seguir era matar a serpente, e a serpente estava junto de Voldemort, e Voldemort estava no fim daquele túnel...

— Nós também vamos, Harry, despacha-te a entrar! — disse Ron, empurrando-o para frente.

Harry contorceu-se pela passagem de terra escondida entre as raízes da árvore. Era muito mais estreita que da última vez que ali tinham entrado. O túnel era baixo: há quatro anos bastara-lhes dobrarem-se para conseguirem andar e agora não tinham outra hipótese senão rastejar. Harry foi o primeiro a entrar, com a varinha iluminada, à espera de a qualquer momento encontrar uma barreira, mas nada.

Avançaram em silêncio, Harry com o olhar fixo no feixe de luz oscilante que saía da varinha que empunhava.

Até que finalmente o túnel começou a subir, e Harry viu uma nesga de luz

lá ao fundo. Hermione agarrou-o pelo tornozelo.

— O Manto! — sussurrou. — Põe o Manto!

Harry procurou atrás de si, e Hermione empurrou o tecido escorregadio para a mão que ele tinha livre. Com dificuldade, puxou o Manto para cima de si, murmurou «*Nox*», apagou a luz da varinha e continuou a andar de gatas, o mais silenciosamente possível, com todos os sentidos alerta, à espera de ser descoberto a qualquer momento, de ouvir uma voz fria e clara, de ver um clarão de luz verde.

Nesse momento, ouviu vozes vindas da sala que ficava directamente à sua frente, apenas ligeiramente abafadas pelo facto de a abertura ao fundo estar bloqueada por algo que parecia ser um velho caixote. Quase sem se atrever a respirar, Harry dirigiu-se para a abertura e espreitou por um pequeno espaço que havia entre o caixote e a parede.

A sala estava pouco iluminada, mas conseguiu ver *Nagini*, a contorcer-se e a enrolar-se como uma serpente debaixo de água, na segurança da sua esfera encantada e cintilante, que flutuava no ar sem nada a segurá-la. Viu a ponta de uma mesa e uma mão branca de dedos compridos a brincar com uma varinha. Nessa altura, Snape falou, e o coração de Harry disparou: Snape estava a poucos metros do sítio onde ele se encontrava acororado, escondido.

— ...meu Senhor, a resistência deles está a cair por terra...

— ...e sem a tua ajuda — disse Voldemort, com a sua voz aguda e clara. — Apesar de seres um feiticeiro muito talentoso, Severus, não creio que agora faças grande diferença. Estamos quase a conseguir... quase.

— Deixai-me ir à procura do miúdo. Deixai-me trazer-vos o Potter. Tenho a certeza de que vou conseguir encontrá-lo, Senhor. Por favor.

Snape passou junto da abertura, e Harry chegou-se um pouco para trás, mantendo os olhos fixos em *Nagini*, enquanto pensava se haveria algum feitiço capaz de penetrar na protecção que a rodeava. Mas não conseguia lembrar-se de nenhum. Bastava uma tentativa falhada para denunciar o sítio onde se encontrava.

Voldemort levantou-se. Harry conseguia vê-lo, conseguia ver os olhos vermelhos, o rosto achatado, sinuoso, a pele pálida a brilhar ligeiramente na semi-obscuridade.

— Tenho um problema, Severus — disse Voldemort em voz baixa.

— Um problema? — perguntou Snape.

Voldemort ergueu a Varinha de Sabugueiro, com a delicadeza e precisão de um maestro.

— Por que é que a varinha não funciona comigo, Severus?

No silêncio que se seguiu, Harry imaginou ouvir a serpente a silvar enquanto se enrolava e desenrolava, ou seria um suspiro sibilante de Voldemort a entrecortar o ar?

— Meu... meu Senhor? — balbuciou Snape, sem perceber. — Como assim? Fizestes... fizestes magias extraordinárias com essa varinha.

— Não — contrapôs Voldemort. — Fiz as magias habituais. Eu sou

extraordinário, mas esta varinha... não. Não revelou os poderes mágicos que prometia. Não senti qualquer diferença entre esta e a que há tantos anos obtive do Ollivander.

O tom de Voldemort era pensativo, calmo, mas a cicatriz de Harry tinha começado a latejar e a pulsar; a testa doía-lhe cada vez mais, e sentiu a fúria controlada que estava a acumular-se dentro de Voldemort.

— Não há nenhuma diferença — repetiu Voldemort.

Snape não disse nada. Harry não conseguia ver a cara dele, mas pensou que ele talvez tivesse pressentido o perigo e estivesse à procura das palavras certas para tranquilizar o seu amo.

Voldemort começou a andar pela sala. Harry deixou de o ver por alguns segundos, enquanto ele deambulava, sempre a falar com a mesma voz controlada, ao mesmo tempo que a dor e a fúria de Harry aumentavam.

— Pensei muito, Severus... sabes por que te chamei da batalha?

Por um momento, Harry viu o perfil de Snape: os seus olhos estavam fixos na serpente enrolada dentro da gaiola encantada.

— Não, meu Senhor, mas imploro-vos que me deixeis voltar. Deixai-me ir procurar o Potter.

— Pareces o Lucius. Nenhum de vocês percebe o Potter tão bem como eu. Não é preciso ir à procura dele. O Potter virá ao meu encontro. Sei qual é o ponto fraco dele, o seu único e grande defeito. Irá odiar ver todos os outros a serem atingidos à sua volta, sabendo que é por causa dele que tudo aquilo está a acontecer. Vai querer pôr fim àquilo a qualquer custo. Ele virá.

— Mas, meu Senhor, ele pode ser morto acidentalmente por outra pessoa que não vós...

— As instruções que dei aos Devoradores da Morte foram perfeitamente claras. Capturar o Potter. Matar os amigos dele — quantos mais, melhor — mas ele não. Mas é sobre ti que quero falar, Severus, não sobre o Harry Potter. Tens sido muito valioso para mim. Muito valioso.

— Meu Senhor, sabeis bem que o meu único desejo é servir-vos. Mas... deixai-me ir procurar o miúdo, Senhor. Deixai-me trazê-lo até vós. Sei que vou conseguir...

— Já disse que não! — exclamou Voldemort, e Harry viu o brilho vermelho dos seus olhos quando ele tornou a voltar-se e ouviu o seu manto roçar como uma cobra a sibilar. Sentiu a impaciência de Voldemort no calor da sua cicatriz. — O que me preocupa neste momento, Severus, é o que irá acontecer quando finalmente estiver frente a frente com esse miúdo!

— Certamente que não há qualquer dúvida, meu Senhor...

— Há uma dúvida, sim, Severus. Há sim.

Voldemort parou, e Harry conseguiu vê-lo outra vez, a fazer deslizar a Varinha de Sabugueiro pelos dedos brancos e a olhar fixamente para Snape.

— Por que é que as duas varinhas que utilizei falharam contra o Potter?

— Não... não sei responder, meu Senhor.

— Não sabes?

O acesso de raiva de Voldemort foi como uma faca espetada na cabeça de Harry. Teve de enfiar o punho na própria boca para não gritar de dor. Fechou os olhos e, de repente, era Voldemort a olhar para o rosto pálido de Snape.

— A minha varinha de teixo fez tudo o que lhe pedi, Severus, excepto matar o Harry Potter. Falhou duas vezes. Sob tortura, o Ollivander contou-me sobre os núcleos gémeos e aconselhou-me a usar outra varinha. Eu assim fiz, mas a varinha do Lucius desfez-se ao enfrentar a do Potter.

— Eu... não tenho qualquer explicação para isso, meu Senhor.

Snape não estava a olhar para Voldemort. Os seus olhos negros continuavam fixos na serpente enrolada dentro da sua esfera protectora.

— Arranjei uma terceira varinha, Severus. A Varinha de Sabugueiro, a Varinha do Destino, o Pau da Morte. Tirei-a ao seu antigo dono. Tirei-a do túmulo do Albus Dumbledore.

Nesse momento, Snape olhou para Voldemort, e o seu rosto parecia uma máscara da morte. Estava branco como o mármore e tão imóvel que, quando falou, foi quase um choque ver que havia alguém vivo por detrás daqueles olhos sem expressão.

— Meu Senhor, deixai-me ir buscar o miúdo...

— Toda esta longa noite, quando estou a um passo da vitória, tenho estado aqui a pensar — disse Voldemort com uma voz que quase não passava de um sussurro —, por que razão se recusa a Varinha de Sabugueiro a ser o que devia ser, a desempenhar as funções que, segundo a lenda, deveria desempenhar para o seu verdadeiro dono... e acho que já tenho a resposta.

Snape não disse nada.

— Talvez já saibas? Afinal, és um homem esperto, Severus. Tens sido um servo bom e leal, e lamento que isto tenha de acontecer.

— Meu Senhor...

— A Varinha de Sabugueiro não me serve como deveria servir, Severus, porque não sou o seu verdadeiro dono. A Varinha de Sabugueiro pertence ao feiticeiro que matou o seu último dono. Mataste o Albus Dumbledore. Enquanto estiveres vivo, Severus, a Varinha de Sabugueiro não poderá ser verdadeiramente minha.

— Meu Senhor! — Snape protestou, erguendo a sua varinha.

— Não há outra solução — concluiu Voldemort. — Tenho de dominar a varinha, Severus. Se dominar esta varinha, dominarei finalmente o Potter.

E, nesse momento, Voldemort varreu o ar com a Varinha. Não aconteceu nada a Snape, que por um momento fugaz pensou ter sido poupado; mas a intenção de Voldemort tornou-se clara. A gaiola rolava no ar e, antes que Snape pudesse fazer mais qualquer coisa para além de gritar, abateu-se sobre ele, prendendo-lhe a cabeça e os braços, e Voldemort disse em serpente: — *Mata!*

Ouviu-se um grito terrível. Harry viu o rosto de Snape perder a pouca cor que ainda tinha, ficando cada vez mais branco à medida que os seus olhos negros iam ficando maiores, quando a serpente cravou as presas no seu

pescoço. Não conseguiu libertar-se da gaiola, os seus joelhos acabaram por ceder e caiu no chão.

— Lamento — disse Voldemort friamente.

Voltou-se. No seu rosto não havia tristeza nem remorsos. Estava na hora de sair daquele buraco e ir ao ataque, com uma varinha que agora faria tudo o que ele lhe ordenasse. Apontou-a à gaiola cintilante onde se encontrava a serpente, que tornou a subir ao ar, largando Snape, que ficou caído de lado, com o sangue a jorrar das feridas no pescoço. Voldemort saiu da sala sem olhar para trás, e a enorme serpente flutuou atrás dele, envolta na sua esfera protectora.

No túnel, de volta à sua própria mente, Harry abriu os olhos; tinha os nós dos dedos a sangrar, tamanha fora a força com que lhes mordera para não gritar. Espreitou pelo pequeno espaço entre o caixote e a parede e viu um pé dentro de uma bota preta a tremer no chão.

— Harry! — murmurou Hermione atrás dele, mas ele já tinha apontado a varinha para o caixote que lhe bloqueava a visão. O caixote elevou-se alguns centímetros e afastou-se para o lado, em silêncio. Harry entrou na sala, com todo o cuidado.

Não sabia por que fazia aquilo, por que se aproximava do homem moribundo; não soube interpretar o que sentiu quando viu o rosto branco de Snape e os dedos que tentavam estancar o sangue do pescoço. Harry tirou o Manto da Invisibilidade e olhou para o homem que odiava. Viu os seus olhos negros, cada vez maiores, fixarem-se nos seus, ao mesmo tempo que parecia querer falar. Harry debruçou-se sobre ele, e Snape agarrou-o pela roupa e puxou-o para junto de si.

Da garganta de Snape saiu um som terrível, rouco, gorgolejante.

— Apanha-a... Apanha-a...

Havia algo mais para além de sangue a sair de Snape. Uma coisa de um azul prateado, que não era nem gasosa nem líquida, jorrava da sua boca, dos seus ouvidos e dos seus olhos e, embora soubesse o que era, Harry não sabia o que havia de fazer...

Um frasco, misteriosamente surgido do ar, foi lançado para as suas mãos tremantes por Hermione. Harry colocou a substância prateada dentro do frasco com a varinha. Quando o frasco já estava completamente cheio e Snape parecia não ter nem mais um pinga de sangue dentro de si, as suas mãos começaram a soltar-se do manto de Harry.

— Olha... para... mim — sussurrou.

Os olhos verdes encontraram os olhos negros, mas passado um segundo houve algo que desapareceu nas profundezas dos dois olhos escuros, deixando-os fixos, vazios, sem expressão. A mão que agarrava Harry caiu no chão com um baque, e Snape não se mexeu mais.

XXXIII

A HISTÓRIA DO PRÍNCIPE

Harry ficou ajoelhado ao lado de Snape, a olhar para ele, até que, de repente, uma voz fria e aguda falou tão perto que Harry se pôs de pé com um salto, com o frasco muito apertado na mão, a pensar que Voldemort tinha entrado outra vez na sala.

A voz de Voldemort ressoou pelas paredes e pelo chão, e Harry percebeu que ele estava a falar para Hogwarts e para toda a área circundante e que os residentes de Hogsmeade e todos os que ainda estavam a lutar no castelo iriam ouvi-lo com tanta clareza como se estivesse ao lado deles, com a respiração a roçar-lhes o pescoço, a uma curta distância da morte.

— Têm lutado com grande coragem — disse a voz aguda e fria. — Lord Voldemort sabe dar valor à coragem. No entanto, têm sofrido pesadas baixas.

«Se continuarem a resistir-me, morrerão todos, um por um. Não quero que isso aconteça. Cada gota de sangue mágico derramado é uma perda e um desperdício.

«Lord Voldemort é misericordioso. Ordeno às minhas forças que se retirem imediatamente.

«Têm uma hora. Tratem dos vossos mortos condignamente. Cuidem dos feridos.

«Agora vou falar directamente para ti, Harry Potter. Deixaste que os teus amigos morressem por ti em vez de me enfrentares pessoalmente. Vou esperar uma hora na Floresta Proibida. Se não vieres ao meu encontro, se não te renderes até ao fim desse tempo, a batalha recomeçará. Mas, desta vez, eu próprio entrarei na luta, Harry Potter, encontrar-te-ei e punirei todos os homens, mulheres ou crianças que tenham tentado esconder-te de mim. Uma hora.

Ron e Hermione olharam para Harry e abanaram freneticamente a cabeça.

— Não lhe dês ouvidos — disse Ron.

— Vai correr tudo bem — apressou-se a garantir Hermione. — Vamos... vamos voltar para o castelo. Se ele foi para a Floresta, temos de pensar noutro plano...

Hermione olhou para o corpo de Snape e voltou a correr para a entrada do túnel, seguida de Ron. Harry pegou no Manto da Invisibilidade e depois olhou para Snape. Não sabia o que sentir, a não ser choque pela forma como Snape tinha sido morto e pelas razões por que tal tinha acontecido.

Tornaram a rastejar pelo túnel, sem dizer nada, e Harry perguntou a si próprio se a voz de Voldemort continuaria a ecoar na cabeça de Ron e de Hermione tal como ecoava na sua.

Deixaste que os teus amigos morressem por ti em vez de me enfrentares pessoalmente. Vou esperar uma hora na Floresta Proibida... uma hora.

O relvado na frente do castelo parecia pejado de pequenas trouxas. Devia faltar mais ou menos uma hora para o dia nascer, mas reinava uma escuridão total. Precipitaram-se os três pelos degraus de pedra. Viram, abandonado à sua frente, um tamanco do tamanho de um pequeno barco. Não se viam sinais de Grawp nem do seu agressor.

O castelo encontrava-se estranhamente silencioso. Não havia clarões de luz, nem estrondos, nem gritos. As lajes do *Hall* de Entrada, agora deserto, estavam manchadas de sangue. Havia esmeraldas espalhadas por todo o lado, bem como fragmentos de mármore e madeira. Pedacos dos corrimãos tinham sido arrancados.

— Onde se meteram todos? — sussurrou Hermione.

Ron encaminhou-se para o Salão Nobre, seguido pelos outros dois. Harry parou à porta.

As mesas tinham desaparecido, e o Salão estava apinhado de gente. Os sobreviventes mantinham-se em grupos, a abraçarem-se uns aos outros. Os feridos estavam a ser tratados no estrado por Madame Pomfrey e um grupo de ajudantes. Firenze contava-se entre os feridos; sangrava de um dos lados do corpo e tremia, sem conseguir levantar-se.

Os mortos jaziam em fila no meio do Salão. Harry não conseguia ver o corpo de Fred, porque estava rodeado pelos familiares. George ajoelhava-se junto da cabeça e Mrs. Weasley estava caída sobre o peito do filho com o corpo a tremer, enquanto Mr. Weasley acariciava os cabelos da mulher, com as lágrimas a correrem-lhe pela cara abaixo.

Sem dizerem nada a Harry, Ron e Hermione afastaram-se. Harry viu Hermione aproximar-se de Ginny, cujo rosto estava inchado e manchado, e abraçá-la. Ron juntou-se a Bill, Fleur e Percy, que pôs um braço sobre os ombros do irmão. Quando Ginny e Hermione se aproximaram mais do resto da família, Harry conseguiu ver os corpos que jaziam ao lado do de Fred: Remus e Tonks, pálidos, imóveis, com uma expressão de paz, dando a sensação de estarem a dormir sob o tecto escuro e encantado.

O Salão pareceu desaparecer, encolher, quando Harry saiu, meio a cambalear. Não conseguia respirar. Não aguentava olhar para os outros corpos, ver quem mais tinha morrido por ele. Não conseguia juntar-se aos Weasley, não tinha coragem de enfrentar o seu olhar, pois se se tivesse entregado, Fred talvez não tivesse morrido...

Virou-se e correu pela escadaria de mármore. Lupin, Tonks... quem lhe dera não sentir... quem lhe dera arrancar o coração do peito, arrancar as entranhas, tudo o que gritava dentro de si...

O castelo estava completamente vazio; até os fantasmas pareciam ter-se juntado às pessoas que choravam os mortos no Salão Nobre. Harry correu sem parar, com o frasco de cristal com os últimos pensamentos de Snape bem apertado na mão, e só abrandou quando chegou à gárgula que guardava o gabinete do Director.

— Senha?

— Dumbledore! — disse Harry sem pensar, porque era ele quem Harry ansiava por ver e, para sua surpresa, a gárgula afastou-se para o lado, deixando ver a escada em caracol que ficava por trás.

Mas quando entrou na sala circular, descobriu que algo tinha mudado. Os quadros pendurados nas paredes estavam vazios, não restava um único director ou directora para o receber; parecia que todos tinham partido, a fim de percorrer os quadros que revestiam as paredes do castelo para poderem ver o que estava a acontecer.

Harry olhou com desespero para a moldura vazia do retrato de Dumbledore, pendurada por trás da cadeira do Director, e depois voltou-se de costas para ela. O Pensatório encontrava-se no armário onde sempre tinha estado: Harry pô-lo em cima da secretária e despejou as recordações de Snape para a ampla bacia cuja berma ostentava runas gravadas. Fugir para dentro da cabeça de outra pessoa seria um alívio extraordinário... nada que o próprio Snape lhe tivesse deixado poderia ser pior que os seus próprios pensamentos. As estranhas recordações, de um branco prateado, rodopiaram e, sem hesitar, com um sentimento de entrega total, como se isso diminuísse a tristeza que o atormentava, Harry mergulhou.

Caiu de cabeça num sítio cheio de sol, e os seus pés bateram num chão quente. Quando se endireitou, viu que estava num parque infantil quase deserto. Uma única chaminé enorme dominava o horizonte ao longe. Duas meninas andavam de baloiço para trás e para a frente sob o olhar de um rapaz magricela que as observava, escondido atrás de uns arbustos. Tinha uns cabelos negros muito compridos e a roupa ficava-lhe tão mal que parecia ser de propósito: umas calças de ganga demasiado curtas, um casaco coçado demasiado grande, que deveria ter pertencido a um adulto, e uma camisa esquisita que parecia uma bata.

Harry aproximou-se do rapaz. Snape parecia não ter mais que nove ou dez anos, era magro, nervoso e tinha uma cor doentia. O seu rosto fino não disfarçava a avidez com que olhava para a mais nova das meninas, que fazia o seu baloiço subir muito mais alto que o da irmã.

— Não faças isso, Lily! — gritou a mais velha.

Mas a menina tinha-se soltado do baloiço quando ele estava no ponto mais alto do arco que descrevia e voou pelo ar, voou literalmente, lançando-se em direcção ao céu com uma sonora gargalhada e, em vez de se estatelar no

asfalto do parque, subiu pelo ar como uma trapezista, planou demoradamente e aterrou com toda a leveza.

— A mamã disse-te para não fazeres isso!

Petunia imobilizou o seu baloiço, arrastando os saltos das sandálias no chão com um barulho insuportável, e depois saltou com as mãos nas ancas.

— A mamã disse que não podias fazer isso, Lily!

— Mas está tudo bem — retorquiu Lily, ainda a rir-se. — Olha para aqui, Toney. Vê o que eu consigo fazer.

Petunia olhou à sua volta. Não havia mais ninguém no parque infantil a não ser elas as duas e Snape, embora elas não o soubessem. Lily tinha apanhado uma flor que caíra do arbusto atrás do qual Snape estava escondido. Petunia aproximou-se, evidentemente dividida entre a curiosidade e a desaprovação. Lily esperou até Petunia estar suficientemente perto para ver bem e depois estendeu a palma da mão, revelando a flor que abria e fechava as suas pétalas como uma estranha ostra, cheia de lábios.

— Pára com isso! — gritou Petunia.

— Não está a fazer-te nada de mal — respondeu Lily, mas fechou a mão sobre a flor e deitou-a fora.

— Não está certo fazeres isso — insistiu Petunia, cujos olhos acompanharam o movimento da flor até ao chão, demorando-se sobre ela. — Como é que consegues? — acrescentou, num tom cheio de inveja.

— É óbvio, não é? — Snape não conseguira aguentar por mais tempo e saltara de trás dos arbustos. Petunia soltou um grito e correu para junto dos baloiços, mas Lily, embora com um ar bastante assustado, ficou onde estava. O rapaz parecia estar arrependido de ter aparecido. Um ténue rubor aflorou às suas faces pálidas ao olhar para Lily.

— O que é que é óbvio? — perguntou-lhe Lily.

Snape parecia nervoso e excitado. Olhando de soslaio para Petunia, que se encontrava lá ao longe, baixou a voz e disse:

— Sei o que tu és.

— Como assim?

— És... és feiticeira — sussurrou Snape.

Lily mostrou-se muito ofendida.

— Não é uma coisa muito bonita de se dizer a uma pessoa!

Voltou-se, de nariz empinado, e afastou-se em direcção à irmã.

— Não! — gritou Snape, agora já visivelmente corado. Harry pensou por que não tiraria ele aquele casaco ridículamente grande. Talvez fosse para não mostrar a bata que trazia por baixo. Correu desajeitadamente atrás das raparigas, fazendo lembrar um morcego, tal como a sua versão mais velha.

As irmãs observaram-no, ambas com um ar desaprovador, agarradas a um dos postes do baloiço, como se fosse o sítio mais seguro das redondezas.

— És — repetiu Snape para Lily. — És feiticeira. Ando a observar-te há algum tempo. Mas não tem nada de mal. A minha mãe também é, e eu sou feiticeiro.

A gargalhada de Petunia foi um balde de água fria.

— Feiticeiro! — gritou, tendo recuperado a coragem depois de refeita do choque causado pelo inesperado aparecimento dele. E eu sei quem *tu* és. És o Snape! Moras no Beco do Urdidor, junto ao rio — disse, voltando-se para Lily, com um tom de voz a deixar bem claro que considerava o local pouco recomendável. — Por que é que tens estado a espiar-nos?

— Não tenho estado a espiar — retorquiu Snape, cheio de calor, incomodado e com o cabelo sujo sob a luz do sol. — A *ti* é que eu nunca espriaria de certeza absoluta — acrescentou, com desdém. — *Tu* és uma Muggle.

Embora Petunia não percebesse o significado da palavra, o tom em que foi dita não deixava dúvidas.

— Anda, Lily, vamos embora! — ordenou com uma voz esganiçada. Lily obedeceu imediatamente à irmã, lançando um olhar furioso a Snape, enquanto se afastava. Ele ficou a vê-las até saírem pelo portão do parque, e Harry, a única pessoa que restava para o observar, viu que Snape estava profundamente desapontado, que devia andar a planear aquele momento há algum tempo e que tinha corrido tudo mal...

Aquela cena desapareceu e, sem Harry dar por isso, surgiu sob uma forma diferente à sua volta. Encontrava-se agora num pequeno bosque. Viu as águas de um rio a brilhar por entre os troncos. Havia um espaço fresco, verde, formado pela sombra das árvores. Estavam duas crianças sentadas no chão, de per nas cruzadas, de frente uma para a outra. Snape tinha tirado o casaco. A sua estranha bata parecia menos bizarra na semi-obscuridade.

— ... e o Ministério pode castigar-te, se fizeres magias fora da escola. Recebes uma carta.

— Mas eu já *fiz* magia fora da escola!

— Não faz mal. Ainda não temos varinhas. Enquanto somos pequenos e não conseguimos controlar-nos, não nos fazem nada. Mas quando fazemos onze anos — acenou com um ar muito importante —, e começam a ensinar-nos, temos de passar a ter cuidado.

Seguiu-se um curto silêncio. Lily tinha pegado num ramo caído e fizera-o rodopiar no ar, e Harry percebeu que ela imaginava que dele saíam faíscas. Depois deixou cair o ramo, inclinou-se para o rapaz e perguntou-lhe:

— É a sério, não é? Não estás a brincar, pois não? A Petunia diz que andas a mentir-me. Diz que não há nenhum sítio chamado Hogwarts. Mas existe, não existe?

— Para nós, existe — respondeu Snape. — Para ela não. Mas nós vamos receber a carta, tu e eu.

— A sério? — murmurou Lily.

— De certeza absoluta — disse Snape que, mesmo com o cabelo mal cortado, aquelas roupas estranhas e esparramado à frente dela, causava uma sensação impressionante pela confiança que depositava no seu destino.

— E é verdade que vai ser uma coruja a trazê-la? — perguntou Lily em

surdina.

— Normalmente é — respondeu Snape. — Mas como nasceste numa família de Muggles, tem de vir alguém da escola explicar aos teus pais.

— Faz diferença ter nascido numa família de Muggles?

Snape hesitou. Os seus olhos negros, cuja avidez era visível na semi-obscuridade esverdeada, percorrem o rosto pálido e o cabelo ruivo de Lily.

— Não. Não faz diferença.

— Ainda bem — disse Lily, mais descansada; era óbvio que tinha ficado preocupada.

— Tu sabes fazer montes de magias — continuou Snape. — Eu bem vi. Tenho andado a observar-te...

A voz dele tornou-se indistinta. Lily não estava a ouvir; tinha-se deitado sobre as folhas que cobriam o chão e olhava as copas das árvores lá no alto. Snape observou-a com a mesma avidez que revelara no parque infantil.

— Como estão as coisas em tua casa? — perguntou Lily.

Com uma súbita ruga entre os olhos, Snape respondeu:

— Estão bem.

— Não têm discutido?

— Ah, têm — disse Snape. Pegou num punhado de folhas e começou a rasgá-las, aparentemente sem dar pelo que estava a fazer. — Mas já não falta muito para me ir embora.

— O teu pai não gosta de magia?

— A bem dizer, o meu pai não gosta de nada — respondeu Snape.

— Severus?

A boca de Snape esboçou um pequeno sorriso, ao ouvi-la proferir o seu nome.

— Sim?

— Fala-me outra vez dos Dementors.

— Para que é que queres saber?

— Se eu fizer magia fora da escola...

— Não te entregam aos Dementors por causa disso! Os Dementors são para as pessoas que fazem coisas muito graves. São os guardas da prisão dos feiticeiros, Azkaban. Mas tu não vais para Azkaban, és demasiado...

Tornou a corar e começou outra vez a rasgar folhas. Um pequeno restolhar atrás de Harry fê-lo voltar-se: Petunia, escondida atrás de uma árvore, tinha-se desequilibrado.

— Tuney! — exclamou Lily, com um misto de surpresa e de alegria na voz, mas Snape pôs-se de pé de um salto.

— Afinal, quem é que está a espiar agora? — gritou. — O que é que queres?

Petunia estava ofegante e alarmada por ter sido apanhada. Harry percebeu que ela estava à procura de algo ofensivo para dizer.

— O que é isso que tens vestido? — perguntou, a apontar para o peito de Snape. — A blusa da tua mãe?

Ouviu-se um estalido: um ramo por cima da cabeça de Petunia tinha caído. Lily deu um grito: o ramo acertara no ombro de Petunia, que cambaleou para trás e desatou a chorar.

— Toney!

Mas Petunia tinha-se afastado a correr. Lily voltou-se para Snape.

— Foste tu que fizeste aquilo acontecer?

— Não! — A expressão de Snape era ao mesmo tempo de desafio e de medo.

— Foste! — disse Lily, afastando-se dele. — Foste *tu*! Aleijaste-a!

— Não... não fui nada!

Mas Lily não se deixou convencer pela mentira dele; com mais um olhar de ira, desatou a correr para ir ter com a irmã, deixando Snape infeliz e confuso...

A cena mudou de novo. Harry olhou à sua volta: estava na plataforma nove e três quartos, e Snape encontrava-se a seu lado, ligeiramente curvado, perto de uma mulher magra, com um rosto amarelado e amargo, muito parecida com ele. Snape olhava para uma família de quatro pessoas a pouca distância dele. As duas raparigas estavam ligeiramente afastadas dos pais. Lily parecia pedir insistentemente qualquer coisa à irmã; Harry aproximou-se mais para ouvir.

— ... desculpa, Toney, desculpa! Ouve... — Pegou na mão da irmã e apertou-a com força, apesar de Petunia tentar retirá-la. — Pode ser que, quando eu lá estiver... não, ouve, Toney! Pode ser que quando eu lá estiver, consiga falar com o Professor Dumbledore e convencê-lo a mudar de ideias!

— Não... quero... ir! — disse Petunia, libertando a mão. — Achas que vou querer ir para um estúpido de um castelo aprender a ser... a ser...

Os seus olhos pálidos deambularam pela plataforma, pelos gatos que miavam ao colo dos donos, pelas corujas que batiam as asas e piavam dentro das gaiolas, pelos alunos, alguns dos quais envergavam já os longos mantos negros, a carregarem as malas para dentro do comboio a vapor vermelho ou a cumprimentarem-se uns aos outros com gritos de alegria, depois de um Verão de ausência.

— ...achas que quero ser... uma aberração?

Os olhos de Lily encheram-se de lágrimas, quando Petunia conseguiu libertar a mão.

— Não sou nenhuma aberração — insurgiu-se Lily. — É horrível estares a dizer isso.

— É para onde vais — insistiu Petunia, com um ar de satisfação. — Para uma escola especial para aberrações. Tu e esse Snape... dois tarados, é o que vocês são. Ainda bem que vais separar-te das pessoas normais. É para teu próprio bem.

Lily lançou um olhar rápido aos pais, que estavam a admirar o movimento da plataforma, tentando absorver tudo o que viam. Depois tornou a olhar para a irmã e disse-lhe em voz baixa, mas num tom irado:

— Não achavas que era uma escola para aberrações quando escreveste ao

director a pedir que te aceitasse.

Petunia ficou muito corada.

— A pedir? Não pedi nada!

— Vi a resposta dele. Foi muito amável.

— Não devias ter lido... — murmurou Petunia. — Era correspondência privada... como é que te atreveste...?

Lily denunciou-se ao olhar furtivamente para Snape e Petunia abriu a boca, incrédula.

— Foi ele quem descobriu! Tu e ele andaram a espiolar o meu quarto!

— Não... não andámos a espiolar... — disse Lily, agora na defensiva. — O Severus viu o envelope e não queria acreditar que um Muggle pudesse ter contactado Hogwarts, só isso! Diz que deve haver feiticeiros que andam a trabalhar disfarçados nos Correios e se encarregam de...

— Pelos vistos, os feiticeiros metem o nariz em todo o lado! — comentou Petunia, que ficara tão pálida como anteriormente ficara corada. — *Tarada!* — disse com rispidez para a irmã e afastou-se para junto dos pais...

A cena tornou a dissolver-se. Snape ia a correr pelo corredor do Expresso de Hogwarts, que se deslocava com grande estrépito através dos campos. Já tinha vestido o uniforme da escola — devia ter aproveitado a primeira oportunidade para se desfazer da sua horrível roupa de Muggle. Parou junto a um compartimento onde um grupo de rapazes falava ruidosamente. Encolhida a um canto, junto à janela, estava Lily, com o rosto encostado ao vidro.

Snape abriu a porta do compartimento e sentou-se à frente de Lily. Ela olhou para ele e depois voltou-se outra vez para a janela. Tinha estado a chorar.

— Não quero falar contigo — disse com a voz embargada.

— Porquê?

— A Tuney... odeia-me, por termos visto a carta do Dumbledore.

— E daí?

Lily lançou-lhe um olhar de profunda animosidade.

— É minha irmã!

— Não passa de uma... — Snape calou-se a tempo; Lily, demasiado ocupada a tentar limpar os olhos sem que ninguém desse por isso, não o ouviu. — Mas nós vamos! — disse Snape, incapaz de disfarçar o entusiasmo da voz. — Vamos mesmo! Vamos a caminho de Hogwarts!

Ela acenou com a cabeça, limpou os olhos e, mesmo sem querer, esboçou um sorriso.

— Era melhor se ficasses nos Slytherin — continuou Snape, encorajado por ela se ter animado um pouco.

— Nos Slytherin?

Um dos rapazes que se encontrava no compartimento e que até ao momento não tinha demonstrado qualquer interesse em Lily ou Snape voltou-se ao ouvir aquela palavra, e Harry, que até então tinha concentrado a sua atenção nos dois jovens junto à janela, viu o pai: franzino, de cabelos negros como

Snape, mas com aquele ar indefinível de ter sido acarinhado, até adorado, que faltava a Snape de forma tão óbvia.

— Quem é que quer ir para os Slytherin? Acho que me vou embora, não achas? — perguntou James ao rapaz estirado nos lugares em frente.

Sobressaltado, Harry percebeu que era Sirius. Este não sorriu.

— Toda a minha família esteve nos Slytherin — respondeu.

— Bolas! — exclamou James. — E eu que achava que eras boa pessoa!

Sirius fez um sorriso irónico.

— Talvez seja eu o primeiro a quebrar a tradição. Para onde é que vais, se é que podes escolher?

James ergueu uma espada invisível.

— «*Gryffindor, onde reina a ousadia!*» O meu pai era ousado.

Snape fez um som depreciativo, quase inaudível, e James voltou-se para ele.

— Tens algum problema?

— Não — respondeu Snape, embora o seu ligeiro sorriso de escárnio indicasse o contrário. — Se preferes ser ousado a ser inteligente...

— Para onde é que estás a pensar ir, já que não és uma coisa nem outra? — interrompeu Sirius.

James ria-se a bandeiras despregadas. Lily sentou-se muito direita, muito corada, olhando com antipatia ora para James, ora para Sirius.

— Anda, Severus, vamos procurar outro compartimento.

— Oooooo...

James e Sirius imitaram a voz ativa de Lily; James tentou pregar uma rasteira a Snape, quando este ia a passar.

— Adeus, Snivellus! — bradou uma voz, quando a porta do compartimento se fechou...

A cena dissolveu-se mais uma vez...

Harry estava de pé, atrás de Snape, ambos voltados para as mesas das equipas iluminadas por velas, cheias de rostos extasiados. A certa altura, a Professora McGonagall disse: «Evans, Lily!»

Viui a sua mãe a avançar com as pernas a tremer e sentar-se no banco pouco seguro. A Professora McGonagall pôs-lhe o Chapéu Seleccionador na cabeça e este mal lhe tocara nos cabelos ruivos quando gritou: «*Gryffindor!*»

Harry ouviu Snape soltar um pequeno gemido. Lily tirou o chapéu, entregou-o à Professora McGonagall e depois correu para junto dos Gryffindor, que davam vivas de alegria, mas olhou de relance para Snape com um sorrisinho triste. Harry viu Sirius encolher-se no banco para arranjar espaço para ela se sentar. Lily olhou para ele e pareceu reconhecê-lo do comboio; cruzou os braços e voltou-lhe ostensivamente as costas.

A chamada continuou. Harry viu Lupin, Pettigrew e o seu pai juntarem-se a Lily e a Sirius na mesa dos Gryffindor. Por fim, quando já só faltava escolher uns dez estudantes, a Professora McGonagall chamou Snape.

Harry acompanhou-o até ao banco, viu-o pôr o chapéu na cabeça e ouviu o

Chapéu Seleccionador gritar: «*Slytherin!*»

E Severus Snape afastou-se para o outro lado do Salão, para longe de Lily, para o sítio onde os alunos dos Slytherin o aguardavam com vivas e onde Lucius Malfoy com o crachá de prefeito a reluzir no peito o saudou com uma palmadinha nas costas, quando Snape se sentou ao lado dele.

A cena voltou a mudar...

Lily e Snape iam a atravessar o pátio do castelo, claramente a discutir. Harry correu para se juntar a eles, a fim de ouvir o que diziam. Nesse momento, apercebeu-se de como estavam ambos muito mais altos: pareciam ter passado alguns anos desde a Selecção.

— ...pensei que éramos amigos — dizia Snape. — Amigos a sério?

— E *somos*, Sev, mas não gosto de algumas das pessoas com quem andas! Desculpa, mas detesto o Avery e o Mulciber! O *Mulciber!* O que é que vês nele, Sev? É horrroso! Sabes o que tentou fazer à Mary Macdonald noutra dia?

Lily tinha chegado a uma coluna à qual se encostou, a olhar para o rosto magro e pálido de Snape.

— Não foi nada de mal — disse Snape. — Foi só uma brincadeira...

— Foi Magia Negra. Se achas que isso tem graça...

— E as coisas que o Potter e os amigos dele fazem? — perguntou Snape. A cor aflorou-lhe ao rosto ao proferir estas palavras, aparentemente sem conseguir conter o seu ressentimento.

— O que é que o Potter tem a ver com isto? — perguntou Lily.

— Saem às escondidas do castelo durante a noite. O Lupin tem qualquer coisa de estranho. Onde é que ele passa a vida a ir?

— Está doente — retorquiu Lily. — Dizem que está doente...

— Todos os meses na lua cheia? — insistiu Snape.

— Sei qual é a tua teoria — disse Lily com uma voz fria. — Por que estás tão obcecado com eles? Que te interessa o que eles fazem durante a noite?

— Só estou a tentar mostrar-te que não são tão maravilhosos como toda a gente acha.

A intensidade do seu olhar fê-la corar.

— Mas não usam Magia Negra. — Baixando a voz, acrescentou — Estás a ser ingrato. Contaram-me o que aconteceu na outra noite. Foste meter o nariz naquele túnel que passa ao pé do Salgueiro Zurzidor, e foi o James Potter quem te salvou do que está lá por baixo...

O rosto de Snape contorceu-se e disse com raiva:

— Salvou-me? Salvou-me? Pensas que se armou em herói? Quis mas foi salvar a pele dele e a dos amigos! Não vais... não permito que...

— Não *permites*? Não *permites*?

Lily semicerrou os seus brilhantes olhos verdes e Snape voltou imediatamente atrás.

— Não queria dizer isso... só não quero que gozem contigo... ele gosta de ti, o James Potter gosta de ti! — Estas palavras pareceram ser arrancadas de

dentro dele contra a sua vontade. — E ele não é... Toda a gente acha... O grande herói do Quidditch... — O azedume e a aversão de Snape por James estavam a torná-lo incoerente, ao mesmo tempo que as sobrancelhas de Lily se erguiam cada vez mais alto na sua testa.

— Sei que o James Potter é um presunçoso — disse, interrompendo Snape. — Não preciso que mo digas. Mas o Mulciber e o Avery só sabem divertir-se a fazer mal. *Mal*, Sev. Não percebo como podes ser amigo deles.

Harry duvidou que Snape tivesse ouvido as críticas dela a Mulciber e Avery pois, no momento em que Lily insultou James Potter, a tensão desapareceu do corpo dele e, quando se afastaram, havia uma nova leveza nos passos de Snape.

E, mais uma vez, a cena dissolveu-se...

Harry tornou a ver Snape mas, desta vez, a sair do Salão Nobre depois de ter feito o NPF de Defesa Contra a Magia Negra. Foi-se afastando do castelo, indo parar inadvertidamente ao local onde James, Sirius, Lupin e Pettigrew estavam sentados por baixo da faia. Mas, desta vez, Harry manteve-se ao longe, pois sabia o que tinha acontecido quando James pendurara Severus no ar e o atormentara; sabia o que tinha sido feito e dito e não tinha qualquer prazer em ouvir tudo outra vez. Viu Lily juntar-se ao grupo e sair em defesa de Snape. Ao longe, ouviu Snape gritar-lhe, no meio da sua humilhação e fúria, as imperdoáveis palavras «*Sangue de Lama*».

A cena mudou...

— Desculpa.

— Não me interessa.

— Desculpa.

— Não te canses.

Era de noite. Lily, de roupão, estava à frente do retrato da Dama Gorda, à entrada da Torre dos Gryffindor.

— Só vim porque a Mary me disse que ameaçaste que ias dormir aqui.

— Pois foi. E era o que teria feito, se não viesses. Não queria chamar-te Sangue de Lama. Foi uma coisa que...

— Saiu? — Não havia qualquer comiseração na voz de Lily. — É tarde de mais. Há anos que ando a desculpar-te tudo. Nenhum dos meus amigos consegue perceber por que é que ainda falo contigo. Tu e os teus queridos Devoradores da Morte... e nem sequer o negas! Nem sequer negas que é isso que vocês todos querem ser! Estão ansiosos por se juntarem ao Quem-Nós-Sabemos, não é?

Snape abriu a boca, mas tornou a fechá-la sem dizer nada.

— Não consigo fingir mais. Escolheste o teu caminho, e eu escolhi o meu.

— Não... ouve, eu não queria...

— ...chamar-me Sangue de Lama? Mas tu chamas a todas as pessoas como eu Sangue de Lama, Severus. Por que é que eu havia de ser diferente?

Ele esforçou-se por dizer qualquer coisa, mas com um olhar de desdém, ela voltou-se e tornou a entrar pelo buraco do retrato.

O corredor dissolveu-se, e a cena demorou um pouco mais a ganhar novamente forma; Harry tinha a sensação de estar a voar por entre formas e cores em constante mudança até que as coisas à sua volta se solidificaram de novo. Estava agora no alto de uma colina, sozinho, enregelado, no meio da escuridão, com o vento a uivar por entre os ramos de umas quantas árvores despidas. Snape, agora adulto, ofegava, a rodopiar, com a mão a agarrar firmemente a varinha, à espera de qualquer coisa ou de alguém... o medo dele contagiou Harry, apesar de saber que nada lhe podia acontecer. Olhou por cima do ombro, sem saber do que estaria Snape à espera.

Nesse momento, um jacto de luz branca, tão forte que quase cegava, ziguezagueou pelo ar; Harry pensou que fosse um relâmpago, mas Snape tinha caído no chão de joelhos, e a varinha tinha-lhe voado da mão.

— Não me mate!

— Não foi essa a minha intenção.

O som de Dumbledore a Aparecer tinha sido abafado pelo vento a uivar nos ramos. Dumbledore estava à frente de Snape, com o manto a ondular à sua volta e o rosto iluminado por baixo, pela luz que saía da sua varinha.

— Então, Severus? Que mensagem tem Lord Voldemort para mim?

— Não... não tenho nenhuma mensagem... Estou aqui por minha iniciativa!

Snape contorcia as mãos, com um ar semilouco, os cabelos negros desgrenhados esvoaçando à sua volta.

— Tenho... tenho uma advertência a fazer... não, um pedido... por favor...

Dumbledore agitou a varinha. Embora as folhas e os ramos continuassem a agitar-se no ar nocturno que os rodeava, fez-se silêncio no local onde Dumbledore e Snape se encontravam frente a frente.

— Que pedido pode um Devorador da Morte querer fazer-me?

— A... a profecia... o oráculo... a Trelawney...

— Ah, pois — disse Dumbledore. — O que é que transmitiste a Lord Voldemort?

— Tudo... tudo o que ouvi! — confessou Snape. — É por isso... é por essa razão... ele acha que se refere à Lily Evans!

— A profecia não se referia a uma mulher — retorquiu Dumbledore. — Falava de um rapaz nascido no fim de Julho...

— Sabe bem o que eu quero dizer! Ele acha que se refere ao filho dela, vai persegui-la... matá-los a todos...

— Se ela é assim tão importante para ti — disse Dumbledore —, certamente que Lord Voldemort irá poupá-la. Não podes pedir-lhe que poupe a mãe em troca do filho?

— Já... já lhe pedi...

— Metes-me nojo — exclamou Dumbledore. Harry nunca tinha ouvido tanta repulsa na sua voz. Snape parecia ter encolhido. — Não te interessa que o marido e o filho dela morram? Podem morrer, desde que tenhas o que queres?

Snape não disse nada, limitando-se a erguer o olhar para Dumbledore.

— Então, esconda-os a todos — pediu, com um gemido. — Ponha-a ... e a ele e a todos... em segurança. Por favor.

— E o que me darás em troca, Severus?

— Em... em troca? — Snape olhou para Dumbledore de boca escancarada, e Harry ficou à espera de o ouvir protestar mas, após um longo momento, acedeu.

— O que quiser.

A colina desapareceu, e Harry estava agora no gabinete de Dumbledore. Havia qualquer coisa que fazia um barulho horrível, como um animal ferido. Snape estava debruçado para a frente numa cadeira, e Dumbledore encontrava-se de pé, junto dele, com uma expressão carregada. Passado um momento, Snape ergueu o rosto: parecia que tinha vivido cem anos na maior das infelicidades desde que abandonara o cimo da colina.

— Pensava... que ia... mantê-la... em segurança...

— Ela e o James confiaram na pessoa errada — disse Dumbledore. — Tal como tu, Severus. Estavas à espera que Lord Voldemort a poupasse?

A respiração de Snape era ofegante.

— O filho dela sobreviveu — continuou Dumbledore.

Com um pequeno aceno de cabeça, Snape pareceu espantar uma mosca importuna.

— O filho dela sobreviveu. Tem os olhos dela, precisamente iguais aos dela. Tenho a certeza de que te lembras da forma e cor dos olhos da Lily Evans?

— CALE-SE! — gritou Snape. — Ela morreu... morreu...

— Isso são remorsos, Severus?

— Quem me dera... quem me dera que tivesse sido *eu* a morrer...

— De que serviria isso? — perguntou Dumbledore com frieza. — Se amavas a Lily Evans, se a amavas verdadeiramente, é muito claro qual o caminho que tens a seguir de agora em diante.

Snape parecia olhá-lo por entre uma névoa de sofrimento, e as palavras de Dumbledore demoraram muito tempo a atingi-lo.

— O que... o que quer dizer com isso?

— Sabes como e por que razão ela morreu. Faz com que a morte dela não tenha sido em vão. Ajuda-me a proteger o filho da Lily.

— Ele não precisa de protecção. O Senhor das Trevas foi-se...

— ... O Senhor das Trevas voltará e, quando isso acontecer, o Harry Potter correrá perigo de morte.

Seguiu-se uma longa pausa e, pouco a pouco, Snape foi recuperando o controlo e dominou a sua respiração. Por fim disse:

— Está bem. Está bem. Mas nunca... nunca conte a ninguém, Dumbledore! Isto tem de ficar entre nós! Jure! Não consigo suportar a ideia... sobretudo o filho do Potter... Dê-me a sua palavra!

— Queres que te dê a minha palavra, Severus, de que nunca revelarei o melhor que há em ti? — perguntou Dumbledore com um suspiro, olhando

para o rosto feroz e angustiado de Snape. — Se insistes...

O gabinete de Dumbledore dissolveu-se, mas tornou a aparecer instantaneamente. Snape andava de um lado para o outro, à frente de Dumbledore.

— ...mediocre, arrogante como o pai, decidido a violar as regras, deliciado por saber que é famoso, sempre a chamar a atenção, impertinente...

— Vês o que estás à espera de ver, Severus — disse Dumbledore, sem levantar os olhos de um exemplar do *Transfiguração Hoje*. Os outros professores dizem que ele é modesto, agradável e razoavelmente talentoso. Eu, pessoalmente, acho-o uma criança encantadora.

Voltando uma página, Dumbledore acrescentou, sem levantar os olhos:

— Fica de olho no Quirrel, está bem?

Um redemoinho de cores e depois tudo ficou às escuras. Snape e Dumbledore estavam no *Hall* de Entrada, ligeiramente afastados, enquanto os últimos retardatários do Baile de Natal passavam por eles a caminho dos dormitórios.

— Então? — murmurou Dumbledore.

— A Marca do Karkaroff também está a ficar mais escura. Está em pânico, com medo de represálias; sabe bem a ajuda que ele deu ao Ministério depois da queda do Senhor das Trevas. — Snape olhou de lado para o nariz adunco de Dumbledore. — O Karkaroff tenciona fugir, se a Marca arder.

— A sério? — perguntou Dumbledore em voz baixa, ao mesmo tempo que Fleur Delacour e Roger Davies entravam às risadinhas. — E tencionas juntar-te a ele?

— Não — respondeu Snape, seguindo com o olhar o par que se afastava. — Não sou assim tão covarde.

— Pois não — concordou Dumbledore. — És de longe muito mais corajoso que o Igor Karkaroff. Sabes, às vezes acho que Seleccionamos cedo de mais... Afastou-se, deixando Snape com um ar abalado.

Harry encontrava-se de novo no gabinete do Director. Era de noite, e Dumbledore estava tombado na cadeira que parecia um trono atrás da secretária, parecendo semi-inconsciente. Tinha a mão direita pendurada, enegrecida e queimada. Snape proferia encantamentos em voz baixa, apontando a varinha ao pulso de Dumbledore, enquanto com a mão esquerda segurava um cálice com uma espessa poção dourada que lhe ia despejando pela garganta. Passado um momento, os olhos de Dumbledore pestanejaram e abriram-se. Sem preâmbulos, Snape perguntou-lhe:

— Por que é que pôs esse anel? Porquê? Está amaldiçoado. De certeza que percebeu isso. Não devia nem sequer ter tocado nele.

Em cima da mesa, à frente de Dumbledore, via-se o anel de Marvolo Gaunt. Estava estalado e a seu lado repousava a espada de Gryffindor.

Dumbledore fez um esgar.

— Fui... um tolo. Deixei-me tentar...

— Tentar por quê?

Dumbledore não respondeu.

— É um milagre ter conseguido regressar! — Snape parecia furioso. — Aquele anel tem uma maldição com um poder extraordinário. O máximo que podemos fazer é tentar contê-la. Por agora, consegui circunscrevê-la a uma mão.

Dumbledore ergueu a mão enegrecida e inútil e examinou-a com a expressão de alguém a quem estavam a mostrar uma curiosidade interessante.

— Fizeste muito bem, Severus. Quanto tempo achas que tenho?

Dumbledore falava num tom conversador, de quem pergunta a previsão do tempo. Snape hesitou e depois disse:

— Não sei. Talvez um ano. É impossível sustê-la para sempre. Acabará por se espalhar. É o tipo de maldição que se vai tornando mais forte com o tempo.

Dumbledore sorriu. A notícia de que tinha menos de um ano de vida parecia ter pouca ou nenhuma importância para ele.

— Sou um homem afortunado, extremamente afortunado, por te ter, Severus.

— Se me tivesse chamado um pouco mais cedo, talvez tivesse conseguido fazer melhor, conseguir-lhe mais tempo de vida! — disse Snape, furioso. Olhou para o anel partido e para a espada. — Achava que partir o anel quebrava a maldição?

— Talvez... De certeza que estava a delirar... — respondeu Dumbledore. Com esforço, endireitou-se na cadeira. — Bem, na verdade, isto deixa tudo muito mais claro.

Snape parecia terrivelmente confuso, mas Dumbledore sorriu.

— Estou a falar do plano que Lord Voldemort está a urdir em relação a mim. O plano dele é que seja o pobre do Draco Malfoy a matar-me.

Snape sentou-se na cadeira que tantas vezes tinha ocupado à frente da secretária de Dumbledore. Harry percebeu que ele queria falar mais sobre a mão amaldiçoada de Dumbledore, que educadamente o impediu de continuar a discutir esse assunto. De sobrolho franzido, Snape disse:

— O Senhor das Trevas não espera que o Draco o consiga. É apenas um castigo para os recentes fracassos do Lucius. Uma lenta tortura para os pais do Draco, que assistem à sua queda e o vêem pagar o preço.

— Resumindo, o miúdo tem uma sentença de morte assinada contra ele, tal como eu — disse Dumbledore. — Acho que, quando o Draco falhar, o sucessor natural para essa missão vais ser tu, não é verdade?

Seguiu-se uma curta pausa.

— Acho que é esse o plano do Senhor das Trevas.

— Lord Voldemort prevê que, num futuro próximo, não irá precisar de ter um espião em Hogwarts?

— Sim, é verdade. Ele acha que em breve a escola estará sob o seu domínio.

— E, se isso acontecer — disse Dumbledore, quase como se fosse um aparte —, dás-me a tua palavra de que irás fazer tudo o que estiver ao teu

alcance para proteger os alunos de Hogwarts?

Snape acenou firmemente com a cabeça.

— Ótimo. Então, a tua primeira prioridade será descobrir o que anda o Draco a fazer. Um adolescente assustado é um perigo tanto para os outros como para si próprio. Se te ofereceres para o ajudar e orientar, irá aceitar. Ele gosta de ti...

— ... muito menos desde que o pai dele caiu em desgraça. O Draco acha que a culpa é minha. Está convencido de que usurpei a posição do Lucius.

— Mesma assim, vale a pena tentares. Estou menos preocupado comigo do que com as vítimas acidentais dos esquemas que lhe venham à cabeça. Claro que, em última análise, só há uma coisa a fazer, se quisermos salvá-lo da ira de Lord Voldemort.

Snape ergueu as sobrancelhas, e foi com um tom sarcástico que perguntou:

— Tenciona permitir que ele o mate?

— Claro que não. Terás de ser *tu* a matar-me.

Seguiu-se um longo silêncio, entrecortado apenas por uns estalidos estranhos. *Fawkes*, a fénix, roía uma cartilagem de choco.

— Quer que o faça agora? — perguntou Snape, com a voz carregada de ironia —, ou quer ter uns momentos para escrever um epitáfio?

— Ainda não — respondeu Dumbledore a sorrir. — Acho que o momento chegará a seu tempo. Tendo em atenção o que aconteceu esta noite — e apontou para a sua mão mirrada —, podemos ter a certeza de que falta menos de um ano.

— Se não se importa de morrer — disse Snape com brusquidão —, por que não deixar que seja o Draco a fazê-lo?

— A alma dele ainda não está assim tão perdida — respondeu Dumbledore.

— Não gostava de que ficasse destruída por minha causa.

— E a minha alma, Dumbledore? E a minha?

— Só tu é que sabes o dano que irá causar à tua alma ajudares um velho a evitar o sofrimento e a humilhação — disse Dumbledore. — Peço-te que me faças esse grande favor, Severus, porque é tão certo eu morrer como os Chudley Cannons ficarem este ano em último lugar na Liga. Confesso que prefiro uma partida rápida e indolor à confusão que seria se, por exemplo, o Greyback estivesse envolvido... Ouvei dizer que o Voldemort o recrutou. Ou a querida Bellatrix, que gosta de brincar com a comida antes de a engolir.

Falava num tom ligeiro, mas o seu olhar parecia perfurar Snape, da mesma forma que tantas vezes tinha perfurado Harry, como se a alma em discussão fosse visível para ele. Por fim, Snape fez um ligeiro aceno de cabeça.

Dumbledore pareceu satisfeito.

— Obrigado, Severus.

O gabinete desapareceu, e agora Snape e Dumbledore passeavam juntos pelos terrenos do castelo ao anoitecer.

— O que é que anda a fazer com o Potter, todas estas noites que passam os dois fechados? — perguntou Snape abruptamente.

Dumbledore parecia cansado.

— Porquê? Não estás a tentar dar-lhe *mais* castigos, pois não, Severus? Falta pouco para o miúdo passar mais tempo detido do que em liberdade.

— É igualzinho ao pai...

— De cara, talvez, mas lá no fundo é muito mais parecido com a mãe.

Tenho passado algum tempo com o Harry porque tenho assuntos a discutir com ele, informações que tenho de lhe transmitir antes que seja tarde de mais.

— Informações — repetiu Snape. — Confia nele... e não confia em mim.

— Não é uma questão de confiança. Como ambos sabemos, resta-me pouco tempo. É fundamental que lhe dê informações suficientes para que ele faça o que tem de fazer.

— E por que é que eu não posso ter as mesmas informações?

— Prefiro não pôr todos os meus segredos no mesmo cesto, sobretudo um cesto que passa tanto tempo pendurado no braço de Lord Voldemort.

— Faço isso por ordem sua!

— E com extrema competência. Não penses que subestimo o perigo constante em que te colocas, Severus. Dar a Voldemort informações aparentemente valiosas e, ao mesmo tempo, esconder o essencial é uma tarefa que não confiaria a ninguém a não ser a ti.

— No entanto, confia mais num miúdo que não domina a Oclumancia, cuja magia é medíocre, e que tem uma ligação directa com a mente do Senhor das Trevas!

— O Voldemort teme essa ligação — disse Dumbledore. — Há não muito tempo, teve uma pequena prova do que realmente significa para ele partilhar a mente do Harry. Foi uma dor como ele nunca tinha sentido. Tenho a certeza de que não voltará a tentar possuir o Harry. Pelo menos, daquela forma.

— Não estou a perceber.

— A alma de Lord Voldemort está tão estropiada que não suporta um contacto directo com uma alma como a do Harry. É como tocar com a língua em aço gelado, ou como sentir a carne em chamas...

— Almas? Estávamos a falar de mentes!

— No caso do Harry e de Lord Voldemort, falar de uma coisa é o mesmo que falar da outra.

Dumbledore olhou à sua volta para se certificar de que estavam sozinhos. Entretanto, tinham-se aproximado da Floresta Proibida, mas não havia sinais de que estivesse alguém nas redondezas.

— Depois de me matares, Severus...

— Recusa-se a contar-me tudo, mas espera que lhe preste esse pequeno serviço! — vociferou Snape, com uma raiva genuína a afogear-lhe o rosto magro. — Talvez não me conheça bem, Dumbledore! Talvez eu tenha mudado de ideias!

— Deste-me a tua palavra, Severus. E já que estamos a falar de serviços que me deves, pensava que tinhas concordado em ficar de olho no teu amigo dos Slytherin?

Snape parecia zangado, revoltado, e Dumbledore suspirou.

— Vem ao meu gabinete hoje à noite, Severus, às onze horas, e não irás queixar-te de que não tenho confiança em ti...

Voltaram ao gabinete de Dumbledore, as janelas agora obscurecidas.

Fawkes estava em silêncio, Snape sentado e Dumbledore andava à volta dele, a falar.

— O Harry não pode saber, não pode saber até ao último momento, até que seja absolutamente necessário. Senão, como terá a força necessária para fazer o que tem de ser feito?

— Mas o que é que ele tem de fazer?

— Isso é entre o Harry e eu. Agora, ouve bem, Severus. Haverá um momento — depois da minha morte — não discutas, não me interrompas! Haverá um momento em que Lord Voldemort parecerá temer pela vida da sua serpente.

— Da *Nagini*? — Snape parecia surpreso.

— Exactamente. Se chegar um momento em que Lord Voldemort deixar de enviar a serpente para cumprir as suas ordens e a guardar junto de si, protegida, acho que nessa altura será mais seguro contar ao Harry.

— Contar o quê?

Dumbledore respirou fundo e fechou os olhos.

— Contar-lhe que na noite em que Lord Voldemort tentou matá-lo, quando a Lily se interpôs entre eles como escudo, com risco da própria vida, a Maldição de Morte fez ricochete em Lord Voldemort, e um fragmento da sua alma separou-se do resto e foi prender-se à única alma viva que restava naquela casa destruída. Dentro do Harry vive uma parte de Lord Voldemort, e é isso que lhe dá o poder de falar com serpentes e aquela ligação à mente de Lord Voldemort que ele nunca entendeu. E, enquanto esse fragmento de alma, cuja existência Voldemort desconhece, continuar preso ao Harry e protegido por ele, Lord Voldemort não poderá morrer.

Harry parecia estar a ver os dois homens do fundo de um longo túnel: estavam tão longe dele e as suas vozes ecoavam de forma tão estranha nos seus ouvidos...

— Quer dizer que o miúdo... que o miúdo tem de morrer? — perguntou Snape, com bastante calma.

— E terá de ser o próprio Voldemort a fazê-lo, Severus. É fundamental.

Houve outro longo silêncio. Por fim, Snape disse:

— Pensava... sempre pensei durante todos estes anos... que o protegíamos por causa dela... Por causa da Lily.

— Protegemo-lo porque foi essencial ensiná-lo, fazê-lo crescer, deixá-lo testar a sua força — disse Dumbledore, com os olhos ainda fechados. — Entretanto, a ligação entre eles será cada vez mais forte, crescerá como um parasita. Às vezes acho que ele próprio suspeita disso. Se bem o conheço, ele terá preparado as coisas de maneira a que, quando partir ao encontro da morte, isso signifique o fim de Voldemort.

Dumbledore abriu os olhos. Snape parecia horrorizado.

— O senhor manteve-o vivo para ele poder morrer no momento certo?

— Não fiques chocado, Severus. Quantos homens e mulheres viste morrer?

— Ultimamente, só aqueles que não consegui salvar — respondeu Snape.

Levantou-se. — O senhor usou-me.

— O que queres dizer com isso?

— Tenho andado a fazer de espião, a mentir, a pôr a minha vida em risco por si. Fiz tudo isso convencido de que a intenção era proteger o filho da Lily Potter. Agora diz-me que tem estado a criá-lo como um porco para o matadouro...

— Isso é comovente, Severus — disse Dumbledore, com uma expressão grave. — Acabaste por te afeiçoar a ele?

— *A ele? Expecto Patronum!*

Da ponta de sua varinha irrompeu uma corça prateada: aterrou no chão, deu um salto para o outro lado do gabinete e voou pela janela fora. Dumbledore ficou a vê-la afastar-se e, quando o seu brilho prateado se desvaneceu, tornou a voltar-se para Snape. Tinha os olhos cheios de lágrimas.

— Ao fim de todo este tempo?

— Sempre — disse Snape.

E a cena mudou, e Harry viu Snape a conversar com o retrato de Dumbledore atrás da sua secretária.

— Terás de revelar ao Voldemort a data exacta da partida do Harry da casa dos tios — disse Dumbledore. — Se não o fizeres, irás levantar suspeitas, já que o Voldemort acha que estás tão bem informado. Entretanto, tens de criar a ideia de que há alguns charmarizes... acho que isso irá garantir a segurança do Harry. Tenta confundir o Mundungus Fletcher. E, Severus, se fores obrigado a participar na perseguição, faz o teu papel de forma convincente... Estou a contar contigo para ficares o mais tempo possível nas boas graças de Lord Voldemort. Senão, Hogwarts ficará à mercê dos Carrow.

Snape encontrava-se agora frente a frente com Mundungus numa taberna desconhecida. O rosto de Mundungus parecia curiosamente vazio, e Snape franzia a testa de concentração.

— Vais sugerir à Ordem da Fénix — sussurrou Snape — que utilizem charmarizes. Poção Polissuco. Potters iguais. É a única coisa que pode funcionar. Vais esquecer-te de que sugeri isto. Vais apresentar a ideia como se fosse tua. Percebeste?

— Percebi — murmurou Mundungus, sem focar o olhar.

Harry voava agora numa vassoura ao lado de Snape numa noite muito escura; estava acompanhado por outros Devoradores da Morte encapuzados e, à sua frente, iam Lupin e um Harry que na realidade era George... Um Devorador da Morte passou à frente de Snape e ergueu a sua varinha, apontando-a directamente às costas de Lupin...

— *Sectumsemptra!* — gritou Snape.

Mas o feitiço, que se destinava à mão do Devorador da Morte que segurava

a varinha, faliu o alvo e atingiu George.

A seguir, Snape estava ajoelhado no antigo quarto de Sirius, com as lágrimas a pingar do seu nariz adunco, enquanto lia a velha carta de Lily. A segunda página tinha apenas algumas palavras:

nunca podia ter sido amigo do Gellert Grindelwald. Cá para mim, ela não está boa da cabeça!

Com muito amor,

Lily

Snape pegou na página onde Lily escrevera a palavra amor e o seu nome e guardou-a dentro do manto. Depois, rasgou ao meio a fotografia que também tinha na mão, ficando com a parte que mostrava Lily a rir-se e tornando a deitar para o chão, para debaixo da cómoda, a parte onde estavam James e Harry.

Snape encontrava-se mais uma vez no gabinete do director, e eis que chega Phineas Nigellus, muito apressado, ao seu retrato.

— Senhor Director! Eles estão a acampar na Floresta de Dean! A Sanguem de Lama...

— Não utilizes essa palavra!

— ... a Granger falou do sítio quando abriu a mala, e eu ouvi-a!

— Muito bem! Muito bem! — gritou o retrato de Dumbledore atrás da cadeira do Director. — Vá, Severus, a espada! Não te esqueças de que tem de ser obtida em situação de necessidade e bravura... e ele não pode saber que foste tu quem lha deu! Se o Voldemort lesse a mente do Harry e visse que estavas a agir por ele...

— Eu sei — disse Snape com rispidez. Aproximou-se do retrato de Dumbledore e puxou-o pela parte lateral. O quadro girou para a frente, revelando uma cavidade escondida, de onde Snape tirou a espada de Gryffindor.

— E, mesmo assim, não vai contar-me por que razão é tão importante dar a espada ao Potter? — perguntou Snape, enquanto colocava uma capa de viagem sobre o manto.

— Não, acho que não — disse o retrato de Dumbledore. — Ele saberá o que fazer com ela. E, Severus, tem muito cuidado, podem não reagir bem ao teu aparecimento depois do que aconteceu ao George Weasley.

Snape voltou-se junto à porta.

— Não se preocupe, Dumbledore — disse com frieza. — Tenho um plano...

E, com estas palavras, Snape saiu da sala. Harry emergiu do Pensatório e, passados alguns instantes, estava deitado sobre a tapete que cobria o chão daquele mesmo local: era como se Snape tivesse acabado de fechar a porta.

XXXIV

OUTRA VEZ A FLORESTA

Finalmente, a verdade. Caído com o rosto encostado à carpete empoeirada do gabinete onde outrora pensara estar a aprender os segredos da vitória, Harry compreendeu por fim que não iria sobreviver. A sua função era encaminhar-se calmamente para a Morte que o esperava de braços abertos. No caminho, teria de ir destruindo as coisas que ainda prendiam Voldemort à vida, para que, quando finalmente se atravessasse à frente dele, sem nunca levantar a varinha para se defender, o fim fosse fácil, e o trabalho que deveria ter sido feito em Godric's Hollow pudesse finalmente ser terminado: nenhum deles iria nem poderia sobreviver.

Sentiu o coração bater fortemente no peito. Como era estranho que, perante o terror da morte, batesse ainda mais depressa, mantendo-o corajosamente vivo. Mas teria de parar, e em breve. As vezes que ainda bateria estavam determinadas. Quanto tempo teria para se levantar, percorrer o castelo pela última vez, sair para os terrenos circundantes e dirigir-se à Floresta?

Foi percorrido por uma onda de terror ali deitado no chão, com aquele tambor fúnebre a troar dentro de si. Morrer seria doloroso? De todas as vezes que achara que estava prestes a morrer e conseguira escapar, nunca tinha pensado na morte propriamente dita: a sua vontade de viver fora sempre muito mais forte que o seu medo da morte. No entanto, naquele momento, não lhe passava pela cabeça tentar fugir, ser mais rápido que Voldemort. Acabara — sabia-o. A única coisa que lhe restava era a própria morte.

Se, ao menos, pudesse ter morrido naquele noite de Verão em que saíra pela última vez do número quatro de Privet Drive, quando fora salvo pela nobre varinha com a pena da fénix! Se, ao menos, tivesse podido morrer como Hedwig, tão depressa que nem teria dado pelo que tinha acontecido! Ou, se pudesse ter-se lançado para a frente de uma varinha para salvar alguém que amasse... naquele momento, chegou a invejar a morte dos seus pais. Para ter o sangue-frio necessário para caminhar em direcção à sua própria destruição precisava de um tipo diferente de coragem. Sentiu os dedos tremerem ligeiramente e fez um esforço para os controlar, embora ninguém pudesse vê-

lo; os retratos que se encontravam na parede estavam todos vazios.

Sentou-se lentamente, muito lentamente e, quando o fez, sentiu-se mais vivo e mais consciente que nunca do seu corpo vivo. Por que razão nunca soubera apreciar o milagre que era — cérebro, nervos, coração? Tudo isso iria acabar... ou, pelo menos, ele deixaria tudo isso. A sua respiração tornou-se mais lenta e profunda. Tinha a boca e a garganta completamente secas, e os olhos também.

A traição de Dumbledore não significava quase nada. Claro que havia um plano mais vasto, e Harry tinha sido demasiado ingênuo para o perceber. Nunca tinha sequer posto em causa a sua convicção de que Dumbledore o queria vivo. Percebia agora que a sua esperança de vida sempre fora determinada pelo tempo necessário para eliminar todos os Horcruxes. Dumbledore tinha-lhe passado a missão de os destruir, e ele continuara obedientemente a cortar todos os laços que ligavam não só Voldemort, mas também ele próprio, à vida! Que bonito, que elegante não desperdiçar mais vidas e confiar a perigosa tarefa ao rapaz marcado para morrer, e cuja morte não seria uma calamidade, mas apenas mais um golpe contra Voldemort.

E Dumbledore sabia que Harry não desistiria, que continuaria até ao fim, mesmo consciente de que seria o *seu* fim, porque se tinha dado ao trabalho de o conhecer, não tinha? Dumbledore sabia, tal como Voldemort também sabia, que Harry não deixaria mais ninguém morrer por ele, agora que descobrira que estava na sua mão impedir que isso acontecesse. As imagens de Fred, Lupin e Tonks, mortos no Salão Nobre, voltaram a entrar na sua mente e, por momentos, quase nem conseguiu respirar: a morte era impaciente...

Mas Dumbledore tinha-o sobrestimado. Tinha falhado: a serpente sobrevivera. Haveria um Horcrux a prender Voldemort à vida, mesmo depois de Harry morrer. Na verdade isso tornaria o trabalho mais fácil para quem o fizesse. Quem seria? Claro que Ron e Hermione saberiam o que seria preciso fazer... Por isso é que Dumbledore quisera que ele confiasse em duas outras pessoas... para que, se o destino se cumprisse cedo de mais, os outros dois pudessem...

Como chuva a bater numa janela fria, estes pensamentos fustigavam a dura superfície da incontestável verdade: tinha de morrer. *Tenho de morrer*. Aquilo tinha de terminar.

Ron e Hermione pareciam estar muito longe, num país distante; teve a sensação de se ter separado deles há muito tempo. Estava decidido a que não houvesse despedidas nem explicações. Era uma viagem que não poderiam fazer juntos, e as tentativas que fariam para o impedir seriam uma perda de valioso tempo. Olhou para o relógio de ouro, agora tão maltratado, que tinha recebido quando fizera dezassete anos. Já tinha passado quase metade da hora que Voldemort tinha dado para a sua rendição.

Levantou-se. O seu coração batia contra as costelas como um pássaro enlouquecido. Talvez soubesse que lhe restava pouco tempo, talvez quisesse cumprir todos os batimentos de uma vida antes de parar. Não olhou para trás

quando fechou a porta do gabinete.

O castelo estava vazio. Sentiu-se uma espécie de fantasma a percorrê-lo sozinho, como se já tivesse morrido. As molduras dos retratos continuavam vazias; reinava um silêncio espectral, como se a vida que ainda restava no castelo estivesse concentrada no Salão Nobre, onde estavam os mortos e as pessoas que os choravam.

Harry tapou-se com o Manto da Invisibilidade e desceu os vários andares, percorrendo a escadaria de mármore até ao *Hall* de Entrada. Talvez uma pequena parte de si desejasse que alguém o pressentisse, o visse, o fizesse parar mas, como sempre, o Manto era impenetrável, perfeito, e chegou facilmente às portas da frente.

Nesse momento, Neville quase chocou com nele. Estava a trazer do exterior mais um corpo, ajudado por um colega. Harry olhou de relance e sentiu mais uma pancada no estômago: era Colin Creevey que, embora ainda não tivesse idade para isso, devia ter-se escapulado, tal como Malfoy, Crabbe e Goyle. Parecia ainda mais pequeno depois de morto.

— Sabes que mais? Consigo levá-lo sozinho, Neville — disse Oliver Wood e levantou Colin para cima do ombro, como se fosse um bombeiro, transportando-o para o Salão Nobre.

Neville encostou-se por momentos à ombreira da porta e limpou a testa com as costas da mão. Parecia um velho. Depois, desceu os degraus para ir procurar mais corpos na escuridão.

Harry olhou mais uma vez para a entrada do Salão Nobre. As pessoas andavam de um lado para outro, a tentarem consolar-se umas às outras, bebiam, ajoelhavam-se junto dos mortos, mas não conseguiu ver nenhuma das pessoas que amava — não havia sinais de Hermione, Ron, Ginny ou qualquer dos outros Weasley, nem de Luna. Sentiu que teria dado todo o tempo que lhe restava para poder olhar para eles uma última vez; mas, se isso acontecesse, teria coragem para deixar de olhar? Era melhor assim.

Desceu os degraus e penetrou na escuridão. Eram quase quatro da manhã, e a calma mortal que emanava dos campos deu-lhe a sensação de que estavam a sustentar a respiração, à espera de verem se ele conseguiria fazer o que tinha de fazer.

Harry avançou em direcção a Neville, que estava debruçado sobre mais um corpo.

— Neville.

— Caramba, Harry, quase me mataste de susto!

Harry tinha tirado o Manto. A ideia surgira-lhe de repente, motivada pelo desejo de ter absoluta certeza.

— Onde é que vais sozinho? — perguntou Neville, desconfiado.

— Faz parte do plano — disse Harry. — Tenho de fazer uma coisa. Ouve... Neville...

— Harry! — Neville pareceu repentinamente assustado. — Harry, não estás a pensar entregar-te, pois não?

— Não — mentiu Harry facilmente. — Claro que não... é outra coisa. Mas talvez desapareça por uns tempos. Sabes daquela ser pente que o Voldemort tem, Neville? Aquela serpente enorme... chamada *Nagini*...

— Sim, já ouvi falar dela... O que é que tem?

— Tem de ser morta. O Ron e a Hermione sabem disso, mas caso eles...

O horror daquela possibilidade quase o asfixiou por momentos, impossibilitando-o de continuar a falar. Mas recuperou as forças: era crucial, tinha de ser como Dumbledore, tinha de manter a cabeça fria, ter a certeza de que haveria reforços, outras pessoas que pudessem continuar a tarefa. Dumbledore tinha morrido com a certeza de que havia três pessoas que sabiam dos Horcruxes. Agora Neville tomaria o lugar de Harry — continuava a haver três pessoas a saberem do segredo.

— Só para o caso de eles estarem... ocupados... e tu teres oportunidade de...

— Matar a serpente?

— Matar a serpente — repetiu Harry.

— Está bem, Harry. Está tudo bem contigo?

— Sim, está tudo bem. Obrigado, Neville.

Mas Neville agarrou-o pelo pulso, quando Harry se preparava para se ir embora.

— Vamos continuar a lutar, Harry. Sabes isso, não sabes?

— Sim, eu...

A sensação de asfixia não lhe permitiu acabar a frase; não conseguia continuar. Neville pareceu não achar isso estranho. Deu uma palmadinha no ombro de Harry, libertou-o e foi procurar mais corpos.

Harry tornou a pôr o Manto e recomeçou a andar. Havia alguém não muito longe dele a debruçar-se sobre outro corpo caído no chão, não muito longe de onde ele se encontrava. Estava a pouca distância dela quando percebeu que era Ginny.

Estacou. Ginny estava inclinada sobre uma menina que, com uma voz débil, chamava pela mãe.

— Pronto — dizia Ginny. — Está tudo bem. Vamos levar-te para dentro.

— Mas eu quero ir para *casa* — sussurrou a menina. — Não quero lutar mais!

— Eu sei — disse Ginny, e sua voz soçobrou. — Vai correr tudo bem.

A pele de Harry foi percorrida por arrepios de frio. Apetecia-lhe gritar, queria que Ginny soubesse que ele estava ali, queria que soubesse para onde ele ia. Queria que o impedissem, que o arrastassem de volta, que o mandassem para casa.

Mas ele *estava* em casa. Hogwarts fora a primeira e a melhor casa que conhecera. Ele, Voldemort e Snape, os rapazes abandonados — todos tinham encontrado ali uma casa...

Ginny estava ajoelhada junto da menina ferida, segurando-lhe a mão. Com um esforço enorme, Harry obrigou-se a seguir em frente. Pareceu-lhe ter visto Ginny olhar à sua volta quando passou por ela e pensou se ela teria

pressentido a presença de alguém, mas não disse nada e não olhou para trás.

A cabana de Hagrid surgiu na escuridão. Não havia luzes, nem se ouvia *Fang* a arranhar a porta nem a ladrar em sinal de boas-vindas. Tantas visitas a Hagrid, o brilho da chaleira de cobre no fogão, os bolos de pedra, as larvas gigantescas, a sua cara enorme coberta de barba, Ron a vomitar lesmas, Hermione a ajudá-lo a salvar Norbert...

Continuou, chegou à entrada da Floresta e parou.

Um grupo de Dementors pairava por entre as árvores; sentia o calafrio que eles provocavam e não tinha a certeza se conseguia passar em segurança. Não lhe restavam forças suficientes para um Patronus. Já nem sequer conseguia parar de tremer. Afinal, não era assim tão fácil morrer. Cada segundo que respirava, o cheiro das ervas, o ar fresco no seu rosto — era tudo precioso. Pensar que as pessoas tinham anos e anos de vida, que podiam dar-se ao luxo de perder tempo, que tinham tanto tempo que parecia arrastar-se, ao passo que ele se agarrava a cada segundo que passava. Ao mesmo tempo que pensava que não conseguiria continuar, sabia que tinha de o fazer. O longo jogo tinha terminado, a *Snitch* tinha sido agarrada, estava na hora de descer...

A *Snitch*. Os seus dedos entorpecidos tactearam por momentos a bolsa que tinha ao pescoço e tirou-a de lá.

Eu abro-me no fim...

Respirou mais depressa e olhou para ela. Agora que queria que o tempo passasse o mais lentamente possível, ele parecia ter acelerado, e compreendeu tudo tão depressa que parecia que tinha ultrapassado a velocidade do pensamento. Era o fim. Era o momento.

Encostou o metal dourado aos lábios e sussurrou:

— Estou prestes a morrer.

A casca de metal abriu-se. Baixou a mão trémula, ergueu a varinha de Draco por baixo do Manto e murmurou: «*Lumos.*»

No centro das duas metades da *Snitch* via-se a pedra negra fendida. A Pedra da Ressurreição tinha-se rachado pela linha vertical que representava a Varinha de Sabugueiro. O triângulo e o círculo que representavam o Manto e a Pedra eram ainda visíveis.

Mais uma vez, Harry percebeu sem ter de pensar. Não valia a pena trazê-los de volta, pois estava prestes a juntar-se a eles. Não era ele que ia buscá-los: eram eles que vinham buscá-lo.

Fechou os olhos e voltou três vezes a Pedra na mão.

Sabia que tinha acontecido, porque ouviu ligeiros movimentos à sua volta que pareciam vir de frágeis corpos que mudavam a posição dos pés no chão de terra, coberto de ramos secos que marcava o fim da Floresta. Abriu os olhos e olhou à sua volta.

Viu que não eram fantasmas nem seres vivos. Eram parecidos com o Riddle que saíra do diário, há tanto tempo, e que fora uma memória que quase ganhara forma. Menos substanciais que seres vivos, mas muito mais que fantasmas, avançaram para ele e, em cada um dos rostos, havia um sorriso

terno.

James era exactamente da mesma altura que Harry. Estava vestido com as roupas com que morrera, com o cabelo desgrenhado e os óculos ligeiramente de lado, como os de Mr. Weasley.

Sirius era alto e bonito, e muito mais novo que Harry o conhecera em vida. Andava com graciosidade, com as mãos nos bolsos e um sorriso irónico no rosto.

Lupin também era mais novo e muito menos andrajoso. Tinha uma cabeleira mais espessa e mais escura. Parecia feliz por voltar àquele local familiar que fora cenário de tantos devaneios de adolescentes.

O sorriso de Lily era o mais aberto de todos. Alisou os seus longos cabelos para trás quando se aproximou dele, e os seus olhos verdes, iguais aos dele, perscrutavam avidamente o seu rosto, como se jamais pudesse olhar para ele o suficiente.

— Tens sido tão corajoso.

Harry não conseguia falar. Fixou os olhos nela e pensou que gostaria de ficar ali a olhar para a mãe para sempre e que isso bastaria.

— Estás quase a conseguir — disse James. — Quase. Temos... tanto orgulho em ti.

— Dói?

A pergunta infantil saía dos lábios de Harry sem que ele pudesse sustê-la.

— Morrer? Não — disse Sirius. — É mais rápido e mais fácil que adormecer.

— E ele vai querer que seja rápido. Quer acabar com isto — acrescentou Lupin.

— Não queria que vocês morressem — disse Harry. Estas palavras saíram por vontade própria. — Nenhum de vocês. Desculpem...

Dirigiu-se a Lupin, mais do que a qualquer um dos outros, perscrutando o seu rosto.

— ... logo depois de o seu filho... Remus, lamento muito...

— Também lamento — disse Lupin. — Lamento não poder conhecê-lo... mas ele saberá por que morri e espero que compreenda. Estava a tentar construir um mundo em que ele pudesse ser mais feliz.

Uma brisa gelada que parecia vir do coração da Floresta levantou os cabelos da testa de Harry. Sabia que eles não lhe diriam para se ir embora, que a decisão teria de ser dele.

— Vão ficar comigo?

— Até ao fim — disse James.

— Eles não conseguirão ver-vos? — perguntou Harry.

— Fazemos parte de ti — disse Sirius. — Somos invisíveis para todas as outras pessoas.

Harry olhou para a sua mãe.

— Fique ao pé de mim — pediu em voz baixa.

E começou a andar. O frio dos Dementors não o dominou; atravessou-o

juntamente com os seus companheiros, que funcionaram como Patronus, e avançaram todos juntos por entre as velhas árvores que cada vez se cerravam mais, com os ramos a entrelaçarem-se e as raízes a rangerem e a torcerem-se sob os seus pés. Harry ajustou melhor o Manto à sua volta na escuridão, penetrando cada vez mais na Floresta, sem ter a mínima ideia de onde estaria Voldemort, mas com a certeza de que o encontraria. A seu lado, quase sem fazerem o mínimo ruído, iam James, Sirius, Lupin e Lily, e a presença deles dava-lhe coragem e alento para pôr um pé à frente do outro.

Sentia o corpo e a mente estranhamente desconexos; os seus membros funcionavam sem qualquer instrução consciente, como se fosse um passageiro e não o motorista do corpo que estava prestes a deixar. Os mortos que o acompanhavam pareciam-lhe agora muito mais reais que os vivos que deixara no castelo: sentia Ron, Hermione, Ginny e todos os outros como fantasmas, enquanto avançava a tropeçar e a escorregar em direcção ao fim da sua vida, em direcção a Voldemort...

Um baque e um sussurro: certamente outro ser vivo que se agitava por perto. Harry parou, envolto pelo Manto, olhou à sua volta, pôs-se à escuta, e a sua mãe, o seu pai, Lupin e Sirius pararam também.

— Está ali alguém — disse um sussurro áspero perto dele. — Tem um Manto da Invisibilidade. Será...?

Apareceram duas figuras por detrás de uma árvore perto dele. As suas varinhas faiscaram, e Harry viu Yaxley e Dolohov a espreitarem na escuridão, exactamente para o sítio onde Harry, a mãe, o pai, Sirius e Lupin se encontravam. Aparentemente, não conseguiam ver nada.

— Tenho a certeza de que ouvi qualquer coisa — disse Yaxley. — Achas que será um animal?

— Aquele cabeçudo do Hagrid tinha aqui uma data de bichos — disse Dolohov, olhando por cima do ombro.

Yaxley olhou para o relógio.

— O tempo está a esgotar-se. O Potter teve uma hora e não veio.

— E ele tinha a certeza de que o Potter viria. Não vai ficar nada satisfeito.

— É melhor regressarmos — disse Yaxley. — Vamos ver qual é o plano agora.

Ele e Dolohov deram meia-volta e embrenharam-se na Floresta. Harry seguiu-os, sabendo que eles o levariam exactamente para onde queria ir. Olhou para o lado e viu a mãe a sorrir para ele e o pai a fazer-lhe um aceno de encorajamento.

Tinham andado apenas alguns minutos quando Harry viu uma luz à sua frente. Yaxley e Dolohov entraram numa clareira que Harry sabia ter sido o local onde a monstruosa *Aragog* tinha vivido. Os restos da sua enorme teia ainda lá estavam, mas os descendentes que tinha espalhado tinham sido expulsos pelos Devoradores da Morte para lutarem pela sua causa.

No centro da clareira havia uma fogueira, cuja luz trémula iluminava uma multidão de Devoradores da Morte, em silêncio e vigilantes. Alguns

continuavam com máscaras e capuzes, e outros tinham a cara destapada. Na periferia do grupo estavam dois gigantes, lançando uma sombra enorme sobre toda a cena, com uma expressão cruel e dura como pedras no rosto. Harry viu Fenrir escondido, a roer as suas longas unhas. O grande e loiro Rowle apalpava o lábio que sangrava. Viu Lucius Malfoy, que parecia derrotado e aterrorizado, e Narcissa, com um olhar abatido, cheio de apreensão.

Todos os olhos estavam postos em Voldemort, que se encontrava de pé, com a cabeça curvada e as mãos brancas cruzadas sobre a Varinha de Sabugueiro à sua frente. Podia estar a rezar ou a contar mentalmente, em silêncio. Harry, imóvel no limiar da clareira, teve o pensamento absurdo de uma criança a contar no jogo das escondidas. Atrás da cabeça de Voldemort, continuava a enorme serpente *Nagini*, a girar e a enrolar-se, pairando na sua gaiola reluzente e enfeitçada, como uma auréola monstruosa.

Quando Dolohov e Yaxley se juntaram ao círculo, Voldemort olhou para cima.

— Nenhum sinal dele, meu Senhor — disse Dolohov.

A expressão de Voldemort não se alterou. Os olhos vermelhos pareciam arder sob a luz da fogueira. Retirou lentamente a Varinha de Sabugueiro de entre os seus longos dedos.

— Meu Senhor...

Era Bellatrix que tinha falado; era a que estava mais perto de Voldemort, desgrenhada, com o rosto um pouco ensanguentado, mas sem outros ferimentos.

Voldemort ergueu a mão para a silenciar, e ela não disse nem mais uma palavra, limitando-se a olhar para ele com um misto de fascínio e veneração.

— Pensava que ele viria — disse Voldemort com a sua voz aguda e clara, de olhos postos nas chamas que ondulavam. — Estava à espera de que ele viesse.

Ninguém disse nada. Pareciam tão assustados como Harry, cujo coração batia agora com tanta força contra as costelas que parecia querer sair do corpo que Harry estava prestes a abandonar. Tinha as mãos a suar quando tirou o Manto da Invisibilidade e o meteu debaixo da roupa juntamente com a varinha. Não queria ser tentado a lutar.

— Pelos vistos... estava enganado — disse Voldemort.

— Não, não estava.

Harry disse estas palavras o mais alto que pôde, com todas as forças que conseguiu reunir: não queria parecer que estava com medo. A Pedra da Ressurreição escapou-lhe por entre os dedos dormientes e, pelo canto dos olhos, viu os pais, Sirius e Lupin desaparecerem à medida que se aproximava da fogueira. Sentiu que naquele momento a única pessoa que interessava era Voldemort. Seriam apenas os dois.

Esta ilusão desapareceu tão depressa como surgira. Os gigantes rugiram, e os Devoradores da Morte levantaram-se todos ao mesmo tempo. Ouviram-se gritos, arquejos e até risos. Voldemort tinha ficado onde estava, mas os seus

olhos vermelhos haviam descoberto Harry. Viu-o avançar para ele, sem que houvesse mais nada a separá-los a não ser a fogueira.

Mas, nesse momento, uma voz gritou:

— HARRY! NÃO!

Voltou-se: Hagrid estava amarrado a uma árvore ali perto. O seu corpo enorme fazia balançar os ramos ao debater-se, desesperado.

— NÃO! NÃO! HARRY O QU' É QUE 'TÁS...?

— SILÊNCIO! — gritou Rowle, que acenou a sua varinha e silenciou Hagrid.

Bellatrix, que também se tinha levantado, olhava ansiosamente ora para Voldemort, ora para Harry, com o peito a arfar. As únicas coisas que se moviam eram as chamas e a serpente, que continuava a enrolar-se e a desenrolar-se na gaiola reluzente atrás da cabeça de Voldemort.

Harry sentia a varinha encostada ao peito, mas não fez qualquer tentativa de a retirar. Sabia que a serpente estava demasiado bem protegida, sabia que, se apontasse a varinha a *Nagini*, seria atingido ele próprio por cinquenta maldições. Voldemort e Harry continuaram imóveis, a olhar um para o outro. Voldemort inclinou ligeiramente a cabeça para o lado, perscrutando o rapaz que se encontrava à sua frente. Um sorriso estranhamente triste fez contorcer a sua boca sem lábios.

— Harry Potter — disse, muito suavemente. A sua voz poderia fazer parte do fogo crepitante. — O rapaz que sobreviveu.

Nenhum dos Devoradores da Morte se mexeu. Estavam à espera. Tudo estava à espera. Hagrid debatia-se, e Bellatrix arfava. Inexplicavelmente, Harry só conseguia pensar em Ginny, na sensação dos lábios dela sobre os seus...

Voldemort tinha erguido a varinha. Continuava com a cabeça inclinada de lado, como uma criança curiosa, a pensar no que aconteceria se continuasse. Harry tornou a olhar para os olhos vermelhos e desejou que acontecesse já, depressa, enquanto ainda conseguia aguentar-se de pé, antes de perder o controlo, antes de ser traído pelo medo.

Viu a boca mexer-se, viu um clarão de luz verde, e depois tudo desapareceu.

XXXV

KING'S CROSS

Ficou deitado de barriga para baixo, a ouvir o silêncio, completamente sozinho. Ninguém olhava para ele. Não estava ali mais ninguém e nem ele tinha a certeza absoluta de ele próprio se encontrar ali.

Passado muito tempo, ou talvez no mesmo instante, percebeu que devia existir, tinha de ser mais que um pensamento sem corpo, pois estava deitado, estava definitivamente deitado sobre uma superfície qualquer. Portanto, pelo menos ainda tinha o sentido do tacto, e a superfície sobre a qual se encontrava também existia.

Quase no mesmo instante em que chegou a esta conclusão, Harry apercebeu-se também de que se encontrava nu. Como se convencera de que estava absolutamente sozinho, isso não o incomodou, mas deixou-o ligeiramente intrigado. Pensou se, tal como tinha o sentido do tacto, também teria o da visão. Ao abri-los, descobriu que tinha olhos.

Envolia-o uma neblina luminosa, muito diferente da que era normal. As coisas à sua volta não estavam encobertas pelo vapor; pelo contrário, era esse vapor que ainda não tinha ganho a forma das coisas. O chão parecia ser branco; não era quente nem frio, apenas existia, uma coisa branca, plana sobre a qual jazia.

Sentou-se. O seu corpo parecia ileso. Tocou na cara. Não tinha óculos.

Nesse momento, chegou até ele um ruído vindo do nada informe que o rodeava: pequenas pancadas suaves de qualquer coisa que se agitava, caía, se debatia. Era um som penoso, mas também, e ainda assim, ligeiramente obsceno. Tinha a sensação desconfortável de estar a escutar algo de furtivo e vergonhoso.

Desejou, pela primeira vez, estar vestido.

Mal este desejo se formou na sua mente, logo roupas apareceram a pouca distância. Pegou-lhes e vestiu-as: estavam macias, limpas e quentes. Era extraordinário como tinham aparecido, assim sem mais nem menos, no preciso momento em que desejara tê-las...

Levantou-se e olhou à sua volta. Estaria numa grande Sala das

Necessidades? Quanto mais olhava, mais coisas havia para ver. Um tecto de vidro grande, em abóbada, reluzia por cima dele, iluminado pelo sol. Talvez fosse um palácio. Tudo estava em silêncio e imóvel, excepto aqueles estranhos sons de algo que batia e se lamuriava, vindos de não muito longe por entre a névoa que o rodeava...

Rodou lentamente, e as coisas que se encontravam à sua volta pareceram inventar-se perante os seus olhos. Um espaço aberto e amplo, limpo e inundado de luz, muito maior do que o Salão Nobre, com um tecto de vidro em abóbada. Estava vazio. Era ele a única pessoa que ali se encontrava para além de...

Retraiu-se. Tinha visto a coisa que estava a fazer os ruídos. Pela forma, era uma criança pequena, nua, enrolada no chão, com a pele esfolada, áspera, que tremia sob um banco onde tinha sido abandonada, indesejada, escondida fora de vista, a respirar a custo.

Harry sentiu medo. Embora fosse pequena, frágil e parecesse ferida, não queria aproximar-se. Contudo foi-se chegando mais perto, a pouco e pouco, pronto a recuar a qualquer momento. Passado pouco tempo, já estava suficientemente perto dela para lhe tocar, mas não conseguia fazê-lo. Sentiu-se um cobarde. Devia reconfortá-la, mas só sentia repulsa.

— Não podes ajudar.

Deu meia-volta. Albus Dumbledore dirigia-se para ele com passos firmes e enérgicos, com um longo manto azul-escuro.

— Harry! — Abriu os braços, e ambas as mãos estavam inteiras, brancas e intactas. — És um rapaz maravilhoso. Corajoso, muito corajoso. Vamos dar uma volta.

Sem perceber o que estava a acontecer, Harry seguiu-o, enquanto Dumbledore se afastava do local onde a criança choramingava, encaminhando-o para duas cadeiras em que Harry ainda não reparara e que se encontravam a alguma distância, sob o tecto alto e cintilante. Dumbledore sentou-se numa delas, e Harry deixou-se cair sobre a outra, olhando fixamente para o rosto do seu velho Director. Os cabelos e a barba, longos e prateados, os olhos de um azul intenso, atrás dos óculos em meia-lua, o nariz adunco — tudo tal e qual como se lembrava. No entanto...

— Mas o senhor está morto — disse Harry.

— Ah, pois estou — retorquiu Dumbledore, num tom prosaico.

— Então... E eu também estou morto?

— Ah — disse Dumbledore, com um sorr iso ainda mais aberto. — É essa a questão, não é? Pensando bem, rapaz, acho que não.

Entreolharam-se; Dumbledore continuava a sorrir, radiante.

— Não? — repetiu Harry.

— Não — disse Dumbledore.

— Mas... — Harry levou instintivamente a mão à cicatriz em forma de raio. Parecia não estar lá. — Mas eu devia ter morrido, não me defendi! Quis que ele me matasse!

— Creio... — retorquiu Dumbledore — que terá sido exactamente isso a fazer toda a diferença.

A felicidade parecia irradiar de Dumbledore como luz, como fogo: Harry nunca tinha visto ninguém com uma felicidade tão intensa, tão palpável.

— Explique-se — pediu Harry.

— Mas tu já sabes — disse Dumbledore, girando os polegares.

— Deixei que ele me matasse, não deixei? — perguntou Harry.

— Deixaste — disse Dumbledore, acenando com a cabeça. — Continua!

— Então, a parte da alma dele que estava em mim...

Dumbledore acenou com a cabeça ainda mais entusiasticamente, encorajando Harry a continuar, com um enorme sorriso no rosto.

— ...desapareceu?

— Ah, claro que sim! — disse Dumbledore. — Ele destruiu-a. A tua alma agora está inteira e é só tua, Harry.

— Mas então...

Harry olhou por cima do ombro para o sítio onde se encontrava a pequena criatura estropiada, a tremer debaixo da cadeira.

— O que é aquilo, Professor?

— Algo que está para além da nossa capacidade de ajudar — respondeu Dumbledore.

— Mas, se Voldemort usou a Maldição de Morte — começou Harry —, e ninguém morreu por mim desta vez, como é que eu posso estar vivo?

— Acho que tu sabes — disse Dumbledore. — Pensa. Lembra-te do que ele fez, com a sua ignorância, avidez e crueldade.

Harry pensou, deixando o olhar vaguear pelo cenário que o rodeava. Se era, de facto, um palácio o sítio onde se encontravam, era estranho, com cadeiras arrumadas em pequenas filas e pedaços de balaustradas aqui e ali.

Dumbledore, ele e o ser definhado que se encontrava sob o banco eram as únicas presenças. A resposta aflorou então aos seus lábios facilmente, sem esforço.

— Ele tirou-me o meu sangue — disse Harry.

— Exactamente! — exclamou Dumbledore. — Utilizou o teu sangue para reconstruir o seu corpo! O teu sangue corre nas veias dele, Harry. Estão ambos sob a protecção da Lily. Enquanto ele viver, estarás preso à vida!

— Viverei... enquanto ele viver? Mas pensava... pensava que era ao contrário! Pensava que tínhamos de morrer ambos? Ou é a mesma coisa?

As lamúrias e as pancadas da criatura que agonizava atrás de si distraíram-no, e tornou a olhar de relance para ela.

— Tem a certeza de que não podemos fazer nada?

— Não há ajuda possível.

— Então explique-me... melhor — pediu Harry, e Dumbledore sorriu.

— Eras o sétimo Horcrux, Harry, o Horcrux que ele nunca teve intenção de criar. Tinha tornado a sua alma tão instável que ela se quebrou quando cometeu aqueles actos de uma maldade inqualificável, a morte dos teus pais, a

tentativa de matar uma criança. Mas o que fugiu daquela sala era ainda menos do que ele sabia. Não deixou apenas o corpo. Deixou uma parte de si próprio presa a ti, a vítima que sobreviveu.

«E o conhecimento dele continuou a ser calamitosamente incompleto, Harry! Voldemort não se dá ao trabalho de compreender aquilo a que não dá valor. Não sabe nada e não percebe nada de elfos, histórias infantis, amor, lealdade e inocência. *Nada*. Há uma verdade que nunca conseguiu apreender: que eles têm um poder superior ao seu, um poder que está para além do alcance de qualquer magia.

«Utilizou o teu sangue, convencido de que isso o iria fortalecer. Absorveu uma pequena parte do encantamento que a tua mãe te lançou quando deu a vida por ti. O corpo dele mantém o sacrifício dela vivo e, enquanto esse encantamento sobreviver, também tu sobreviverás assim como a última esperança que resta a Voldemort.

Dumbledore sorriu-lhe, e Harry olhou fixamente para ele.

— E o senhor sabia disso? Desde sempre?

— Adivinhei. Mas os meus palpites são geralmente bons — respondeu Dumbledore, com um ar de grande felicidade, e ficaram em silêncio, aparentemente durante muito tempo, enquanto a criatura atrás deles continuava a choramingar e a tremer.

— Mas há mais — disse Harry, por fim. — Não é só isso. Por que é que a minha varinha partiu a que ele tinha usurpado?

— Quanto a isso, não tenho a certeza.

— Então, tente adivinhar — disse Harry, e Dumbledore riu-se.

— O que tens de perceber, Harry, é que tu e Lord Voldemort penetraram juntos em dimensões da magia até agora desconhecidas e nunca testadas. Mas vou dizer-te o que acho que aconteceu, que é uma coisa sem precedentes e que nenhum fabricante de varinhas poderia, na minha opinião, alguma vez ter previsto ou explicado a Voldemort.

«Agora já sabes que, sem que fosse essa a sua intenção, Lord Voldemort duplicou o laço que existia entre vocês os dois quando retomou a forma humana. Uma parte da alma dele continuava presa à tua e, convencido de que estava a fortalecer-se, absorveu uma parte do sacrifício da tua mãe. Se, ao menos, ele pudesse ter compreendido o poder exacto e terrível desse sacrifício, talvez não tivesse ousado tocar no teu sangue... mas a verdade é que, se ele tivesse sido capaz de entender, era porque não seria Lord Voldemort e poderia nunca ter cometido nenhum crime.

«Depois de garantir essa ligação, de unir os vossos destinos como nunca na história dois feiticeiros estiveram unidos, Voldemort atacou-te com uma varinha, cujo núcleo estava ligado ao da tua. E, como sabemos, nesse momento algo de muito estranho aconteceu. Os núcleos reagiram de uma forma que Lord Voldemort, que nunca soube que a tua varinha era idêntica à dele, nunca esperou.

«Naquela noite, ele teve mais medo que tu, Harry. Tu tinhas aceite, até

mesmo abraçado, a possibilidade de morrer, algo que Lord Voldemort nunca foi capaz de fazer. A tua coragem venceu, a tua varinha dominou a dele. E, com esse teu gesto, aconteceu algo entre essas duas varinhas que reflectiu a relação entre os respectivos donos.

«Estou convencido de que naquela noite a tua varinha absorveu algum do poder e das qualidades da varinha de Voldemort, ou seja, do próprio Voldemort. E, portanto, a tua varinha reconheceu-o quando te perseguiu, reconheceu um homem que era simultaneamente do teu sangue e teu inimigo mortal, e regurgitou parte da sua magia contra ele, uma magia muito mais poderosa que tudo o que a varinha de Lucius tinha alguma vez conseguido. A tua varinha continha, agora, o poder da tua enorme coragem e da mestria mortífera do próprio Voldemort: que hipóteses tinha aquele mísero pauzinho do Lucius Malfoy?

— Mas, se a minha varinha era tão poderosa, como é que a Hermione conseguiu quebrá-la? — perguntou Harry.

— Meu caro, os notáveis efeitos da tua varinha só eram direccionados para o Voldemort, que tinha interferido imprudentemente com as mais profundas leis da magia. Só contra ele é que a varinha se tornava anormalmente poderosa. De resto, era uma varinha como qualquer outra... mas muito boa, tenho a certeza — concluiu Dumbledore carinhosamente.

Harry ficou muito tempo a pensar, ou talvez apenas alguns segundos. Era muito difícil ter a certeza de coisas como o tempo naquelas circunstâncias.

— Ele matou-me com a sua varinha.

— Ele *não* conseguiu matar-te com a minha varinha — corrigiu Dumbledore. — Acho que podemos concordar que não estás morto... — E acrescentou, como se temesse estar a ser indelicado: — Embora, obviamente, não subestime o teu sofrimento que foi certamente muito grande.

— Mas agora estou a sentir-me muito bem — disse Harry, olhando para as suas mãos limpas, sem cicatrizes. — Onde é que acha que estamos?

— Ia perguntar-te o mesmo — retorquiu Dumbledore, olhando à sua volta. — Onde é que achas que estamos?

Até Dumbledore ter feito aquela pergunta, Harry não sabia. No entanto, naquele momento descobriu que tinha a resposta na ponta da língua.

— Este sítio é parecido — disse devagar — com a estação de King's Cross. Só que mais limpa e vazia e, aparentemente, sem comboios.

— A estação de King's Cross! — Dumbledore ria-se a bandeiras despregadas. — A sério?

— Então, onde é que acha que estamos? — perguntou Harry, na defensiva.

— Não faço a menor ideia, meu caro. Como se costuma dizer, a *festa* é tua.

Harry não tinha a mínima ideia do significado daquela expressão; Dumbledore estava a ser tão irritante! Lançou-lhe um olhar furibundo e lembrou-se de uma pergunta muito mais urgente do que o sítio onde se encontravam.

— Os Talismãs da Morte — proferiu, e ficou feliz por ver que aquelas

palavras tinham feito desaparecer o sorriso do rosto de Dumbledore.

— Ah, pois — exclamou. Tinha até um ar ligeiramente preocupado.

— E então?

Pela primeira vez, desde que Harry conhecia Dumbledore, ele pareceu-lhe muito menos velho, muito menos. Por momentos, pareceu-lhe um menino apanhado a fazer uma maldade.

— Consegues perdoar-me? — perguntou. — Consegues perdoar-me por não ter confiado em ti? Por não te ter contado? Harry, o meu grande temor era que tu falhasses tal como eu falhei. Só receava que cometesses os meus erros. Imploro-te que me perdoes, Harry. Já sei, há algum tempo, que és o melhor de nós os dois.

— De que está a falar? — perguntou Harry, sobressaltado pelo tom de Dumbledore, pelas lágrimas que subitamente lhe inundaram os olhos.

— Dos Talismãs, dos Talismãs — murmurou Dumbledore. — O sonho de um homem desesperado!

— Mas eles são reais!

— Reais e perigosos, e uma armadilha para os tolos — disse Dumbledore.

— E eu fui um tolo. Mas tu sabe-lo, não sabes? Não pode haver mais segredos entre nós. Tu sabes.

— O que é que eu sei?

Dumbledore virou-se até ficar de frente para Harry, que viu que as lágrimas continuavam a bailar nos seus brilhantes olhos azuis.

— Mestre da Morte, Harry, mestre da Morte! Será que, em última análise, fui melhor que o Voldemort?

— Claro que foi — disse Harry. — Claro. Como pode estar a perguntar uma coisa dessas?! Nunca matou a não ser quando não pôde evitá-lo!

— É verdade, é verdade — anuiu Dumbledore, como se fosse uma criança em busca de conforto. — No entanto, também eu procurei uma forma de dominar a morte, Harry.

— Mas não da mesma forma que ele — disse Harry. Depois de toda a raiva que sentira por Dumbledore como era estranho estar agora ali sentado, sob a enorme abóbada daquele tecto alto, a defendê-lo. — Talismãs, não Horcruxes.

— Talismãs — murmurou Dumbledore —, não Horcruxes. Exactamente.

Seguiu-se uma pausa. A criatura que se encontrava atrás deles choramingou, mas Harry já não se voltou.

— O Grindelwald também andava à procura deles? — perguntou.

Dumbledore fechou os olhos por um momento e acenou com a cabeça.

— Foi aquilo que mais nos aproximou — confessou em voz baixa. — Dois rapazes inteligentes, arrogantes, com uma obsessão em comum. Ele queria ir a Godric's Hollow, como certamente adivinhaste, por causa do túmulo de Ignotus Peverell. Queria explorar o lugar onde o terceiro irmão morrera.

— Então, é verdade? — perguntou Harry. — Tudo? Os irmãos Peverell...

— ...eram os três irmãos do conto — disse Dumbledore, com um aceno de cabeça. — Ah, sim, acho que sim. Se encontraram ou não a Morte numa

estrada solitária... acho mais provável que os irmãos Peverell fossem apenas feiticeiros cheios de talento e perigosos que conseguiram criar aqueles objectos poderosos. A história de serem os Talismãs da própria Morte parece-me o tipo de lenda que pode desenvolver-se em torno daquele tipo de criações.

«Como agora já sabes, o Manto viajou através dos tempos, passando de pai para filho, de mãe para filha, até chegar ao descendente vivo de Ignottus, que nasceu, tal como Ignottus, na aldeia de Godric's Hollow.

Dumbledore sorriu para Harry.

— Eu?

— Tu. Sei que adivinhaste a razão pela qual o Manto se encontrava na minha posse na noite em que os teus pais morreram. O James tinha-mo mostrado poucos dias antes. Estavam assim explicadas muitas das diabruras que tinha feito na escola e que ninguém descobrira! Não conseguia acreditar no que tinha à frente dos meus olhos. Pedi-lhe que mo emprestasse para o examinar. Há muito tempo que tinha desistido do meu sonho de juntar os Talismãs, mas não consegui resistir, não pude deixar de o ver mais de perto... Nunca tinha visto um Manto como aquele, tão antigo, tão perfeito sob todos os aspectos... e depois o teu pai morreu, e eu tinha finalmente dois Talismãs, dois Talismãs só para mim!

O seu tom de voz era de uma amargura insuportável.

— Mas o Manto não os teria ajudado a sobreviver — constatou Harry rapidamente. — O Voldemort conhecia o paradeiro da minha mãe e do meu pai. O Manto não lhes teria dado protecção contra maldições.

— É verdade — suspirou Dumbledore. — É verdade.

Harry esperou mas, como Dumbledore não disse nada, instigou-o a continuar.

— Quer dizer que já tinha desistido de procurar os Talismãs quando viu o Manto?

— Já — disse Dumbledore numa voz débil. Parecia que se obrigara a olhar directamente para os olhos de Harry. — Tu sabes o que aconteceu. Tu sabes. Não podes desprezar-me mais do que eu me desprezo a mim próprio...

— Mas eu não o desprezo...

— Mas devias — disse Dumbledore. Encheu o peito de ar. — Sabes o segredo da doença da minha irmã, sabes o que aqueles Muggles fizeram, sabes no que ela se transformou. Sabes que o meu pobre pai procurou vingar-se e pagou por isso, morrendo em Azkaban. Sabes que a minha mãe abdicou da sua própria vida para cuidar da Ariana. Sentia-me muito ressentido por tudo isso, Harry.

Dumbledore disse-o num tom seco, frio. Olhava agora para um ponto ao longe, por cima da cabeça de Harry.

— Eu era talentoso, brilhante. Queria fugir. Queria brilhar. Queria ter glória.

«Não me interpretes mal — continuou e um esgar de dor perpassou pelo

seu rosto, fazendo-o parecer outra vez velho. — Eu amava-os. Amava os meus pais, amava os meus irmãos, mas era egoísta, Harry, mais egoísta que tu, uma pessoa de um altruísmo notável, poderias imaginar.

«Tanto que, quando a minha mãe morreu, e fiquei responsável por uma irmã incapacitada e um irmão caprichoso, regressei à minha aldeia com uma raiva e um azedume enormes dentro de mim. Sentia-me encurralado e desperdiçado! E, claro, foi então que ele apareceu...

Dumbledore tornou a olhar directamente para os olhos de Harry.

— O Grindelwald. Não podes imaginar como as ideias dele me cativaram, me entusiasmarem. Os Muggles forçados à submissão. Nós, os feiticeiros, a triunfarmos. Eu e Grindelwald, os gloriosos jovens líderes da revolução.

«Ah, eu tinha alguns escrúpulos, mas tentei apelar à minha consciência com palavras vazias. Seria tudo em nome de um bem superior, e qualquer mal que fosse feito seria recompensado com centenas de benefícios para os feiticeiros. Será que sabia, lá bem no fundo do meu coração, quem era Gellert Grindelwald? Acho que sabia, mas fechei os olhos. Se os planos que estávamos a fazer se concretizassem, todos os meus sonhos se realizariam.

E no centro de todos os nossos planos estavam os Talismãs da Morte! Como eles o fascinavam, como nos fascinavam a ambos! A varinha imbatível, a arma que nos levaria ao poder! A Pedra da Ressurreição... para ele, embora eu fingisse não saber, significava um exército de Inferi! Confesso que para mim significava o regresso dos meus pais. Significava que ficaria liberto de todas as minhas responsabilidades.

— E o Manto... a verdade é que nunca falámos muito do Manto, Harry. Conseguíamos ambos esconder-nos suficientemente bem sem o Manto, cuja verdadeira magia consiste, claro, no facto de poder ser utilizado para encobrir e proteger outras pessoas para além do seu proprietário. Achei que, se um dia conseguíssemos encontrá-lo, seria bom para esconder a Ariana, mas o nosso interesse pelo Manto advinha sobretudo do facto de completar o trio pois, segundo a lenda, o homem que unisse os três objectos seria o verdadeiro senhor da morte, o que para nós significava sermos invencíveis.

«Os invencíveis senhores da morte, Grindelwald e Dumbledore! Dois meses de insanidade, de sonhos cruéis e de negligência em relação aos dois únicos membros da minha família deixados a meu cargo.

«E, então... sabes o que aconteceu. A realidade voltou sob a forma do meu irmão, grosseiro, iletrado, mas digno de uma admiração infinitamente maior do que eu. Não quis ouvir as verdades que me gritou. Não quis ouvir que não podia partir em busca dos Talismãs, arrastando comigo uma irmã frágil e instável.

«A discussão transformou-se numa luta. O Grindelwald descontrolou-se. O que eu sempre tinha pressentido nele, embora fingisse que não, materializou-se sob uma forma terrível. E a Ariana... depois de todos os cuidados e advertências da minha mãe... jazia morta no chão.

Dumbledore começou a chorar copiosamente. Harry estendeu a mão e ficou

feliz ao ver que conseguia tocar-lhe. Apertou-lhe o braço com firmeza e, pouco a pouco, Dumbledore recuperou o controlo.

— Bem, o Grindelwald fugiu, como qualquer pessoa poderia ter previsto, excepto eu. Desapareceu, com os seus planos para tomar o poder, os seus esquemas para torturar os Muggles e os seus sonhos sobre os Talismãs da Morte, sonhos em que eu o encorajara e ajudara. Fugiu, e eu fiquei entregue à tarefa de sepultar a minha irmã e aprender a viver com a minha culpa e o meu terrível desgosto: o preço da minha vergonha.

«Passaram-se alguns anos. Havia alguns rumores a respeito dele. Diziam que tinha obtido uma varinha com um poder imenso. Entretanto, tinham-me oferecido o lugar de Ministro da Magia, não uma mas várias vezes. Naturalmente que recusei. Sabia que não era uma pessoa em quem se pudesse confiar quando tinha poder.

— Mas teria sido melhor, muito melhor, do que o Fudge ou o Scrimgeour! — contrapôs Harry de rompante.

— Achas que sim? — perguntou Dumbledore com um ar pensativo. — Não estou tão certo disso. Tinha demonstrado, quando ainda era muito novo, que o poder era a minha fraqueza e a minha tentação. É uma coisa curiosa, Harry, mas talvez aqueles que são mais aptos a deter o poder sejam os que nunca procuraram tê-lo. Pessoas como tu, a quem é confiada a liderança, que a exercem apenas porque têm de a exercer e acabam por descobrir, para surpresa própria, que têm jeito para isso.

«Sentia-me muito mais seguro em Hogwarts. Acho que era um bom professor...

— Era o melhor de todos...

— És muito gentil, Harry. Mas enquanto eu me entretinha a ensinar novos feiticeiros, o Grindelwald andava a formar um exército. Há quem diga que ele me receava, e talvez fosse verdade, mas de certeza que me receava menos do que eu o receava a ele.

«Oh, não era a morte — disse Dumbledore, em resposta à expressão inquiridora de Harry. — Nem as magias que podia fazer contra mim. Sabia que estávamos mais ou menos à mesma altura, talvez eu fosse um tudo-nada mais habilidoso. O que eu receava era a verdade. Nunca soube qual de nós, naquele derradeiro e terrível combate, tinha lançado a maldição que matou a minha irmã. Podes chamar-me cobarde: estarias a dizer a verdade. O que eu mais temia, Harry, era descobrir que tinha sido eu a causar a morte dela, não só com a minha arrogância e estupidez, mas por ter sido eu mesmo a executar o golpe que a arrancou à vida.

«Acho que ele sabia, acho que ele sabia o que eu verdadeiramente temia. Continuei sempre a protelar um eventual encontro com ele até que, a certa altura, se tornou demasiado vergonhoso continuar a resistir. Havia gente a morrer, e ele parecia imparável. Tinha de fazer tudo o que estivesse ao meu alcance.

«Bem, sabes o que aconteceu a seguir. Venci o duelo. Ganhei a varinha.

Seguiu-se novo silêncio. Harry não perguntou a Dumbledore se tinha chegado a descobrir quem matara Ariana. Não queria saber nem obrigar Dumbledore a dizer-lhe. Percebeu finalmente o que Dumbledore via ao olhar para o Espelho dos Invisíveis e a razão por que compreendera tão bem o fascínio que o espelho exercera sobre Harry.

Ficaram sentados em silêncio por muito tempo, e os gemidos da criatura que se encontrava atrás deles já quase não perturbavam Harry.

Por fim, disse:

— O Grindelwald tentou impedir o Voldemort de ir atrás da varinha. Mentiu, fingiu que nunca a tinha tido.

Dumbledore acenou com a cabeça, olhando para o colo, com as lágrimas ainda a reluzirem sobre o seu nariz adunco.

— Dizem que mais tarde se mostrou arrependido, sozinho na sua cela em Nurmengard. Gostaria de pensar que sentiu verdadeiramente o horror e a vergonha do que tinha feito. Talvez essa mentira que disse a Voldemort fosse uma tentativa de reparar o mal que tinha feito... de impedir que o Voldemort ficasse com o Talismã...

— ...ou talvez que violasse o seu túmulo? — sugeriu Harry. Dumbledore enxugou os olhos.

Depois de uma pequena pausa, Harry afirmou:

— O senhor tentou utilizar a Pedra da Ressurreição.

Dumbledore confirmou com um aceno de cabeça.

— Quando a descobri, ao fim de tantos anos, enterrada na casa abandonada dos Gaunt, o Talismã que mais desejara — embora quando era jovem o tivesse desejado por outras razões — perdi a cabeça, Harry. Esqueci-me de que agora era um Horcrux, e de que o anel encerrava de certeza uma maldição. Peguei nele, pu-lo e, por um segundo, imaginei que estaria prestes a ver Ariana, a minha mãe e o meu pai, e que iria poder dizer-lhes como estava arrependido...

«Fui tão tolo, Harry. Tinham passado tantos anos, e não tinha aprendido nada. Já tinha provado muitas vezes que não era digno de unir os Talismãs da Morte, e a prova final surgiu agora.

— Porquê? — perguntou Harry. — Era natural! Queria tornar a vê-los. O que é que isso tinha de mal?

— Talvez houvesse um homem num milhão que pudesse reunir os Talismãs, Harry. Eu só estava apto a possuir o pior deles, o menos extraordinário. Só podia ter a Varinha de Sabugueiro, mas não podia gabar-me disso nem utilizá-la para matar. Podia domá-la e usá-la, porque a conquistara, não para ganho pessoal, mas apenas para salvar outros do seu poder.

«Quanto ao Manto, tinha-o apenas por mera curiosidade e, por isso, nunca podia ter funcionado comigo como funciona contigo, o seu verdadeiro dono. Em relação à Pedra, tê-la-ia usado apenas na tentativa de fazer regressar os que se encontravam em paz e não para possibilitar a minha redenção, como tu

fizeste. És o digno possuidor dos Talismãs da Morte.

Dumbledore deu uma palmadinha na mão de Harry, que ergueu os olhos para o ancião e sorriu; não conseguia deixar de o fazer. Como poderia continuar zangado com Dumbledore depois de tudo aquilo?

— Por que é que teve de tornar as coisas tão difíceis?

Dumbledore esboçou um sorriso trémulo.

— Receio ter contado com Miss Granger para te refrear, Harry. Temia que a tua cabeça quente pudesse dominar o teu bom coração. Temia que, se fosses directamente confrontado com a verdade sobre aqueles objectos tentadores, te apoderasses dos Talismãs, como eu fiz, na altura errada e pelas razões erradas. Se viessem parar às tuas mãos, queria que os possuísses sem perigo. Tu és o verdadeiro senhor da morte, porque o verdadeiro senhor não procura fugir da Morte. Aceita o facto de que tem de morrer e compreende que há coisas muito, muito piores na vida que a morte.

— E o Voldemort nunca soube dos Talismãs da Morte?

— Acho que não, porque não reconheceu a Pedra da Ressurreição que transformou num Horcrux. Mas, mesmo que soubesse da existência deles, duvido que se interessasse por qualquer um deles, a não ser pelo primeiro. De certeza que acharia que não precisava do Manto e, quanto à Pedra, quem é que ele queria fazer regressar do mundo dos mortos? Ele teme os mortos. Ele não ama.

— Mas contava que ele fosse atrás da Varinha?

— Tinha a certeza de que iria tentar, desde o momento em que a tua varinha venceu a dele no cemitério de Little Hangleton. A princípio, receou que o tivesses vencido por seres mais talentoso. Mas, depois de raptar o Ollivander, descobriu a existência dos dois núcleos gémeos. Pensou que isso explicava tudo. Todavia, a varinha de que se apoderou não funcionou melhor ao enfrentar a tua! E, então, Voldemort, em vez de perguntar a si próprio o que teria a tua varinha para ser tão forte, qual seria o dom que possuías e ele não, resolveu procurar a única varinha que, segundo se dizia, venceria todas as outras. A Varinha de Sabugueiro tornou-se uma obsessão para ele — a única obsessão que rivalizava com a obsessão que tinha por ti. Está convencido de que a Varinha de Sabugueiro afastará as suas últimas fraquezas e torná-lo-á verdadeiramente invencível. Pobre Severus...

— Se planeou a sua morte com o Snape, queria que fosse ele a ficar com a Varinha de Sabugueiro, não era?

— Admito que era essa a minha intenção — disse Dumbledore —, mas as coisas não correram como eu queria, pois não?

— Não — disse Harry. — Nesse aspecto, não bateram certo.

A criatura atrás deles agitou-se e gemeu, e Harry e Dumbledore fizeram o silêncio mais prolongado desde que se haviam encontrado. Durante esse tempo, a compreensão do que iria acontecer a seguir foi-se abatendo a pouco e pouco sobre Harry, como flocos de neve a caírem lentamente.

— Tenho de voltar, não tenho?

— És tu quem tem de decidir.
— Tenho alguma alternativa?
— Claro que tens — disse Dumbledore, sorrindo para ele. — Estamos em King's Cross, não foi o que disseste? Acho que, se decidires não voltar, podes... por exemplo... apanhar um comboio.

— E onde me levaria esse comboio?

— Em frente — disse Dumbledore, simplesmente.

Tornou a fazer-se silêncio.

— O Voldemort tem a Varinha de Sabugueiro.

— É verdade. O Voldemort tem a Varinha de Sabugueiro.

— Mas quer que eu volte?

— Acho que, se decidires voltar — respondeu Dumbledore —, é possível que ele acabe de uma vez por todas, mas não posso prometer-to. O que sei, Harry, é que tens menos a temer se regressares do que ele.

Harry olhou mais uma vez de relance para aquela coisa avermelhada que tremia e arfava sob a cadeira ao longe.

— Não tenhas pena dos mortos, Harry. Tem pena dos vivos e, sobretudo, dos que vivem sem amor. Se voltares, poderás garantir que menos almas serão estropiadas, menos famílias serão separadas. Se achares que isso é um objectivo que vale a pena, despedir-nos-emos por agora.

Harry acenou com a cabeça e suspirou. Deixar aquele lugar não seria nem de perto tão difícil como tinha sido entrar na Floresta, mas estava num sítio acolhedor, pacífico, com luz e sabia que iria regressar ao sofrimento e ao medo de sofrer mais perdas. Levantou-se, Dumbledore fez o mesmo, e durante muito tempo olharam para o rosto um do outro.

— Diga-me só mais uma coisa — pediu Harry. — Isto é real? Ou tudo tem estado a acontecer na minha mente?

Dumbledore sorriu-lhe, e a sua voz pareceu forte e audível, apesar da névoa intensa que estava de novo a abater-se, obscurecendo a sua figura.

— Claro que está a acontecer na tua mente, Harry. Mas por que razão há-de isso significar que não é real?

XXXVI

A FALHA NO PLANO

Estava outra vez deitado no chão, de barriga para baixo. O cheiro da floresta inundava-lhe as narinas. Sentia o solo duro e frio sob a face, e a articulação dos óculos, que tinham ficado de banda com a queda, a cortar-lhe a têmpora. Não havia nada que não lhe doesse e, no sítio onde a Maldição de Morte o atingira, parecia que tinha levado um soco com um punho de ferro. Não se mexeu — ficou exactamente no sítio onde caiu, com o braço esquerdo num ângulo estranho e a boca aberta.

Estava à espera de ouvir gritos de triunfo e júbilo pela sua morte, mas, em vez disso, pelo ar perpassavam sons de passos apressados, sussurros e murmúrios ansiosos.

— Meu Senhor... *meu Senhor...*

Era a voz de Bellatrix, que falava como se estivesse a dirigir-se a um amante. Harry não se atreveu a abrir os olhos, deixando que fossem os seus outros sentidos a explorarem a difícil situação em que se encontrava. Sabia que a varinha continuava sob o manto, pois sentia-a comprimida entre o peito e o chão. Sentia também uma espécie de almofada na zona do estômago, o que lhe indicava que o Manto da Invisibilidade ainda lá estava escondido.

— Meu Senhor...

— Chega — disse a voz de Voldemort.

Mais passos: havia várias pessoas a afastarem-se do mesmo local. Ansioso por ver o que estava a acontecer e porquê, Harry abriu os olhos um milímetro.

Voldemort parecia estar a pôr-se de pé. Vários Devoradores da Morte desviavam-se apressadamente dele, juntando-se à multidão que se encontrava em torno da clareira. Só Bellatrix ficou para trás, ajoelhada ao lado de Voldemort.

Harry fechou outra vez os olhos e ficou a pensar no que tinha visto. Os Devoradores da Morte tinham-se apinhado em torno de Voldemort, que parecia ter caído no chão. Tinha acontecido qualquer coisa no momento em que atingira Harry com a Maldição de Morte. Teria Voldemort sucumbido também? Assim parecia. Ambos tinham ficado momentaneamente

inconscientes e ambos tinham recuperado a consciência...

— Meu Senhor, deixai-me...

— Não necessito de ajuda — retorquiu Voldemort com frieza e, embora não pudesse ver, Harry imaginou Bellatrix a retirar a mão que teria estendido para o ajudar. — O rapaz... está morto?

Na clareira reinava o mais absoluto silêncio. Ninguém se aproximou de Harry, mas sentia todos os olhares concentrados em si, o que parecia esmagá-lo ainda mais contra o solo. Estava aterrorizado com a possibilidade de mexer inadvertidamente um dedo ou uma pálpebra.

— Tu — disse Voldemort, e ouviu-se um estalo e um pequeno grito de dor. — Examina-o. Diz-me se está morto.

Harry não sabia a quem tinha sido ordenado que fosse confirmar a sua morte. A única coisa que podia fazer era continuar ali deitado, com o coração a bater descompassada e traiçoeiramente, à espera de ser examinado. Todavia, reparou, embora isso não o reconfortasse muito, que Voldemort estava relutante em aproximar-se dele, que suspeitava de que nem tudo tinha corrido conforme planeado.

Umhas mãos, mais suaves do que esperara, tocaram-lhe no rosto, puxaram-lhe uma pálpebra, penetraram por baixo da camisa, deslizaram-lhe pelo peito e pousaram sobre o seu coração. Ouvia a respiração acelerada de uma mulher e sentiu os seus longos cabelos a tocarem-lhe no rosto. Sabia que ela iria sentir os batimentos regulares da vida contra as suas costelas.

— O Draco está vivo? Está no castelo?

A pergunta foi feita num sussurro quase inaudível; os lábios dela estavam a poucos centímetros do ouvido de Harry; tinha inclinado tanto a cabeça que os seus longos cabelos escondiam o rosto de Harry dos olhares dos presentes.

— Está — respondeu Harry, também num sussurro.

Sentiu a mão contrair-se sobre o seu peito e as unhas cravarem-se na sua pele. Depois, a mulher retirou a mão e endireitou-se.

— Está morto! — gritou Narcissa Malfoy aos presentes.

Eles bradaram, soltaram gritos de triunfo, bateram com os pés no chão e, pelas pálpebras, Harry viu clarões de luz vermelha e prateada a iluminarem o ar em comemoração.

Continuando deitado no chão a fingir-se morto, Harry compreendeu. Narcissa sabia que a única maneira de poder entrar em Hogwarts e encontrar o filho era integrar o exército conquistador. Era-lhe indiferente que Voldemort tivesse vencido.

— Estão a ver? — gritou Voldemort, fazendo ouvir a sua voz por cima do clamor que o rodeava. — O Harry Potter morreu às minhas mãos e agora já não há ninguém que possa ameaçar-me! Vejam! *Crucio!*

Harry contara com aquilo: sabia que não iriam deixar o seu corpo jazer incólume na Floresta; teria de ser sujeito a alguma humilhação para provar a vitória de Voldemort. Foi lançado ao ar, e teve de usar toda a sua força de vontade para manter o corpo flácido, mas a dor que esperava não veio. Foi

atirado ao ar uma, duas, três vezes. Os óculos voaram, e sentiu a varinha deslizar um pouco sob o manto, mas manteve-se mole, sem vida e, quando caiu no chão pela última vez, a clareira ecoou com risos de escárnio e satisfação.

— Agora — disse Voldemort — vamos ao castelo mostrar-lhes o que aconteceu ao seu herói. Quem há-de levar o corpo? Não... Esperem...

Houve uma nova onda de risadas e, após alguns momentos, Harry sentiu o solo tremer.

— Leva-o tu — ordenou Voldemort. — Vai ser agradável ir nos teus braços, para além de que ficará bem visível, não achas? Pega no teu amiguinho, Hagrid. E os óculos... põe-lhe os óculos... é preciso que o reconheçam.

Alguém colocou os óculos de Harry outra vez no seu rosto com gestos bruscos, mas as enormes mãos que o ergueram no ar foram de uma extrema gentileza. Harry sentiu os braços de Hagrid a tremer devido aos seus soluços incontroláveis, e as lágrimas a caírem sobre ele quando Hagrid o aninhou junto a si. Não se atreveu a dizer qualquer palavra ou a fazer qualquer gesto que lhe desse a entender que ainda não estava tudo perdido.

— Despacha-te — ordenou Voldemort, e Hagrid avançou aos tropeções, abrindo caminho por entre as árvores emaranhadas da Floresta. Os ramos ficavam presos no cabelo e no manto de Harry, que se mantinha imóvel, de boca aberta e olhos fechados. Na escuridão, rodeados de Devoradores da Morte e por entre os soluços indistinctíveis de Hagrid, ninguém se deu ao trabalho de ver se havia sinais de um coração a pulsar no pescoço desnudado de Harry Potter...

Os dois gigantes caminhavam pesadamente atrás dos Devoradores da Morte; Harry ouvia as árvores a estalarem e a tombarem à passagem deles; faziam tanto barulho que os pássaros esvoaçavam, aos guinchos, e até os insultos dos Devoradores da Morte eram abafados. O desfile vitorioso continuava a avançar e, passado algum tempo, Harry conseguiu perceber, pela luminosidade que perpassava pelas suas pálpebras fechadas, que as árvores começavam a rarear.

— BANE!

O inesperado grito de Hagrid quase forçou Harry a abrir os olhos.

— ‘Tão felizes agora, não ‘tão? Não tiveram de lutar, sua manada de mulas cobardes! ‘Tão felizes por ver o Harry Potter... m... morto...?’

Não conseguiu continuar e as lágrimas irromperam mais uma vez dos seus olhos. Harry tentou imaginar quantos centauros estariam a ver o desfile passar, pois não se atrevia a abrir os olhos. Alguns Devoradores da Morte gritavam insultos aos centauros que iam deixando para trás. Pouco depois o ar refrescou, e Harry percebeu que tinham chegando à berma da Floresta.

— Pára!

Harry pensou que Hagrid tinha sido obrigado a obedecer à ordem de Voldemort, pois sentiu-o cambalear ligeiramente. Abateu-se sobre eles um ar

frio, e Harry ouviu a respiração ruidosa dos Dementors que patrulhavam a orla da Floresta. Já não conseguiam afectá-lo. Sentia dentro de si o fogo da sua própria sobrevivência, um talismã que o protegia deles, como se o veado do pai estivesse de guarda ao seu coração.

Alguém passou perto de Harry. Percebeu que tinha sido o próprio Voldemort, porque o ouviu falar pouco depois, com uma voz amplificada como que por magia, troando à sua volta e quase lhe rebentando os tímpanos.

— O Harry Potter morreu. Foi morto quando ia a fugir, tentando salvar-se, enquanto vocês davam a vida por ele. Trazemo-vos o seu corpo como prova de que o vosso herói morreu.

«A batalha está ganha. Perderam metade dos vossos combatentes. Os meus Devoradores da Morte são em muito maior número que vocês, e o Rapaz Que Sobreviveu já não existe. A guerra tem de acabar. Quem continuar a resistir, seja homem, mulher ou criança, será morto, assim como todos os membros da sua família. Por isso, saiam agora do castelo, ajoelhem-se perante mim e serão poupados. Os vossos pais, os vossos filhos, os vossos irmãos sobreviverão, serão perdoados, e todos se juntarão a mim no novo mundo que iremos construir em conjunto.

Reinava o mais absoluto silêncio tanto no exterior como no interior do castelo. Voldemort estava tão perto de si que Harry não se atrevia a abrir de novo os olhos.

— Anda — ordenou Voldemort. Harry ouviu-o recomençar a andar, e Hagrid foi obrigado a segui-lo. Abriu ligeiramente os olhos e viu Voldemort a caminhar à sua frente, com grandes passadas, e com a enorme serpente *Nagini*, agora liberta da sua gaiola encantada, à volta dos ombros. Mas, com a luz que aos poucos ia aclarando a noite, era completamente impossível a Harry tirar a varinha escondida por baixo do manto sem que os Devoradores da Morte, que seguiam de ambos os lados, dessem por isso...

— Harry — soluçou Hagrid. — Oh, Harry... Harry...

Tornou a fechar os olhos com força. Sabia que estavam a aproximar-se do castelo e tentou distinguir, por sobre as vozes satisfeitas e os passos pesados dos Devoradores da Morte, qualquer sinal de vida dos ocupantes.

— Parem!

Os Devoradores da Morte imobilizaram-se e Harry ouviu-os disporem-se em linha frente às portas abertas da escola. Mesmo com as pálpebras fechadas, viu o clarão vermelho da luz vindo do *Hall* de Entrada. Aguardou. A qualquer momento, as pessoas por quem tinha tentado morrer vê-lo-iam nos braços de Hagrid, aparentemente morto.

— NÃO!

O grito foi tanto mais terrível porque jamais esperara ou sonhara que da boca da Professora McGonagall pudesse sair tal som. Ouviu uma outra mulher a rir-se perto de si e percebeu que era Bellatrix a rejubilar com o desespero de McGonagall. Tornou a entreabrir os olhos, por uma fracção de segundo, e viu as portas abertas a encheram-se de pessoas, à medida que os sobreviventes da

batalha se juntavam nos degraus da frente para enfrentar os seus vencedores e verem com os seus próprios olhos que era verdade que Harry morrera. Voldemort estava ligeiramente à sua frente, a acariciar com um dedo branco a cabeça de *Nagini*. Tornou a fechar os olhos.

— Não!

— *Não!*

— Harry! HARRY!

As vozes de Ron, Hermione e Ginny eram mais angustiadas que a de McGonagall. A coisa que Harry mais desejava era poder responder-lhes, mas manteve-se em silêncio. Os gritos dos amigos funcionaram como um detonador, e a multidão de sobreviventes fez eco da sua dor, bradando e vociferando contra os Devoradores da Morte, até que...

— SILÊNCIO! — gritou Voldemort, e ouviu-se uma explosão seguida por um clarão intenso, que impôs o silêncio a todos os presentes. — Acabou-se! Pousa-o aos meus pés, Hagrid, que é o sítio onde ele merece estar.

Harry sentiu o seu corpo ser depositado sobre a relva.

— Estão a ver? — disse Voldemort, e Harry percebeu que ele estava a andar para trás e para a frente muito perto do sítio onde se encontrava. — O Harry Potter está morto! Estão a perceber agora como foram ludibriados? Não era nada, nunca foi nada, a não ser um rapaz que contava que os outros se sacrificassem por ele!

— Ele venceu-te! — gritou Ron. O feitiço quebrou-se, e os defensores de Hogwarts começaram a gritar até que uma segunda explosão, mais forte que a primeira, extinguiu de novo as suas vozes.

— Ele foi morto quando tentava escapular-se dos terrenos do castelo — insistiu Voldemort, e a mentira emprestava-lhe à voz um tom de satisfação; depois acrescentou: — Foi morto quando tentava salvar a sua própria pele...

Nesse momento, Voldemort interrompeu o seu discurso; Harry ouviu um tumulto, um grito, depois outra explosão, um clarão de luz e um gemido de dor; abriu uma nesga infinitesimal dos olhos. Alguém se tinha separado da multidão e avançava sobre Voldemort. Harry viu o vulto cair no chão e Voldemort Desarmá-lo, lançar para longe a varinha do atacante e dar uma gargalhada.

— Quem é este? — perguntou com a sua voz sibilante. — Quem é que se ofereceu para demonstrar o que acontece aos que quiserem continuar a travar uma batalha perdida?

Bellatrix deu uma gargalhada deliciada.

— É o Neville Longbottom, Senhor. O rapaz que tem dado tanto trabalho aos Carrow! O filho dos Aurors, estais lembrado?

— Ah, sim, já me lembro — disse Voldemort, olhando para Neville que estava a tentar pôr-se de pé, desarmado e desprotegido, na terra de ninguém entre os sobreviventes e os Devoradores da Morte. — Mas tu és um puro-sangue, não és, meu rapaz? — perguntou a Neville, que entretanto se tinha levantado e estava voltado para ele, de punhos cerrados.

— E se for? — desafiou Neville em voz alta.

— Mostras coragem, bravura e que vens de uma linhagem nobre. Serás um Devorador da Morte valioso. Precisamos de gente como tu, Neville Longbottom.

— Juntar-me-ei a vocês quando o inferno congelar — respondeu Neville.

— Exército de Dumbledore! — gritou, e as suas palavras suscitaram gritos de apoio que os feitiços silenciadores de Voldemort pareciam incapazes de reprimir.

— Muito bem — disse Voldemort, e Harry pressentiu mais perigo no tom melífluo da sua voz que na mais poderosa das suas maldições. — Se é essa a tua escolha, Longbottom, voltamos ao plano original. Que seja! — acrescentou calmamente.

Ainda a espreitar por entre as pestanas, Harry viu Voldemort agitar a varinha. Segundos depois, algo que parecia um pássaro disforme voou de uma das janelas estilhadas do castelo para a semi-obscuridade onde se encontravam e aterrou na mão de Voldemort. Depois de o sacudir pelo bico bolorento, o objecto ficou ali a balançar, vazio e esfarrapado: era o Chapéu Seleccionador.

— Não haverá mais Selecções em Hogwarts, — disse Voldemort. — Não haverá mais equipas. O emblema, o escudo e as cores do meu nobre antepassado, Salazar Slytherin, servirão para todos, não achas, Neville Longbottom?

Apontou a varinha a Neville, que ficou rígido e imóvel, e depois enterrou o Chapéu à força na cabeça dele, o qual lhe deslizou até aos olhos. As pessoas que estavam a presenciar a cena junto ao castelo mexeram-se, e os Devoradores da Morte levantaram todos ao mesmo tempo as suas varinhas, mantendo os combatentes de Hogwarts ao longe.

— Aqui o Neville vai demonstrar o que acontece a quem comete o disparate de continuar a fazer-me frente — disse Voldemort e, com um movimento da varinha, fez o Chapéu Seleccionador romper em chamas.

A madrugada foi rasgada por gritos. Neville estava a arder, sem conseguir mexer-se, e Harry não aguentou mais: tinha de agir...

E, então, aconteceram várias coisas ao mesmo tempo.

Ouviram um clamor vindo dos limites da escola que dava a sensação de que centenas de pessoas ultrapassavam as muralhas distantes e corriam em tropel para o castelo, lançando gritos de guerra. Ao mesmo tempo, Grawp surgiu no seu passo pesado de um dos lados do castelo e gritou «HAGGER!» Ao seu grito responderam os rugidos dos gigantes de Voldemort, que correram para Grawp como elefantes enraivecidos, fazendo o chão tremer. A seguir, ouviu-se o som de cascos, de arcos a retesarem-se e, repentinamente, começaram a chover setas sobre os Devoradores da Morte, que dispersaram, a gritar de surpresa. Harry puxou o Manto da Invisibilidade de debaixo da roupa, atirou-o para cima de si e pôs-se de pé com um salto, no momento em que Neville se movia igualmente.

Com um movimento rápido e fluido, Neville libertou-se do feitiço da Ligadura Total do Corpo; o Chapéu em chamas caiu-lhe da cabeça e ele retirou das suas profundezas uma coisa prateada, com um punho cintilante cravejado de rubis.

Foi impossível ouvir o som da lâmina prateada acima do alarido da multidão que se aproximava, do clamor dos gigantes em luta, ou da cavalcada dos centauros, mas, apesar disso, todos os olhares convergiram sobre ela. Com um único golpe, Neville cortou a cabeça da enorme serpente, que rodopiou no ar, brilhando sob a luz que jorrava do *Hall* de Entrada. A boca de Voldemort abriu-se num grito de fúria que ninguém conseguiu ouvir, ao mesmo tempo que o corpo da serpente embatia no chão, junto aos seus pés.

Escondido sob o Manto da Invisibilidade, Harry lançou um Feitiço do Escudo Invisível entre Neville e Voldemort, antes que este pudesse erguer a varinha. Depois, sobrepondo-se aos gritos, aos rugidos e ao som ameaçador dos gigantes em luta, ouviu-se a voz de Hagrid:

— HARRY! HARRY! ONDE ESTÁ O HARRY?

Reinava o caos mais absoluto. Os centauros, ao ataque, dispersavam os Devoradores da Morte, todos fugiam dos pés dos gigantes, e cada vez se aproximava mais o clamor dos reforços vindos ninguém sabia de onde; Harry viu enormes criaturas aladas voando em redor das cabeças dos gigantes de Voldemort, e Thestrals e o Hipogrifo *Buckbeak* arranhando-lhes os olhos, enquanto Grawp os esmurrava; e, ao mesmo tempo, tanto os feiticeiros, defensores de Hogwarts, como os Devoradores da Morte de Voldemort eram forçados a voltar para o castelo. Harry ia lançando feitiços e maldições a todos os Devoradores da Morte que via, que imediatamente soçobravam, sem se darem conta de quem ou do que os tinha atingido, sendo pisados pela multidão em debandada.

Ainda escondido sob o Manto da Invisibilidade, Harry foi empurrado para o *Hall* de Entrada; andava à procura de Voldemort e viu-o do outro lado da sala, a disparar feitiços com a varinha ao mesmo tempo que recuava em direcção ao Salão Nobre, sempre a gritar ordens aos seus seguidores e a lançar maldições em todas as direcções; Harry desferiu mais alguns Feitiços do Escudo Invisível, e duas das potenciais vítimas de Voldemort, Seamus Finnigan e Hannah Abbott, passaram por ele a toda a velocidade, indo juntar-se à batalha que já estava a ser travada no Salão Nobre.

Havia cada vez mais pessoas a subirem os degraus da entrada. Harry viu Charlie Weasley a ultrapassar Horace Slughorn, que ainda envergava o seu pijama verde-esmeralda. Pareciam encabeçar todos os familiares e amigos dos alunos de Hogwarts que tinham ficado no castelo para combater, juntamente com os comerciantes e habitantes de Hogsmeade. Os centauros Bane, Ronan e Magorian irromperam no *Hall*, provocando grande estrépito com os cascos, no momento em que, atrás de Harry, a porta que ia dar à cozinha foi pelos ares.

Os elfos domésticos de Hogwarts encheram o *Hall* de Entrada, aos gritos,

empunhando facas e cutelos. À frente deles, com o medalhão de Regulus Black a balançar sobre o peito, vinha Kreacher, fazendo ouvir a sua voz de sapo por sobre o imenso barulho que os rodeava, a exortar os companheiros: «Lutem! Lutem! Lutem pelo meu senhor, defensor dos elfos! Combatam o Senhor das Trevas, em nome do corajoso Regulus! Lutem!

Atacavam e golpeavam os tornozelos e as canelas dos Devoradores da Morte, com os seus pequenos rostos muito vivos, cheios de malícia. Para onde quer que olhasse, Harry via Devoradores da Morte a soçobram, vencidos por feitiços, a arrancarem setas das feridas, a serem esfaqueados pelos elfos ou simplesmente a tentar fugir, sendo, porém, engolidos pela horda que se aproximava.

Mas a luta ainda não tinha acabado: Harry correu por entre os combatentes e os prisioneiros que se digladiavam e entrou no Salão Nobre.

Voldemort ocupava o centro da batalha, atacando e matando tudo o que se encontrava ao seu alcance. Harry não conseguia atingi-lo de longe, mas foi abrindo caminho até junto dele, ainda invisível. O Salão Nobre ia ficando cada vez mais apinhado, à medida que todos os que ainda conseguiam andar tentavam entrar.

Viu Yaxley ser derrubado por George e Lee Jordan, viu Dolohov cair com um grito às mãos de Flitwick, viu Walden Macnair ser atirado dum lado ao outro do Salão por Hagrid, embater na parede de pedra e cair no chão, inconsciente. Viu Ron e Neville derrubarem Fenrir Greyback. Aberforth Atordou Rookwood, Arthur e Percy derrotaram Thicknesse, e Lucius e Narcissa Malfoy corriam pelo Salão, sem tentarem sequer combater, limitando-se a gritar pelo filho.

Voldemort estava agora a lutar com McGonagall, Slughorn e Kingsley, todos ao mesmo tempo, e havia uma expressão fria, de ódio, no seu rosto, enquanto eles se desviavam e se baixavam, sem conseguirem derrotá-lo.

Bellatrix continuava também a lutar a uns cinquenta metros de Voldemort e, à semelhança do seu amo, também ela enfrentava três opositores simultaneamente: Hermione, Ginny e Luna, todas a darem tudo por tudo, mas incapazes de se sobrepor a Bellatrix. A atenção de Harry foi desviada por momentos, quando uma Maldição de Morte passou tão perto de Ginny que esta escapou por um triz.

Mudou de direcção, correndo para Bellatrix em vez de Voldemort, mas foi subitamente empurrado para o lado.

— A MINHA FILHA NÃO, SUA CABRA!

A correr, Mrs. Weasley despiu o manto para libertar os braços. Bellatrix deu meia-volta e soltou uma estridente gargalhada ao ver a sua nova opositora.

— SAIAM DA FRENTE! — gritou Mrs. Weasley para as três raparigas e começou a lutar, empunhando a varinha. Harry observou com um misto de terror e entusiasmo a varinha de Molly Weasley a cortar o ar, a rodopiar, e o sorriso de Bellatrix LeStrange a esmorecer, transformando-se num esgar. De

ambas as varinhas surgiram jactos de luz, e o chão começou a aquecer e a estalar sob os pés das duas feiticeiras: ambas travavam um combate de morte.

— Não! — gritou Mrs. Weasley quando viu alguns alunos correrem na sua direcção para a ajudar. — Afastem-se! Afastem-se! Deixem-na por minha conta!

Havia agora centenas de pessoas encostadas às paredes a assistirem aos dois combates: o de Voldemort com os seus três opositores e o de Bellatrix e Molly. Harry continuava invisível, dividido entre ambos, desejando simultaneamente atacar e defender, mas sem ter a certeza de que não acabaria por atingir alguém inocente.

— O que acontecerá aos teus filhos quando eu te matar? — provocou Bellatrix, tão enlouquecida como o seu amo, saltando para se desviar das maldições lançadas por Molly, que choviam em seu redor. — Quando acontecer à mamã o mesmo que aconteceu ao Freddie?

— Não... tornarás... a tocar... nos meus filhos! — gritou Mrs. Weasley.

Bellatrix soltou uma gargalhada, a mesma gargalhada de júbilo que o seu primo Sirius soltara ao cair para trás através do Véu e, de repente, Harry viu claramente o que estava para acontecer.

A maldição de Molly passou por baixo do braço estendido de Bellatrix e acertou-lhe em cheio no peito, mesmo em cima do coração.

O sorriso de troça de Bellatrix imobilizou-se e os seus olhos pareceram sair das órbitas: por um instante fugaz teve consciência do que tinha acontecido e, logo a seguir, caiu para a frente. Levantou-se um enorme clamor entre a multidão que assistia ao combate, e Voldemort soltou um grito.

Harry teve a sensação de estar a voltar-se em câmara lenta. Viu McGonagall, Kingsley e Slughorn serem projectados para trás, contorcendo-se no ar, no momento em que a fúria de Voldemort perante a morte da sua última e melhor combatente irrompeu com a potência de uma bomba. Ergueu a varinha e apontou-a a Molly Weasley.

— *Protego!* — gritou Harry, e o Feitiço do Escudo Invisível projectou-se no meio do Salão. Voldemort olhou à sua volta, para tentar descobrir de onde ele tinha partido e, nesse momento, Harry tirou finalmente o Manto da Invisibilidade.

Os gritos de choque ou de alegria vindos de todos os lados, repetindo «Harry! ESTÁ VIVO!», foram rapidamente abafados pelo medo. Abateu-se um silêncio abrupto e total sobre o Salão. Voldemort e Harry entreolharam-se e começaram a andar em torno um do outro.

— Não quero que ninguém tente ajudar-me! — gritou Harry bem alto. No meio do silêncio, a sua voz soou como um toque de trombeta. — Tem de ser assim. Tenho de ser eu.

— Ele não está a dizer o que pensa — sibilou Voldemort, com os olhos vermelhos muito abertos. — Não é assim que ele age, pois não? Quem é que vais utilizar hoje como escudo, Potter?

— Ninguém — respondeu Harry. — Não há mais Horcruxes. Agora é só

entre nós. Nenhum pode viver enquanto o outro sobreviver. Um de nós está prestes a acabar para sempre...

— Um de nós? — repetiu Voldemort num tom de escárnio, com o corpo retesado e os olhos muito vermelhos, qual serpente pronta a atacar. — Achas que vais ser tu, não achas, o miúdo que sobreviveu por acaso e porque o Dumbledore puxou uns cordelinhos?

— Por acaso, quando a minha mãe morreu para me salvar? — contrapôs Harry. Continuavam a andar de lado, descrevendo um círculo perfeito e mantendo sempre a mesma distância um do outro. Para Harry não existia mais nenhum rosto além do de Voldemort. — Foi por acaso que eu decidi lutar naquele cemitério? Foi por acaso que não me defendi esta noite e, mesmo assim, sobrevivi e voltei para tornar a combater?

— Sim, foi por acaso! — gritou Voldemort, que continuava a não atacar. A multidão que os rodeava estava como que petrificada. Parecia que, das centenas de pessoas que se encontravam no Salão, apenas eles os dois respiravam. — Acasos! Rasgos de sorte! E também o facto de te teres escondido a choramingar sob as saias de homens e mulheres superiores a ti, deixando que eu os matasse por ti!

— Mas não matarás mais ninguém esta noite! — garantiu Harry. Continuavam a movimentar-se em círculos, de olhos fixos um no outro, verde contra vermelho. — Não conseguirás matar mais ninguém, nunca mais! Não percebes? Eu estava disposto a morrer para te impedir de fazer mal a estas pessoas...

— Mas não morreste!

— ... mas foi essa a minha intenção e foi por isso que o desfecho foi este. Fiz o mesmo que a minha mãe. Estão protegidos contra ti. Ainda não reparaste que nenhum dos feitiços que lançaste sobre eles funcionou? Não consegues torturá-los. Não consegues atingi-los. És incapaz de aprender com os teus erros, não és, Riddle?

— Como te atreves...?

— Sim, atrevo-me — retorquiu Harry. — Sei coisas que tu não sabes, Tom Riddle. Sei muitas coisas importantes que tu desconheces. Queres saber algumas delas antes de cometeres mais algum erro?

Voldemort não disse nada. Continuou a andar em círculo, e Harry percebeu que, por momentos, tinha conseguido detê-lo, suspenso da possibilidade de Harry ter realmente um segredo final.

— É outra vez o amor? — perguntou Voldemort com um sorriso de escárnio no seu rosto de serpente. — A solução preferida do Dumbledore, o amor, que para ele podia vencer a morte, apesar de não o ter impedido de cair da Torre e se ter despedaçado como uma estátua de cera? O amor, que não me impediu de esmagar a tua mãe Sangue de Lama como se fosse uma barata, Potter... Mas parece que desta vez ninguém vai amar-te o suficiente para se pôr à tua frente e interceptar a minha maldição. O que irá impedir-te de morreres quando eu atacar?

— Uma coisa apenas — respondeu Harry. Continuavam a andar às voltas, presos um ao outro, separados apenas pelo último segredo.

— Se não é o amor que te vai salvar desta vez — acrescentou Voldemort —, deves estar convencido de que tens poderes mágicos que eu não tenho ou que possuis uma arma mais poderosa que a minha?

— Estou convencido de ambas as coisas — retorquiu Harry, e viu um breve esgar de choque no rosto pérfido do seu opositor, que imediatamente o repeliu; Voldemort começou a rir-se, e o som das suas gargalhadas, ainda mais assustador que o dos seus gritos, desprovidas de humor e perpassadas de loucura, ecoou pelo Salão silencioso.

— Achas que percebes mais de magia que eu? — perguntou. — Que eu, Lord Voldemort, capaz de actos de magia com que o próprio Dumbledore nem sequer sonhava?

— Sonhava, sim — exclamou Harry —, mas sabia mais que tu, sabia o suficiente para não fazer o que tu fizeste.

— O que tu queres dizer é que ele era um fraco! — gritou Voldemort. — Demasiado fraco para ousar, demasiado fraco para se apoderar do que poderia ter sido dele e que será meu!

— Não, era mais inteligente que tu — respondeu Harry. — Era melhor que tu, como feiticeiro e como homem.

— Fui eu quem causou a morte do Albus Dumbledore!

— Pensas que foste, mas estás enganado!

Pela primeira vez, a multidão que assistia à cena agitou-se ao suspender, em unísono, a respiração.

— O Dumbledore morreu! — Voldemort arremessou estas palavras a Harry, como se pudessem causar-lhe uma dor insuportável. — O seu corpo está a decompor-se no túmulo de mármore nos jardins do castelo. Vi-o com os meus próprios olhos, Harry. Não voltará ao mundo dos vivos!

— É verdade, o Dumbledore morreu — disse Harry calmamente —, mas não foste tu quem o matou. Foi ele que escolheu a sua própria morte, escolheu-a meses antes de morrer, combinou tudo com o homem que pensavas ser teu criado.

— Que sonho infantil é esse? — perguntou Voldemort, ainda sem atacar, mas também sem desviar os seus olhos vermelhos dos de Harry.

— O Severus Snape não te pertencia — continuou Harry. — O Snape pertencia ao Dumbledore. Servia-o desde o momento em que começaste a perseguir a minha mãe. E tu nunca te apercebeste disso, precisamente por causa daquilo que não consegues entender. Nunca viste o Snape lançar um Patronus, pois não, Riddle?

Voldemort não respondeu. Continuavam a andar à volta como dois lobos prestes a despedaçarem-se.

— O Patronus do Snape era uma corça como o da minha mãe, porque ele sempre a amou, desde o tempo em que eram crianças. Devias ter percebido isso quando ele te pediu que a poupasses.

Harry viu as narinas de Voldemort dilatarem-se, estremecerem.

— Ele desejava-a, mais nada — respondeu, com um riso de escárnio. — Mas quando ela morreu, percebeu que havia outras mulheres, de sangue mais puro e mais merecedoras dele...

— Claro. Foi o que ele te disse — aquiesceu Harry —, mas tornou-se espião do Dumbledore a partir do momento em que a ameaçaste e nunca mais deixou de agir contra ti! O Dumbledore já estava a morrer quando o Snape acabou com ele!

— Isso não interessa! — gritou Voldemort, que tinha ouvido cada uma das palavras de Harry com a mais profunda atenção, mas irrompeu numa risada louca. — Não interessa se o Snape estava ao meu serviço ou ao do Dumbledore, nem quais os obstáculos mesquinhos que tentaram interpor no meu caminho! Porque a verdade é que os esmaguei a todos como esmaguei a tua mãe, esse grande amor do Snape! Nem imaginas como tudo isso faz sentido, Potter!

«O Dumbledore queria impedir que me apoderasse da Varinha de Sabugueiro! Queria que fosse o Snape o verdadeiro dono da Varinha! Mas eu antecipei-me, meu rapaz... Deitei mão à Varinha antes de ti. Percebi a verdade antes de ti. Matei o Severus Snape há três horas, e a Varinha de Sabugueiro, o Pau da Morte, a Varinha do Destino, é minha. Minha! O último plano do Dumbledore correu mal, Harry Potter!

— Pois correu — disse Harry. — Tens razão. Mas antes de tentares matar-me, aconselho-te a pensares no que fizeste... pensa e tenta sentir alguns remorsos, Riddle...

— Que estás para aí a dizer?

De todas as coisas que Harry lhe tinha dito, incluindo as revelações e os insultos, nada chocara tanto Voldemort como aquelas palavras. Harry viu as suas pupilas contraírem-se em duas pequenas fendas e a pele em torno dos seus olhos embranquecer.

— É a tua última hipótese — disse Harry. — É tudo o que te resta... Já vi o que te acontecerá, se não o fizeres... sê um homem... tenta... tenta arrepender-te...

— Atreves-te a...? — repetiu Voldemort.

— Sim, atrevo-me — respondeu Harry —, porque o último plano do Dumbledore não se voltou contra mim. Voltou-se foi contra ti, Riddle.

A Varinha de Sabugueiro tremia nas mãos de Voldemort, e Harry segurou com força a varinha de Draco. Sabia que faltavam poucos segundos.

— Essa varinha não funciona como deve ser contigo porque mataste a pessoa errada. O Severus Snape nunca foi o verdadeiro dono da Varinha de Sabugueiro, porque nunca derrotou o Dumbledore.

— Ele matou...

— Não estás a ouvir-me? O Snape nunca venceu o Dumbledore!

«A morte do Dumbledore foi planeada pelos dois. O Dumbledore queria morrer sem ser derrotado para ser o último dono da Varinha! Se as coisas

tivessem corrido conforme o planeado, o poder da Varinha teria acabado com a morte dele, porque ninguém lha conquistara!

— Mas então, Potter, na prática foi como se o Dumbledore me tivesse dado a Varinha! — A voz de Voldemort tremeu com verdadeiro prazer. — Roubei-a do caixão do seu último dono! Tirei-a de lá contra os desejos dele! Portanto, o poder da Varinha é meu!

— Ainda não percebeste, Riddle, pois não? Não basta possuir a Varinha. Tê-la, usá-la, não faz com que seja realmente tua. Não ouviste o que o Ollivander te disse? A varinha é que escolhe o feiticeiro... A Varinha de Sabugueiro reconheceu o seu novo dono antes de o Dumbledore morrer, alguém que nem sequer lhe chegou a tocar. Esse novo dono tirou a Varinha ao Dumbledore contra a sua vontade, sem perceber o que estava a fazer, sem se dar conta de que a varinha mais poderosa do mundo lhe dera a sua fidelidade...

O peito de Voldemort subia e descia rapidamente, e Harry sentiu a maldição prestes a partir, a ganhar força na Varinha apontada ao seu rosto.

— O verdadeiro dono da Varinha de Sabugueiro era o Draco Malfoy.

Por um momento houve uma expressão de profundo choque no rosto de Voldemort.

— O que é que isso interessa? — perguntou calmamente. — Mesmo que tenhas razão, Potter, isso é indiferente para ti e para mim. Já não tens a varinha da fénix: o nosso duelo dependerá apenas da nossa habilidade... e, depois de acabar contigo, posso ir tratar do Draco Malfoy...

— É tarde de mais — disse Harry. — Perdeste a tua oportunidade. Eu cheguei lá primeiro. Venci o Draco há várias semanas e tirei-lhe a varinha.

Harry agitou a varinha de espinheiro e sentiu os olhos de todos os ocupantes do Salão cravados nela.

— Portanto, resume-se tudo a isto, não é? — sussurrou Harry. — A varinha que está na tua mão saberá que o seu último dono foi Desarmado? É que, se souber... Sou eu o verdadeiro dono da Varinha de Sabugueiro.

De repente, viu-se um clarão vermelho-dourado no céu encantado sobre as suas cabeças, no momento em que um deslumbrante raio de sol surgiu sobre o peitoril da janela mais próxima. A luz atingiu o rosto de ambos ao mesmo tempo, o que fez com que, por instantes, o de Voldemort parecesse apenas uma mancha flamejante. Harry ouviu a voz aguda do seu adversário gritar e também ele dirigiu aos céus a sua maior esperança, apontando a varinha de Draco:

— *Avada Kedavra!*

— *Expelliarmus!*

A colisão assemelhou-se a um tiro de canhão, e as chamas douradas que irromperam entre ambos, no centro do círculo que tinham descrito, marcaram o ponto onde os feitiços se entrecrocaram. Harry viu o jacto de luz verde de Voldemort embater no feitiço que ele próprio lançara, viu a Varinha de Sabugueiro voar pelos ares, a sua silhueta escura contrastando com o sol que

se erguia. Girou através do tecto encantado como a cabeça de *Nagini* e rodopiou pelo ar em direcção ao dono que não mataria e que finalmente se tinha apoderado dela. E Harry, com a infalível pontaria de um *Seeker*, apanhou a Varinha com a mão livre, ao mesmo tempo que Voldemort caía para trás, de braços abertos, revirando as pupilas fendidas dos seus olhos escarlates. Tom Riddle embateu no chão como qualquer ser mortal, o corpo débil e encolhido, as mãos brancas vazias e o seu rosto de serpente sem expressão. Voldemort morrera devido ao efeito de ricochete da sua própria maldição, e Harry, com duas varinhas na mão, ficou a contemplar o corpo do seu inimigo.

Por um segundo, reinou um silêncio assustado, deixando em suspenso o choque provocado por aquela cena; depois um enorme tumulto irrompeu em torno de Harry, os gritos, vivas e urros dos presentes rasgando o ar. O sol intenso penetrava pelas janelas, ao mesmo tempo que as pessoas convergiram sobre Harry. Os primeiros a chegar foram Ron e Hermione, e foram os seus braços que o envolveram e os seus gritos incompreensíveis que não o deixaram ouvir mais nada. A seguir vieram Ginny, Neville, Luna, todos os Weasley, Hagrid, Kingsley, McGonagall, Flitwick e Sprout, e Harry não conseguia ouvir uma única palavra do que diziam, nem percebia de quem eram as mãos que o agarravam, puxavam, tentavam abraçá-lo, centenas de mãos, todas a quererem tocar no Rapaz que Sobreviveu, a razão que fizera com que tudo tivesse, por fim, terminado.

O sol erguia-se, intenso, sobre Hogwarts, e o Salão Nobre brilhava de vida e luz. Harry era o centro de uma mistura de sentimentos de alegria e luto, dor e celebração que ali coexistiam. Queriam que estivesse junto deles, era o seu líder, o seu símbolo, o seu salvador e o seu guia. Aparentemente ninguém se lembrava de que não tinha dormido e que ansiava pela companhia de apenas alguns deles. Tinha de falar com os que tinham perdido os seus entes queridos, apertar-lhes as mãos, ver as suas lágrimas, receber os seus agradecimentos, ouvir as notícias que, à medida que a manhã passava, chegavam de todos os lados, anunciando que as vítimas da Maldição Imperius voltavam a si por todo o país, que os Devoradores da Morte fugiam ou eram capturados, que os inocentes presos em Azkaban estavam a ser libertados, e que Kingsley Shacklebolt fora temporariamente nomeado Ministro da Magia.

Retiraram o corpo de Voldemort e depuseram-no numa câmara ao lado do Salão, longe dos corpos de Fred, Tonks, Lupin, Colin Creevey e mais cinquenta que tinham morrido a combatê-lo. McGonagall tinha voltado a colocar as mesas das equipas, mas já ninguém se sentava pela respectiva ordem: estavam todos misturados, professores e alunos, fantasmas e pais, centauros e elfos. Firenze recuperava a um canto, e Grawp espreitava por uma janela partida e as pessoas atiravam-lhe comida para a bocarra escancarada. Passado algum tempo, esgotado, Harry deu consigo sentado num banco ao lado de Luna.

— Se estivesse no teu lugar, precisava de um bocado de paz e sossego —

disse Luna.

— Era mesmo o que eu queria — confirmou Harry.

— Eu distraio-os. Usa o Manto.

E, antes que ele pudesse dizer o que quer que fosse, Luna gritou:

— Olhem, um Blibbering Humdinger! — e apontou para a janela.

Voltaram-se todos, e Harry cobriu-se com o Manto e levantou-se.

Assim, podia atravessar o Salão sem ninguém dar por nada. Viu Ginny duas mesas adiante. Estava sentada com a cabeça no ombro da mãe; teriam tempo para falar mais tarde, horas, dias e até, anos talvez. Viu Neville, com a espada de Gryffindor pousada ao lado do prato enquanto comia, rodeado por um grupo de fervorosos admiradores. Foi percorrendo a coxia entre as mesas e avistou os três Malfoy, abraçados, como se não soubessem se deviam estar ali ou não, mas a verdade é que ninguém lhes prestava a mínima atenção. Para onde quer que olhasse, via famílias reunidas e, por fim, descobriu as pessoas por cuja companhia mais ansiava.

— Sou eu — murmurou, agachando-se entre eles. — Vêm comigo?

Levantaram-se imediatamente e juntos, ele, Ron e Hermione deixaram o Salão Nobre. Faltavam grandes pedaços da escadaria de mármore, uma parte do corrimão tinha desaparecido e havia manchas de sangue e destroços em muitos degraus.

Ouviram algures, ao longe, a voz de Peeves a ecoar por entre os corredores, entoando um cântico de vitória composto por ele próprio:

Conseguimos, acabámos com eles, o Potter é o maior.

E o Voldy está a apodrecer. Agora vai ser sempre a abrir!

— Dá uma ideia da dimensão da tragédia, não acham? — perguntou Ron, empurrando uma porta para deixar passar Harry e Hermione.

A felicidade viria, pensou Harry, mas por agora o cansaço eclipsava-a. A dor de ter perdido Fred, Lupin e Tonks dilacerava-o como se de uma ferida física se tratasse. Mas, acima de tudo, sentia um alívio inenarrável e um forte desejo de dormir. Primeiro, porém, tinha de dar uma explicação a Ron e Hermione que tinham permanecido tanto tempo a seu lado e mereciam a verdade. Com enorme esforço, contou-lhes tudo o que tinha visto no Pensatório, o que tinha acontecido na Floresta e, ainda eles não tinham sequer começado a exprimir todo o choque e espanto que as revelações de Harry provocavam, quando chegaram ao sítio para onde se dirigiam, apesar de nenhum deles ter mencionado que local era esse.

Desde a última vez que a tinha visto, a gárgula que guardava a entrada do gabinete do Director tinha sido derrubada. Jazia de lado, como se tivesse levado um soco, e Harry pensou se, naquele estado, ainda conseguiria distinguir as senhas.

— Podemos subir? — perguntou à gárgula.

— À vontade — gemeu a estátua.

Passaram por cima dela e dirigiram-se à escada em espiral que ascendia lentamente como se fosse uma escada rolante. Chegados ao cimo, Harry empurrou a porta.

Viu de relance o Pensatório no local onde o tinha deixado, sobre a mesa, e depois um barulho ensurdecedor fê-lo exclamar alto e pensar em maldições, no retorno dos Devoradores da Morte e no renascimento de Voldemort.

Mas, afinal, eram aplausos. Nas paredes, os directores e directoras de Hogwarts aplaudiam-no de pé, acenando com os chapéus e nalguns casos com as cabeleiras; debruçavam-se das molduras para apertar as mãos uns aos outros; dançavam nas cadeiras onde tinham sido retratados; Dily Derwent soluçava abertamente, Dexter Fortescue acenava com a corneta acústica, e Phineus Niggelus gritou, com a sua voz aguda e esganiçada, «E note-se que a equipa de Slytherin deu o seu contributo! Ninguém deve esquecer o nosso contributo!»

Harry, porém, só tinha olhos para o homem que estava no maior dos quadros, atrás da cadeira do Director. Viam-se lágrimas a caírem por detrás dos óculos em meia-lua, a escorrerem sobre as longas barbas brancas, e o orgulho e gratidão que a sua expressão revelava provocaram em Harry o mesmo efeito balsâmico da canção da fénix.

Por fim, Harry levantou as mãos, e os retratos ficaram respeitosamente em silêncio, sorrindo e enxugando os olhos, à espera de o ouvirem falar. No entanto, foi a Dumbledore que dirigiu as suas palavras, escolhidas com grande cuidado. Apesar de exausto e com os olhos turvos, tinha de fazer um último esforço, pedir um último conselho.

— Aquilo que estava escondido na *Snitch* — começou Harry — ficou caído no chão da Floresta. Sei exactamente onde está, mas não vou voltar lá para a ir buscar. Concorda?

— Concordo, meu querido amigo — disse Dumbledore, perante a confusão e curiosidade dos outros retratos. — É uma decisão sábia e corajosa, mas também não esperava menos de ti. Há mais alguém que saiba onde caiu?

— Ninguém — respondeu Harry, e Dumbledore assentiu com a cabeça com um ar satisfeito.

— Mas vou ficar com o presente do Ignotus — disse Harry, e Dumbledore sorriu, radiante.

— É claro, Harry, é teu para sempre, até que o dês a alguém.

— E ainda há isto.

Harry ergueu a Varinha de Sabugueiro, e Ron e Hermione olharam para ela com uma reverência que, mesmo confuso e sem dormir, Harry não gostou de ver.

— Não a quero — afirmou.

— O quê — disse Ron muito alto. — Estás doido?

— Eu sei que é poderosa — prosseguiu Harry, cansado. — Mas gostava mais da minha. Por isso...

Procurou na bolsa que tinha ao pescoço e tirou as duas metades da varinha

de azevinho ainda ligadas por uma finíssima pena de fénix. Hermione tinha dito que não podia ser reparada, que os estragos haviam sido demasiado graves, mas Harry sabia apenas que, se aquilo não funcionasse, nada mais funcionaria.

Pousou a varinha quebrada sobre a secretária do Director, tocou-lhe com a ponta da Varinha de Sabugueiro e disse «*Reparo!*».

Nesse momento, a sua varinha tornou a unir-se, soltando faíscas vermelhas da extremidade, e Harry soube que tinha conseguido. Pegou na varinha de azevinho e fénix e sentiu um súbito calor nos dedos, como se a varinha e a mão rejubilhassem com o seu reencontro.

— Vou devolver a Varinha de Sabugueiro ao sítio de onde veio — disse a Dumbledore, que olhava para ele com grande afecto e admiração. — Pode lá ficar. Se eu morrer de morte natural como o Ignotus, o seu poder quebrar-se-á, não é? O seu dono não terá sido derrotado. E assim acaba-se o seu poder.

Dumbledore acenou com a cabeça e sorriram um para o outro.

— Tens a certeza? — insistiu Ron. Havia um ligeiro traço de ansiedade na sua voz ao olhar para a Varinha de Sabugueiro.

— Acho que o Harry tem razão — disse Hermione em voz baixa.

— Essa varinha não vale os danos que causou — rematou Harry. — E, para dizer a verdade —, acrescentou, voltando as costas aos retratos pintados e pensando na cama que tinha à sua espera na Torre dos Gryffindor e na possibilidade de Kreacher lhe levar uma sande —, já tive problemas que chegassem para uma vida inteira.

DEZANOVE ANOS DEPOIS

Naquele ano, o Outono pareceu chegar repentinamente. A manhã do primeiro dia de Setembro estava fresca e dourada como uma maçã e, enquanto a pequena família percorria a rua barulhenta em direcção à grande estação, enegrecida pela fuligem, os escapes dos automóveis e a respiração dos peões condensavam-se no ar frio como teias de aranha. Duas grandes gaiolas chocalhavam sobre as malas empilhadas nos carrinhos que os pais empurravam e as corujas que iam dentro delas piavam de indignação. Uma menina de cabelos ruivos seguia, a chorar, atrás dos irmãos, agarrada com força ao braço do pai.

— Não falta muito para também ires — sossegou-a Harry.

— Dois anos — choramingou Lily. — Quero ir *já*!

Os transeuntes olhavam com curiosidade para as corujas, enquanto a família abria caminho até à barreira que separava as plataformas nove e dez. A voz de Albus chegou aos ouvidos de Harry por sobre o clamor que os rodeava; os seus filhos haviam retomado a discussão que tinham iniciado no carro.

— Não *vou*! Não *vou* para os Slytherin!

— Pára com isso, James! — exclamou Ginny.

— Só disse que ele *podia* ir para lá — defendeu-se James, dirigindo um sorriso sarcástico ao seu irmão mais novo. — Não tem mal nenhum. Ele *pode* ir para os Slyth...

Mas James viu a mãe a olhar para si e calou-se. Os cinco membros da família Potter chegaram à barreira. Olhando por cima do ombro com alguma arrogância para o irmão mais novo, James tirou o carrinho das mãos da mãe e começou a empurrá-lo a correr. Pouco depois já tinha desaparecido.

— Vão escrever-me, não vão? — perguntou imediatamente Albus aos pais, tirando partido da ausência momentânea do irmão.

— Se quiseses, escrevemos-te todos os dias — respondeu Ginny.

— *Todos* os dias não — retorquiu Albus rapidamente. — O James diz que a maior parte das pessoas só recebe cartas de casa mais ou menos uma vez por mês.

— No ano passado escrevemos ao James três vezes por semana — afirmou Ginny.

— Não acredites em tudo o que ele te disser sobre Hogwarts — acrescentou Harry. — O teu irmão é danado para a brincadeira.

Lado a lado, empurraram o segundo carrinho, ganhando velocidade. Quando chegaram à barreira, Albus estremeceu, mas não se registou qualquer choque. Em vez disso, a família surgiu na plataforma nove e três quartos, obscurecida pelo espesso vapor branco que saía do Expresso de Hogwarts. Por entre o fumo moviam-se figuras indistintas, no meio das quais James já tinha desaparecido.

— Onde é que eles estão? — perguntou Albus, ansioso, observando os vultos das pessoas que passavam por eles na plataforma.

— Já vamos encontrá-los — garantiu Ginny, para o tranquilizar.

Mas o vapor era denso, o que tornava difícil distinguir o rosto das pessoas. As vozes soavam num tom estranhamente alto, separadas das pessoas que as emitiam. Harry teve a sensação de ter ouvido Percy a discursar em voz alta sobre os regulamentos das vassouras e ficou contente por ter uma desculpa para não parar a cumprimentá-lo.

— Acho que estão ali, Al — disse Ginny de repente.

Um grupo de quatro pessoas apareceu por entre a neblina, junto à última carruagem. Os seus rostos só se tornaram visíveis quando Harry, Ginny, Albus e Lily se aproximaram.

— Olá — cumprimentou Albus, num tom de grande alívio.

Rose, que já envergava o uniforme de Hogwarts, novinho em folha, sorriu-lhe.

— Estás bem estacionado? — perguntou Ron a Harry — Eu estou. A Hermione não acreditava que eu conseguisse passar num exame de condução para Muggles, pois não? Achava que eu ia ter de Confundir o examinador.

— Não, não é verdade — disse Hermione — Sempre acreditei em ti!

— Por acaso, Confundi-o um pouco — segredou Ron a Harry, enquanto içavam em conjunto a mala e a gaiola de Albus para dentro do comboio. — Só me esqueci de olhar pelo espelho retrovisor, mas a verdade é que posso recorrer a um Feitiço Supersensorial para isso.

De regresso à plataforma, deram com Lily e Hugo, o irmão mais novo de Rose, numa animada discussão sobre qual a equipa em que ficariam quando finalmente fossem para Hogwarts.

— Se não fores para os Gryffindor, deserdo-te — brincou Ron. — Mas não quero pressionar-te.

— *Ron!*

Lily e Hugo deram uma gargalhada, mas uma expressão grave espalhou-se nos rostos de Albus e Rose.

— Ele não está a falar a sério — garantiram Hermione e Ginny, mas Ron já não estava a prestar-lhes atenção. Olhando para Harry, acenou dissimuladamente com a cabeça para um local a cerca de cinquenta metros. O vapor tinha diminuído um pouco, permitindo ver distintamente três pessoas por entre a névoa.

— Olha quem ele é!

Draco Malfoy encontrava-se de pé, junto à mulher e ao filho, com um casaco escuro abotoado até o pescoço. Estava a ficar com o cabelo um pouco ralo, o que fazia salientar o queixo pontiagudo. O filho era tão parecido com Draco como Albus com Harry. Draco viu Harry, Ron, Hermione e Ginny a olharem para ele, fez um ligeiro aceno com a cabeça e tornou a voltar-se de costas.

— Então aquele é o pequeno Scorpius — disse Ron entre dentes. — Tens de ter melhores notas que ele em todos os testes, Rose. Felizmente herdaste a inteligência da tua mãe.

— Por amor de Deus, Ron — protestou Hermione, com um ar meio austero, meio divertido. — Não tentes pô-los uns contra os outros ainda antes de as aulas começarem!

— Tens razão, desculpa. — No entanto, sem conseguir controlar-se, Ron acrescentou: — Mas não te faças *demasiado* amiga dele, Rosie. O avô Weasley nunca te perdoaria se casasses com um puro-sangue.

— Olá!

Era James que tinha reaparecido. Já se tinha desembaraçado da mala, da coruja e do carrinho, e era óbvio que tinha montes de novidades para contar.

— Está ali o Teddy — disse, ofegante, apontando por cima do ombro para as nuvens de vapor cada vez mais espessas. — Acabei de o ver! E sabem o que é que ele estava a fazer? *Aos beijos à Victoire!*

Olhou para os adultos, visivelmente desapontado com a falta de reacção deles.

— O *nosso* Teddy! O *Teddy Lupin!* Aos beijos à *nosssa* Victoire! A *nosssa* prima! Perguntei ao Teddy o que é que estava a fazer...

— Interrompeste-os? — perguntou Ginny. — És tal e qual o Ron...

— ... e ele disse que tinha vindo despedir-se dela! E depois mandou-me ir dar uma volta! Está aos *beijos* com ela — repetiu James, como se receasse que as suas palavras não tivessem sido bem claras.

— Era tão bonito se se casassem — murmurou Lily, extasiada. — Assim, o Teddy passaria a ser *realmente* da família.

— Ele já janta em nossa casa umas quatro vezes por semana — disse Harry. — Por que é que não o convidamos para ir viver connosco e assim arrumamos o assunto de uma vez por todas?

— Boa! — gritou James, entusiasmado. — Não me importo de dividir o quarto com o Al... O Teddy podia ficar no meu quarto!

— Não — disse Harry com firmeza. — Tu e o Al só ficam no mesmo quarto quando eu quiser que a casa venha abaixo.

Olhou para o velho relógio que noutros tempos pertencera a Fabian Prewett.

— Já são quase onze horas. É melhor irem para o comboio.

— Não te esqueças de dar um abraço nosso ao Neville! — disse Ginny a James enquanto se despedia dele.

— Mãe! Não posso dar um abraço a um *professor* !

— Mas tu conheces o Neville...

James revirou os olhos.

— Conheço-o fora da escola. Mas lá é o Professor Longbottom, não é? Não posso entrar na aula de Herbologia e dar-lhe um abraço!

Abanando a cabeça para as patéticas da mãe, demonstrou os seus sentimentos para com Albus, dando-lhe um pontapé.

— Adeus, Al. Cuidado com os Thestrals!

— Pensava que eram invisíveis? *Disseste-me que eram invisíveis!*

Mas James limitou-se a sorrir, deixou que a mãe lhe desse um beijo, deu um abraço rápido ao pai e entrou no comboio que se enchia rapidamente. Viram-no acenar e depois correr pelo corredor à procura dos amigos.

— Não te preocupes com os Thestrals — disse Harry a Albus. — São seres dóceis, não tens de ter medo deles. Além disso, não vais para a escola nas carruagens. Vais nos barcos.

Ginny deu um beijo de despedida a Albus.

— Até ao Natal.

— Adeus, Al — disse Harry, quando o filho o abraçou. — Não te esqueças de que o Hagrid te convidou para lanchar na próxima sexta-feira. Não te metas com o Peeves. Não quero que entres em duelos enquanto não aprenderes como é. E não deixes o James chatear-te.

— E se eu for para os Slytherin?

A pergunta foi feita só ao pai, em surdina, e Harry percebeu que só a aproximação da partida podia ter obrigado Albus a revelar o profundo e sincero terror que essa ideia representava para ele.

Harry baixou-se, para que o rosto de Albus ficasse ligeiramente acima do seu. Era o único dos seus três filhos que tinha herdado os olhos de Lily.

— Albus Severus — disse Harry em voz baixa, para que ninguém pudesse ouvir a não ser Ginny, que teve o cuidado de fingir que estava a diz adeus a Rose, entretanto já dentro do comboio —, tens o nome de dois directores de Hogwarts. Um deles era dos Slytherin e foi provavelmente o homem mais corajoso que alguma vez conheci.

— Mas *imagina que...*

— Se isso acontecer, a equipa dos Slytherin ganhará um aluno excelente, não é? Para nós, é indiferente, Al. Mas, se for importante para ti, vais conseguir escolher os Gryffindor em vez dos Slytherin. O Chapéu Seleccionador tem em conta a escolha dos alunos.

— A sério?

— Comigo foi assim — garantiu-lhe Harry.

Nunca tinha dito aquilo a nenhum dos seus filhos e viu no rosto de Albus o espanto que aquelas palavras provocaram. Mas as portas do comboio vermelho estavam a fechar-se, e os vultos indistintos dos pais chegavam-se à frente para um último beijo, um recado de última hora. Albus saltou para dentro da carruagem, e Ginny fechou a porta. Os alunos debruçavam-se nas

janelas. Muitos rostos, tanto dentro como fora do comboio, pareciam estar voltados para Harry.

— Por que é que estão todos a *olhar*? — perguntou Albus, quando ele e Rose se voltaram para olhar para os outros alunos.

— Não te preocupes com isso — disse Ron. — É por minha causa. Sou famosíssimo.

Albus, Rose, Hugo e Lily deram uma gargalhada. O comboio pôs-se em movimento, e Harry caminhou ao seu lado, olhando para o rosto magro do filho, já corado de excitação. Harry continuou a sorrir e a acenar, apesar da ligeira sensação de perda que o invadiu ao ver o filho afastar-se...

O último vestígio de vapor evaporou-se no ar outonal. O comboio deu uma curva, quando a mão de Harry ainda estava erguida, a dizer adeus.

— Vai correr tudo bem — murmurou Ginny.

Ao olhar para ela, Harry baixou a mão e tocou na cicatriz em forma de raio que tinha na testa.

— Eu sei que vai.

Há dezanove anos que a cicatriz não o incomodava. Estava tudo bem.

Notas de rodapé

1. Trocadilho entre *holy*, «divino», e *holey*, «esburacado», que em inglês se pronunciam de forma idêntica. (NT)
2. «Apoiado, apoiado», em inglês *hear*, *hear*, que George pronuncia sem aspirar o «h», *ear*, ou seja «orelha». (NT)
3. Em alemão no original: Ele já não mora aqui. (NT)
4. Em alemão no original: Isso não sei. (NT)
5. No original «rook», que tanto pode significar «gralha», como uma peça de xadrez, a torre. (NT)
6. Em francês no original: adeus. (NT)
7. Em francês no original: encantadora. (NT)

Títulos disponíveis da série Harry Potter (por ordem de leitura):

Harry Potter e a Pedra Filosofal
Harry Potter e a Câmara dos Segredos
Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban
Harry Potter e o Cálice de Fogo
Harry Potter e a Ordem da Fénix
Harry Potter e o Príncipe Misterioso
Harry Potter e os Talismãs da Morte

Livros da Biblioteca de Hogwarts:

Monstros Fantásticos e Onde Encontrá-los
O Quidditch Através dos Tempos
Os Contos de Beedle o Bardo

Título original: Harry Potter and the Deathly Hallows

Tradução do inglês por Alice Rocha, Manuela Madureira, Maria Georgina Segurado e Maria do Carmo Figueira

Todos os direitos reservados; nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer meio, quer seja eletrónico, mecânico, fotocópia ou outro, sem a autorização prévia da editora

Esta edição digital foi publicada pela primeira vez pela Pottermore Limited em 2015

Publicado pela primeira vez em papel em Portugal em 2007 por Editorial Presença

Copyright © J.K. Rowling 2007

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2007

Imagem da capa: Olly Moss © Pottermore Limited 2015

Harry Potter characters, names and related indicia are trademarks of and © Warner Bros. Ent.

O direito moral do autor foi reivindicado

ISBN 978-1-78110-313-5